AS DUAS TORRES

J.R. R. TOLKIEN

SEGUNDA PARTE DA TRILOGIA
O SENHOR DOS ANÉIS

ÍNDICE

SINOPSE

Esta é a segunda parte de O Senhor dos Anéis. A primeira parte, A Sociedade do Anel, narra como Gandalf, o Cinzento, descobriu que o anel possuído por Frodo, o hobbit, era na realidade o Um Anel, que governava todos os Anéis de Poder. Relata também como Frodo e seus companheiros fugiram do pacífico Condado, sua terra natal, e foram perseguidos pelo terror dos Cavaleiros Negros de Mordor até que finalmente, com a ajuda de Aragorn, o guardião de Eriador, e depois de passarem por perigos terríveis, chegaram à Casa de Elrond em Valfenda.

Ali aconteceu o grande Conselho de Elrond, no qual foi decidido que se deveria tentar destruir o Anel, e Frodo foi designado Portador do Anel.

Então foi escolhida a Comitiva do Anel, que deveria ajudar Frodo em sua missão: chegar, se conseguisse, à Montanha de Fogo de Mordor, a terra do próprio Inimigo, o único lugar onde o Anel poderia ser desfeito. Nessa sociedade estavam Aragorn e Boromir, filho do Senhor de Gondor, representando os homens; Legolas, filho do Rei Élfico da Floresta das Trevas, representando os elfos; Gimli, filho de Glóin, da Montanha Solitária, representando os anões; Frodo, com seu servidor Samwise e seus dois jovens parentes Meriadoc e Peregrin, representando os hobbits, além de Gandalf, o Cinzento.

Os Companheiros viajaram em segredo até um ponto já bastante distante de Valfenda, no norte, quando, frustrados em sua tentativa de atravessar a passagem de Caradhras, no inverno, foram conduzidos por Gandalf através do portão oculto e adentraram as vastas Minas de Moria, procurando um caminho por baixo das montanhas.

Ali Gandalf, em batalha com um terrível espírito do mundo subterrâneo, caiu num abismo escuro. Mas Aragorn, agora revelado como o herdeiro dos antigos Reis do Oeste, passou a liderar a Comitiva partindo do Portão Leste de Moria, através da terra élfica de Lórien e descendo o Grande Rio Anduin, até chegar às Cachoeiras de Rauros. Nesse ponto eles já estavam cientes de que sua jornada estava sendo vigiada por espiões, e que a criatura chamada Gollum, que certa vez possuíra o Anel e ainda o desejava, estava seguindo suas pegadas.

Fez-se então necessário que eles decidissem se deveriam rumar para leste, na direção de Mordor, ou acompanhar Boromir em auxílio de Minas Tirith, principal cidade de Gondor, na qual se instaurava uma guerra, ou ainda se separar. Quando ficou claro que o Portador do Anel estava decidido a prosseguir em sua jornada desesperada à terra do Inimigo, Boromir tentou tomar-lhe o Anel à força. A primeira parte terminou com a queda de Boromir, seduzido pelo Anel, com a fuga e o desaparecimento de Frodo e seu servidor Samwise, e a dispersão dos outros membros da Sociedade por um ataque repentino de soldados-orcs, alguns a serviço do Senhor do Escuro de Mordor, outros a serviço do traidor Saruman de Isengard. A Demanda do Portador do Anel já parecia fadada ao desastre.

Esta segunda parte, As Duas Torres, contará o que sucedeu a cada um dos membros da Sociedade do Anel, depois do rompimento de sua sociedade, até a chegada da grande Escuridão e o início da Guerra do Anel, que será contada na terceira e última parte.

AS DUAS TORRES

SEGUNDA PARTE DE

O Senhor dos Anéis

LIVRO III

CAPÍTULO I
A PARTIDA DE BOROMIR

Aragorn subiu correndo a colina. De quando em quando, curvava-se sobre o chão.

Os hobbits caminham com leveza e as pegadas que deixam não são fáceis de detectar nem mesmo por um guardião, mas não muito longe do topo uma nascente cruzava a trilha, e na terra molhada ele viu o que procurava.

— Interpretei os vestígios corretamente — disse ele para si mesmo. Frodo correu para o topo da colina. Fico imaginando o que terá visto ali. Mas ele voltou pelo mesmo caminho, e desceu a colina outra vez.

Aragorn hesitou. Ele também desejava ir ao alto trono, na esperança de ver algo que pudesse guiá-lo em suas perplexidades, mas o tempo estava passando. De repente, deu um pulo para frente e correu ao topo, atravessando as grandes lajes e subindo os degraus. Então, sentando-se no trono, olhou em volta. Mas o sol parecia escurecido e o mundo apagado e remoto. Percorreu com os olhos toda a região, virando-se do norte de volta para o norte, mas não viu nada exceto as colinas ao longe, a não ser que aquilo que vislumbrava na distância fosse um grande pássaro, semelhante a uma águia voando alto no céu, descendo devagar em amplos círculos em direção à terra.

No momento em que olhava, seus ouvidos atentos distinguiram sons vindos da floresta abaixo, no lado oeste do Rio. Retesou-se. Eram gritos, e em meio a eles, para seu terror, Aragorn pôde perceber vozes rudes de orcs. Então, de repente, num chamado grave, uma poderosa corneta soou, e seus clangores golpearam as colinas e ecoaram nas concavidades, erguendo-se num grito poderoso acima do rugido da cachoeira.

— A corneta de Boromir! — gritou ele. — Ele está em apuros! — Saltou os degraus e desceu a trilha aos pulos. — Que lástima! Uma má sorte paira sobre mim hoje, e tudo o que faço dá errado. Onde está Sam?

Conforme corria, os gritos iam ficando mais nítidos, mas a corneta soava mais fraca e desesperada. Ferozes e agudos cresciam os urros dos orcs, até que de repente a voz da trombeta calou. Aragorn precipitou-se pela última encosta, mas antes que conseguisse atingir o pé da colina os outros sons também foram diminuindo; e no momento em que ele virou à esquerda e correu na direção deles, os gritos sumiram, até que finalmente não podiam mais ser ouvidos. Puxando sua espada reluzente e gritando Elendil! Elendil!

Aragorn irrompeu através das árvores.

A uma milha, talvez, do Parth Galen, numa pequena clareira não muito distante do lago, encontrou Boromir. Estava sentado e recostado numa grande árvore, como se descansasse. Mas Aragorn viu que ele estava perfurado por muitas flechas com plumas negras; ainda se via a espada em sua mão, mas estava quebrada perto do punho.

A corneta, partida em duas, descansava ao seu lado. Viu muitos orcs abatidos, empilhados em toda a volta e aos pés de Boromir.

Aragorn ajoelhou-se ao lado dele. Boromir, abrindo os olhos, esforçava-se para falar. Finalmente, lentas palavras afloraram. — Tentei tirar o Anel de Frodo — disse ele. — Sinto muito. Paguei por isso. — Seu olhar desviou para os inimigos caídos; pelo menos vinte. — Eles se foram; os Pequenos; os orcs os levaram. Acho que não estão mortos. — Fez uma pausa na qual seus olhos se fecharam de cansaço.

Depois de um momento, falou outra vez.

— Adeus, Aragorn! Vá para Minas Tirith e salve meu povo! Eu falhei.

— Não! — disse Aragorn, pegando-lhe a mão e beijando sua fronte. Você venceu. Poucos conseguiram tal vitória. Fique em paz! Minas Tirith não sucumbirá!

Boromir sorriu,

— Para que lado foram? Frodo estava com eles? — perguntou Aragorn. Mas Boromir não falou mais nada.

— Que pena! — disse Aragorn. — Assim parte o herdeiro de Denethor, Senhor da Torre da Guarda! É um fim amargo. Agora a Comitiva está completamente desfeita. Fui eu quem falhou. A confiança que Gandalf depositou em mim foi em vão. Que farei agora? Boromir me incumbiu de ir a Minas Tirith, e meu coração deseja a mesma coisa; mas onde estão o Anel e o Portador? Como poderei salvá-los e salvar a Demanda do desastre?

Ficou ajoelhado por um tempo, curvado e chorando, ainda agarrado à mão de Boromir. Foi assim que Legolas e Gimli o encontraram. Vieram da encosta oeste da colina, em silêncio, rastejando por entre as árvores, como se estivessem caçando.

Gimli trazia na mão o machado, e Legolas empunhava sua longa faca: tinha usado todas as flechas. Quando atingiram a clareira, pararam confusos; depois ficaram um tempo cabisbaixos e tristes, pois para eles ficara claro o que tinha acontecido.

— É lamentável! — disse Legolas, aproximando-se de Aragorn. — Caçamos e matamos muitos orcs na floresta, mas teríamos sido de mais utilidade aqui. Viemos quando escutamos a corneta. Tarde demais, ao que parece. Receio que tenha sofrido um ferimento mortal.

— Boromir está morto! — disse Aragorn. — Eu estou ileso, pois não estava aqui com ele. Ele pereceu defendendo os hobbits, enquanto eu estava longe, na colina.

— Os hobbits — gritou Gimli. — Onde estão eles então? Onde está Frodo?

— Não sei — respondeu Aragorn, fatigado. — Antes de morrer, Boromir me disse que os orcs os aprisionaram, embora não achasse que eles estivessem mortos. Pedi a ele que seguisse Merry e Pippin, mas não perguntei se Frodo ou Sam estavam com eles: não até que fosse tarde demais. Tudo o que fiz hoje deu errado. Que se deve fazer agora?

— Primeiro temos de cuidar do morto — disse Legolas. — Não podemos deixá—lo aqui estendido como um cadáver qualquer em meio a esses orcs nojentos.

— Mas precisamos ser rápidos — disse Gimli. — Ele não desejaria que demorássemos.

Devemos seguir os orcs, se ainda temos alguma esperança de que algum membro de nossa Comitiva seja um prisioneiro vivo.

— Mas não sabemos se o Portador do Anel está com eles ou não — disse Aragorn. — Vamos abandoná-lo? Devemos procurá-lo primeiro? Uma terrível escolha se coloca diante de nós!

— Então vamos fazer primeiro o que devemos fazer — disse Legolas. Não temos tempo nem ferramentas para enterrar nosso companheiro com todas as honras, ou para erguer-lhe um monumento protetor. Podemos deixar um marco mortuário.

— O trabalho será difícil e longo: por aqui não há pedras para construir um marco. O lugar mais próximo onde podemos encontrá-las é a margem do Rio.

— Então vamos deitá-lo num barco com suas armas, e com as armas de seus inimigos derrotados — disse Aragorn. — Vamos enviá-lo à Cachoeira de Rauros e oferecê-lo ao Anduin. O Rio de Gondor cuidará para que pelo menos nenhuma criatura maligna desonre seus ossos.

Rapidamente revistaram os cadáveres dos orcs, recolhendo as espadas e elmos partidos e escudos numa pilha.

— Vejam! — gritou Aragorn. — Aqui encontramos sinais! — Apanhou da pilha de armas repugnantes duas facas com lâminas em forma de folha, trabalhadas em ouro e vermelho; procurando um pouco mais, encontrou as bainhas, negras e ornadas com pequenas pedras vermelhas. — Estas não são ferramentas de orcs! — disse ele. —

Estavam sendo carregadas pelos hobbits. Sem dúvida, os orcs os despojaram, mas temeram guardar as facas, reconhecendo o que eram: trabalho do Ponente, cheio de encantos para a destruição de Mordor. Bem, agora, se ainda estão vivos, nossos amigos estão desarmados. Vou levar essas coisas, na esperança de poder devolvê-las a eles, embora essa esperança seja ínfima.

— E eu — disse Legolas — vou levar as flechas que puder encontrar, pois minha aljava está vazia. — Procurou na pilha e no chão em volta, encontrando um bom número de flechas que estavam intactas e eram mais longas na haste do que as que os orcs costumavam usar. Examinou-as atentamente.

E Aragorn olhou para os mortos, e disse: — Aqui estão muitos que não são do povo de Mordor. Alguns são do Norte, das Montanhas Sombrias, se é que sei alguma coisa sobre os orcs e suas espécies. Esses equipamentos não são nem um pouco parecidos com os dos orcs.

Havia quatro soldados-orcs de estatura maior, de pele escura, olhos oblíquos, com pernas grossas e mãos grandes. Estavam armados com espadas de lâminas curtas e largas, e não com as cimitarras arqueadas habituais dos orcs; e tinham arcos de teixo, do comprimento e da forma dos arcos dos homens. Nos escudos carregavam uma estranha insígnia. Uma pequena mão branca no centro de um campo negro; na parte frontal de seus elmos de ferro via-se uma runa correspondente à letra S, moldada em algum tipo de metal branco.

— Nunca vi estes símbolos antes — disse Aragorn. — O que significam?

— S é de Sauron — disse Gimli. — isso é fácil de ler.

— Nada disso — disse Legolas. — Sauron não usa runas élficas.

— Nem usa seu nome certo, nem permite que seja soletrado ou pronunciado — disse Aragorn. — E ele não usa a cor branca. Os orcs a serviço de Barad-dûr usam o símbolo do Olho Vermelho. — Parou por um tempo, pensando.

— Esse S é de Saruman, eu acho — disse ele finalmente. — O mal está à solta em Isengard, e o Oeste já não é seguro. É como Gandalf temia: de algum modo o traidor Saruman teve notícias de nossa jornada. É provável também que saiba da queda de Gandalf. Perseguidores de Moria podem ter escapado da vigilância de Lórien, ou talvez tenham evitado aquela terra, vindo para Isengard por outros caminhos. Os orcs viajam rápido. Mas Saruman tem muitos meios de conseguir notícias. Lembram-se dos pássaros?

— Bem, não temos tempo para resolver enigmas — disse Gimli. Vamos levar Boromir embora.

— Mas antes disso temos de decifrar os enigmas, para escolhermos o caminho certo — respondeu Aragorn.

— Talvez não exista uma escolha certa — disse Gimli.

Pegando seu machado, o anão começou a cortar vários galhos, que foram amarrados com cordas de arcos. Depois disso, eles estenderam suas capas sobre a estrutura.

Sobre esse rude esquife carregaram o corpo do companheiro para a praia, juntamente com os troféus de sua última batalha que foram escolhidos para acompanhá-lo.

O percurso era curto; mesmo assim não foi uma tarefa fácil, pois Boromir era alto, além de robusto. Na beira da água, Aragorn ficou vigiando o esquife, enquanto Legolas e Gimli correram de volta para o Parth Galen. A distância era de uma milha ou mais, e demorou um pouco até que voltassem, conduzindo dois barcos rapidamente ao longo da margem.

— Tenho um caso estranho para contar! — disse Legolas. — Só há dois barcos sobre o barranco da margem. Não encontramos nem sinal do outro.

— Os orcs passaram por lá? — perguntou Aragorn.

— Não vimos sinais deles — respondeu Gimli. — E os orcs teriam levado ou destruído todos os barcos, como também a bagagem.

— Vou examinar o solo quando chegarmos lá — disse Aragorn.

Colocaram então Boromir no meio do barco que deveria levá-lo embora.

Dobraram o capuz e o manto élfico, colocando-os sob sua cabeça. Pentearam seus longos cabelos escuros, arrumando-os sobre os ombros. O cinto dourado de Lórien reluzia em sua cintura. O elmo foi colocado ao lado do corpo, e atravessados sobre seu colo colocaram a corneta partida e o punho com os fragmentos da lâmina da espada; sob os pés colocaram as espadas dos inimigos. Então, fixando a proa à popa do outro barco, arrastaram-no até a água. Remaram tristemente ao longo da margem, e mudando o curso para atingir o canal veloz, passaram pelo gramado verde do Parth Galen. As encostas escarpadas do Tol Brandir reluziam: já estavam no meio da tarde. Conforme se dirigiam para o Sul, a fumaça de Rauros se erguia e tremeluzia diante deles, uma névoa de ouro. O estrondo e a velocidade da cachoeira agitavam o ar parado.

Cheios de tristeza, soltaram o barco fúnebre: ali jazia Boromir, descansado, em paz, deslizando sobre o coração da água. A correnteza o levou, enquanto os outros seguravam o próprio barco com os remos. Boromir flutuou passando por eles, e lentamente seu barco afastou-se, reduzindo-se a um ponto escuro contra a luz dourada; depois, de repente, desapareceu. Rauros continuava rugindo, sem qualquer alteração. O Rio tinha levado Boromir, filho de Denethor, que agora não seria mais visto em Minas Tirith, altaneiro, como costumava ficar sobre a Torre Branca de manhã. Mas em Gondor, tempos depois, falou-se muito que o barco élfico passou pela cachoeira e pelo lago espumante, levando-o através de Osgiliath, passando pelas várias desembocaduras do Anduin, e entrando no Grande Mar à noite, sob as estrelas.

Por um tempo, os três companheiros permaneceram em silêncio , observando o rio que levara Boromir. Então Aragorn falou.

— Da Torre Branca vão procurá-lo, mas ele não mais retornará das montanhas ou do mar. Depois, lentamente, começou a cantar:

Por Rohan sobre charco e campo onde alta cresce a grama
O Vento Oeste vai voando e em torno aos muros clama.
Que novas tu, ó Vento, vais à noite revelar?
Viste Boromir, o Alto, andando no luar?
Por amplas águas sete rios escuros o vi descer;
Por terras ermas foi-se embora até desaparecer
Nas sombras que cobrem o norte. Não mais vi ao redor.

O Vento Norte viu talvez o Filho de Denethor
Ó Boromir! Dos altos muros o oeste eu entrevi,
Mas da região de homens deserta voltar eu não te vi.
Então Legolas cantou:
Da boca do Mar das pedras e dunas o Vento Sul vôa;
Traz das gaivotas o lamento, e ao portão geme à toa.
Que novas do sul, ó lamuriento, esta noite tu me dás?
Onde está o Belo Boromir? Demora e eu não tenho paz.
Onde ele mora não perguntes. Lá tantos ossos vão
Em praias brancas ou escuras sob tormentoso chão.
Desceram tantos o Anduin fluindo para o Mar.
O Vento Norte detém novas de quem aqui vai passar

Ó Boromir! Além das portas ao sul a estrada investe,
Mas tu do Mar com as gaivotas chorosas não vieste.
Depois Aragorn de novo cantou:
Dos portões reais o Vento Norte vem e as cataratas sobrevoa;
E claro e frio em torno à torre sua trompa alto ecoa.
Que novas do norte, ó vento forte, me trazes nesta hora?
Que é de Boromir, o Ousado? Há tempos foi embora.
No Amon Hen ouvi seu grito. Com muitos s e bateu.
O seu broquel e sua espada o rio os recebeu.
Afronte alta, o rosto belo, o corpo ao rio doaram;
E Rauros, de ouro Cataratas, ao peito o carregaram.
A Torre da Guarda, ó Boromir. Ao norte observará
As Cataratas de ouro, Rauros, até que o tempo findará.

Assim terminaram. Então viraram o barco e conduziram-no na maior velocidade possível contra a correnteza, de volta para o Parth Galen.

— Você deixou o Vento Leste para mim — disse Gimli. — Mas não vou dizer nada sobre isso.

— É o que devia ser feito — disse Aragorn. — Em Minas Tirith, eles suportam o Vento Leste, mas não lhe pedem notícias. Mas agora Boromir tomou sua estrada, e nós devemos nos apressar e escolher a nossa.

Examinou o gramado verde, rapidamente mas de forma completa, muitas vezes se abaixando ao solo. — Nenhum orc passou por este terreno — disse ele. — Se não for assim, não se pode ter certeza de nada. Todas as nossas pegadas estão aqui, cruzando e recruzando o terreno. Não posso dizer se qualquer um dos hobbits voltou aqui desde que começamos a procurar Frodo. — Voltou para a margem, perto do ponto onde a nascente escorria para dentro do Rio. — Há algumas pegadas bem visíveis aqui — disse ele.

— Um hobbit caminhou para dentro da água, voltou, e depois entrou na água de novo, mas não consigo dizer há quanto tempo.

— Então como você decifra este enigma?

Aragorn não respondeu imediatamente, mas voltou para o acampamento e olhou a bagagem. — Estão faltando duas mochilas — disse ele. — E uma com certeza é de Sam: era bem grande e pesada. Esta então é a resposta: Frodo foi de barco, e seu servidor foi com ele. Frodo deve ter retornado quando todos estávamos longe daqui. Encontrei Sam subindo a colina e disse-lhe que me seguisse; mas está claro que ele não fez isso. Adivinhou os pensamentos de seu patrão e voltou aqui antes que Frodo tivesse partido. Não seria fácil para ele abandonar Sam.

— Mas por que nos abandonaria, e sem dizer nada? — disse Gimli. Que atitude estranha!

— E corajosa! — disse Aragorn. — Sam estava certo, eu acho. Frodo não desejava conduzir qualquer amigo para a morte em Mordor. Mas sabia que ele próprio deveria ir. Alguma coisa aconteceu depois que ele nos deixou, e isso o fez superar seus receios e dúvidas.

— Talvez um ataque de orcs caçadores o tenha feito fugir — disse Legolas.

— Certamente ele fugiu — disse Aragorn. — Mas não acho que tenha fugido dos orcs. — O que considerava ser a causa da súbita resolução e da fuga de Frodo Aragorn não disse.

Guardou em segredo por muito tempo as últimas palavras de Boromir.

— Bem, isso pelo menos está claro agora — disse Legolas. — Frodo não está mais deste lado do Rio: só pode ter sido ele quem levou o barco. E Sam está com ele; só ele teria levado a própria mochila.

— Deixem-me pensar! — disse Aragorn. — E, agora, tomara que eu possa fazer a escolha certa e mudar o destino trágico deste dia infeliz! — Ficou em silêncio por um momento. — Vou seguir os orcs — disse ele finalmente. — E eu teria guiado Frodo a Mordor, acompanhando-o até o fim; mas se o procurar agora nestes lugares desertos vou abandonar os prisioneiros ao tormento e à morte. Meu coração fala claramente: o destino do Portador não está mais em minhas mãos. A Comitiva desempenhou seu papel. Mas nós, que permanecemos, não podemos abandonar n ossos companheiros enquanto tivermos forças. Venham! Partiremos agora! Deixem para trás tudo o que for possível! Vamos prosseguir de dia e de noite.

Arrastaram o último barco e carregaram-no para as árvores. Colocaram debaixo dele as coisas de que não iriam precisar e que não podiam levar.

Depois deixaram o Parth Galen. A tarde ia se apagando quando retornaram à clareira onde Boromir tinha sucumbido. Ali pegaram a trilha dos orcs. Não foi preciso muita habilidade para encontrá-la.

— Nenhum outro povo pisa tão pesadamente — disse Legolas. — Parece que o prazer deles é ferir e derrubar tudo o que estiver crescendo, mesmo que não esteja em seu caminho.

— Mas eles avançam com grande velocidade apesar disso — disse Aragorn. — E não se cansam. E mais tarde talvez tenhamos de procurar nosso caminho em terras duras e desertas.

— Bem, atrás deles! — disse Gimli. — Os anões também conseguem andar depressa, e não se cansam antes que os orcs. Mas será uma longa caçada: eles estão em grande vantagem.

— Sim — disse Aragorn. — Todos nós precisaremos da resistência dos anões! Mas venham! Com ou sem esperança, seguiremos a trilha de nossos inimigos. E ai deles se acabarmos sendo mais rápidos! Faremos uma caçada que será considerada um prodígio nos Três Reinos: dos elfos, anões e homens. Lá vão os Três Caçadores!

Como uma corça ele saltou à frente. Através das árvores, correu. Sempre adiante conduziu os outros, incansável e veloz, agora que finalmente tinha decidido o que fazer.

A floresta em volta do lago ficou para trás. Escalaram longas encostas, escuras, de arestas duras contra o céu que já se avermelhava com o pôr-do-sol. Chegou o crepúsculo.

Passaram, sombras cinzentas numa região rochosa.

CAPÍTULO II
OS CAVALEIROS DE ROHAN

A escuridão se adensou. Por entre as árvores que estavam atrás e abaixo deles via-se uma névoa, que também se formava nas margens pálidas do Anduin, embora o céu estivesse limpo. As estrelas apareceram. A lua crescente movia-se no oeste, e as sombras das rochas eram negras. Tinham atingido os pés de colinas rochosas e diminuído o passo, pois seguir a trilha era mais difícil. Naquela região, as montanhas Emyn Muil corriam de norte a sul em duas longas cordilheiras cheias de picos. O lado oeste de cada cordilheira era íngreme e difícil, mas as encostas ao leste eram mais suaves, sulcadas por muitas valas e pequenos desfiladeiros. Por toda a noite, os três companheiros avançaram aos

tropeços naquele terreno irregular, subindo à crista da primeira cordilheira, que era a mais alta, e descendo outra vez para dentro da escuridão de um vale profundo e sinuoso, do outro lado.

Ali, na hora quieta e fria que antecede a aurora, descansaram por um breve período. A lua já tinha descido havia muito tempo diante deles, as estrelas reluziam no alto; a primeira luz do dia ainda não tinha atingido as colinas escuras que ficavam atrás.

No momento, Aragorn estava perdido: a trilha dos orcs tinha descido para dentro do vale, mas depois desaparecera.

— Para que lado você acha que os orcs ir iam? — perguntou Legolas. Para o norte, pegando uma estrada mais direta até Isengard ou Fangorn, se esse é o objetivo deles, como você supõe? Ou será que iriam rumo ao sul, para atingir o Entágua?

— Eles não irão na direção do rio, qualquer que seja o alvo que almejem — disse Aragorn. — E a não ser que tenha acontecido muita coisa em Rohan e o poder de Saruman tenha aumentado bastante eles vão tomar o caminho mais curto que puderem encontrar através dos campos dos rohirrim. Vamos continuar a busca rumo ao norte!

O vale corria como um rio de pedra entre as duas cordilheiras, e um fio de água fluía em meio aos seixos em seu leito. Um penhasco se encrespava à direita deles; à esquerda se erguiam encostas cinzentas, apagadas e sombrias na noite alta. Continuaram por uma milha ou mais em direção ao norte. Curvado em direção ao chão, Aragorn procurava sinais por entre as dobras e valas que conduziam à cordilheira oeste. Legolas ia um pouco à frente. De repente, o elfo deu um grito e os outros correram até ele.

— Já alcançamos alguns daqueles que estamos caçando — disse ele. Olhem! — Ele apontou e os outros viram que o que a princípio julgaram ser rochas ao pé da encosta eram corpos amontoados. Cinco orcs mortos estavam ali. Tinham sido feridos com muitos golpes cruéis e dois tiveram a cabeça decepada. A terra estava molhada pelo seu sangue escuro.

— Aqui está outro enigma! — disse Gimli. — Mas ele necessita da luz do dia, e por ela não podemos esperar.

— Apesar disso, qualquer que seja o modo de decifrá-lo, parece que traz alguma esperança — disse Legolas. — Provavelmente, os inimigos dos orcs são nossos amigos. Existe algum povo morando nestas colinas?

— Não — disse Aragorn. — Os rohirrim raramente vêm aqui, e estamos longe de Minas Tirith. Pode ser que algum grupo de homens estivesse caçando aqui por motivos que desconhecemos. Mas acho que não é isso.

— E o que você acha? — perguntou Gimli.

— Acho que o inimigo trouxe consigo seu próprio inimigo — respondeu Aragorn. — Estes são orcs do norte, de muito longe. Entre os mortos, não vemos nenhum daqueles orcs grandes com insígnias estranhas. Houve uma discussão, eu suponho: não é uma coisa muito incomum no meio desse povo maligno. Talvez tenha havido alguma disputa pela estrada.

— Ou pelos prisioneiros — disse Gimli. — Vamos esperar que os hobbits também não tenham encontrado aqui o seu fim.

Aragorn revistou o solo num raio amplo, mas não havia outros vestígios da luta.

Continuaram. O céu ao leste já ficava esmaecido; as estrelas estavam sumindo, e uma luz cinzenta crescia lentamente. Um pouco mais adiante, encontraram uma dobra no solo onde um pequeno córrego, caindo sinuoso, tinha cortado uma trilha rochosa que descia até o vale. Nela cresciam alguns arbustos, e viam-se tufos de grama nos lados.

— Até que enfim! — disse Aragorn. — Aqui estão as pegadas que procuramos! Vamos subir este canal de água: este é o caminho pelo qual foram os orcs depois de sua discussão.

Agora os perseguidores voltaram-se rapidamente e seguiram a nova trilha.

Dispostos como se tivessem tido uma noite de sono, foram saltando de pedra em pedra. Finalmente atingiram a crista da colina cinzenta, e uma brisa repentina soprou-lhes nos cabelos e agitou-lhes os mantos: o vento frio da aurora.

Voltando-se para trás, viram do outro lado do Rio as colinas distantes se acenderem. De um salto o dia entrou no céu. A borda vermelha do sol se ergueu por sobre as colinas da terra escura. Adiante, no oeste, o mundo continuava quieto, disforme e cinzento; mas, ainda enquanto olhavam, as sombras da noite se desvaneceram, as cores voltaram à terra que despertava: o verde fluiu sobre os amplos prados de Rohan; a névoa branca tremeluzia nos cursos de água, e bem adiante e à esquerda, a trinta léguas ou um pouco mais, num tom azul e púrpura, erguiam-se as Montanhas Brancas, subindo até picos de azeviche, cobertos por uma neve reluzente, ruborizados pelo róseo matutino.

— Gondor! Gondor! — gritou Aragorn. — Quisera olhar sobre esta terra num momento mais feliz! Minha estrada ainda não se dirige para o sul e para seus córregos claros.

Gondor! Gondor de um lado os Montes, do outro o Mar!
Soprava o Vento Oeste lá, e a luz chovia devagar
Sobre a Árvore de Prata e os jardins dos Reis de Outrora.
Ó muros altos! Torres brancas! Corôa alada e trono de ouro!
Ó Gondor Gondor! Irão os homens a Árvore contemplar
Ou o Vento Oeste irá soprar nos Montes e no Mar?

— Agora vamos! — disse ele, tirando seus olhos do sul e olhando ao leste e ao norte, para o caminho que deveria trilhar.

A cordilheira na qual os companheiros estavam descia abruptamente sob seus pés.

Cerca de quarenta metros abaixo, havia uma saliência ampla e desigual que terminava de repente na borda de um penhasco escarpado: a Muralha Leste de Rohan.

Assim terminavam as Emyn Muil, e as verdes planícies dos rohirrim se estendiam diante deles até onde a vista alcançava.

— Olhem! — gritou Legolas, apontando para o céu claro. — Ali vem a águia outra vez!

Está voando bem alto. Agora parece estar indo embora desta terra, de volta para o norte.

Está indo a uma enorme velocidade. Olhem!

— Não, nem mesmo meus olhos conseguem vê-la, meu bom Legolas disse Aragorn.

— Deve estar realmente distante. Fico imaginando qual será sua missão, se for o mesmo pássaro que já vi antes. Mas olhem! Estou vendo algo mais próximo de nós, e mais urgente; há algo se movendo na planície!

— Muitas coisas — disse Legolas. — É um grande grupo a pé; mas não posso dizer mais, nem enxergar que tipo de povo pode ser. Estão a muitas léguas de distância. Doze, eu suponho; mas na planície é difícil calcular.

— Eu acho, entretanto, que não precisamos mais de qualquer trilha que nos diga que caminho seguir — disse Gimli. — Vamos encontrar um caminho que desça até os campos o mais rápido possível.

— Duvido que encontre um caminho mais rápido do que aquele que os orcs escolheram — disse Aragorn.

Seguiam agora os inimigos em plena luz do dia. Parecia que os orcs tinham apertado o passo e estavam na maior velocidade possível. De quando em quando, os

perseguidores encontravam coisas que tinham sido derrubadas ou jogadas fora: sacos de comida, crostas e cascas de pães duros e cinzentos, uma capa preta rasgada, um sapato pesado com pregos de ferro que se arrebentara nas pedras. A trilha os conduzia para o norte ao longo do topo do penhasco, e finalmente eles chegaram a uma fenda profunda formada na rocha por uma nascente que descia espirrando com muito barulho. Na garganta estreita uma passagem acidentada descia até a planície como uma escada íngreme.

Na base atingiram, de modo estranho e repentino, o gramado de Rohan.

Crescia como um mar verde subindo até o pé das Emyn Muil. A nascente que caía desapareceu numa vegetação espessa de agriões e plantas aquáticas, e eles podiam ouvi-la correndo dentro de túneis verdes, descendo encostas suaves e longas na direção dos pântanos do Vale do Entágua muito além. Parecia que tinham deixado o inverno envolvendo as colinas que ficaram para trás. Ali o ar estava mais calmo e quente, com um aroma leve, como se a primavera já se agitasse e a seiva corresse outra vez nas ervas e folhas. Legolas respirou fundo, como alguém que sorve um grande gole depois de um longo período de sede em terras desertas.

— Ali! O cheiro do verde! — disse ele. — É melhor que muito sono. Vamos correr!

— Os pés leves podem correr mais rápido aqui — disse Aragorn. — Mais rápido, talvez, do que os orcs com seus calçados de ferro. Agora temos uma oportunidade de diminuir a vantagem deles!

Foram em fila indiana, correndo como cães que perseguem um cheiro forte, e com uma luz ansiosa nos olhos. Seguindo quase para o oeste, a trilha de destruição dos orcs deixara seu rastro horrível; a grama suave de Rohan fora amassada e enegrecida com sua passagem. Nesse momento, Aragorn deu um grito e desviou-se.

— Parem! — gritou ele. — Não me sigam ainda! — Correu para a direita, para um ponto fora da trilha principal, pois tinha visto pegadas que iam por ali, separando-se das outras: marcas de pés pequenos e descalços. Estas, entretanto, não iam muito longe até serem atravessadas por pegadas de orcs, também saindo da trilha principal tanto atrás quanto na frente, e então elas faziam uma curva fechada voltando, e se perdiam no meio das outras pegadas. No ponto mais distante, Aragorn se abaixou e apanhou algo da grama; então voltou correndo.

— Sim — disse ele. — Estão muito nítidas: pegadas de um hobbit. Acho que são de Pippin. Ele é menor que o outro. E olhem isto! — Aragorn ergueu um objeto que brilhou à luz do sol. Parecia uma folha de faia recém-aberta, bela e estranha naquela planície sem árvores.— o broche de um manto élfico! — gritaram Legolas e Gimli juntos.

— As folhas de Lórien não caem à toa — disse Aragorn. — Isto não caiu por acaso: foi jogado como um sinal para qualquer um que pudesse vir atrás. Acho que Pippin fugiu da trilha com esse propósito.

— Então pelo menos ele estava vivo — disse Gimli. — E pôde usar de sua esperteza, e de suas pernas também. Isso nos anima. Não estamos perseguindo os orcs em vão.

— Vamos esperar que ele não tenha pagado c aro demais por sua ousadia — disse Legolas. — Venham! Vamos continuar! Pensar naquelas pessoas alegres e jovens sendo levadas como gado me deixa furioso.

O sol subiu até o meio-dia, e depois foi descendo o céu devagar. Leves nuvens subiram do mar no sul distante, e foram levadas pela brisa. O sol afundou. Sombras cresceram atrás e estenderam seus longos braços saindo do leste. Os caçadores ainda continuavam. Já fazia um dia que Boromir caíra, e os orcs ainda estavam muito à frente.

Não se via mais qualquer sinal deles nas planícies.

Quando a sombra da noite se fechava em volta deles, Aragorn parou. Apenas duas vezes na marcha daquele dia os três companheiros tinham descansado por um curto período, e doze léguas se estendiam agora entre o ponto onde estavam e a Muralha leste onde tinham parado ao amanhecer.

— Finalmente chegamos ao momento de fazer uma escolha difícil disse ele.

— Devemos descansar durante a noite, ou prosseguir até esgotar nossa força e nossa disposição?

— A não ser que nossos inimigos também descansem, vão nos deixar muito para trás, se pararmos para dormir — disse Legolas.

— Até os orcs fazem pausas durante a marcha, não é? — disse Gimli.

— Eles raramente viajam por lugares abertos sob a luz do sol, mas esses fizeram isso — disse Legolas. — Com certeza não vão descansar à noite.

— Mas se caminharmos durante a noite não poderemos seguir sua trilha — disse Gimli.

— A trilha é estreita, e não vira nem para a direita nem para a esquerda, até onde minha vista alcança — disse Legolas.

— Talvez eu pudesse guiá-los na escuridão adivinhando o caminho, sem perder a trilha — disse Aragorn. — Mas se nos perdêssemos, ou se eles mudassem de rumo, quando a luz chegasse poderíamos demorar muito até encontrar a trilha outra vez.

— E além disso — disse Gimli — só durante o dia podemos enxergar se alguma pegada se separa da trilha principal. Se um prisioneiro conseguisse escapar, ou se fosse carregado para o leste, vamos dizer para o Grande Rio, na direção de Morder, poderíamos passar pelos sinais e nunca saber disso.

— Isso é verdade — disse Aragorn. — Mas se interpretei os sinais corretamente lá atrás os orcs da Mão Branca prevaleceram, e todo o grupo está indo na direção de Isengard. O caminho que fazem agora confirma o que digo.

— Apesar disso, seria precipitado ter certeza dos planos deles — disse Gimli. — E que dizer sobre as fugas? No escuro, teríamos deixado passar os sinais que conduziram você ao broche.

— Os orcs redobrarão a vigilância depois disso, e os prisioneiros estarão duas vezes mais cansados — disse Legolas. — Não haverá fuga outra vez, a não ser que a planejemos. Não sabemos como isso poderá acontecer, mas primeiro precisamos alcançá-los.

— Mesmo assim, nem eu, anão de muitas jornadas, que não sou o menos resistente de meu povo, conseguiria correr todo o caminho até Isengard sem uma parada — disse Gimli. — Meu coração também me queima, e eu teria partido mais cedo, mas agora preciso descansar um pouco para correr melhor. E se é para descansarmos a noite cega é a hora de fazê-lo.— Eu disse que a escolha era difícil — disse Aragorn. — Como terminamos esta discussão?

— Você é o guia — disse Gimli —, e tem habilidades na caçada. Você deve escolher.

— Meu coração me pede para prosseguir — disse Legolas. — Mas devemos permanecer juntos. Seguirei seu conselho.

— Vocês entregam a escolha a alguém que escolhe mal — disse Aragorn. — Desde que passamos pelos Argonath, minhas escolhas deram errado. — Ficou em silêncio, olhando durante um longo tempo para o norte e para o oeste, dentro da noite que se formava.

— Não vamos caminhar no escuro — disse ele finalmente. — O perigo de perdermos a trilha ou os sinais de outras idas e vindas parece ser maior. Se a lua nos

desse luz suficiente, poderíamos usá-la, mas infelizmente ela se deita cedo, e ainda está nova e pálida.

— E esta noite a lua estará coberta, de qualquer forma — murmurou Gimli.

— Seria bom que a Senhora nos tivesse dado uma luz, semelhante ao presente que deu a Frodo!

— A luz será mais necessária para aquele a quem foi concedida — disse Aragorn. — Com ele está a Demanda verdadeira. O nosso é um problema pequeno entre os grandes feitos desta época. Talvez desde o princípio uma busca em vão, que nenhuma escolha minha possa estragar ou consertar. Bem, já fiz a escolha. Vamos usar o tempo da melhor maneira possível!

Jogou-se no chão e adormeceu imediatamente, pois não tinha dormido desde a noite que passaram sob a sombra do Tol Brandir. Antes que a aurora estivesse no céu, ele acordou e se levantou. Gimli ainda estava num sono profundo, mas Legolas estava de pé, olhando para o norte, dentro da escuridão, pensativo e quieto como uma árvore jovem numa noite sem vento.

— Eles estão muito, muito longe — disse ele com tristeza, voltando-se para Aragorn.

— Sei em meu coração que não descansaram esta noite. Só uma águia poderia alcançá-los agora.

— Mesmo assim, ainda vamos segui-los como pudermos — disse Aragorn.

Abaixando-se, acordou o anão. — Venha! Precisamos ir — disse ele.

— O rastro está esfriando.

— Mas ainda está escuro — disse Gimli. — Nem Legolas no topo de uma colina poderia vê-los antes de o sol nascer.

— Receio que tenham saído de meu campo de visão, seja do topo de uma colina ou de uma planície, sob o sol ou sob a lua — disse Legolas.

— Onde a vista falha, a terra pode trazer alguma informação — disse Aragorn. — O solo deve gemer sob os pés odiosos dos orcs. — Deitou-se sobre o solo, colocando a orelha contra a turfa. Ficou ali parado por tanto tempo que Gimli começou a indagar se ele não tinha desmaiado ou adormecido de novo.

Finalmente se levantou, e então os companheiros puderam ver seu rosto: estava pálido e consternado, com o olhar preocupado.

— O ruído da terra é baixo e confuso — disse ele. — Nada caminha sobre ela por muitas milhas ao nosso redor. Os pés de nossos inimigos estão distantes e são quase inaudíveis. Mas pode-se ouvir com clareza ruídos de cascos de cavalos. Tenho a impressão de tê-los escutado, mesmo enquanto dormia, e eles incomodaram meu sono: cavalos galopando, passando no oeste. Mas agora estão se distanciando de nós ainda mais, indo para o norte. Fico imaginando o que estará acontecendo nesta terra.

— Vamos! — disse Legolas.

Assim começou o terceiro dia de sua busca. Durante todas as longas horas de nuvem e sol vacilante, eles quase não pararam, algumas horas andando em grandes passadas, outras correndo, como se nenhum cansaço pudesse debelar o fogo que lhes queimava o coração. Raramente falavam. Atravessaram a ampla solidão e seus mantos élficos desapareceram contra o fundo dos campos cinza-esverdeados; mesmo na fria luz do sol do meio-dia, poucos olhos, com a exceção dos élficos, poderiam tê-los notado, até que estivessem bem próximos. Sempre agradeciam em seus corações à Senhora de Lórien pela dádiva do lembas, pois podiam comê-lo e encontrar novas forças até mesmo enquanto corriam.

Durante todo o dia, a trilha do inimigo conduziu sempre em frente, indo para o noroeste sem interrupção ou curva. Quando outra vez o dia se acabava, chegaram a

encostas longas e sem árvores, onde o solo se elevava, crescendo em direção a uma fileira de colinas baixas e corcovadas à frente.

A trilha dos orcs ficou mais fraca, conforme rumava para o norte na direção delas, pois o solo era mais duro e a grama mais curta. Lá adiante, à esquerda, o rio Entágua fazia curvas, um fio prateado no chão verde. Não se via qualquer ser em movimento. Aragorn muito se surpreendia pelo fato de não estarem vendo sinais de animais ou homens. As moradias dos rohirrim ficavam, em sua maioria, muitas léguas ao sul, sob as bordas das Montanhas Brancas, que eram cobertas de florestas, agora escondidas por névoa e nuvem; apesar disso, os Senhores dos Cavalos costumavam anteriormente manter muitos rebanhos e criações de cavalos no Estemnete, região ao leste de seu reino, e ali os pastores costumavam vagar com muita freqüência, vivendo em acampamentos e tendas, mesmo durante o inverno.

Mas agora toda a região estava vazia, e havia um silêncio que não parecia ser a quietude da paz.

Ao crepúsculo pararam novamente. Agora já tinham avançado cerca de doze léguas na planície de Rohan, e a muralha das Emyn Muil se perdia nas sombras do leste.

A lua jovem brilhava num céu enevoado, mas emanava pouca luz, e as estrelas estavam veladas.

— Agora sou eu quem sente falta de um tempo para descansar, ou de uma pausa em nossa caçada — disse Legolas. — Os orcs correram na nossa frente como se estivessem sendo perseguidos pelos chicotes de Sauron. Receio que já tenham atingido a floresta e as escuras colinas, e que exatamente agora estejam entrando nas sombras das árvores.

Gimli rangeu os dentes. — Este é um final triste para toda nossa esperança e nosso esforço! — disse ele.

— Para a esperança talvez, mas não para o esforço — disse Aragorn. Não voltaremos daqui. Mas estou cansado. — Olhou para trás, na direção do caminho pelo qual tinham vindo, na direção da noite que se formava no leste. — Existe alguma coisa estranha se operando nesta terra. Desconfio do silêncio. Desconfio até dessa lua pálida.

As estrelas estão apagadas, e eu estou cansado como raramente estive antes, cansado como um guardião não deveria estar ao seguir uma trilha nítida. Há alguma disposição que empresta velocidade a nossos inimigos e põe diante de nós uma barreira invisível: um cansaço que é mais do coração que das pernas.

— É verdade! — disse Legolas. — Isso eu já sei desde que descemos das Emyn Muil. Pois essa disposição não está atrás, mas à nossa frente.

Apontou na distância, sobre a terra de Rohan, para o oeste que escurecia sob a lua em forma de foice.

— Saruman! — murmurou Aragorn. — Mas isso não deve fazer com que retomemos. Mais uma vez devemos parar, pois, vejam!, até mesmo a lua está sendo envolvida pelas nuvens que se adensam. Mas ao norte estará nossa estrada, entre colina e pântano, quando o dia retornar.

Como antes, Legolas foi o primeiro a se pôr de pé, se é que de fato tinha dormido.

— Acordem! Acordem! — gritou ele. — A aurora já chegou. Coisas estranhas nos esperam perto das bordas da floresta. Boas ou más, eu não sei; mas estamos sendo chamados. Acordem!

Os outros pularam de pé, e quase imediatamente os três partiram outra vez.

Devagar as colinas foram se aproximando. Ainda faltava uma hora para o meio-dia quando as atingiram: encostas verdes erguendo-se numa cordilheira que corria numa linha reta em direção ao norte. Aos pés deles, o solo era seco e a turfa curta, mas uma faixa comprida de terra afundada, com cerca de dez milhas de largura, estendia-se entre

eles e o rio, descrevendo curvas com moitas apagadas de juncais. Logo a oeste da encosta que ficava no extremo sul, havia um grande círculo, onde a turfa tinha sido arrancada e socada por muitos pés. Desse ponto a trilha dos orcs saía outra vez, virando para o norte ao longo da orla ressecada das colinas. Aragorn parou e examinou a trilha minuciosamente.

Eles descansaram um tempo aqui — disse ele —, mas mesmo a trilha mais extrema já está velha. Receio que seu coração tenha dito a verdade, Legolas: faz três vezes doze horas, eu acho, que os orcs pisaram aqui onde estamos pisando agora. Se mantiveram o passo, então ao pôr-do-sol de ontem já atingiram as fronteiras de Fangorn.

— Não vejo ao norte e a oeste nada além de capim que desaparece na névoa — disse Gimli. — Conseguiríamos ver a floresta, se subíssemos nas colinas?

— Ainda estamos muito longe — disse Aragorn. — Se me lembro corretamente, estas colinas ficam oito léguas ou mais ao norte, e depois a noroeste, rumando para a desembocadura do Entágua, ainda se estende uma terra ampla, talvez outras quinze léguas.

— Bem, vamos indo — disse Gimli. — Minhas pernas precisam esquecer as milhas. Ficariam mais dispostas se meu coração estivesse menos pesado.

O sol já afundava no horizonte quando finalmente chegaram perto do final da fileira de colinas. Tinham marchado por muitas horas sem descanso. Agora iam devagar, e as costas de Gimli estavam curvadas. Os anões são resistentes como pedra no trabalho ou numa jornada, mas aquela busca infindável começou a desgastá-lo, e toda esperança desapareceu de seu coração. Aragorn caminhava atrás dele, austero e silencioso, abaixando-se de vez em quando para procurar alguma pegada ou marca no solo. Apenas Legolas ia pisando com a mesma leveza de sempre, seus pés mal parecendo tocar a relva, sem deixar marcas ao passar; apenas ingerindo o pão de viagem dos elfos ele encontrava todo o sustento de que necessitava, e conseguia dormir, se é que os homens chamariam isso de dormir, descansando a mente pelos caminhos estranhos dos sonhos élficos, mesmo quando caminhava com os olhos abertos na luz deste mundo.

— Vamos subir esta colina verde! — disse ele. Cansados, os outros o seguiram, escalando a longa encosta, até que chegaram ao topo. Era uma colina redonda, suave e nua, erguendo-se solitária, a colina que ficava mais ao norte. O sol mergulhou e as sombras da noite caíram como uma cortina. Estavam sozinhos num mundo cinzento e disforme, sem marco ou medida. Só ao longe, no noroeste, havia uma escuridão mais densa contra a luz agonizante do dia: as Montanhas Sombrias e a floresta aos pés delas.

— Nada se vê aqui que possa nos guiar — disse Gimli. — Bem, agora devemos parar outra vez e passar a noite. Está ficando frio!

— O vento sopra do norte, vindo da neve — disse Aragorn.

— E antes de amanhecer estará no leste — disse Legolas. — Mas descanse, se precisar. Ainda não joguei toda a esperança fora. Não se sabe o dia de amanhã. O nascer do sol geralmente traz um bom conselho.

— Três sóis já nasceram em nossa busca, e nenhum trouxe bons conselhos — disse Gimli.

A noite ficou mais fria. Aragorn e Gimli dormiram inquietos, e a qualquer momento que acordavam sempre viam Legolas em pé ao lado deles, ou andando de um lado para o outro, cantando baixinho para si mesmo na própria língua, e enquanto cantava as estrelas se abriam na abóbada negra e dura do céu.

Assim passou a noite. Juntos observaram a aurora crescendo lentamente no céu, agora deserto e sem nuvens, até que finalmente o sol nasceu. Sua luz era clara e pálida. O vento soprava do leste e levara a névoa embora; uma região ampla e desolada se estendia em volta deles naquela luz fria.

Adiante e na direção do leste, viram os planaltos do Descampado de Rohan, que já tinham avistado do Grande Rio muitos dias atrás. Na direção noroeste assomava a escura floresta de Fangorn; ainda a dez léguas ficavam suas fronteiras sombrias, e suas encostas mais distantes desapareciam num azul distante.

Além dela brilhava na distância, como se boiasse numa nuvem cinza, a cabeça branca do alto Methedras, o último pico das Montanhas Sombrias. Saindo da floresta, o Entágua corria ao encontro deles, com sua correnteza agora veloz e estreita, e suas margens íngremes e fundas. A trilha dos orcs desviava das colinas na direção dele.

Seguindo com seus olhos argutos a trilha que ia para o rio, e depois do rio de volta à floresta, Aragorn viu uma sombra no verde distante, um borrão escuro que se movia rapidamente. Jogou-se no chão e outra vez escutou com atenção. Mas Legolas ficou de pé ao seu lado, protegendo seus claros olhos élficos com a mão longa e delgada, e não viu uma sombra, nem um borrão, mas as pequenas figuras de cavaleiros, muitos cavaleiros, e a luz da manhã sobre as pontas de suas lanças era como o faiscar de diminutas estrelas além do limite da visão dos mortais. Muito atrás deles, uma fumaça negra subia em fios finos e encaracolados.

Havia um silêncio nos campos vazios, e Gimli podia ouvir o ar se movendo no capim.

— Cavaleiros! — gritou Aragorn, pulando de pé. — Muitos cavaleiros montando cavalos velozes estão vindo em nossa direção!

— Sim — disse Legolas. — Há cento e cinco deles. Têm os cabelos dourados, e as lanças brilhantes. O líder é muito alto.

Aragorn sorriu. — Agudo é o olhar dos elfos — disse ele.

— Não! Os cavaleiros estão a pouco mais de cinco léguas de distância — disse Legolas.

— Cinco léguas ou uma — disse Gimli —, não podemos escapar deles nesta terra deserta. Vamos esperá-los aqui ou devemos seguir nosso caminho?

— Vamos esperar — disse Aragorn. — Estou cansado, e nossa caçada foi um fracasso. Ou pelo menos outros chegaram na nossa frente, pois esses cavaleiros estão retornando pela trilha dos orcs. Podemos receber notícias deles.

— Ou lanças — disse Gimli.

— Há três selas vazias, mas não vejo hobbits — disse Legolas.

— Eu não disse que conseguiríamos boas notícias — falou Aragorn. Mas, sejam boas ou más, vamos esperar aqui.

Então os três companheiros deixaram o topo da colina, onde poderiam ser um alvo fácil contra o céu pálido, e desceram devagar a encosta norte.

Pararam um pouco acima do pé da colina, e embrulhando-se com os mantos élficos sentaram-se uns perto dos outros sobre o capim ralo. O tempo passava lento e pesado. O vento era fino e penetrante.

Gimli estava inquieto.

— O que você sabe sobre esses cavaleiros, Aragorn? — perguntou ele. Estamos aqui sentados esperando morte súbita?

— Já estive entre eles — disse Aragorn. — São voluntariosos e cheios de orgulho, mas têm o coração sincero, são generosos em pensamentos e ações; destemidos mas não cruéis; sábios mas incultos, não escrevendo nenhum livro mas cantando muitas canções, a maneira dos filhos dos homens antes dos Anos Escuros. Mas não sei o que aconteceu aqui ultimamente, nem com que disposição os rohirrim podem agora estar entre o traidor Saruman e a ameaça de Sauron. Por muito tempo foram amigos do povo de Gondor, embora não sejam parentes deles. Foi nos dias esquecidos de antigamente que Eorl, o Jovem, trouxe-os do norte, e seu parentesco é na verdade com os bardings de Valle, e

com os beornings da Floresta, entre os quais ainda se pode ver muitos homens altos e belos, como são os Cavaleiros de Rohan. Pelo menos, é certeza que não morrem de amores pelos orcs.

— Mas Gandalf comentou sobre um boato de que eles pagam tributo a Mordor — disse Gimli.

— Não acredito nisso mais do que acreditava Boromir — respondeu Aragorn.

— Logo saberá da verdade — disse Legolas. — Eles já estão se aproximando.

Finalmente, até mesmo Gimli pôde ouvir a batida distante de cascos galopantes. Os cavaleiros, seguindo a trilha, desviaram do rio e se aproximaram das colinas.

Galopavam na velocidade do vento.

Agora o som de vozes fortes e nítidas vinha ecoando através dos campos.

De repente avançaram com um barulho de trovão, e o cavaleiro mais à frente mudou de rumo, passando ao lado do pé da colina, e conduzindo o grupo de volta ao sul, ao longo da orla ocidental da cordilheira. Atrás dele ia uma longa fila de homens vestidos de malhas metálicas, velozes, brilhantes, terríveis e belos de se olhar.

Os cavalos eram de grande estatura, fortes e com patas bem proporcionadas; as capas cinzentas reluziam, as caudas longas esvoaçavam ao vento, as crinas caíam trançadas sobre os pescoços imponentes. Os homens que os montavam combinavam muito bem com eles: altos e esbeltos; os cabelos claros como palha saíam dos elmos leves e desciam-lhes em longas tranças pelas costas; os rostos eram austeros e argutos. Nas mãos traziam longas lanças de freixo, escudos pintados pendiam-lhes das costas, longas espadas estavam penduradas em seus cintos, as bainhas das vestimentas de malha de metal polido desciam-lhes até os joelhos.

Galopavam em pares, e, embora de quando em quando um deles se erguesse nos estribos e olhasse para os dois lados, eles pareciam não perceber os três forasteiros, sentados em silêncio e vigiando-os. O exército quase passara por eles quando Aragorn se levantou e chamou em voz alta:

— Que notícias têm do norte, Cavaleiros de Rohan?

Com velocidade e habilidade assombrosas, eles pararam seus cavalos, viraram e voltaram. Logo os três companheiros se viram num círculo de cavaleiros movimentando-se numa roda que não parava, subindo a encosta da colina atrás deles, e descendo, dando várias voltas ao redor deles, fechando o cerco cada vez mais. Aragorn permanecia quieto, e os outros dois ficaram sentados sem se mexer, pensando no rumo que as coisas tomariam.

Sem qualquer palavra ou chamado, de repente, os Cavaleiros pararam. Uma floresta de lanças apontava para os estranhos, e alguns dos cavaleiros tinham nas mãos arcos, com as flechas já ajustadas às cordas. Então um deles avançou, um homem alto, mais alto que os demais; de seu elmo, como uma crista, pendia uma cauda branca de cavalo. Aproximou-se até que a ponta de sua lança ficasse a uns trinta centímetros do peito de Aragorn, que não se mexeu.

— Quem são vocês, e o que fazem nesta terra? — perguntou o Cavaleiro, usando a Língua Geral do Oeste, numa maneira e tom semelhantes aos de Boromir, homem de Gondor.

— Chamam-me Passolargo — respondeu Aragorn. — Venho do norte. Estou caçando orcs.

O Cavaleiro saltou do cavalo. Dando a lança a um outro que se aproximou e desceu do cavalo ao lado dele, puxou sua espada e ficou cara a cara com Aragorn, observando-o atentamente, não deixando de demonstrar surpresa. Finalmente, falou outra vez.

— Primeiro pensei que vocês fossem orcs — disse ele —, mas agora vejo que não é assim. Na verdade, vocês sabem pouco sobre os orcs, se vão caçando — os assim dessa maneira. Eles eram rápidos e estavam bem armados. E eram muitos. Vocês teriam passado de caçadores a caça, se tivessem alcançado o bando. Mas há algo estranho em você, Passolargo. — Deitou os olhos claros e brilhantes outra vez no guardião. — Isso não é nome que se dê a um homem. E estranhas também são suas vestes. Vocês surgiram do capim? Como escaparam de nossa vista? Vocês são do povo dos elfos?

— Não — disse Aragorn. — Apenas um de nós é um elfo, Legolas do Reino da Floresta, da longínqua Floresta das Trevas. Mas passamos por Lothlórien, e as dádivas e a proteção da Senhora nos acompanham.

O Cavaleiro olhou-os com surpresa renovada, mas seus olhos endureceram.

— Então existe uma Senhora na Floresta Dourada, como contam as antigas histórias! — disse ele. — Poucos escapam de suas redes, pelo que dizem. Estes são dias estranhos! Mas se vocês têm a proteção dela então também tecem redes e talvez sejam feiticeiros. — De repente lançou para Legolas e Gimli um olhar frio. — Por que não falam, vocês que estão em silêncio?

Gimli se levantou e plantou os pés afastados no chão: sua mão agarrou firmemente o cabo do machado, e os olhos escuros brilharam.

— Diga o seu nome, mestre-dos-cavalos, e então lhe direi o meu, e outras coisas também — disse ele.

— Quanto a isso — disse o Cavaleiro, abaixando os olhos na direção do anão —, o forasteiro deve se declarar primeiro. Mas meu nome é Éomer, filho de Éomund, e chamam-me Terceiro Marechal da Terra dos Cavaleiros.

— Então, Éomer, filho de Éomund, Terceiro Marechal da Terra dos Cavaleiros, deixe que Gimli, o anão, filho de Glóin, faça uma advertência contra suas tolas palavras. Você fala mal do que é belo além do alcance de seu pensamento, e sua única desculpa pode ser a falta de inteligência.

Os olhos de Éomer reluziram, e os homens de Rohan soltaram murmúrios enfurecidos e fecharam mais o círculo, avançando com as lanças.

— Eu poderia cortar-lhe a cabeça, a barba e o resto, Mestre Anão, se você se erguesse um pouco mais acima do chão — disse Éomer.

— Ele não está sozinho — disse Legolas, aprumando seu arco e ajustando uma flecha com mãos que se movimentavam mais rápido que os olhos.

— Você morreria antes que desferisse o golpe.

Éomer ergueu sua espada, e as coisas poderiam ter acabado mal, mas Aragorn saltou no meio deles, levantando a mão.

— Peço suas desculpas, Éomer! — gritou ele. — Quando souber mais, você poderá entender por que enfureceu meus companheiros. Não temos más intenções para com Rohan, nem para com seu povo, seus homens e seus cavalos. Não poderia ouvir nossa história antes de atacar?

— Está bem — disse Éomer abaixando sua espada. — Mas os que vagueiam pela Terra dos Cavaleiros seriam mais sábios se fossem menos arrogantes nestes dias duvidosos. Primeiro diga-me seu nome correto.

— Antes me diga a quem serve — disse Aragorn. — É amigo ou inimigo de Sauron, o Senhor de Mordor?

— Sirvo apenas ao Senhor dos Cavaleiros, o Rei Théoden, filho de Thengel — respondeu Éomer. — Não servimos ao Poder da Terra Negra distante, mas também não estamos em guerra declarada contra ele; se estão fugindo dele, então é melhor que abandonem esta terra. Existem problemas atualmente em todas as nossas fronteiras, e estamos sendo ameaçados, mas só desejamos ser livres, e viver como temos vivido,

mantendo nosso próprio senhor, sem servir a nenhum senhor estrangeiro, seja ele bom ou mau. Em dias melhores, recebíamos bem os visitantes, mas nestes tempos o forasteiro não-convidado nos encontra alertas e duros. Digam! Quem são vocês? A quem servem? A mando de quem estão caçando orcs em nossas terras?

— Não sirvo a homem nenhum — disse Aragorn —, mas persigo os servidores de Sauron por quaisquer terras onde possam andar. Há poucos entre os homens mortais que sabem mais sobre orcs, e eu não os estou caçando desta maneira por escolha própria. Os orcs que perseguimos capturaram dois de meus amigos. Nessas condições, um homem que não tem um cavalo irá a pé, e não pedirá permissão para seguir a trilha. Nem contará as cabeças dos inimigos exceto com a espada . Não estou desarmado.

Aragorn jogou para trás seu manto. A bainha élfica reluziu no momento em que ele a agarrava, e a clara lâmina de Andúril brilhou como uma chama súbita conforme a puxou.

— Elendil! — gritou ele. — Sou Aragorn, filho de Arathorn, e sou chamado de Elessar, a Pedra Élfica, Dúnadan, o herdeiro de Isildur, filho de Elendil, de Gondor. Vai me ajudar ou me impedir? Decida logo!

Gimli e Legolas olhavam seu companheiro com surpresa, pois não o tinham visto daquele jeito antes. Parecia ter crescido em tamanho enquanto Éomer encolhera, e em seu rosto vívido capturaram uma breve visão do poder e majestade dos reis de pedra. Por um momento, pareceu aos Olhos de Legolas que uma chama branca faiscava na fronte de Aragorn, como uma corôa brilhante.

Éomer recuou com um ar estupefato no rosto. Abandonou seu olhar orgulhoso.

— Estes são realmente dias estranhos — murmurou ele. — Sonhos e lendas saltam do capim para a vida real.

— Diga-me, senhor — disse ele, — O que o traz aqui? Qual é o significado das palavras obscuras? Há muito tempo Boromir, filho de Denethor, partiu em busca de uma resposta, e o cavalo que lhe emprestamos voltou sozinho. Que sina terrível traz do norte?

— A sina da escolha — disse Aragorn. — Você pode dizer isto a Théoden, filho de Thengel: a guerra aberta está diante dele, ao lado de Sauron ou contra ele. Ninguém mais pode viver como costumava, e poucos poderão manter o que chamam de seu. Mas desses assuntos grandiosos falaremos depois. Se for possível, eu mesmo irei ter com o rei. Agora estou em grande dificuldade, e peço ajuda, ou pelo menos notícias. Você escutou que estamos caçando um bando de orcs que levou nossos amigos. O que tem a nos dizer?

— Que não precisa mais persegui-los — disse Éomer. — Os orcs foram destruídos.

— E nossos amigos?

— Não encontramos nenhum deles entre os orcs.

— Mas isso é realmente estranho — disse Aragorn. — Procuraram entre os mortos? Não havia cadáveres que não fossem da espécie dos orcs? Seriam pequenos, apenas crianças aos seus olhos, descalços, mas vestidos de cinza.

— Não havia nem crianças nem anões — disse Éomer. — Contamos todos os mortos e os espoliamos, depois fizemos uma pilha com as carcaças e as queimamos, como é nosso costume. As cinzas ainda estão soltando fumaça.

— Não estamos falando de crianças nem de anões — disse Gimli. — Nossos amigos eram hobbits.

— Hobbits? — disse Éomer. — E que vêm a ser eles? Esse nome é estranho.

— Um nome estranho para um povo estranho — disse Gimli. — Mas estes nos eram muito caros. Parece que vocês em Rohan ouviram falar das palavras que perturbaram Minas Tirith. Elas falavam do Pequeno. Esses hobbits são Pequenos.

— Pequenos! — riu o Cavaleiro que estava do lado de Éomer. — Pequenos! Mas eles são apenas um pequeno povo em velhas cantigas e histórias infantis do norte. Estamos andando em lendas ou sobre a terra verde à luz do dia?

— Um homem pode fazer as duas coisas — disse Aragorn. — Pois não seremos nós, mas os que vierem depois, que farão as lendas de nossa época. A terra verde, você diz? Este é um grande assunto para as lendas, embora você pise nela sob a luz do dia.

— O tempo está passando — disse o Cavaleiro, sem dar atenção a Aragorn. — Devemos nos apressar em direção ao sul, senhor. Vamos deixar essas pessoas e suas fantasias. Ou vamos aprisioná-los e levá-los até o rei.

— Paz, Éothain! — disse Éomer em sua própria língua. — Deixe-me um pouco. Diga ao Éored que se reúna no caminho e se apronte para rumar para o Vau Ent.

Éothain se retirou murmurando, e falou aos outros, que logo recuaram e deixaram Éomer sozinho com os três companheiros.

— Tudo o que diz é estranho, Aragorn — disse ele. — Apesar disso, está falando a verdade, sem dúvida: os homens da Terra dos Cavaleiros não mentem, e por isso não são enganados com facilidade. Mas você não disse tudo. Não pode agora falar sobre sua missão de forma mais clara, de modo que eu possa julgar o que fazer?

— Eu parti de Imladris, como se chama esse lugar nas rimas, muitas semanas atrás — respondeu Aragorn. — Comigo partiu Boromir de Minas Tirith. Minha missão era ir para aquela cidade com o filho de Denethor, para ajudar seu povo na guerra contra Sauron. Mas a Comitiva com a qual eu viajava tinha outros objetivos. Disso não posso falar agora. Gandalf, o Cinzento, era nosso líder.

— Gandalf! — exclamou Éomer. — Gandalf Capa-Cinzenta é conhecido por aqui; mas seu nome, eu lhe aviso, não é mais uma senha para se conseguir os favores do rei. Ele foi hóspede desta terra muitas vezes na memória dos homens, vindo quando bem entendesse, depois de uma estação ou depois de muitos anos. Ele é sempre o arauto de acontecimentos estranhos: alguém que traz o mal, dizem alguns atualmente.

— Na verdade, desde sua última vinda no verão, todas as coisas deram errado. Naquela época, começou nosso problema com Saruman. Até então considerávamos Saruman um amigo, mas Gandalf veio e nos avisou que uma guerra súbita estava sendo preparada em Isengard. Disse que ele próprio tinha sido um prisioneiro em Orthanc e quase não escapara, e implorou ajuda. Mas Théoden não lhe deu ouvidos, e ele foi embora. Não fale em voz alta o nome de Gandalf aos ouvidos de Théoden! Ele está furioso, pois Gandalf levou o cavalo chamado Scadufax, o mais precioso dos animais do rei, líder dos Mearas, que apenas o Senhor dos Cavaleiros pode ria montar. Pois o progenitor dessa raça foi o grande cavalo de Eorl, que sabia a língua dos homens. Há sete noites, Scadufax retornou; mas a ira do rei não é menor, pois agora o cavalo ficou indomável e não permite que nenhum homem o controle.

— Então Scadufax encontrou o caminho sozinho, vindo do distante norte — disse Aragorn —, pois foi ali que Gandalf e ele se separaram. Mas infelizmente Gandalf não montará mais. Ele caiu dentro da escuridão das Minas de Moria e não volta mais.

— Essa é uma notícia terrível — disse Éomer. — Pelo menos para mim e muitos outros, mas não para todos, como você poderá verificar se for até o rei.

— Essa notícia é mais lamentável do que qualquer um nesta terra pode entender, embora possa tocá-los dolorosamente antes que o ano avance muito — disse Aragorn. — Mas quando os grandes caem, os menores devem assumir a liderança. Minha parte tem sido guiar nossa Comitiva na longa estrada que vem de Moria. Viemos através de Lórien — e dessa terra seria bom que vocês aprendessem a verdade antes de se referirem a ela outra vez — e depois disso viemos descendo ao longo do Grande Rio, até a cachoeira de Rauros. Ali Boromir foi morto pelos mesmos orcs que vocês destruíram.

— Suas notícias são todas de pesar — disse Éomer arrasado. — A morte de Boromir é uma grande perda para Minas Tirith, e para todos nós. Era um homem valoroso! Era elogiado por todos. Raramente vinha à Terra dos Cavaleiros, pois estava sempre nas guerras das fronteiras do leste, mas eu o vi. Na minha opinião era mais parecido com os velozes filhos de Eorl do que com os austeros homens de Gondor, e provavelmente se mostraria um grande capitão de seu povo quando o momento chegasse. Mas não recebemos qualquer palavra de Gondor sobre essa perda. Quando aconteceu?

— Já faz quatro dias que foi morto — respondeu Aragorn —, e desde esse dia temos viajado, partindo da sombra do Tol Brandir.

— A pé? — exclamou Éomer.

— Sim, da maneira como nos vê agora.

Uma enorme surpresa cobriu os olhos de Éomer.

— Passolargo é um nome muito pobre, filho de Arathorn. Vou chamá-lo de Pé-de-Vento. Esse feito dos três amigos será cantado em muitos salões. Quarenta e cinco léguas vocês percorreram antes do fim do quarto dia! Resistente é a raça de Elendil!

— Mas agora, senhor, que devo fazer? Devo retornar depressa a Théoden. Falei sinceramente diante de meus homens. É verdade que ainda não estamos em guerra declarada contra a Terra Negra, e existem alguns, próximos do ouvido do rei, que lhe dão conselhos covardes; mas a guerra está chegando. Não abandonaremos nossa antiga aliança com Gondor, e enquanto eles lutarem lutaremos ao lado deles: assim digo eu e todos os que permanecem comigo. A Fronteira Leste está ao meu encargo, o distrito do Terceiro Marechal, e removi todos os nossos rebanhos e pastores, retirando-os para além do Entágua, não deixando ninguém exceto guardas e velozes batedores.

— Então vocês não pagam tributo a Sauron? — perguntou Gimli.

— Não, e nunca pagamos — disse Éomer com um brilho nos olhos embora tenha chegado aos meus ouvidos que essa mentira foi espalhada. Há alguns anos, o Senhor da Terra Negra quis comprar nossos cavalos a um alto preço, mas nós recusamos, pois ele utiliza os animais para propósitos malignos. Então ele enviou orcs saqueadores, e eles levam o que conseguem, escolhendo sempre os cavalos negros: agora restam poucos deles. E esta é a razão que explica nossa amarga inimizade com os orcs.

— Mas neste momento nossa principal preocupação é com Saruman . Ele reivindicou soberania sobre toda esta terra, e tem havido guerra entre nós já há vários meses.

Ele recrutou orcs a seu serviço, e montadores de Lobos, e homens maus; bloqueou o Desfiladeiro contra nós, de modo que é provável que fiquemos cercados pelo leste e pelo oeste.

— É terrível lidar com um inimigo desses: ele é um mago, ao mesmo tempo astuto e cheio de poderes mágicos, tendo vários disfarces. Caminha por aí, dizem, como um velho de capuz e capa, muito semelhante a Gandalf, como muitos agora se lembram dele. Seus espiões penetram qualquer rede, e seus pássaros de mau agouro estão espalhados pelo céu. Não sei como tudo isto vai terminar, e meu coração pressente algo mais, pois tenho a impressão de que nem todos os seus amigos moram em Isengard. Mas, se vier à casa do rei, terá a chance de ver com os próprios olhos, Aragorn. Você não virá? Serão vãs minhas esperanças de que você tenha sido enviado como uma ajuda nestes tempos de dúvida e necessidade?

— Irei quando puder — disse Aragorn.

— Venha agora! — disse Éomer. — O Herdeiro de Elendil seria realmente uma força para os Filhos de Eorl nesta maré maligna. Há batalhas neste mesmo momento no Vestemnec, e receio que possamos ser derrotados.

— Na verdade, nesta minha cavalgada para o norte, eu vim s em a permissão do rei, pois na minha ausência sua casa fica com poucos guardas. Mas os batedores me avisaram sobre um bando de orcs descendo da Muralha Leste há três noites, e entre eles viram alguns portando as insígnias brancas de Saruman. Então, suspeitando o que eu mais temia, uma aliança entre Orthanc e a Torre Escura, conduzi meu éored, homens de minha própria casa, e nós alcançamos os orcs ao escurecer, dois dias atrás, perto da fronteira da Floresta Ent. Ali os cercamos e começamos a batalha ontem ao amanhecer. Perdi quinze dos meus homens e doze cavalos, infelizmente. Pois os orcs estavam em maior número do que estimávamos. Outros se juntaram a eles, vindo do leste através do Grande Rio: é fácil ver a trilha que fizeram um pouco ao norte deste local. E outros também vieram da floresta. Grandes orcs, também carregando a Mão Branca de Isengard: essa espécie é mais forte e mais terrível que todas as outras.

— Não obstante isso, acabamos com eles. Mas estamos fora há muito tempo. Precisam de nós no sul e no oeste. Você não virá? Há cavalos sobrando, como pode ver. Há trabalho para a Espada desempenhar. Sim, e poderíamos encontrar utilidade para o machado de Gimli e para o arco de Legolas, se eles desculparem minhas palavras rudes em relação à Senhora da Floresta. Só falei como falam todos os homens de minha terra, e gostaria muito de aprender mais.

— Agradeço-lhe por suas belas palavras — disse Aragorn —, e meu coração deseja acompanhá-lo; mas não posso abandonar meus amigos enquanto houver esperança.

— Não há mais esperança — disse Éomer. — Vocês não encontrarão seus amigos nas fronteiras do norte.

— Mas meus amigos não estão lá atrás. Encontramos um claro sinal não muito longe da Muralha Leste de que pelo menos um deles ainda está vivo. Mas entre a muralha e as colinas não encontramos qualquer outro rastro deles, e nenhuma trilha desviou da principal, seja para um lado ou para outro, a não ser que minha percepção tenha me abandonado por completo.

— Então, o que acha que aconteceu com eles?

— Não sei. Podem ter sido mortos e queimados em meio aos orcs, mas isso você diz que não aconteceu, e não receio que tenha sido assim. Só posso pensar que foram levados para dentro da floresta antes da batalha, antes mesmo de vocês encurralarem seus inimigos, talvez. Você poderia Jurar que nenhum deles escapou de sua emboscada?

— Posso jurar que nenhum orc escapou depois que os vimos — disse Éomer. — Atingimos a fronteira da floresta antes deles, e depois disso, se qualquer ser vivo burlou nosso cerco, então não era um orc e tinha algum poder élfico.

— Nossos amigos estavam vestidos exatamente como nós — disse Aragorn —, e vocês passaram sem nos ver em plena luz do dia.

— Tinha me esquecido disto — disse Éomer. — É difícil ter certeza de qualquer coisa em meio a tantos prodígios. O mundo todo ficou muito estranho. Elfo e anão andam juntos em nossos campos; pessoas conversam com a Senhora da Floresta e continuam vivas, e retorna à batalha a Espada que foi quebrada nas eras antigas anteriores à época em que os pais de nossos pais chegaram à Terra dos Cavaleiros! Como pode um homem julgar o que fazer em tempos assim?

— Como sempre julgou — disse Aragorn. — O bem e o mal não mudaram desde o ano passado; nem são uma coisa para os elfos e anões e outra coisa para os homens. É papel de um homem discerni-los, tanto na Floresta Dourada como em sua própria casa.

— Isso é verdade — disse Éomer. — Não duvido de você, nem da ação que meu coração escolheria. Mas não sou livre para fazer tudo como desejar — É contra nossa lei permitir que forasteiros caminhem por nossa terra, até que o próprio rei lhes dê

permissão, e essa ordem é ainda mais estrita nestes dias perigosos. Implorei que me acompanhasse de livre e espontânea vontade, e você não vai me atender. Detesto iniciar uma batalha de cem contra três.

— Não acho que sua lei tenha sido feita para uma ocasião como esta disse Aragorn. — E na verdade não sou um forasteiro, pois já estive nesta terra antes, mais de uma vez, e já montei com o exército dos rohirrim, embora estivesse com outro nome e com outras vestimentas. Você eu não vi antes, pois você é jovem, mas já falei com Éomund, seu pai, e com Théoden, filho de Thengel. Nunca nos dias passados qualquer alto senhor desta terra teria forçado um homem a abandonar uma busca como a minha. Meu dever, pelo menos, está claro: seguir em frente. Vamos lá, filho de Éomund, a escolha deve ser feita finalmente. Ajude-nos, ou no mínimo deixe-nos ir em liberdade. Ou então tente cumprir sua lei. Se fizer isto, haverá menos homens retornando à sua guerra e ao seu rei.

Éomer ficou em silêncio por um momento e depois falou. — Todos nós temos pressa — disse ele. — Meu grupo já se irrita querendo ir embora, e cada hora que passa diminui nossa esperança. Minha escolha é esta. Você pode ir; e, mais ainda, vou emprestar-lhe cavalos. Só peço isto: quando sua missão estiver cumprida, ou se mostrar inútil, retorne com os cavalos pelo Vau Ent até Meduseld, a alta casa em Edoras onde Théoden agora vive. Assim provará a ele que não fiz um julgamento errôneo. Nisso coloco minha pessoa, e talvez minha própria vida, acreditando na sua boa-fé. Não falhe.

— Não falharei! — disse Aragorn.

Houve grande surpresa e muitos olhares sombrios e duvidosos entre os homens de Éomer, quando ele deu ordens para que os cavalos que estavam sobrando fossem emprestados aos forasteiros, mas só Éothain ousou falar abertamente.

— Isto está bem para esse senhor da raça de Gondor, como ele diz ser — disse ele. — Mas quem já ouviu dizer de um cavalo de nossa terra sendo dado a um anão?

— Ninguém — disse Gimli. — E não se preocupe: ninguém nunca vai ouvir uma coisa dessas. Eu prefiro caminhar a montar um animal tão grande, livre ou forçado.

— Mas agora você deve montar, ou vai nos atrasar — disse Aragorn.

— Venha, você vai montar atrás de mim, meu amigo — disse Legolas. Tudo então ficará bem, e você não vai precisar nem tomar emprestado um cavalo nem ser incomodado por ele.

Trouxeram um grande cavalo cinza-escuro para Aragorn, que o montou. — O nome dele é Hasufel — disse Éomer. — Que ele o conduza bem e que tenha melhor sorte do que Gámif, seu falecido dono!

Um cavalo menor e mais leve, mas inquieto e fogoso, foi trazido para Legolas. Seu nome era Arod. Mas Legolas pediu que tirassem a sela e o arreio. — Não preciso deles — disse ele, montando levemente o cavalo com um salto; para a surpresa de todos, Arod ficou dócil e disposto, indo de um lado para o outro logo que ouvia uma palavra de comando: assim era o modo dos elfos com todos os bons animais.

Gimli foi erguido e colocado na garupa do amigo, ao qual se agarrou, não muito mais à vontade do que Sam Gamgi num barco.

— Até logo, e que vocês encontrem o que procuram! — gritou Éomer. Voltem tão rápido quanto puderem, e que nossas espadas brilhem lado a lado daqui para frente.

— Eu voltarei — disse Aragorn.

— E eu voltarei também — disse Gimli. — A questão da Senhora ainda fica entre nós. Preciso ainda ensinar-lhe palavras gentis.

— Vamos ver — disse Éomer. — Tantas coisas estranhas têm acontecido que aprender a elogiar uma bela senhora sob os golpes adoráveis do machado de um anão não parecerá um grande prodígio. Até logo!

Com essas palavras, eles partiram. Muito velozes eram os cavalos de Rohan.

Quando Gimli, depois de um tempo, olhou para trás, o grupo de Éomer já estava pequeno e distante. Aragorn não olhou para trás: estava vigiando a trilha conforme avançavam com velocidade, inclinando-se e colocando a cabeça ao lado do pescoço de Hasufel.

Em breve estavam na borda do Entágua, e ali encontraram a outra trilha da qual Éomer tinha falado, descendo do leste e saindo do Descampado.

Aragorn desmontou e examinou o solo; depois, montando de novo, avançou um pouco em direção ao leste, mantendo-se ao lado da trilha e tentando fazer com que o cavalo não repisasse as pegadas. Depois desceu do cavalo outra vez e examinou o solo, andando para frente e para trás.

— Há pouco a descobrir — disse ele quando retornou. — A trilha principal está toda confundida com a passagem dos cavaleiros quando voltaram; seu caminho externo deve ter sido feito mais próximo ao rio. Mas esta trilha que vai para o leste é nova e visível.

Não há sinais aqui de pés indo em sentido contrário, de volta para o Anduin.

Agora devemos ir mais devagar, para ter certeza de que nenhum vestígio ou pegada se ramifica para qualquer um dos lados, A partir deste ponto, os orcs deviam estar conscientes de que estavam sendo perseguidos; podem ter feito alguma tentativa de levar os prisioneiros para outro lugar antes de serem alcançados.

Conforme avançavam, o dia ia ficando nebuloso. Nuvens baixas e cinzentas desceram sobre o Descampado. A névoa cobriu o sol. As encostas cobertas de árvores de Fangorn assomavam cada vez mais próximas, escurecendo lentamente enquanto o sol ia para o oeste. Os companheiros não viram qualquer sinal de pegadas indo para a direita ou para a esquerda, mas aqui e ali passavam por alguns orcs que haviam caído sobre a trilha quando corriam, com flechas de plumas cinzentas espetadas nas costas ou na garganta.

Finalmente, quando a tarde morria, chegaram às fronteiras da floresta, e numa clareira aberta em meio às primeiras árvores encontraram o local da grande fogueira: as cinzas ainda estavam quentes e fumegantes. Ao lado havia uma grande pilha de elmos e malhas metálicas, escudos partidos e espadas quebradas, arcos e dardos e outros equipamentos de guerra. Sobre uma estaca, bem no meio, estava colocada uma grande cabeça de orc; sobre o elmo despedaçado ainda se podia ver a insígnia branca.

Mais adiante, não muito longe do rio, no ponto onde ele saía da borda da floresta, havia um túmulo. Tinha sido erguido recentemente: a terra removida fora coberta de turfa recém-cortada: em torno estavam fincadas quinze lanças.

Aragorn e seus companheiros procuraram por todos os cantos do campo de batalha, mas a luz foi diminuindo e a noite logo chegou, apagada e cheia de névoa. Até o cair da noite, não tinham descoberto nenhum sinal de Merry ou de Pippin.

— Não podemos fazer mais nada — disse Gimli com tristeza. — Fomos submetidos a muitos enigmas desde que chegamos ao Tol Brandir, mas este é o mais difícil de se decifrar. Eu suporia que os ossos queimados dos hobbits estão agora misturados aos dos orcs. Será uma notícia dura para Frodo, se ele viver para recebê-la, e dura também para o velho hobbit que espera em Valfenda. Elrond era contra a vinda deles.

— Mas Gandalf não era — disse Legolas.

— Mas Gandalf escolheu vir, e foi o primeiro a se perder — respondeu Gimli. — Sua previsão falhou.

— O conselho de Gandalf não se baseava em previsões sobre segurança, nem para ele nem para os outros — disse Aragorn. — Algumas coisas é melhor começar do que

recusar, mesmo que o fim possa ser escuro. Mas não vou partir deste lugar ainda. De qualquer modo, devemos esperar pela luz do dia.

Um pouco além do campo de batalha montaram acampamento sob uma grande árvore: parecia uma castanheira, e apesar disso ainda tinha muitas folhas amarronzadas de anos anteriores, como mãos secas com dedos longos e oblíquos que se batiam tristemente na brisa da noite.

Gimli tremeu. Tinham trazido apenas um cobertor para cada um.

— Vamos acender uma fogueira — disse ele. — Não me preocupo mais com o perigo. Que os orcs venham como um bando de mariposas em volta de uma lamparina no verão!

— Se esses hobbits infelizes estão perdidos na floresta, o fogo poderia trazê-los para cá — disse Legolas.

— E poderia também trazer outras coisas, nem orcs nem hobbits — disse Aragorn. — Estamos perto das fronteiras das montanhas do traidor Saruman. Também estamos bem no limite de Fangorn, e é perigoso tocar as árvores dessa floresta, pelo que se comenta.

— Mas os rohirrim fizeram uma grande fogueira aqui ontem — disse Gimli — e derrubaram árvores para fazer o fogo, como se pode ver. Apesar disso, passaram a noite em segurança, após terminado o trabalho.

— Eles eram muitos — disse Aragorn —, e não deram atenção à ira de Fangorn, pois raramente chegam até aqui, e não andam sob as árvores. Mas nossas trilhas provavelmente vão nos conduzir exatamente para o coração da própria floresta. Por isso, tenham cuidado! Não cortem nenhuma madeira viva!

— Não é preciso — disse Gimli. — Os Cavaleiros deixaram galhos e tocos em quantidade suficiente, e há muita madeira morta. — Saiu para recolher lenha, e se ocupou em preparar e acender uma fogueira; mas Aragorn ficou sentado em silêncio, recostado à grande árvore, mergulhado em pensamentos. Legolas ficou parado sozinho no espaço aberto, olhando na direção da profunda sombra da floresta, inclinando-se para a frente, como alguém que tenta escutar vozes chamando de um lugar distante.

Quando o anão conseguiu manter uma pequena chama ardente, os três companheiros se aproximaram da fogueira e sentaram-se próximos, escondendo a luz com suas formas encapuzadas. Legolas levantou os olhos para os ramos da árvore que se estendiam acima deles.

— Olhem! — disse ele. — A árvore está feliz com o fogo!

Pode ser que as sombras dançantes tivessem enganado os olhos dos três, mas a todos eles pareceu que os galhos estavam se inclinando para um lado e para o outro, a fim de se aproximar das chamas, enquanto os ramos mais altos pareciam estar se abaixando; as folhas castanhas se sobressaíam rígidas, e se esfregavam umas às outras como muitas mãos frias e rachadas se reconfortando no calor.

Fez-se silêncio, pois de repente a floresta escura e desconhecida, tão Próxima, fez-se sentir como uma grande presença pairando no ar, cheia de propósitos secretos.

Depois de um tempo, Legolas falou outra vez.

— Celeborn nos avisou para não avançarmos muito no interior de Fangorn — disse ele. — Você sabe a razão disso, Aragorn? Quais são as fábulas sobre a floresta que Boromir ouviu?

— Ouvi muitas histórias em Gondor e em outros lugares — disse Aragorn mas se não fosse pelas palavras de Celeborn eu as consideraria apenas como fábulas que os homens criam quando desaparece o verdadeiro conhecimento. Pensei em perguntar a você o que havia de verdade nesse assunto. E, se um elfo da Floresta não sabe, como pode um homem responder?

— Você viajou a lugares mais distantes que eu — disse Legolas. — Nunca ouvi nada sobre isso em minha própria terra, a não ser as canções que contam como os orodrim, que os homens chamam de ents, moraram aqui há muito tempo; Fangorn é antiga, mesmo para os cômputos dos elfos.

— Sim, é antiga — disse Aragorn. — Antiga como a floresta ao lado das Colinas dos Túmulos, e é muito maior. Elrond diz que as duas são aparentadas, as últimas fortalezas das poderosas florestas dos Dias Antigos, nas quais os Primogênitos perambulavam quando os homens ainda dormiam. Mas Fangorn guarda um segredo próprio. E não sei qual é.

— E eu não quero saber — disse Gimli. — Que nada que vive em Fangorn se incomode por minha causa!

Tinham feito um sorteio para ver quem ia fazer a guarda, e o primeiro turno caiu para Gimli. Os outros se deitaram. Quase imediatamente, o sono lhes sobreveio.

— Gimli! — disse Aragorn sonolento. — Lembre-se, é perigoso cortar galhos ou ramos de uma árvore viva em Fangorn. Mas não se afaste muito à procura de madeira morta. Antes deixe que a fogueira se apague. Chame-me se precisar! — Com isso adormeceu.

Legolas já estava deitado sem se mexer, as belas mãos cruzadas sobre o peito, os olhos abertos misturando a noite de vigília a um sono profundo, como fazem os elfos. Gimli se sentou arqueado perto do fogo, passando o polegar ao longo da lâmina de seu machado, pensativamente. A árvore farfalhou. Não havia qualquer outro som.

De repente Gimli levantou os olhos e ali, bem no limiar da luz do fogo, estava um velho curvado, apoiando-se num cajado, coberto por uma grande capa; o chapéu de abas largas cobria-lhe os olhos. Gimli pulou de pé, surpreso demais naquele momento para gritar, embora imediatamente tivesse vindo à sua mente o pensamento de que Saruman os havia pego. Aragorn e Legolas, acordados por seu movimento brusco, sentaram-se e olharam. O velho não falou nem fez qualquer sinal.

— Meu velho, que podemos fazer pelo senhor? — perguntou Aragorn, saltando de pé.

— Venha e se aqueça, se estiver com frio! — Avançou alguns passos, mas o velho havia desaparecido. Não se via qualquer vestígio dele nas proximidades, e eles não ousaram procurar mais além. A lua havia-se posto, e a noite estava muito escura.

De repente, Legolas deu um grito.

— Os cavalos! Os cavalos!

Os cavalos tinham-se ido. Tinham arrastado as estacas e desaparecido. Por algum tempo, os três companheiros ficaram parados e em silêncio, preocupados com aquele novo golpe de má sorte. Estavam sob as fronteiras de Fangorn, e léguas intermináveis os separavam dos homens de Rohan, seus únicos amigos naquela terra ampla e perigosa.

Parados ali, tiveram a impressão de ouvir, bem distante na noite, o som de cavalos relinchando e relinchando. Depois tudo ficou quieto outra vez, a não ser pelo farfalhar frio do vento.

— Bem, eles se foram — disse Aragorn finalmente. — Não podemos encontrá-los ou capturá-los, de modo que, se não retornarem pela própria vontade, vamos ter de nos arranjar sem eles. Partimos com nossos próprios pés, que ainda temos.

— Pés! — disse Gimli. — Mas não podemos comê-los e ao mesmo tempo andar com eles. — Jogou um pouco de lenha na fogueira e caiu ao lado dela.

— Apenas algumas horas atrás, você não estava disposto a montar um Cavalo de Rohan — riu Legolas. — Agora já é um cavaleiro.

— Se querem saber o que eu penso — começou ele depois de uma pausa. — Acho que foi Saruman. Quem mais poderia ser? Lembrem-se das palavras de Éomer: ele anda

por aí como um velho de capuz e capa. Foram essas as palavras que usou. Foi embora com nossos cavalos, ou os afugentou, e aqui estamos nós. Teremos mais problemas, prestem atenção ao que digo!

— Estou prestando atenção — disse Aragorn. — Mas prestei atenção também ao fato de que este velho estava usando um chapéu, e não um capuz. Mas mesmo assim não duvido que sua suposição esteja correta, e que estamos correndo perigo aqui, de noite ou de dia. Apesar disso, por enquanto não há nada que possamos fazer a não ser descansar.

Vou vigiar um pouco agora, Gimli. Tenho mais necessidade de pensar do que de dormir.

A noite passou devagar. Legolas rendeu Aragorn, e Gimli rendeu Legolas, e a guarda de cada um deles se acabou. Mas nada aconteceu. O velho não apareceu de novo, e os cavalos não retornaram.

CAPÍTULO III
OS URUK-HAI

Pippin estava tendo um sonho sombrio e turbulento: tinha a impressão de escutar sua própria voz pequena ecoando em túneis negros, chamando Frodo! Frodo! Mas em vez de Frodo centenas de caras horrendas de orcs riam para ele de dentro das sombras, centenas de braços horrendos o agarravam por todos os lados. Onde estava Merry?

Acordou. Um ar frio bateu em seu rosto. Estava deitado de costas. A noite chegava, e o céu estava se apagando. Virou-se e percebeu que o sonho era pouco pior que a realidade. Tinha os pulsos, pernas e tornozelos amarrados por cordas.

Merry estava deitado ao lado, com o rosto lívido e um farrapo sujo cobrindo-lhe a fronte.

Por todos os lados em volta deles, uns sentados e outros de pé, estava um grande grupo de orcs.

Lentamente, na cabeça dolorida de Pippin, a memória foi juntando os pedaços e se separando das sombras dos sonhos. Estava claro: ele e Merry tinham fugido para a floresta. O que tinha dado neles? Por que tinham saído correndo daquele modo, nem dando atenção ao velho Passolargo? Tinham corrido um bom pedaço, gritando — ele não podia se lembrar da distância ou por quanto tempo; então, de repente, tinham dado de cara com um grupo de orcs: estavam parados escutando, e pareciam não ter visto Merry e Pippin até que eles estivessem quase em seus braços. Então gritaram e dúzias de outros orcs pularam das árvores. Merry e ele puxaram as espadas, mas os orcs não queriam lutar, e só tentaram prendê-los, mesmo depois de Merry ter decepado várias mãos e vários braços.

Então Boromir tinha chegado, saltando através das árvores. Tinha-os feito lutar.

Matou muitos deles e o resto fugiu. Mas os três não tinham avançado muito no caminho de volta quando foram atacados de novo, por Pelo menos uma centena de orcs, alguns deles muito grandes, que atiraram uma chuva de flechas: sempre em Boromir. Boromir tocou sua cometa até que a floresta reverberou, e a princípio os orcs ficaram amedrontados e recuaram; mas quando não veio nenhuma resposta a não ser o eco eles atacaram com mais ferocidade que nunca. Pippin não lembrava muito mais.

Sua última lembrança era a de Boromir se apoiando numa árvore, arrancando de seu corpo uma flecha; depois disso, a escuridão caiu de repente.

— Acho que me bateram na cabeça — disse ele consigo mesmo. — Pergunto-me se o pobre Merry não está muito ferido. Que aconteceu com Boromir? Por que os orcs não nos mataram? Onde estamos e para onde vamos?

Não conseguia responder as perguntas. Sentia-se doente e com frio.

"Gostaria que Gandalf não tivesse persuadido Elrond a permitir que viéssemos", pensou ele. "Que fiz de bom? Nada: fui só um peso morto, um passageiro, uma peça de bagagem. E agora fui raptado e sou uma peça de bagagem para os orcs.

Espero que Passolargo ou alguém venha nos reclamar! Mas será que devo alimentar essa esperança? Isso não estragaria todos os planos? Gostaria de poder me libertar!" Tentou por uns momentos, mas foi totalmente inútil. Um dos orcs que estava sentado ali perto riu e disse alguma coisa a um companheiro na sua língua abominável.

— Descanse enquanto puder, pequeno tolo! — disse ele então a Pippin, na Língua Geral, que na sua boca parecia tão horrenda quanto a própria língua deles. — Descanse enquanto puder! Vamos achar uma utilidade para suas pernas logo, logo.

Vai desejar não ter nenhuma antes de chegarmos em casa.

— Se pudesse escolher, gostaria que vocês estivessem mortos agora disse o outro. — Faria você guinchar, seu rato miserável! — Abaixou-se sobre Pippin, aproximando suas presas amarelas do rosto dele. Tinha na mão uma faca preta com uma lâmina denteada. — Fique quieto, ou vou fazer cócegas em você com isto — disse ele num chiado.

— Não atraia atenção sobre você, ou poderei esquecer minhas ordens. Malditos sejam os isengardenses! Uglúk u bagronk sha pushdug Saruman-glob búbhosh skai. — Passou a um discurso na própria língua que lentamente foi se transformando em resmungos e rosnados.

Apavorado, Pippin ficou imóvel, embora sentisse a dor aumentar nos pulsos e tornozelos, e as pedras sobre as quais estava deitado lhe perfurassem as costas. Para tirar o pensamento de si próprio, escutava atentamente tudo o que conseguia ouvir. Havia muitas vozes ao redor, e embora a língua dos orcs soasse sempre cheia de ódio e raiva parecia que alguma coisa semelhante a uma discussão tinha começado, e estava ficando mais acirrada.

Para a sua própria surpresa, percebeu que grande parte da conversa era inteligível; muitos orcs estavam usando uma linguagem comum.

Aparentemente, membros de duas ou três tribos completamente diferentes estavam presentes, e não podiam entender a língua uns dos outros. Houve uma discussão acalorada sobre o que deveriam fazer: que caminho deviam tomar e o que devia ser feito com os prisioneiros.

— Não há tempo para matá-los adequadamente — disse um. — Não há tempo para diversão nesta viagem.

— Isso não se pode evitar — disse um outro. — Mas por que não matá-los rápido, matá-los agora? São um incômodo desgraçado, e estamos compressa.

A noite está chegando, e devemos nos mexer e ir adiante.

— Ordens — disse uma terceira voz num rosnado grave. — Matem todos, mas NÃO os Pequenos; eles devem ser trazidos VIVOS o mais rápido possível. Isso é as minhas ordens.

— Por que os querem? — perguntaram muitas vozes. — Por que vivos? Eles dão bom divertimento?

— Não! Ouvi dizer que um deles tem uma coisa, uma coisa que é necessária para a Guerra, algum truque élfico ou outra coisa. De qualquer forma, os dois serão interrogados.

— É tudo o que você sabe? Por que não os revistamos para descobrir? Podíamos achar alguma coisa que nós mesmos poderíamos usar.

— Essa é uma observação muito interessante — zombou uma voz, mais suave e mais maligna que as outras. — Talvez eu tenha de reportar isso. NINGUÉM deve revistar ou roubar os prisioneiros: essas são as minhas ordens.

— E minhas também — disse a voz grave. — Vivos e como foram capturados; sem roubo. Isso é minhas ordens.

— Não nossas ordens — disse uma das vozes anteriores. — Fizemos todos o caminho desde as Minas para matar e vingar nosso povo. Quero matar, e depois voltar para o norte.

— Então vai ficar querendo — disse a voz rosnante. — Sou Uglúk. Eu dou as ordens.

Volto para Isengard pelo caminho mais curto.

— Quem é o patrão: Saruman ou o Grande Olho? — disse a voz maligna. — Temos de voltar imediatamente para Lugbúrz.

— Se conseguíssemos atravessar o Grande Rio, poder íamos fazer isso — disse outra voz. — Mas não há um número suficiente de nós que se aventure pelo caminho das pontes.

— Eu a atravessei — disse a voz maligna. — Um Nazgúl alado espera por nós na margem leste, ao norte.

— Talvez, talvez! Daí você vai fugir voando com nossos prisioneiros e ficar com toda a recompensa e os elogios em Lugbúrz, e deixar que nós voltemos a pé como pudermos através da Terra dos Cavalos. Não, vamos ficar juntos. Estas terras são perigosas: cheias de rebeldes e bandidos.

— É, devemos ficar juntos — rosnou Uglúk. — Não confio em você, pequeno suíno.

Você manda em seu próprio chiqueiro. Se não fosse a gente, todos vocês teriam fugido.

Nós somos Uruk-hai guerreiros! Matamos o grande guerreiro. Trouxemos os prisioneiros.

Somos servidores de Saruman, o Sábio, a Mão Branca: a Mão que nos dá carne humana para comer. Viemos de Isengard, e os trouxemos aqui, e vamos levá-los de volta pelo caminho que escolhermos. Sou Uglúk. Eu falei.

— Você falou mais que o suficiente, Uglúk — zombou a voz maligna. Fico pensando se gostariam disso em Lugbúrz. Eles poderiam pensar que os ombros de Uglúk precisam ser aliviados do peso de uma cabeça inchada.

Poderiam perguntar de onde vieram suas estranhas idéias. Vieram de Saruman, talvez? Quem ele pensa que é, dando as ordens sozinho com suas nojentas insígnias brancas?

Talvez eles concordem comigo, com Grishnákh , o mensageiro em quem confiam; e eu, Grishnákh, digo isto: Saruman é um idiota, e um idiota sujo e traiçoeiro. Mas o Grande Olho está sobre ele.

— Suíno, é? O que vocês acham, pessoal, de serem chamados de suínos pelos dedos-duros de um maguinho sujo? Garanto que eles comem carne de orc.

Como resposta vieram muitos berros na língua dos orcs e o eco do tinido das armas sendo sacadas. Cuidadosamente, Pippin virou-se no chão, tentando ver o que iria acontecer. Seus guardas tinham ido se juntar aos outros na briga. No crepúsculo, Pippin viu um orc negro e grande, provavelmente Uglúk, em pé e encarando Grishnákh, uma criatura de pernas curtas e tortas, muito entroncada e com longos braços que chegavam quase até o chão. Em volta deles estavam muitos outros orcs menores. Pippin imaginou

que estes eram os do norte. Estavam empunhando facas e espadas, mas hesitavam em atacar Uglúk.

Uglúk gritou, e muitos orcs que tinham quase o tamanho dele correram na direção onde estava. Então, de repente, sem avisar, Uglúk saltou à frente, e com dois golpes rápidos decepou as cabeças de dois adversários. Grishnákh pulou de lado e desapareceu dentro das sombras. Os outros recuaram, e um deles, dando um passo para trás, caiu sobre a figura prostrada de Merry soltando um palavrão. Mas provavelmente isso salvou a vida do hobbit, pois os seguidores de Uglúk saltaram sobre ele e mataram um outro com suas espadas de lâminas largas. Era o guarda de presas amarelas. Seu corpo caiu bem em cima de Pippin, ainda segurando sua longa faca serrilhada.

— Levantem suas armas! — gritou Uglúk. — E vamos deixar de besteira! Vamos para o oeste direto daqui, e vamos descer a escada. Dali, direto para as colinas, depois ao longo do rio até a floresta. E marchar dia e noite. Está claro? "Agora", pensou Pippin, "se demorar um pouco até esse camarada horroroso conseguir controlar sua tropa, eu terei uma chance." Teve um laivo de esperança. A lâmina da faca negra tinha cortado seu braço, e depois deslizado até o pulso.

Sentiu que o sangue lhe escorria até a mão, mas também sentiu o toque frio do aço contra a pele.

Os orcs estavam se aprontando para marchar outra vez, mas alguns do norte ainda estavam relutando, e os isengardenses mataram mais dois antes que o resto fosse dominado.

Havia grande confusão e xingamento. Naquele momento, ninguém vigiava Pippin, que tinha as pernas bem presas, mas os braços amarrados só pelos pulsos, com as mãos à frente do corpo. Conseguia mexer as duas juntas, embora as cordas estivessem muito apertadas.

Empurrou o orc morto para um lado e depois, mal ousando respirar, movimentou o nó da corda que prendia o pulso contra a lâmina da faca. Era afiada e a mão morta ainda a segurava com firmeza. A corda foi cortada! Rapidamente, Pippin a tomou nos dedos e atou-a como uma pulseira larga de duas voltas, e passou-a sobre as mãos outra vez.

Depois ficou deitado e bem quieto.

— Peguem os prisioneiros! — gritou Uglúk. — Não brinquem com eles! Se não estiverem vivos quando voltarmos, alguém mais vai ter de morrer também.

Um orc agarrou Pippin como um saco, pôs sua cabeça entre as mãos amarradas do hobbit, segurou-lhe os braços puxando-os para baixo, até que o rosto de Pippin ficasse contra seu pescoço; depois saiu levando-o consigo. Um outro deu o mesmo tratamento a Merry. A mão em garra do orc prendeu como ferro o braço de Pippin; as unhas entraram-lhe na carne. Ele fechou os olhos e voltou aos seus sonhos terríveis.

De repente, foi jogado novamente ao chão. A noite estava começando, mas a lua fina já descia em direção ao oeste. Estavam na beira de um penhasco que parecia se debruçar sobre um mar de névoa pálida. Havia um som de água caindo ali perto.

Os batedores finalmente chegaram — disse um orc que estava próximo. Bem, o que vocês descobriram? — rosnou a voz de Uglúk.

Apenas um único cavaleiro, e ele foi para o oeste. Tudo está claro agora.

Agora, talvez. Mas por quanto tempo? Seus idiotas! Deviam ter atirado nele. Ele vai dar o alarme. Os malditos criadores de cavalos vão ouvir falar de nós pela manhã.

Agora vamos ter de redobrar a velocidade da marcha.

Uma sombra se curvou sobre Pippin. Era Uglúk. — Sente-se — disse o orc. — Meus rapazes estão cansados de carregar vocês. Precisamos descer, e vocês vão ter de usar as próprias pernas. Sejam bonzinhos agora. Não gritem, nem tentem escapar. Temos

modos de recompensar trapaças que vocês vão detestar, embora também não estraguem a utilidade que possam ter para o Mestre.

Cortou os nós das pernas e tornozelos de Pippin, ergueu-o pelos cabelos e colocou-o de pé. Pippin caiu, e Uglúk o levantou pelos cabelos outra vez.

Vários orcs riram.

Uglúk abriu um cantil com os dentes e derramou um Pouco de líquido ardente na garganta de Pippin: ele sentiu uma quentura forte fluir-lhe pelo corpo. A dor de suas pernas e tornozelos desapareceu. Conseguiu ficar de pé.

— Agora, para o outro — disse Uglúk. Pippin o viu ir até Merry, que estava deitado ali perto, e chutá-lo. Merry resmungou. Agarrando-o de forma rude, Uglúk o colocou sentado e rasgou a banda que lhe envolvia a cabeça.

Então esfregou o ferimento com alguma coisa escura que retirou de uma caixa de madeira.

Merry gritou e se debateu alucinado. Os orcs bateram palmas e vaiaram. — Não consegue tomar o remédio — caçoaram eles. — Não sabe o que é bom para ele. Ai! Vamos nos divertir mais tarde.

Mas naquele momento Uglúk não estava para brincadeiras. Precisava se apressar e tinha de reanimar seguidores indispostos. Estava curando Merry à maneira dos orcs, e seu tratamento deu resultado rápido. Depois forçou o hobbit a beber o líquido do cantil e cortou as amarras de suas pernas, colocando-o de pé; Merry conseguiu se sustentar, com uma aparência pálida mas severa e desafiadora, e muito viva. O corte em sua testa não o incomodava mais, mas ele ficou com uma cicatriz escura para o resto da vida.

— Alô, Pippin! — disse ele. — Então você também veio nesta pequena expedição?

Onde conseguimos cama e comida?

— Agora! — disse Uglúk. — Nada disso! Segurem suas línguas. Nada de conversas.

Qualquer problema será reportado na chegada, e Ele saber á como recompensá-los. Vocês vão ter cama e comida sim: muito mais do que puderem agüentar.

O bando de orcs começou a descer uma pequena garganta que conduzia à planície cheia de névoa. Merry e Pippin, separados por uma dúzia ou mais de orcs, desceram com eles. Na planície, seus pés tocaram o capim, e os corações dos hobbits ficaram mais leves.

— Agora, sempre em frente! — gritou Uglúk. — Para o oeste e um pouco ao norte. Sigam Lugdúsh.

— Mas o que vamos fazer quando o dia chegar? — perguntaram alguns dos orcs do norte.

— Continuar correndo — disse Uglúk. — Que estão pensando? Que vamos sentar no chão e esperar que os Peles-Brancas se juntem ao piquenique?

— Mas não podemos correr à luz do sol.

— Vocês vão correr porque eu vou atrás de vocês — disse Uglúk. — Corram! Ou nunca mais verão suas adoradas tocas. Pela Mão Branca! Que adianta trazer esses vermes das montanhas numa viagem, sem um treinamento completo? Corram, seus malditos. Corram enquanto a noite durar!

O grupo todo começou a correr no trote largo dos orcs. Não iam em ordem, entrechocando-se, dando empurrões e xingando; apesar disso, avançavam com grande velocidade.

Cada hobbit tinha uma guarda de três orcs. Pippin estava no fim da fila.

Perguntava-se por quanto tempo agüentaria ir naquele passo: não tinha comido nada desde a manhã. Um de seus guardas tinha um chicote. Mas no momento a bebida dos orcs ainda agia sobre ele. Sua percepção também estava bem acordada.

De quando em quando vinha-lhe à mente, sem ser invocada, uma visão do rosto arguto de Passolargo se curvando sobre uma trilha escura, e correndo, correndo atrás.

Mas o que poderia alguém ver, mesmo que fosse um guardião, além de uma trilha confusa de pés de orcs? Suas próprias pegadas e as de Merry estavam sendo cobertas pelo pisotear dos sapatos com cravos dos orcs, à frente, atrás, e em toda a volta deles.

Tinham avançado uma milha ou um pouco mais desde o desfiladeiro quando o terreno começou a descer numa depressão larga e rasa, onde o solo era macio e molhado.

Havia névoa ali, reluzindo pálida aos últimos raios da lua em forma de foice.

As figuras escuras dos orcs ficaram apagadas, e eles foram engolidos pela névoa.

— Ei! Calma agora! — gritou Uglúk de trás.

Um pensamento súbito veio à mente de Pippin, e ele o pôs em prática imediatamente. Afastou-se para o lado, e mergulhou para longe do alcance dos guardas, para dentro da névoa; caiu estatelado no capim.

— Parem! — gritou Uglúk.

Por um momento, houve tumulto e confusão. Pippin saltou de pé e correu.

Mas os orcs foram atrás. Alguns apareceram de repente bem diante dele. "Sem esperanças de escapar!", pensou Pippin. "Mas existe uma esperança de que eu possa ter deixado algumas de minhas próprias pegadas no chão molhado, e de que elas não sejam desmanchadas." Levou as duas mãos amarradas à garganta e soltou o broche de sua capa.

No momento em que braços longos e garras fortes o pegaram, deixou o broche cair no chão. "Acho que vai ficar ali até o fim dos tempos", pensou ele. "Não sei por que fiz isso.

Se os outros escaparam, devem ter ido com Frodo."

Um chicote se enrolou em suas pernas e ele sufocou um grito.

— Basta! — gritou Uglúk, correndo na direção deles. — Ele ainda tem um longo caminho a percorrer. Obriguem os dois a correr. Usem os chicotes apenas como lembrete.

— Mas não é só isso — rosnou ele, voltando-se para Pippin. — Não vou esquecer. A recompensa foi apenas adiada. Corram!

Nem Pippim nem Merry se lembraram da parte posterior da viagem. Sonhos maus e despertares piores se misturaram num longo túnel de miséria, com a esperança sempre diminuindo e ficando para trás. Correram e correram, esforçando-se para manter o passo com os orcs, lambidos de quando em quando por um chicote habilmente manuseado.

Se paravam ou tropeçavam, eram agarrados e arrastados por algum espaço.

A quentura da bebida dos orcs tinha-se acabado. Pippin se sentia doente e com frio outra vez. De repente, caiu de cara no chão. Mãos fortes com unhas cortantes o ergueram.

Foi de novo carregado como um saco, e a escuridão cresceu à sua volta: se era outra noite ou uma cegueira nos olhos, ele não poderia dizer.

Lentamente, tomou consciência de vozes clamando. Parecia que muitos orcs estavam pedindo uma parada. Uglúk gritava. Sentiu-se sendo jogado ao chão, e ali ficou como caiu, até que sonhos negros tomassem conta dele. Mas não escapou da dor por muito tempo; logo a pinça de ferro de mãos impiedosas estava sobre ele outra vez. Por um tempo foi sacudido e jogado, até que lentamente a escuridão cedeu, e ele acordou outra vez, percebendo que era de manhã. Houve gritos de ordens e ele foi jogado rudemente no capim.

Ali ficou por um tempo, lutando contra o desespero. A cabeça rodava, mas pela quentura do corpo percebeu que lhe tinham dado mais um gole. Um orc se abaixou sobre ele, e jogou-lhe um pouco de pão e uma tira crua de carne-seca. Pippin comeu o pão velho e cinzento com avidez, mas não a carne. Estava esfomeado, mas não esfomeado a ponto de comer carne que lhe tinha sido jogada por um orc, a carne de uma criatura que ele não ousava adivinhar qual seria.

Sentou-se e olhou ao redor. Merry não estava longe. Estavam às margens de um rio veloz e estreito. À frente assomavam montanhas: um pico alto capturava os primeiros raios do sol. Uma mancha escura da floresta se deitava nas encostas mais baixas diante deles.

Ouvia-se grande gritaria e discussão entre os orcs; parecia que uma briga estava a ponto de começar outra vez entre os do norte e os de Isengard.

Alguns apontavam para trás na direção sul, e outros apontavam para o oeste.

— Muito bem — disse Uglúk. — Deixem-nos comigo, então! Nada de matar, como eu já lhes disse antes; mas se querem jogar fora o que viajamos tanto para conseguir, então joguem fora. Vou tomar conta disso. Que os Uruk hai guerreiros façam o trabalho, como sempre. Se estão com medo dos Peles Brancas, corram! Corram! Ali está a floresta — gritou ele, apontando para frente. — Entrem nela! É a melhor esperança que têm. Podem ir! E rápido, antes que eu corte mais algumas cabeças, para botar algum juízo nas outras.

Houve algum xingamento e tumulto, e depois a maioria dos orcs do norte se separaram e se distanciaram, mais de uma centena deles, correndo alucinadamente ao longo do rio em direção às montanhas. Os hobbits foram deixados com os isengardenses: um bando de orcs horríveis e escuros, pelo menos oitenta deles: grandes, de pele escura e olhos oblíquos, com grandes arcos e espadas largas de lâminas curtas. Alguns dos orcs do norte maiores e mais fortes permaneceram com eles.

— Agora vamos cuidar de Grishnákh — disse Uglúk, mas alguns elementos de seu próprio bando estavam olhando inquietos para o sul.

— Eu sei — rosnou Uglúk. — Os malditos cavaleiros perceberam o nosso rastro. Mas isso é culpa sua, Snaga. Você e os outros batedores deveriam ter as orelhas arrancadas. Mas nós somos os guerreiros. Vamos nos banquetear com carne de cavalo, ou coisa melhor.

Naquele momento, Pippin viu por que alguns da tropa tinham apontado para o leste. Daquela direção chegavam agora gritos roucos, e ali estava Grishnákh outra vez, e atrás dele uns vinte outros como ele: orcs de braços longos e pernas tortas. Uglúk avançou para encontrá-los.

— Então vocês voltaram? — disse ele. — Pensaram melhor, hein?

— Voltei para me certificar de que as ordens estão sendo cumpridas e os prisioneiros estão a salvo — respondeu Grishnákh.

— É mesmo? — disse Uglúk. — Esforço desperdiçado. Eu vou cuidar para que as ordens sejam cumpridas sob meu comando. E por que mais voltaram? Vocês foram correndo. Deixaram para trás alguma coisa?

— Deixei um idiota — rosnou Grishnákh. — Mas havia alguns camaradas fortes com ele que são bons demais para se perder. Eu sabia que você os conduziria para uma bagunça. Vim ajudá-los.

— Esplêndido! — disse Uglúk rindo. — Mas a não ser que tenha fibra para lutar você pegou o caminho errado. Lugbúrz: era nosso caminho. Os Peles Brancas estão chegando.

Que aconteceu com seu precioso Nazgúl? Teve outra de suas montarias abatida? Agora, se você o trouxesse junto, isso poderia ser útil — se esses Nazgúl são tudo o que fingem ser.

— Nazgúl, Nazgúl! — disse Grishnákh, tremendo e lambendo os lábios, como se a palavra tivesse um gosto ruim que ele saboreava com sofrimento.

— Você fala do que está muito além do alcance de seus sonhos sujos, Uglúk disse ele. — Nazgúl! Ah! Tudo o que fingem ser! Um dia você vai desejar não ter dito isso.

— Seu macaco! — rosnou ele com ferocidade. — Você precisa saber que eles são a menina-do-Grande-Olho. Mas o Nazgúl alado, por enquanto não, ainda não. Ele não permitirá que se mostrem do outro lado do Grande Rio. Não tão cedo. Eles são para a guerra — e outras finalidades.

— Parece que você sabe muito — disse Uglúk, — Mais do que lhe convém, eu acho.

Talvez aqueles que estão em Lugbúrz possam querer saber como, e por quê. Mas enquanto isso os Uruk-hai de Isengard podem fazer o serviço sujo, como sempre. Não fiquem aqui bajulando. Reúna a sua canalha! Os outros suínos estão correndo para dentro da floresta. É melhor segui-los. Você não retornaria vivo ao Grande Rio. Vamos andando! Agora! Vou estar bem atrás de você.

Os isengardenses pegaram Merry e Pippin de novo e os jogaram sobre as costas.

Depois a tropa partiu. Hora após hora eles correram, parando de vez em quando apenas para entregar os hobbits a carregadores descansados.

Talvez por serem mais rápidos e resistentes, ou então devido a algum plano de Grishnákh, os isengardenses gradualmente passaram pelos orcs de Mordor, e o pessoal de Grishnákh se fechou atrás deles. Logo já estavam levando vantagem sobre os do norte que iam à frente. A floresta começou a se aproximar.

Pippin estava escoriado e com cortes, a cabeça dolorida raspando na mandíbula nojenta e na orelha peluda do orc que o carregava.

Imediatamente à frente iam costas arcadas, e pernas grossas e fortes subiam e desciam, subiam e desciam, incansáveis, como se fossem feitas de fibra e força, marcando os segundos de um pesadelo interminável.

Durante a tarde, a tropa de Uglúk ultrapassou os orcs de Mordor. Eles estavam ficando fatigados com os raios brilhantes do sol, embora fosse apenas um sol de inverno reluzindo num céu frio e pálido; estavam com as cabeças curvadas e as línguas de fora.

— Vermes! — zombavam os isengardenses. — Vocês estão fritos. Os Peles Brancas vão capturá-los e comê-los. Eles estão chegando!

Um grito de Grishnákh demonstrou que isso não era uma simples brincadeira.

Cavaleiros, cavalgando muito rápido, tinham realmente sido vistos: ainda bem atrás, mas avançando mais depressa que os orcs, ganhando terreno como uma onda que avança sobre uma planície onde pessoas estão sendo tragadas pela areia movediça.

Os isengardenses começaram a correr num ritmo duas vezes maior, o que deixou Pippin atônito, parecia um arranque espetacular no final de uma corrida. Então ele viu que o sol afundava, caindo atrás das Montanhas Sombrias; as sombras cobriram toda a terra.

Os soldados de Mordor ergueram as cabeças e também começaram a aumentar a velocidade. A floresta era escura e densa. Já tinham ultrapassado algumas árvores externas. O terreno começava a subir, ficando cada vez mais íngreme; mas os orcs não pararam. Tanto Uglúk como Grishnákh gritavam, incitando-os a avançar num último esforço.

“Eles ainda vão conseguir. Vão escapar”, pensou Pippin. Então conseguiu virar o pescoço, a fim de olhar para trás por sobre os ombros com um olho. Viu que os cavaleiros no leste já estavam emparelhados com os orcs, galopando sobre a planície.

O sol que se punha dourava suas lanças e capacetes, e reluzia em seus cabelos claros e esvoaçantes. Estavam cercando os orcs, impedindo que se espalhassem, e conduzindo-os ao longo da linha do rio.

Queria muito saber que tipo de povo eram eles. Gostaria agora de ter aprendido mais em Valfenda, e examinado mais mapas e coisas; mas naqueles dias os planos para a jornada pareciam estar em mãos mais competentes, e ele jamais tinha considerado a

hipótese de se separar de Gandalf, ou de Passolargo, ou mesmo de Frodo. Tudo que podia lembrar de Rohan era que aquele cavalo de Gandalf, Scadufax, tinha vindo daquela terra.

Esse fato lhe trazia esperanças.

“Mas como vão saber que não somos orcs? —, pensou ele. “Não acho que tenham ouvido falar em hobbits por aqui. Acho que devo ficar feliz com a probabilidade de esses orcs animalescos serem destruídos, mas gostaria mais se fosse salvo.” As chances eram de que ele e Merry fossem mortos juntos com os que os capturaram, antes mesmo que os homens de Rohan tomassem conhecimento deles.

Alguns dos cavaleiros pareciam ser arqueiros., treinados para atirar de um cavalo em movimento. Cavalgando rápido para ficarem ao alcance, eles atiraram flechas nos orcs que estavam mais atrás, e vários caíram; então os cavaleiros saíram do alcance das flechas dos inimigos, que atiravam alucinadamente, não ousando parar.

Isso aconteceu várias vezes, e em uma ocasião as flechas caíram entre os isengardenses. Um deles, bem à frente de Pippin, tropeçou e não se levantou mais.

A noite caiu sem que os cavaleiros se aproximassem para a batalha. Muitos orcs tinham caído, mas com certeza uns duzentos ainda restavam. Na escuridão precoce os orcs encontraram um montículo. As bordas da floresta estavam muito próximas, provavelmente a menos de seiscentos metros de distância, mas eles não conseguiam avançar mais. Os cavaleiros tinham feito um círculo em volta deles. U m pequeno grupo desobedeceu a ordem de Uglúk, e continuou correndo para a floresta: só três retornaram.

— Bem, aqui estamos — zombou Grishnákh. — ótima liderança! Espero que o grande Uglúk nos tire do perigo outra vez.

— Ponha esses Pequenos no chão! — ordenou Uglúk, sem dar atenção a Grishnákh. — Você, Lugdúsh, pegue mais dois e fique vigiando! Eles não devem ser mortos, a não ser que os nojentos Peles-Brancas invadam nosso grupo. Entendeu? Enquanto eu estiver vivo, eu os quero. Mas eles não devem gritar e nem ser resgatados. Prenda as pernas deles!

A última parte da ordem foi cumprida impiedosamente. Mas Pippin viu que pela primeira vez estava perto de Merry. Os orcs estavam fazendo um enorme barulho, gritando e batendo as armas, e os hobbits conseguiram conversar aos sussurros por uns momentos.

— Não tenho multa esperança de sair dessa situação — disse Merry. Sinto-me quase morto. Não acho que conseguiria me arrastar para longe, mesmo que estivesse livre.

— Lembas! — sussurrou Pippin. — Lembas: eu tenho um pouco. Você tem? Não acho que nos tiraram outras coisas a não ser as espadas.

— Sim, eu tinha um pacote no bolso — respondeu Merry —, mas deve estar reduzido a migalhas. De qualquer forma, não consigo pôr a boca em meu bolso!

— Não vai ter de fazer isso. Eu... — Mas nesse mesmo momento um chute impiedoso avisou Pippin que o barulho tinha diminuído, e que os guardas estavam alerta.

A noite estava fria e quieta. Por toda a volta do pequeno monte onde os orcs estavam reunidos, pequenas fogueiras apareceram, num vermelho dourado naquela escuridão, um círculo completo delas. Estavam no raio de um tiro longo de flecha, mas os cavaleiros não se mostravam contra a luz, e os orcs desperdiçaram muitas flechas atirando nas fogueiras, até que Uglúk mandou que parassem. Os cavaleiros não faziam ruído algum. Mais tarde da noite, quando a lua saiu da névoa, eles podiam às vezes ser vistos, figuras sombrias que cintilavam uma vez ou outra na luz branca, conforme se moviam numa patrulha ininterrupta.

— Eles vão esperar o sol, malditos! — resmungou um dos guardas. — Por que não nos reunimos e atacamos? O que o velho Uglúk pensa que está fazendo? Gostaria de saber!

— Garanto que gostaria — rosnou Uglúk, chegando por trás. — Quer dizer que eu não penso nada, né? Malditos! Vocês são tão péssimos quanto a outra canalha: os vermes e macacos de Lugbúrz. Não adianta tentar atacar com eles. Só iriam gritar e fugir feito raios, e há mais cavaleiros que o suficiente para varrer nosso grupo da planície.

— Só há uma coisa que esses vermes conseguem fazer: eles enxergam no escuro como corujas. Mas esses Peles-Brancas têm uma visão noturna melhor que a maioria dos homens, por tudo que já ouvi dizer; e não se esqueça dos cavalos! Eles enxergam a brisa da noite, ou pelo menos é o que se diz. Apesar disso, há uma coisa que esses gentis companheiros não sabem: Mauhúr e seus rapazes estão na floresta, e devem aparecer a qualquer momento.

As palavras de Uglúk foram o bastante, aparentemente, para satisfazer os isengardenses, mas os outros orcs estavam desmotivados e rebeldes. Colocaram alguns vigias, mas a maioria deles se deitava no chão, descansando na escuridão agradável.

Ficou realmente muito escuro outra vez, pois a lua passou ao leste, sendo coberta por uma densa nuvem, e Pippin não conseguia ver nada a mais de um metro de distância. As fogueiras não traziam luz ao montículo. Entretanto, os cavaleiros não estavam satisfeitos simplesmente em esperar a aurora e deixar que os inimigos descansassem. Um grito repentino no lado leste do pequeno monte mostrou que alguma coisa estava errada.

Parecia que alguns homens tinham chegado mais perto e descido dos cavalos, arrastando-se até o acampamento e matando vários orcs, e depois tinham desaparecido outra vez.

Uglúk se atirou naquela direção para evitar uma debandada.

Pippin e Merry se sentaram. Os guardas, isengardenses, tinham ido com Uglúk.

Mas se os hobbits chegaram a pensar em fugir esse pensamento foi logo frustrado. Um braço comprido e peludo os pegou pelo pescoço e os trouxe para perto um do outro.

Perceberam vagamente a grande cabeça de Grishnákh e seu rosto odioso entre eles; o hálito nojento do orc batia-lhes nas bochechas. Começou a apalpá-los e tateá-los. Pippin tremeu quando os dedos duros e gelados desceram pelas suas costas.

— Bem, meus pequeninos! — disse Grishnákh num sussurro suave. Gostando do descanso? Ou não? Lugar um pouco inadequado, talvez: espadas e chicotes de um lado, e lanças incômodas do outro! Pessoas pequenas não deviam se meter em coisas grandes demais para elas. Os dedos continuavam procurando alguma coisa.

Havia uma luz semelhante a um fogo pálido, mas quente, em seus olhos.

O pensamento chegou de repente à mente de Pippin, como se capturado diretamente da idéia óbvia do próprio inimigo: "Grishnákh sabe do Anel! Está procurando, enquanto Uglúk está ocupado: provavelmente o quer para si mesmo." Um pavor frio tomou conta do coração de Pippin, mas ao mesmo tempo ele pensava em como poderia se utilizar do desejo de Grishnákh.

— Acho que não vai encontrá-lo desta maneira — sussurrou ele. — Não é fácil de se encontrar.

— Encontrá-lo? — disse Grishnákh: seus dedos pararam de se mover e agarraram o ombro de Pippin. — Encontrar o quê? De que está falando, pequenino?

Por um momento, Pippin ficou calado. Então, de repente, fez na escuridão um barulho com a garganta: gollum, gollum. — Nada, meu precioso acrescentou ele.

Os hobbits sentiram os dedos de Grishnákh se crispando. — Oh, oh! Chiou o orc baixinho. — É disso que ele está falando, é? Oh, oh! Muito, muito perigoso, meus pequeninos.

— Talvez — disse Merry, agora alerta e consciente da suposição de Pippin.

— Talvez: e não só para nós. Mas você sabe das suas coisas melhor que nós. Você o quer? E o que daria em troca?

— Se eu quero? Se eu quero? — disse Grishnákh, como se estivesse confuso; mas seus braços tremiam. — O que eu daria em troca? Que está querendo dizer?

— Queremos dizer — disse Pippin, escolhendo com cuidado as palavras — que não adianta ficar tateando no escuro. Poderíamos poupar tempo e problemas. Mas primeiro você tem de desamarrar nossas pernas, ou não faremos nada, e não diremos nada também.

— Meus queridos e ternos tolos — chiou Grishnákh —, tudo o que vocês têm e tudo o que sabem será tirado de vocês na hora certa: tudo! Vocês vão desejar ter mais coisas a dizer para satisfazer o Interrogador, ah, se vão: logo, logo. Não vamos apressar o interrogatório, de jeito nenhum! Por que acham que foram mantidos vivos? Meus pequenos companheiros, acreditem quando digo que não foi por gentileza: esse não é sequer um dos defeitos de Uglúk.

— Acho muito fácil acreditar — disse Merry. — Mas vocês ainda não levaram seus prisioneiros para casa. E não parece que vão levar a melhor nessa situação, aconteça o que acontecer. Se chegarmos a Isengard, não será o grande Grishnákh o beneficiado: Saruman vai tomar tudo o que puder encontrar. Se você quer alguma coisa para si mesmo, agora é o momento de fazermos um trato.

Grishnákh começou a ficar zangado. O nome de Saruman parecia enraivecê-lo particularmente. O tempo passava e o tumulto estava diminuindo.

Uglúk ou os isengardenses podiam voltar a qualquer momento. — Estão com ele — um de vocês dois? — rosnou ele.

— Gollum, gollum! — disse Pippin.

— Desamarre nossas pernas! — disse Merry.

Sentiram os braços do orc tremendo violentamente. — Malditos sejam, seus pequenos vermes nojentos! — disse ele num chiado. — Desamarrar suas pernas. Vou desamarrar cada fibra de seus corpos. Acham que não posso revistá-los até os ossos? Revistá-los! Vou cortar os dois em tiras bem fininhas. Não preciso da ajuda de suas pernas para levá-los para longe, e ter vocês inteiramente para mim!

De repente agarrou-os. A força dos braços compridos e ombros era aterradora.

Meteu-os um debaixo de cada braço, e os apertou com força ao corpo; uma mão grande e sufocante cobria-lhes a boca. Depois, de um salto, saiu correndo agachado. Ia depressa e sem barulho, até chegar à beira do pequeno monte.

Ali, escolhendo um espaço entre os guardas, passou como uma sombra maligna para dentro da noite, descendo a encosta e dirigindo-se para o oeste na direção do rio que vinha da floresta. Naquela direção havia um espaço amplo e aberto, com apenas uma fogueira.

Depois de andar uns doze metros, ele parou, espiando e escutando. Não se via nem se ouvia nada. Continuou se arrastando devagar, quase totalmente curvado. Então agachou-se e escutou outra vez. Depois levantou-se como se fosse arriscar uma corrida súbita. Nesse mesmo momento, a figura escura de um cavaleiro se ergueu bem diante dele. Um cavalo bufou e empinou. Um homem gritou.

Grishnákh se jogou no chão, arrastando os hobbits debaixo dele; então puxou a espada. Sem dúvida, sua idéia era matar os prisioneiros, antes de deixá-los escapar para serem resgatados; mas foi aí que ele errou. A espada ressoou baixinho, e reluziu um pouco à luz da fogueira que estava adiante, à sua esquerda.

Uma flecha veio da escuridão assobiando: desferida com habilidade, ou guiada pela sorte, atingiu a mão direita do orc, que deixou cair a espada e gritou. Ouviu-se a

batida rápida de cascos, e no momento em que Grishnákh levantava e corria foi pisoteado e uma lança atravessou-lhe o corpo. Depois de um tremor e grito medonhos, caiu sobre o chão sem se mover mais.

Os hobbits continuaram deitados no solo, como Grishnákh os tinha deixado.

Outro cavaleiro veio depressa para ajudar seu companheiro. Fosse por alguma agudeza especial de visão, ou por algum outro sentido, o cavalo subiu e saltou sobre eles com leveza; mas o cavaleiro não os viu, pois estavam deitados e cobertos por suas capas élficas, arrasados e amedrontados demais naquele momento para se mexer.

Finalmente Merry se mexeu e sussurrou baixinho: — Até agora, tudo bem: mas como nós podemos evitar sermos espetados?

A resposta veio quase imediatamente. Os gritos de Grishnákh tinham despertado os orcs. Pelos gritos e guinchos vindos do montículo, os hobbits supuseram que seu desaparecimento fora descoberto: Uglúk provavelmente estava arrancando mais algumas cabeças. Então, de repente, vozes de orcs em gritos de resposta vieram da direita, de fora do círculo de fogueiras, da direção da floresta e das montanhas.

Aparentemente, Mauhúr tinha chegado e estava atacando os sitiadores. Ouviu-se o som de cavalos galopando. Os Cavaleiros estavam fechando o cerco em volta do pequeno monte, arriscando-se às flechas dos orcs de modo a prevenir qualquer outro ataque, enquanto um grupo se afastava para cuidar dos recém-chegados. De repente, Merry e Pippin perceberam que sem se mexer estavam agora fora do círculo: nada restava entre eles e a fuga.

— Agora — disse Merry —, se pelo menos nossos braços e pernas estivessem livres, poderíamos escapar. Mas não consigo tocar os nós, e não Posso mordê-los.

— Nem precisa tentar — disse Pippin. — Eu ia lhe dizer: consegui libertar as mãos. Só deixei essas cordas como encenação. É melhor você comer um pouco de lembas primeiro.

Tirou as cordas dos pulsos e pescou um pacote do bolso. Os bolos estavam partidos, mas em bom estado, ainda embrulhados nas folhas. Os hobbits comeram dois ou três pedaços cada um. O gosto lhes trouxe de volta a lembrança de belos rostos e de riso e de boa comida em dias tranqüilos agora distantes. Por uns momentos, comeram pensativamente, sentados no escuro : sem dar atenção aos gritos e sons da batalha ali perto. Pippin foi o primeiro a voltar ao presente.

— Precisamos fugir — disse ele. — Só um momentinho! — A espada de Grishnákh estava próxima, mas era pesada demais e desajeitada para que ele pudesse usá-la; então arrastou-se à frente, e encontrando o corpo do orc tirou da bainha uma faca longa e afiada.

Com ela cortou rapidamente as amarras.

— Agora vamos! — disse ele. — Quando estivermos um pouco aquecidos, talvez possamos ficar de pé outra vez, ou até caminhar. Mas de qualquer forma é melhor começarmos nos arrastando.

Arrastaram-se. A turfa era funda e mole, e isso os ajudou; mas parecia uma tarefa longa e demorada. Mantendo uma distância segura da fogueira, arrastaram-se como vermes, avançando pouco a pouco, até chegarem à beira do rio, que gorgolejava nas sombras sob suas margens altas. Então olharam para trás.

Os sons tinham sumido. Evidentemente, Mauhúr e seus “rapazes” tinham sido mortos ou derrotados. Os Cavaleiros tinham retornado à sua vigia silenciosa e agourenta.

Não duraria muito mais. A noite já estava bem avançada. No leste, que tinha permanecido sem nuvens, o céu começava a clarear.

— Devemos procurar um abrigo — disse Pippin —, ou seremos vistos. Não vai ser consolo para nós se alguns desses Cavaleiros descobrirem que não somos orcs depois que estivermos mortos. — Levantou-se e ficou de pé.

— Aquelas cordas me cortaram como arame, mas meus pés estão se aquecendo de novo. Eu conseguiria andar agora, com alguma dificuldade. E você, Merry?

Merry ficou de pé. — Sim — disse ele. — Eu consigo. Lembas realmente injeta coragem na gente! E também uma sensação mais agradável que a quentura daquela bebida dos orcs. Pergunto-me do que é feita. Acho que é melhor não saber. Vamos tomar um gole de água e lavar a lembrança daquele gosto.

— Aqui não, as margens são muito escarpadas — disse Pippin. — Para a frente agora!

Voltaram-se e foram andando lado a lado ao longo do rio. Atrás deles a luz crescia no leste. Conforme caminhavam, iam comparando observações, conversando com leveza, à moda dos hobbits, sobre as coisas que tinham acontecido desde sua captura. Ninguém que escutasse suas palavras adivinharia que tinham sofrido cruelmente, e estado em perigo mortal, indo sem esperança em direção ao tormento e à morte, ou que mesmo agora, como eles bem sabiam, tinham pouca chance de reencontrar amigos ou segurança.

— Parece que você tem se saído bem, Mestre Túk — disse Merry. — Você vai conseguir quase um capítulo do livro do velho Bilbo, se eu tiver uma chance de contar a ele. Bom trabalho: principalmente decifrando o joguinho daquele vilão peludo, e fazendo o mesmo jogo. Mas me pergunto se alguém vai achar nossa trilha e pegar aquele broche.

Eu odiaria perder o meu. Mas receio que o seu está perdido para sempre.

— Vou ter de acelerar o passo, se quiser ficar emparelhado com você. Na verdade, o Primo Brandebuque vai na frente agora. É aqui que ele entra. Não acho que você tenha muita noção de onde está, mas gastei meu tempo em Valfenda de forma mais produtiva.

Estamos indo para o oeste, ao longo do Entágua. A extremidade das Montanhas Sombrias está à nossa frente, e também a Floresta de Fangorn.

Enquanto falava, a borda escura da floresta assomou bem diante deles.

Parecia que a noite tinha se refugiado sob aquelas enormes árvores, fugindo da Aurora que se aproximava.

— Conduza-nos para frente, Mestre Brandebuque! — disse Pippin. — Ou para trás!

Fomos avisados para não entrar em Fangorn. Mas alguém tão sabido não esqueceria isso.

— Eu não esqueci — respondeu Merry -; mas, mesmo assim, entrar na floresta me parece melhor do que voltar para o meio da batalha.

Foi à frente sob os grandes galhos das árvores. Pareciam incalculavelmente antigos. Grandes barbas de líquens pendiam delas, esvoaçando e dançando na brisa. Das sombras os hobbits espiaram, olhando para a encosta que descia: pequenas figuras furtivas que na luz fraca se assemelhavam a crianças élficas nas profundezas do tempo, espiando da Floresta Selvagem, admiradas ao ver a primeira Aurora.

Bem adiante, do outro lado do Grande Rio, e das Terras Castanhas, léguas após léguas cinzentas de distância, a Aurora chegou, vermelha como fogo.

Fortes ecoaram as cornetas dos caçadores para saudá-la. Os Cavaleiros de Rohan saltaram subitamente para a vida. Cornetas responderam a cornetas outra vez.

Merry e Pippin ouviram, nítido no ar frio, o relinchar de cavalos de guerra, e o canto súbito de muitos homens. A borda do sol se levantou, um arco de fogo sobre a margem do mundo. Então, com um grande grito, os Cavaleiros atacaram do leste; a luz vermelha reluzia nas malhas e nas lanças. Os orcs berravam e atiravam todas as flechas que ainda tinham. Os hobbits viram vários cavaleiros caírem; mas a fileira deles manteve

sua formação subindo a colina e passando sobre ela, fez uma volta e atacou de novo. A maior parte dos invasores que permaneceram vivos se separaram e fugiram, para todos os lados, perseguidos até a morte um a um. Mas um bando, permanecendo junto numa mancha negra, dirigiu-se resolutamente para a floresta. Subindo a colina, avançaram na direção dos observadores. Agora estavam se aproximando, e parecia certeza que iam escapar: já tinham derrubado três Cavaleiros que tentaram barrar seu caminho.

— Observamos durante muito tempo — disse Merry. — Ali vem Uglúk! Não quero encontrá-lo de novo. — Os hobbits voltaram-se e fugiram para dentro das sombras da floresta.

Foi por isso que não viram o último confronto, quando Uglúk foi derrotado e acuado exatamente na fronteira de Fangorn. Ali foi morto por Éomer, o Terceiro Marechal da Terra dos Cavaleiros, que desceu do cavalo e lutou com ele, espada contra espada. E através dos amplos campos os Cavaleiros de olhos argutos caçaram os poucos orcs que tinham escapado e ainda tinham forças para fugir.

Em seguida, após colocarem os companheiros mortos num túmulo, e cantarem seus méritos, os Cavaleiros fizeram uma grande fogueira e espalharam as cinzas de seus inimigos.

Assim terminou o ataque, e nenhuma notícia dele jamais chegou a Mordor ou a Isengard; mas a fumaça da fogueira subiu alto no céu e foi vista por muitos olhos atentos.

CAPÍTULO IV
BARBÁRVORE

Enquanto isso os hobbits iam a toda velocidade que a floresta escura e emaranhada permitia, seguindo a linha do rio, para o oeste e para cima, na direção das encostas das montanhas, entrando cada vez mais no coração de Fangorn. Lentamente, o medo que sentiam dos orcs foi desaparecendo, e seu passo diminuindo. Uma estranha sensação de sufocamento tomou conta deles, como se o ar fosse muito escasso e rarefeito para que pudessem respirá-lo.

Finalmente, Merry parou. — Não podemos continuar assim — disse ele ofegando. — Preciso de um pouco de ar.

— De qualquer forma, vamos beber alguma coisa — disse Pippin. Estou ressecado. — Trepou numa grande raiz de árvore que descia até o rio e, agachando-se, pegou um pouco de água nas mãos em concha. A água era fria e cristalina, e ele bebeu vários goles. Merry fez o mesmo. A água os reconfortou e pareceu alegrar-lhes o coração; por um tempo ficaram ali sentados, na borda do rio, mergulhando na água pés e pernas doloridos,

espiando as árvores que se erguiam silenciosas ao redor deles, fileira após fileira, até desaparecerem dentro do crepúsculo cinzento, em todas as direções.

— Suponho que você ainda não nos tenha feito perder o caminho disse Pippin, encostando-se num grande tronco de árvore. — Pelo menos podemos seguir o curso do rio, o Entágua ou qualquer que seja o nome que você lhe dá, e sair outra vez por onde entramos.

— Poderíamos, se nossas pernas conseguissem — disse Merry — e se conseguíssemos respirar adequadamente.

— Sim, está tudo muito escuro e abafado aqui — disse Pippin. — De alguma maneira me faz lembrar da velha sala no Grande Solar dos Túks, lá nos Smials em Tuqueburgo: um cômodo enorme, onde a mobília não foi mudada ou removida por gerações. Dizem que o Velho Túk viveu nela por anos a fio, enquanto ele e a sala iam ficando mais velhos e desgastados juntos — e a sala nunca foi mexida depois que ele morreu, há um século. E o Velho Gerontius era meu tataravô: isso faz recuar um bocado no tempo. Mas não se compara ao que se sente aqui. Veja todas aquelas barbas e suíças de líquen, chorosas, rastejantes! E a maioria das árvores parece estar meio coberta de folhas secas e despedaçadas que jamais caíram. Desmazeladas. Não consigo imaginar como seria a primavera aqui, se é que ela atinge este lugar; e menos ainda uma faxina de primavera.

— Mas de qualquer jeito o Sol deve dar uma espiadinha aqui dentro de vez em quando — disse Merry. — A floresta não se assemelha à descrição que Bilbo fez da Floresta das Trevas. Aquela era toda escura e negra, o lar de coisas escuras e negras. Esta é apenas pouco iluminada, e assustadoramente arvoresca. Não se pode de forma alguma imaginar animais vivendo ou permanecendo aqui por muito tempo.

— Não, e nem hobbits — disse Pippin, — E também não gosto da idéia de tentarmos atravessá-la. Nada para comer por uma centena de milhas, eu desconfio. Como estão nossos suprimentos?

— Escassos — disse Merry. — Fugimos sem levar quase nada, a não ser alguns pacotes a mais de lembas, e deixamos tudo para trás. — Olharam para o que restou dos bolos élficos: pedaços quebrados que poderiam durar cerca de cinco dias de necessidade, isso

era tudo. — E nenhum agasalho ou cobertor — disse Merry, — Vamos sentir frio à noite,
qualquer que seja a direção que tomemos.
— Bem, é melhor decidirmos isso agora — disse Pippin. — A manhã deve estar avançando.
Nesse exato momento, perceberam uma luz amarela que tinha aparecido, a alguma distância mais para dentro da floresta: lanças de luz solar pareciam ter perfurado repentinamente o teto da floresta.
— Olhe lá! — disse Merry. — O sol deve ter entrado numa nuvem enquanto estivemos
sob estas árvores, e agora ele saiu novamente; ou então subiu o suficiente para olhar de
cima, através de alguma abertura. Não está longe — vamos investigar!
Descobriram que a claridade estava mais longe do que tinham imaginado. O solo subia de modo abrupto, ficando cada vez mais pedregoso. A luz ficou mais forte conforme avançaram, e logo perceberam que havia uma muralha de rocha diante deles: a
encosta de uma colina, ou a extremidade abrupta de alguma longa raiz das montanhas
distantes.
Nenhuma árvore crescia nela, e o sol batia em cheio sobre a face de pedra. Os galhos das árvores ao sopé estavam estendidos e completamente paralisados, como se
tentassem alcançar o calor. Onde tudo parecera tão desolado e cinzento antes, a floresta
agora reluzia com ricas tonalidades castanhas, e com o preto-acinzentado dos troncos que
pareciam couro polido. As copas das árvores brilhavam com um verde suave, como relva
nova: o início da primavera, ou uma visão fugaz dela, envolvia-as.
Na superfície da muralha rochosa havia algo como uma escada: talvez natural, feita pela erosão e por fissuras na pedra, pois era áspera e irregular. Na parte de cima, quase na altura das copas das árvores da floresta, havia um patamar sob um penhasco. Nada crescia ali, com exceção de um pouco de capim e mato nas bordas, e um
velho tronco de árvore com apenas dois galhos curvados: parecia quase a figura retorcida
de um velho, parado ali, piscando à luz matinal.
— Para cima! — disse Merry alegremente. — Vamos em busca de ar e de uma vista
panorâmica!
Foram escalando a rocha com dificuldade. Se a escada tivesse sido feita, destinavase
a pés maiores e pernas mais compridas que as deles. Os hobbits estavam ansiosos demais para se surpreenderem com o modo notável pelo qual os cortes e ferimentos de
seu cativeiro tinham sarado, e o vigor lhes retornara aos corpos. Finalmente chegaram à
borda do patamar, quase ao pé do velho tronco; então deram um salto e voltaram as costas

para a colina, respirando fundo, e olhando para o leste, Perceberam que tinham avançado
apenas umas três ou quatro milhas floresta adentro; as cabeças das árvores marchavam
encosta abaixo em direção à planície.
Nesse ponto, perto da franja da floresta, longas espirais de fumaça negra e
encaracolada subiam, oscilando e flutuando na direção deles.
— O vento está mudando — disse Merry. — Voltou-se para o leste outra vez.

— Está frio aqui em cima.
— É — disse Pippin. — Receio que essa claridade seja passageira, e que tudo fique
cinzento outra vez. Que pena! Essa velha floresta desgrenhada ficava tão diferente à luz
do sol! Quase senti que gostava do lugar.
Quase sentiu que gostava da Floresta! Isso é bom! Você foi de uma gentileza rara —
disse uma voz estranha. — Virem-se e deixem-me dar uma olhada em seus rostos.
Quase senti que não gostava de vocês dois, mas não sejamos apressados.
Virem-se! — Uma grande mão com saliências nodosas pousou nos ombros de cada
um deles, e eles foram virados, suave mas irresistivelmente; depois dois grandes braços os
ergueram.
Descobriram-se olhando para um rosto extraordinário. Pertencia a uma figura
semelhante a um homem, quase semelhante a um troll, de pelo menos quatro metros e
meio de altura, muito robusta, com uma cabeça alta e quase sem pescoço. Se estava
coberta por alguma coisa semelhante a casca de árvore verde e cinzenta, ou se aquilo era
seu couro, era dificil dizer. De qualquer forma, os braços, numa pequena distância do
tronco, não eram enrugados, mas cobertos de uma pele lisa e castanha. Cada um dos pés
tinha sete dedos. A parte inferior do rosto comprido estava coberta por uma vasta barba
cinza, cerrada, quase dura como galhos na raiz, fina feito musgo nas Pontas. Mas naquela
hora os hobbits notaram pouca coisa além dos olhos. Uns olhos profundos, lentos e
solenes, mas muito penetrantes. Eram castanhos, carregados de uma luz esverdeada.
Tempos depois, freqüentemente Merry tentou descrever a primeira impressão que teve
deles.
A sensação era como se houvesse um poço enorme atrás deles, cheio de eras de
memória e de um pensamento constante, longo, lento; mas a superfície faiscava com o
presente: como o sol tremeluzindo nas folhas externas de uma imensa árvore, ou nas

ondas de um lago muito fundo. Não sei, mas parecia que alguma coisa que crescia na
terra-adormecida, pode-se dizer, ou apenas percebendo-se a si mesma como algo entre a
extremidade de uma raiz e a ponta de uma folha, entre a terra funda e o céu — despertara
de repente, e estava observando você com o mesmo cuidado lento que tinha dedicado às
suas próprias preocupações por anos intermináveis.

— Huum, Hum — murmurou a voz, uma voz profunda como um instrumento de
sopro muito grave. — Realmente muito estranho! Não se apresse, este é meu mote. Mas se
eu tivesse visto vocês antes de ouvir suas vozes, gostei delas: agradáveis pequenas vozes;
fizeram-me pensar em algo de que não consigo me lembrar —, se tivesse visto vocês antes
de ouvi-los, teria simplesmente pisado em vocês, tomando-os por pequenos orcs, e só
perceberia o erro depois. Muito estranhos são vocês, realmente. Raiz e galho, muito
estranhos!

Pippin, embora ainda pasmo, não sentia mais medo. Sob aqueles olhos sentia um
curioso suspense, mas não medo. — Por favor — disse ele quem é você?

Um olhar estranho surgiu nos velhos olhos, um tipo de cautela; os poços fundos
estavam cobertos. — Huum, agora — respondeu a voz -; bem, eu sou um ent, ou é assim que
me chamam. Sim, ent é a palavra. O ent, eu sou, você pode dizer, no seu modo de falar.
Fangorn é meu nome segundo alguns, outros me chamam de Barbárvore. Barbárvore está
bom.

— Um ent — disse Merry. — O que é isso? Mas como você próprio se chama? Qual é o
seu nome verdadeiro?

— Huuu, agora! — respondeu Barbárvore. — Huuu! Isso já daria uma história! Não tão
depressa. E eu estou fazendo as perguntas. Vocês estão no meu território. Que são vocês,
eu me pergunto? Não consigo classificá-los. Parece que vocês não estão nas velhas listas

que aprendi quando era jovem. Mas isso foi há muito, muito tempo, e pode ser que eles
tenham feito listas novas. Deixe-me ver! Deixe-me ver! Como era mesmo?

Aprende a lição dos seres viventes! Nomeie primeiro os quatro povos livres: Os
filhos dos Elfos que são os mais velhos; Anão cavador das casas escuras; O Ent da terra,
da idade dos montes; Homem mortal, senhor dos cavalos:

Hum, hum,

Hum, hum

Castor construtor,
cervo saltitante,
Urso abelhudo,
javali brigador;
O cão é faminto,
a lebre é medrosa...
Hum, hum.
Águia no ninho,
boi na pastagem,
veado o chifrudo,
gavião o mais lesto,
Cisne o mais branco,
serpente a mais fria...

— Hum, hum, hum, hum, como era mesmo? Hum hum, hum hum, rum tum tum.
Era uma longa lista. Mas de qualquer forma vocês parecem não se encaixar em
lugar nenhum.

— Parece que sempre ficamos de fora das velhas listas, e das velhas histórias — disse
Merry. — Apesar disso, estamos em circulação há muito tempo. Somos hobbits.
Por que não fazer mais um verso? — disse Pippin.

Hobbits pequenos, que moram em tocas

— Coloque-nos entre os quatro, perto dos Homens (as Pessoas Grandes), e fica tudo
certo.

— Hum! Nada mal, nada mal — disse Barbárvore. — Assim ficaria bem. Então vocês
vivem em tocas, hein? Sôa muito correto e adequado. Mas quem chama vocês de hobbits?
Não me parece um nome élfico. Os elfos fizeram todas as palavras antigas: eles
começaram isso.

— Ninguém mais nos chama de hobbits; nós nos chamamos assim disse Pippin.

— Hum, hum! Esperem um pouco! Não tão depressa! Vocês se chamam de hobbits?
Mas então não deveriam dizer isso a qualquer um. Vão revelar seus próprios nomes
corretos, se não forem cautelosos!

— Não temos cautela em relação a isso — disse Merry. — Para falar a verdade, sou um
Brandebuque, Meriadoc Brandebuque, embora a maior par te das pessoas me chame
simplesmente de Merry.

— E eu sou um Túk, Peregrin Túk, mas geralmente sou chamado de Pippin, ou até
de Pip.

— Hum, mas vocês são pessoas apressadas, estou vendo — disse Barbárvore.

— Fico honrado com a confiança que depositam em mim; mas não deveriam ficar
assim totalmente à vontade tão depressa. Há ents e ents, vocês sabem; ou há ents e seres
que se parecem com ents mas não são, por assim dizer. Vou chamá-los de Merry e Pippin

se isso lhes agrada — bons nomes. Pois não vou lhes dizer meu nome; não por enquanto, de qualquer forma. — Um olhar estranho, meio irônico e meio sábio, veio de seus olhos numa centelha esverdeada. — Em primeiro lugar, porque levaria muito tempo; meu nome é como uma história. Os nomes verdadeiros, na minha língua, contam as histórias dos seres a quem pertencem. No velho entês, como vocês diriam. É uma língua adorável, mas leva muito tempo para se dizer qualquer coisa nela, porque não dizemos nada nela a não ser que valha a pena gastar um longo tempo para dizer, e para escutar.

— Mas, agora — e os olhos ficaram muito brilhantes e "presentes", dando a impressão de terem diminuído e quase ficado aguçados —, o que está acontecendo? Posso ver e ouvir (e cheirar e sentir) muita coisa, desse , desse, desse a-lalla— lalla-rumbakamanda-lind-or-btírúniê. Desculpem, essa é parte do meu nome para essa coisa: não sei qual é a palavra nas línguas de fora: vocês sabem, a coisa na qual estamos, onde eu fico e olho ao redor nas manhãs agradáveis, e penso no sol, e na relva além da floresta, e nos cavalos, e nas nuvens, e no desabrochar do mundo. O que está acontecendo? O que Gandalf está fazendo? E esses — burárum —, ele soltou um enorme estrondo, como uma dissonância num grande órgão —, esses orcs, e O jovem Saruman lá em Isengard? Gosto de notícias. Mas não sejam muito apressados agora.

— Tem muita coisa acontecendo — disse Merry —, e mesmo que tentássemos ser rápidos levaria muito tempo para contar. Mas você disse para não nos apressarmos. Devemos contar-lhe alguma coisa logo? Seria rude se perguntássemos o que vai fazer conosco, e de qual lado está? E você conheceu Gandalf?

— Sim, eu o conheço: o único mago que realmente se preocupa com as árvores — disse Barbárvore. — Vocês o conhecem?

— Sim — disse Pippin tristemente —, conhecíamos. Ele era um grande amigo, e nosso guia.

— Então posso responder a suas outras perguntas — disse Barbárvore.

— Não vou fazer nada com vocês: não se com isso vocês estiverem querendo dizer "fazer algo a vocês" sem sua permissão. Podemos fazer algumas coisas juntos. Não sei nada sobre lados. Sigo meu próprio caminho, mas o caminho de vocês pode acompanhar o meu por um tempo. Mas vocês falam do Mestre Gandalf como se ele estivesse numa

história que tivesse chegado ao fim.
— Sim, falamos — disse Pippin tristemente. — A história parece estar continuando,
mas receio que Gandalf tenha caído fora dela.
— Huu, esperem agora! — disse Barbárvore. — Hum, hum, ah, bem. — Ele parou e
olhou longamente para os dois hobbits. — Hum, ah, bem, não sei o que dizer. Esperem um
pouco!
— Se quiser escutar mais — disse Merry —, nós podemos contar. Mas vai levar algum
tempo. Você não gostaria de nos pôr no chão? Não poderíamos sentar juntos ao sol,
enquanto ainda o temos? Você deve estar ficando cansado de nos carregar.
— Hun, cansado? Não, não estou cansado. Não me canso facilmente. E não me
sento. Não sou muito, inclinável. Mas olhem, o sol está entrando. Vamos deixar esta —
vocês disseram como o chamam?
— Colina? — sugeriu Pippin. — Patamar? Degrau? — sugeriu Merry.
Barbárvore repetiu as palavras pensativamente. — Colina. Sim, era isso. Mas é uma
palavra rápida para uma coisa que está aqui desde que esta parte do mundo foi formada.
Não importa. Vamos deixá-la e ir.
— Aonde vamos? — perguntou Merry.
— Para minha casa, ou uma de minhas casas — respondeu Barbárvore.
— É longe?
— Não sei. Vocês podem dizer que é longe, talvez, Mas que importância tem isso?
— Bem, você sabe, perdemos todas as nossas coisas — disse Merry. Temos só um

pouco de comida.
— Oh! Hum! Vocês não precisam se preocupar com isso — disse Barbárvore. — Posso
lhes dar uma bebida que os manterá verdes e crescendo por um longo, longo tempo.
E se decidirmos nos separar posso colocá-los fora de meu território em qualquer
ponto que escolherem. Vamos!
Segurando os hobbits suavemente, mas com firmeza, um na curva de cada braço,
Barbárvore levantou primeiro um de seus pés grandes, e depois o outro, levando-os até a
borda do patamar rochoso. Os dedos em forma de raiz agarraram as rochas. Depois,
cuidadosamente, ele foi descendo degrau por degrau, e chegou ao chão da Floresta.
Imediatamente partiu com passos enormes e deliberados através das árvores,
afundando cada vez mais na floresta, nunca se distanciando do rio, subindo sem parar em
direção às encostas das montanhas. Muitas das árvores pareciam estar dormindo, ou não

se dando conta da presença dele ou de qualquer outra criatura que simplesmente passasse;
mas algumas estremeciam, e outras levantavam seus galhos acima da cabeça dele
conforme Barbárvore se aproximava. Todo o tempo, enquanto andava, ele falava consigo
mesmo, numa longa cadeia contínua de sons musicais.
Os hobbits ficaram em silêncio por um tempo. Sentiam-se, por incrível que pareça,
confortáveis e a salvo, e tinham muito o que pensar e ponderar.
Finalmente, Pippin arriscou falar de novo.
— Por favor, Barbárvore — disse ele —, posso lhe perguntar uma coisa? Por que
Celeborn nos advertiu sobre sua floresta? Ele nos disse que não nos arriscássemos a nos
embrenhar nela.
— Hum, ele disse, é? — ribombou Barbárvore. — E eu poderia ter dito o mesmo, se
vocês estivessem indo daqui para lá. Não se arrisquem a se embrenhar na floresta de
Laurelindórenan! É assim que os elfos costumavam chamá-la, mas agora eles encurtaram
o nome: Lothlórien, é como a chamam. Talvez estejam certos: talvez ela esteja sumindo e
não crescendo. Terra do Vale do Ouro Cantante, era como se chamava há muito tempo.
Agora é a Flor do Sonho. Ah, bem! Mas é um lugar estranho, e não é para qualquer um se
aventurar nela. Fico surpreso em saber que vocês conseguiram sair de lá, mas muito mais
surpreso ao pensar que vocês conseguiram entrar: isso não acontece com um forasteiro há
muitos e muitos anos. É um lugar estranho.
— E este também é. Muitos encontraram a tristeza aqui. Sim, encontraram tristeza.
Laurelindórenan findelorendor malinornéfion omemalin murmurou ele consigo mesmo.
— Eles de certa forma estão ficando para trás do mundo lá, eu acho — disse ele. —
Nem este lugar, nem qualquer outra coisa fora da Floresta Dourada, é aquilo que era
quando Celeborn era jovem. Mas: Taurelilómêa-tumbalemorna Tumbaletaurêa Lómêanor,
é isso que eles costumavam dizer. As coisas mudaram, mas isso ainda é verdade em
alguns lugares.
— Que quer dizer? — disse Pippin. — O que é verdade?
— As árvores e os ents — disse Barbárvore. — Eu mesmo não entendo tudo o que está
acontecendo, por isso não posso lhes explicar. Alguns de nós ainda são ents verdadeiros,
e bastante vivos à nossa própria maneira, mas muitos estão ficando sonolentos, ficando

arvorescos, por assim dizer. A maioria das árvores são árvores verdadeiras, é claro; mas
muitas estão semi-acordadas. Outras estão bastante acordadas, e algumas estão, bem, ah,
bem, ficando entescas. Isso está acontecendo o tempo todo.
— Quando isso acontece a uma árvore, você descobre que algumas têm corações
maus. Não tem nada a ver com a madeira: não quero dizer isso. Vejam, eu conheci alguns
bons salgueiros velhos, descendo o Entágua, que se foram há muito tempo, infelizmente!
Estavam bem ocos, na verdade estavam caindo aos pedaços, mas eram tranqüilos e

falavam suavemente como uma folha jovem. E também há algumas árvores nos vales sob
as montanhas, vendendo saúde e totalmente más. Esse tipo de coisa parece estar se
espalhando. Costumava haver umas partes muito perigosas neste lugar. Ainda há alguns
trechos muito negros.
— Como a Floresta Velha lá no norte, você quer dizer? — perguntou Merry.
— É, é, alguma coisa assim, mas muito pior. Não duvido que exista alguma sombra
da Grande Escuridão pairando ainda no norte, e más recordações se transmitem de
geração a geração. Mas existem vales escuros nesta terra onde a Escuridão nunca foi
devassada, e onde as árvores são mais velhas que eu. Mesmo assim, fazemos o que
podemos. Mantemos à distância forasteiros e atrevidos; e ensinamos e treinamos,
caminhando e carpindo.
— Somos pastores de árvores, nós, os velhos ents. Restou um número suficiente de
nossa espécie. As ovelhas ficam como os pastores, e os pastores como as ovelhas, é o que
se diz; mas lentamente, e nenhum dos dois permanece multo no mundo. Acontece mais
rápido e mais de perto com as árvores e os ents, e eles caminham juntos através das eras.
Pois os ents são mais como os elfos: menos interessados em si próprios do que os
homens, e melhores para penetrar os outros seres. E apesar disso os ents são mais como os
homens, mais mutáveis que os elfos, e mais rápidos para assumir as cores do exterior, por
assim dizer. Ou melhores que ambos: pois são mais firmes e mantêm as mentes nas coisas
por mais tempo. Alguns de meus parentes são exatamente como árvores atualmente, e
precisam de algo grandioso que os desperte; agora só conversam aos sussurros. Mas
outros têm os membros flexíveis, e muitos conseguem conversar comigo. Os elfos
começaram tudo, é claro, despertando as árvores e ensinando-as a falar e aprendendo sua

fala-de-árvore. Eles sempre desejaram conversar com tudo, os velhos elfos. Mas depois a
Grande Escuridão chegou, e eles foram para longe através do Mar, ou fugiram para vales
distantes e se esconderam, e fizeram canções sobre tempos que jamais voltariam. Nunca
mais. — É sim, houve um tempo em que só havia uma floresta, daqui até as Montanhas de
Un, e esta era apenas a Extremidade Leste.
— Aqueles foram dias grandiosos! Houve um tempo em que eu podia caminhar e
cantar o dia todo e escutar apenas o eco de minha própria voz nas concavidades das
colinas. As florestas eram como a floresta de Lothlórien, apenas mais densas, mais fortes,
mais jovens. E o aroma do ar! Eu costumava passar uma semana só respirando.
Barbárvore ficou em silencio, avançando a grandes passadas e apesar disso mal
fazendo ruído com seus grandes pés. Depois começou a cantar baixinho outra vez,
passando então para um canto murmurante. Gradualmente, os hobbits perceberam que ele
cantava para eles:
Pelos prados de salgueiros de Tasarinan caminhei na Primavera.
Ah! a paisagem e o cheiro da Primavera em Nan-tasarion!
E eu disse que era bom.
Eu vaguei no Verão pelos bosques de olmos de Ossiriand.
Ah! a luz e a música no Verão ao longo dos Sete Rios de Ossir!
E eu pensei que era melhor
As faias de Neldoreth visitei no Outono.
Ah! o ouro e o vermelho e o suspiro das folhas do Outono em Taur-na-neldor!
Era mais do que eu desejava.
Até os pinheiros da planície de Dorthonion galguei no Inverno.
Ah! o vento e a brancura e os galhos negros do Inverno em Orod-na-Thôn!
Minha voz se soltou e cantou no céu.

E agora aquelas terras jazem todas sob as águas,
E eu caminho em Ambaróna, em Tauremorna, em Aldalómê,
Na minha própria terra, no território de Fangorn,
Onde as raízes são longas,
E os anos fazem mais densos do que as fôlhas
Em Tauremornalômê.
Terminou e continuou caminhando em silêncio, e em toda a floresta, até onde os
ouvidos podiam alcançar, não havia ruído algum.
O dia terminava e o crepúsculo se entrelaçava às copas das árvores.
Finalmente os hobbits viram, assomando vagamente diante deles, uma terra
íngreme e escura: tinham atingido os pés das montanhas, e as raízes verdes do alto
Methedras. Descendo a encosta, o jovem Entágua, saltando de suas nascentes que ficavam
bem acima, corria ruidosamente de degrau em degrau, ao encontro deles. À direita do rio
havia uma longa encosta, coberta de relva, que agora se acinzentava ao crepúsculo. Ali

não cresciam árvores, e a encosta se abria para o céu; as estrelas já brilhavam em lagos,
entremeadas por margens de nuvens.
Barbárvore subiu a encosta, quase sem diminuir o passo. De repente os hobbits
viram adiante uma grande abertura, Duas grandes árvores se erguiam ali, uma de cada
lado, como um enorme portal vivo; mas não havia portão algum, a não ser pelos próprios
galhos que se cruzavam e entrelaçavam. Quando o velho ent se aproximou, as árvores
ergueram seus galhos, e todas as folhas estremeceram e farfalharam. Eram árvores
perenes, com folhas escuras e polidas que reluziam no crepúsculo. Depois delas havia um
amplo espaço plano, como se o assoalho de um grande salão tivesse sido recortado no
flanco da colina. Dos dois lados as paredes subiam, até atingir uma altura de quinze
metros ou mais, e ao longo de cada parede ficava um corredor de árvores que também
cresciam em altura conforme avançavam para dentro.
Na extremidade oposta a parede rochosa era íngreme, mas na parte de baixo tinha
sido escavada uma concavidade, que formava um vão baixo com um teto arqueado: o
único teto do salão, a não ser pelos galhos das árvores, que na extremidade interior
cobriam de sombras todo o chão, deixando aberta apenas uma trilha larga no meio. Um
pequeno riacho fugia das nascentes acima e, abandonando a correnteza principal, caía
tinindo pela superfície íngreme da parede, derramando-se em gotas prateadas como uma
fina cortina à frente do vão sob o arco. A água era recolhida novamente dentro de uma
bacia de pedra que ficava no chão entre as árvores, e depois transbordava e corria ao lado
da trilha descoberta, para juntar-se ao Entágua em sua viagem através da floresta.
— Hum! Aqui estamos! — disse Barbárvore, quebrando o seu longo silêncio.
— Trouxe-os em cerca de setenta mil passadas-ent, mas o que isso representa na
medida de sua terra eu não sei. De qualquer forma, estamos perto das raízes da última
Montanha. Parte do nome deste lugar poderia ser Gruta da Nascente, se fosse
transformado em sua língua. Gosto daqui. Vamos ficar esta noite. — Colocou-os sobre a
relva entre os corredores de árvores, e eles o seguiram na direção do grande arco. Os
hobbits notaram nesse momento que, conforme Barbárvore andava, mal inclinava os
joelhos, mas que suas pernas se abriam em grandes passadas. Plantava os grandes dedos
dos pés (que eram de fato muito grandes, e largos) no solo primeiro, antes de fazer o

mesmo com qualquer outra parte dos pés.

Por um momento, Barbárvore parou sob a chuva do riacho que caía, e respirou fundo; depois riu, e passou para dentro. Uma grande mesa de pedra se encontrava ali, mas não havia nenhuma cadeira. No fundo do vão já estava bem escuro.

Barbárvore ergueu duas grandes vasilhas e colocou-as na mesa. Pareciam estar cheias de água, mas quando ele ergueu as mãos sobre elas imediatamente começaram a brilhar, uma com uma luz dourada, e outra com uma luz de um verde profundo; e a mistura das duas luzes iluminou o vão, como se o sol do verão estivesse brilhando através de um teto de folhas novas. Olhando para trás, os hobbits viram que as árvores no pátio também começavam a brilhar, pouco no início, mas cada vez mais, até que todas as folhas foram atingidas pela luz: algumas verdes, outras douradas, outras ainda vermelhas como o cobre; e os troncos das árvores pareciam Pilares moldados em pedra luminosa.

— Bem, bem, agora podemos conversar outra vez — disse Barbárvore. Suponho que estejam com sede. Talvez também cansados. Bebam isto!

Caminhou para o fundo do vão, e então os hobbits viram vários jarros de pedra com tampas pesadas. Ele retirou uma das tampas e afundou uma grande concha, e com ela encheu três tigelas, uma bem grande e duas menores.

— Esta é uma casa-ent — disse ele —, e receio que não haja lugares para sentar. Mas vocês podem sentar-se na mesa. — Pegando os hobbits, ele os colocou sobre a grande laje de pedra, a um metro e oitenta centímetros do solo, e ali eles ficaram balançando as pernas e bebendo aos golinhos.

A bebida era como água, na verdade bem semelhante em sabor à água que tinham bebido do Entágua perto das fronteiras da floresta, e apesar disso havia nela algum aroma ou gosto que eles não conseguiam descrever: era fraco, mas fazia lembrar do cheiro de uma floresta distante, trazido de longe por uma brisa fresca à noite.

O efeito da bebida começou nos dedos dos pés, e subiu cada vez mais pelo corpo, trazendo descanso e vigor conforme avançava em seu curso, chegando até as pontas dos cabelos. Na verdade, os hobbits sentiram que seus cabelos estavam literalmente em pé, fazendo ondas e cachos, crescendo. Quanto a Barbárvore, ele primeiro banhou os pés na bacia além do arco, e então esvaziou sua tigela num gole, num longo e lento gole. Os hobbits acharam que ele nunca iria terminar.

Finalmente colocou a tigela outra vez na mesa. — Ah-ah — suspirou ele.

— Hum, hum, agora podemos conversar mais tranqüilos. Vocês podem sentar-se no chão, e eu vou me deitar; isso vai evitar que essa bebida suba à minha cabeça e me faça adormecer.

Do lado direito do vão havia uma grande cama sobre pés baixos, com menos de um metro de altura, coberta por uma grossa camada de grama seca e samambaias. Barbárvore abaixou-se lentamente até ela (com um mínimo sinal de curvar o meio de seu corpo), até que se deitou completamente, com os braços atrás da cabeça, olhando para o teto, sobre o qual havia luzes piscando, como o jogo das folhas à luz do sol. Merry e Pippin se sentaram ao lado dele, em almofadas de capim.

— Agora contem-me sua história e não se apressem! — disse Barbárvore. Os hobbits começaram a lhe contar a história de suas aventuras desde que deixaram a Vila dos Hobbits. Não seguiram uma ordem muito clara, pois um interrompia o outro constantemente, e Barbárvore sempre cortava quem estava falando, e voltava para algum ponto anterior, ou saltava à frente fazendo perguntas sobre acontecimentos posteriores.

Eles não disseram nada que se relacionasse ao Anel, e não contaram a ele o motivo de terem partido, ou para onde estavam indo; ele não perguntou os motivos.

Barbárvore se interessava imensamente por tudo: pelos Cavaleiros Negros, por Elrond e Valfenda, pela Floresta Velha e Tom Bombadil, pelas Minas de Moria e por Lothlórien e Galadriel. Fez com que eles descrevessem o Condado e sua região inúmeras vezes. Disse uma coisa estranha nesse ponto. — Vocês nunca viram algum hum, algum ent por lá, viram? — perguntou ele. — Bem, não ents, entesposas eu deveria dizer na verdade.

— Entesposas? — disse Pippin. — São parecidas com vocês?

— Sim, Hum, bem, não: na verdade não sei agora — disse Barbárvore pensativo. — Mas elas gostariam de sua terra, ou pelo menos achei que sim. Entretanto, Barbárvore estava especialmente interessado em tudo o que concernia a Gandalf, e acima de tudo interessado em todos os feitos de Saruman. Os hobbit s sentiram muito por saberem tão pouco sobre o assunto: apenas um relato muito vago que Sam tinha feito sobre o que Gandalf dissera no Conselho.

Mas de qualquer forma foram claros em relação a Uglúk e sua tropa terem vindo de Isengard, e mencionavam Saruman como seu mestre.

— Hum, hum! — disse Barbárvore, quando a história tinha enveredado para a batalha entre os orcs e os Cavaleiros de Rohan. — Bem, bem! Esse é um bocado de notícias, sem dúvida. Vocês não me contaram tudo, não mesmo, nem de perto. Mas não duvido que vocês estão procedendo como Gandalf desejaria. Há alguma coisa muito grandiosa acontecendo, isso estou vendo, e o que é talvez eu possa saber no tempo certo, ou no tempo errado. Raiz e galho, mas é uma coisa estranha: surgem pessoas pequenas que não estão nas antigas listas, e, vejam!, os Nove Cavaleiros esquecidos reaparecem para caçálos, e Gandalf os leva numa grande viagem, e Galadriel os acolhe em Caras Galadhon, e os orcs os perseguem por todas as milhas das Terras Ermas: na verdade eles parecem estar presos numa grande tempestade. Espero que consigam vencê-la.

— Agora, e sobre você?

— Hum, hum, eu não me preocupei com as Grandes Guerras — disse Barbárvore -; elas concernem principalmente a homens e elfos. Isso é assunto dos Magos: os Magos estão sempre preocupados com o futuro. Eu não gosto de me preocupar com o futuro. Não estou totalmente do lado de ninguém, porque ninguém está totalmente do meu lado, se é que me entendem: ninguém se preocupa com as florestas como eu me preocupo, nem mesmo os elfos hoje em dia. Apesar disso, afeiçôo-me mais aos elfos que aos outros: foram os elfos que nos curaram do adormecimento há muito tempo, e essa foi uma grande dádiva que não pode ser esquecida, embora nossos caminhos tenham se separado desde então. E há algumas coisas, é claro, de cujo lado eu absolutamente não estou; sou absolutamente contra elas: esses — burárum (ele fez outra vez o ruído grave de nojo) —, esses orcs, e seus mestres.

— Eu costumava ficar ansioso quando a sombra cobriu a Floresta das Trevas, mas quando ela foi para Mordor parei de me preocupar por uns tempos: Mordor fica muito distante. Mas parece que o vento está se fixando no leste, e a devastação de todas as florestas pode estar chegando. Não há nada que um velho ent possa fazer para impedir que essa tempestade avance: ele deve vencê-la ou arrebentar-se.

— Mas e Saruman agora! Saruman é um vizinho: não posso ignorá-lo. Preciso fazer

alguma coisa, eu acho. Ultimamente tenho pensado com frequência no que devo fazer a
respeito de Saruman.
— Quem é Saruman? — perguntou Pippin. — Você sabe algo sobre a história dele?
— Saruman é um Mago — respondeu Barbárvore. — Mais que isso não posso dizer.
Não conheço a história dos Magos. Eles apareceram primeiro, depois que os Grandes
Navios vieram através do Mar; mas se vieram com os Navios eu não sei. Saruman era
considerado importante entre os seus, eu acho. Ele desistiu de vagar por aí e de se
preocupar com os problemas dos homens e dos elfos, há algum tempo — vocês chamariam
isso de muito, muito tempo,— e se acomodou em Angrenost, ou Isengard, como os homens
de Rohan chamam o lugar. No início ficou muito quieto, mas sua fama começou a
crescer. Foi escolhido como o presidente d o Conselho Branco, pelo que dizem; mas isso
não deu muito certo, Fico imaginando agora se mesmo naquela época Saruman já não

estava se voltando para o mal. Mas : de qualquer forma, não costumava trazer problemas
para seus vizinhos. Eu costumava conversar com ele. Houve um tempo em que estava
sempre perambulando por minhas florestas. Era educado naquela época, sempre pedindo
minha permissão (pelo menos quando me encontrava); e sempre ansioso por escutar. Eu
lhe disse coisas que ele nunca descobriria por conta própria, mas nunca me retribuiu da
mesma forma. Não consigo recordar de ele me ter contado qualquer coisa. E ficou cada
vez mais assim; o rosto, pelo que me lembro — não o vejo há muitos dias —, ficou parecido
com janelas numa muralha de pedra: janelas, vedadas por dentro.
— Acho que agora entendo o que ele pretende. Está tramando para se transformar
num Poder. Tem um cérebro de metal e rodas, e não se preocupa com os seres que
crescem, a não ser enquanto o servem. E agora fica claro que ele é u m traidor negro.
Aliou-se a seres maus, aos orcs. Bem, hum! Pior que isso: vem fazendo alguma coisa a
eles; alguma coisa perigosa. Porque esses isengardenses são mais semelhantes a homens
maus. Os seres malignos que vieram na Grande Escuridão têm como marca a
característica de não suportarem o sol; mas os orcs de Saruman suportam, mesmo que o
odeiem. Fico imaginando o que ele terá feito. Seriam eles homens que ele arruinou, ou

teria ele misturado as raças dos orcs e dos homens? Isso seria uma maldade negra!
Barbárvore roncou por uns momentos, como se estivesse pronunciando alguma
maldição entesca profunda, subterrânea. — Há algum tempo comecei a me perguntar como
os orcs ousavam passar pela minha floresta tão livremente — continuou ele. — Só há pouco
tempo é que descobri que a culpa era de Saruman, e que há muito tempo ele estivera
espiando todos os caminhos, e descobrindo meus segredos. Ele e seu povo sujo estão
devastando tudo agora. Lá embaixo, nas fronteiras, estão derrubando árvores árvores
boas. Algumas eles apenas cortam e deixam apodrecer — isso é serviço dos orcs; mas a
maioria delas são derrubadas e levadas para alimentar as fogueiras de Orthanc. Vejo
sempre uma fogueira subindo de Isengard nos últimos tempos-raiz e ramo! Muitas
daquelas árvores eram minhas amigas, criaturas que eu conhecia desde sementes; várias
tinham vozes próprias que agora estão perdidas para sempre. E há restos de tocos e sarças
onde já existiram bosques cantantes. Fiquei sem fazer nada. Deixei que as coisas
acontecessem. Isso deve parar!
— Maldito seja.
Barbárvore levantou de sua cama de um salto, ficou de pé e bateu com a mão na
mesa. As vasilhas de luz tremeram e lançaram dois jatos de chama.
Havia uma centelha de fogo verde em seus olhos, e a barba sobressaiu , rija como
uma vassoura de galhos.
— Vou acabar com isso! — ribombou ele. — E vocês virão comigo. Talvez possam me
ajudar. Estarão ajudando a seus próprios amigos desse modo também; pois, se Saruman
não for detido, Rohan e Gondor terão um inimigo à frente e também pelas costas. Nossas
estradas irão juntas para Isengard.
— Iremos com você — disse Merry— Faremos o que pudermos.
— Sim! — disse Pippin. — Vou gostar de ver a Mão Branca derrubada.
Gostaria de estar lá, mesmo que não fosse de muita utilidade: jamais esquecerei
Uglúk e a travessia de Rohan.
— Bom Bom — disse Barbárvore. — Mas eu falei muito depressa. Não devemos nos
afobar, Ficamos muito quentes. Preciso esfriar e pensar; pois é mais fácil gritar pare! Do
que parar.
Foi até o arco e ficou algum tempo, sob a chuva que caía da nascente.
Depois riu e agitou o corpo, e cada gota de água que descia dele brilhando, para
cair no chão, reluzia com faíscas verdes e vermelhas. Barbárvore voltou e se deitou na

cama outra vez, ficando em silêncio.

Depois de algum tempo os hobbits o escutaram murmurando de novo. Parecia estar contando nos dedos. — Fangorn, Finglas, Fladrif, sim, sim — suspirou ele. — O problema é que restam tão poucos de nós — disse ele virando-se para os hobbits. — Restam apenas três dos primeiros ents que caminhavam na floresta antes da Escuridão: só eu, Fangorn, Finglas e Fladrif, para lhes dar seus nomes élficos; vocês podem chamá-los de Mecha-de-Folha e Casca-de-Pele, se preferirem. E, de nós três, Mecha-de-Folha e Casca-de-Pele não são de muita utilidade para esse tipo de coisa. Mecha-de-Folha ficou sonolento, quase arvoresco, poderíamos dizer: pegou o costume de ficar parado sozinho, semi-adormecido, durante todo o verão, com a funda relva das campinas em volta dos joelhos. Ele é coberto por uma cabeleira de folhas. Costumava despertar no inverno; mas recentemente tem estado sonolento demais para fazer longas caminhadas até nesta época do ano. Casca-de-Pele vivia nas encostas das montanhas a oeste de Isengard. É ali que o pior problema aconteceu. Foi ferido pelos orcs e muitos entre seu pessoal e seus pastores de árvores foram mortos e destruídos. Subiu para os lugares altos, para junto das bétulas que tanto ama, e não vai descer. Mesmo assim, arrisco dizer que eu poderia reunir um bom grupo de nosso pessoal mais jovem — se pudesse fazê-los entender a necessidade: se pudesse despertá-los: não somos pessoas apressadas. É uma pena que haja tão poucos de nós!

— Por que há tão poucos se vocês vivem neste lugar há tanto tempo? Perguntou Pippin. — Morreram muitos?

— Oh, não! — disse Barbárvore. — Nenhum morreu de dentro para fora, como vocês diriam. Alguns caíram na má sorte dos longos anos, é claro; e a maior parte se tornou arvoresca. Mas nunca houve muitos de nós, e não aumentamos em número. Não houve entinhos — crianças, vocês diriam por uma conta interminável de anos. Sabem, perdemos as entesposas.

— Que coisa triste! — disse Pippin. — Como foi que todas morreram?

— Elas não morreram! — disse Barbárvore. — Eu não disse morreram. Nós as perdemos, eu disse. Perdemos e não conseguimos encontrá-las. Ele suspirou. — Achei que

a maior parte das pessoas sabia disso. Há canções sobre os ents procurando as entesposas, que são cantadas pelos elfos e pelos homens, da Floresta das Trevas até Gondor. Não podem estar de todo esquecidas.

— Bem, receio que as canções não tenham chegado através das montanhas a oeste até o Condado — disse Merry. — Você não poderia nos contar mais coisas, ou cantar uma das canções?

— Posso sim — disse Barbárvore, parecendo satisfeito com o pedido. Mas não posso contar de maneira adequada, só vou fazer um resumo; e depois precisamos terminar nossa conversa: amanhã temos conselhos a convocar, e trabalho a fazer; talvez até comecemos uma viagem.

— É uma história muito triste e estranha — continuou ele depois de uma pausa. — Quando o mundo era jovem, e as florestas eram vastas e selvagens, os ents e as entesposas — e havia entezelas naquela época: ah! Como era adorável Fimbrethil, Pé— de— Fada, a dos passos leves, nos dias de minha juventude! —, eles andavam juntos e moravam juntos, mas nossos corações não continuaram crescendo do mesmo modo: os ents devotavam seu amor a coisas que encontravam no mundo, e as entesposas devotavam o seu a outras coisas; pois os ents amavam as grandes árvores e as florestas, e as encostas de colinas altas, e bebiam das nascentes das montanhas, e só comiam frutas que as árvores deixavam cair em seu caminho; e aprenderam com os elfos e conversavam com as árvores. Mas as entesposas se dedicaram a árvores menores, e a campinas ao sol além dos pés das florestas; viram o abrunheiro nas moitas e a macieira selvagem e a cerejeira

florescendo na primavera; e as ervas verdes nas terras banhadas pela água e a grama descente nos campos durante o outono. Não desejavam conversar com esses seres, mas eles desejavam ouvi-las e obedecer ao que lhes diziam. As entesposas ordenaram que crescessem conforme seus desejos, e que produzissem folhas e frutos como queriam; pois as entesposas desejavam a ordem, muita ordem, e paz (que para elas queria dizer que as coisas deviam permanecer como elas as tinham colocado). Então as entesposas fizeram jardim nos quais pudessem morar. Mas nós, ents, continuamos vagando, e só íamos aos jardins de vez em quando. Então, quando a Escuridão chegou ao Norte, as entesposas

atravessaram o Grande Rio, e fizeram novos jardins, e araram novos campos, e nós as víamos com menos freqüência. Depois que a Escuridão foi derrotada, a terra das entesposas floresceu ricamente, e seus campos ficaram cheios de trigo. Muitos homens aprenderam os ofícios das entesposas e prestavam grandes honras a elas; mas nós ficamos sendo para eles apenas uma lenda, um segredo no coração da floresta. Mas ainda estamos aqui, enquanto que os jardins das entesposas estão abandonados: os homens os chamam agora de Terras Castanhas.

— Lembro-me de que foi há muito tempo — na época da guerra entre Sauron e os Homens do Mar — que me veio o desejo de rever Fimbrethil. Ela ainda era muito bela aos meus olhos, da última vez que a vira, embora se parecesse pouco com a entezela de antigamente. Pois as entesposas estavam curvadas e escurecidas devido ao trabalho; seus cabelos ficaram ressecados pelo sol, assumindo a tonalidade do trigo maduro, e suas faces ficaram como maçãs vermelhas. Apesar disso, os olhos ainda eram os olhos de nosso próprio povo. Atravessamos o Anduim e chegamos à terra delas; mas encontramos um deserto: estava tudo queimado e arrancado, pois a guerra passara por ali. Mas as entesposas não estavam lá. Por muito tempo chamamos, e por muito tempo procuramos, e perguntávamos a todas as Pessoas que encontrávamos para onde as entesposas tinham ido. Alguns diziam que nunca as tinham visto; outros diziam que elas tinham sido vistas caminhando para o oeste, e outros ainda diziam para o leste, e outros diziam para o sul. Mas em nenhum lugar a que fomos pudemos encontrá-las. Nossa tristeza foi muito grande. Mas a floresta selvagem chamou e retornamos a ela. Por muitos anos mantivemos o costume de sair de vez em quando p ara procurar as entesposas, andando por todo canto e chamando-as por seus belos nomes. Mas conforme o tempo passou íamos cada vez com menos freqüência, e cada vez menos longe. E agora as entesposas são para nós apenas uma lembrança, e nossas barbas estão longas e cinzentas. Os elfos fizeram muitas canções sobre a busca dos ents, e algumas delas passaram para a língua dos homens. Mas nós não fizemos canção alguma sobre o assunto, ficando satisfeitos em cantar seus belos nomes

quando pensávamos nas entesposas. Acreditamos que ainda podemos encontrá-las num
tempo que virá, e talvez encontremos em algum lugar uma terra onde possamos viver
juntos, ficando todos satisfeitos. Mas pressentimos que isso só acontecerá quando ambos,
ents e entesposas, tiverem perdido tudo o que têm agora. E é bem possível que a hora
esteja finalmente se aproximando. Pois, se Sauron destruiu todos os jardins antigamente,
hoje o Inimigo tende a arruinar todas as florestas.

— Havia uma canção élfica que falava disso, ou pelo menos eu a entendia assim.

Costumava-se cantá-la ao longo de todo o Grande Rio. Nunca foi uma canção entesca,
vejam bem: seria longa demais em entês! Mas nós a sabemos de cor, e a entoamos de vez
em quando. Fica assim na língua de vocês:

Ent: Se a Primavera em folha a faia e a seiva os galhos banha,
Se a luz se espelha no regato e há vento na montanha,
Se o passo é largo, duro o esfôrço e fio corta o ar

Volta pra mim! Volta pra mim! Diz que é belo este lugar!
Entesposa: Se a Primavera ao campo chega e o trigo está na espiga,
Se branca a flor qual neve brilha e no pomar se abriga,
Se em chuva e sol por sobre a terra perfume há no ar,
Eu fico aqui, não volto não, é belo o meu lugar.
Ent: Se for Verão por sobre a terra e à tarde a luz dourada
Mil sonhos verdes derramar nas folhas enlaçadas;
Se verde e fresco,for o bosque e o vento for bem-vindo,
Volta pra mim! Volta pra mim! Diz que aqui tudo é mais lindo!
Entesposa: Se for Verão e no calor a juta escurecer,
Se a palha é seca, e a espiga branca na hora de colher;
Se pinga o mel, cresce a maçã ao vento que é bem-vindo,
Eu fico aqui, à luz do sol, pois isso é bem mais lindo!
Ent: Se for Inverno, o duro Inverno que mata o campo invade,
Se a noite escura o dia sem sol devora sem piedade,
Se o Vento Leste for mortal, então na chuva fria
Vou procurar-te, vou chamar-te, eu volto nesse dia.
Entesposa: Se for Inverno sem canções, se a treva enfim vier,
Quebrado já o inútil galho, se luz já não houver,
Vou procurar-te e esperar-te, até seguir um dia
Contigo pela estrada afora sob a chuva fria!
Ambos: E juntos para o oeste vamos nos encaminhar
E longe, longe encontraremos onde descansar.

Barbárvore terminou sua canção. — É assim que fica — disse ele. — É uma canção
élfica, sem dúvida: leve, ligeira e curta. Arrisco dizer que é bem bonita. Mas os ents, por
seu lado, poderiam dizer mais coisas, se tivessem tempo! Mas agora vou ficar de pé e

dormir um pouco. Onde vocês vão ficar?

— Nós geralmente nos deitamos para dormir — disse Merry. — Vamos ficar bem aqui onde estamos.

— Deitar para dormir! — disse Barbárvore. — É claro que vocês fazem isso! Fim, hum: estava esquecendo: cantar aquela canção me transportou a tempos antigos; quase pensei que estava conversando com jovens entinhos. Bem, vocês podem se deitar na cama. Eu vou ficar de pé na chuva. Boa noite!

Merry e Pippin escalaram a cama e aconchegaram-se na palha macia e nas samambaias. Era tudo novo, quente e de um aroma delicado. As luzes foram se apagando e o brilho das árvores desapareceu; mas lá fora, sob o arco, eles ainda podiam ver o velho Barbárvore em pé, imóvel, com os braços erguidos acima da cabeça. Claras estrelas apareceram no céu e iluminaram a água que caía, derramando-se sobre seus dedos e sua cabeça, para depois pingar, pingar, em centenas de gotas de prata sobre seus pés. Ouvindo o gotejar da água os hobbits adormeceram.

Acordaram para encontrar um sol fresco brilhando no grande pátio e sobre o assoalho do vão. Retalhos de nuvens altas lhes apareciam no céu, correndo ao vento

constante que vinha do leste. Barbárvore não estava por ali; mas enquanto Merry e Pippin se banhavam na bacia sob o arco ouviram-no murmurando e cantando, conforme vinha pela trilha em meio às árvores.

— Hu, ho! Bom dia, Merry e Pippin! — ribombou ele ao vê-los. — Vocês dormem bastante. Já andei várias centenas de passadas hoje. Agora beberemos alguma coisa e depois vamos para o Entebate.

Encheu-lhes duas vasilhas com o líquido de um jarro de pedra; mas de um jarro diferente.

O gosto não era o mesmo do líquido da noite anterior: era mais terroso e rico, mais substancioso e mais parecido com comida, por assim dizer. Enquanto os hobbits bebiam, sentados na beirada da cama e mordiscando pequenos pedaços de bolo élfico (mais por acharem que comer alguma coisa era necessário no desjejum do que por sentirem fome), Barbárvore ficou parado, cantando em entês ou élfico ou alguma outra língua estranha, e olhando para o céu.

— Onde fica Entebate? — Pippin arriscou perguntar.

— Hum, hem? Entebate? — disse Barbárvore, voltando-se. — Não é um lugar, é uma reunião de ents — que não acontece freqüentemente hoje em dia. Mas consegui fazer com que um bom número deles prometessem ir. Vamos nos encontrar no lugar onde sempre nos encontramos: Valarcano, os homens chamam. Fica muito ao sul deste lugar. Devemos chegar lá antes do meio-dia.

Logo partiram. Barbárvore carregava os hobbits em seus braços, como no dia anterior. Na entrada do pátio virou à direita, deu uma passada atravessando o rio e continuou rumo ao sul, ao longo dos pés de grandes encostas esboroadas onde as árvores eram escassas. Acima delas os hobbits viram moitas de bétulas e sorveiras, e além delas pinheiros escuros que subiam. Logo Barbárvore mudou um pouco o rumo, distanciandose das colinas e mergulhando em bosques profundos, onde as árvores eram maiores. Mais altas e mais espessas que quaisquer outras que os hobbits tinham visto antes. Por um período, tiveram a sensação de abafamento que tinham tido quando se aventuraram pela primeira vez no interior de Fangorn, mas isso logo passou. Barbárvore não falava com eles. Murmurava consigo mesmo, profunda e pensativamente, mas Merry e Pippin não entendiam nenhuma palavra: soava como bum bum, rumbum, burrar, bum buni, dari-ar hum bum, darrar bum e assim por diante, com uma mudança constante de tom e ritmo.

De tempos em tempos, eles tinham a impressão de escutar uma resposta, um murmúrio ou som ligeiro que parecia sair da terra, ou dos galhos sobre suas cabeças, ou talvez das copas das árvores; mas Barbárvore não parava nem voltava sua cabeça para nenhum dos lados.

Já estavam viajando havia um bom tempo — Pippin tinha tentado contar as "passadas-ent" mas falhara, perdendo-se na altura das três mil quando Barbárvore começou a diminuir o passo. De repente parou, colocou os hobbits no chão, e levou as mãos enrugadas até a boca, de modo a fazer com elas um tubo oco; depois soprou ou chamou através delas. Um grande hum hum soou pela floresta como uma corneta grave, dando a impressão de ecoar nas árvores. De longe veio, de várias direções, um hum, hom, hum que não era um eco, e sim uma resposta.

Barbárvore então empoleirou Merry e Pippin em seus ombros e continuou em suas passadas, de quando em quando enviando outro chamado, e cada vez as respostas vinham em sons mais altos e claros.

Chegaram finalmente ao que parecia ser uma parede impenetrável de árvores

perenes escuras, árvores de um tipo que os hobbits nunca tinham visto antes: ramificavam-se diretamente das raízes, e eram densamente cobertas por folhas escuras e polidas como azevinheiros sem espinhos, e carregavam muitas espigas floridas rijas e eretas, com grandes botões brilhantes cor de oliva.

Virando à esquerda e contornando essa enorme cerca-viva, Barbárvore atingiu, com algumas passadas, uma passagem estreita. Por ela passava uma trilha gasta, que mergulhava de repente, descendo uma encosta íngreme. Os hobbits perceberam que estavam descendo para dentro de uma grande garganta, quase redonda como uma vasilha, muito ampla e profunda, coroada em sua borda pela cerca-viva alta de árvores perenes. O terreno no interior era macio e coberto de grama, e não havia árvores, com a exceção de altas e belas bétulas prateadas que se erguiam do fundo da vasilha. Duas outras trilhas conduziam à garganta: vindas do leste e do oeste.

Vários ents já tinham chegado. Outros estavam chegando pelas trilhas, e alguns agora vinham atrás de Barbárvore. Enquanto se aproximavam, os hobbits os observavam.

Sua expectativa era ver várias criaturas t ão parecidas cora Barbárvore como os hobbits eram parecidos entre si (pelo menos aos olhos de um estranho); e ficaram muito surpresos ao ver coisa muito diferente. Os ents eram tão diferentes uns dos outros como as árvores são diferentes entre si: alguns diferentes como uma árvore é diferente de outra que tem o mesmo nome, mas um desenvolvimento e uma história diversos, e outros diferentes como uma espécie de árvore é diferente da outra, como a bétula e a faia, como o carvalho e o pinheiro. Havia alguns ent s mais velhos, barbados e nodosos como árvores velhas e robustas (embora nenhum parecesse tão velho como Barbárvore); e havia ents altos e fortes, com os membros lisos e a pele macia, como árvores da floresta em sua plenitude; mas não havia ents jovens, nenhum rebento.

Todos juntos perfaziam cerca de duas dúzias, parados no chão amplo e gramado da garganta, enquanto um número semelhante se aproximava.

Num primeiro momento, Merry e Pippin ficaram chocados principalmente com a variedade que viram: as várias formas, cores e as diferenças em largura, altura, no comprimento dos braços e pernas, e no número de dedos dos pés e das mãos (qualquer coisa variando entre três a nove). Alguns pareciam mais ou menos aparentados a Barbárvore, e os faziam lembrar de faias e carvalhos. Mas havia outras espécies.

Alguns se assemelhavam à castanheira: ents de pele castanha, com grandes mãos de dedos espalhados, e pernas curtas e grossas. Outros pareciam o freixo: ents altos, eretos e cinzentos com mãos de muitos dedos e pernas compridas; outros lembravam o pinheiro (os ents mais altos), e outros a bétula, a tília e a sorveira.

Mas quando todos os ents se reuniram ao redor de Barbárvore, curvando as cabeças levemente, murmurando em suas vozes lentas e musicais, e olhando longa e atentamente para os forasteiros, então os hobbits viram que eram todos da mesma família, e todos tinham os mesmos olhos: não tão velhos e profundos como os de Barbárvore, mas todos com a mesma expressão lenta, firme e pensativa, e a mesma centelha verde.

Logo que todo o grupo estava reunido, parado num grande círculo ao redor de Barbárvore, uma conversa curiosa e ininteligível começou. Os ents começaram a murmurar lentamente: primeiro um e depois outro, até que todos estavam cantando juntos num ritmo longo, ascendente e descendente, em certos momentos mais alto de um lado do círculo, outros diminuindo ali e aumentando até chegar a um grande estrondo no outro lado, Embora não conseguisse entender nenhuma palavra — ele supôs que a língua era entês — Pippin achou o som muito agradável de escutar no início, mas gradualmente sua atenção se dispersou. Depois de um longo tempo (e o canto não dava sinais de chegar ao fim), ele se viu pensando, já que o entês era uma língua tão "desapressada", se eles já tinham ido além do Bom dia; e se Barbárvore tivesse de fazer a chamada quantos dias levaria até que terminasse de cantar todos os nomes. "Fico imaginando quais são os termos em entês para sim e não", pensou ele, bocejando.

Barbárvore imediatamente se deu conta dele. — Fim, ha, hei, meu Pippin! — disse ele, e os outros ents pararam de cantar. — Vocês são um povo apressado, eu estava esquecendo; e de qualquer forma é enfadonho escutar uma conversa que não se entende.

Vocês podem descer agora. Eu disse seus nomes ao Entebate, e eles já os viram, e concordaram que vocês não são orcs, e que uma linha nova deve ser acrescentada às velhas listas. Não discutimos mais nada até agora, mas isso já é um trabalho rápido para um Entebate, Você e Merry podem passear pela garganta, se quiserem.

Há um poço de água boa, se precisarem se refrescar, lá adiante na margem norte.

Ainda temos umas palavras a dizer antes que o Debate realmente comece. Logo irei ver

vocês outra vez, e contar como as coisas estão indo.
Colocou os hobbits no chão. Antes de se afastarem, eles fizeram uma grande
reverência. Esse gesto pareceu surpreender muito os ents, a julgar pelo tom de seus
murmúrios e pela centelha em seus olhos; mas logo voltavam aos seus próprios assuntos.
Merry e Pippin subiram pela trilha que vinha do oeste, e olharam através da abertura na
grande cerca-viva. Longas encostas cobertas de árvores subiam da borda da garganta, e
mais além delas, sobre os pinheiros da cordilheira mais distante, erguia-se, pontudo e
branco, o pico de uma alta montanha. Ao sul e à esquerda eles podiam ver a floresta
descendo na distância cinzenta, Ali, bem longe, vislumbrava-se um trecho claro e verde
que Merry supôs ser uma parte das planícies de Rohan.
— Fico imaginando onde fica Isengard — disse Pippin.
— Não sei muito bem onde estamos — disse Merry -. mas aquele pico provavelmente
é Methedras, e pelo que consigo lembrar o círculo de Isengard fica numa bifurcação ou
numa fissura no fim das montanhas. Provavelmente atrás d esta grande cordilheira. Parece
haver uma fumaça ou névoa sobre aquela região à esquerda do pico, você não acha:?
— Como é Isengard? — perguntou Pippin. — De qualquer maneira, fico imaginando o
que os ents podem fazer em relação a Isengard.
— Eu também — disse Merry. — Isengard é um tipo de círculo de rochas ou colinas, eu
acho, com um espaço plano no interior, e uma ilha ou pilar de pedra no meio, chamado
Orthanc. Ali Saruman tem uma torre. Há uma entrada, talvez mais de uma, na muralha
que contorna o lugar, e acredito que haja um rio passando ali; vem das montanhas e corre
atravessando o Desfiladeiro de Rohan. Não parece o tipo de lugar onde os ents possam
agir. Mas tenho uma sensação estranha a respeito desses ents: de certo modo acho que
eles não são assim tão inofensivos e tão esquisitos quanto parecem. Parecem lentos,
estranhos e pacientes, quase tristes; apesar disso acredito que eles poderiam ser
despertados. Se isso acontecesse, eu não gostaria de estar do outro lado.
— Sim! — disse Pippin. — Entendo o que quer dizer, Pode haver muita diferença entre
um velho boi, sentado e ruminando pensativamente, e um touro atacando; e a mudança
pode ser repentina. Pergunto-me se Barbárvore vai despertá-los. Tenho certeza de que vai

tentar. Mas eles não gostam de excitação. O próprio Barbárvore ficou excitado ontem à
noite, e depois se controlou outra vez.
Os hobbits se voltaram. As vozes dos ents ainda estavam subindo e descendo em
sua assembléia. O sol já se erguera o bastante para olhar por sobre a alta cerca-viva:
reluzia nas copas das bétulas. Ali eles viram uma pequena fonte brilhante. Caminharam
ao longo da borda da grande vasilha ao pé das árvores perenes — era bom sentir a grama
fresca em seus pés outra vez, sem estar com pressa — e depois desceram até a água que
jorrava. Tomaram um gole pequeno, cristalino, frio e rápido e se sentaram numa rocha

musgosa, contemplando os trechos ensolarados de grama e as sombras das nuvens que
passavam navegando sobre o chão da garganta. O murmúrio dos ents continuava.
O lugar parecia muito estranho e remoto, fora de seu mundo, e distante de tudo que
já lhes havia acontecido. Sobreveio-lhes um enorme desejo de rever os rostos e ouvir de
novo as vozes de seus companheiros, especialmente Frodo e Sam, e Passolargo.
Finalmente se fez uma pausa nas vozes dos ents; erguendo os olhos eles viram que
Barbárvore vinha na direção deles, ao lado de outro ent.
— Fim, hum, aqui estou de novo — disse Barbárvore. — Vocês estão ficando cansados
ou se sentindo impacientes, hem? Bem, receio que não possam ficar impacientes ainda.
Terminamos agora o primeiro estágio; mas ainda preciso explicar umas coisas de novo
para aqueles que vivem em lugares muito distantes, longe de Isengard, e para aqueles que
não consegui reunir antes do Debate, e depois disso teremos de decidir o que fazer.
Entretanto, decidir o que fazer não toma tanto tempo dos ents quanto examinar todos os
fatos e eventos sobre os quais eles precisam decidir. Mesmo assim, não adianta negar,
vamos ficar aqui por um bom tempo ainda: provavelmente uns dois dias. Por isso trouxelhes
um companheiro. Ele tem uma casa-ent por aqui. Bregalad é seu nome élfico.
Diz que já se decidiu e não precisa ficar até o fim do Debate. Hum, hum, ele é a
coisa que temos mais parecida com um ent apressado. Vocês vão se dar bem juntos. Até
logo! Barbárvore virou-se e os deixou.
Bregalad ficou por um tempo examinando os hobbits solenemente; eles também
olhavam-no, pensando quando é que mostraria algum sinal de apressamento. Era alto e
parecia ser um do s ents mais jovens; tinha uma pele macia e lustrosa nos braços e nas

pernas; os lábios eram rubros e os cabelos tinham um tom verde-acinzentado. Conseguia se curvar e se virar como uma árvore esbelta ao vento, Finalmente falou, e embora a voz fosse ressonante era mais alta e clara que a de Barbárvore.

— Ha, hummm, meus amigos, vamos dar um passeio! — disse ele. — Sou Bregalad, quer dizer Tronquesperto, na sua língua. Mas é apenas um apelido, claro. Eles me chamam assim desde que eu disse sim a um ent mais velho antes que ele terminasse sua pergunta. Também eu bebo rapidamente, e saio enquanto outros ainda estão molhando as barbas. Venham comigo!

Estendeu dois braços bem formados e ofereceu a cada um dos hobbits uma mão com dedos longos. Durante todo o dia caminharam pela floresta com ele, cantando e rindo; pois Tronquesperto frequentemente ria. Ria se o sol surgisse por trás de uma nuvem, ria quando encontravam um rio ou nascente: nesse caso parava e molhava os pés e a cabeça; ria às vezes ao ouvir algum som ou sussurro nas árvores. Toda vez que via uma sorveira, parava um tempo com os braços estendidos e cantava, e balançava o corpo enquanto cantava.

Ao cair da noite, levou-os para sua casa-ent: nada além de uma pedra limosa colocada em meio à turfa sob um barranco verde. Sorveiras cresciam fazendo um círculo em volta da pedra, e havia água (como em todas as casas-ents), uma nascente que saía borbulhando do barranco. Conversaram por um tempo enquanto a escuridão caía sobre a floresta. Não muito longe, podiam-se ouvir as vozes do Entebate continuando; mas agora pareciam mais graves e menos despreocupadas, e de quando em quando uma grande voz se erguia numa música aguda e agitada, enquanto todas as outras diminuíam. Mas com os hobbits Bregalad conversava na língua deles, quase sussurrando; souberam que ele pertencia ao povo de Casca-de-Pele, e a região onde viveram tinha sido devastada. Isso parecia aos hobbits motivo suficiente para explicar seu “apressamento”, pelo menos em relação aos outros.

— Havia sorveiras em minha terra — disse Bregalad suave e tristemente. — Sorveiras que criaram raízes quando eu ainda era um entinho, muitos, muitos anos atrás na quietude do mundo. As mais velhas foram plantadas pelos ents numa tentativa de agradar às

entesposas; mas elas olharam para as plantas, sorriram e disseram que sabiam onde botões
mais brancos e frutos mais ricos estavam crescendo.
Mas não há árvore dentre toda essa raça, o povo da Rosa, que eu ache tão bela. E
essas árvores cresceram, cresceram, até que a sombra de cada uma ficasse como um salão
verde, e seus frutos vermelhos eram um peso no outono, e também uma beleza de
admirar. Os pássaros costumavam pousar nelas aos bandos. Eu gosto de pássaros, mesmo
quando ficam tagarelando; e as sorveiras têm pássaros de sobra. Mas os pássaros ficaram
hostis e vorazes, bicavam as árvores e derrubavam os frutos sem comê-los.
Então vieram os orcs com machados e cortaram minhas árvores. Eu cheguei e as
chamei por seus longos nomes, mas elas nem se mexeram, não ouviram nem
responderam: jaziam mortas.
O Orojámê, Lassemista, Carnimíriê!
Bela sorveira, em tua cabeleira tão branca era tua flor!
Sorveira minha, teu brilho tinha do sol o tom e a cor
Tua casca em luz, tua folha em luz, tua voz tão doce e fria:
Em tua cabeça de ouro espessa corôa te enaltecia!
Morta sorveira, em tua cabeleira há cinzas invernais,
Corôa perdida, a voz sumida pra sempre e nunca mais.
O Orofarnê, Lassemista, Carnimíri ê!
Os hobbits adormeceram ao som do cantar suave de Bregalad, que parecia
lamentar em muitas línguas a queda das árvores que ele tanto amara.
Passaram também o dia seguinte na companhia dele, mas não se afastaram muito
de sua "casa". Ficaram a maior parte do tempo sentados em silêncio sob o abrigo do
barranco, pois o vento estava mais frio, e as nuvens mais fechadas e cinzentas; havia
pouco sol, e na distância as vozes dos ents no Debate ainda subiam e desciam, algumas
vezes altas e fortes, outras vezes baixas e tristes; algumas vezes aumentando o ritmo,
outras vezes lentas e solenes como um hino fúnebre. Uma segunda noite chegou e ainda
os ents continuavam em sua assembléia, sob nuvens apressadas e estrelas vacilantes.
O terceiro dia raiou, com frio e vento. Ao nascer do sol, as vozes dos ents se
ergueram num grande clamor e depois diminuíram de novo. Pelo fim da manhã o vento
diminuiu e o ar ficou pesado de expectativas. Os hobbits viam agora que Bregalad
escutava com atenção, embora para eles, lá no vale de sua casa-ent, o som do Debate
estivesse longínquo.
A tarde chegou, e o sol, rumando para o oeste na direção das montanhas, mandava
raios compridos e amarelos através das fendas e fissuras das nuvens. De repente
perceberam que tudo estava muito quieto; toda a floresta estava parada, num silêncio de
escuta. Era óbvio que as vozes dos ents tinham cessado. O que queria dizer isso?

Bregalad estava de pé, ereto e tenso, olhando para o norte, na direção do Valarcano.
Então com um estrondo veio um grito ruidoso: ra-hum-rah! As árvores tremeram e
se curvaram como se golpeadas por uma rajada de vento. Houve outra pausa, e depois
uma música de marcha começou como tambores solenes, e acima das batidas e estrondos
ruidosos cresciam vozes cantando alto e forte.
Tambor, tambor, lá vamos nós: ta-runda runda runda rom!
Os ents estavam chegando: cada vez mais forte e próxima soava sua canção:
Tambor e trompa, vamos lá: ta-runda runda runda rom!

Bregalad pegou os hobbits e saiu de sua casa.
Logo eles viram a fileira em marcha se aproximando: os ents estavam marchando
juntos com grandes passadas, descendo a encosta na direção deles. Barbárvore vinha à
frente, e cerca de cinqüenta seguidores vinham atrás dele, dois a dois, marcando o passo
com os pés e batendo com as mãos nos flancos. Conforme se aproximavam, foi possível
ver o clarão e a centelha nos olhos deles.
— Hum, hom! Aqui estamos com um estrondo, finalmente chegamos! — gritou
Barbárvore quando viu Bregalad e os hobbits. — Venham, juntem-se ao Entebate! Estamos
de partida. De partida para Isengard!
— Para Isengard! — os ents gritaram em muitas vozes.
— Para Isengard!
Pra Isengard! Se Isengard for forte e for qual calabouço,
Se Isengard for um lugar de pedra fria e duro osso,
Nós vamos todos guerrear, quebrar a pedra e seu portão!
Pois galho e tronco num só ronco vão queimar— à guerra então!
À terra dum pesar comum rufando enfim, tambor tambor!
Pra Isengard com um tambor! Impor temor! Impor terror!
Assim cantavam, marchando para o sul.
Bregalad, com os olhos brilhando, juntou-se à fila ao lado de Barbárvore — O velho
ent agora pegou os hobbits de volta, e colocou-os sobre os ombros outra vez, e assim eles
foram orgulhosos à frente do grupo que cantava, com os corações palpitando e as cabeças
erguidas. Embora tivessem tido expectativas de que alguma coisa ocorresse
eventualmente, ficaram chocados com a mudança que ocorrera com os ents. Parecia
abrupta como o estouro de uma correnteza há muito tempo estancada por dique.
— Os ents tomaram uma decisão bem rápido no final das contas, não foi? — arriscouse
Pippin a dizer depois de algum tempo, quando por um momento a cantoria parou, e
apenas se ouviam as batidas das mãos e pés.

— Rápido? — disse Barbárvore. — Hum! É mesmo. Mais rápido do que eu esperava.

Na verdade não os vejo assim entusiasmados há muitas eras. Nós ents não gostamos de ser incitados; e nunca despertamos a não ser que fique claro para nós que essas árvores e nossas vidas correm grande perigo. Isso não acontece nesta Floresta desde as guerras entre Sauron e os homens do Mar. Foi o serviço dos orcs, a derrubada indiscriminada de árvores rá rum — sem qualquer desculpa, nem mesmo com a péssima desculpa de alimentar as fogueiras, que nos enfureceu assim; e a traição de nosso vizinho, que deveria nos ter ajudado. Os Magos deveriam saber das coisas; e eles sabem. Não há maldição em élfico, entês, ou nas línguas dos homens para uma traição assim. Abaixo Saruman!

— Vocês vão realmente arrombar as portas de Isengard? — perguntou Merry.

— Ho, hm, bem, nós poderíamos, você sabe! Talvez vocês não saibam como somos fortes. Já ouviram, talvez, falar nos trolls? São muito fortes. Mas os trolls são apenas imitações, feitas pelo Inimigo na Grande Escuridão, à semelhança dos ents, como os orcs foram feitos à semelhança dos elfos. Somos mais fortes que os trolls. Somos feitos dos ossos da terra. Podemos partir as pedras como raízes de árvores, só que mais rápido, muito mais rápido, se nossas mentes forem incitadas! Se não formos derrubados, ou destruídos pelo fogo ou por alguma feitiçaria, podemos partir Isengard em pedaços e reduzir suas paredes a pedregulho.

— Mas Saruman vai tentar detê-los, não é?

— Sim, ah, sim, isso é verdade. Não esqueci desse fato. Na verdade pensei muito

sobre isso. Mas, você sabe, muitos dos ents são muitas vidas de árvore mais jovens do que eu. Estão decididos agora, e concentram as mentes numa única coisa: destruir Isengard. Mas logo começarão a pensar de novo: vão esfriar um pouco, quando estivermos tomando nossa bebida da noite. Que sede sentiremos! Mas, agora, que marchem e cantem! Temos um longo caminho a percorrer, e há tempo para pensar depois. Já é alguma coisa terem começado.

Barbárvore continuou marchando, cantando com os outros por um tempo. Mas depois sua voz foi diminuindo até se transformar num murmúrio, e ele ficou em silêncio

de novo. Pippin podia ver que sua velha fronte estava franzida e cheia de nós. Finalmente ergueu os olhos, e Pippin pôde ver seu olhar triste, triste mas não infeliz.

Havia uma luz naquele olhar, como se a chama verde tivesse afundado mais ainda nos poços escuros de seu pensamento.

— É claro, é muito provável, meus amigos — disse ele devagar —, é provável que estejamos indo ao encontro de nosso destino: a última marcha dos ents. Mas se ficássemos em casa sem fazer nada o destino nos encontraria de qualquer jeito, mais cedo ou mais tarde. Esse pensamento vem crescendo em nossos corações, e é por isso que estamos marchando agora. Não foi uma decisão apressada. Agora, pelo menos, a última marcha dos ents será digna de uma canção. É — suspirou ele —, podemos ajudar os outros povos antes de desaparecermos. Mesmo assim, eu iria gostar de ver as canções sobre as entesposas se tornando realidade. Iria gostar muito de rever Fimbrethil. Mas, meus amigos, as canções são como as árvores: só dão frutos no tempo próprio, e à sua maneira: e às vezes murcham antes da hora.

Os ents continuaram marchando a longas passadas. Rumavam para uma grande dobra no terreno que descia para o sul; agora começavam a subir, galgando a alta cordilheira ocidental. A floresta ficou bem abaixo e eles atingiram grupos espalhados de bétulas, e depois encostas nuas onde apenas alguns pinheiros esqueléticos cresciam.

O sol mergulhou atrás da escura colina à frente deles. Um crepúsculo cinzento desceu sobre a terra.

Pippin olhou para trás. O número de ents tinha crescido — ou o que estava acontecendo? No lugar onde deveriam estar as encostas nuas que tinham atravessado, ele teve a impressão de ver bosques de árvores. Mas elas estavam se movendo.

Será que as árvores de Fangorn estavam acordadas, e que a floresta estava subindo, marchando sobre as colinas em direção à guerra? Pippin esfregou os olhos, imaginando que o sono ou a escuridão o estivessem enganando; mas as grandes formas cinzentas não paravam de se mover para frente. Ouvia-se um ruído como o do vento em muitos galhos.

Os ents estavam chegando perto da crista da cordilheira agora, e tinham parado completamente de cantar. A noite caiu, e houve silêncio: não se ouvia nada, a não ser um tremor fraco da terra sob os pés dos ents, e um farfalhar, a sombra de um sussurro, como de muitas folhas arrastadas. Finalmente chegaram ao topo, e olharam para baixo, dentro de um fosso escuro: a grande fenda no fim das montanhas: Nan Curunír, o Vale de Saruman.

— A noite cobre Isengard — disse Barbárvore.

CAPÍTULO V
O CAVALEIRO BRANCO

— Estou gelado até os ossos — disse Gimli, batendo os braços e pisando forte.
Finalmente o dia chegara. Ao nascer do sol os companheiros comeram o que havia; agora,
na luz que aumentava, estavam se preparando para vasculhar o chão mais uma vez em
busca de sinais dos hobbits.
— E não se esqueça daquele velho! — disse Gimli. — Eu ficaria mais feliz se visse a
pegada de uma bota.
Por que isso o deixaria feliz? — perguntou Legolas.
Porque um velho com pés que deixam pegadas não pode ser mais nada além do
que aparenta — respondeu o anão.
— Talvez — disse o elfo -; mas uma bota pesada poderia não deixar pegadas aqui: a
grama é alta e fofa.
— isso não enganaria um guardião — disse Gimli. — Uma folha tombada é o suficiente
para que Aragorn possa ler. Mas não acho que ele vai descobrir qualquer sinal.
Foi uma aparição maligna de Saruman o que vimos ontem à noite. Tenho certeza
disso, mesmo sob a luz do dia. Os olhos dele estão nos procurando lá de Fangorn, até
mesmo agora, talvez.
— É bem provável — disse Aragorn -; mas não tenho certeza. Estou pensando nos
cavalos. Ontem você disse,
Gimli, que eles tinham sido afugentados. Mas eu não achei que foi isso que
aconteceu. Você os ouviu, Legolas? Pareciam animais apavorados?
— Não — disse Legolas. — Eu os ouvi claramente. Se não fosse pela escuridão e por
nosso próprio medo, eu acharia que eram animais eufóricos com uma alegria repentina.
Falaram como falam os cavalos que encontram um amigo do qual sentem falta há
muito tempo.
— Eu também achei isso — disse Aragorn — mas não consigo decifrar o enigma, a não
ser que eles retornem. Venham! A luz está aumentando rápido. Vamos olhar primeiro e
adivinhar depois! Devemos começar por aqui, perto de nosso próprio acampamento,
procurando cuidadosamente por tudo, e vasculhando a colina na direção da floresta.

Encontrar os hobbits é nossa missão, não importa o que pensemos sobre o visitante da noite passada. Se eles por algum acaso escaparam, então devem ter se escondido nas árvores, caso contrário teriam sido vistos. Se não encontrarmos nada desde este ponto até as bordas da floresta, então vamos fazer uma última busca no campo de batalha, por entre as cinzas. Mas lá há pouca esperança: os Cavaleiros de Rohan fizeram muito bem o seu trabalho.

Por algum tempo os companheiros se arrastaram, tateando o chão. A árvore se erguia lamentosa sobre eles, com suas folhas secas agora caídas, farfalhando ao frio Vento Leste. Aragorn se afastou lentamente. Chegou até as cinzas da fogueira dos cavaleiros, perto da margem do rio, e então começou a refazer o caminho de volta, na direção do montículo onde fora travada a batalha. De repente se agachou, baixando o rosto ao chão, quase até tocar a grama. Depois chamou os outros. Eles vieram correndo.

— Finalmente aqui encontramos notícias! — disse Aragorn. Ergueu uma folha quebrada para que os outros vissem, uma grande folha de tonalidade dourada, agora murchando e ficando marrom. — Aqui está uma folha de mallorn de Lórien, e há pequenas migalhas nela, e mais algumas na grama. E vejam ! Há alguns pedaços de corda cortada aqui perto!

— E aqui está a faca que a cortou! — disse Gimli. Abaixou-se e arrancou de uma touceira uma pequena lâmina dentada, que fora parar ali ao ser pesadamente pisada. O punho de onde tinha sido quebrada estava ao lado.

— É uma arma de orc — disse ele, segurando-a com cuidado e olhando com nojo para o punho entalhado: fora moldado na forma de uma horrível cabeça, com olhos vesgos e boca torta.

— Bem, este é o enigma mais estranho que já encontramos! — exclamou Legolas. — Um prisioneiro amarrado escapa tanto dos orcs como dos cavaleiros que estão em volta, Depois pára, ainda no espaço descoberto, e corta suas amarras com uma faca de orc. Mas como e por quê? Pois, se as pernas estavam atadas, como conseguiu andar? Se os braços estavam amarrados, como cortou as cordas? E se nenhum dos dois estava amarrado por que então ele usou a faca? Satisfeito com a própria habilidade, sentou-se e comeu tranqüilamente um pouco de pão-de-viagem! Isso pelo menos é

suficiente para mostrar que ele era um hobbit, sem contar com a folha de mallorn. Depois
disso, suponho, transformou seus braços em asas e fugiu voando por entre as árvores.
Seria fácil encontrá-lo: só precisamos de asas para nós também!
— Com certeza houve feitiçaria aqui — disse Gimli. — O que o velho estava fazendo?
O que você tem a dizer, Aragorn, sobre a interpretação de Legolas? Pode melhorá-la?
— Talvez eu pudesse — disse Aragorn, sorrindo. — Há uns outros sinais por aqui que
vocês não consideraram. Concordo que o prisioneiro era um hobbit e que devia estar ou
com os pés ou com as mãos livres, antes de chegar aqui. Acho que eram as mãos, porque
o enigma fica então mais fácil, e também porque, conforme estou interpretando os sinais,
ele foi carregado até aqui por um orc. Correu sangue ali, a alguns passos adiante, sangue
de orc. Há pegadas fundas de cascos rodeando todo este ponto, e sinais de que uma coisa
pesada foi arrastada. O orc foi morto por cavaleiros, e depois seu corpo foi puxado até a
fogueira. Mas o hobbit não foi visto: ele não estava no espaço aberto pois era noite e ele
ainda tinha sua capa élfica, Estava exausto e faminto, e não é de admirar que, quando
cortou suas amarras com a faca do inimigo, tenha descansado e comido um pouco antes
de se arrasta r para longe. Mas é um consolo saber que ele tinha um pouco de lembas no
bolso, mesmo que tenha fugido sem equipamentos ou mochilas, e isso talvez seja bem ao
estilo dos hobbits. Digo ele, embora tenha esperanças e suponha que Merry e Pippin
estiveram aqui juntos.
Entretanto, não há nada que nos dê certeza disso.
— E como você supõe que um de nossos amigos conseguiu livrar uma das mãos? —
perguntou Gimli.
— Não sei como isso aconteceu — respondeu Aragorn. — E também não sei por que
um orc os estava carregando para longe. Não para ajudá-los a escapar, disso podemos ter
certeza. Não, mas agora começo a entender uma coisa que me tem intrigado desde o
começo: por que, quando Boromir caiu, os orcs ficaram satisfeitos em capturar Merry e
Pippin? Não procuraram pelo resto de nosso grupo, nem atacaram nosso acampamento;

em vez disso, foram a toda velocidade na direção de Isengard. Será que supunham ter
capturado o Portador do Anel e seu fiel companheiro? Acho que não. Seus mestres não
dariam ordens tão claras aos orcs, mesmo que soubessem de tanta coisa; não falariam
abertamente sobre o Anel com eles: os orcs não são servidores confiáveis. Mas acho que
receberam ordens de capturar hobbits, vivos e a qualquer custo. Foi feita uma tentativa de
fuga com o s preciosos prisioneiros antes da batalha. Talvez traição, muito provável num
povo assim; algum orc grande e corajoso poderia estar tentando escapar sozinho levando
o premio, com fins próprios. Aí está minha história. Outras podem ser criadas. Mas pode
mos contar com isto de qualquer forma: pelo menos um de nossos amigos escapou. Nossa

tarefa é procurá-lo e tentar ajudá-lo antes de retornarmos a Rohan. Não devemos nos
intimidar com Fangorn, uma vez que a necessidade o levou para aquele lugar escuro.
— Não sei o que me intimida mais: Fangorn, ou pensar na longa estrada até Rohan a
pé — disse Gimli.
— Vamos para a Floresta — disse Aragorn.
Não demorou muito para que Aragorn encontrasse pistas recentes. Num Ponto,
perto da margem do Entágua, encontrou pegada s: pegadas de hobbit, mas leves demais
para que se pudesse tirar muitas conclusões a partir delas. Depois, sob a copa de uma
grande árvore, bem na orla da floresta, mais pegadas foram descobertas. A terra era seca e
nua, e não revelou muita coisa.
— Pelo menos um hobbit parou aqui por um tempo e olhou para trás; e depois foi
em direção à floresta — disse Aragorn.
— Então devemos entrar nela também — disse Gimli. — Mas não gosto do jeito desta
Fangorn, e fomos advertidos em relação a ela. Gostaria que a busca nos tivesse conduzido
a algum outro lugar!
— Não sinto maldade na floresta, não importa o que as histórias digam — disse
Legolas. Parou à beira da floresta, inclinando-se para frente, como se tentasse escutar
alguma coisa, e espiando com olhos bem abertos dentro das sombras.
— Não, a floresta não é má; ou, se houver algum mal nela, está bem longe.
Só percebo ecos quase inaudíveis de lugares escuros, onde os corações das árvores
são negros.
Não há malícia perto de nós; mas há vigilância, e ódio.

— Bem, a floresta não tem motivos para sentir ódio de mim — disse Gimli. — Não lhe fiz mal nenhum.

— Concordo com isso — disse Legolas. — Mas, mesmo assim, ela sofreu danos. Há alguma coisa acontecendo aqui dentro, ou prestes a acontecer. Vocês não sentem a tensão? É até difícil respirar.

— Sinto o ar abafado — disse o anão. — Esta floresta é mais leve que a Floresta das Trevas, mas é mofada e deprimente.

— É velha, muito velha — disse o elfo. — Tão velha que quase me sinto Jovem, outra vez, como não me sinto desde que viajei com vocês, crianças. E velha e carregada de lembranças. Eu poderia me sentir feliz aqui, se tivesse vindo em dias de paz.

— Arrisco dizer que sim — retrucou Gimli. — Você é um elfo da Floresta, de qualquer forma, embora os elfos de qualquer tipo sejam pessoas esquisitas. Mas você me consola. Por onde for, irei também. Mas mantenha seu arco a postos, e eu vou deixar meu machado solto no cinto. Não para usá-lo nas árvores — acrescentou ele depressa, erguendo os olhos para a árvore sob a qual estavam. — Não quero encontrar aquele velho inesperadamente sem ter um argumento à mão, isso é tudo. Vamos!

Com isso os três caçadores mergulharam na floresta de Fangorn. Legolas e Gimli deixaram que Aragorn procurasse as pistas. Havia pouco para se ver. O solo da floresta estava seco e coberto por uma camada de folhas; mas, supondo que os fugitivos ficariam perto da água, ele sempre retornava às margens do rio. Foi assim que chegou ao lugar onde Merry e Pippin tinham bebido água e molhado os pés. Ali, perfeitamente claras para quem quisesse ver, estavam as pegadas de dois hobbits, um deles um pouco menor que o outro.

— Esta notícia é boa — disse Aragorn. — Mas as marcas já têm dois dias. E parece que neste ponto os hobbits abandonaram as margens.

— Então, que faremos agora? — disse Gimli. — Não podemos procurá-los através de toda a floresta. Viemos com poucos suprimentos. Se não os encontrarmos logo, não poderemos ser de nenhuma utilidade, a não ser sentando ao lado deles e demonstrando nossa amizade, passando fome juntos.

— Se isso for realmente tudo o que pudermos fazer, então devemos fazê-lo — disse Aragorn. — Vamos em frente.

Finalmente chegaram à extremidade abrupta da colina íngreme de Barbárvore, e olharam para a parede rochosa com degraus grosseiros, que conduziam ao alto patamar.

Raios de sol perfuravam as nuvens apressadas, e a floresta agora parecia menos
cinzenta e desolada.
— Vamos subir e olhar em volta! — disse Legolas. — Ainda sinto a respiração
dificil.
Gostaria de experimentar um ar mais livre por uns momentos. Os companheiros
escalaram a encosta. Aragorn veio por último, avançando devagar: estava
examinando os
degraus e saliências minuciosamente.
— Tenho quase certeza de que os hobbits estiveram aqui em cima disse ele.
— Mas há outras marcas, marcas muito estranhas que eu não entendo. Fico
imaginando se deste patamar conseguiremos ver alguma coisa que nos ajude a
adivinhar
para onde eles foram depois.
Levantou-se e olhou em volta, mas não viu nada que o ajudasse. O patamar
voltava-se para o leste e para o sul; mas a vista só estava aberta na direção do
leste.
Ali ele conseguiu ver as cabeças das árvores descendo em fileiras em direção à
planície da qual eles tinham vindo.
— Demos uma grande volta — disse Legolas. — Poderíamos ter chegado aqui a
salvo e
juntos, se tivéssemos abandonado o Grande Rio no segundo ou terceiro dia, e
virado para
o oeste. Poucos conseguem enxergar para onde sua estrada os conduzirá antes de
chegarem ao final dela.
— Mas nós não queríamos vir para Fangorn — disse Gimli.
— Mas aqui estamos nós, perfeitamente presos na teia — disse Legolas.
— Olhe!
— Olhar o quê? — perguntou Gimli.
— Ali, nas árvores.
— Onde? Não tenho olhos de elfo.
— Psssiu! Fale mais baixo! Olhe! — disse Legolas apontando. — Lá embaixo, na
floresta, no caminho por onde viemos. É ele, Você não está vendo, passando de
árvore em
árvore?
— Estou vendo, agora estou vendo! — sussurrou Gimli. — Olhe, Aragorn! Eu não
o
avisei? Ali está o velho. Todo coberto de farrapos cinzentos: é por isso que não
consegui
vê-lo antes.
Aragorn olhou e viu uma figura curvada, movimentando-se devagar. Não estava
longe. Parecia um velho mendigo, caminhando fatigado, apoiando-se num cajado
rude — A
cabeça estava curvada, e ele não olhava na direção deles. Em outras terras, teriam-
no
cumprimentado com palavras gentis, mas naquele momento ficaram em silêncio,
cada um
sentindo uma estranha expectativa: algo que trazia um poder oculto — ou ameaça
— se
aproximava.
Gimli observou com os olhos arregalados por um tempo, conforme a figura se

avizinhava passo a passo. Então, de repente, não conseguindo mais se conter, falou numa
explosão: — Seu arco, Legolas! Apronte-o! Fique preparado! É Saruman. Não deixe que
ele fale, ou lance um feitiço sobre nós! Atire primeiro! Legolas pegou o arco e o
preparou, lentamente, como se outra vontade se opusesse à dele. Segurava uma flecha na
mão sem firmeza, sem encaixá-la na corda. Aragorn ficou quieto, seu rosto vigilante e
atento.

— O que está esperando? Qual é o problema com você? — disse Gimli num sussurro
chiado.
— Legolas está certo — disse Aragorn baixinho, — Não podemos atirar num velho
desse modo, traiçoeiramente e sem desafio, qualquer que seja o medo ou a dúvida que
tenhamos. Olhem e esperem!
Nesse momento, o velho apertou o passo e chegou com uma rapidez surpreendente
ao pé da muralha rochosa. Então, de repente, ergueu os olhos, enquanto os três
continuavam imóveis, olhando para baixo. Não se ouvia nenhum som.
Os companheiros não conseguiam ver seu rosto: ele estava usando um capuz, e
sobre o capuz havia um chapéu de aba larga, de modo que todo o rosto estava encoberto,
exceto a extremidade da barba grisalha. Mesmo assim, Aragorn teve a impressão de ver
de relance o brilho de olhos perspicazes, emitido daquele rosto encapuzado.
Finalmente o velho quebrou o silêncio. — Bem-vindos, meus amigos disse ele numa
voz suave. — Desejo-lhes falar. Vocês vão descer ou devo subir?
— Sem esperar uma resposta, começou a escalar.
— Agora! — disse Gimli. — Detenha-o, Legolas!
— Eu não disse que desejava lhes falar? — disse o velho. — Abaixe esse arco, Mestre
Elfo!
O arco e a flecha caíram das mãos de Legolas, e os braços ficaram paralisados ao
longo do corpo.
— E você, Mestre Anão, por favor, tire a mão do cabo de seu machado, até que eu
chegue aí! Não vai precisar desses argumentos.
Gimli fez um movimento e depois ficou petrificado, olhando, enquanto o velho
subia os rudes degraus com a leveza de um cabrito. Todo o cansaço parecia tê-lo
abandonado.
Conforme pisou no patamar houve um brilho, rápido demais para se ter certeza,
um breve vislumbre de branco, como se alguma vestimenta, ocultada pelos farrapos
cinzentos, tivesse sido revelada por um instante. Podia-se ouvir a respiração de Gimli
como um chiado ruidoso quebrando o silêncio.

— Bem-vindos, repito! — disse o velho, andando em direção a eles. Quando estava a alguns passos de distância, parou, inclinando-se sobre o cajado, com a cabeça para frente, espiando-os de seu capuz. — E todos vestidos à moda dos elfos. Não há dúvida de que por trás de tudo isso há uma história digna de ser ouvida. Essas coisas não são vistas com freqüência por aqui.

— Você fala como alguém que conhece bem Fangorn — disse Aragorn. — isso é verdade?

— Não muito bem — disse o velho. — Isso seria estudo para muitas vidas. Mas venho aqui de vez em quando.

— Podemos saber seu nome, e depois ouvir o que tem a nos dizer? Disse Aragorn. — A manhã está passando, e temos uma missão que não pode esperar.

— Quanto ao que eu desejava dizer, já o disse, E vocês, que andam fazendo, e que história podem me contar sobre vocês? Quanto ao meu nome!

— Ele interrompeu, dando uma risada longa e suave. Aragorn sentiu um tremor percorrer-lhe o corpo ao ouvir o som daquele riso, um arrepio frio e estranho; mas não foi medo ou terror o que sentiu: era mais como um golpe repentino de ar fresco, ou uma rajada de chuva fria despertando alguém de um sono intranqüilo.

— Meu nome! — disse o velho outra vez. — Ainda não adivinharam? Já o ouviram antes, eu acho. Sim, já o ouviram antes. Mas vamos agora, qual é sua história?

Os três companheiros ficaram em silêncio e não deram resposta.

— Existem pessoas que começariam a duvidar se sua missão merece ser contada — disse o velho. — Felizmente sei algo sobre ela. Estão seguindo as pegadas de dois jovens hobbits, suponho. Sim, hobbits. Não me olhem assim, como se nunca tivessem ouvido essa estranha palavra antes. Vocês já ouviram, e eu também. Bem, eles subiram aqui anteontem, e encontraram alguém que não esperavam. Isso os consola? E agora gostariam de saber para onde foram levados? Bem, bem, talvez eu possa lhes dar alguma notícia sobre isso. Mas por que estamos de pé? Sua missão, pelo que vejo, não é mais tão urgente quanto pensavam. Vamos nos sentar e ficar mais à vontade.

O velho se virou e foi na direção de um monte de pedras e rochas caídas ao pé do penhasco. Imediatamente, como se um feitiço tivesse sido removido, os outros relaxaram e se mexeram. As mãos de Gimli foram direto para o cabo do machado.

Aragorn sacou a espada. Legolas pegou o arco.

O velho não tomou conhecimento disso, mas se agachou e sentou-se sobre uma pedra baixa e plana. Então sua grande capa se abriu e eles viram, com certeza, que por baixo dela ele estava vestido de branco.

— Saruman! — gritou Gimli, saltando na direção dele com o machado em punho. — Fale! Diga-nos onde escondeu nossos amigos! Que fez com eles? Fale, ou farei um estrago em seu chapéu que será dificil de consertar, mesmo para um mago.

O velho foi rápido demais para ele. Saltou de pé e pulou para o topo de uma grande rocha. Ali ficou, subitamente imponente, erguendo-se diante deles. O capuz e os farrapos cinzentos caíram para trás. As vestes brancas brilharam.

Levantou o cajado, e o machado de Gimli saltou de seu punho e caiu com um ruído no solo. A espada de Aragorn, imóvel em sua mão paralisada, brilhava com um fogo repentino.

Legolas soltou um grito e atirou uma flecha no ar: ela sumiu num clarão de fogo.

— Mithrandir! — gritou ele. — Mithrandir!

— Bem-vindo, digo a você outra vez, Legolas! — disse o velho.

Todos olharam para ele. Os cabelos eram brancos como a neve ao sol, e brilhante era sua veste branca; os olhos sob as sobrancelhas grossas eram reluzentes, agudos como os raios do sol; havia poder em suas mãos. Em meio à surpresa, à alegria e ao medo, eles ficaram parados, sem saber o que dizer.

Finalmente Aragorn se mexeu. — Gandalf! — disse ele. — Além de todas as esperanças você retorna em nossa necessidade! Que véu cobria minha visão? Gandalf! —

Gimli não disse nada, mas caiu de joelhos e cobriu os olhos.

— Gandalf! — repetiu o velho, como se recuperasse de uma lembrança antiga um nome há muito em desuso. — Sim, esse era o nome. Eu era Gandalf Desceu da rocha e, apanhando a capa cinzenta, cobriu-se com ela: parecia que o sol estivera brilhando, e que agora se encobria de nuvens outra vez. — Sim, podem ainda me chamar de Gandalf — disse ele, e a voz era a de seu velho amigo, companheiro e guia. — Levante-se, meu bom Gimli!

Você não tem culpa, e não me fez mal algum.

Na verdade, meus amigos, nenhum de vocês tem armas que possam me ferir.

Alegrem-se! Encontramo-nos de novo! Na virada da maré. A grande tempestade se aproxima, mas a maré virou.

Colocou a mão sobre a cabeça de Gimli, e o anão ergueu os olhos e riu de repente.

— Gandalf! — disse ele. — Mas você está todo de branco!

— Sim, sou branco agora — disse Gandalf. — Na verdade, eu sou Saruman, quase poderíamos dizer, Saruman como ele deveria ter sido. Mas vamos agora, falem-me sobre

vocês! Atravessei o fogo e águas profundas desde que nos separamos. Esqueci muita coisa que julgava saber, e aprendi de novo muita coisa que havia esquecido. Posso ver muitas coisas à distância, mas muitas coisas que estão próximas eu não consigo ver. Falem-me sobre vocês!

— O que deseja saber? — perguntou Aragorn. — Tudo o que aconteceu desde que nos separamos na ponte seria uma história longa. Você não poderia primeiro nos dar notícias dos hobbits? Você os encontrou, e eles estão a salvo?

— Não, não os encontrei — disse Gandalf — Havia uma escuridão sobre os vales dos Emyn Muil, e eu não sabia que estavam aprisionados, até que a águia me contou.

— A águia! — disse Legolas. — Eu vi uma águia voando bem alto: a última vez foi há três dias, sobre os Emyn Muil.

— Sim — disse Gandalf —, era Gwaihir, o Senhor dos Ventos, que me resgatou de Orthanc. Enviei-o na minha frente para vigiar o Rio e conseguir notícias. Ele tem uma visão apurada, mas seus olhos não conseguem enxergar tudo o que se passa sob as colinas e árvores. Algumas coisas ele viu, e outras eu mesmo vi. O Anel agora está fora do alcance de minha ajuda, ou da ajuda de qualquer um da Comitiva que partiu de Valfenda. Quase foi revelado ao Inimigo, mas escapou. Tive alguma parte nisso: pois sentei-me num lugar alto, e lutei contra a Torre Escura e a Sombra passou. Depois fiquei cansado, muito cansado; e caminhei por muito tempo, envolvido em pensamentos escuros.

— Então você sabe sobre Frodo! — disse Gimli. — Como estão as coisas com ele?

— Não sei dizer. Foi salvo de um grande perigo, mas muitos ainda o esperam. Resolveu ir sozinho a Mordor, e partiu: isso é tudo que posso dizer.

— Não sozinho — disse Legolas. — Achamos que Sam foi com ele.

— Ele foi? — disse Gandalf, e seus olhos brilharam e o rosto sorriu. Foi mesmo? Isso é novidade para mim, mas não me surpreende, Bom! Muito bom! Tiram-me um peso do coração. Precisam me dizer mais. Agora sentem-se ao meu lado e contem a história de sua jornada.O

s companheiros sentaram-se no chão aos pés dele, e Aragorn continuou a história. Por um longo período Gandalf não disse nada, e não fez perguntas. Suas mãos estavam estendidas sobre os joelhos, e os olhos fechados. Finalmente, quando Aragorn

falou sobre a morte de Boromir e de sua última viagem pelo Grande Rio, o velho suspirou.

— Você não disse tudo o que sabe ou supõe, Aragorn, meu amigo — disse ele suavemente. — Pobre Boromir! Não pude ver o que aconteceu com ele. Foi uma prova dura para um homem assim: um guerreiro, um senhor de homens. Galadriel me disse que ele estava em perigo. Mas escapou no final. Fico feliz. Não foi em vão que os jovens hobbits vieram conosco, mesmo que tenha sido apenas para o bem de Boromir. Mas esse não é o único papel deles. Foram trazidos a Fangorn, e a chegada deles foi como a queda de pequenas pedras que iniciam uma avalanche nas montanhas. Neste momento em que estamos conversando, ouço os primeiros estrondos. Será melhor para Saruman não ser pego fora de casa quando a represa explodir.

— Em uma coisa você continua o mesmo, caro amigo — disse Aragorn Você ainda fala por meio de enigmas.

— O quê? Em enigmas? — disse Gandalf — Pois estava falando comigo mesmo em voz alta. Um hábito dos velhos: escolhem falar às pessoas mais mais sábias as longas explicações que os jovens necessitam são cansativas.

Mas o som do riso agora parecia quente e agradável, como um raio de sol.

— Não sou mais jovem, mesmo para os homens das Antigas Casas disse Aragorn. — Você não poderia me abrir sua mente com mais clareza?

— Que devo então dizer? — disse Gandalf, depois parou um tempo, pensando.

— Este é um resumo das coisas como as vejo agora, se você quiser saber um pouco do que estou pensando, com a maior clareza possível. O Inimigo, é claro, já sabe há muito tempo que o Anel está viajando, e que seu portador é um hobbit. Sabe o número dos integrantes de nossa Comitiva, que partiu de Valfenda, e que tipo de pessoas somos. Mas ainda não percebe nosso propósito claramente. Supõe que todos nós está vamos indo para Minas Tirith, pois isso é o que ele próprio faria se estivesse em nosso lugar. E de acordo com a sua sabedoria isso seria um golpe forte contra seu poder. Na verdade, está sentindo um grande medo, sem saber que pessoa poderosa poderia de repente aparecer, controlando o Anel e ameaçando-o com a guerra, tentando destruí-lo e tomar seu lugar.

Que poderíamos desejar destruí-lo e não colocar ninguém em seu lugar é um pensamento que não lhe ocorre. Que possamos tentar destruir o próprio Anel é algo que não entrou nem em seus sonhos mais escuros. Nisso, sem dúvida, vocês verão nossa boa sorte e nossa esperança. Por ter imaginado a guerra, deflagrou a guerra, acreditando que não tinha mais tempo a perder; pois aquele que dá o primeiro golpe, se o golpe tiver força suficiente, pode não precisar dar mais golpes. Assim, as forças que vem preparando há muito tempo, ele as colocou em ação antes do que pretendia. Sábio tolo. Pois se tivesse usado todo seu poder para guardar Mordor, de modo que ninguém conseguisse entrar, e colocado toda a sua astúcia na procura do Anel, então realmente não haveria mais esperanças: nem o Anel nem o portador poderiam tê-lo iludido por muito tempo. Mas agora olha mais para longe do que para as vizinhanças de seu lar; e principalmente olha na direção de Minas Tirith. Logo sua força cairá sobre aquela cidade como uma tempestade.

— Pois ele já sabe que os mensageiros que enviou para perseguir a Comitiva falharam de novo. Não encontraram o Anel. Nem trouxeram qualquer hobbit como refém. Se tivessem feito isso, teria sido um golpe forte para nós, que poderia ser fatal. Mas não vamos escurecer nossos corações imaginando o julgamento de sua gentil lealdade na Torre Escura. Pois o Inimigo falhou — por enquanto. Graças a Saruman.

— Então Saruman não é um traidor?

— Na verdade é — disse Gandalf — Duplamente, E isso não é estranho? Nada que suportamos recentemente parece tão lamentável quanto a traição de Isengard. Mesmo considerando-se o padrão de um senhor e um capitão, Saruman se tomou muito forte. Ameaça os homens de Rohan e retira o apoio que eles receberiam de Minas Tirith, exatamente no momento em que o golpe principal se aproxima, vindo do leste. Apesar disso, uma arma traiçoeira é sempre perigosa para quem a empunha. Saruman também desejava apossar-se do Anel, para uso próprio, ou pelo menos capturar alguns hobbits para seus propósitos malignos. Então, agindo em conjunto, nossos inimigos só conseguiram trazer Merry e Pippin numa velocidade espantosa, e no momento certo, até Fangorn, para onde eles nunca teriam vindo de outra forma! Além disso, encheram-se de

dúvidas novas que atrapalham seus planos. Nenhuma notícia da batalha chegará a Mordor, graças aos Cavaleiros de Rohan; mas o Senhor do Escuro sabe que dois hobbits foram captura dos nos Emyn Muil e levados para Isengard contra a vontade de seus próprios servidores. Agora ele teme Isengard e também Minas Tirith. Se Minas Tirith cair, isso será ruim para Saruman.

— É uma pena que nossos amigos estejam no meio dessa luta — disse Gimli.

— Se nenhuma terra ficasse entre Isengard e Mordor, eles poderiam lutar enquanto nós ficaríamos observando e esperando.

— O vencedor emergeria mais forte que qualquer um dos dois, e livre de dúvidas — disse Gandalf. — Mas Isengard não pode lutar contra Mordor, a não ser que Saruman obtenha o Anel primeiro. E isso ele não conseguirá nunca. Ainda não sabe do perigo que corre. Há muita coisa que ele não sabe. Estava tão ávido por colocar as mãos em sua presa

que não conseguiu ficar esperando em casa, e saiu para encontrar e espionar seus mensageiros. Mas chegou tarde demais, desta vez; a batalha já estava terminada e ele não podia mais ajudar em nada quando chegou a estas partes. Não ficou aqui por muito tempo. Olhando dentro da mente dele eu vejo suas dúvidas. Ele fica desorientado em florestas. Acha que os cavaleiros mataram e queimaram todos sobre o campo de batalha, mas não sabe se os orcs estavam ou não — trazendo algum prisioneiro. E não sabe da discussão entre seus servidores e os orcs de Mordor; e também não sabe do Mensageiro Alado.

— O Mensageiro Alado! — gritou Legolas. — Atirei nele com o arco de Galadriel sobre o Sarn Gebir, e derrubei-o dos céus. Ele nos encheu de medo. Que novo terror é esse?

— Um terror que você não pode abater com flechas — disse Gandalf. Você apenas abateu a montaria dele. Foi um bom feito; mas logo o Cavaleiro conseguiu outro cavalo. Pois ele era um Nazgúl, um dos Nove, que agora têm montarias aladas. Logo seu terror cobrirá de sombras os últimos exércitos de nossos amigos, barrando o sol. Mas ainda não lhes foi permitido atravessar o Rio, e Saruman não conhece essa nova forma na qual os Espectros do Anel se apresentam. Tem o pensamento constantemente voltado para o Anel. O Anel estava presente na batalha? Foi encontrado? E se Théoden, Senhor da

Terra dos Cavaleiros, se aproximasse e soubesse do poder desse Anel? É esse o perigo que Saruman enxerga, e ele fugiu de volta para Isengard para redobrar ou triplicar a força de seu a taque em Rohan. E durante todo o tempo há um outro perigo, muito próximo, que ele não enxerga, ocupado que está com seus pensamentos inflamados. Esqueceu Barbárvore.

— Agora você está falando para si mesmo outra vez — disse Aragorn com um sorriso. — Não conheço Barbárvore. E adivinhei parte da dupla traição de Saruman; apesar disso, não vejo de que modo a chegada de dois hobbits a Fangorn pode ter tido alguma serventia, exceto para nos proporcionar uma busca longa e infrutífera.

— Espere um minuto! — gritou Gimli. — Há uma outra coisa que eu gostaria de saber primeiro. Foi você, Gandalf, ou Saruman, que vimos a noite passada?

— Certamente vocês não me viram — respondeu Gandalf —, portanto devo supor que viram Saruman. Evidentemente somos agora tão parecidos que seu desejo de fazer um estrago irreversível no meu chapéu deve ser perdoado.

— Bom, bom! — disse Gimli. — Fico feliz em saber que não era você.

Gandalf riu de novo. — Sim, meu bom anão — disse ele. — É bom não ser confundido em todos os pontos. Sei disso muito bem! Mas, é claro, nunca os culpei pelo modo como me receberam. Como poderia, se freqüentemente aconselhei meus amigos a suspeitarem até de suas próprias sombras, quando estivessem lidando com o Inimigo? Bendito seja, Gimli, filho de Glóin! Talvez você nos veja juntos um dia e então poderá julgar a diferença.

— Mas os hobbits! — interrompeu Legolas. — Viemos de longe à procura deles, e parece que você sabe onde eles estão. Onde estão agora?

— Com Barbárvore e os ents — disse Gandalf.

— Os ents! — exclamou Aragorn. — Então há verdade nas velhas lendas sobre os moradores das florestas profundas e os pastores gigantes das árvores? Ainda existem ents no mundo? Achei que fossem apenas uma lembrança de dias antigos, se de fato eram mesmo algo mais que uma lenda de Rohan.

— Uma lenda de Rohan! — gritou Legolas. — Não, todos os elfos das Terras Ermas já cantaram canções sobre os velhos onodrim e sua longa tristeza. Mas mesmo entre nós eles são apenas uma lembrança. Se eu encontrasse um deles ainda caminhando por este mundo, então poderia me sentir jovem outra vez! Mas Barbárvore: isso é apenas uma

tradução de Fangorn para a Língua Geral; mas você parece estar falando de uma pessoa.
Quem é esse Barbárvore? — Ali, agora estão fazendo perguntas demais — disse Gandalf. —
O pouco que sei de sua longa e lenta história daria uma narrativa para a qual não ternos
tempo agora.
— Barbárvore é Fangorn, o guardião da floresta; é o mais velho dos ents, o ser mais
velho que ainda caminha sob o sol, nesta Terra-média. Realmente espero, Legolas, que
você ainda possa encontrá-lo. Merry e Pippin tiveram sorte: encontraram-no aqui, neste
ponto onde estamos sentados. Pois ele veio aqui há dois dias e os levou para sua moradia
lá longe, perto das raízes das montanhas. Freqüentemente vem aqui, principalmente
quando tem a mente inquieta, e quando os rumores do mundo lá fora o preocupam. Vi-o
há quatro dias andando a largas passadas por entre as árvores, e acho que ele me viu, pois
parou; mas eu não disse nada, porque estava concentrado em meus pensamentos, e
cansado depois de minha luta contra o Olho de Mordor; ele também não falou, nem
chamou meu nome.
— Talvez também tenha achado que você era Saruman — disse Gimli.
— Mas você fala dele como se fosse um amigo. Pensei que Fangorn fosse perigoso.
— Perigoso! — exclamou Gandalf. — Eu também sou, muito perigoso: mais perigoso
que qualquer outro ser que jamais encontrarão, a não ser que sejam levados vivos diante
do trono do Senhor do Escuro. E Aragorn é perigoso, e Legolas é perigoso. Você está
rodeado de perigos, Gimli, filho de Glóin; pois você mesmo é perigoso, à sua maneira.
Certamente a floresta de Fangorn é perigosa — não menos perigosa para aqueles que são
rápidos demais com seus machados; e o próprio Fangorn, ele também é perigoso, no
entanto é gentil e sábio. Mas agora sua ira lenta e longa está transbordando, e toda a
floresta está cheia dela. A vinda dos hobbits com as notícias que trouxeram foi a gota
d'água: logo estará correndo como uma enchente; mas sua maré está voltada contra
Saruman e os machados de Isengard. Algo que não acontece desde os Dias Antigos está
para acontecer: os ents vão despertar e descobrir que são fortes.
— Que irão fazer? — perguntou Legolas atônito.

— Não sei — disse Gandalf. — Não acho que eles mesmos saibam. Fico imaginando. —

Ficou em silêncio, com a cabeça curvada, perdido em pensamentos.

Os outros olharam para ele. Um raio de sol, através de nuvens fugitivas, bateu em suas mãos, que agora estavam caídas sobre seu colo, com as palmas voltadas para cima: pareciam estar cheias de luz como um copo cheio de água. Finalmente ergueu os olhos e olhou direto para o sol.

— A manhã está terminando — disse ele. — Logo devemos partir.

— Vamos encontrar nossos amigos e Barbárvore? — perguntou Aragorn.

— Não — disse Gandalf — Não é essa a estrada que devem pegar. Pronunciei palavras de esperança. Mas apenas de esperança. Esperança não é vitória. A guerra está sobre nós e todos os nossos amigos, uma guerra na qual apenas a utilização do Anel poderia nos dar certeza de vitória. Enche-me de grande tristeza e medo: pois muita coisa será destruída, e tudo pode ser perdido. Sou Gandalf, Gandalf, o Branco, mas o Negro ainda é mais poderoso.

Levantou-se e olhou em direção ao leste, protegendo os olhos, como s e enxergasse coisas muito distantes que nenhum deles podia ver. Depois balançou a cabeça. — Não — disse ele numa voz suave —, o Anel está além de nosso alcance. Alegremo-nos pelo menos com isso. Não podemos mais ser tentados a usá-lo. Devemos descer e enfrentar um perigo quase desesperador, mas aquele perigo mortal foi removido.

Virou-se. — Venha, Aragorn, filho de Arathorn! — disse ele. — Não se arrependa de sua escolha no vale das Emyn Muil, nem considere que esta busca foi em vão, Em meio a muitas dúvidas, você escolheu a trilha certa: a escolha foi justa, e foi recompensada. Pois assim nos encontramos em tempo, e se fosse de outro modo poderíamos ter nos encontrado tarde demais. Mas a busca de seus companheiros terminou. Sua próxima jornada está marcada pela palavra que deu. Deve ir a Edoras e procurar Théoden em seu palácio. Precisam de você. A luz de Andúril deve agora ser revelada na batalha pela qual ela esperou por tanto tempo. Há guerra em Rohan, é um mal maior: as coisas não vão bem para Théoden.

— Então não vamos ver os alegres hobbits de novo? — perguntou Legolas.

— Eu não disse isso — disse Gandalf — Quem pode saber? Tenha paciência. Vá aonde

deve ir, e tenha esperança! Para Edoras! Eu também vou para lá!
— É uma estrada longa a ser trilhada por um homem, velho ou jovem disse Aragorn.
— Receio que a batalha esteja terminada antes de chegarmos lá.
— Veremos, veremos — disse Gandalf. — Vocês me acompanham agora?
— Sim, partiremos juntos — disse Aragorn. — Mas não duvido que você chegue lá
antes de mim, se quiser. — Levantou-se e olhou Gandalf longamente. Os outros
observavam em silêncio, enquanto os dois olhavam um para o outro, A figura cinzenta do
Homem, Aragorn, filho de Arathorn, era alta, firme como uma rocha, a mão sobre o
punho de sua espada ; parecia que um rei tinha surgido das névoas do mar e pisado sobre
as praias de homens menores. Diante dele se curvava a velha figura, branca, agora
brilhando como se alguma luz a iluminasse de dentro, inclinada, sobrecarregada pelos
anos, mas detentora de um poder acima da força dos reis.
— Não falo a verdade, Gandalf — disse Aragorn finalmente —, quando digo que você
poderia ir a qualquer lugar que quisesse mais rápido que eu? E também digo isto: você é
nosso capitão e nossa insígnia. O Senhor do Escuro tem Nove. Mas nós temos Um, mais
poderoso que eles: o Cavaleiro Branco. Passou pelo fogo e pelo abismo, e eles devem
temê-lo. Iremos aonde nos levar.
— Sim, juntos seguiremos você — disse Legolas. — Mas primeiro, Gandalf, aliviaria
meu coração ouvir o que lhe aconteceu em Moria. Não vai nos contar? Não pode ficar
nem mesmo para dizer aos seus amigos como se libertou?
— Já fiquei tempo demais — respondeu Gandalf — O tempo é curto. Mas se houvesse
um ano para conversar não seria o suficiente para contar-lhes tudo.
— Então conte-nos o que desejar, e o que o tempo permitir! — disse Gimli.
— Vamos, Gandalf, conte-nos como se saiu com o Balrog!
— Não mencione esse nome! — disse Gandalf, e por um instante pareceu que uma
nuvem de dor passava sobre seu rosto, e ele ficou sentado, com uma aparência mais velha
que a morte. — Por muito tempo cai — disse ele finalmente, devagar, como se tentasse
recordar com dificuldade. — Caí por muito tempo, e ele caiu comigo. O fogo dele me
envolvia. Eu estava me queimando. Então mergulhamos em águas profundas e tudo ficou
escuro. A água era fria como a maré da morte: quase congelou meu coração.
— Profundo é o abismo atravessado pela Ponte de Durin, e ninguém nunca o mediu
— disse Gimli.

— Mas ele tem um fundo, além da luz e do conhecimento — disse Gandalf — Cheguei
lá finalmente, às mais remotas fundações de pedra. Ele ainda estava comigo, Seu fogo
estava extinto, mas agora ele era um ser de lodo, mais forte que uma serpente
estranguladora.
— Lutamos muito abaixo da terra vivente, onde não se conta O tempo. Ele sempre
me agarrava e eu sempre o derrubava, até que finalmente ele fugiu para dentro de túneis
escuros. Estes não foram feitos pelo povo de Durin, Gimli, filho de Glóin. Muito, muito

abaixo das escavações d os anões, o mundo é corroído por seres sem nome. Nem mesmo
Sauron os conhece. São mais velhos que ele. Agora, eu andei por lá, mas não farei
nenhum relato para escurecer a luz do dia. Naquele desespero, meu inimigo era minha
única esperança, e eu o segui, agarrando-me aos seus calcanhares. Assim ele me trouxe de
volta, finalmente, aos caminhos secretos de Khazad-dûm: ele os conhecia muito bem.
Fomos subindo sempre, até chegarmos à Escada Interminável.
— Ela está perdida há muito tempo — disse Gimli. — Muitos disseram que nunca foi
construída, a não ser nas lendas, mas outros diziam que havia sido destruída.
— Foi feita, e não foi destruída — disse Gandalf — Da última masmorra ao pico mais
alto ela subia, ascendendo numa espiral ininterrupta de muitos milhares de degraus, até
finalmente atingir a Torre de Durin, entalhada na rocha viva de Zirakzigil, o pináculo do
Pico de Prata.
— Ali, no Celebdil, havia uma janela solitária sobre a neve, e diante dela se deitava
um espaço estreito, um ninho vertiginoso sobre as névoas do mundo. Lá o sol brilhava
violentamente, mas tudo embaixo estava envolvido por nuvens. Ele saltou para fora, e no
momento em que eu o alcançava explodiu em chamas novas. Ninguém estava lá para ver,
ou talvez em eras posteriores alguém ainda cantasse sobre a Batalha do Pico. De repente
Gandalf riu. — Mas o que diriam nas canções? Aqueles que olharam para cima de um
ponto distante pensaram que a montanha estava coberta pela tempestade. Ouviram
trovões; e relâmpagos, diziam eles, atingiam Celebdil e ricocheteavam em línguas de
fogo. Isso não é o bastante? Uma grande fumaça se ergueu à nossa volta. O gelo caiu

como chuva. Joguei o inimigo para baixo, e ele caiu e quebrou a encosta da montanha no ponto em que a atingiu ao ser destruido. Depois a escuridão me dominou, e eu me perdi do pensamento e do tempo, e vaguei muito por estradas que não vou contar.

— Estava nu quando fui enviado de volta — por um tempo curto, até que minha tarefa estivesse cumprida. E nu jazi sobre o topo da montanha. A torre atrás dela estava desfeita em poeira, a janela já não existia mais; a escada arruinada estava obstruída por rochas quebradas e queimadas. Eu estava sozinho, esquecido, sem possibilidades de escapar, sobre o duro chifre do mundo. Fiquei ali deitado, olhando para cima, enquanto as estrelas rodavam, e cada dia era longo como uma era na vida da terra. Chegavam aos meus ouvidos os rumores longínquos de todas as terras: o nascimento e a morte, o canto e o choro, e o gemido lento e eterno da rocha sobrecarregada. Então, finalmente, Gwaihir, o Senhor do Vento, me encontrou novamente, e me carregou para longe.

— "Meu destino é sempre ser uma carga para você, amigo das horas difíceis", disse eu.

— "Você foi uma carga", respondeu ele, "mas não é agora. Está leve como a pluma de um cisne em minhas garras. O sol brilha através de seu corpo. Na realidade, acho que não precisa mais de mim: se o deixasse cair, você flutuaria no vento."

— "Não me deixe cair!", disse eu ofegante, pois sentia vida em mim outra vez. "Leve-me a Lothlórien!"

— "Foram exatamente essas as ordens da Senhora Galadriel, que me enviou para procurá-lo", respondeu ele.

— Foi assim que cheguei a Caras Galadhon e soube que vocês tinham partido havia pouco. Permaneci lá, no tempo sem idade daquela terra onde os dias trazem cura e não ruína. Encontrei a cura, e fui vestido de branco. Dei conselhos e recebi conselhos. De lá vim por estradas estranhas, e trago mensagens a alguns de vocês. Para Aragorn, trago esta:

Onde estão os Dúnedain, Elessar. Elessar?

Por que agrada a teu povo vagar?
Vão dentro em breve os Perdidos surgir.
E os Cinzentos do Norte hão de vir.
Mas negro é o caminho a ti destinado:
Há Mortos à espreita na senda do Mar

Para Legolas ela enviou este recado:

Legolas Verdefôlha, o bosque é teu lar!
Alegre viveste. Cuidado com o Mar!
Se na praia gaivotas gritarem por ti,
Descanso jamais acharás por aqui.

Gandalf ficou em silêncio e fechou os olhos.

— Então ela não me mandou nenhum recado? — disse Gimli abaixando a cabeça.

— Escuras são as suas palavras — disse Legolas — e pouco significam para aqueles
que as recebem.

— Isso não é consolo — disse Gimli.

— E daí? — disse Legolas. — Você queria que ela lhe falasse abertamente sobre sua
morte?

— Sim, se não tivesse mais nada a dizer.

— O que é isso? — disse Gandalf, abrindo os olhos. — Sim, acho que posso adivinhar
o significado das palavras dela. Desculpe-me, Gimli! Eu estava pensando nas mensagens
mais uma vez. Mas ela realmente lhe enviou algumas palavras, que não são nem escuras
nem tristes.

— "Para Gimli, filho de Glóin", disse ela, "envie os cumprimentos de sua Senhora.
Por onde fores, Portador da Mecha, meu pensamento te acompanhará. Mas tenha o
cuidado de golpear com teu machado a árvore certa!"

— Em boa hora você retorna a nós, Gandalf — gritou o anão, fazendo cabriolagens
enquanto cantava alto na estranha língua dos anões. — Venham! Venham! — gritou ele,
brandindo o machado. — Agora que a cabeça de Gandalf é sagrada, vamos achar uma outra
que seja justo partir.

— Não é preciso procurar muito longe — disse Gandalf, levantando-se. Venham!
Gastamos todo o tempo que é permitido para um encontro de amigos que estavam
separados. Agora precisamos nos apressar.

Embrulhou-se outra vez em sua velha capa surrada, e foi na frente. Seguindo-o,
eles desceram rapidamente do alto patamar e foram de volta para a floresta, descendo a
margem do Entágua. Não falaram mais nada, até pisarem outra vez na grama além das
bordas de Fangorn. Não havia nenhum sinal de seus cavalos.

— Eles não retornaram — disse Legolas. — Será uma caminhada cansativa!

— Eu não vou caminhar. O tempo urge — disse Gandalf Depois, levantando a cabeça,
deu um longo assobio. Foi tão claro e penetrante que os outros ficaram chocados por
ouvirem um som assim saindo daqueles velhos lábios barbados. Assobiou três vezes,
então, fraco e distante, eles tiveram a impressão de escutar o relincho de um cavalo vindo

das planícies, trazido pelo Vento Leste. Esperaram, curiosos. Logo chegou até eles o som de cascos, primeiro pouco mais que um tremor do chão, perceptível apenas para Aragorn, que estava deitado sobre a grama; depois, cada vez mais alto e claro, até tornar-se uma batida rápida.

— Há mais de um cavalo vindo para cá — disse Aragorn.

— Certamente — disse Gandalf. — Somos carga demais para um só.

— Há três cavalos — disse Legolas, olhando por sobre a planície. — Vejam como correm. É Hasufel, e ali está meu amigo Arod ao lado dele! Mas há um outro que vem na frente: um cavalo muito grande. Não vi nenhum assim antes.

— Nem vai ver outra vez — disse Gandalf — Aquele é Scadufax. É o chefe dos Mearas, senhores dos cavalos, e nem mesmo Théoden, Rei de Rohan, jamais viu um melhor. Ele não brilha como prata, e não corre com a suavidade de um rio veloz? Ele veio ao meu encontro: o cavalo do Cavaleiro Branco. Vamos à batalha juntos.

No momento em que o velho mago falava, o grande cavalo veio avançando pela encosta, na direção deles: seu pêlo brilhava e a crina flutuava ao vento. Os outros dois o seguiam, agora bem atrás. Assim que Scadufax viu Gandalf, apertou o passo e relinchou alto; depois, trotando suavemente, aproximou-se, abaixou a cabeça altiva e aninhou as grandes narinas no pescoço d o velho.

Gandalf o acariciou. — É uma longa estrada desde Valfenda, meu amigo — disse ele. — Mas você é sábio e rápido e chega quando é necessário. Agora vamos cavalgar muito juntos, e nunca mais nos separaremos neste mundo!

Logo os outros cavalos vieram subindo e ficaram por perto, quietos como se esperassem ordens. — Vamos imediatamente para Meduseld, o palácio de seu mestre, Théoden — disse Gandalf, dirigindo-se a eles com gravidade, Os animais abaixaram as cabeças. — O tempo está passando; então, com sua permissão, meus amigos, vamos montar. Imploramos que usem toda a velocidade que puderem. Hasufel levará Aragorn, e Arod levará Legolas. Vou colocar Gimli na minha frente, e com sua permissão Scadufax levará nós dois, Agora só vamos esperar que vocês bebam um pouco de água.

— Agora entendo uma parte do enigma da noite passada — disse Legolas enquanto pulava com leveza sobre o lombo de Arod. — Quer tenham ou não sentido medo num

primeiro momento, os cavalos encontraram Scadufax, seu líder, e o receberam com alegria. Você sabia que ele estava por perto, Gandalf?

— Sim, eu sabia — disse o mago. — Coloquei meu pensamento nele, pedindo que se apressasse; pois ontem ele estava distante, no sul desta região. Rapidamente poderá me levar de volta!

Agora Gandalf falava com Scadufax, e o cavalo partiu num passo veloz, mas que os outros ainda podiam acompanhar. Depois de um tempo voltou-se de repente, e escolhendo um lugar onde as margens eram mais baixas entrou no rio, e então foi para o sul, passando por uma região plana, aberta e ampla. O vento ia como grandes ondas através das intermináveis ilhas de relva. Não havia sinal de estrada ou trilha, mas Scadufax não se perdia nem titubeava.

— Ele está fazendo um caminho direto até o palácio de Théoden, sob as encostas das Montanhas Brancas — disse Gandalf — Assim será mais rápido. O solo é mais firme no Estemnete, onde fica a trilha principal que vai para o Norte, através do rio, mas Scadufax sabe o caminho através de cada charco e concavidade.

Por muitas horas, continuaram cavalgando através dos prados e regiões ribeirinhas. Quase sempre a relva era tão alta que atingia os joelhos dos cavaleiros, e os cavalos pareciam estar nadando num mar verde-acinzentado. Passaram por varias poças escondidas, e amplos acres de juncais que ondulavam sobre pântanos úmidos e traiçoeiros; mas Scadufax sempre achava o caminho, e os outros cavalos seguiam sua trilha. Lentamente o sol ia descendo o céu, em direção ao oeste. Olhando por sobre a grande planície, ao longe os cavaleiros o viram por um momento como um fogo vermelho afundando na relva. Embaixo, no horizonte, as saliências das montanhas brilhavam vermelhas dos dois lados. Uma fumaça parecia subir e escurecer o disco do sol até atingir

a tonalidade do sangue, como se tivesse incendiado a relva ao passar para baixo da superfície da terra.

— Ali fica o Desfiladeiro de Rohan — disse Gandalf. — Agora está quase a oeste de onde estamos. Ali fica Isengard.

— Vejo uma grande fumaça — disse Legolas. — Que pode ser aquilo?

CAPÍTULO VI
O REI DO PALÁCIO DOURADO

Continuaram cavalgando ao longo da tarde, do crepúsculo e do início da noite.
Quando finalmente pararam e desmontaram, até mesmo Aragorn sentia o corpo enrijecido
e cansado. Gandalf só permitiu algumas horas de descanso.
Legolas e Gimli dormiram, e Aragorn ficou deitado de costas, esticado no chão;
mas Gandalf ficou de pé, apoiando-se em seu cajado, olhando para dentro da escuridão, a
leste e a oeste. Estava tudo em silêncio, e não havia sinal ou som de qualquer ser vivo. A
noite estava coberta por longas nuvens, carregadas por um vento gelado, quando
acordaram de novo. Sob a fria lua eles continuaram mais uma vez, com a mesma rapidez
da cavalgada à luz do dia.
As horas se passavam e eles ainda iam cavalgando. Gimli cochilava, e teria caído
do cavalo se Gandalf não o tivesse agarrado e chacoalhado.
Hasufel e Arod, exaustos mas altivos, seguiam seu líder incansável, uma sombra
cinza diante deles, que mal se podia ver. As milhas passavam. A lua crescente mergulhou
no oeste nebuloso.
Um frio cortante veio pelo ar. Lentamente, no leste, a escuridão foi dando lugar a
um cinza frio. Raios vermelhos de luz saltaram por sobre as muralhas negras dos Emyn
Muil, adiante e à esquerda deles. A aurora chegou clara e brilhante; um vento varria o
caminho, correndo através da relva inclinada. De repente Scadufax parou e relinchou.
Gandalf apontou à frente.
— Olhem — gritou ele, e os outros levantaram os olhos cansados. Diante deles se
erguiam as montanhas do sul: cobertas de branco e riscadas de preto. A planície coberta
de relva ondulava contra as colinas amontoadas aos seus pés, e fluía cobrindo muitos
vales ainda apagados e escuros, intocados pela luz da aurora, descrevendo sinuosos
caminhos para o coração das grandes montanhas. Imediatamente à frente dos viajantes, o
mais amplo desses vales se abria como um golfo comprido entre as colinas.
Mais para dentro eles vislumbraram uma massa montanhosa disforme, com um
único pico alto; na entrada do vale erguia-se qual sentinela uma montanha solitária. Aos
pés dela corria, como um fio de prata, o rio que saía do vale; sobre seu pico eles viram,
ainda bem distante, o faiscar do sol que nascia, um cintilar de ouro.

— Fale, Legolas! — disse Gandalf. — Conte-nos o que você está vendo à nossa frente!

Legolas olhou adiante, protegendo os olhos dos raios quase horizontais do sol recém-nascido. — Vejo um rio branco que desce da neve — disse ele. — No ponto onde ele sai da sombra do vale, uma colina verde se ergue sobre o leste. Um fosso, uma poderosa muralha e uma cerca-viva de espinhos a contornam. Lá dentro se erguem os telhados de casas; e no meio, sobre uma plataforma verde, ergue-se imponente uma grande casa de homens. E parece aos meus olhos que o teto é de ouro. A luz dele brilha por sobre toda a

região. Dourados, também, são os batentes das portas. Ali diviso homens vestidos em malhas metálicas brilhantes; mas todos os outros dentro dos pátios ainda estão dormindo.

— Esses pátios são chamados Edoras — disse Gandalf — E Meduseld é aquele palácio dourado. Ali mora Théoden, filho de Thengel, Rei da Terra de Rohan. Chegamos com o nascer do dia. Agora é fácil ver a estrada. Mas devemos cavalgar com mais cautela; pois a guerra se espalha e os rohirrim, Senhores dos Cavalos, não dormem, mesmo que de longe se tenha essa impressão. Não saquem nenhuma arma, nem pronunciem palavras arrogantes, aconselho a todos vocês, até que cheguemos diante do trono de Théoden.

O dia estava claro e brilhante, e pássaros cantavam, quando os viajantes atingiram o rio, que corria rapidamente para dentro da planície. Além do pé das colinas distanciavase da estrada numa curva larga, correndo para o leste para alimentar o Entágua lá adiante, em trechos repletos de juncos. A paisagem era verde: nas campinas úmidas e ao longo das bordas gramadas do rio cresciam vários salgueiros. Naquela região ao sul, essas árvores já estavam ficando com as pontas dos dedos avermelhadas, sentindo a primavera se aproximar. No rio havia um vau entre margens baixas, muito repisadas pela passagem de cavalos. Os cavaleiros atravessaram e atingiram uma trilha larga e sulcada, que conduzia às terras mais altas.

Ao pé da colina protegida por muralhas, o caminho passava sob a sombra de muitos montículos, altos e verdes. Na face oeste destes a grama era branca, como se estivesse borrifada de neve: pequenas flores nasciam como inúmeras estrelas por entre a turfa.

— Olhem! — disse Gandalf — Como são belos os olhos claros em meio à relva! São
chamadas de Sempre-em-mente, simbelmyne, nesta terra de homens, pois elas florescem
em todas as estações do ano, e crescem onde os mortos descansam. Olhem! Chegamos
aos grandes túmulos onde dormem os antepassados de Théoden.

— Sete montículos à esquerda, e nove à direita — disse Aragorn. — O palácio dourado
foi construído há muitas longas vidas de homem.

— Quinhentas vezes as folhas vermelhas caíram na Floresta das Trevas, o meu lar,
desde essa época — disse Legolas — e temos a impressão de que faz pouco tempo.

— Mas para os Cavaleiros de Rohan parece tanto tempo — disse Aragorn —, que a
construção dessa casa é apenas uma lembrança nas canções, e os anos precedentes estão
perdidos nas névoas do tempo. Agora chamam esta terra de sua casa, seu lugar, e sua fala
se diferencia de sua parente do norte.

— Então começou a cantar baixinho numa língua lenta, desconhecida pelo elfo e
pelo anão; mesmo assim eles escutavam, pois a melodia era forte.

— Essa, eu acho, é a língua dos rohirrim — disse Legolas -; pois é parecida com a
própria terra; em parte rica e suave, mas ao mesmo tempo dura e austera como as
montanhas. Mas não consigo adivinhar o significado das palavras, embora perceba que
estão carregadas com a tristeza dos Homens Mortais.

— A canção fica assim na Língua Geral — disse Aragorn —, do jeito mais próximo que
consigo traduzi-la.

Onde estão cavalo e dono?
Onde a trompa que ecoava?
Onde estão elmo e gibão e o cabelo que esvoaçante brilhava?
Onde está a mão sobre a harpa e do fogo o rubro tremer?
A primavera e a colheita onde estão e o trigo alto a crescer?
Como a chuva da montanha passaram, como um vento no prado;
os dias no poente desceram atrás do monte ensombreado.

A fumaça da brasa que morre quem a irá guardar?
E os anos do Mar refluindo quem os irá contemplar?

— Assim falou um poeta esquecido há muito tempo em Rohan, relembrando como
era alto e belo Eorl, o Jovem, que veio cavalgando do norte; e havia asas nas patas de seu
corcel, Felaróf, pai dos cavalos. Assim ainda cantam os homens ao anoitecer.

Com essas palavras, os viajantes passaram pelos montículos silenciosos.
Seguindo a trilha tortuosa que subia as encostas verdes das colinas, chegaram
finalmente às amplas muralhas varridas pelo vento, e aos portões de Edoras.
Ali estavam sentados muitos homens em malhas reluzentes, que logo saltaram de
pé e bloquearam o caminho com lanças. — Parem, forasteiros desconhecidos! — gritaram

eles na língua da Terra dos Cavaleiros, perguntando os nomes e a missão dos forasteiros.

Via-se surpresa mas pouca simpatia nos olhos deles, que lançavam olhares oblíquos para
Gandalf.

— Entendo bem o que dizem — respondeu ele na mesma língua -; apesar disso,
poucos forasteiros entendem. Por que então não falam na Língua Geral, como é costume
do oeste, se querem respostas às suas perguntas?

— É a vontade de Théoden que ninguém penetre seus portões, exceto aqueles que
conhecem nossa língua e são nossos amigos — respondeu um dos guardas. — Ninguém é
bem-vindo aqui, em tempo de guerra, a não ser nosso próprio povo, e aqueles que vêm de
Mundburg, na Terra de Gondor.

— Quem são vocês, que chegam sem avisar através da planície, vestidos de forma
tão estranha, montando cavalos parecidos com os nossos? Estamos montando guarda aqui
há muito tempo, e temos observado vocês à distância. Nunca vimos outros cavaleiros tão
estranhos, nem um cavalo mais altivo do que um desses que carregam vocês. Ele é um
dos Mearas, a não ser que nossos olhos estejam sendo enganados por algum feitiço. Diga,
você não é um mago, algum espião de Saruman, ou serão todos aparições produzidas por
ele? Fale agora e seja rápido!

— Não somos aparições — disse Aragorn —, nem seus olhos o enganam. Pois
realmente estes são seus próprios cavalos, como você bem sabia antes de perguntar, eu
suponho. Mas é raro que um ladrão volte para o estábulo. Aqui estão Hasufel e Arod, que
Éomer, Terceiro Marechal da Terra dos Cavaleiros, nos emprestou, há apenas dois dias,
Trazemos agora os animais de volta, como prometemos a ele. Então Éomer não retornou,
nem anunciou a nossa vinda?

Uma expressão preocupada cobriu os olhos do guarda. — Sobre Éomer, não tenho
nada a dizer — respondeu ele. — Se o que fala é verdade, então, sem dúvida, Théoden já
sabe disso. Talvez sua vinda não seja totalmente inesperada. Faz duas noites que Língua
de Cobra veio até nós e disse que era vontade de Théoden que nenhum forasteiro
atravessasse estes portões.

— Língua de Cobra? — disse Gandalf, lançando um olhar agudo para o guarda. — Não
diga mais nada. Minha mensagem não é para Língua de Cobra, mas para o senhor da
Terra dos Cavaleiros em pessoa. Tenho pressa. Você não pode ir ou mandar dizer que

chegamos? — Seus olhos faiscavam sob as grossas sobrancelhas quando lançou o olhar sobre o homem.

— Sim, irei — respondeu ele lentamente. — Mas que nomes devo anunciar? E que devo dizer sobre vocês? Você agora parece velho e cansado, e apesar disso no fundo é altivo e austero, julgo eu.

— Você vê e fala bem — disse o mago. — Pois sou Gandalf Eu voltei. E olhe! Eu também trago de volta um cavalo. Aqui está Scadufax, o Grande, animal que nenhuma

outra mão consegue domar. E aqui ao meu lado está Aragorn, filho de Arathorn, o herdeiro dos Reis, e é para Mundburg que ele vai. Aqui também estão Legolas, o elfo, e Gimli, o anão, nossos companheiros. Vá agora e diga ao seu mestre que estamos aos seus portões e queremos falar com ele, se nos for permitido entrar em seu palácio.

— São nomes realmente estranhos! Mas vou transmiti-los como me pede, e saber qual é a vontade de meu senhor — disse o guarda. — Esperem um pouco aqui, e lhes trarei a resposta que ele julgar melhor. Não esperem muita coisa! Estes são tempos sombrios. —

Foi-se depressa, deixando os forasteiros sob os olhos vigilantes dos outros guardas.

Depois de um tempo retornou. — Sigam-me — disse ele. — Théoden lhes dá permissão para entrarem; mas qualquer arma que tiverem, mesmo que seja só um cajado, devem deixá-la na entrada. Sentinelas tomarão conta delas.

Os portões escuros foram abertos. Os via jantes entraram, andando em fila atrás de seu guia. Encontraram uma trilha larga, pavimentada com pedras cortadas, que em certos trechos subia em rampa, e em outros por meio de curtos lances de degraus bem construídos. Passaram por muitas casas de madeira e muitas portas escuras. Ao lado da trilha, num canal de pedra, um riacho de água límpida corria, brilhando e tagarelando.

Finalmente atingiram o topo da montanha. Ali ficava uma alta plataforma, sobre um planalto verde, ao pé do qual um riacho cristalino jorrava de uma pedra esculpida na forma de uma cabeça de cavalo; embaixo via-se uma grande bacia, da qual a água extravasava, alimentando a correnteza que descia. Subindo o planalto verde havia uma escada de pedra, alta e larga, e em cada um dos lados do degrau mais alto estavam cadeiras esculpidas na pedra. Ali estavam sentados outros guardas, com espadas depositadas sobre os joelhos. Os cabelos dourados caíam-lhes em tranças sobre os ombros; seus escudos verdes ostentavam o sol, os longos corseletes reluziam, e quando se

levantavam pareciam mais altos que os homens mortais.

— Ali adiante estão as portas — disse o guia. — Devo agora retornar ao meu dever junto ao portão. Até logo! E que o Senhor dos Cavaleiros seja gentil para com vocês!

Virou-se e retornou depressa pela estrada. Os outros subiram a longa escada sob os olhos das altas sentinelas. Já no alto, permaneceram em silêncio, e não disseram uma palavra, até que Gandalf pisou no terraço pavimentado, na cabeceira da escada. Então, de repente, com vozes claras, pronunciaram em sua própria língua um cumprimento cortês.

— Saudações, viajantes que vêm de longe! — disseram eles, voltando os punhos de suas espadas na direção dos viajantes, em sinal de paz. Pedras verdes faiscaram à luz do sol. Então um dos guardas deu um passo à frente e falou na Língua Geral.

— Sou a Sentinela de Théoden — disse ele. — Háma é o meu nome. Aqui preciso pedir que deixem de lado suas armas antes de entrarem.

Então Legolas entregou na mão dele sua faca com punho de prata, sua aljava e seu arco. — Tome conta deles — disse ele —, pois essas armas vêm da Floresta Dourada, e me foram ofertadas pela Senhora Galadriel.

Os olhos do homem se encheram de surpresa, e ele logo as colocou perto da parede, como se tivesse medo de manuseá-las. — Nenhum homem irá tocá-las, eu lhe prometo — disse ele.

Aragorn hesitou por um instante. — Não é meu desejo — disse ele separar-me de minha espada ou entregar Andúril nas mãos de qualquer outro homem.

— É o desejo de Théoden — disse Háma.

— Não está claro para mim que o desejo de Théoden, filho de Thengel, mesmo que ele seja o senhor da Terra dos Cavaleiros, deva prevalecer sobre o desejo de Aragorn, filho de Arathorn, herdeiro de Elendil, de Gondor.

— Esta é a casa de Théoden, não de Aragorn, mesmo que ele fosse o Rei de Gondor e ocupasse o trono de Denethor — disse Háma, avançando rápido até a porta e bloqueando o caminho. Segurava agora a espada com a ponta na direção dos forasteiros.

— Essa conversa não leva a nada — disse Gandalf — Desnecessário é o pedido de Théoden, mas é inútil recusá-lo. Um rei será respeitado em seu próprio palácio, sejam suas ordens tolas ou sábias.

— É verdade — disse Aragorn. — E eu faria como o senhor da casa me pede, mesmo que esta fosse apenas a cabana de um lenhador, se estivesse carregando agora qualquer

outra espada que não Andúril.

— Qualquer que seja o nome — disse Háma —, aqui irá colocá-la, se não quiser lutar sozinho contra todos os homens de Edoras.

— Sozinho não! — disse Gimli, alisando a lâmina de seu machado, dirigindo ao guarda um olhar ameaçador, como se ele fosse uma árvore jovem que Gimli quisesse cortar. — Sozinho não!

— Vamos, vamos! — disse Gandalf — Somos todos amigos aqui. Ou deveríamos ser; pois as gargalhadas de Mordor serão nossa única recompensa se discutirmos. Minha mensagem é urgente. Aqui, pelo menos, está a minha espada, meu bom Háma. Tome conta dela. Glamdring é seu nome, pois os elfos a fizeram há muito tempo. Agora, deixeme passar. Venha, Aragorn!

Lentamente Aragorn desafivelou o cinto e colocou ele mesmo sua espada de pé contra a parede. — Aqui a coloco — disse ele -; mas ordeno que não a toquem, nem permitam que qualquer outra pessoa ponha as mãos nela. Nesta bainha élfica está a Espada que foi Quebrada, e foi forjada de novo. A morte virá para qualquer um que brandir a espada de Elendil, a não ser o seu herdeiro.

O guarda deu um passo para trás e olhou espantado para Aragorn. Ao que parece, você chegou nas asas da canção, vindo de dias esquecidos — disse ele. — Será, senhor, como ordena.

— Bem — disse Gimli. — Se tem Andúril para lhe fazer companhia, meu machado pode ficar aqui, também, sem embaraço — e colocou-o no chão.

— Agora, então, se tudo está como deseja, deixe-nos ir falar com seu mestre.

O guarda ainda hesitou. — Seu cajado — disse ele a Gandalf. — Desculpe— me, mas ele também deve ser deixado na entrada.

— Tolice! — disse Gandalf — Prudência é uma coisa, descortesia é outra. Sou velho. Se não puder me apoiar em meu cajado para ir até lá, então ficarei aqui fora, até que seja do agrado do próprio Théoden vir mancando até aqui, para falar comigo.

Aragorn riu. — Todo homem tem algo que preza demais para confiar a outro homem. Mas você separaria um velho de seu apoio? Vamos lá, não vai nos deixar entrar?

— Um cajado na mão de um mago pode ser mais que um apoio para a velhice — disse Háma. Olhou firme para o cajado cinzento no qual se apoiava Gandalf. — Mas, na dúvida, um homem valoroso confiará em sua própria sabedoria. Acredito que vocês são amigos, e pessoas dignas de honra, que não têm propósitos malignos. Podem entrar.

Os guardas então ergueram as pesadas barras das portas, que se abriram lentamente, resmungando em suas grandes dobradiças. Os viajantes entraram. O interior parecia escuro e quente, depois do ar claro sobre a colina.

O salão era comprido e largo, e cheio de sombras e meias-luzes; pilares poderosos sustentavam o teto alto. Mas em alguns pontos a luz do sol caía em raios bruxuleantes das janelas orientais, altas sob os profundos beirais. Através das gelosias do teto, sobre os fios tênues de fumaça que subiam, o céu se mostrava claro e azul. Conforme desviaram os olhos, os viajantes perceberam que o chão era pavimentado com pedras de várias tonalidades; runas trabalhadas e estranhos objetos se entrelaçavam sob seus Pés. Viram

nesse momento que os pilares eram ricamente entalhados, reluzindo veladamente em ouro e cores meio imperceptíveis. Muitas estampas tecidas pendiam das paredes, e sobre seus amplos espaços marchavam figuras de lendas antigas, algumas apagadas pelos anos algumas escurecidas pela sombra. Mas sobre uma das formas a luz do sol batia: um jovem sobre um cavalo branco. Tocava uma grande corneta, e seus cabelos dourados esvoaçavam ao vento. A cabeça do cavalo estava erguida, e as narinas se abriam vermelhas enquanto relinchava, sentindo o cheiro da batalha à sua frente. Águas espumantes, brancas e verdes, corriam e se encrespavam aos seus joelhos.

— Eis aqui Eorl, o Jovem — disse Aragorn. — Assim veio ele cavalgando do norte, para a Batalha do Campo de Celebrant.

Os quatro companheiros avançaram, passando pela chama viva que ardia sobre a longa lareira no meio do salão. Então pararam. Na outra extremidade da casa, além da lareira e virado para o norte na direção das portas, estava u m estrado com três degraus; no meio do estrado havia uma grande cadeira dourada.

Nela sentava-se um homem tão curvado pela idade que quase parecia um anão; mas seus longos cabelos eram brancos e grossos, caindo em grandes tranças que surgiam de um fino diadema de ouro que lhe cingia a fronte. No centro da testa, brilhava um único diamante branco. A barba caía-lhe sobre os joelhos como neve, mas em seus olhos ainda queimava uma luz clara, que faiscou quando olharam para os forasteiros. Atrás de sua cadeira estava uma mulher vestida de branco, de pé. Nos degraus aos pés do rei sentavase a figura mirrada de um homem, com um rosto pálido e sábio e pálpebras caídas.

Estavam em silêncio. O velho não se mexia na cadeira. Finalmente, Gandalf falou.

— Salve, Théoden, filho de Thengel! Eu retornei. Pois, veja!, a tempestade se

aproxima, e agora todos os amigos devem se reunir, para que não sejam destruídos um a
um.
Lentamente o velho se levantou, apoiando-se muito num bastão curto e preto, com
um cabo de osso branco; agora os forasteiros viam que, embora ele estivesse curvado,
ainda era alto e, quando jovem, devia ter sido realmente grande e imponente.
— Cumprimento-o — disse ele —, e talvez você espere minhas boas-vindas. Mas para
falar a verdade duvidamos que seja bem-vindo aqui, Mestre Gandalf Você sempre foi um
arauto do pesar. Os problemas o seguem como corvos, e, quanto maior a freqüência, tanto
pior. Não vou enganá-lo: quando ouvi que Scadufax tinha retornado sem seu cavaleiro,
fiquei feliz com a volta do cavalo, e ainda mais com a falta do cavaleiro; e quando Éomer
trouxe a notícia de que você tinha partido para sua última morada, eu não lamentei. Mas a
notícia que vem de longe raramente é verdadeira. Aí está você de novo! E com você
chegam males ainda piores que os anteriores, como se pode esperar. Por que deveria darlhe
boas-vindas, Gandalf, Corvo da Tempestade? Diga-me. — Lentamente sentou-se de
novo na cadeira.
— Fala corretamente, meu senhor — disse o homem pálido sentado nos degraus do
estrado. — Ainda não faz cinco dias que chegou a triste notícia de que seu filho, Théodred
foi morto nas Fronteiras Ocidentais: seu braço direito, Segundo Marechal da Terra dos
Cavaleiros. Em Éomer pouco se pode confiar. Poucos homens restariam para guardar suas
muralhas, se lhe fosse permitido governar. E agora mesmo sabemos por Gondor que o
Senhor do Escuro se agita no leste. É esta hora que esse andarilho escolhe para retornar.
Realmente, por que devemos lhe dar boas-vindas, Mestre Corvo da Tempestade? Vou
chamá-lo de Láthspell, Más-notícias; e más notícias não fazem bons hóspedes, dizem por
aí. — Soltou uma gargalhada sinistra, conforme levantou as pesadas pálpebras por um
instante e lançou um olhar sombrio para os forasteiros.
— Você é considerado sábio, amigo Língua de Cobra, e sem dúvida é um grande

apoio para seu mestre — respondeu Gandalf em voz baixa. Apesar disso, um homem pode

acompanhar as más notícias de dois modos. Pode estar trabalhando para o mal, ou ser apenas aquele que não interfere no que está bom para não estragar, e só se apresenta para ajudar em tempos de necessidade.

— Isso é verdade — disse Língua de Cobra -; mas existe um terceiro tipo: catadores de ossos, que se intrometem nas tristezas de outros homens, abutres que engordam à custa da guerra. Que ajuda você já trouxe, Corvo da Tempestade? E que ajuda traz agora? Foi nossa ajuda que procurou na última vez que esteve aqui. Então meu senhor ordenou que escolhesse qualquer cavalo que quisesse e partis se, e para a surpresa de todos vocês, na sua insolência, escolheu Scadufax. Meu senhor ficou muito magoado; mesmo assim, para alguns pareceu que, em troca de afastá-lo rapidamente desta terra, o preço não foi alto demais. Acho provável que aconteça o mesmo outra vez: você vai pedir ajuda e não oferecê-la. Você está trazendo homens? Está trazendo cavalos, espadas, lanças? Essas coisas eu chamaria de ajuda; e é delas que precisamos agora. Mas quem são estes que o seguem? Três andarilhos esfarrapados, vestidos de cinza, e você, o mais molambento dos quatro!

— A cortesia de seu palácio parece ter diminuído nos últimos tempos, Théoden, filho de Thengel — disse Gandalf — O mensageiro de seus portões não anunciou os nomes de meus companheiros? Raramente um senhor de Rohan recebeu convidados assim. Deixaram armas às suas Portas que são dignas de poucos mortais, mesmo os mais poderosos. Suas vestes são cinzentas, pois os elfos os vestiram, e assim eles passaram através da sombra de muitos perigos, para chegar ao seu palácio.

— Então é verdade, como reportou Éomer, que vocês são aliados da Feiticeira da Floresta Dourada? — disse Língua de Cobra. — Não é de admirar: as teias da falsidade sempre foram tecidas em Dwimordene.

Gimli deu um passo à frente, mas sentiu de súbito a mão de Gandalf agarrando-o pelo ombro, e parou, duro como uma pedra.

Em Dwimordene, em Lórien
De raro andaram pés de Homem,
Poucos mortais viram a luz
Que sempre e forte ali reluz.
Galadriel! Galadriel!
De teu poço n'água claro é o céu;
Branca é a estrela em tua branca mão;

Sem par sem mancha é folha e chão
Em Dwimordene :”em Lórien,
Melhor que pensa o Mortal Homem.

Assim Gandalf cantou baixinho, e de repente mudou. Jogando para trás sua velha capa esfarrapada, levantou-se e deixou de se apoiar no cajado; falou então numa voz clara.

— Os sábios só falam do que conhecem, Gríma, filho de Gálmód. Você se transformou num verme estúpido. Portanto fique em silêncio, e mantenha sua língua bifurcada atrás dos dentes. Não passei pelo fogo e pela morte para trocar palavras distorcidas com um servidor até que caiam raios do céu.

Levantou o cajado. Ouviu-se o estrondo de um trovão. A luz do sol se apagou nas janelas do leste; todo o salão ficou de repente escuro como a noite. O fogo diminuiu, passando a pequenas brasas. Só se via Gandalf, erguendo-se branco e altivo diante da lareira enegrecida.

Na escuridão, escutaram o chiado da voz de Língua de Cobra: — Não o aconselhei, senhor, a proibir esse cajado? Aquele tolo, Háma, nos traiu!

— Houve um clarão como se um raio tivesse fendido o teto. Depois tudo ficou em silêncio. Língua de Cobra caiu esticado no chão.

— Agora, Théoden, filho de Thengel, não vai me escutar? — disse Gandalf — Está pedindo ajuda? — Levantou o cajado e apontou para uma alta janela.

Ali a escuridão pareceu se extinguir, e através de uma abertura podia-se ver, alto e distante, um pedaço de céu luminoso. — Nem tudo está escuro, Tenha coragem, Senhor da Terra dos Cavaleiros; pois melhor ajuda não encontrará. Não tenho conselhos a dar para os que se desesperam. Mas poderia dar conselhos, e poderia lhe dizer umas palavras. Não vai me escutar? Não se destinam a qualquer ouvido. Peço que deixe o interior dessas portas e olhe lá fora. Por muito tempo você ficou sentado nas sombras e confiou em histórias distorcidas e sugestões tortuosas.

Lentamente Théoden deixou sua cadeira. Uma luz fraca se acendeu no salão de novo. A mulher correu para o lado do rei, pegando-lhe o braço, e com passos vacilantes o velho desceu do estrado e caminhou suavemente através do salão. Língua de Cobra continuou deitado no chão. Chegaram até as portas e Gandalf bateu.

— Abram! — gritou ele. — O Senhor da Terra dos Cavaleiros se aproxima! As portas se abriram e um ar fresco entrou, com um assobio. Um vento soprava na colina.

— Mande que seus guardas desçam a escada — disse Gandalf — E você, senhora, deixe-o um pouco comigo. Tomarei conta dele.

— Vá, Éowyn, filha de minha irmã! — disse o velho rei. — O tempo do medo acabou.

A mulher se voltou e foi lentamente para dentro da casa. Ao passar pelas portas,
virou-se e olhou para trás. Seu olhar era grave e pensativo, quando se dirigiu ao rei com
uma piedade calma. Muito belo era seu rosto, e seus longos cabelos eram como um rio de
ouro. Era alta e esbelta em seu traje branco cingido por um cinto de prata; mas parecia
forte e rígida como o aço, uma filha de reis. Assim Aragorn, pela primeira vez em plena
luz do dia, contemplou Éowyn, Senhora de Rohan, e a achou bela, bela e fria, como uma
manhã pálida de primavera que ainda não atingiu a plenitude de mulher. E ela de repente
se deu conta dele: altivo herdeiro de reis, sábio após muitos invernos, coberto com um
manto cinza, escondendo um poder que ela adivinhava. Por um momento, permaneceu
imóvel como uma pedra; depois virando-se rapidamente, ela se foi.

— Agora, senhor — disse Gandalf —, contemple sua terra! Respire o ar livre outra vez!

Do alpendre sobre o planalto eles podiam ver além do rio os campos verdes de
Rohan, sumindo num cinza distante. Cortinas de chuva açoitadas pelo vento caíam
oblíquas.
O céu acima e ao oeste ainda estava escuro e trovejava; relâmpagos piscavam
distantes, em meio aos topos das colinas escondidas. Mas o vento tinha mudado para o
norte, e a tempestade que surgira no leste já amainava, rolando em direção ao mar. De
repente, através de uma brecha nas nuvens atrás deles, um raio de sol cortou o céu. A
chuva que caía brilhou como prata, e na distância o rio resplandeceu como um espelho de
luz trêmula,

— Não está tão escuro aqui — disse Théoden.

— Não — disse Gandalf. — Nem a idade pesa tanto em seus ombros, como alguns
querem fazê-lo pensar. Jogue fora seu apoio!

Das mãos do rei, o bastão negro caiu, batendo sobre as pedras. Ele esticou o corpo,
lentamente, como um homem que se sente enrijecido após ficar um longo período
curvado sobre alguma tarefa enfadonha. Agora erguia-se alto e ereto, e seus olhos azuis

contemplavam o céu que se abria.

— Escuros têm sido meus sonhos nos últimos tempos — disse ele —, mas sinto-me
como alguém que acabou de despertar. Desejaria agora que você tivesse vindo antes,
Gandalf, pois receio que já tenha chegado tarde demais, apenas para ver os últimos dias

de minha casa. Não por muito tempo deverá resistir o alto palácio que Brego, filho de Eorl, construiu. O fogo devorará o alto trono. Que se pode fazer?

— Muito — disse Gandalf — Mas primeiro mande chamar Éomer. Não estou certo, supondo que você o mantém prisioneiro, por conselho de Gríma, aquele que todos menos você chamam de Língua de Cobra?

— É verdade — disse Théoden. — Ele se rebelou contra minhas ordens, e ameaçou Gríma de morte em meu palácio.

— Um homem pode amá-lo mas não amar Língua de Cobra ou os conselhos dele — disse Gandalf.

— Isso pode ser. Farei como me pede. Chame Háma, diga que venha até mim. Já que ele provou ser uma sentinela não confiável, que agora se torne um transmissor de recados. Os culpados devem trazer os culpados ao julgamento — disse Théoden, e sua voz era grave; apesar disso olhou para Gandalf e sorriu, e quando fez isso muitas rugas de preocupação desapareceram de seu rosto, para não voltar mais.

Depois que Háma se apresentara e já saíra, Gandalf conduziu Théoden até a cadeira de pedra, e então sentou-se diante do rei sobre o degrau mais alto da escada. Aragorn e seus companheiros ficaram por perto.

— Não há tempo para lhe contar tudo o que precisa ouvir — disse Gandalf — Mas se minha esperança não estiver enganada, chegará um tempo, dentro em breve, quando poderei falar de modo mais completo. Olhe! Você corre um perigo maior até do que aqueles que a habilidade de Língua de Cobra poderia ter introduzido em seus sonhos! Mas veja! Você não está mais sonhando. Você está vivo. Gondor e Rohan não estão sozinhas. O inimigo é mais forte do que podemos imaginar, apesar disso temos uma esperança que ele ainda não imagina.

Gandalf agora falava rápido. Sua voz era baixa e confidencial, e ninguém a não ser o rei ouvia o que ele dizia. Mas a cada palavra do mago aumentava o brilho nos olhos de Théoden, e finalmente ele se levantou de seu assento em toda a sua imponência, tendo Gandalf ao lado dele, e juntos lá do alto eles olharam na direção do leste.

— Realmente! — disse Gandalf, agora numa voz alta, forte e clara naquela direção está nossa esperança, lá onde está nosso maior medo. O destino ainda está por um fio. Mas ainda há esperança, se conseguir-mos resistir imbatíveis por um tempo.

Os outros agora também olhavam para o leste. Por sobre légua s de terras que se

estendiam, lá adiante eles divisavam o horizonte, e a esperança e o medo ainda faziam
seus pensamentos avançarem mais, além das escuras montanhas, para a Terra da Sombra.
Onde estaria agora o Portador do Anel? Como era fino o fio do qual pendia o destino!
Legolas teve a impressão, ao forçar os olhos poderosos, de ver de relance um brilho
branco: na distância, talvez o sol piscasse num pináculo da Torre de Guarda. E mais além
ainda, infinitamente remoto e no entanto uma ameaça presente, havia uma fina língua de
fogo.
Lentamente Théoden se sentou de novo, como se o cansaço ainda lutasse para
dominá-lo, contra a vontade de Gandalf. Virou-se e olhou para seu grande palácio. — É
pena — disse ele — que esses dias tristes devam ser meus, e que venham em minha velhice,
no lugar da paz que eu conquistei. Sinto pena por Boromir, o bravo! Os jovens perecem e
os velhos permanecem, fenecendo. — Segurou os joelhos com suas mãos enrugadas.
— Seus dedos se recordariam melhor da velha força se segurasse m o punho de uma

espada — disse Gandalf
Théoden se levantou e colocou a mão do lado do corpo, mas não havia espada
alguma em seu cinto. — Onde Gríma a escondeu? — disse ele num sussurro.
— Tome esta, querido senhor — disse uma voz límpida. — Ela sempre esteve a seu
serviço. — Dois homens tinham subido em silêncio a escada, e agora estavam parados, a
poucos passos do topo. Éomer estava lá. Sem elmo sobre a cabeça, sem malha sobre o
peito, mas na mão segurava uma espada; ajoelhando-se, ofereceu o punho ao seu mestre.
— Que significa isso? — disse Théoden severo. Voltou-se para Éomer e os homens
ficaram surpresos ao vê-lo, erguendo-se agora altivo e ereto. Onde estava o velho que
tinham deixado curvado em seu trono, ou apoiado em seu cajado?
— A responsabilidade é minha, senhor — disse Háma, tremendo. Entendi que Éomer
deveria ser libertado. Tamanha alegria dominou meu coração que talvez eu tenha
cometido um erro. No entanto, uma vez que ele estava livre de novo, e sendo ele um
Marechal da Terra dos Cavaleiros, trouxe-lhe a espada como ele me pediu.
— Para depositá-la aos seus pés, meu senhor — disse Éomer.
Por um instante de silêncio, Théoden ficou olhando para Éomer, que ainda estava
ajoelhado a seus pés. Nenhum dos dois se mexeu.

Não vai pegar a espada? — perguntou Gandalf
Lentamente Théoden estendeu a mão. Quando seus dedos tocaram o punho,
pareceu aos que olhavam que a força e a firmeza retornavam ao seu braço.
De repente ergueu a lâmina e a brandiu, reluzente e assobiando no ar. Então soltou
um forte grito. Sua voz soava clara enquanto cantava, na língua de Rohan, um chamado
às armas.
— De pé já, de pé, Cavaleiros de Théoden! Duros feitos despertam, a leste já
escurece. A sela do cavalo, o som à trombeta! Avante, Eorlingas!
Os guardas, julgando que estavam sendo convocados, subiram correndo a escada.
Olharam seu senhor com surpresa, e depois, como se fossem um só homem, puxaram suas
espadas e colocaram-nas aos pés dele. Comande-nos — disseram eles.
— Westu Théoden hál! — gritou Éomer. — É uma alegria para nós vê-lo voltar a ser o
que era. Nunca mais alguém dirá, Gandalf, que você só vem trazendo tristeza!
— Pegue de volta sua espada, Éomer, filho de minha irmã! — disse o rei. — Vá, Háma,
e procure minha própria espada! Está em poder de Gríma. Traga-o a mim também. Agora,
Gandalf, você disse que tinha conselhos a dar, se eu quisesse escutá-los. Qual é o seu
conselho?
— Você já o colocou em prática — respondeu Gandalf — Depositar sua confiança em
Éomer, e não num homem de mente pervertida. Jogar fora o medo e o arrependimento.
Fazer o que deve ser feito. Todo homem que pode cavalgar deve ser enviado para o oeste
imediatamente, como Éomer o aconselhou: devemos primeiro destruir a ameaça de
Saruman, enquanto temos tempo. Se falharmos, seremos derrotados. Se tivermos sucesso
— então enfrentaremos a próxima tarefa. Enquanto isso, aqueles do seu povo que
sobrarem, as mulheres, as crianças e os velhos, devem fugir para os refúgios que vocês
mantêm nas montanhas. Não foram eles preparados para um dia tão terrível como este?
Deixe que levem provisões, mas que não demorem, nem carreguem na bagagem tesouros,
grandes ou pequenos. É a vida deles que está em questão.
— Esse conselho me parece bom agora — disse Théoden. — Que todo meu povo se
apronte! Menos vocês, meus hóspedes — você estava certo, Gandalf, quando disse que a
cortesia de meu palácio diminuiu. Vocês cavalgaram a noite toda e a manhã já está
terminando. Vocês não dormiram nem comeram nada. Uma casa d e hóspedes será
preparada: ali deverão dormir, após terem comido.

— Não, senhor — disse Aragorn. — Ainda não pode haver repouso para os cansados.

Os homens de Rohan devem partir hoje, e nós iremos com eles, com machado, espada e arco. Não trouxemos essas armas para que ficassem descansando contra sua parede, Senhor dos Cavaleiros. E prometi a Éomer que minha espada e a dele seriam brandidas juntas.

— Agora realmente vejo esperança de vitória! — disse Éomer.

— Esperança sim — disse Gandalf — Mas Isengard é forte. E outros perigos se aproximam cada vez mais. Não demore, Théoden, quando tivermos partido. Conduza seu povo rapidamente ao Forte do Templo da Colina!

— Não, Gandalf. — disse o rei. — Você não conhece seu próprio poder de cura. Não será assim. Eu mesmo irei à guerra, para cair à frente da batalha, se isso tiver de acontecer. Assim dormirei melhor.

— Nesse caso, mesmo a derrota de Rohan será gloriosa nas canções disse Aragorn.

Os homens armados que estavam por perto bateram suas armas, gritando: — O Senhor dos Cavaleiros irá cavalgar. Avante, Eorlingas!

— Mas seu povo não pode ficar sem armas e sem um líder ao mesmo tempo — disse Gandalf — Quem irá guiá-los e governá-los em seu lugar?

— Pensarei nisso antes de partir — respondeu Théoden. — Lá vem meu conselheiro.

Nesse momento, Háma voltou do salão. Atrás dele, encolhendo-se entre dois outros homens, vinha Gríma, o Língua de Cobra. Seu rosto estava muito branco. Os olhos piscavam com a luz do sol. Háma se ajoelhou e apresentou a Théoden uma grande espada numa bainha trabalhada em ouro e adornada com pedras verdes.

— Aqui, senhor, está Hertigrim, sua antiga espada — disse ele. — Foi encontrada na arca dele. A contragosto entregou as chaves. Há muitas outras coisas lá de que os homens deram falta.

— Você está mentindo — disse Língua de Cobra. — E essa espada me foi confiada por seu próprio mestre.

— E agora ele a requer de volta — disse Théoden. — Isso lhe desagrada?

— Certamente que não, senhor — disse Língua de Cobra. — Cuido do senhor e dos seus o melhor que posso. Mas não se dê tanto trabalho, não exija demais de suas energias. Deixe que outros lidem com esses hóspedes aborrecidos. Sua carne está quase pronta para servir. Não quer prová-la?

— Quero — disse Théoden. — E faça com que a comida de meus hóspedes seja servida

ao meu lado na mesa. O exército cavalgará hoje. Envie os arautos! Que reúnam todos os
que moram nas redondezas. Todo homem e todo rapaz bastante forte para segurar uma
arma, e todos os que têm cavalos, que estejam pronto s sobre as selas antes da segunda
hora após o meio-dia!
— Caro senhor! — gritou Língua de Cobra. — É como eu receava. Esse mago o
enfeitiçou. Não vai ficar ninguém para defender o Palácio Dourado que pertenceu aos
seus ancestrais, e todo o seu tesouro? Ninguém para proteger o Senhor da Terra dos
Cavaleiros?
— Se isso for feitiço — disse Théoden —, parece-me mais benfazejo que seus
sussurros. Sua arte de sanguessuga teria logo feito com que eu começasse a andar de
quatro, como um animal. Não, ninguém ficará, nem mesmo Gríma. Gríma também
cavalgará. Vá! Você ainda tem tempo para limpar a ferrugem de sua espada.
— Clemência, senhor! — choramingou Língua de Cobra, rastejando no chão. — Tenha
pena de alguém que se desgastou de tanto o servir. Não me mande para longe de sua
companhia! Pelo menos eu ficarei ao seu lado quando todos os outros tiverem partido.
Não mande seu fiel Gríma embora!

— Você tem minha compaixão — disse Théoden. — E não o mandarei para longe de
minha companhia. Eu mesmo irei para a guerra com meus homens. Ordeno que venha
comigo e prove sua fidelidade.
Língua de Cobra olhava de rosto em rosto. Em seus olhos se via a expressão de um
animal acossado, procurando uma brecha no círculo formado por seus inimigos. Lambeu
os lábios com sua língua comprida e descorada. — Pode-se esperar uma resolução dessas
de um senhor da Casa de Eorl, mesmo que ele seja velho — disse ele. — Mas os que
realmente o amam Poupariam seus últimos anos. Apesar disso, vejo que chego tarde
demais. Outros, a quem talvez a morte de meu senhor entristeceria menos, já o
persuadiram. Se não posso desfazer o que fizeram, escute-me pelo menos nisto, senhor!
Alguém que conhece seus pensamentos e honra suas ordens deve ficar em Edoras.
Nomeie um administrador fiel. Permita que seu conselheiro, Gríma, cuide de tudo até seu
retorno — e espero que possamos revê-lo, embora nenhum homem sábio tenha esperanças.
Éomer riu. — E se esse pedido não o dispensar da guerra, nobilíssimo Língua de

Cobra — disse ele —, que serviço de menor honra você aceitaria? Carregar um saco de farinha para as montanhas — se alguém confiasse em você para essa tarefa?

— Não, Éomer, você não está entendendo completamente os pensamentos do Mestre Língua de Cobra — disse Gandalf, voltando o olhar agudo para c este último. — Ele é bravo e astuto. Agora mesmo está fazendo um jogo com o perigo e ganhou uma jogada. Já desperdiçou horas de meu precioso tempo. Ao chão, cobra! — disse ele de repente com uma voz terrível. — De barriga no chão! Quanto tempo faz que Saruman o comprou? Qual foi o preço prometido? Quando todos os homens estivessem mortos, você teria uma parte no tesouro, e levaria a mulher que deseja? Há muito tempo você a tem observado com seus olhos oblíquos e perseguido seus passos.

Éomer puxou sua espada. — Disso eu já sabia — murmurou ele. — Por esse motivo já o teria matado antes, esquecendo a lei do palácio. Mas há outros motivos. — Deu um passo à frente, porém Gandalf o deteve com sua mão.

— Éowyn está a salvo agora — disse ele. — Mas você, Língua de Cobra, já fez tudo o que podia por seu verdadeiro mestre. Alguma recompensa conseguiu no fim. No entanto, Saruman é capaz de ignorar as promessas que fez. Devo recomendar que vá rápido e refresque a memória dele, para que não esqueça seus fiéis serviços.

— Você está mentindo — disse Língua de Cobra.

— Essa palavra brota com muita freqüência de seus lábios — disse Gandalf

— Eu não estou mentindo. Veja, Théoden , aqui está uma cobra! Não pode levá-la consigo em segurança, nem deixá-la para trás. Matá-la seria justo. Mas essa criatura não foi sempre como é agora. Já foi um homem, e o serviu à sua maneira. Dê-lhe um cavalo e faça-o partir imediatamente, para onde escolher. Poderá julgá-lo por sua escolha.

— Você ouviu isso, Língua de Cobra? — disse Théoden. — A escolha é sua: cavalgar comigo para a guerra, e nos deixar comprovar na batalha a sua sinceridade, ou partir agora, para onde quiser. Mas se for assim, se nos encontrarmos novamente, não terei pena.

Lentamente, Língua de Cobra se levantou. Olhou para eles com os olhos semicerrados. Por último olhou para o rosto de Théoden e abriu a boca, como se fosse falar alguma coisa. Então de repente se aprumou. As mãos se agitavam, os olhos faiscavam.

Havia tanta malícia neles que os homens recuaram.
Mostrou os dentes; e depois, com uma respiração chiada, cuspiu aos pés do rei, e,
lançando-se para um lado, fugiu descendo a escada.
— Atrás dele! — disse Théoden. — Cuidem para que não faça mal a ninguém, mas não
o machuquem e nem impeçam que parta. Que lhe seja dado um cavalo, se ele quiser.

— Isso se algum animal o aceitar — disse Éomer.
Um dos guardas desceu a escada correndo. Um outro foi até o poço ao pé do
planalto e com seu elmo retirou um pouco de água. Com ela lavou as pedras que Língua
de Cobra tinha conspurcado.
— Agora venham, meus hóspedes! — disse Théoden. — Venham e se reconfortem da
maneira que o tempo permite.
Entraram na grande casa. Já escutavam lá embaixo os arautos gritando pela cidade
e as cornetas de guerra soando. Pois o rei devia partir logo que os homens da cidade e os
que moravam nas redondezas estivessem armados e reunidos.
À mesa do rei sentaram-se Éomer e os quatro hóspedes, e ali também, servindo o
rei, estava a senhora Éowyn. Comeram e beberam de pressa. Os outros ficaram em
silêncio, enquanto Théoden fazia perguntas a Gandalf a respeito de Saruman.
— A quando remonta essa traição, quem pode saber? — disse Gandalf
— Ele não foi sempre mau. Não duvido que já tenha sido um amigo de Rohan; e
mesmo quando seu coração esfriou ele ainda o considerou útil. Mas faz tempo agora que
vem planejando sua ruína, usando a máscara da amizade, até que ele estivesse pronto.
Nesses anos, a tarefa de Língua de Cobra foi fácil, e tudo o que você fazia era logo
relatado em Isengard; pois sua terra estava aberta, e os forasteiros entravam e saíam. E
sempre o sussurro de Língua de Cobra estava em seus ouvidos, envenenando seus
pensamentos, enregelando seu coração, enfraquecendo seus músculos, enquanto os outros
viam tudo e não podiam dizer nada, pois sua vontade era controlada por ele.
— Mas quando escapei e avisei você, então a máscara foi destruída para aqueles que
quisessem ver. Depois disso Língua de Cobra jogou perigosamente, sempre procurando
atrasá-lo, para impedir que recobrasse todas as suas forças. Ele foi esperto: entorpecendo
a astúcia dos homens e alimentando seus medos, como melhor coubesse em cada ocasião.
Não lembra com que avidez ele disse que nenhum homem deveria ser desperdiçado numa
busca infrutífera em direção ao norte, quando todo o perigo estava no oeste? Ele o
persuadiu a proibir que Éomer caçasse os orcs invasores. Se Éomer não tivesse desafiado
a voz de Língua de Cobra que falava através de seus lábios, aqueles orcs já teriam

chegado a Isengard agora levando um grande prêmio. Na realidade, não o prêmio que
Saruman deseja acima de todos os outros, mas no mínimo dois membros de minha
Comitiva, que compartilham uma esperança secreta, da qual nem mesmo a você, meu rei,
ainda não posso falar abertamente. Ousa pensar o quanto eles estariam sofrendo agora, ou
o que Saruman poderia ter descoberto para nossa desgraça?
— Devo muito a Éomer — disse Théoden. — Um coração fiel pode ter uma língua
rebelde.
— Diga também — disse Gandalf — que para olhos tortos a verdade pode ter um rosto
desvirtuado.
— Realmente meus olhos estavam quase cegos — disse Théoden. Acima de tudo devo
a você, meu convidado. Mais uma vez chegou a tempo. Gostaria de lhe oferecer um
presente antes de partirmos, à sua escolha. Você só tem de apontar qualquer coisa que é
minha. Agora só reservo minha própria espada.
— Se cheguei a tempo não podemos saber agora — disse Gandalf. — Mas quanto ao
presente, senhor, vou escolher um que supra minhas necessidades: rápido e seguro. Dême
Scadufax! Antes ele só foi emprestado, se é que podemos chamar aquilo de
empréstimo. Mas agora vou conduzi-lo para grandes perigos, colocando a prata contra o
negro: eu não arriscaria qualquer coisa que não fosse minha. E já existe um elo de
amizade entre nós.
— Você fez uma boa escolha — disse Théoden -; e agora eu o passo às suas mãos

alegremente. Mas é um grande presente. Não há outro como Scadufax. Nele retorna um
dos poderosos animais de antigamente. Nenhum assim retornará outra vez. E a vocês,
meus outros convidados, oferecerei coisas que podem ser encontradas em meu arsenal.
De espadas vocês não precisam, mas há elmos e coletes de malha feitos num habilidoso
trabalho com os metais, que foram dados de presente aos meus antepassados por Gondor.
Escolham entre estes antes de partirmos, e que possam lhes servir bem!
Então chegaram homens trazendo vestimentas de guerra do tesouro do rei, e
vestiram Aragorn e Legolas em malhas reluzentes. Escolheram também elmos, e escudos
redondos: neles havia gravuras enfeitadas com ouro e pedras, verdes, vermelhas e
brancas. Gandalf não pegou nenhuma armadura, e Gimli não precisava de nenhum colete

de metal, mesmo que se encontrasse algum que servisse no seu tamanho, pois não havia
couraça de malhas nos tesouros de Edoras de melhor qualidade do que seu pequeno
corselete feito sob a Montanha do Norte. Mas escolheu uma touca de ferro e couro que
serviu bem em sua cabeça redonda, e pegou também um pequeno escudo.
Esta peça exibia o cavalo correndo, branco sobre verde, que era o emblema da
Casa de Eorl.
— Que o proteja bem — disse Théoden . — Foi feito para mim no tempo de Thengel,
quando eu ainda era um menino.
Gimli fez uma reverência. — Fico orgulhoso, Senhor dos Cavaleiros, em usar uma
peça sua — disse ele. — Na realidade, seria mais fácil eu carregar um cavalo do que ser
carregado por um. Gosto mais dos meus pés. Mas, talvez, chegarei a algum lugar onde
possa ficar de pé e lutar.
— Pode muito bem acontecer — disse Théoden .
O rei então se levantou, e imediatamente Éowyn se aproximou trazendo vinho. —
Ferthu Théoden hál! — disse ela. — Tome esta taça e beba nesta hora feliz. Que a saúde o
acompanhe em sua ida e em seu retorno!
Théoden bebeu da taça, e então ela a ofereceu aos convidados. Ao ficar diante de
Aragorn, Éowyn parou de repente e o olhou, com um brilho nos olhos. E ele olhou o rosto
dela e sorriu; mas quando pegou a taça a mão dele encontrou a dela, e Aragorn percebeu
que ela tremeu àquele toque. Salve, Aragorn, filho de Arathorn! — disse ela.
— Salve, Senhora de Rohan! — respondeu ele, mas agora tinha o rosto preocupado e
não sorriu.
Quando todos tinham bebido, o rei atravessou o salão em direção às portas. Ali
guardas esperavam por ele, e arautos também, e todos os senhores e chefes de Edoras e
das redondezas estavam reunidos.
— Vejam! Vou na frente, e é provável que esta seja minha última cavalgada — disse
Théoden. — Não tenho filhos. Théodred, meu filho, está morto. Nomeio Éomer, filho de
minha irmã, como meu herdeiro. Se nenhum de nós voltar, então escolham outro senhor.
Mas a alguém devo agora confiar meu povo que abandono, para governá-lo em paz. Qual
de vocês está disposto a ficar?
Ninguém disse nada.
— Não há ninguém que possam indicar? Em quem meu povo confia?
— Na Casa de Eorl — respondeu Háma.
— Mas não podemos deixar Éomer, nem ele ficaria — disse o rei; e ele é o último
dessa Casa.

— Não me referi a Éomer — respondeu Háma. — E ele não é o último. Há sua irmã Éowyn, filha de Éomund. Ela é corajosa e tem um coração nobre. Todos a amam. Deixe que ela faça o papel de senhor dos Eorlingas, enquanto estivermos fora.

— Assim será — disse Théoden. — Que os arautos anunciem ao povo que a Senhora

Éowyn os conduzirá!

Então o rei se sentou numa cadeira diante de suas portas, e Éowyn se ajoelhou à sua frente, recebendo dele uma espada e um belo corselete. Até logo, filha de minha irmã!

— disse ele. — Escura é esta hora, mas talvez retornemos ao Palácio Dourado. Mas no Templo da Colina as pessoas poderão se defender por muito tempo, e se o final da batalha for contra nós para cá virão todos os que escaparem.

— Não fale desse modo! — respondeu ela. — Suportarei um ano para cada dia que passar até seu retorno. — Mas enquanto ela falava seus olhos se dirigiram a Aragorn, que estava ao lado.

— O rei retornará — disse ele. — Não tenha medo! Nosso destino nos espera no leste e não no oeste.

O rei então desceu a escada, com Gandalf ao seu lado. Os outros os seguiram.

Aragorn olhou para trás no momento em que passavam em direção ao portão. Sozinha, Éowyn ficou parada diante das portas do salão, no topo da escada; a espada estava de pé diante dela, e suas mãos descansavam sobre o punho. Estava agora vestida em malhas metálicas, e brilhava como prata ao sol.

Gimli foi ao lado de Legolas, com o machado sobre os ombros. Bem, finalmente partimos! — disse ele. — Os homens precisam de muitas palavras antes das ações. Meu machado está inquieto em minhas mãos. Contudo eu não duvido que esses rohirrim tenham mãos ferozes no momento necessário. Apesar disso, não é este o tipo de batalha que me cai bem, Como irei para a batalha? Preferia andar, e não ficar pulando como um saco na garupa de Gandalf.

— Um lugar mais seguro que muitos outros — disse Legolas. — Apesar disso, Gandalf o colocará no chão de bom grado quando os golpes começarem; ou o próprio Scadufax fará isso, Um machado não é arma para um cavaleiro.

— E um anão não é um cavaleiro. São os pescoços dos orcs que eu queria cortar, e não barbear os escalpos de homens — disse Gimli, batendo no cabo do machado.

No portão encontraram um grande exército de homens, velhos e jovens, todos prontos na sela. Mais de mil estavam ali reunidos. Suas lanças eram como uma floresta irrequieta. Gritaram com muita alegria quando Théoden surgiu. Alguns seguravam o cavalo do rei, Snawmana, e outros seguravam os cavalos de Aragorn e Legolas. Gimli ficou pouco à vontade, franzindo a testa, mas Éomer veio até ele, trazendo seu cavalo.

— Salve, Gimli, filho de Glóin — gritou ele. — Não tive tempo de aprender um modo gentil de falar sob sua palmatória, como me prometeu. Mas não podemos deixar de lado nossa desavença? Pelo menos não falarei mal da Senhora da Floresta outra vez.

— Vou esquecer minha ira por enquanto, Éomer, filho de Éomund disse Gimli -; mas se algum dia você tiver a oportunidade de ver a Senhora Galadriel com seus próprios olhos então irá considerá-la a mais bela das senhoras; caso contrário, nossa amizade chegará ao fim.

— Que assim seja! — disse Éomer. — Mas até esse dia me perdôe, e em sinal de perdão cavalgue comigo, eu lhe peço. Gandalf irá na frente com o Senhor dos Cavaleiros; mas Pé-de-Fogo, meu cavalo, nos levará a nós dois, se você estiver disposto.

— Agradeço-lhe imensamente — disse Gimli, muito satisfeito. — Irei contente com você, se Legolas, meu companheiro, puder cavalgar ao nosso lado.

— Assim será — disse Éomer. — Legolas à minha esquerda, e Aragorn à minha direita, e ninguém ousará nos enfrentar!

— Onde está Scadufax? — disse Gandalf

— Correndo solto sobre a grama — responderam eles. — Não deixa que nenhum homem o pegue. Lá vai ele, lá embaixo, perto do vau, como uma sombra por entre os salgueiros.

Gandalf assobiou e chamou o nome do cavalo em voz alta, e na distância ele balançou a cabeça e relinchou; virando-se, correu na direção do exército como uma flecha.

— Se o sopro do Vento Leste tomasse a forma de um corpo visível, teria exatamente a aparência desse animal — disse Éomer, enquanto o grande cavalo subia, até parar ao lado do mago.

— Parece que o presente já está entregue — disse Théoden. — Mas escutem todos! Aqui nomeio agora meu hóspede, Gandalf Capa-Cinzenta, o mais sábio dos conselheiros, o mais bem-vindo dos andarilhos, um senhor da Terra dos Cavaleiros, um líder dos

Eorlingas enquanto nosso povo durar; e dou a ele Scadufax, o príncipe dos cavalos.
— Agradeço-lhe, Rei Théoden — disse Gandalf. Então, de repente, jogou para trás a
capa cinzenta, jogou de lado seu chapéu, e de um salto montou no cavalo. Não usava nem
elmo nem armadura. Seus cabelos de neve voavam ao vento, as vestes brancas brilhavam
ofuscantes ao sol.
— Vejam o Cavaleiro Branco — gritou Aragorn, e todos repetiram essas palavras.
Nosso Rei e o Cavaleiro Branco! — gritaram eles. — Avante, Eorlingas! As
trombetas soaram. Os cavalos empinaram e relincharam. Lanças batiam nos escudos,
Então o rei levantou a mão, e numa velocidade semelhante ao início de um grande
vendaval o último exército de Rohan cavalgou, retumbando em direção ao oeste.
Distante na planície Éowyn viu o brilho de suas lanças, enquanto ficou parada,
sozinha diante das portas da casa silenciosa.

CAPÍTULO VII

O ABISMO DE HELM

O sol já se dirigia para o oeste quando partiram de Edoras, e sua luz incidia nos
olhos de todos, transformando os campos de Rohan numa névoa dourada. Havia um
caminho batido a noroeste, ao longo dos pés das Montanhas Brancas; por ali seguiram,
subindo e descendo uma região verde, atravessando pequenos riachos velozes por muitos
vaus. Na distância, à direita, assomavam as Montanhas Sombrias, que ficavam cada vez
mais altas e escuras com o passar das milhas. O sol descia devagar diante deles.
Atrás, a noite caía.
A tropa continuou cavalgando. Temendo chegar tarde demais, iam a toda
velocidade, raramente fazendo uma pausa. Velozes e resistentes eram os cavalos de
Rohan, mas havia muitas léguas a percorrer. Eram quarenta léguas ou mais, em linha reta,
de Edoras até os vaus do Isen, onde esperavam encontrar os homens do rei que impediam
o avanço dos exércitos de Saruman.
A noite se fechou ao redor deles. Finalmente pararam para montar acampamento.
Tinham cavalgado cerca de cinco horas e avançado bastante pela planície oeste; mesmo
assim, mais da metade da viagem ainda se estendia à frente. Numa grande roda, sob o céu
estrelado e a lua crescente, estavam acampados agora. Não acenderam fogueiras, pois
estavam inseguros da situação, mas colocaram um círculo de guardas montados ao redor
deles, e batedores foram mais à frente, passando como sombras pelas dobras da terra. A

noite lenta passou sem qualquer surpresa ou alarma. Com o chegar do dia soaram as

cornetas, e dentro de uma hora o exército já estava de novo na estrada.
Ainda não havia nuvens cobrindo o céu, mas o ar estava pesado; estava quente
para aquela estação do ano. O sol se levantava envolto em névoas e atrás dele, seguindo-o
devagar em sua escalada no céu, via-se uma escuridão crescente, como uma grande
tempestade que chegava do leste. E em direção ao noroeste parecia haver outra escuridão
se formando aos pés das Montanhas Sombrias, uma sombra que se arrastava devagar,
descendo do Vale do Mago.
Gandalf recuou até onde cavalgava Legolas, ao lado de Éomer. — Você tem o olhar
agudo de seu belo povo, Legolas — disse ele -; e eles distinguem um pardal de um
tendilhão a uma légua de distância. Diga-me, está vendo alguma coisa lá na frente, na
direção de Isengard?
— Há muitas milhas daqui até lá — disse Legolas olhando à frente e protegendo os
olhos com sua mão esguia. — Vejo uma escuridão. Há formas se movendo nela, grandes
formas lá adiante, na margem do rio; mas o que são não sei dizer. Não são as nuvens ou a
névoa que atrapalham minha visão: há um véu de sombra, que algum poder derrama por
sobre a terra, e que está descendo lentamente o rio. É como se o crepúsculo, sob árvores
infinitas, estivesse descendo das montanhas.
— E atrás de nós vem uma verdadeira tempestade de Mordor — disse Gandalf
— Será uma noite negra.
O segundo dia de cavalgada foi passando, e o ar foi ficando mais pesado.
Durante a tarde, as nuvens escuras começaram a alcançá-los: um dossel sombrio
tendo nas bordas grandes vagalhões, salpicados de uma luz ofuscante. O sol se pôs,
vermelho como sangue numa névoa de fumaça. As lanças dos Cavaleiros tinham pontas
de fogo quando os últimos raios de luz acenderam as encostas íngremes dos picos de
Thrihyme: agora estavam muito próximos do braço mais ao norte das Montanhas Brancas,
três chifres farpados olhando para o pôr-do-sol. No último brilho vermelho, os homens da
vanguarda viram uma mancha negra, um cavaleiro vindo ao encontro deles. Pararam,
aguardando sua chegada.
Chegou: um homem exausto com um elmo trincado e um escudo partido. Desceu
devagar do cavalo e ficou parado um instante, enquanto tomava fôlego.

Finalmente falou.
— Éomer está aqui:"? — perguntou ele. — Finalmente vocês chegam, mas tarde demais, e com muito pouca força. As coisas vão mal desde que Théodred caiu. Recuamos ontem pelo Isen com grandes perdas. Muitos pereceram na travessia.
Depois, à noite, novas forças vieram pelo rio atacando nosso acampamento. Toda Isengard deve estar vazia; Saruman armou os bárbaros das colinas e os pastores da Terra Parda, além do rio: estes também ele atiçou contra nós. Fomos dominados. A parede de escudos foi quebrada.
Erkenbrand do Folde Ocidental se retirou com os homens que pôde reunir para sua fortaleza no Abismo de Helm. O restante deles está disperso.
— Onde está Éomer? Digam-lhe que não há esperança à frente. Ele deve retornar a Edoras antes que os lobos de Isengard cheguem aqui.
Théoden permanecera quieto, escondido da visão do homem, atrás de seus guardas; fez então seu cavalo avançar. — Venha, fique ao meu lado, Ceorl! — disse ele. — Estou aqui. O último exército dos Eorlingas está a postos. Não retornaremos sem lutar.
O rosto do homem se iluminou de alegria e surpresa. Aproximou-se. Depois ficou de joelhos, oferecendo ao rei sua espada chanfrada. — Às suas ordens, senhor! — gritou ele.
— E me perdôe! Pensei...
— Pensou que eu tinha ficado em Meduseld, curvado como uma árvore velha sob a neve do inverno. Era assim quando veio para a guerra. Mas um vento oeste chacoalhou os ramos — disse Théoden . — Dê a este homem uni cavalo descansado! Vamos em auxílio de Erkenbrand.
Enquanto Théoden falava, Gandalf avançou alguns passos e ficou ali sozinho, olhando para o norte em direção a Isengard e para o sol que se punha no oeste. Agora voltava.
— Avance, Théoden! — disse ele. — Vá para o Abismo de Helm! Não vá para os Vaus do Isen, e não permaneça na planície! Devo deixá-los por um tempo. Scadufax deve agora me conduzir numa missão urgente. — Voltando-se para Aragorn e Éomer, e para os homens da casa do rei, ele gritou: Cuidem bem do Senhor da Terra dos Cavaleiros até que eu retorne. Aguardem-me no Portão de Helm! Até já! Disse uma palavra para Scadufax, e como uma flecha disparada por um arco o grande cavalo saltou à frente. Quando olharam, ele já havia desaparecido: um clarão de prata no pôr-do-sol, um vento sobre a grama, uma

sombra que passou e sumiu de vista.

Snawmana resfolegou e pateou, ansioso por segui-lo; mas só um pássaro feito flecha poderia tê-lo alcançado.

— Que significa isso? — perguntou a Háma um homem da guarda.

— Que Gandalf Capa-Cinzenta precisa se apressar — respondeu Háma. Ele sempre parte e chega sem ser esperado.

— Língua de Cobra, se estivesse aqui, não teria dificuldade em explicar — disse o outro.

— Isso é bem verdade — disse Háma -; mas, quanto a mim, vou esperar até que veja Gandalf de novo.

— Talvez você espere muito tempo — disse o outro.

A tropa desviou-se da estrada que conduzia aos Vaus do Isen e rumou para o sul. A noite caiu, e eles ainda continuavam a cavalgada. As colinas se aproximavam, mas os altos picos de Thrihyme já se apagavam contra o céu que escurecia.

Ainda a algumas milhas dali, no lado oposto do Vale do Folde Ocidental, ficava uma garganta verde, uma grande reentrância no meio das montanhas, que se transformava num precipício entre elas. Os homens daquela região deram-lhe o nome de Abismo de Helm, em homenagem a um herói de antigas guerras que se refugiara ali. Partindo do norte, a garganta afundava, cada vez mais íngreme e estreita dentro das sombras do Thrihyme, até o ponto onde os penhascos ocupados por corvos assomavam como torres poderosas dos dois lados, bloqueando a luz.

No Portão de Helm, diante da entrada do Abismo, havia um esporão de pedra que o penhasco ao norte projetava para fora. Ali, na sua extremidade, erguiam-se altas muralhas de pedra antiga, e dentro delas via-se uma torre alta. Os homens diziam que nos tempos longínquos da glória de Gondor os reis dos mares tinham construído ali sua fortaleza com mãos de gigantes. Chamava— se Forte da Trombeta, pois se tal instrumento fosse tocado na torre o som ecoava no Abismo atrás dela, como se exércitos há muito esquecidos estivessem marchando para a guerra, vindo das cavernas sob as colinas. Os homens de antigamente também tinham construído uma muralha, que ia desde o Forte da Trombeta até o penhasco ao sul, barrando a passagem para a garganta. Abaixo dela, através de uma larga galeria, passava o Riacho do Abismo. Aos pés do Rochedo da Trombeta ele fazia uma curva, e corria então numa vala que passava no meio de uma

ampla fenda, descendo suavemente do Portão de Helm para o Dique de Helm. De lá caía
na Garganta do Abismo, desembocando no Vale do Folde Ocidental. Ali, no Forte da
Trombeta, no Portão de Helm, morava Erkenbrand, senhor do Folde Ocidental, nas
fronteiras das Terras dos Cavaleiros.

Quando os dias foram ficando mais escuros com a ameaça da guerra, sendo sábio,
ele tinha consertado a muralha e aumentado a segurança da fortaleza.
Os Cavaleiros estavam ainda no baixo vale, diante da entrada da Garganta, quando
se ouviram os gritos e clangores de seus batedores que ia m à frente. Da escuridão vieram
flechas zunindo. Rapidamente um batedor retornou e reportou que homens montados em
lobos estavam circulando no vale, e que uma tropa de orcs e de homens bárbaros estava
correndo para o sul vindo dos Vaus do Isen, e parecia estar se dirigindo para o Abismo de
Helm.
— Vimos muitos homens de nosso povo que caíram mortos quando fugiam para lá —
disse o batedor. — E encontramos grupos dispersos, indo de um lado para o outro, sem
terem quem os comandasse. O que aconteceu a Erkenbrand ninguém parece saber. É
provável que seja alcançado antes que consiga chegar ao Portão de Helm, se é que ainda
não pereceu.
Alguém viu Gandalf? — perguntou Théoden .
Sim, senhor. Muitos viram um velho vestido de branco montando um cavalo,
aparecendo aqui e acolá sobre as colinas, como o vento sobre a grama.
Alguns o tomaram por Saruman. Pelo que dizem, ele se foi antes do anoitecer em
direção a Isengard. Alguns também dizem que Língua de Cobra foi visto antes, indo para
o norte com um grupo de orcs.
— Será ruim para Língua de Cobra, se Gandalf cruzar com ele — disse Théoden. —
Apesar disso, sinto falta de meus dois conselheiros, o velho e o novo. Mas nesta situação
não temos escolha melhor do que ir em frente, como Gandalf disse, até o Portão de Helm,
estando Erkenbrand lá ou não. Sabe-se o tamanho da tropa que vem do norte?
— É muito grande — disse o batedor. — Quem está fugindo vê inimigos em dobro, mas
eu falei com homens de muita coragem, e não duvido que a força principal do inimigo
seja muitas vezes maior do que toda a que temos aqui.
— Então sejamos rápidos — disse Éomer. — Vamos passar pelos inimigos que já estão

entre nós e a fortaleza. Há cavernas no Abismo de Helm onde centenas de homens podem
se esconder, e caminhos secretos leva m de lá até as colinas.
— Não confie nos caminhos secretos — disse o rei. — Saruman andou espionando esta
região durante um longo tempo. Mas naquele lugar nossa defesa pode resistir por muito
tempo. Vamos!
Aragorn e Legolas iam agora na frente com Éomer. Continuaram cavalgando no
escuro, cada vez mais devagar conforme a noite avançava e o caminho subia para o sul,
cada vez mais entrando nas dobras escuras aos pés da montanha.
Encontraram poucos inimigos. Em alguns pontos cruzaram com grupos errantes de
orcs, mas eles fugiam antes que os Cavaleiros pudessem pegá-los ou matá-los.
— Não vai demorar muito, eu receio — disse Éomer —, até que o líder de nossos
inimigos tome conhecimento da chegada do exército do rei, seja ele Saruman ou qualquer
capitão que ele tenha mandado.
O rumor da guerra crescia atrás deles. Agora podiam ouvir, chegando através da
escuridão, o som de uma cantoria rude. Tinham avançado muito pela Garganta do Abismo
quando olharam para trás. Então viram tochas, pontos inumeráveis de luz de fogo sobre
os campos negros atrás deles, espalhados como flores vermelhas, ou subindo em longas
fileiras faiscantes. Em alguns pontos uma chama maior se erguia.
É uma tropa grande, e avança rápido em nossa direção — disse Aragorn.
— Estão trazendo fogo — disse Théoden —, e conforme passam vão queimando palha,
cabana e árvore. Este era um vale rico e tinha muitas propriedades. Sinto por meu povo!
— Gostaria que o dia já tivesse nascido e que pudéssemos cavalgar sobre eles como

uma tempestade! — disse Aragorn. — Fico triste em ter de fugir desse jeito.
— Não precisamos fugir muito mais — disse Éomer. — Não muito além daqui fica o
Dique de Helm, uma trincheira com baluarte antiga cortada através da garganta,
quatrocentos metros abaixo do Portão de Helm. Ali Podemos nos virar e combater.
— Não, somos muito poucos para defender o Dique — disse Théoden .
— Tem uma milha ou mais de comprimento, e sua abertura é grande.
— Na abertura ficará nossa retaguarda, se formos pressionados — disse Éomer.
Não havia lua nem estrelas quando os Cavaleiros atingiram a abertura do Dique,
por onde a correnteza que vinha de cima passava, e onde a estrada ao lado descia do Forte
da Trombeta. O baluarte de repente assomou diante deles, uma sombra alta além de um
poço escuro. Conforme foram subindo, uma sentinela os interpelou.
— O Senhor da Terra dos Cavaleiros se dirige para o Portão de Helm respondeu
Éomer. — Eu, Éomer, filho de Éomund, estou falando.

— Isso é uma boa notícia que supera qualquer expectativa — disse a sentinela. — Apressem-se! O inimigo está em seus calcanhares.

A tropa passou através da abertura e parou na ladeira inclinada que ficava acima.

Agora descobriram, para sua alegria, que Erkenbrand deixara muitos homens defendendo o Portão de Helm, e muitos outros tinham depois ali se refugiado.

— Talvez tenhamos mil homens prontos para lutar a pé — disse Gamling, um velho, o líder dos que vigiavam o Dique. — Mas a maioria deles já viu invernos demais, como eu, ou muito poucos, como este filho de meu filho. Que notícias têm de Erkenbrand? Chegou até nós ontem a notícia de que ele vinha para cá, batendo em retirada com tudo o que sobrou dos melhores Cavaleiros do Folde Ocidental. Mas ainda não chegou.

— Receio que não chegue mais — disse Éomer. — Nossos batedores não conseguiram notícias dele, e o inimigo domina todo o vale atrás de nós.

— Gostaria que ele tivesse escapado — disse Théoden. — Era um homem poderoso. Nele reviveu o valor de Helm, o Mão-de-Martelo. Mas não podemos esperá-lo aqui. Devemos reunir agora todas as nossas forças detrás das muralhas. Vocês têm boas provisões? Temos poucas, porque partimos para uma batalha aberta, e não preparados para um cerco.

— Atrás de nós, nas cavernas do Abismo, estão três partes do povo do Folde Ocidental, velhos e jovens, crianças e mulheres — disse Gamling. Mas um grande estoque de comida, e vários animais e rações para eles também foram guardados lá.

— Isso é bom — disse Éomer. — Eles estão queimando e saqueando tudo o que resta no vale.

— Se vierem barganhar nossa comida no Portão de Helm, vão pagar um preço alto – disse Gamling.

O rei e seus Cavaleiros passaram à frente. Diante do passadiço que atravessava o rio eles desmontaram. Numa longa fila, conduziram seus cavalos rampa acima e passaram para dentro dos portões do Forte da Trombeta. Ali outra vez foram recebidos com alegria e esperança renovada, pois agora havia homens em número suficiente para proteger tanto o forte quanto a muralha.

Rapidamente, Éomer deixou seus homens a postos. O rei e os homens de sua casa estavam no Forte da Trombeta, e também havia vários homens do Folde Ocidental. Mas na Muralha do Abismo e na torre, e atrás dela, Éomer reuniu a maioria de sua força, pois ali a defesa parecia mais duvidosa, se o ataque fosse determinado e violento.

Os cavalos foram conduzidos mais para cima do Abismo, ficando aos cuidados de alguns homens que foi possível separar para essa função.

A Muralha do Abismo tinha seis metros de altura, e era tão larga que quatro

homens podiam andar lado a lado em cima dela, protegidos por um parapeito sobre o qual
apenas um homem alto poderia olhar. Em alguns pontos havia fendas na pedra, através
das quais os combatentes podiam atirar. Podia-se chegar a esse parapeito por uma escada
que descia de uma porta no pátio externo do Forte da Trombeta; três lances de degraus
também conduziam para a parte superior da muralha, saindo do Abismo lá embaixo; mas
a parte da frente era lisa, e as grandes pedras foram assentadas com tal habilidade que não
se via nenhuma saliência nas suas junções, e no topo elas tinham a forma de um penhasco
esculpido pelo mar.
Gimli ficou de pé apoiando-se no parapeito do muro. Legolas estava sentado em
cima do parapeito, manuseando o arco e espiando na escuridão.
— Isso está mais ao meu gosto — disse o anão, pisando firme nas pedras. — Meu
coração se alegra quando nos aproximamos das montanhas. Há boas pedras aqui. Esta
terra tem ossos resistentes. Senti-os em meus pés quando viemos do dique.
Se me dessem um ano e cem anões de meu povo, eu faria disto aqui um lugar
contra o qual os exércitos se arrebentariam como água.
— Não duvido disso — disse Legolas, — Mas você é um anão, e anões são pessoas
estranhas. Não gosto deste lugar, e gostarei menos ainda à luz do dia. Mas você me
consola, Gimli, e estou feliz em tê-lo ao meu lado, com suas pernas fortes e seu machado
resistente. Gostaria que houvesse mais pessoas de seu povo entre nós. Mas mais ainda eu
daria por uma centena de bons arqueiros da Floresta das Trevas. Vamos precisar deles. Os
rohirrim têm homens que são bons arqueiros à sua maneira, mas há muito Poucos aqui,
muito poucos.
— Está escuro para o uso dos arcos — disse Gimli. — Na verdade, está na hora de
dormir. Dormir! Sinto necessidade disso, como nunca pensei que um anão sentiria.
Cavalgar é um trabalho cansativo. Mesmo assim meu machado está inquieto em minhas
mãos. Dê-me uma fileira de pescoços de orcs e um espaço para me movimentar, que todo
o cansaço abandonará meu corpo.
O tempo passou devagar. Lá embaixo no vale, fogueiras isoladas ainda ardiam. As
tropas de Isengard avançavam em silêncio agora. Podia-se ver suas tochas subindo a
garganta em muitas fileiras.
De repente, do Dique, gritos e berros, e os ferozes gritos de guerra começaram.

Tochas flamantes apareceram sobre a borda e se amontoaram na fenda. Depois se
espalharam e desapareceram. Homens vieram galopando pelo campo e subiram a rampa
que conduzia ao Forte da Trombeta. A retaguarda dos homens do Folde Ocidental fora
acuada para dentro.
— O inimigo está próximo! — disseram eles. — Soltamos todas as flechas que
tínhamos e enchemos o Dique de orcs. Mas isso não vai detê-los por muito tempo. Eles já
estão escalando a margem em vários pontos, numerosos como formigas em marcha. Mas
lhes ensinamos a não carregarem tochas.
Agora já passava da meia-noite. O céu estava completamente negro, e o marasmo
do ar pesado anunciava uma tempestade. De repente as nuvens foram chamuscadas por
um clarão ofuscante. Muitos relâmpagos golpeavam as colinas do leste. Por um instante,
os vigias das muralhas viram todo o espaço entre o ponto onde estavam e o Dique
iluminado por uma luz branca: lá fervilhavam e rastejavam figuras negras, algumas largas
e troncudas, outras altas e sinistras, com altos elmos e escudos negros.
Mais centenas e centenas se despejavam sobre o Dique e através da brecha.
A onda escura atingia as paredes de penhasco a penhasco. Trovões retumbavam no
vale. A chuva veio açoitando tudo.
Inúmeras flechas chegavam zunindo sobre as ameias, e caíam tinindo e resvalando

na pedra. Algumas atingiam o alvo. O ataque ao Abismo de Helm tinha começado, mas
nenhum som ou desafio vinha lá de dentro: nenhuma flecha veio em resposta.
As tropas atacantes pararam, frustradas pela ameaça silenciosa de rocha e muralha.
Freqüentemente os relâmpagos rasgavam a escuridão. Quando isso acontecia, os orcs
gritavam, agitando lanças e espadas, e atirando uma nuvem de flechas contra qualquer um
que aparecesse nas ameias; e os homens da Terra dos Cavaleiros, assustados, viram lá
fora um grande campo coberto por um trigal escuro, açoitado por uma tempestade de
guerra, e cada espiga faiscava com uma luz mordaz.
Ouviram-se trombetas impudentes. O inimigo avançava como um a onda, uns
contra a Muralha do Abismo, outros na direção do passadiço e da rampa que conduzia aos
portões do Forte da Trombeta. Ali estavam reunidos os orcs maiores, e os bárbaros das
colinas da Terra Parda. Hesitaram por um momento e depois continuaram avançando. O
relâmpago produziu um clarão, e estampado em cada elmo e escudo pôde-se ver a mão
sinistra de Isengard. Alcançaram o topo do rochedo; dirigiram-se para os portões.
Então finalmente veio uma resposta: uma tempestade de flechas os recebeu, junto

com uma avalanche de pedras. Eles vacilaram, pararam e fugiram; e depois atacaram de
novo; pararam e atacaram outra vez; e a cada vez, como a invasão do mar, eles paravam
num ponto mais alto. De novo soaram cornetas, e um monte de homens urrando saltou à
frente. Mantinham seus grandes escudos acima das cabeças como um telhado, enquanto
no meio deles carregavam dois grandes troncos de árvore. Atrás apinhavam-se orcsarqueiros,
mandando uma saraivada de flechas na direção dos arqueiros que estavam
sobre a muralha. Ganharam os portões. Os troncos, balançados por fortes braços,
golpeavam o madeirame do portão com um estrondo destruidor. Se algum homem caía,
atingido por uma pedra que fora atirada de cima, dois outros surgiam para tomar-lhe o
lugar. Golpe após golpe os grandes aríetes balançavam e batiam.

Éomer e Aragorn estavam juntos sobre a Muralha do Abismo. Ouviam o rugido de
vozes e as pancadas surdas dos aríetes; então, num clarão repentino, enxergaram o perigo
que ameaçava os portões.

— Venha! — disse Aragorn. — É chegada a hora em que devemos brandir juntos
nossas espadas.

Velozes como o vento, eles correram ao longo da muralha, subindo os degraus,
passando para o pátio exterior sobre o Rochedo. Conforme corriam, foram reunindo
vários espadachins robustos. Havia uma pequena porta que se abria num canto da parede
oeste do forte, onde o penhasco se esticava na direção dela.

Daquele lado um caminho estreito ia em direção ao grande portão, entre a muralha
e a borda íngreme do Rochedo. Juntos, Éomer e Aragorn saltaram através da porta, com
seus homens vindo logo atrás. As duas espadas saíram reluzindo das bainhas como se
fossem uma só.

— Gúthwiné! — gritou Éomer. — Gúthwiné pela Terra dos Cavaleiros!

— Andúril! — gritou Aragorn. — Andúril pelos Dúnedain!

Avançando pela lateral, eles se arremessaram sobre os bárbaros. Andúril subia e
descia, reluzindo com um fogo branco. Um clamor subiu da muralha e da torre. — Andúril!
Andúril vai à guerra. A Espada que foi Quebrada brilha de novo! Assombrados, os
homens deixaram cair os troncos e voltaram-se para lutar; mas a parede de seus escudos
foi partida como se por um relâmpago, e eles foram varridos, derrubados ou jogados
contra o Rochedo, indo cair no rio pedregoso lá em baixo. Os orcs-arqueiros atiraram
alucinados e depois fugiram.

Por um momento, Éomer e Aragorn pararam diante dos portões. Os trovões
retumbavam agora na distância. Os relâmpagos ainda faiscavam, adiante, entre as

montanhas do sul, Um vento cortante soprava do norte outra vez. As nuvens se partiam e
passavam, e as estrelas apareceram; sobre as colinas das encostas da Garganta, a lua se
dirigia para o oeste, bruxuleando amarela entre os destroços da tempestade.
— Quase chegamos tarde demais — disse Aragorn, olhando os portões. Suas grandes
dobradiças e barras de ferro estavam deslocadas e tortas; muitas de suas vigas de madeira
estavam quebradas.
— Apesar disso não podemos ficar aqui fora das muralhas para defendê-las – disse
Éomer. — Olhe! — Ele apontou para o passadiço. Uma grande massa de orcs e homens
estava se reunindo outra vez do outro lado do rio. Flechas zuniam e ricocheteavam nas
pedras em volta deles. — Venha! Precisamos voltar e ver o que podemos fazer para
empilhar pedras e vigas contra os portões do lado de dentro. Vamos! Voltaram-se e
correram. Nesse momento, cerca de doze orcs que estavam deitados imóveis por entre os
mortos ergueram-se e vieram silenciosa e rapidamente atrás deles.
Dois se jogaram ao chão nos calcanhares de Éomer, derrubaram-no e num segundo
já estavam sobre ele. Mas uma pequena figura escura que ninguém tinha notado saltou
das sombras e soltou um grito rouco: Baruk Khazâd! Khazâd ai mênu! Um machado
varreu o ar, Dois orcs caíram decapitados. O resto deles fugiu.
Éomer se levantou num esforço, no mesmo momento em que Aragorn corria em
seu auxílio.
A pequena passagem foi fechada outra vez, a porta de ferro foi bloqueada com
pedras empilhadas do lado de dentro. Quando todos estavam a salvo lá dentro, Éomer se
voltou: — Agradeço a você, Gimli, filho de Glóin! — disse ele. — Não sabia que você estava
ao nosso lado nesse ataque. Mas geralmente o hóspede que não foi convidado acaba
sendo a melhor companhia. Como chegou até lá?
— Segui vocês para espantar o sono — disse Gimli -; mas olhei os homens das
colinas e os achei muito grandes para mim, então me sentei ao lado de uma pedra para ver
seu jogo de espadas.
— Não será fácil retribuir o que me fez — disse Éomer.
Pode haver muitas oportunidades antes do fim da noite — disse rindo o anão. — Mas
fico contente. Até agora não derrubei nada além de árvores, desde que deixei Moria.
— Dois! — disse Gimli, acariciando seu machado. Tinha voltado para seu lugar na
muralha.

— Dois? — disse Legolas. — Consegui marca melhor, embora agora precise tatear o
chão à procura de flechas perdidas; todas as minhas se foram.
Apesar disso, minha conta é vinte no mínimo. Mas não é mais que algumas folhas
em meio a uma floresta.
As nuvens agora se dispersavam rapidamente, e a lua que afundava brilhava muito.
Mas a luz trouxe poucas esperanças para os Cavaleiros de Rohan. O inimigo diante deles
parecia ter aumentado em número, e outros ainda vinham do vale através da abertura, O
ataque sobre o rochedo produziu apenas uma breve trégua. A investida contra os portões
redobrara. Contra a Muralha do Abismo, as tropas de Isengard rugiam como um mar.
Orcs e homens das colinas pareciam um enxame ao redor de sua base, de ponta a ponta.
Cordas com ganchos foram jogadas por sobre o parapeito tão rápido que os homens não
conseguiam cortá-las ou jogá-las todas de volta. Subiram centenas de longas escadas.
Muitas caiam destruídas, mas eram substituídas por muitas outras, e os orcs subiam por
elas como os macacos das escuras florestas do sul. Diante da base da muralha, os mortos
e feridos se empilhavam como os destroços de uma tempestade; cada vez mais altos
ficaram os horrendos montes, e ainda assim o inimigo avançava.
Os homens de Rohan ficaram cansados. Usaram todas as suas flechas, e atiraram

cada lança; as espadas estavam chanfradas, e os escudos trincados. Três vezes
Aragorn e Éomer os animaram, e três vezes Andúril reluziu num ataque
desesperado que afastou o inimigo da muralha.
Então um clamor subiu do Abismo lá embaixo. Orcs tinham se arrastado como
ratos através da galeria pela qual o rio desembocava.
Tinham se juntado ali na sombra dos penhascos, esperando que o ataque de seus
companheiros estivesse em plena força e que quase todos os homens da defesa tivessem
corrido para o topo da muralha. Então saltaram. Alguns já tinham entrado pela mandíbula
do Abismo e se misturavam aos cavalos, lutando com os guardas.
Da muralha saltou Gimli, com um grito feroz que ecoou nos penhascos. Khazád!
Khazád! Logo teve muito trabalho.
— Ai-oi! — gritou ele. — Os orcs estão do outro lado da muralha. Ai-oi! Venha,
Legolas. Há orcs suficientes para nós dois. Khazád ai ménu! Gamling, o Velho, olhou de
cima do Forte da Trombeta, ouvindo a voz possante do anão acima de todo o tumulto. —
Os orcs estão no Abismo! — disse ele. — Helm! Helm! Avante Helmingas! — gritou ele ao

saltar pela escada do Rochedo com muitos homens atrás.
O ataque foi feroz e repentino, e os orcs fugiram deles. Logo foram cercados na parte estreita da garganta, e todos foram mortos ou levados aos gritos até a brecha do
Abismo para cair diante dos protetores das cavernas ocultas.
— Vinte e um! — gritou Gimli. Deu um golpe com as duas mãos e derrubou o último
orc diante de seus pés. — Agora minha conta ultrapassa a de Mestre Legolas outra vez.
— Precisamos bloquear essa toca de ratos — disse Gamling. — Os anões têm fama de
saber trabalhar com pedras. Ajude-nos, mestre!
— Nós não trabalhamos em pedras com machados de batalha, nem com nossas unhas — disse Gimli. — Mas vou ajudá-los como puder.
Juntaram a maior quantidade possível de pequenas rochas e pedras quebradas que havia por perto, e sob a orientação de Gimli os homens do Folde Ocidental bloquearam a
extremidade interior da galeria, até que sobrasse apenas uma saída estreita. Então o
Riacho do Abismo, mais caudaloso por causa da chuva, revolto se agitava em sua passagem sufocada, espraiando-se lentamente em poças frias, de penhasco a penhasco.
— Lá em cima deve estar mais seco — disse Gimli. — Venha, Gamling.
Vamos ver como estão as coisas na muralha!
Subiu e encontrou Legolas junto com Aragorn e Éomer. O elfo estava amolando sua longa faca. Houve alguns instantes de trégua, já que a tentativa de invasão pela galeria havia sido frustrada.
— Vinte e um! — disse Gimli.
— Bom! — disse Legolas. — Mas minha conta agora já está em duas dúzias.
Aqui em cima o trabalho foi feito a faca.
Éomer e Aragorn, cansados, apoiavam-se nas espadas. Mais adiante, à esquerda, o estrondo e o clamor da batalha no Rochedo aumentaram de novo.
Mas o Forte da Trombeta estava seguro como uma ilha no mar. Os portões estavam arruinados, mas pela barricada de troncos e pedras nenhum inimigo havia passado ainda.
Aragorn olhou para as estrelas pálidas e para a lua, agora atrás das colinas a oeste que fechavam o vale. — Esta noite está sendo longa como muitos anos — disse ele. — Quanto
tempo falta para o dia chegar?
— A aurora não tarda — disse Gimli, que agora tinha subido e estava ao lado dele. —
Mas receio que não nos ajude em nada.
— Apesar disso, a aurora é sempre a esperança dos homens — disse Aragorn.

— Mas essas criaturas de Isengard, esses semi-orcs e homens-orcs que o trabalho maligno de Saruman criou, não vão tremer diante do sol — disse Gamling. — Muito menos
os bárbaros das colinas. Não está ouvindo as vozes deles?
— Eu estou ouvindo — disse Éomer —, mas não representam mais que gritos de pássaros e urros de animais aos meus ouvidos.

— Mas há muitos que gritam na língua da Terra Parda — disse Gamling.

— Conheço essa língua. É um dialeto antigo dos homens, que já foi falado em vários vales a oeste da Terra dos Cavaleiros. Escutem! Eles nos odeiam, e estão felizes, pois parecem ter certeza de nosso fim. “O rei, o rei!”, gritam eles. “Vamos capturar o rei deles. Morte aos Forgoil! Morte aos Cabeças de Palha! Morte aos ladrões do norte!” São esses nomes que usam para nós. Nem em quinhentos anos esqueceram a mágoa que sentiram quando os senhores de Gondor deram a Terra dos Cavaleiros a Eorl, o Jovem, e fizeram com ele uma aliança. Saruman instigou esse antigo ódio. São um povo feroz quando provocado. Não vão ceder agora diante do crepúsculo ou da aurora, até que consigam capturar Théoden, ou até que eles mesmos sejam mortos.

— Mesmo assim, o dia me traz esperanças — disse Aragorn. — Não se fala que nenhum inimigo jamais tomou o Forte da Trombeta, se homens o estivessem defendendo?

— Assim cantam os menestréis — disse Éomer.

— Então vamos defendê-lo, e ter esperança! — disse Aragorn.

No momento em que falavam, ouviu-se o clangor de trombetas. Então houve um estrondo e um clarão de fogo e fumaça. As águas do Riacho do Abismo jorraram, assobiando e espumando: não estavam mais bloqueadas, um buraco fora escancarado na muralha. Uma tropa de figuras negras começou a invadir o lugar.

— Diabrura de Saruman! — gritou Aragorn. — Eles entraram na galeria outra vez, enquanto conversávamos, e acenderam o fogo de Orthanc embaixo de nossos pés. Elendil! Elendil! — gritou ele, ao descer através da brecha; mas no momento em que fazia isso, uma centena de escadas foram levantadas contra as ameias.

Sobre a muralha e sob a muralha, o último ataque veio varrendo tudo como uma onda negra numa colina de areia. A defesa foi varrida. Alguns dos Cavaleiros foram empurrados cada vez mais fundo no Abismo, caindo e lutando enquanto recuavam, passo a passo, na direção das cavernas. Outros cortavam caminho na direção da cidadela.

Uma larga escada subia do Abismo até o Rochedo e o portão dos fundos do Forte da Trombeta. Perto da parte inferior estava Aragorn. Em sua mão ainda reluzia Andúril, e o terror da espada manteve o inimigo afastado por um tempo enquanto, um a um, todos os que conseguiram alcançar a escada subiram na direção do portão. Atrás, no degrau mais alto, Legolas estava ajoelhado. O arco estava pronto, mas só lhe restava uma única flecha, e agora ele olhava atento, pronto para atirar no primeiro orc que ousasse se aproximar da

escada.

— Todos os que conseguiram entrar estão agora a salvo lá dentro, Aragorn — chamou ele. — Volte!

Aragorn virou-se e subiu correndo a escada, mas enquanto corria tropeçou de cansaço. Imediatamente, seus inimigos se atiraram em perseguição. Os orcs vinham berrando, com os longos braços estendidos para pegá-lo. O que estava mais à frente caiu com a última flecha de Legolas em sua garganta, mas o resto saltou sobre ele. Então uma grande pedra, jogada do alto da muralha externa, caiu sobre a escada, e os arremessou de volta para dentro do Abismo.

Aragorn atingiu a porta, e rapidamente ela bateu atrás dele.

— As coisas vão mal, meus amigos — disse ele, limpando o suor de sua fronte com o braço.

— Muito mal — disse Legolas —, mas ainda não totalmente sem esperança, enquanto tivermos você ao nosso lado. Onde está Gimli?

— Não sei — disse Aragorn. — Avistei-o pela última vez lutando no chão atrás da muralha, mas o inimigo nos separou..

— Ai de nós! Essa é uma má notícia — disse Legolas.

— Ele é forte e corajoso — disse Aragorn. — Vamos esperar que consiga escapar para as cavernas. Ali ficaria a salvo por um tempo. Mais a salvo do que nós. Um refúgio assim estaria ao gosto de um anão.

— Essa deve ser minha esperança — disse Legolas. — Mas gostaria que ele tivesse vindo para este lado. Queria dizer ao Mestre Gimli que minha conta agora já está em trinta e nove.

— Se ele conseguir voltar para as cavernas, a conta dele ultrapassará a sua de novo — disse Aragorn rindo. — Nunca vi um machado trabalhar tanto.

— Preciso ir procurar umas flechas — disse Legolas. — Queria que esta noite terminasse logo, e ter mais luz para atirar melhor.

Aragorn entrou na cidadela. Ali, para seu desânimo, ficou sabendo que Éomer não alcançara o Forte da Trombeta.

— Não, ele não veio para o Rochedo — disse um dos homens do Folde Ocidental. — A última vez que o vi, ele estava reunindo homens à sua volta e lutando na entrada do Abismo. Gamling estava com ele, e o anão; mas não consegui chegar até eles.

Aragorn cruzou em grandes passadas o pátio interno, e subiu a um cômodo alto na torre. Ali estava o rei, sombrio, junto a uma janela estreita, olhando sobre o vale.

— Quais são as novas, Aragorn? — perguntou ele.

— A Muralha do Abismo foi tomada, senhor, e toda a defesa recuou; m as muitos escaparam para cá.
— Éomer está aqui?
— Não, senhor. Mas muitos de seus homens se retiraram para o Abismo, e alguns dizem que Éomer está entre eles. Nos desfiladeiros eles poderão manter o inimigo afastado e entrar nas cavernas. Que esperança terão lá, eu não sei.
— Mais esperanças que nós. Boas provisões, pelo que dizem. E o ar lá é salubre, devido a fissuras no alto da rocha. Ninguém pode forçar uma invasão contra homens
determinados. Eles podem resistir por muito tempo.
— Mas os orcs trouxeram um feitiço de Orthanc — disse Aragorn. — Têm um fogo
explosivo, e com ele derrubaram a Muralha. Se não conseguirem entrar nas cavernas,
podem prender os que estão lá dentro. Mas agora devemos voltar todos os nossos pensamentos para nossa própria defesa.
— Sinto-me mal nesta prisão — disse Théoden. — Se conseguisse cravar uma lança,
cavalgando à frente de meus homens em campo aberto, talvez sentisse de novo a alegria
da batalha, e terminaria meus dias assim. Mas aqui sou de pouca utilidade.
— Aqui, pelo menos, está protegido na mais segura fortaleza da Terra dos Cavaleiros — disse Aragorn. — Temos mais possibilidades de defendê-lo no Forte da
Trombeta do que em Edoras, ou mesmo nas montanhas, no Templo da Colina.
— Dizem que o Forte da Trombeta jamais caiu diante de um ataque disse Théoden. —
Mas agora meu coração se enche de dúvidas. O mundo muda, e tudo o que certa vez se
mostrou forte agora se mostra incerto. Como pode uma torre resistir a tal número de
homens e a um ódio tão acirrado? Se soubesse que a força de Isengard tinha ficado tão
grande, talvez eu não tivesse saído contra ela de forma tão temerária, não obstante todas
as artes de Gandalf. Os conselhos dele não parecem tão bons agora como pareciam sob a
luz da manhã.

— Não julgue o conselho de Gandalf, senhor, até que tudo esteja acabado — disse Aragorn.
— O fim não está muito distante — disse o rei. — Mas não terminarei aqui como um
velho texugo preso numa armadilha. Snawmana e Hasufel e os cavalos de minha guarda
estão no pátio interno. Quando o dia chegar, ordenarei que os homens toquem a trombeta
de Helm, e cavalgarei à frente. Você me acompanhará, filho de Arathorn? Talvez possamos abrir uma estrada, ou ter um fim que seja digno de uma canção — se sobrar

alguém para cantar nossa história.
— Vou acompanhá-lo — disse Aragorn.
Saindo de lá, voltou às muralhas, fazendo todo o circuito em volta delas,
encorajando os homens e ajudando em todos os pontos em que o ataque estava acirrado.
Legolas foi com ele. Rajadas de fogo saltavam lá de baixo, fazendo tremer as pedras.
Ganchos com garras foram lançados, e escadas levantadas.
Repetidas vezes os orcs atingiam o topo da muralha externa, e sempre os
defensores os derrubavam.
Finalmente Aragorn parou sobre os grandes portões, sem dar atenção às flechas do
inimigo. Quando olhou à frente, viu o céu ao leste clareando.
Então levantou a mão vazia, com a palma para fora, em sinal de que queria
negociar.
Os orcs berraram zombando dele. — Desça! Desça! — gritaram eles, Se quer falar
conosco, desça! Traga seu rei! Somos os Uruk-hai guerreiros. Vamos tirá-lo de sua toca,
se não vier. Traga seu rei covarde!
— O rei vai ou fica de acordo com seu próprio desejo — disse Aragorn.
— Então, o que está fazendo aqui? — responderam eles. — Por que está olhando para
fora? Quer ver a grandeza de nosso exército? Somos os Uruk-hai guerreiros.
— Estou olhando para fora para ver a aurora — disse Aragorn.
— Que tem a aurora? — zombaram eles. — Somos os Uruk-hai: não interrompemos a
batalha de dia ou de noite, no tempo bom ou na tempestade. Viemos para matar, sob o sol
ou sob a lua. Que tem a aurora?
— Ninguém sabe o que o novo dia trará — disse Aragorn. — Sumam daqui, antes que
seja pior para vocês.
— Desça, ou derrubaremos você da muralha — gritaram eles. — Isso não é uma
negociação. Você não tem nada a dizer.
— Ainda tenho isto a dizer — respondeu Aragorn. — Nenhum inimigo jamais tomou o
Forte da Trombeta. Partam, ou nenhum de vocês será poupado.
Ninguém ficará vivo para voltar com notícias para o norte. Não sabem o perigo
que estão correndo.
Um poder e uma realeza tão grandes revelaram-se em Aragorn, ali parado, sozinho
sobre os portões em ruína, diante de uma tropa de inimigos, que muitos bárbaros pararam,
e olharam por sobre os ombros para trás, na direção do vale; outros olharam para o céu
cheios de dúvidas. Mas os orcs riram em altas vozes e uma saraivada de flechas e dardos
zuniu sobre a muralha, no momento em que Aragorn descia num salto.
Houve um bramido e uma rajada de fogo. O arco do portão sobre o qual ele estava
havia um momento ruiu e se desmanchou em poeira e fumaça. A barricada se espalhou
como se pelo efeito de um trovão. Aragorn correu para a torre do rei.

Mas no momento em que o portão caiu, e os orcs que estavam ao redor gritaram
prontos para atacar, um murmúrio se levantou atrás deles, como um vento na distância,
crescendo num clamor de muitas vozes gritando notícias estranhas na aurora. Os orcs que
estavam no Rochedo, ouvindo os rumores de desalento, vacilaram e olharam para trás.

Então, repentino e terrível, da torre acima deles ecoou o som da grande trombeta de Helm.
E todos os que escutaram aquele som tremeram. Muitos orcs se jogaram ao chão
cobrindo os ouvidos com as garras. Os ecos retornavam do Abismo, clangor após clangor,
como se em cada penhasco e colina estivesse um poderoso arauto. Mas das muralhas os
homens olhavam para cima maravilhados; pois os ecos não diminuíam. Os clangores
continuavam circulando entre as colinas; mais próximos agora e mais fortes respondia m
uns aos outros, soando ferozes e livres.
— Helm! Helm! — os Cavaleiros gritavam. — Helm despertou e retorna à guerra.
Helm pelo Rei Théoden!
E com esse grito surgiu o rei. Seu cavalo branco como a neve, dourado seu escudo,
longa sua lança. À sua direita estava Aragorn, herdeiro de Elendil, atrás cavalgavam os
senhores da Casa de Eorl, o Jovem. A luz irrompeu no céu. A noite partira.
— Avante Eorlingas! — Com um grito e muito barulho eles avançaram.
Desceram os portões num bramido, atravessaram o passadiço e passaram por entre
as tropas de Isengard como o vento se infiltra na relva. Atrás deles, do Abismo, vieram os
gritos firmes de homens saindo das cavernas, avançando na direção do inimigo.
Apareceram todos os homens que restavam sobre o Rochedo. E continuamente o som de
trombetas ecoava nas colinas.
Continuaram cavalgando, o rei e seus companheiros. Capitães e campeões caíam
ou corriam diante deles. Nem homens nem orcs puderam resistir. Deram as costas para as
espadas e lanças dos Cavaleiros, e os rostos para o vale. Gritavam e gemiam, pois um
medo e um grande assombro os tinham dominado com o nascer do dia.
Assim o Rei Théoden partiu do Portão de Helm e fez sua trilha na direção do
grande Dique. Ali o grupo parou. A luz tornou-se intensa ao redor deles. Raios de sol
flamejavam sobre as colinas do leste, e tremeluziam nas lanças. Mas eles estavam em
silêncio sobre os cavalos, descendo os olhos na direção da Garganta do Abismo.
A terra mudara. Onde antes havia o vale verde, com suas encostas cobertas de
grama envolvendo as colinas cada vez mais altas, agora assomava uma floresta. Grandes

árvores, nuas e silenciosas, se erguiam, fileira após fileira, com galhos entrelaçados e
cabeças brancas, as raízes retorcidas enterradas na alta relva verde. A escuridão estava
debaixo delas. Entre o Dique e as bordas daquela floresta sem nome só havia uns
quatrocentos metros de campo descoberto.
Ali agora se amontoavam as altivas tropas de Saruman, com medo do rei e com
medo das árvores.
Foram descendo do Portão de Helm até que toda a região acima do Dique se
esvaziasse deles, mas abaixo dele se apinhavam como um enxame de moscas. Em vão se
arrastavam e subiam as paredes da Garganta, procurando escapar. A leste, o vale era
muito íngreme e pedregoso; à esquerda, do oeste sua ruína final se aproximava.
Ali, de repente, sobre uma cordilheira apareceu um cavaleiro, vestido de branco,
brilhando ao sol. Sobre as colinas baixas as trombetas soavam.
Atrás dele, descendo depressa as longas encostas, vinham mil homens a pé,
brandindo suas espadas. Entre eles avançava um homem alto e forte. Seu escudo era
vermelho. Quando chegou à borda do vale, colocou nos lábios uma grande trombeta negra
e emitiu um clangor retumbante.
— Erkenbrand! — os Cavaleiros gritavam. — Erkenbrand!
— Vejam o Cavaleiro Branco — gritou Aragorn. — Gandalf está de volta!
— Mithrandir, Mithrandir! — gritou Legolas. — Isso é realmente coisa de mago!
Venha! Eu queria contemplar essa floresta, antes de o feitiço mudar!
As tropas de Isengard rugiam, indo de um lado para o outro, desviando de um

medo para enfrentar outro. Outra vez a trombeta soou da torre.
Descendo através da brecha no Dique avançou o grupo do rei. Das colinas saltou
Erkenbrand, senhor do Folde Ocidental. Scadufax também descia, como um cervo que
corre com pés firmes pelas montanhas.
O Cavaleiro Branco avançava contra eles, e o terror de sua chegada alucinava o
inimigo. Os bárbaros se jogaram ao chão diante dele. Os orcs cambaleavam e gritavam,
jogando fora espadas e lanças. Como uma nuvem preta acossada por um vento forte eles
fugiram. Passaram gemendo sob a sombra das árvores que os esperava; e daquela sombra
nenhum deles saiu de novo.

CAPÍTULO VIII
A ESTRADA PARA ISENGARD

Foi assim que, na luz de uma bela manhã , o Rei Théoden e Gandalf, o Cavaleiro
Branco, encontraram-se outra vez sobre a verde relva ao lado do Riacho do Abismo. Lá
também estava Aragorn, filho de Arathorn, Legolas, o elfo, e Erkenbrand do Folde
Ocidental, assim como os senhores do Palácio Dourado. Ao redor dos cinco estavam

reunidos os rohirrim, os Cavaleiros de Rohan: a surpresa superou a alegria que sentiram
com a vitória, e seus olhos voltaram-se em direção à floresta.
De repente ouviu-se um grito estrondoso, e do Dique saíram aquele s que tinham
recuado para dentro do Abismo. Dali vieram Gamling, o Velho, Éomer, filho de Éomund,
e ao lado deles caminhava Gimli, o anão. Estava sem elmo, e tinha a cabeça envolta em
uma bandagem branca manchada de sangue; mas sua voz era alta e forte.
— Quarenta e dois, Mestre Legolas! — gritou ele. — Que pena, meu machado está
chanfrado: o quadragésimo segundo tinha uma argola de ferro em volta do pescoço,
Como vão as coisas com você?
— Você ultrapassou minha marca por um — respondeu Legolas. — Mas não lamento a
derrota, pois me sinto tão feliz por vê-lo vivo!
— Bem-vindo, Éomer, filho de minha irmã! — disse Théoden. — Agora que o vejo a
salvo, estou realmente feliz.
— Salve, Senhor da Terra dos Cavaleiros! — disse Éomer. — A noite escura passou, e
o dia chegou novamente. Mas o dia trouxe estranhas notícias. — Voltou-se e olhou à volta
surpreso, primeiro para a floresta e depois para Gandalf. — Mais uma vez você chega na
hora da necessidade, visitante inesperado.
— Inesperado? — disse Gandalf — Eu disse que retornaria para encontrá-los aqui.
— Mas não disse a hora, nem nos adiantou a maneira de sua chegada. Traz-nos uma
estranha ajuda. Você é poderoso em magia, Gandalf, o Branco!
— É possível. Mas, se isso for verdade, ainda não tive ocasião de demonstrar minha
magia. Tudo o que fiz foi dar bons conselhos numa hora de perigo, e utilizar a velocidade
de Scadufax. O próprio valor de vocês fez muito mais, assim como as fortes pernas dos
homens do Folde Ocidental, marchando ao longo da noite.
Então todos olharam para Gandalf com surpresa ainda maior. Alguns voltaram
olhares duvidosos para a floresta, passando a mão sobre os olhos, como se pensassem que
o que viam era diferente do que ele via.
Gandalf riu bastante e com alegria. — As árvores? — disse ele. — Não, estou vendo a

floresta tanto quanto vocês. Mas isso não é um feito meu. É algo além do conselho dos
sábios. Melhor que meu desígnio, e melhor até do que minha esperança o acontecimento
acabou se mostrando.

— Então, se não é sua, de quem é a magia? — disse Théoden. — Não de Saruman, isto
está claro. Existe algum outro sábio que ainda não conhecemos?
— Isso não é magia, mas um poder muito mais antigo — disse Gandalf, um poder que
caminhava sobre a terra, antes que elfo cantasse ou martelos ressoassem.
Antes do malho no ferro ou entalhe na madeira,
Quando lua e montanha eram novas e faceiras;
Antes que anel ou mal fosse feito,
Caminhou na floresta em passo perfeito.
— E qual seria a resposta para seu enigma? — disse Théoden.
— Se quisesse descobrir, iria comigo a Isengard — respondeu Gandalf. Para
Isengard? — exclamaram eles.
— Sim — disse Gandalf. — Retornarei a Isengard, e aqueles que quiserem poderão vir
comigo. Ali poderemos ver coisas estranhas.
— Mas não há homens suficientes na Terra dos Cavaleiros, nem que fossem todos
reunidos e curados de todos os ferimentos, para atacar a fortaleza de Saruman — disse
Théoden.
— Mesmo assim, irei para Isengard — disse Gandalf — Não permanecerei muito aqui.
Meu caminho agora ruma para o leste. Esperem-me em Edoras, antes da lua minguante!
— Não — disse Théoden. — Na hora escura antes do amanhecer eu duvidei, mas não
nos separaremos agora. Irei com você, se este for seu conselho.
— Desejo falar com Saruman o mais breve possível — disse Gandalf — : e já que ele
lhes causou grandes prejuízos seria adequado que vocês estivessem lá. Mas em quanto
tempo poderiam partir, e com que velocidade cavalgariam?
— Meus homens estão cansados da batalha — disse o Rei —, e eu também estou
cansado! Pois cavalguei muito e dormi pouco. É uma pena! Minha idade avançada não foi
forjada por Língua de Cobra e nem se deve apenas aos sussurros dele. É um mal que
nenhuma sangria pode curar inteiramente, nem mesmo de Gandalf.
— Então deixe que todos os que vão cavalgar comigo descansem agora disse
Gandalf. — Viajaremos sob a sombra da noite. Assim está bem; pois é meu conselho que
todas as nossas idas e vindas sejam feitas no maior segredo possível daqui para frente.
Mas não ordene que muitos homens o acompanhem,
Théoden. Vamos negociar, e não guerrear.
O Rei então escolheu homens que não estavam feridos e tinham cavalos velozes, e
os enviou na frente com notícias da vitória para todos os vales da Terra dos Cavaleiros;
levaram também uma convocação sua, ordenando que todos os homens, jovens e velhos,

fossem depressa a Edoras. Ali o Senhor dos Cavaleiros reuniria uma assembléia de todos os que pudessem portar armas, no segundo dia depois da lua cheia. Para acompanhá-lo a Isengard o Rei escolheu Éomer e vinte homens de sua casa. Com Gandalf iriam Aragorn, Legolas e Gimli. Apesar de seu ferimento, o anão se recusava a ficar para trás.

— Foi só um golpe fraco, e a touca o repeliu — disse ele. — Seria necessário mais do que um arranhão de orc para impedir que eu partisse.

— Vou cuidar de seu ferimento enquanto você descansa — disse Aragorn.

Depois disso o rei voltou para o Forte da Trombeta e dormiu um sono tranqüilo que não conhecera por muitos anos; o restante de sua comitiva escolhida também

descansou, mas os outros, todos os que não estavam machucados ou feridos, começaram um árduo trabalho; pois muitos tinham caído na batalha e estavam mortos sobre o campo ou no Abismo.

Não sobrara nenhum orc vivo; seus corpos não foram contados. Mas muitos homens das montanhas tinham se rendido; estavam com medo e imploravam clemência.

Os homens da Terra dos Cavaleiros tomaram-lhes as armas e puseram-nos para trabalhar.

— Ajudem agora a reparar o mal no qual vocês tomaram parte — disse Erkenbrand -; e depois deverão fazer um juramento de nunca mais atravessar os Vaus do Isen armados, nem marchar com os inimigos dos homens; e então poderão retornar livres para sua terra.

Pois vocês foram iludidos por Saruman. Muitos de vocês obtiveram a morte como recompensa por sua confiança nele; mas se tivessem vencido seus lucros seriam pouco melhores.

Os homens da Terra Parda ficaram surpresos, pois Saruman lhes dissera que os homens de Rohan eram cruéis e queimavam vivos seus prisioneiros. No meio do campo, diante do Forte da Trombeta, dois túmulos foram levantados, e neles colocaram os Cavaleiros de Rohan que caíram na defesa, os dos Vales Orientais de um lado, e os do Folde Ocidental do outro. Num túmulo isolado sob a sombra do Forte da Trombeta colocaram Háma, capitão da guarda real.

Ele havia caído diante do Portão.

Os orcs foram empilhados em grandes montes, longe dos túmulos dos homens, não muito distante das bordas da floresta. E as pessoas estavam preocupadas, pois os montes de cadáveres eram muito grandes para serem enterrados ou queimados. Eles tinham pouca

lenha para queimar, e ninguém ousaria usar um machado contra as estranhas árvores,
mesmo que Gandalf não os tivesse aconselhado a não ferirem nem tronco nem ramo, pois
caso contrário estariam correndo grande perigo.
— Deixe os orcs onde estão — disse Gandalf — O dia poderá trazer novos conselhos.
Durante a tarde, a comitiva do Rei se preparou para partir. O trabalho de enterrar
os corpos estava apenas começando; Théoden chorou pela perda de Háma, seu capitão, e
jogou a primeira pá de terra sobre seu túmulo.
— Realmente Saruman causou um grande mal a mim e a toda esta terra — disse ele -;
e vou me lembrar disso, quando nos encontrarmos.
O sol já estava se aproximando das colina s a oeste da Garganta, quando
finalmente Théoden , Gandalf e seus companheiros desceram do Dique a cavalo. Atrás
deles vinha uma grande tropa, tanto de Cavaleiros quanto de pessoas do Folde Ocidental,
velhos e jovens, mulheres e crianças, que tinham saído das cavernas. Cantaram com vozes
cristalinas uma canção de vitória; depois ficaram em silêncio, imaginando o que iria
acontecer, pois mantinham os olhos nas árvores e tinham medo delas.
Os Cavaleiros foram até a floresta, e pararam; homens e cavalos, todos estavam
relutantes em entrar. As árvores eram cinzentas e ameaçadoras, e uma sombra ou névoa
as envolvia. As extremidades de seus longos ramos pendiam como dedos que
procuram algo, as raízes se levantavam da terra como as pernas de monstros estranhos, e
cavernas escuras se abriam entre elas. Mas Gandalf foi na frente, liderando o grupo, e no
ponto onde a estrada que vinha do Forte da Trombeta encontrava as árvores eles viram
uma abertura como um portão arqueado sob galhos poderosos; por ele passou Gandalf, e
eles o seguiram. Então, para sua surpresa, descobriram que a estrada continuava, com o
Rio do Abismo ao lado; o céu estava descoberto acima de suas cabeças, e cheio de uma
luz dourada. Mas dos dois lados os grandes corredores da floresta já estavam envoltos
pelo crepúsculo, avançando para dentro de sombras impenetráveis; ali eles escutaram os

estalidos e gemidos dos galhos, gritos distantes, e um rumor de vozes sem palavras,
murmurando com ódio. Não se via qualquer orc ou ser vivo.
Legolas e Gimli cavalgavam agora juntos no mesmo animal, mantendo-se logo
atrás de Gandalf, pois Gimli tinha medo da floresta.

— Faz calor aqui — disse Legolas a Gandalf — Mas sinto uma grande ira ao meu redor. Você não sente o ar pulsando em seus ouvidos?

— Sim — disse Gandalf

— Que foi feito dos miseráveis orcs? — disse Legolas.

— Isso, eu acho, ninguém jamais saberá — disse Gandalf

Cavalgaram em silêncio por um tempo, mas Legolas freqüentemente olhava de um lado para o outro, e teria parado muitas vezes para escutar os sons da floresta, se Gimli tivesse permitido.

— Estas são as árvores mais estranhas que já vi — disse ele -; e eu já vi inúmeros carvalhos crescerem desde plantinhas até a idade em que apodrecem. Gostaria que houvesse tempo agora para caminharmos no meio delas: ouço suas vozes, e com o tempo poderia entender seus pensamentos.

— Não, não! — disse Gimli. — Vamos deixá-las! Já adivinho o que pensam: odeiam todos os que andam sobre duas pernas, e falam em sufocar e esmagar.

— Não todos os que andam sobre duas pernas — disse Legolas. — Nesse ponto, acho que está errado. São os orcs que elas odeiam. Pois elas não pertencem a este lugar e sabem pouco sobre homens e elfos. Distantes ficam os vales onde brotaram. Os vales profundos de Fangorn, Gimli; é de lá que elas vêm, julgo eu.

— Então é a floresta mais perigosa da Terra-média — disse Gimli. Devo ficar agradecido pela parte que desempenharam, mas não as amo. Você pode considerá-las maravilhosas, mas já vi maravilha maior nesta terra, mais bela que qualquer bosque ou clareira que já surgiu: meu coração ainda está repleto dela.

— Estranhas são as maneiras dos homens, Legolas! Aqui eles têm umas das maravilhas do Mundo do Norte, e o que falam dela? Cavernas, dize m eles! Cavernas para se refugiarem em tempo de guerra, para armazenar forragem. Meu bom Legolas, você sabia que as cavernas do Abismo de Helm são vastas e belas? Haveria uma interminável peregrinação de anões, apenas para apreciá-las, se fossem conhecidas. Na verdade, pagariam com ouro puro por uma olhadela!

— E eu daria ouro para não ter de visitá-las! — disse Legolas -; e pagaria o dobro para sair, se me perdesse lá dentro!

— Você não viu, por isso perdôo sua caçoada — disse Gimli. — Mas você fala como um tolo. Acha que aqueles salões são belos, aqueles em que seu Rei mora sob a colina na Floresta das Trevas, e que os anões ajudaram a construir muito tempo atrás? Pois são apenas cabanas comparados às cavernas que vi aqui: salões imensos, cheios de uma música eterna de água que goteja em lagos, tão belos quanto Kheled-zâram à luz das

estrelas.
— E, Legolas, quando as tochas são acesas e os homens andam pelo chão arenoso
sob as cúpulas reverberantes, ah!, então, Legolas, pedras e cristais e veios de minérios
preciosos faíscam nas paredes polidas; e a luz brilha através de dobras de mármores, em
forma de conchas, translúcidas como as próprias mãos da Rainha Galadriel.
Há colunas brancas e de um amarelo-alaranjado, e também de um rosa matinal,
Legolas, estriadas e retorcidas em formas de sonho; surgem de assoalhos multicoloridos
para encontrar os ornatos reluzentes que caem do teto: asas, cordas, cortinas finas como
nuvens congeladas; lanças, flâmulas, pináculos de palácios suspensos! Lagos tranqüilos
os espelham: um mundo tremeluzente espreita lá do fundo de lagos escuros cobertos por

cristal translúcido; cidades, que a mente de Durin mal poderia ter imaginado em sonhos,
estendem-se através de avenidas e pátios com pilares, para dentro de recônditos escuros
onde a luz não alcança. E plinque! Uma gota de prata cai, e as ondas circulares no espelho
fazem com que todas as torres se inclinem e tremam, como plantas e corais numa gruta do
mar. Então chega a noite: elas vão desaparecendo, faiscando cada vez menos; as tochas
passam para um outro cômodo, para um outro sonho. Há cômodos e mais cômodos,
Legolas; salões abrindo-se de outros salões, abóbada após abóbada, escada após escada, e
os caminhos sinuosos continuam conduzindo para dentro do coração das montanhas.
Cavernas! As Cavernas do Abismo de Helm! Feliz foi o acaso que me guiou até lá!
Deixar aquele lugar me faz chorar.
— Então desejo a você, como consolo, esta sorte, Gimli — disse o elfo que você
possa se salvar da guerra e retornar para vê-lo de novo. Mas não conte para todo o seu
povo! Parece que resta pouco para eles fazerem, pelo que você me contou. Talvez os
homens desta terra falem pouco por sabedoria: uma família de anões trabalhadores com
martelo e cinzel pode destruir mais do que eles construíram.
— Não, você não entende — disse Gimli. — Nenhum anão ficaria insensível diante de
tanta beleza. Ninguém do povo de Durin escavaria aquelas cavernas à procura de pedras
ou minérios, nem mesmo se diamantes e ouro pudessem ser encontrados ali. Você derruba

bosques de árvores em flor durante a primavera para obter lenha? Nós cuidaríamos dessas florestas de pedras em flor, em vez de lavrá-las. Com talento cuidadoso, batida por batida — talvez uma pequena lasca de pedra e não mais, durante todo um dia ansioso —, assim poderíamos trabalhar, e com o passar dos anos abrir novos caminhos, e pôr à mostra câmaras distantes que ainda estão escuras, vislumbradas apenas como uma lacuna além das fissuras na rocha. E luzes, Legolas! Faríamos luzes, lamparinas parecidas com aquelas que brilharam certa vez em Khazad-dûm, e quando desejássemos expulsaríamos a noite que se deita ali desde que as colinas foram feitas; e quando quiséssemos descansar deixaríamos que a noite retornasse.

— Você me comove, Gimli — disse Legolas. — Nunca o vi falando dessa maneira antes. Quase faz com que eu sinta pesar por não ter visto aquelas cavernas. Vamos! Vamos combinar o seguinte — se nós dois retornarmos a salvo dos perigos que nos aguardam, vamos viajar juntos por um tempo. Você vai visitar Fangorn comigo, e então eu vou com você ver o Abismo de Helm.

— Esse não é o caminho de volta que eu escolheria — disse Gimli. Mas suportarei Fangorn, se você prometer que virá às cavernas e partilhará de suas maravilhas comigo.

— Está prometido — disse Legolas. — Mas infelizmente deveremos deixar para trás a caverna e a floresta por um tempo. Veja! Estamos chegando ao fim das árvores. A que distância fica Isengard, Gandalf.

— Cerca de quinze léguas, no percurso feito pelos corvos de Saruman — disse Gandalf -: cinco da abertura da Garganta até os Vaus, e mais dez de lá até os portões de Isengard. Mas não faremos todo o caminho esta noite.

— E quando chegarmos lá, o que veremos? — perguntou Gimli. — Você pode saber, mas eu nem imagino.

— Eu mesmo não sei com certeza — respondeu o mago. — Estive lá ao cair da noite ontem, mas muita coisa pode ter acontecido desde então. Apesar disso, acho que vocês não vão dizer que a viagem foi em vão — mesmo que as Cavernas Cintilantes de Aglarond tenham ficado para trás.

Finalmente o grupo passou pelas árvores, e percebeu que tinha atingido o fundo da Garganta, onde a estrada que vinha do Abismo de Helm se bifurcava, indo ao leste para

Edoras, e ao norte para os Vaus do Isen. Conforme deixaram as bordas da floresta,

Legolas parou e olhou para trás com pesar. Então deu um grito repentino.
— Há olhos! — disse ele. — Olhos espreitando-nos das sombras dos ramos! Nunca vi
olhos assim antes!
Os outros, surpresos com seu grito, pararam e se viraram; mas Legolas começou a
cavalgar de volta.
— Não, não! — gritou Gimli. — Faça o que quiser em sua loucura, mas primeiro deixeme
descer deste cavalo. Não quero ver olho nenhum!
— Pare, Legolas Verdefôlha! — disse Gandalf. — Não retorne para dentro da floresta,
não ainda! Ainda não é a sua hora.
No momento em que ele falava, avançaram das árvores três formas estranhas.
Eram altas como trolls, com três metros e meio ou mais de altura; os corpos fortes,
robustos como os de árvores jovens, pareciam estar cobertos por um traje ou por um
couro justo, cinzento e marrom. As pernas eram longas e as mãos tinham muitos dedos;
os cabelos eram duros e as barbas de um verde-acinzentado como musgo.
Olhavam com olhos solenes, mas não dirigiam seu olhar para os cavaleiros:
voltavam-se para o norte.
De repente, ergueram as longas mãos até as bocas, e emitiram chamados
retumbantes, límpidos como as notas de uma trombeta, mas mais musicais e variados. Os
chamados foram respondidos; voltando-se outra vez, os cavaleiros viram outras criaturas
da mesma espécie aproximando-se com largas passadas através da relva. Vinham
rapidamente do norte, lembrando garças cruzando sobre as águas no jeito de andar, mas
não na mesma velocidade, pois suas pernas, em suas longas passadas, batiam mais rápido
que as asas das garças. Os cavaleiros gritaram pasmos, e alguns levaram as mãos aos
punhos das espadas.
— Vocês não precisam de armas — disse Gandalf — Estes são apenas pastores. Não
são nossos inimigos; na verdade, não estão nem um pouco preocupados conosco.
Assim parecia ser, pois enquanto ele falava as altas criaturas, sem nem lançar um
único olhar para os cavaleiros, caminharam para dentro da floresta e desapareceram.
— Pastores? — disse Théoden. — Onde estão seus rebanhos? Que são eles, Gandalf
Pois está claro que, pelo menos para você, essas criaturas não são estranhas.
— São os pastores das árvores — respondeu Gandalf — Faz tanto tempo assim que
você ouviu histórias ao pé do fogo? Há crianças em sua terra que, dos fios emaranhados

das histórias, poderiam retirar a resposta para sua pergunta. Você viu ents, ó Rei, ents da
Floresta de Fangorn, à qual em sua língua você chama de Floresta Ent.
Pensou que o nome tinha sido dado apenas por uma fantasia inconseqüente? Não,
Théoden, é o contrário: para eles você é apenas uma história efêmera; todos os anos desde
Eorl, o Jovem, até Théoden são de pouca monta para eles; e todos os feitos de sua casa
um assunto de pouca importância.
O rei ficou em silêncio. — Ents! — disse ele finalmente. — Por causa das sombras das
lendas começo a entender um pouco da maravilha das árvores, suponho. Vivi o suficiente
para ver dias estranhos. Por muito tempo cuidamos de nossos animais e nossos campos,
construímos nossas casas, fabricamos nossas ferramentas, ou cavalgamos para longe, para
ajudar nas guerras de Minas Tirith. E a isso chamamos a vida dos homens, o jeito do
mundo. Nós nos preocupávamos pouco com o que ficava além das fronteiras de nossa
terra. Temos canções que contam sobre essas coisas, mas estamos nos esquecendo delas,
ensinando-as apenas a nossas crianças, como um hábito indiferente.
E agora as canções chegaram até nós vindas de lugares estranhos, e caminham
visíveis sob o sol.
— Você deve se alegrar, Rei Théoden — disse Gandalf. — Pois agora não é só a

pequena vida dos homens que corre perigo, mas também a vida dessas criaturas que você
considerava assunto de lendas. Você não está sem aliados, mesmo que não os conheça.
— Apesar disso, devo também me sentir triste — disse Théoden. — Pois, qualquer que
seja o resultado da guerra, não pode acontecer que no fim muito do que era bonito e
maravilhoso desapareça para sempre da Terra-média?
— É possível — disse Gandalf. — O mal de Sauron não pode ser inteiramente curado,
nem tornado como se nunca tivesse existido . Mas estamos destinados a dias como este.
Prossigamos agora com a jornada que começamos.
O grupo então afastou-se da Garganta e da floresta e tomou a estrada em direção
aos Vaus. Legolas seguia relutante. O sol tinha-se posto, afundando atrás da borda do
mundo; mas, conforme cavalgavam saindo da sombra das colinas e olhavam para o oeste
na direção do Desfiladeiro de Rohan, viam o céu ainda vermelho, e uma luz ardente

aparecia sob as nuvens flutuantes. Escuros, voavam e desenhavam círculos contra ele
muitos pássaros de asas negras. Alguns passavam sobre as cabeças dos cavaleiros com
gritos de lamento, voltando às suas casas entre as rochas.
— As aves carniceiras estiveram ocupadas no campo de batalha — disse Éomer.
Avançavam agora num passo tranqüilo, e a escuridão descia sobre a planície ao
redor deles. A lenta lua subia, ficando agora quase cheia, e em sua fria luz prateada os
campos de relva ondulante subiam e desciam como um amplo mar cinzento.
O grupo tinha cavalgado por cerca de quatro horas desde a bifurcação da estrada,
quando chegou perto dos Vaus. Ladeiras compridas desciam rapidamente até o ponto
onde o rio se espalhava em baixios pedregosos em meio a altas plataformas cobertas de
grama.
Trazidos pelo vento, eles ouviram o uivo de lobos. Tinham os corações pesados,
lembrando os muitos homens caídos em batalha naquele lugar.
A estrada afundava entre altos barrancos de turfa, talhando seu caminho através
das plataformas até a beira do rio, e subindo outra vez na direção oposta. Havia três
caminhos de pedra cruzando o rio, e entre eles vaus para os cavalos, que iam de cada
borda até uma ilhota no meio. Os cavaleiros observaram os caminhos lá embaixo e os
acharam estranhos; pois os Vaus sempre tinham sido um lugar cheio da agitação e do
rumor das águas sobre as pedras, mas agora estavam silenciosos. O leito do rio estava
quase seco, um amontoado de cascalho e areia cinza.
— Este lugar se tornou lúgubre — disse Éomer. — Que doença acometeu o rio?
Saruman destruiu muitas coisas belas: será que também devorou as nascentes do Isen?
É o que parece — disse Gandalf.
É triste! — disse Théoden. — Temos de passar por este caminho, onde os animais
carniceiros devoram tantos bons Cavaleiros de Rohan?
— Este é nosso caminho — disse Gandalf — Lamentável é a queda de seus homens;
mas você verá que pelo menos os lobos das montanhas não os devoram. É com os amigos
deles, os orcs, que eles fazem seu banquete: realmente é essa a amizade dessa espécie.
Venham!
Foram descendo em direção ao rio, e a medida que avançavam os lobos paravam
de uivar e retiravam-se furtivamente. O medo os dominava quando viam Gandalf à luz da
lua, e Scadufax, seu cavalo, reluzindo como prata. Os cavaleiros passaram em direção à
ilhota, e os olhos brilhantes os observaram languidamente das sombras das margens.

— Olhem! — disse Gandalf — Amigos trabalharam aqui.
E eles viram que, no meio da ilhota, um túmulo fora erguido e contornado por
pedras, e várias lanças foram fincadas à sua volta.
— Aqui estão todos os homens de Rohan que caíram perto deste lugar — disse

Gandalf.
— Que aqui descansem! — disse Éomer. — E quando suas lanças estiverem podres e
enferrujadas, por muito tempo o túmulo permanecerá e guardará os Vaus do Isen!
— Esse também é um trabalho seu, Gandalf, meu amigo? — perguntou Théoden.
— Você realizou muita coisa numa tarde e numa noite!
— Com a ajuda de Scadufax — e outros — disse Gandalf. — Cavalguei rápido e muito.
Mas aqui, ao lado do túmulo, direi isto para seu consolo: muitos caíram nas batalhas dos
Vaus, mas menos do que dizem os rumores. O número dos homens que se dispersaram
supera o daqueles que foram mortos: reuni todos os que pude encontrar. Alguns mandei
com Grimbold de Folde Ocidental para que se juntassem a Erkenbrand. Outros designei
para a construção deste monumento. Agora seguiram seu marechal, Elfhelm.
Enviei-o com muitos Cavaleiros para Edoras. Eu sabia que Saruman tinha enviado
todas as suas forças contra você, e que os seus servidores tinham abandonado todas as
outras missões, indo para o Abismo de Helm: as terras pareciam vazias de inimigos;
mesmo assim, eu receava que os monta-lobos e os saqueadores pudessem ir para
Meduseld, enquanto estivesse indefeso. Mas agora acho que não precisam mais temer:
vão encontrar sua casa dando-lhes boas-vindas quando retornarem.
— E feliz ficarei em revê-la — disse Théoden —, embora seja breve, não duvido,
minha permanência lá.
Com isso o grupo disse adeus à ilha e ao túmulo, e atravessou o rio, subindo a
margem oposta. Então continuaram cavalgando, felizes por terem deixado os tristes Vaus.
Conforme se afastavam, o uivo dos lobos começou outra vez.
Havia uma estrada antiga que descia de Isengard até o local da travessia.
Por certo trecho ela fazia seu curso ao lado do rio, acompanhando-o em uma curva
para o leste e depois para o norte; mas no fim desviava e ia direto para os portões de
Isengard; estes ficavam sob a encosta da montanha no lado oeste do vale, dezesseis
milhas ou mais de sua entrada. O grupo seguiu essa estrada, mas não cavalgaram por ela,
pois o solo que a margeava era firme e plano, coberto ao longo de muitas milhas por uma
turfa curta e macia. Avançavam agora com mais rapidez, e por volta da meia-noite os

Vaus já estavam quase cinco léguas atrás. Então pararam, terminando a jornada daquela
noite, pois o Rei estava exausto. Tinham chegado aos pés das Montanhas Sombrias, e os
longos braços de Nan Curunír se estendiam para recebê-los. O vale se espalhava escuro
diante deles, pois a lua tinha passado para o oeste, e sua luz estava escondida pelas
colinas. Mas da sombra profunda do vale subia uma ampla espiral de fumaça e vapor;
conforme subia, ela captava os raios da lua que ia descendo, e se espalhava em ondas
tremeluzentes, negras e prateadas, pelo céu estrelado.
— O que acha disso, Gandalf? — perguntou Aragorn. — Alguém poderia achar que o
Vale do Mago está em chamas.
— Há sempre uma fumaça sobre aquele vale nos últimos tempos disse Éomer — ;
mas nunca vi nada assim antes. Esses são vapores e não fumaça. Saruman está preparando
algum feitiço para nos receber.
— Talvez esteja fervendo toda a água do Isen, e por isso o rio está secando.
— Talvez — disse Gandalf — Amanhã saberemos o que ele está fazendo. Agora vamos
descansar um pouco, se conseguirmos.
Acamparam ao lado do leito do rio Isen, que ainda estava silencioso e vazio.
Alguns deles dormiram um pouco. Mas tarde da noite os vigias gritaram, e todos
acordaram.
A lua tinha-se ido. As estrelas brilhavam; mas sobre o solo se arrastava uma
escuridão mais negra que a noite. Dos dois lados do rio ela se aproximava deles, indo em

direção ao norte.
— Fiquem onde estão! — disse Gandalf. — Não saquem as armas! Esperem e ela
passará por vocês!
Uma névoa se formou ao redor deles. Acima algumas estrelas ainda brilhavam
fracas, mas dos dois lados subiam paredes de uma escuridão impenetrável; estavam numa
alameda estreita entre duas torres móveis de sombra. Ouviram vozes, sussurros e
lamentos e um interminável suspiro farfalhante; a terra tremia sob seus pés. Pareceu-lhes
longo o tempo em que ficaram sentados e com medo, mas finalmente a escuridão e o
rumor passaram, desaparecendo entre os braços das montanhas.
Lá no sul, sobre o Forte da Trombeta, no meio da noite, os homens ouviram um
grande ruído, como o do vento no vale, e a terra tremeu; todos sentiram medo e ninguém
se aventurou a sair. Mas na manhã seguinte saíram e ficaram surpresos; pois os orcs
mortos tinham-se ido, e também as árvores. Bem abaixo, no vale do Abismo, a grama
estava amassada e pisada, como se pastores gigantes tivessem conduzido grandes

rebanhos de gado por ali; mas uma milha abaixo do Fosso uma grande vala tinha sido
cavada na terra, e sobre ela pedras tinham sido empilhadas, formando uma colina. Os
homens acreditaram que os orcs mortos foram enterrados ali; mas se aqueles que tinham
fugido para a floresta estavam entre eles ninguém pôde dizer, pois ninguém jamais pisou
naquela colina. Desse dia em diante foi chamada de Colina da Morte, e nenhuma relva
cresceu ali. Mas as árvores estranhas nunca mais foram vistas na Garganta do Abismo;
tinham retornado de noite, dirigindo-se para longe, para os vales escuros de Fangorn.
Assim vingaram-se dos orcs.
O rei e sua comitiva não dormiram mais naquela noite; porém não ouviram nem
viram qualquer coisa estranha, a não ser uma: a voz do rio ao lado deles de repente
despertou.
A água jorrou, correndo por entre as pedras; e depois disso o Isen fluía e
borbulhava em seu leito de novo, como sempre fizera.
Com a aurora se prepararam para continuar. A luz chegou pálida e cinzenta e eles
não viram o nascer do sol. O ar acima estava impregnado de cerração e um fétido vapor
os envolvia. Foram devagar, cavalgando agora pela estrada. Era ampla, firme e bem
cuidada. Vagamente, através da névoa, podiam vislumbrar o longo braço das montanhas
subindo à esquerda. Tinham passado pelo Nan Curunír, o Vale do Mago. Era um vale
coberto, apenas com uma abertura ao sul. Outrora fora belo e verde, e através dele o Isen
corria, já forte e profundo antes de encontrar as planícies; pois era alimentado por muitos
riachos e rios menores ao passar pelas colinas banhadas pela chuva, e por toda a sua volta
se estendera uma terra agradável e fértil.
Não era assim agora. Abaixo das muralhas de Isengard ainda havia acres
cultivados pelos escravos de Saruman, mas a maior parte do vale tinha-se tornado um
deserto cheio de mato e de espinheiros. Sarças se arrastavam no solo ou, trepando sobre
arbustos ou barrancos, formavam cavernas emaranhadas onde se abrigavam pequenos
animais.
Nenhuma árvore crescia ali, mas em meio ao mato alto ainda se podiam ver os
troncos de antigos bosques, derrubados por machados e queimados. Era uma terra triste,
silenciosa a não ser pelo ruído pedregoso de águas rápidas. Fumaça e vapores flutuavam
em nuvens escuras e espreitavam nas concavidades. Os cavaleiros não falavam.

Muitos tinham os corações cheios de dúvidas, imaginando a que destino sombrio sua jornada conduziria.

Depois de cavalgarem algumas milhas, a estrada se transformou numa rua larga, pavimentada com grandes pedras planas, quadriculadas e assentadas com habilidade; não

se via uma folha de grama nas junções. Canaletas fundas, cheias de água corrente, acompanhavam os dois lados. De repente um pilar alto assomou diante deles. Era negro, e colocada sobre ele via-se uma grande pedra, esculpida e pintada à semelhança de uma grande Mão Branca. Seu dedo apontava para o norte.

Agora eles sabiam que os portões de Isengard não deveriam estar distantes, e seus corações estavam pesados; mas seus olhos não podiam atravessar a névoa à frente.

Abaixo do braço da montanha, dentro do Vale do Mago, ao longo de anos incontáveis, houvera um lugar antigo que os homens chamavam de Isengard.

Fora parcialmente formado com o surgimento das montanhas, mas outrora os Homens de Ponente tinham feito ali obras grandiosas; Saruman morava nesse lugar havia muito tempo, e não tinha ficado ocioso.

Esta era sua aparência, enquanto Saruman estava em seu auge, tido por muitos como o chefe dos Magos. Uma grande muralha circular de pedra, semelhante a altos penhascos, projetava-se do patamar da encosta da montanha, avançando para depois voltar. Só fora feita uma única entrada, um grande arco escavado no lado sul da muralha.

Ali, através da rocha negra, um longo túnel fora cortado, fechado nas duas extremidades por fortes portas de ferro. Foram de tal modo construídas e equilibradas sobre suas enormes dobradiças, barras de aço fincadas na rocha bruta, que quando não estavam trancadas podiam ser movidas com um leve toque de mão, sem qualquer ruído.

Alguém que entrasse e saísse no outro lado desse túnel ecoante veria um grande círculo, plano, meio escavado como uma enorme vasilha rasa: media uma milha de borda a borda. Já fora verde e cheio de avenidas e bosques de árvores frutíferas, aguadas por riachos que corriam das montanhas e desembocavam num lago. Mas nada verde crescera ali nos últimos tempos de Saruman. As estradas foram pavimentadas com lajes de pedra, escuras e duras; e margeando-as, em vez de árvores, marchavam longas fileiras de pilares, alguns de mármore, outros de cobre e de ferro, ligados por pesadas correntes.

Havia ali muitas casas, cômodos, salões e corredores, que cortavam e perfuravam as muralhas do lado interno, de modo que todo o círculo aberto era vigiado por inúmeras janelas e portas escuras. Milhares podiam morar lá, trabalhadores, servidores, escravos e

guerreiros com grandes estoques de armas; lobos recebiam alimento e abrigo em profundas tocas mais abaixo. A planície também era escavada e perfurada. Poços fundos tinham sido cavados no chão; suas extremidades superiores eram cobertas por montículos baixos e abóbadas de pedra, de modo que ao luar o Círculo de Isengard parecia um cemitério de mortos inquietos. Pois a terra tremia. Os poços desciam por muitas rampas e escadas espirais até cavernas muito abaixo; ali Saruman tinha tesouros, depósitos de provisões, arsenais, ferrarias e grandes fornos. Rodas de ferro giravam sem parar, e martelos batiam. Durante a noite, nuvens de vapor subiam das aberturas, iluminadas de baixo por uma luz vermelha, azul ou de um verde venenoso.

Para o centro conduziam todas as estradas, ladeadas por suas correntes. Ali ficava uma torre de formato maravilhoso. Fora feita pelos construtores de antigamente, que aplainaram o Círculo de Isengard e mesmo assim não parecia algo feito pela arte dos homens, mas arrancada dos ossos da terra durante uma aflição antiga das colinas. Era um pico e uma ilha de pedra, negros e de um brilho estonteante: quatro pilares multifacetados foram unidos num só, mas perto do topo eles se abriam em chifres escancarados, seus pináculos agudos como as pontas de lanças, as bordas cortantes como facas. Entre eles havia um espaço estreito, e ali, sobre um chão de pedra polida e com inscrições estranhas, um homem poderia ficar de pé cento e cinqüenta metros acima da planície. Esta era Orthanc, a cidadela de Saruman, cujo nome tinha (por desígnio ou por acaso) um duplo significado: pois na língua dos elfos orthanc significa Monte Presa, mas na língua antiga de Rohan quer dizer Mente Esperta.

Isengard era um lugar forte e maravilhoso, e fora belo por muito tempo; ali moraram grandes senhores, os guardiões de Gondor no oeste, e homens sábios que observavam as estrelas. Mas Saruman lentamente transformou o lugar para seus propósitos mutantes, e o melhorou, na sua opinião; mas se enganava — pois todas as artes e sutis artifícios, pelos quais abandonou sua sabedoria antiga, e que ingenuamente imaginou serem seus, vinham de Mordor; assim tudo o que fez não passou de uma pequena cópia, um modelo infantil ou uma adulação de escravo, daquela vasta fortaleza, do arsenal, da prisão, da fornalha de grande poder, Barad-dôr, a Torre Escura, que não tinha rival, e ria

da adulação, ganhando tempo, segura de seu orgulho e de sua força incomensurável.
Essa era a fortaleza de Saruman, como a fama a relatava; pois dentro da memória
viva nenhum homem de Rohan ultrapassara seus portões, exceto talvez uns poucos, como
Língua de Cobra, que vieram em segredo e não contaram a ninguém o que viram.
Gandalf cavalgou em direção ao pilar da Mão, e passou por ele; no momento em
que fez isso, os Cavaleiros viram, para sua surpresa, que a Mão não parecia mais ser
branca. Estava manchada de sangue seco; olhando mais de perto, eles perceberam que as
unhas estavam vermelhas. Indiferente, Gandalf avançou para dentro da névoa, e os outros
o seguiram com relutância. Por todo lado em volta deles agora, como se tivesse havido
uma enchente súbita, grandes poças de água margeavam a estrada, enchendo as
concavidades, e córregos corriam borbulhantes por entre as pedras.
Finalmente Gandalf parou e fez um sinal para os outros; eles vieram e viram que
adiante dele a névoa tinha diminuído e um sol pálido brilhava.
A hora do meio-dia tinha passado. Estavam às portas de Isengard.
Mas as portas jaziam por terra, retorcidas e por toda a volta a rocha rachada e
estilhaçada em incontáveis cacos pontudos, espalhava-se em todas as direções, ou se
empilhava em montes de escombros. O grande arco ainda estava de pé, mas abria-se
agora sobre um abismo sem teto, o túnel fora posto a descoberto, e através das muralhas
que pareciam penhascos, dos dois lados, grandes fendas e brechas haviam sido abertas;
suas torres estavam desfeitas em poeira. Se o Grande Mar se tivesse erguido em ira e
caído sobre as colinas numa tempestade, não teria causado ruína maior.
O círculo mais adiante estava cheio de água fumegante: um caldeirão borbulhante
onde surgia e boiava um entulho de vigas e vergas, arcas e barris e equipamentos
quebrados. Pilares retorcidos e pensos levantavam suas hastes estilhaçadas sobre as águas,
mas todas as estradas estavam submersas.
Distante, ao que parecia, meio velada por uma nuvem sinuosa, assomava a ilha de
pedra. Ainda escura e alta, resistindo à tempestade, a torre de Orthanc se erguia. Águas
pálidas batiam em seus pés.
O rei e toda a comitiva permaneceram montados em seus cavalos, estupefatos,
percebendo que o poder de Saruman fora derrotado; mas como, eles não podiam
adivinhar.
E agora voltavam seus olhos na direção do arco e dos portões em ruínas.
Ali viram bem próximo deles um grande monte de cascalho; e de repente se deram
conta de duas pequenas figuras tranqüilamente deitadas sobre ele, vestidas de cinza, que
mal se podiam divisar em meio às pedras. Havia garrafas e tigelas e travessas ao lado

deles, como se tivessem acabado de comer bem, e agora descansassem do duro trabalho.
Um deles parecia estar adormecido; o outro, com as pernas cruzadas e os braços atrás da
cabeça, recostava-se numa rocha quebrada e soltava da boca longas nuvens e pequenos
anéis de fumaça tênue e azul.

Por um momento, Théoden, Éomer e todos os seus homens observaram-nos
surpresos. Em meio a toda a ruína de Isengard, aquilo lhes parecia a visão mais estranha.
Mas antes que o rei conseguisse falar a pequena figura que soltava fumaça se deu conta
deles, parados no limiar da névoa. Ele se ergueu. Parecia um homem jovem, ou era
semelhante a um, embora com menos da metade da altura de um homem; a cabeça com
cabelos castanhos e encaracolados estava descoberta, mas ele vestia uma capa manchada
de viagem, da mesma cor e tipo das que usavam os companheiros de Gandalf quando
chegaram a Edoras. Fez uma grande reverência, colocando a mão no peito. Depois, dando
a impressão de não ter visto o mago e seus amigos, virou-se para Éomer e para o rei.
— Bem-vindos, meus senhores, a Isengard! — disse ele. — Somos os guardiões da
entrada. Meriadoc, filho de Saradoc, é meu nome; e meu companheiro, que infelizmente
está vencido pelo cansaço — neste ponto cutucou o outro com o pé —, é Peregrin, filho de
Paladin, da casa dos Túk.
Nossa casa fica lá longe, no norte. O Senhor Saruman está, mas no momento está
trancado com um tal de Língua de Cobra; caso contrário, sem dúvida estaria aqui para
receber hóspedes tão honrados.
— Sem dúvida estaria — disse rindo Gandalf. — E foi Saruman quem lhes ordenou que
vigiassem as portas quebradas, e que esperassem pela chegada de hóspedes, quando
pudessem desviar a atenção do prato e da garrafa?
— Não, meu bom senhor, esse assunto escapou à atenção dele — respondeu Merry
com gravidade. — Ele tem estado tão ocupado... As ordens que recebemos vieram de
Barbárvore, que assumiu a gerência de Isengard. Ordenou-me que recebesse o Senhor de
Rohan com palavras adequadas à ocasião. Fiz o melhor que pude.
— E os seus companheiros? E Legolas e eu? — gritou Gimli, incapaz de se conter por
mais tempo. — Seus tratantes, seus vadios com pés e cabeça de lã! Conduziram-nos por

uma boa caçada! Duzentas léguas, através de pântano e floresta, batalha e morte, para
resgatá-los! E aqui os encontramos, banqueteando e descansando — e fumando!
Fumando! Onde encontraram a erva, seus vilões? Martelo e tenaz! Estou tão
dividido entre a raiva e a alegria, que se não explodir será por milagre!
— Faço minhas suas palavras, Gimli — disse rindo Legolas. — Embora eu preferisse
saber antes como eles encontraram o vinho.
— Uma coisa vocês não encontraram em sua caçada, uma inteligência maior — disse
Pippin, abrindo um olho. — Aqui vocês nos acham sentados num campo de vitória, em
meio à pilhagem de exércitos, e se perguntam como encontramos alguns confortos bem
merecidos!
— Bem merecidos? — disse Gimli. — Não posso acreditar nisso! Os Cavaleiros riram.
— Não se pode duvidar que estamos testemunhando o encontro de amigos muito queridos —
disse Théoden. — Então estes são os perdidos de sua comitiva,
Gandalf Os dias estão destinados a se encher de maravilhas. Já vi muitas desde que
deixei minha casa; e bem aqui, diante de meus olhos, estão mais duas pessoas saídas das
lendas. Esses não são os Pequenos, que alguns entre nós chamam de Holbytlan?
— Hobbits, por gentileza, senhor — disse Pippin.
— Hobbits? — disse Théoden , — Sua língua está estranhamente mudada; mas assim o
nome não soa inadequado, Hobbits. Nenhum relato que eu tenha escutado faz justiça à
realidade.
Merry fez uma reverência, e Pippin se levantou e fez o mesmo. — É generoso, meu
senhor; ou pelo menos espero que possa entender suas palavras desse modo – disse ele. —
E aqui está outra maravilha! Já vaguei por muitas terras desde que deixei minha casa, e
nunca até agora encontrei pessoas que soubessem qualquer história sobre os hobbits.

— Meu povo veio do norte há muito tempo — disse Théoden. — Mas não vou enganálos:
não sabemos histórias sobre hobbits. Tudo o que se diz entre nós é que muito longe,
além de muitas colinas e rios, vivem as pessoas pequena s, que moram em tocas em dunas
de areia. Mas não há lendas sobre seus feitos, pois comenta-se que fazem pouca coisa, e
evitam encontrar os homens, sendo capazes de desaparecer num piscar de olhos; e podem
mudar suas vozes para imitar o piar dos pássaros.

Mas parece que se poderiam dizer mais coisas.
— Realmente poder-se-ia, meu senhor — disse Merry.
— Para começar — disse Théoden —, nunca ouvi que eles soltavam fumaça por suas
bocas.
— Isso não é de admirar — respondeu Merry — pois esta é uma arte que só praticamos
há algumas gerações. Foi Tobold Corneteiro, do Vale Comprido, na Quarta Sul, quem
primeiro cultivou a verdadeira erva-de-fumo em seus jardins, por volta do ano 1070, de
acordo com nosso registro. Como o Velho Toby encontrou a planta...
— Você não sabe o perigo que está correndo, Théoden — interrompeu Gandalf
— Esses hobbits são capazes de se sentar sobre escombros e discutir os prazeres da
mesa, ou pequenos feitos de seus pais, avós e bisavós, e primos mais remotos em nono
grau, se você encorajá-los com uma paciência indevida. Alguma outra hora seria mais
adequada para a história da arte de fumar. Onde está Barbárvore, Merry?
— Lá adiante, no lado norte, eu acho. Foi beber alguma coisa — de água pura, A
maioria dos outros ents está com ele, ainda ocupada em seu trabalho — lá adiante.
— Merry acenou a mão na direção do lago fumegante; conforme olharam, escutaram
um grande estrondo e clangor, como se uma avalanche estivesse caindo da encosta da
montanha. Da distância vinha um hum-hom, como de cornetas tocando triunfalmente.
Então Orthanc foi deixada sem vigia? — perguntou Gandalf
— Existe a água — disse Merry. — Mas Tronquesperto e uns outros estão vigiando a
torre. Nem todos aqueles postes e pilares na planície foram plantados por Saruman.
Tronquesperto, eu acho, está ao lado da rocha, perto do pé da escada.
— Sim, um ent alto e cinzento está lá — disse Legolas -; mas seus braços estão ao
longo do corpo, e ele está parado como um poste.
— Já passa do meio-dia — disse Gandalf -; e de qualquer forma não comemos nada
desde cedo. Mesmo assim, desejo ver Barbárvore o mais depressa possível. Ele não me
deixou nenhuma mensagem, ou o prato e a garrafa a varreram de sua memória?
— Ele deixou uma mensagem — disse Merry —, e eu já estava chegando lá, mas fui
atrasado por muitas outras perguntas. Devia dizer que, se o Senhor de Rohan e Gandalf
quiserem se dirigir à muralha norte, encontraram Barbárvore lá, e ele lhes dará boasvindas.
Quero acrescentar que também encontrarão comida da melhor qualidade, que foi
descoberta e selecionada por estes humildes servidores. — Ele fez uma reverência.

Gandalf riu. — Assim está melhor! — disse ele. — Bem, Théoden, você irá cavalgar
comigo para encontrar Barbárvore? Devemos dar uma volta, mas não é longe. Quando vir
Barbárvore, aprenderá muito. Pois Barbárvore é Fangorn, o mais velho e chefe dos ents, e
quando conversar com ele ouvirá a fala da mais velha de todas as criaturas vivas.

— Irei com você — disse Théoden. — Até logo, meus hobbits! Que possamos nos
encontrar de novo em minha casa! Então poderão sentar-se ao meu lado e contar todas as
histórias que desejarem: os feitos de seus antepassados, até onde puderem relembrá-los; e
também conversaremos sobre Tobold, o Velho, e seu estudo sobre as ervas. Até logo!

Os hobbits fizeram grandes reverências. Então este é o Rei de Rohan! — disse
Pippin num tom mais baixo. Um velhinho camarada. Muito educado.

CAPÍTULO IX
ESCOMBROS E DESTROÇOS

Gandalf e a comitiva do Rei se afastaram, rumando ao leste para contornar as
paredes arruinadas de Isengard. Mas Aragorn, Gimli e Legolas ficaram para trás.
Deixando Arod e Hasufel soltos pastando, foram sentar-se ao lado dos hobbits.

— Muito bem! Muito bem! A caçada terminou e finalmente nos encontramos outra
vez, num lugar que nenhum de nós jamais pensou visitar disse Aragorn.

— E agora que os grandes foram discutir questões importantes — disse Legolas — os
caçadores talvez possam descobrir as respostas para seus próprios pequenos enigmas.
Seguimos suas pegadas até a floresta, mas há ainda muitas coisas sobre as quais eu
gostaria de saber a verdade.

— E há muita coisa, também, que queremos saber sobre vocês — disse Merry.

— Soubemos algumas coisas por intermédio de Barbárvore, o Velho Ent, mas isso
não é o suficiente.

— Tudo a seu tempo — disse Legolas. — Nós fomos os caçadores, e vocês devem nos
fazer um relato de suas aventuras em primeiro lugar.

— Ou em segundo — disse Gimli. — O relato cairia melhor depois de uma refeição.
Estou com a cabeça inchada; e já passa do meio-dia. Vocês, os vadios, podem consertar a
situação conseguindo-nos um pouco das coisas que vocês disseram que saquearam.
Comida e bebida poderiam compensar um pouco de sua dívida para comigo.

— Então você será servido — disse Pippin. — Vai comer aqui, ou com mais conforto
no que resta da casa de guarda de Saruman — ali adiante, sob o arco? Fizemos nosso
piquenique aqui, para ficarmos com um olho na estrada.

— Menos que um olho! — disse Gimli. — Mas eu não vou entrar em nenhuma casa de
orc; nem tocar na carne que comem ou em qualquer coisa que eles tenham maltratado.
— Nós não pediríamos que fizesse isso — disse Merry. — Nós mesmos já estamos
cheios de orcs para o resto da vida. Mas havia muitas outras pessoas em Isengard.
Saruman foi sábio o suficiente para não confiar em seus orcs. Tinha homens para guardar
seus portões: alguns de seus servidores mais fiéis, eu suponho. De qualquer forma eles
tinham privilégios e boas provisões.
— E erva-de-fumo? — perguntou Gimli.
— Não, acho que não — disse Merry rindo. — Mas essa é outra história, que pode
esperar até depois do almoço.
— Então vamos almoçar! — disse o anão.
Os hobbits foram na frente; passaram pelo arco e chegaram a uma porta larga à
esquerda, no topo de uma escada, que se abria diretamente para um grande cômodo, com
outras portas menores na extremidade oposta, e num canto uma lareira com chaminé. O
cômodo fora cortado na rocha, e devia ter sido escuro outrora, pois suas janelas só se
abriam para dentro do túnel. Mas a luz agora entrava pelo teto quebrado. Na lareira havia
lenha queimando.
— Acendi uma pequena fogueira — disse Pippin. — O fogo nos alegrou em meio à
neblina. Havia poucos feixes, e o pouco de lenha que conseguimos encontrar estava
molhada.
Mas na chaminé há uma grande corrente de ar: parece que ela sobe pela rocha, e
felizmente não foi bloqueada. Uma fogueira é útil . Vou preparar umas torradas. Receio
que o pão seja de três ou quatro dias atrás.
Aragorn e seus companheiros sentaram-se em uma das pontas de uma longa mesa,

e os hobbits desapareceram através de uma das portas internas.
— Há uma despensa ali dentro, e fora do alcance das enchentes, por sorte — disse
Pippin, conforme eles voltaram carregados de pratos, tigelas, taças, facas e comida de
variados tipos.
— E você não precisa torcer o nariz para as provisões, Mestre Gimli disse Merry. —
Não é coisa de orc, mas comida humana, como diz Barbárvore. Vão querer vinho
ou cerveja? Há um barril lá dentro — bem razoável. E isto aqui é carne de porco salgada da
melhor qualidade. Ou então posso cortar algumas fatias de toicinho defumado e grelhálas,
se quiserem. Lamento que não haja nenhuma verdura. As entregas foram

interrompidas nos últimos dias! Não posso lhes oferecer nenhuma outra coisa como
acompanhamento a não ser manteiga e mel para os pães. Estão satisfeitos? Muito
satisfeitos — disse Gimli. — A dívida está bem reduzida.
Os três logo ficaram bem ocupados com a refeição; os dois hobbits, sem qualquer
embaraço, resolveram comer outra vez.
— Precisamos fazer companhia aos nossos convidados — disseram eles.
— Estão cheios de cortesias esta manhã — disse rindo Legolas. — Mas talvez, se não
tivéssemos chegado, vocês estivessem comendo para fazer companhia um ao outro de
novo.
— Talvez; e por que não? — disse Pippin. — Passamos muito mal com os orcs, e
comemos muito pouco por vários dias antes d isso. Parece que faz muito tempo que não
conseguimos comer a contento.
— Parece que isso não lhes fez mal algum — disse Aragorn. — Na verdade, estão com
uma aparência extremamente saudável.
— É sim — disse Gimli, olhando-os de cima a baixo por sobre a borda de sua taça. —
Veja só, seus cabelos estão duas vezes mais grossos e encaracolados do que quando nos
separamos; eu poderia jurar que vocês dois cresceram, se isso fosse possível para hobbits
da sua idade. Pelo menos esse Barbárvore não os deixou passar fome.
— Não deixou mesmo — disse Merry. — Mas os ents só bebem, e bebida não é o
suficiente para nos satisfazermos. As bebidas de Barbárvore podem ser nutritivas, mas a
gente sente a necessidade de alguma coisa sólida. Até mesmo lembas não seria nada mal
para variar.
— Vocês beberam as águas dos ents, é? — disse Legolas. — Então acho provável que
os olhos de Gimli não estejam enganados. Muitas canções estranhas foram cantadas sobre
as bebidas de Fangorn.
— Já me contaram muitas histórias esquisitas sobre aquela terra — disse Aragorn. —
Nunca entrei ali. Vamos, contem-me alguma coisa sobre ela e sobre os ents!
— Os ents — disse Pippin. — Os ents são... bem, os ents são completamente diferentes,
para começo de conversa. Mas os olhos, os olhos são muito esquisitos. — Ele tentou
algumas palavras desajeitadas que foram acabando em silêncio. — Oh, bem — continuou
ele, vocês já viram alguns de longe... eles os viram, de qualquer forma, e disseram que
vocês estavam a caminho... e verão muitos outros, eu espero, antes que deixemos este

lugar. Vocês devem tirar suas próprias conclusões.

— Calma! Calma — disse Gimli. — Estamos começando a história pelo meio. Gostaria de uma narrativa na ordem correta, começando pelo dia estranho em que nossa sociedade foi rompida.

— Você vai ouvi-la, se houver tempo — disse Merry. — Mas primeiro se já terminaram de comer — vocês devem encher seus cachimbos e acendê-los. E então, por um tempo, podemos fingir que estamos a salvo outra vez em Bri, ou em Valfenda.

Pegou uma pequena bolsa de couro cheia de tabaco. — Temos um monte — disse ele.

— Vocês podem levar o quanto quiserem, quando partirmos. Fizemos um bom trabalho de salvamento esta manhã, Pippin e eu. Há um monte de coisas flutuando por aí. Foi Pippin quem achou dois pequenos barris, que as aguas carregaram de alguma despensa, julgo eu. Quando os abrimos, descobrimos que estavam cheios disto: uma erva-de-fumo tão boa que melhor não se poderia desejar, em ótimo estado.

Gimli pegou um pouco, esfregou-a contra a palma das mãos e cheirou.

— Parece boa, e o cheiro também é ótimo — disse ele.

— E é boa! — disse Merry. — Meu caro Gimli, isso é Folha do Vale Comprido! Nos barris havia a marca registrada dos Corneteiros, para quem quisesse ver. Como chegou até aqui eu não posso imaginar. Talvez para uso particular de Saruman. Nunca soube que a folha chegasse até tão longe. Mas agora vem bem a calhar.

— Viria — disse Gimli —, se eu tivesse um cachimbo adequado. Infelizmente perdi o meu em Moria, ou antes. Não há nenhum cachimbo no meio de todas as coisas que vocês saquearam?

— Não, receio que não. Não encontrei nenhum, nem mesmo aqui nas salas de guarda. Saruman guardou esse regalo para si mesmo, ao que parece. E acho que não adiantaria nada bater às portas de Orthanc e pedir-lhe um cachimbo! Vamos ter de compartilhar os cachimbos, como os amigos fazem quando a necessidade aperta.

— Espere um segundo! — disse Pippin. Colocando a mão dentro de seu casaco, retirou uma pequena bolsa macia pendurada num cordão. — Guardo um ou dois tesouros junto ao corpo, que são para mim preciosos como Anéis. Aqui está um deles: meu velho cachimbo de madeira. E aqui está outro: que nunca foi usado. Venho carregando-o comigo há muito tempo, embora não saiba por quê. Na verdade nunca esperei encontrar

nenhuma erva-de-fumo na viagem, quando o meu suprimento acabasse. Mas agora acabou sendo útil, afinal de contas. — Ergueu um pequeno cachimbo com um fornilho largo e achatado, entregando-o a Gimli. — Isso anula a dívida entre nós? — perguntou ele.

— Sem dúvida — exclamou Gimli. — Meu nobre hobbit, isso me deixa profundamente endividado para com você.

— Bem, vou voltar ao ar livre, para ver o que o vento e o céu estão fazendo! — disse Legolas.

— Vamos com você — disse Aragorn.

Saíram e se sentaram sobre as pedras empilhadas à frente do portão. Agora conseguiam enxergar o vale lá embaixo: a névoa estava se erguendo e se dissipando na brisa.

— Agora vamos descansar aqui um pouco! — disse Aragorn. — Vamos nos sentar sobre os escombros e conversar, como diz Gandalf, enquanto ele está ocupado em algum outro lugar. Sinto um cansaço que nunca senti antes. — Embrulhou-se em sua capa cinzenta, escondendo a camisa de malha, e esticou as longas pernas.

Depois deitou-se e soltou de seus lábios um tênue fio de fumaça.

— Vejam! — disse Pippin. — Passolargo, o guardião, está de volta!

— Ele nunca esteve ausente — disse Aragorn. — Sou Passolargo e Dúnadan também, e pertenço a Gondor e ao norte.

Fumaram em silêncio por um tempo, ao sol, que oblíquo penetrava no vale, através de nuvens brancas suspensas no oeste. Legolas estava deitado e quieto, olhando para o céu e o sol com olhos fixos, cantando baixinho para si mesmo.

Finalmente sentou-se. — Venham agora! — disse ele. — O tempo está passando e a névoa se dissipando, ou pelo menos estaria se vocês, pessoas estranhas, não se cobrissem de fumaça. E a história?

— Bem, minha história começa comigo acordando no escuro e me vendo todo amarrado num acampamento de orcs — disse Pippin. — Deixe-me ver, que dia é hoje?

— Cinco de março, no Registro do Condado — disse Aragorn. Pippin fez alguns cálculos nos dedos. — Apenas nove dias atrás! — disse ele: Parece que já faz um ano que fomos capturados. Bem, apesar de metade disso ter sido como um sonho ruim, devo dizer que vieram depois três dias horríveis. Merry vai me corrigir, se eu me esquecer de alguma coisa importante: não vou entrar em detalhes: as chicotadas, a nojeira, o mau cheiro, e

tudo aquilo; não vale a pena recordar. — Com isso ele mergulhou num relato do último combate de Boromir e da marcha dos orcs dos Emyn Muil até a Floresta. Os outros faziam sinais afirmativos com a cabeça nos pontos em que o relato se encaixava com suas suposições.

— Aqui estão alguns tesouros que vocês deixaram cair — disse Aragorn. — Ficarão felizes em tê-los de volta. — Desafivelou o cinto embaixo de sua capa e tirou dele as duas facas nas respectivas bainhas.

— Ora, ora! — disse Merry. — Nunca esperava vê-las outra vez! Marquei, alguns orcs com a minha, mas Uglúk tirou-nos as facas. O ódio com que ele as olhava! No início achei que ia me golpear, mas ele as jogou longe, como se queimassem suas mãos.

— E aqui também está seu broche, Pippin — disse Aragorn. — Guardei-o a salvo, pois é um objeto muito precioso.

— Eu sei — disse Pippin. — Foi um sofrimento separar-me dele; mas que mais eu poderia fazer?

— Nada mais — respondeu Aragorn. — Alguém que, numa necessidade, não consegue jogar fora um tesouro está acorrentado. Você fez a coisa certa.

— Cortar as cordas de seus pulsos, isso foi um lance de esperteza! — disse Gimli. — Nesse momento a sorte o ajudou, mas você agarrou a oportunidade com as duas mãos, poderíamos dizer.

— E nos impôs um belo enigma — disse Legolas. — Fiquei pensando se vocês não tinham criado asas.

— Infelizmente não — disse Pippin. — Mas você não estava sabendo sobre Grishnákh. — Ele estremeceu e não disse mais nada, deixando que Merry contasse sobre aqueles momentos horríveis: as mãos em forma de pata, o hálito quente e a força terrível dos braços peludos de Grishnákh.

— Toda essa história sobre os orcs de Barad-dûr, Lugbúrz, como dizem eles, me deixa preocupado — disse Aragorn. — O Senhor do Escuro já sabia demais, e seus servidores também; e Grishnákh evidentemente enviou alguma mensagem para o outro lado do Rio depois da briga. O Olho Vermelho estará olhando na direção de Isengard. Mas, de qualquer forma, Saruman está num dilema que ele mesmo criou.

nota

1. Todos os meses no calendário do Condado tinham trinta dias.

— Sim, qualquer que seja o lado vencedor, sua perspectiva é ruim disse Merry. - As
coisas começaram a dar errado para ele quando seus orcs pisaram em Rohan.
— Vimos de relance o velho vilão, ou pelo menos Gandalf acha que sim — disse Gimli. — Na borda da Floresta.
— Quando foi isso? — perguntou Pippin.
— Cinco noites atrás — disse Aragorn.
— Deixe-me ver — disse Merry. — Cinco noites atrás... agora chegamos a uma parte
da história sobre a qual vocês não sabem nada. Encontramos Barbárvore naquela manhã
depois da batalha; e aquela noite passamos na Gruta da Nascente, uma das casas-ents. Na

manhã seguinte fomos para o Entebate, quer dizer, uma reunião de ents e a coisa mais
esquisita que já vi em minha vida. Durou todo aquele dia e o seguinte, e nós passamos as
noites com um ent chamado Tronquesperto. E então, no fim da tarde do terceiro dia do
debate, os ents de repente explodiram. Foi assustador.
A Floresta estava tensa como se uma tempestade estivesse se formando dentro
dela: então, em uníssono, explodiu. Gostaria que vocês pudessem ter ouvido a canção
deles enquanto marchavam.
— Se Saruman tivesse ouvido, agora estaria a milhas de distância, mesmo que
tivesse de correr com as próprias pernas — disse Pippin.
Se Isengard for um lugar de pedra fria e duro osso,
Nós vamos todos guerrear quebrar a pedra e seu portão!
— Havia muito mais. Grande parte da canção não tinha palavras, e era como uma
música de trombetas e tambores. Era muito contagiante. Mas pensei que fosse apenas uma
música de marcha e nada mais, apenas uma canção — até que cheguei aqui. Agora eu sei
do que se trata.
— Descemos da última cordilheira entrando em Nan Curunír, depois do cair da noite
— continuou Merry. — Foi nesse momento que senti pela primeira vez que a própria
Floresta caminhava atrás de nós. Pensei que estava tendo um sonho de ent, mas Pippin
também tinha notado. Estávamos os dois com medo, mas só depois descobrimos mais
sobre o que estava acontecendo.
— Eram os huorns, ou pelo menos é esse o jeito como os ents os chamam na "língua
curta". Barbárvore não gosta muito de falar sobre eles, mas acho que são ents que ficaram
quase como árvores, pelo menos na aparência. Ficam aqui e acolá na floresta, ou nas suas

bordas, silenciosos, vigiando sem parar as árvores; mas nos vales profundos há centenas e
centenas deles, eu imagino.
— Há um grande poder neles, e parece que têm a capacidade de se ocultar nas
sombras: é difícil vê-los se movendo. Mas eles se movem. Podem andar muito rápido, se
estiverem furiosos. Você fica parado olhando para o tempo, talvez, ou ouvindo o farfalhar
das folhas, e de repente descobre que está no meio de um bosque com grandes árvores
tateando à sua volta. Eles ainda têm vozes, e conseguem falar com os ents — é por isso que
são chamados de huorns, pelo que diz Barbárvore — mas ficaram esquisitos e selvagens.
Perigosos. Eu ficaria apavorado se os encontrasse e não houvesse nenhum ent verdadeiro
para cuidar deles.
— Bem, no início da noite nós descemos uma longa ravina, para dentro da
extremidade mais alta do Vale do Mago, os ents e seus huorns farfalhantes atrás. Não
conseguíamos vê-los, é claro, mas todo o ar estava cheio de estalidos. Estava muito
escuro, uma noite carregada de nuvens. Marcharam em grande velocidade assim que
deixaram as colinas, fazendo um barulho como um vento forte. A lua não a pareceu
através das nuvens, e não muito depois da meia-noite havia uma floresta alta em toda a
volta da encosta norte de Isengard. Não se via sinal de inimigos ou qualquer desafio.
Havia uma luz brilhando numa alta janela na torre, isso era tudo.
— Barbárvore e alguns outros ents avançaram, ficando à vista dos grandes portões.
Pippin e eu estávamos com ele. Estávamos sentados nele. Mas mesmo quando estão
excitados os ents conseguem ser muito cuidadosos e pacientes. Ficaram parados feito
estátuas, respirando e escutando. Então, de repente, houve uma agitação tremenda.
Trombetas soaram e as muralhas de Isengard ecoaram. Pensamos que tínhamos
sido descobertos, e que a batalha ia começar. Mas não foi nada disso.
Todo o pessoal de Saruman estava partindo em marcha. Não sei muita coisa sobre
esta guerra, ou sobre os Cavaleiros de Rohan, mas parece que a intenção de Saruman era

exterminar o rei e todos os seus homens com um único golpe final. Ele evacuou Isengard.
Eu vi o inimigo partindo: filas intermináveis de orcs em marcha, tropas deles montadas
em grandes lobos. E também havia batalhões de homens. Muitos carregavam tochas, e

com a luz pude ver seus rostos. A maioria eram homens comuns, muito altos e com os
cabelos escuros, sinistros na aparência, porém não especialmente maus.
Mas havia uns outros que eram horríveis: da altura de homens, mas com rostos de
orcs, amarelados, de olhar esguelho, torto. Sabem de uma coisa, eles me fizeram lembrar
imediatamente daquele sulista de Bri: só que ele não era tão obviamente parecido com um
orc como eles.
— Pensei nele também — disse Aragorn. — Tivemos de lidar com muitos desses semiorcs
no Abismo de Helm. Agora fica claro que o sulista era um espião de Saruman; mas
se estava trabalhando com os Cavaleiros Negros, ou só para Saruman, eu não sei. É difícil
saber, com essas pessoas más, quando estão unidos e quando estão enganando uns aos
outros.
— Bem, todos os tipos juntos, deviam perfazer dez mil no mínimo disse Merry. —
Levaram uma hora para passar pelos portões. Alguns desceram a estrada que conduz aos
Vaus, e outros se desviaram e foram para o leste. Construíram uma ponte lá embaixo,
cerca de uma milha daqui, num ponto onde o rio passa por um canal muito profundo.
Todos cantavam com vozes roucas, e riam, fazendo u m barulho horroroso.
Pensei que as coisas estavam pretas para Rohan. Mas Barbárvore não se mexeu.
Ele disse: "Meu negócio esta noite é com Isengard, com rocha e pedra."
— Mas embora eu não pudesse ver o que estava acontecendo na escuridão, acredito
que os huorns começaram a rumar para o sul, logo que os portões se fecharam de novo.
Acho que o negócio deles era com os orcs. Já estavam lá embaixo no vale pela
manhã; ou pelo menos havia uma sombra que ninguém conseguia atravessar com os
olhos.
— Assim que Saruman tinha despachado todo o seu exército, chegou a nossa vez.
Barbárvore nos pôs no chão, dirigiu-se aos portões e começou a golpear as portas,
chamando Saruman. Não houve resposta, com a exceção de flechas e pedras que vieram
das muralhas. Mas flechas não adiantam nada contra os ents. É claro que os machucam, e
os enfurecem: como picadas de insetos. Mas um em pode ficar crivado de flechas de orcs
como uma almofada de alfinetes, sem que fique seriamente ferido.
Isso porque eles não podem ser envenenados, e sua pele parece ser muito grossa,
mais resistente que uma casca de árvore. Seria necessário um golpe muito pesado de
machado para machucá-los de fato. Eles não gostam de machados. Mas seriam

necessários muitos homens com machados para cada ent: um homem que golpeia um ent uma vez não tem uma segunda oportunidade. Um murro dado pelo punho de um ent amassa o ferro como se fosse uma lata fina.

— Quando Barbárvore tinha algumas flechas em seu corpo, começou a esquentar, a ficar positivamente “apressado”, como diria ele. Soltou um grande hum-hom, e mais uns doze ents vieram avançando. Um ent furioso é aterrador. Os dedos dos pés e das mãos simplesmente agarram-se à rocha e a arrancam qual casca de pão. Foi como assistir ao trabalho de grandes raízes de árvores durante uma centena de anos, tudo condensado em alguns momentos.

— Eles empurravam, puxavam, rasgavam, chacoalhavam, e esmurravam; e clanguebangue, crache-craque, em cinco minutos esses portões enormes estavam no chão destruídos; e alguns dos ents já estavam começando a roer as muralhas, como coelhos num poço de areia. Não sei o que Saruman pensou que estava acontecendo, mas de qualquer forma ele não sabia como lidar com aquilo. Sua magia pode ter enfraquecido nos

últimos tempos, é claro; mas de qualquer jeito acho que ele não tinha bravura suficiente, nem muita coragem, sozinho num lugar apertado, sem um monte de escravos e máquinas e coisas, se entendem o que quero dizer. Muito diferente do velho Gandalf Fico pensando se toda a sua fama não se deveu todo esse tempo à sua esperteza ao instalar-se em Isengard.

— Não — disse Aragorn. — Ele já esteve à altura de sua fama, Tinha um conhecimento profundo, um pensamento sutil, e mãos maravilhosamente habilidosas; e tinha um poder sobre as mentes dos outros. Podia persuadir os sábios e amedrontar as pessoas menores. Esse poder certamente ele ainda conserva. Não há muitas pessoas na Terra-média que na minha opinião poderiam ficar a salvo, se fossem deixadas sozinhas para conversar com ele, mesmo agora depois de uma derrota. Gandalf, Elrond, e Galadriel, talvez, agora que sua maldade foi revelada, e quase mais ninguém.

— Os ents não correm esse risco — disse Pippin. — Parece que certa época ele os persuadiu, mas nunca mais vai conseguir isso. E de qualquer forma ele não os entendeu, e cometeu o grave erro de deixá-los fora de suas maquinações. Não tinha planos para eles, e

já não havia tempo para planejar nada, uma vez que eles se puseram a trabalhar. Assim que nosso ataque começou, os poucos ratos que sobraram em Isengard começaram a fugir através de cada furo que os ents fizeram. Os ents deixaram os homens fugir, depois de têlos interrogado, restavam apenas duas ou três dúzias. Não acho que muitos do povo dos orcs, de qualquer tamanho, tenham escapado. Não dos huorns: havia uma boa quantidade deles em toda a volta de Isengard naquele momento, além daqueles que tinham descido o vale.

— Quando os ents tinham reduzido a escombros uma grande parte da muralha sul, e o que restava de seu povo tinha fugido abandonando-o, Saruman fugiu em pânico. Parece que ele estava junto ao portão quando chegamos: acho que veio assistir à partida de seu esplêndido exército. Quando os ents arrombaram os portões e entraram, ele partiu apressado. Eles não o viram no inicio. Mas a noite se abrira e havia uma forte luz das estrelas, o suficiente para que os ents enxergassem, e de repente Tronquesperto soltou um grito: "O matador de árvores, o matador de árvores!" Tronquesperto é uma criatura gentil, mas por isso mesmo odeia Saruman com todas as suas forças: seu povo sofreu cruelmente sob os machados dos orcs. Ele desceu aos saltos o caminho que vinha do portão interno, pois ele pode mover-se como o vento quando está enfurecido.

Havia uma figura pálida fugindo, entrando e saindo entre as sombras dos pilares, e já quase alcançava as escadas que conduzem à porta da torre.

Mas foi por pouco.

Tronquesperto vinha tão veloz atrás dele que por um ou dois passos de distância Saruman não foi pego e estrangulado quando se esgueirou pela porta.

— Quando Saruman estava a salvo outra vez em Orthanc, não demorou muito para que pusesse em ação algumas de suas preciosas máquinas.

Nesse momento já havia muitos ents dentro de Isengard: alguns tinham seguido Tronquesperto, e outros tinham irrompido do norte e do leste: estavam vagando de um lado para o outro e fazendo um grande estrago. De repente ergueram-se chamas e uma fumaça imunda: as aberturas dos poços em toda a planície começaram a cuspir e vomitar. Vários ents ficaram com queimaduras e bolhas. Um deles, que se chamava Ossofaia, eu acho, ficou preso no vapor de algum tipo de fogo líquido e queimou como uma tocha: uma cena horrível.

— Isso os deixou loucos. Eu achara antes que eles estavam realmente furiosos, mas estava errado. Finalmente vi como eles ficam quando se enfurecem. Foi chocante. Eles rugiram e ribombaram e produziram ruídos como trombetas, até que as rochas

começaram a se partir e ruir ante O simples barulho deles. Merry e eu nos deitamos no chão e cobrimos Os Ouvidos com as capas. Dando voltas na rocha de Orthanc, os ents iam a largas passadas, produzindo uma tempestade como um furacão, quebrando pilares, lançando avalanches de pedras para dentro dos poços, jogando grandes lajes de pedra no ar como se fossem folhas. A torre ficou no meio de um tufão. Vi pilares de ferro e blocos de alvenaria subindo feito foguetes dezenas de metros, e se arrebentando contra as janelas de Orthanc. Mas Barbárvore se manteve calmo. Felizmente não sofrera nenhuma queimadura. Não queria que seu povo se ferisse em sua fúria, e não queria que Saruman escapasse por algum buraco em meio à confusão. Muitos ents estavam se lançando contra a rocha de Orthanc, mas ela os derrotou. É muito lisa e dura. Há alguma magia nela, talvez mais antiga e mais forte que a de Saruman. De qualquer forma, eles não conseguiram agarrá-la nem causar-lhe nenhuma rachadura: eles é que estavam se machucando e contundindo ao se baterem contra a torre.

— Então Barbárvore foi para dentro do círculo e gritou. Sua voz poderosíssima se ergueu acima de todo o estrondo, De repente, fez-se um silêncio mortal. Rasgando-o, pudemos ouvir uma risada aguda vinda de uma alta janela na torre. Isso provocou um estranho efeito nos ents. Antes eles estavam fervendo; nesse momento ficaram frios, sinistros como o gelo, e quietos. Deixaram a planície e se reuniram em volta de Barbárvore, completamente imóveis. Ele lhes falou em sua própria língua por uns instantes; acho que estava lhes contando sobre um plano já formado em sua mente havia muito tempo. Depois eles simplesmente desapareceram silenciosamente na luz cinzenta. O dia estava nascendo naquele momento.

— Ficaram vigiando a torre, acredito eu, mas os vigilantes estavam tão bem escondidos nas sombras e mantinham tamanho silêncio, que eu não conseguia vê-los. Os outros partiram para o norte. Ficaram ocupados todo o dia, e não os vimos. A maioria do tempo ficamos sozinhos. Foi um dia melancólico, e andamos um pouco por aí, embora procurássemos ficar o máximo possível fora do campo de visão das janelas de Orthanc:

elas nos observavam ameaçadoramente.
Passamos uma boa parte do tempo procurando algo para comer. E também nos
sentamos e conversamos, imaginando o que estaria acontecendo em Rohan, e o que teria
sucedido a todo o resto de nossa Comitiva. De vez em quando ouvíamos na distância o
estrondo de pedras caindo, e baques surdos ecoando nas colinas.
— Durante a tarde caminhamos em volta do círculo, e fomos dar uma olhada no que
estava acontecendo. Havia uma grande floresta sombria de huorns na cabeceira do vale, e
uma outra em volta da muralha norte. Não ousamos entrar. Mas ouvimos um ruído de
algo se rasgando ou se rompendo na parte de dentro. Os ents e os huorns estavam cavando
grandes fossos e valas, fazendo grandes lagos e represas, recolhendo toda a água do Isen e
de qualquer outra nascente ou riacho que conseguiam encontrar.
Deixamos que continuassem seu trabalho.
— Quando chegou o crepúsculo, Barbárvore retornou ao portão, Estava
cantarolando e ribombando para si mesmo, e parecia satisfeito. Parou e esticou os grandes
braços e pernas, depois respirou fundo. Perguntei lhe se estava cansado.
— "Cansado?", disse ele, "cansado? Bem, cansado não, mas com o corpo enrijecido.
Preciso de um bom trago do Entágua. Trabalhamos muito; quebramos mais pedras e
roemos mais terra hoje do que em muitos longos anos antes. Mas está quase tudo pronto.
Quando chegar a noite, não fiquem perto deste portão ou no velho túnel! Pode ser que a
água cubra tudo — e por um tempo será uma água ruim, até que toda a sujeira de Saruman
seja levada embora. Então o Isen poderá correr limpo outra vez." Começou a derrubar
mais uma parte das muralhas, como se aquilo fosse um passatempo, apenas para se

divertir.
— Estávamos pensando que lugar poderia ser seguro para deitarmos e dormirmos
um pouco, quando a coisa mais surpreendente de todas aconteceu.
Ouviu-se o ruído de um cavaleiro subindo rapidamente pela estrada. Merry e eu
nos deitamos e ficamos imóveis, e Barbárvore se escondeu nas sombras sob o arco. De
repente, um grande cavalo veio avançando, como um clarão de prata. Já estava escuro,
mas eu pude ver claramente o rosto do cavaleiro: parecia brilhar, e todas as suas roupas
eram brancas. Eu me sentei, observando, de boca aberta. Tentei gritar, mas não consegui.
— Nem precisou. Ele parou bem ao nosso lado e olhou em nossa direção.

"Gandalf!", disse eu finalmente, mas minha voz era a penas um sussurro. Pensam que ele
disse: "Olá, Pippin! Que surpresa agradável!"? Na verdade não! Ele disse: "Levante-se,
seu Túk idiota! Onde, em nome do espanto, está Barbárvore no meio de todo este estrago?
Quero vê-lo. Rápido!"
— Barbárvore ouviu sua voz e saiu das sombras imediatamente, e foi um estranho
encontro. Fiquei perplexo, porque nenhum dos dois parecia surpreso. Gandalf obviamente
esperava encontrar Barbárvore aqui, e Barbárvore agiu como se estivesse à toa perto dos
portões de propósito para recebê-lo. Já tínhamos contado ao velho ent tudo sobre Moria.
Mas quando me lembro do olhar esquisito que nos lançou naquela hora só posso supor
que ele tinha visto Gandalf, ou recebido alguma notícia dele, mas não estava disposto a
falar nada apressadamente. "Não tenha pressa" é seu mote; mas ninguém, nem mesmo os
elfos, pode saber muito sobre os movimentos de Gandalf quando ele está ausente.
— "Hum! Gandalf", disse Barbárvore. "Fico feliz que tenha vindo. Floresta e água,
troncos e rochas eu posso dominar; mas aqui há um mago para controlarmos."
— "Barbárvore", disse Gandalf. "Preciso de sua ajuda. Você já fez muito, mas
preciso de mais. Tenho que dar conta de cerca de dez mil orcs."
— Então os dois saíram e fizeram uma reunião em algum canto. Deve ter parecido
tudo bastante apressado para Barbárvore, pois Gandalf estava com uma ânsia tremenda, e
já estava falando num ritmo bem acelerado antes que os dois desaparecessem de vista.
Ficaram longe só alguns minutos, talvez um quarto de hora.
Depois Gandalf voltou e veio em nossa direção, e parecia aliviado, quase contente.
Só então disse que estava feliz em nos ver.
— "Mas Gandalf ", exclamei eu, "onde você esteve? Você viu os outros?"
— "Onde quer que eu tenha estado, estou de volta", respondeu ele à sua maneira
peculiar. "Sim, vi alguns dos outros. Mas as notícias devem esperar. Esta é uma noite
perigosa, e preciso cavalgar rápido. A aurora pode ser mais clara e, se assim for, vamos
nos encontrar outra vez. Cuidem-se e mantenham distância de Orthanc. Adeus!"
— Barbárvore ficou muito pensativo depois que Gandalf foi embora.
Evidentemente, tinha sabido muita coisa em pouco tempo, e estava digerindo a
informação. Olhou-nos e disse: "Hum, bem, percebo que vocês não são pessoas tão
apressadas como eu pensava. Disseram muito menos que poderiam, e não mais do que
deviam. Hum! Esse é um monte de notícias, sem dúvida! Bem, agora Barbárvore precisa
ficar ocupado outra vez."

— Antes que se fosse, conseguimos arrancar dele algumas notícias que não nos alegraram nem um pouco. Mas naquele momento estávamos pensando mais em vocês três do que em Frodo e Sam, ou no pobre Boromir. Pois ficamos sabendo que estava acontecendo uma grande batalha, ou aconteceria em breve, e que vocês estavam nela, e poderiam nunca mais voltar.
— "Os huorns vão ajudar", disse Barbárvore. Depois se afastou e não o vimos outra vez até hoje cedo.

Foi uma noite negra. Deitamo-nos sobre uma pilha de pedras, e não conseguíamos ver nada. Névoa ou sombras cobriam tudo como um grande cobertor em toda a nossa volta. O ar parecia quente e pesado , e estava cheio de ruídos farfalhantes, estalidos e murmúrios semelhantes a vozes passando. Acho que outras centenas de huorns estavam avançando em direção à batalha. Mais tarde houve um grande estrondo de trovão ao sul, e clarões e relâmpagos ao longe, sobre Rohan. De tempos em tempos conseguíamos ver os picos das montanhas, a milhas e milhas de distância, penetrando de súbito na escuridão, brancos e pretos, para depois como o dos trovões nas colinas, mas diferentes. Algumas vezes todo o vale ecoava.
— Devia ser por volta de meia-noite quando os ents arrebentaram as represas e derramaram sobre Isengard toda a água armazenada através de uma fenda na muralha norte.
A escuridão dos huorns tinha passado, e o trovão se afastara. A lua afundava atrás das montanhas ocidentais.
— Isengard começou a se encher de córregos e lagos negros que avançavam cada vez mais. As águas reluziram na última luz da lua, enquanto se espalhavam por toda a planície. De quando em quando, escoavam através de algum POÇO ou gárgula. Um grande vapor esbranquiçado subia chiando. A fumaça se levantava em ondas. Houve explosões e rajadas de fogo. Uma grande espiral de vapor subia se enrolando, dando voltas e mais voltas em Orthanc, até transformá-la numa grande montanha de nuvem, com a parte inferior em chamas, e o topo iluminado pela lua. E ainda mais águas jorravam, até que finalmente Isengard ficou parecendo uma enorme tigela rasa, soltando fumaça e borbulhando.
— Vimos uma nuvem de fumaça e vapor vindo do sul a noite passada, quando

atingimos a abertura do Nan Curunír — disse Aragorn. — Receamos que Saruman nos
estivesse preparando algum feitiço.
— Não ele! — disse Pippin. — Naquela hora é mais provável que ele estivesse
sufocando e não rindo. Ontem pela manhã a água tinha penetrado por todos os buracos, e
havia um denso nevoeiro. Refugiamo-nos naquela casa de guarda ali, e estávamos
apavorados. O lago começou a transbordar derramando-se através do velho túnel, e a água
cobria os degraus com grande rapidez. Pensamos que íamos ficar presos como orcs num
buraco, mas encontramos uma escada sinuosa na parte posterior da despensa, que nos
levou até o topo do arco. Sair foi um aperto, já que as passagens estavam rachadas e meio
bloqueadas com pedras caídas perto do topo. Ali ficamos sentados bem acima da
enchente e assistimos ao afogamento de Isengard. Os ents continuavam a derramar mais
água, até que todas as fogueiras estivessem apagadas e todas as cavernas cheias, A névoa
lentamente se juntou e subiu formando um grande guarda-chuva de nuvens: devia ter uma
milha de altura. No início da noite havia um grande arco-íris sobre as colinas orientais; e
então o pôr-do-sol foi apagado por um chuvisco denso que caía sobre as encostas das
montanhas. Tudo ficou muito quieto. Alguns lobos uivavam num lamento, a distância. Os
ents interromperam a entrada de água à noite, e mandaram o Isen de volta ao velho curso.
E isso foi o fim de tudo.
— Desde então as águas estão baixando. Deve haver saídas em algum lugar nas
cavernas lá embaixo, suponho eu. Se Saruman espiar por alguma de suas janelas, vai ver
tudo desarrumado, uma desordem sombria. Sentimos uma enorme solidão. Não havia
nenhum ent para conversarmos em meio a toda a ruína, e nenhuma notícia. Passamos a
noite ali, em cima do arco; estava frio e úmido, e não conseguimos dormir. Tínhamos a
impressão de que alguma coisa podia acontecer a qualquer momento. Saruman ainda está
em sua torre. Havia um ruído na noite como o de um vento subindo o vale. Suponho que

os ents e os huorns que tinham se ausentado estão de volta; mas aonde tinham ido eu não
sei. Estava uma manhã cheia de névoa e umidade quando descemos e olhamos ao redor de
novo, e não se via ninguém . E isso é tudo o que temos para contar.

Parece que o lugar está quase pacífico depois de todo o tumulto. E mais seguro, de
certa forma, já que Gandalf tinha voltado. Consegui dormir! Então todos ficaram em
silêncio por um tempo. Gimli encheu seu cachimbo outra vez. — Há uma coisa que me
pergunto — disse ele enquanto o acendia com sua pederneira e pavio -: Língua de Cobra.
Você disse a Théoden que ele estava com Saruman. Como ele chegou lá?
— Ah, sim, eu me esqueci dele — disse Pippin. — Só chegou aqui esta manhã.
Tínhamos acabado de acender a fogueira e de comer alguma coisa quando Barbárvore
apareceu de novo. Escutamos sua voz murmurando e chamando nossos nomes do lado de
fora.
— "Vim saber como estão passando, meus rapazes", disse ele, "e para lhes dar
alguma notícia. Os huorns voltaram. Está tudo bem, bem mesmo!", disse ele rindo e
dando tapinhas nas coxas. "Não sobrou nenhum orc em Isengard, nem machados! E virão
pessoas do sul antes do fim do dia; alguns que vocês poderão ficar alegres em ver."
— Mal ele tinha dito isso quando ouvimos o som de cascos na estrada. Corremos
para os portões, e eu parei e olhei, quase esperando ver Passolargo e Gandalf cavalgando
à frente de um exército. Mas saindo da névoa veio um homem sobre um cavalo velho e
cansado; ele mesmo parecia uma criatura estranha e toda torta. Não havia mais ninguém.
Quando saiu da névoa, viu de repente toda a ruína e o estrago à sua frente. Parou, pasmo,
e seu rosto ficou quase verde. Estava tão perplexo que a princípio não deu sinal de ter-nos
visto. Quando viu, deu um grito, e tentou virar o cavalo e fugir. Mas Barbárvore deu três
passadas, estendeu um braço longo e o levantou da sela. O cavalo disparou em fuga,
apavorado, e ele rastejou pelo chão. Disse que era Gríma, amigo e conselheiro do rei, e
tinha sido enviado trazendo mensagens importantes de Théoden para Saruman.
— "Ninguém mais ousaria cavalgar pelo campo aberto, tão cheio de orcs malignos",
disse ele, "então eu fui enviado. Fiz uma viagem perigosa, e estou cansado e faminto.
Desviei de meu caminho em direção ao norte, fugindo dos lobos que me perseguiam."
— Percebi os olhares oblíquos que ele lançou para Barbárvore, e disse para mim
mesmo: "Mentiroso." Barbárvore olhou para ele com seu jeito lento e demorado por
vários minutos, até que o infame estivesse estrebuchando no chão. Então disse

finalmente: “Ha, hin, estava esperando você, Mestre Língua de Cobra.” O homem teve um sobressalto ao ouvir aquele nome. “Gandalf chegou aqui primeiro. Por isso, sei sobre você o quanto preciso, e sei também o que fazer com você. Ponha todos os ratos na mesma ratoeira, disse Gandalf, e é isso o que vou fazer. Agora sou o senhor de Isengard, mas Saruman está trancado na torre; você pode ir para lá e lhe transmitir todas as mensagens que conseguir imaginar.”

— “Deixe-me ir, deixe-me ir!”, disse Língua de Cobra. “Eu sei o caminho.”

— “Você sabia o caminho, não duvido”, disse Barbárvore. “Mas as coisas mudaram um pouco por aqui. Vá e veja com seus próprios olhos!”

— Barbárvore permitiu a passagem de Língua de Cobra, e ele se foi mancando através do arco, seguido de perto por nós, até que atingiu o círculo e pôde ver toda a água que estava entre ele e Orthanc. Então voltou-se para nós.

— “Deixem-me ir embora”, choramingou ele. “Deixem-me ir embora! Minhas mensagens são inúteis agora.”

— “De fato são”, disse Barbárvore. “E você só tem duas escolhas: ficar comigo até que Gandalf e seu mestre cheguem, ou atravessar a água. O que você escolhe?”

— O homem tremeu à menção do nome de seu mestre e colocou um pé n a água;

mas recuou. “Não sei nadar”, disse ele.

— “Não é fundo”, disse Barbárvore. “A água está suja, mas isso não vai lhe fazer mal, Mestre Língua de Cobra. Entre agora!”

— Com isso o patife foi aos trambolhões entrando na água, que atingiu a altura de seu pescoço antes de perder-se de vista à distância. A última visão que tive foi dele se agarrando em algum barril velho ou pedaço de madeira. Mas Barbárvore foi andando na água atrás dele, vigiando seu avanço.

— “Bem, ele entrou lá”, disse o ent ao retornar . “Vi-o se arrastando escada acima como um rato emporcalhado. Ainda há alguém na torre: uma mão apareceu e o puxou para dentro. Então ele está lá, e espero que a recepção seja a seu gosto. Agora preciso ir e me lavar desse lodo. Estarei lá em cima, na encosta norte, se alguém quiser me ver. Aqui embaixo não há água limpa, adequada para um ent beber, ou para se lavar. Então vou pedir a vocês dois, rapazes, que fiquem de olho no portão à espera das pessoas que estão chegando. Quem vem vindo é o Senhor dos Campos de Rohan, vejam bem! Devem recebê-lo da melhor maneira possível: seus homens travaram uma grande luta com os

orcs. Talvez vocês conheçam melhor que os ents a maneira correta nas palavras dos homens para um senhor dessa importância. Houve muitos senhores nos campos verdes na minha época, e nunca aprendi suas falas e seus nomes. Eles vão querer comida humana, e vocês sabem tudo sobre isso, julgo eu. Então achem algo adequado para um rei comer, se puderem." E este é o fim da história. Mas eu gostaria de saber quem é esse Língua de Cobra. Ele era mesmo o conselheiro do rei?

— Era — disse Aragorn -; e ao mesmo tempo um espião e servidor de Saruman em Rohan. A sorte não lhe foi mais gentil do que ele merecia. A visão das ruínas de tudo o que ele considerava tão forte e magnífico deve ter sido uma punição quase suficiente. Mas receio que coisas piores lhe estão reservadas.

— É sim. Não acho que Barbárvore o mandou para Orthanc por gentileza — disse Merry. — Ele parecia sinistramente satisfeito com a coisa toda, e estava rindo para si mesmo quando foi tomar seu banho e beber algo, Ficamos muito ocupados depois disso, vasculhando os escombros e vistoriando tudo. Encontramos duas ou três despensas em lugares diferentes aqui perto, acima do nível da água. Mas Barbárvore mandou uns ents aqui para baixo, e eles carregaram uma boa parte do material.

— "Queremos comida humana para vinte e cinco pessoas", disseram os ents. Então vocês podem ver que alguém contou cuidadosamente o número de sua comitiva antes que chegassem. Evidentemente a intenção era que vocês três fossem com os grandes. Mas não teriam passado melhor. Enviamos a mesma coisa que guardamos aqui, eu juro. Melhor aqui, porque nós não mandamos bebida.

— "E bebida?", eu perguntei aos ents.

— "Temos a água do Isen", disseram-me eles, "e isso é bom o bastante para os ents e para os homens." Mas espero que os ents tenham tido tempo de preparar um pouco de suas próprias bebidas com a água das nascentes das montanhas, e então poderemos ver a barba de Gandalf se enrolando toda quando ele voltar. Depois que os ents se foram, ficamos cansados e famintos. Mas não podemos reclamar. Nosso trabalho foi bem recompensado. Foi em meio à nossa busca por comida humana que Pippin descobriu a

jóia de todo o escombro, aqueles barris do Vale Comprido. "Erva-de-fumo é melhor
depois da comida", disse Pippin; foi assim que tudo aconteceu.
— Agora entendemos tudo perfeitamente — disse Gimli.
— Tudo, menos uma coisa — disse Aragorn -: Folha da Quarta Sul em Isengard.
Quanto mais penso nisso, mais eu acho o fato curioso. Nunca estive em Isengard, mas já
viajei por esta região, e conheço bem as terras desertas que ficam entre Rohan e o

Condado. Nem mercadoria nem pessoas passaram por ali em muitos longos anos, não
abertamente. Acho que Saruman tinha negócios secretos com alguém no Condado.
Podem-se encontrar Línguas de Cobra em várias outras casas além da do Rei Théoden.
Havia uma data nos barris?
— Havia — disse Pippin. — Foi a colheita de 1417, a do ano passado; não, do ano
anterior, é claro: um bom ano.
— Bem, qualquer mal que estivesse à solta está terminado agora, eu espero; ou
então está além de nosso alcance no momento — disse Aragorn.
— Mas acho que vou mencionar o fato a Gandalf, embora pareça um assunto sem
importância em meio às suas grandes questões.
— Fico pensando o que ele estará fazendo — disse Merry. — A tarde está avançando.
Vamos dar uma olhada. De qualquer forma, você pode entrar em Isengard agora se quiser,
Passolargo. Mas a vista não é muito animadora.

CAPÍTULO X
A VOZ DE SARUMAN

Passaram pelo túnel arruinado e pararam sobre um monte de pedras, olhando para
a rocha escura de Orthanc, e para suas muitas janelas, ainda uma ameaça em meio à
desolação que se espalhava ao redor. A água tinha baixado quase por completo. Aqui e ali
restavam algumas poças escuras, cobertas de destroços e escória; porém a maior parte do
amplo círculo estava descoberta de novo, um lugar desolado cheio de limo e pedras
caídas, perfurado por buracos enegrecidos, e salpicado por pilares e postes que pendiam
para um lado ou para o outro feito bêbados. Na borda da vasilha despedaçada jaziam
grandes montes de entulho, como o cascalho juntado por uma grande tempestade; além
deles o vale verde e irregular subia o longo precipício por entre os braços escuros das
montanhas. Através da devastação eles viram cavaleiros avançando com cautela; vinham
da encosta norte e já se aproximavam de Orthanc.
— Lá vêm Gandalf, Théoden e seus homens! — disse Legolas. — Vamos encontrá-los!

— Ande com cuidado! — disse Merry. — Há lajes soltas que podem virar e jogá-lo dentro de algum poço, se não for cauteloso!

Seguiram pelo que restava da estrada que vinha dos portões de Orthanc, andando devagar, pois as pedras estavam rachadas e cheias de lodo. Os cavaleiros, ao vê-los se aproximando, pararam sob a sombra da rocha e esperaram. Gandalf avançou para encontrá-los.

— Bem, Barbárvore e eu tivemos umas discussões interessantes, e fizemos alguns planos — disse ele -; e tivemos todos o mais que indispensável descanso. Agora precisamos continuar outra vez. Espero que vocês, companheiros, tenham descansado também, e recuperado as energias.

— Descansamos sim — disse Merry. — Mas nossas discussões começaram e terminaram em fumaça. Nossa disposição em relação a Saruman está um pouco melhor do que estava.

— É mesmo? — disse Gandalf — Bem, a minha não. Tenho agora uma última tarefa a desempenhar antes de partir: devo fazer uma visita de despedida a Saruman. Perigosa, e provavelmente inútil; mas isso precisa ser feito. Aqueles dentre vocês que quiserem

podem me acompanhar — mas cuidado! E não façam gracejos! Agora não é hora para isso.

— Eu vou — disse Gimli. — Quero vê-lo para saber se ele realmente se parece com você.

— E como você vai saber isso, Mestre Anão? — disse Gandalf — Saruman poderia se parecer comigo aos seus olhos, se isso se adequasse aos propósitos dele em relação a você. E será que você já é sábio o suficiente para detectar todos os disfarces dele? Bem, talvez, vamos ver. Pode ser que ele se sinta acanhado em se expor diante de muitos olhos diferentes ao mesmo tempo. Mas ordenei a todos os ents que desaparecessem de vista, então talvez consigamos convencê-lo a aparecer.

— Qual é o perigo? — perguntou Pippin. — Ele vai atirar em nós, ou despejar fogo pelas janelas? Ou vai nos lançar um feitiço à distância?

— A última coisa é a mais provável, se você se dirigir à porta dele com o coração desprevenido — disse Gandalf — Mas não há como saber o que ele fará, ou o que decidirá tentar. Não é seguro se aproximar de um animal selvagem acuado. E Saruman tem poderes que você nem imagina. Tomem cuidado com a voz dele! Agora estavam ao pé de

Orthanc. Era uma torre negra, e a rocha brilhava como se estivesse molhada. As muitas
facetas da pedra tinham arestas perfeitas, como se tivessem sido recentemente cinzeladas.
Algumas estrias e pequenas lascas acumuladas junto da base eram as únicas marcas da
fúria dos ents.
No lado oriental, no ângulo formado por duas facetas, havia uma grande porta,
bem acima do solo; e sobre ela via-se uma janela que se abria em folhas sobre uma sacada
cercada por grades de ferro. Conduzindo à soleira da porta subia um lance de vinte e sete
degraus largos, que alguma arte desconhecida esculpira na mesma rocha negra.
Essa era a única entrada para a torre, mas várias janelas altas haviam sido cortadas
em vãos fundos parede acima: lá no alto elas espiavam como pequenos olhos nas faces
íngremes dos chifres.
Ao pé da escada, Gandalf e o rei desmontaram. — Vou subir — disse Gandalf
— Já estive em Orthanc, e conheço o perigo que estou correndo.
— E eu também vou subir — disse o rei. — Estou velho, e já não temo perigo nenhum.
Quero falar com o inimigo que me fez tanto mal. Éomer virá comigo, para cuidar que
meus pés idosos não vacilem.
— Como quiser — disse Gandalf — Aragorn me acompanhará. Que os outros esperem
ao pé da escada, Vão ouvir e ver o suficiente, se houver alguma coisa para ouvir e ver.
— Não! — disse Gimli. — Legolas e eu queremos uma vista mais próxima.
Somos os únicos aqui que representamos nossos povos. Também vamos.
— Então venham! — disse Gandalf Com isso subiu os degraus, com Théoden ao seu
lado.
Os Cavaleiros de Rohan ficaram inquietos em seu s cavalos, dos dois lados da
escada, lançando olhares sombrios para a grande torre, temendo o que poderia acontecer a
seu senhor. Merry e Pippin se sentaram no último degrau, sentindo-se ao mesmo tempo
desimportantes e desprotegidos.
— Meia milha de lama daqui até o portão! — murmurou Pippin. Gostaria de poder me
esgueirar de volta até a casa de guarda sem ser notado! Por que viemos? Não somos
desejados.
Gandalf parou diante da porta de Orthanc e bateu nela com seu cajado. A porta
produziu um som oco. — Saruman, Saruman! — gritou ele, numa voz alta e imperiosa.
— Saruman, apareça!
Por algum tempo não houve qualquer resposta. Finalmente a janela acima da porta
foi destrancada, mas não se via ninguém através da abertura escura.

Quem é? — perguntou uma voz. — O que deseja?

Théoden estremeceu. — Conheço essa voz — disse ele — e amaldiçôo o dia em que dei ouvidos a ela pela primeira vez.

— Vá e traga Saruman, já que você se transformou no lacaio dele, Gríma Língua de Cobra! — disse Gandalf. — E não nos faça esperar!

A janela se fechou. Eles esperaram. De repente, uma outra voz falou, suave e melodiosa, seu próprio som um encantamento. As pessoas que escutavam aquela voz desavisadamente mal conseguiam depois reportar as palavras que tinham ouvido; e quando conseguiam titubeavam, pois pouca força restava nelas. A maior parte do que conseguiam lembrar era o prazer que sentiram ao ouvir a voz falando, e que tudo o que ela dissera parecera sábio e razoável, despertando neles um desejo de, mediante um acordo rápido, parecerem sábios também. Quando outras vozes falavam, pareciam por contraste rudes e grosseiras; e se se opusessem à voz o ódio se acendia no coração dos que estavam sob o efeito do encanto. Para alguns o encanto durava apenas enquanto a voz lhes falava, e quando ela se dirigia aos outros eles sorriam, como os homens fazem quando percebem o truque de um ilusionista diante do qual os outros ficam pasmos. Para muitos, apenas a voz era o suficiente para mantê-los cativos; mas para aqueles que eram seduzidos por ela o encantamento perdurava mesmo quando estava longe, e eles continuavam escutando a voz suave sussurrando e incitando-os. Mas ninguém ficava impassível; ninguém conseguia recusar seus pedidos e seus comandos sem um esforço de mente e de vontade, enquanto seu mestre tivesse controle dela.

— Então? — disse a voz, agora com gentileza. — Por que precisam perturbar meu descanso? Não vão me deixar em paz de modo algum, dia e noite?

— O tom era de um coração gentil machucado por insultos imerecidos.

Eles ergueram os olhos, atônitos, pois não tinham ouvido ninguém se aproximar; e viram uma figura parada perto da grade, olhando para baixo: um velho, vestido num grande manto, cuja cor era difícil de definir, pois mudava se eles mexessem os olhos, ou se ele se movimentasse. O rosto era longo, com uma fronte alta; tinha olhos profundos e escuros, difíceis de penetrar, embora a expressão que agora tinham fosse grave e benevolente, além de um pouco cansada, Os cabelos e a barba eram brancos, mas mechas negras ainda se mostravam na altura dos lábios e das orelhas.

— Parecido, e ao mesmo tempo diferente — murmurou Gimli.

— Vamos lá, agora — disse a voz suave. — Pelo menos dois de vocês eu conheço de nome. A Gandalf conheço bem demais para ter muitas esperanças de que ele procure auxílio ou conselhos aqui. Mas você, Théoden, Senhor da Terra dos Cavaleiros de Rohan, declara-se através de seu nobre brasão, e ainda mais pelo belo semblante da Casa de Eorl..ó, valoroso filho de Thengel, o Triplamente Renomado! Por que não veio antes, e como amigo? Desejava muito vê-lo, poderosíssimo rei das terras do oeste, especialmente nestes últimos dias, para salvá-lo dos conselhos ignorantes e maldosos que o cercam, Já será tarde demais? Apesar dos danos que me foram causados, nos quais os homens de Rohan, infelizmente, têm uma parcela de culpa, eu ainda o salvaria, e o livraria da ruína que se aproxima inevitavelmente, se você prosseguir por esta estrada que ora tomou. Na verdade, só eu posso ajudá-lo agora.

Théoden abriu a boca, como se fosse falar, mas não disse nada. Ergueu os olhos até o rosto de Saruman, que tinha seu olhar escuro e solene inclinado sobre ele, e depois para Gandalf ao seu lado; parecia hesitar; Gandalf não fez sinal algum, mas ficou quieto como uma pedra, como alguém que espera pacientemente algum chamado que ainda não chegou. Os Cavaleiros se agitaram a princípio, murmurando exclamações de aprovação às palavras de Saruman; depois eles também ficaram em silêncio, como se estivessem sob o domínio de um encantamento. Tinham a impressão de que Gandalf nunca tinha dito palavras tão belas e adequadas ao seu senhor. Todas as suas conversas com Théoden pareciam agora rudes e arrogantes. Sobre seus corações pairava uma sombra, o medo de um grande perigo: o fim da Terra dos Cavaleiros numa escuridão para a qual Gandalf os estivera conduzindo, enquanto Saruman estava ao lado de uma porta de saída, segurandoa semi-aberta de modo que um raio de luz entrava. Fez-se um silêncio pesado.

Foi Gimli, o anão, quem o cortou subitamente. — As palavras desse mago estão de cabeça para baixo — rosnou ele, agarrando o cabo do machado. — Na língua de Orthanc, ajuda significa ruína, e salvar significa matar, isto está claro. Mas não viemos aqui para implorar nada.

— Paz! — disse Saruman, e por um momento fugaz sua voz ficou menos suave, e uma luz faiscou em seus olhos para depois desaparecer. — Não estou falando com você ainda, Gimli, filho de Glóin — disse ele. — Sua terra fica longe daqui, e você tem pouco a ver com os problemas desta região. Mas não foi por vontade própria que você foi envolvido neles, então não vou culpá-lo pela parte que desempenhou — corajosa, não duvido. Mas, eu lhe peço, permita-me primeiro falar ao Rei de Rohan, meu vizinho, que já foi meu amigo.

— Que tem a dizer, Rei Théoden? Vai ficar com minha paz e com toda a ajuda que meu conhecimento, fundado em longos anos, pode trazer? Faremos juntos nossos planos contra dias maléficos, e repararemos nossas ofensas com tamanha boa vontade que nossos estados poderão florescer com mais beleza do que nunca?

Théoden ainda não respondeu. Se lutava contra o ódio ou a dúvida ninguém sabia dizer.

Éomer falou.

— Senhor, escute-me! — disse ele. — Agora estamos sentindo o perigo sobre o qual fomos alertados. Será que avançamos para a vitória apenas para no fim pararmos estupefatos diante de um velho mentiroso que tem mel em sua língua bifurcada? É dessa forma que um lobo aprisionado falaria aos cães de caça, se pudesse. Que ajuda pode ele lhe oferecer, na verdade? Tudo o que ele deseja é escapar desta situação. Mas o senhor vai negociar com esse perito em traição e assassinato? Lembre-se de Théodred nos Vaus, e do túmulo de Háma no Abismo de Helm.

— Se estamos falando de línguas envenenadas, que dizer da sua, jovem serpente? — disse Saruman, e o clarão de seu ódio agora ficava visível aos olhos de todos. — Mas então, Éomer, filho de Éomund! — continuou ele com sua voz suave outra vez. — Cada homem com sua função. Seu valor está nas armas, e você goza de muita honra por meio dele. Mate aqueles que seu senhor apontar como inimigos, e fique satisfeito. Não se intrometa nas políticas que não consegue entender. Talvez, se chegar a ser rei, você descubra que um rei deve escolher seus amigos com cautela. A amizade de Saruman e o poder de Orthanc não podem ser descartados sem mais nem menos, não importa quantos

ressentimentos, verdadeiros ou imaginados, possam no fundo existir. Vocês venceram uma batalha e não uma guerra — e, mesmo assim, auxiliados por uma força com a qual não poderão contar outra vez. Pode ser que vocês encontrem a Sombra da Floresta em suas próprias portas em seguida: ela é intratável, insensata e não nutre amor pelos homens.

— Mas, meu senhor de Rohan, devo ser chamado de assassino porque homens valorosos caíram em batalha? Se você vai para a guerra desnecessariamente, pois eu não a desejava, então homens serão mortos. Mas se, baseado nisso, eu sou um assassino então toda a Casa de Eorl está manchada com assassinatos; pois eles lutaram em muitas guerras e atacaram muitos que os desafiaram. Apesar disso, com alguns eles fizeram as pazes depois, pelo menos para serem políticos. Eu digo, Rei Théoden: vamos ter paz e amizade, você e eu? A decisão cabe a nós.

— Vamos ter paz — disse Théoden finalmente, com uma voz inarticulada e fazendo esforço. Vários Cavaleiros gritaram de alegria. Théoden ergueu a mão. — Sim, vamos ter paz — disse ele, agora numa voz clara —, teremos paz quando você e seus feitos tiverem perecido — e os feitos de seu senhor escuro, a quem você nos entregaria. Você é um mentiroso, Saruman; um corruptor dos corações dos homens. Estende-me sua mão, e eu percebo apenas um dedo da garra de Mordor. Cruel e fria! Mesmo que sua guerra contra mim tivesse sido justa — e não foi, pois mesmo que você fosse dez vezes mais sábio não teria o direito de comandar a mim e aos meus para seus próprios lucros como desejava —, mesmo assim, que me diz de suas tochas em Folde Ocidental e das crianças que jazem mortas lá? E eles despedaçaram o corpo de Háma diante dos portões do Forte da Trombeta, depois que ele estava morto. Quando você pender de uma forca em sua própria janela para a diversão de seus próprios corvos, eu ficarei em paz com você e Orthanc. O mesmo vale para a casa de Eorl. Sou um filho menor de grandes antepassados, mas não preciso lamber seus pés. Vire-se em outra direção. Mas receio que sua voz tenha perdido o encanto.

Os Cavaleiros ergueram os olhos para Théoden como homens acordados de um

sonho. A voz de seu senhor soou-lhes nos ouvidos rude como a de um velho corvo, após a
música de Saruman. Mas Saruman se descontrolou por uns momentos, tomado de
ira. Debruçou-se sobre a grade da sacada como se fosse golpear o rei com seu cajado.
Alguns tiveram a impressão súbita de estarem vendo uma serpente se enrolando e
preparando o bote.
— Forcas e corvos! — chiou ele, e eles estremeceram diante da súbita mudança. —
Velho caduco! O que é a casa de Eorl a não ser um estábulo com teto de palha, onde os
bandidos bebem em meio ao mau cheiro, e seus fedelhos rolam pelo chão junto com os
cachorros? Eles mesmos já escaparam da forca por muito tempo. Mas o laço vai se
apertando, lento no início, sufocante e forte no fim. Enforque-se se quiser! — Agora sua
voz mudava, conforme lentamente ele ia se controlando. — Não sei por que tenho
paciência de conversar com você. Pois não preciso de você, nem de seu pequeno bando de
galopeiros, que avançam com a mesma velocidade com que fogem, Théoden, Senhor dos
Cavalos. Há muito tempo lhe ofereci uma posição acima de seu mérito e de sua sabedoria.
Acabo de oferecê-la de novo, de modo que aqueles a quem você desencaminha possam
ver claramente a escolha da estrada. Você me oferece fanfarronadas e abuso. Que assim
seja. Voltem para suas cabanas!
— Mas você, Gandalf. Pelo menos por você eu lamento, e me solidarizo com sua
vergonha. Como é possível agüentar uma companhia dessas? Pois você é orgulhoso,
Gandalf — e não sem motivo, pois tem uma mente privilegiada e olhos que enxergam
longe e fundo. Mesmo agora você se recusa a escutar meus conselhos?
Gandalf estremeceu e levantou os olhos. — O que você tem a dizer que não foi dito
em nosso último encontro? — perguntou ele. — Ou talvez você tenha coisas para desdizer.
Saruman fez uma pausa. — Desdizer? — meditou ele, como se estivesse intrigado. —
Desdizer? Fiz um esforço para aconselhá-lo para seu próprio bem, mas você mal ouviu o
que eu disse. É orgulhoso e não gosta de conselhos, tendo na verdade um estoque de sua
boa sabedoria. Mas naquela ocasião você errou, eu acho, obstinadamente fazendo mau
juízo de minhas intenções. Temo que na minha ansiedade em persuadi-lo eu tenha perdido
a calma. E de fato me arrependo disso. Pois não tinha más intenções em relação a você;

mesmo agora elas não existem, embora você retorne a mim em companhia dos violentos e dos ignorantes. Por que eu deveria? Então não somos ambos membros de uma ordem nobre e antiga e muito excelente da Terra-média? Nossa amizade seria benéfica a nós dois

da mesma forma. Ainda poderíamos realizar muitas coisas juntos, para curar as desordens do mundo. Deixe que entendamos um ao outro, e nos livremos do pensamento de pessoas menores! Que eles aguardem nossas decisões! Para o bem de todos, estou disposto a corrigir o que já passou e recebê-lo. Está disposto a conversar comigo? Está disposto a subir?

Tão grande foi o poder que Saruman exerceu em seu último esforço que nenhum dos ouvintes permaneceu impassível. Mas agora o encanto era inteiramente diferente.

Eles ouviram o protesto educado de um rei gentil que tinha um ministro equivocado, mas muito amado. Mas estavam trancados fora, escutando através da porta palavras que não se destinavam a eles: crianças malcriadas ou servidores estúpidos que por acaso ouvem o discurso impalpável dos mais velhos, imaginando como ele os afetaria.

Aqueles dois eram feitos de matéria mais nobre: eram veneráveis e sábios.

Era inevitável que fizessem uma aliança. Gandalf subiria até a torre para discutir questões profundas, além da compreensão dos outros, nos altos cômodos de Orthanc.

A porta se fecharia, e eles seriam deixados fora, dispensados para aguardarem que algum trabalho ou punição lhes fosse designado. Até mesmo na mente de Théoden o pensamento tomou forma, como uma sombra de dúvida: “Ele vai nos trair; vai subir – estaremos perdidos.”

Então Gandalf soltou uma gargalhada. A fantasia se desvaneceu como uma baforada de fumaça.

— Saruman, Saruman! — disse Gandalf ainda rindo. — Saruman, você perdeu seu rumo na vida. Deveria ter sido o bobo do rei para ganhar seu Pão, e chicotadas também, arremedando seus conselheiros. Ai de mim! — interrompeu-se ele, dominando a própria hilaridade. — Entendermo-nos um ao outro? Temo estar além de sua compreensão. Mas você, Saruman, eu entendo bem demais! Lembro-me mais claramente de seus argumentos e feitos do que você supõe. Quando o visitei pela última vez, você era o carcereiro de

Mordor, e para lá eu deveria ser mandado. Não, o hóspede que escapou pelo telhado pensará duas vezes antes de retornar pela porta. Não, acho que não vou subir. Mas escute, Saruman, pela última vez! Não está disposto a descer? Isengard acabou se mostrando menos forte do que sua esperança e sua imaginação a fizeram. O mesmo pode acontecer a outras coisas nas quais você ainda confia. Não seria bom deixá-la por um tempo? Recorrer a coisas novas, talvez? Pense bem, Saruman! Não está disposto a descer? Uma sombra passou pelo rosto de Saruman, que em seguida ficou pálido como um cadáver. Antes que ele pudesse disfarçar, todos viram atrás da máscara a angústia mental causada pela dúvida: ao mesmo tempo odiava ficar e temia deixar seu refúgio. Por um segundo ele hesitou, e ninguém respirava. Depois falou, e sua voz estava esganiçada e fria. O orgulho e o ódio o estavam conquistando.

— Se eu vou descer? — zombou ele. — É comum que um homem desarmado desça para falar com ladrões do lado de fora? Posso ouvi-lo muito bem daqui. Não sou nenhum tolo, e não confio em você, Gandalf. Eles não estão à vista na minha escada, mas eu sei onde os selvagens demônios da floresta estão à espreita, sob seu comando.

— Os traiçoeiros estão sempre desconfiados — respondeu Gandalf com uma voz cansada. — Mas você não deve temer por sua pele. Não desejo matá-lo, ou machucá-lo, como bem sabe, se realmente me entende. E tenho o poder de protegê-lo. Estou lhe dando uma última oportunidade. Pode deixar Orthanc, livre-se quiser.

— Isso soa bem — retrucou Saruman. — Bem à maneira de Gandalf, o Cinzento: tão condescendente, tão gentil. Não duvido que você acharia Orthanc confortável, e minha partida conveniente. Mas por que eu desejaria partir? E o que está querendo dizer com “livre”? Existem condições, eu presumo.

— Razões para partir você pode ver de suas janelas — respondeu Gandalf. — Outras ocorrerão à sua mente. Seus servidores estão destruídos e dispersos, seus vizinhos foram por você transformados em seus inimigos; e você enganou seu novo mestre, ou pelo menos tentou. Quando o olho de le se virar para cá, será o olho vermelho da ira. Mas,

quando eu digo “livre”, quero dizer “livre”: livre de prisão, ou corrente ou comando: para ir para onde quiser, até, até para Mordor, Saruman, se você desejar. Mas primeiro deverá me entregar a Chave de Orthanc e seu cajado. Serão garantias de sua conduta, para serem devolvidos mais tarde, se os merecer.

O rosto de Saruman ficou lívido, contorcido pela raiva, e uma luz vermelha se acendeu em seus olhos. Ele riu alucinado. — Mais tarde! — gritou ele, e sua voz se ergueu num grito. — Mais tarde! Sim, quando você também tiver as próprias Chaves de Barad-dûr, suponho eu; e as corôas de sete reis, e os cajados dos Cinco Magos, e tiver comprado para si um par de botas muito maiores do que estas que você está usando agora. Um plano modesto. Um plano em que meu auxílio quase não será necessário! Tenho outras coisas para fazer. Não seja tolo! Se quiser fazer um acordo comigo, enquanto tem a oportunidade, vá embora, e volte quando estiver sóbrio! E deixe em paz esses assassinos e essa pequena gentalha que se pendura em sua cauda! Passe um bom dia! — Virou-se e deixou a sacada.

— Volte, Saruman! — disse Gandalf numa voz imperiosa. Para a surpresa dos outros, Saruman se virou outra vez, e como se estivesse sendo arrastado contra a própria vontade voltou lentamente até a grade de ferro, debruçando-se sobre ela, respirando com dificuldade. Seu rosto estava contorcido e enrugado. A mão segurava o pesado cajado negro como uma garra.

— Não lhe dei permissão para sair — disse Gandalf numa voz firme. Ainda não terminei. Você se transformou num tolo, Saruman, e apesar disso causa pena. Poderia ainda ter desviado da loucura e do mal, e ter sido útil. Mas você escolhe ficar e ruminar as pontas de suas antigas tramas. Então fique! Mas eu o aviso, você não vai sair com facilidade outra vez. Não, a menos que as mãos escuras do leste se estendam para apanhálo.

Saruman! — gritou ele, e sua voz cresceu em poder e autoridade.

— Olhe! Não sou Gandalf, o Cinzento, que você traiu . Sou Gandalf, o Branco, que retornou da morte. Agora você não tem cor alguma e eu o expulso da ordem e do Conselho.

Ergueu a mão e falou lentamente, numa voz límpida e fria. — Saruman, seu cajado está quebrado. — Houve um estalido, o cajado se partiu em pedaços, e sua parte superior caiu aos pés de Gandalf — Vá! — disse Gandalf Com um grito. Saruman caiu para trás e foi

embora se arrastando. Nesse momento, um objeto pesado e brilhante foi arremessado lá
de cima. Bateu contra a grade de ferro, no instante e m que Saruman se afastou dela e,
passando perto da cabeça de Gandalf, chocou-se contra a escada sob seus pés. A grade
tiniu e se rompeu. A escada se trincou lançando estilhaços em faíscas brilhantes. Mas a
bola não sofreu nenhum dano: rolou escada abaixo, um globo de cristal, escuro, mas
reluzindo com um coração de fogo. No momento em que foi rolando em direção a uma
poça, Pippin correu atrás dele e o apanhou.
— Tratante assassino! — exclamou Éomer. Mas Gandalf ficou impassível. — Não, isso
não foi jogado por Saruman — disse ele -; nem mesmo por sua ordem, eu acho. Veio de
uma janela bem mais acima. Um tiro de despedida do Mestre Língua de Cobra, imagino
eu, mas a pontaria dele é ruim.
— A pontaria foi ruim, talvez porque ele não conseguia se decidir sobre qual dos
dois ele odiava mais, Saruman ou você — disse Aragorn.
— Pode ser — disse Gandalf — Aqueles dois têm pouco consolo na companhia um do

outro: vão se estraçalhar com palavras. Mas a punição é justa. Se Língua de Cobra algum
dia conseguir sair de Orthanc vivo, isso já será mais do que ele merece.
— Aqui, meu rapaz, vou ficar com isso. Não pedi que você o pegasse — gritou ele,
voltando-se de repente e vendo Pippin subindo os degraus, devagar, como se estivesse
carregando um grande peso. Gandalf desceu para encontrá-lo e mais do que depressa
tomou o globo escuro das mãos do hobbit, embrulhando-o nas dobras de sua capa.
— Vou cuidar disto — disse ele. — Não é algo, acredito eu, que Saruman escolheria
para jogar fora.
— Mas ele pode ter outras coisas para jogar — disse Gimli. — Se este é o fim do
debate, vamos pelo menos sair do alcance de qualquer coisa que possa ser lançada de lá
de cima!
— É o fim — disse Gandalf — Vamos.
Viraram as costas para as portas de Orthanc, e desceram . Os cavaleiros aclamaram
o rei com alegria, e felicitaram Gandalf. O encanto de Saruman estava quebrado: tinhamno
visto aparecer ao ser chamado, e ir embora se arrastando, dispensado.
— Bem, já está feito — disse Gandalf. — Agora preciso encontrar Barbárvore e lhe

contar como foram as coisas.

— Certamente ele já adivinhou — disse Merry. — Havia alguma probabilidade de isso terminar de alguma outra maneira?

— Probabilidade não havia — respondeu Gandalf —, embora a situação tenha estado por um fio. Mas eu tinha razões para tentar; algumas clementes, outras nem tanto. Primeiro, Saruman viu que o poder de sua voz estava diminuindo. Ele não pode ao mesmo tempo ser um tirano e um conselheiro. Quando o plano está maduro, deixa de ser segredo. Mas ele caiu na armadilha, e tentou lidar com suas vítimas uma a uma, enquanto as outras escutavam. Então dei a ele uma última escolha, uma escolha justa: renunciar tanto a Mordor quanto a seus planos particulares, e consertar a situação ajudando-nos em nossas necessidades. Ele sabe quais são elas, ninguém sabe melhor. Poderia ter prestado grandes serviços. Mas ele escolheu recusá-los e manter o poder de Orthanc. Ele não está disposto a servir, apenas a comandar. Agora vive aterrorizado pela sombra de Mordor, e apesar disso ainda sonha em controlar a tempestade. Tolo infeliz! Será devorado, se o poder do leste estender seus braços até Isengard. Não podemos destruir Orthanc de fora, mas Sauron — quem sabe o que ele pode fazer?

— E se Sauron não vencer? O que você fará com ele? — perguntou Pippin.

— Eu: Nada! — disse Gandalf — Não lhe farei nada. Não quero dominar as coisas. O que acontecerá com ele? Não sei dizer. Lamento que tanta coisa que foi boa agora apodreça na torre. Mesmo assim, as coisas não saíram mal para nós. Estranhos são os caminhos da sorte! Com grande freqüência o ódio fere a si mesmo! Suponho que, mesmo que tivéssemos entrado, teríamos encontrado poucos tesouros em Orthanc mais preciosos que a coisa que Língua de Cobra atirou contra nós.

Um grito agudo, subitamente interrompido, veio de uma janela aberta lá em cima.

— Parece que Saruman pensa da mesma forma — disse Gandalf. Vamos deixá—los!

Voltaram-se então para as ruínas dos portões. Mal tinham passado sob o arco quando, das sombras das pedras empilhadas onde tinham ficado, Barbárvore e outros doze ents vieram subindo a largas passadas. Aragorn, Gimli e Legolas olharam surpresos para eles.

— Aqui estão três de meus companheiros, Barbárvore — disse Gandalf. Já lhe falei deles, mas você não os tinha visto. — Disse o nome deles um a um.

O velho ent olhou para eles longa e curiosamente, e falou com cada um individualmente. Por fim voltou-se para Legolas.

— Então você veio de lá da Floresta das Trevas até aqui, meu bom elfo? Antigamente costumava ser uma grande floresta!

— E ainda é — disse Legolas. — Mas não tão grande que possa fazer com que nós, que vivemos nela, fiquemos cansados de ver novas árvores. Eu realmente adoraria viajar pela Floresta de Fangorn. Mal atravessei as bordas dela, e não senti desejo algum de lhe dar as costas.

Os olhos de Barbárvore brilharam de satisfação. — Espero que consiga realizar seu desejo, antes que as colinas envelheçam muito — disse ele.

— Irei até lá, se tiver a sorte — disse Legolas. — Combinei com meu amigo que, se tudo correr bem, vamos primeiro visitar Fangorn juntos — se tivermos a sua permissão. —

Qualquer elfo que vier com você será bem-vindo — disse Barbárvore.

— O amigo de que falo não é um elfo — disse Legolas. — Refiro-me a Gimli, o filho de Glóin, aqui ao meu lado. — Gimli fez uma grande reverência, e o machado escorregou de seu cinto e bateu contra o chão.

— Hum, hun! Espere um pouco — disse Barbárvore, lançando ao anão um Olhar sombrio. — Um anão é portador de um machado! Hum! Tenho boa vontade com os elfos, mas você está pedindo muito. Essa é uma estranha amizade!

— Pode parecer estranha — disse Legolas -; mas enquanto Gimli viver não entrarei em Fangorn sozinho. O machado dele não é para as árvores, mas para pescoços de orcs, ó Fangorn, Mestre da Floresta de Fangorn. Ele matou quarenta e dois na batalha.

— Hum, espere um pouco! — disse Barbárvore. — Essa história está melhor! Bem, bem, as coisas transcorrerão como devem; e não há necessidade de nos apressarmos ao encontro delas. Mas agora precisamos nos separar por um tempo. O dia está chegando ao fim, e apesar disso Gandalf diz que vocês devem partir antes do cair da noite, e que o Senhor da Terra dos Cavaleiros está ansioso para voltar para casa.

— Sim, precisamos ir, e ir agora — disse Gandalf — Receio que devo lhe tomar as sentinelas do portão. Mas você pode passar bem sem elas.

— Talvez eu possa — disse Barbárvore. — Mas vou sentir falta deles. Ficamos amigos em tão pouco tempo que até acho que devo estar ficando apressado — voltando à

juventude, talvez. Mas, também, eles são a primeira coisa nova que vi sob sol ou lua em
muitos longos, longos dias. Não os esquecerei. Coloquei os nomes deles na Longa Lista.
Os ents vão se lembrar.

Ents da terra, da idade dos montes,
bebedores de água, grandes andantes;
famintos quais lobos, os hobbits crianças,
essa gente-que-ri, o povo menor.

— Permanecerão nossos amigos enquanto as folhas se renovarem. Passem bem! Mas
se tiverem notícias em sua bela terra, no Condado, mandem-me uma mensagem! Sabem o
que quero dizer: palavra ou sinal das entesposas. Venham vocês mesmos, se puderem!

— Viremos! — disseram Merry e Pippin juntos, e viraram-se apressadamente.

Barbárvore olhou para eles e ficou em silêncio por um tempo, balançando a cabeça pensativamente.
Depois voltou-se para Gandalf.

— Então Saruman não quis sair? — disse ele. — Não achava que iria. O coração dele
está apodrecido como o de um huorn negro. Mesmo assim, se eu tivesse sido vencido, e
todas as minhas árvores estivessem destruídas, eu não viria enquanto tivesse um buraco
escuro para me esconder.

— É — disse Gandalf. — Mas você não planejou cobrir todo o mundo com suas

árvores e sufocar todos os outros seres vivos. Mas é isso, Saruman fica para nutrir seu
ódio e tecer outra vez as teias que sabe tecer. Ele tem a Chave de Orthanc. Mas não se
deve permitir que ele escape.

— Certamente não! Os ents vão cuidar disso — disse Barbárvore. — Saruman não
colocará um pé além da rocha sem minha permissão. Os ents vão vigiá-lo.

— Muito bom! — disse Gandalf — Era isso que eu esperava. Agora posso ir e me
dedicar a outros assuntos com uma preocupação a menos. Mas vocês devem ser
cautelosos. As águas baixaram. Receio que não será suficiente colocar sentinelas em toda
a volta da torre. Não duvido que houvesse caminhos profundos cavados embaixo de
Orthanc, e que Saruman tenha a esperança de entrar e sair sem ser visto, em breve. Se
vocês estão dispostos a desempenhar a tarefa, peço-lhes que derramem as águas de novo;
e que façam isso até que Isengard se transforme num lago perene, ou até que vocês
descubram as saídas. Enquanto todas as passagens subterrâneas estiverem alagadas e as
saídas bloqueadas, Saruman deverá ficar lá em cima e olhar pelas janelas.

— Deixe isso por conta dos ents! — disse Barbárvore. — Vamos vasculhar o vale de
cima a baixo e espiar embaixo de cada cascalho. As árvores estão voltando para viver
aqui, árvores velhas, selvagens. Daremos a elas o nome de Floresta Vigia. Nenhum
esquilo circulará por aqui sem que eu fique sabendo. Deixe isso por conta dos ents! Até
que passem sete vezes os anos durante os quais ele nos atormentou, os ents não se
cansarão de vigiá-lo.

CAPÍTULO XI

O "PALANTÍR"

O sol afundava atrás do longo braço ocidental das montanhas quando Gandalf com
seus companheiros, e o rei com seus Cavaleiros, partiram de Isengard. Gandalf levou
Merry na garupa do cavalo, e Aragorn levou Pippin. Dois dos homens do rei foram na
frente, cavalgando rápido, e logo sumiram de vista dentro do vale. Os outros foram
seguindo num passo tranqüilo.

Os ents, numa fila solene, ficaram como estátuas junto ao portão, com os longos
braços erguidos, mas sem fazer qualquer ruído. Merry e Pippin olharam para trás, quando
já tinham descido um bom trecho da estrada sinuosa. O sol ainda brilhava no céu, mas
sombras compridas alcançavam Isengard: ruínas cinzentas caindo na escuridão.

Agora Barbárvore estava sozinho ali, como o tronco distante de uma velha árvore:
os hobbits pensaram em seu primeiro encontro com ele, sobre o patamar ensolarado lá
longe, nas fronteiras de Fangorn.

Chegaram ao pilar da Mão Branca. Ainda estava de pé, mas a mão esculpida tinha
sido derrubada e desfeita em pedaços. Bem no meio da estrada jazia o longo dedo
indicador, branco no crepúsculo, sua unha vermelha enegrecendo.

— Os ents prestam atenção a todos os detalhes! — disse Gandalf.

Continuaram cavalgando, e o anoitecer se aprofundou no vale.

— Vamos cavalgar muito esta noite, Gandalf? — perguntou Merry depois de um
tempo. — Não sei como você se sente com essa gentalha pendurada atrás de você, mas a
gentalha está cansada e ficaria feliz em parar de se pendurar e se deitar.

— Então você ouviu aquilo? — disse Gandalf — Não se ressinta! Fique agradecido por

não ter tido palavras mais longas endereçadas a você. Ele estava com os olhos em você.
Se for algum consolo para seu orgulho, eu diria que, no momento, você e Pippin estão
mais nos pensamentos dele do que todos nós. Quem são, como chegaram até lá e por quê;
o que sabem, se vocês foram capturados e, em caso positivo, como escaparam enquanto

todos os orcs pereceram — é com esses pequenos enigmas que a grande mente de Saruman está preocupada. Uma zombaria vinda de Saruman, Meriadoc, é um elogio, se você se sente honrado com a preocupação dele.

— Obrigado! — disse Merry. — Mas é uma honra maior pendurar-me em sua cauda, Gandalf Pelo menos por uma coisa: nessa posição se tem a oportunidade de fazer uma pergunta pela segunda vez. Vamos cavalgar muito esta noite?

Gandalf riu. — Um hobbit insaciável! Todos os magos deveriam ter um ou dois hobbits aos seus cuidados — para ensinar-lhes o significado dessa palavra e para corrigilos. Peço desculpas. Mas já pensei até nessas questões menores. Vamos cavalgar por algumas horas, com calma, até chegarmos ao fim do vale. Amanhã deveremos cavalgar mais rápido.

— Quando viemos, nossa idéia era voltar direto de Isengard para a casa do rei em Edoras através das colinas, uma cavalgada de alguns dias. Mas pensamos melhor e mudamos o plano. Mensageiros já foram na frente para o Vale do Abismo, para avisar que o rei está retornando amanhã. De lá ele partirá com muitos homens para o Templo da Colina, por trilhas que cortam as montanhas. De agora em diante não mais que dois ou três deverão ir abertamente pelos campos, de dia ou de noite, e só quando necessário.

— Com você é tudo ou nada! — disse Merry. — Receio que eu não estivesse pensando em nada além da cama de hoje à noite. Onde ficam e o que são o Abismo de Helm e todo o resto? Não sei nada sobre esta região.

— Então é melhor que aprenda alguma coisa, se desejar entender o que está acontecendo. Mas não agora, e não por meu intermédio: tenho muitas coisas urgentes em que pensar.

— Tudo bem, vou tentar com Passolargo ao lado da fogueira do acampamento: ele é menos impaciente. Mas por que todo esse segredo? Pensei que tivéssemos vencido a batalha!

— Sim, vencemos, mas foi apenas a primeira vitória, e isso em si aumenta nosso perigo. Havia algum vínculo entre Isengard e Mordor que eu ainda não descobri. Como trocavam notícias não sei ao certo; mas eles trocavam. O Olho de Barad-dûr estará olhando impacientemente na direção do Vale do Mago, eu acho; e na direção de Rohan. Quanto menos vir, melhor será.

A estrada seguia lentamente, descendo o vale com muitas curvas. Algumas vezes

mais distante, outras mais próximo, corria o Isen em seu leito de pedras. A noite desceu
das montanhas. Toda a névoa tinha-se dissipado. Um vento gelado soprava.
A lua, agora quase cheia, enchia o céu do leste com um reflexo pálido e frio. As
saliências das montanhas à direita deles desciam até colinas nuas. A vasta planície se
abria cinzenta diante deles.
Finalmente pararam. Depois mudaram de direção, abandonando a estrada e
passando outra vez à macia turfa da região montanhosa. Indo uma ou duas milhas para o
oeste, atingiram um valezinho. Abria-se em direção ao sul, apoiando-se na encosta do
redondo Dol Baran, o último dos montes da cordilheira do norte, que tinha os pés verdes e
o topo coberto por urzes. As encostas do vale estavam emaranhadas com a samambaia do
ano anterior, no meio da qual os brotos encaracolados da primavera começavam a sair por
sobre a terra de cheiro suave. Espinheiros cresciam espessos sobre os barrancos baixos, e

sob eles o grupo montou acampamento, cerca de duas horas antes da meia-noite.
Acenderam uma fogueira numa concavidade, em meio às raízes de um espinheiro que se
alastrava, alto como uma árvore, retorcido pelos anos, mas robusto em todos os seus
galhos.
Brotos cresciam nas extremidades de cada ramo.
Foram designados vigias, dois para cada turno. Os outros, depois que tinham
comido, embrulharam-se em capa e cobertor e dormiram. Os hobbits se deitaram num
canto sozinhos, sobre um monte de samambaia velha. Merry estava com sono, mas Pippin
agora parecia curiosamente inquieto. A samambaia estalava e farfalhava conforme ele se
virava de um lado para o outro.
— Qual é o problema? — perguntou Merry. — Está deitado num formigueiro?
— Não — disse Pippin —, mas não me sinto confortável. Fico pensando quanto tempo
faz que não durmo numa cama.
Merry bocejou. — Descubra contando nos dedos! — disse ele. — Mas você deve saber
quanto tempo faz que partimos de Lórien.
— Ah, aquilo... — disse Pippin. — Estou dizendo uma cama de verdade, num quarto.
— Bem, então Valfenda — disse Merry. — Mas esta noite eu poderia dormir em
qualquer lugar.
— Você teve sorte, Merry — disse Pippin baixinho, depois de uma longa pausa. —
Você estava na garupa de Gandalf.

— E, e daí?

— Conseguiu alguma notícia, alguma informação dele?

— Sim, bastante. Mais que o usual. Mas você escutou tudo ou a maior parte; estava perto e nós não estávamos falando nenhum segredo. Mas pode ir com ele amanhã, se acha que vai conseguir arrancar mais coisas dele — e se ele o aceitar.

— Posso? Muito bom! Mas ele está fechado, não está? Não mudou nada.

— Ah, mudou sim! — disse Merry, despertando um pouco de seu sono, e começando a imaginar o que estaria incomodando seu companheiro. Ele cresceu, ou algo assim. Pode ser ao mesmo tempo mais gentil e mais aterrador, mais alegre e mais solene do que antes, eu acho. Ele mudou, mas ainda não tivemos a oportunidade de ver o quanto. Mas pense na última parte daquela conversa com Saruman! Lembre-se de que Saruman já foi um superior de Gandalf. Presidente do Conselho, não importa o que isso seja exatamente. Ele era Saruman, o Branco. Gandalf é o Branco agora. Saruman voltou quando recebeu ordens, e seu cajado foi tomado; depois Gandalf lhe disse para ir, e ele simplesmente foi!

— Bem, se Gandalf mudou, então está mais reservado do que nunca, e isso é tudo — argumentou Pippin. — Aquela... bola de vidro, também. Ele pareceu muito satisfeito com ela. Sabe ou supõe algo sobre ela. Mas ele nos conta o que é? Não, nem uma palavra. Mas fui eu quem a apanhou e a impediu de rolar para dentro de uma poça. Aqui, vou ficar com isso, meu rapaz — e isso é tudo o que ele disse. Fico pensando no que seria aquilo. Era tão pesada. — A voz de Pippin ficou muito baixa, como se ele estivesse conversando consigo mesmo.

— Ei! — disse Merry. — Então é isso que o está incomodando? Agora, Pippin, meu rapaz, não se esqueça do conselho de Gildor — aquele que Sam costumava repetir: Não se intrometa nas coisas dos Magos, pois eles são sutis e se enfurecem com facilidade.

— Mas toda a nossa vida por meses tem sido uma longa intromissão nas coisas dos Magos — disse Pippin. — Eu gostaria de um pouco de informação, além do perigo. Gostaria de dar uma olhada naquela bola.

— Durma! — disse Merry. — Vai conseguir informação suficiente, mais cedo ou mais

tarde. Meu caro Pippin, nenhum Túk jamais conseguiu superar um Brandebuque em questões de curiosidade. Mas eu lhe pergunto,isso são horas?

— Está certo! Qual é o problema em eu dizer que gostaria de dar um a olhada naquela pedra? Sei que não posso tê-la, com o velho Gandalf sentado em cima dela, como uma galinha chocando um ovo. Mas não ajuda muito não ouvir de você nada além de um você-não-pode-tê-la-então-durma!

— Bem, que mais eu poderia dizer? — perguntou Merry. — Sinto muito Pippin, mas você realmente vai ter de esperar até amanhã. Ficarei tão curioso quanto você desejar depois do desjejum, e vou ajudar de todas as maneiras que puder no engabela-mago. Mas não consigo mais ficar acordado. Se bocejar um pouco mais, meu rosto vai rachar de orelha a orelha. Boa noite!

Pippin não disse mais nada. Agora estava quieto, mas o sono continuava distante, e não o encorajava o som da respiração suave de Merry, que adormecera alguns minutos depois de ter dito boa noite. O pensamento do globo negro parecia ficar mais forte enquanto tudo ao redor foi ficando em silêncio. Pippin sentia de novo o peso dele em suas mãos, e via outra vez as misteriosas profundezas negras dentro das quais ele tinha olhado por um momento. Agita do, virou-se para o outro lado, tentando pensar em alguma outra coisa.

Finalmente não pôde agüentar mais, Levantou-se e olhou ao redor. Estava frio, e ele se embrulhou em sua capa. A lua brilhava branca e fria no fundo do vale, e as sombras dos arbustos eram negras. Por toda a volta se deitavam figuras adormecidas, Os dois guardas não estavam à vista: estavam em cima da colina, talvez, ou escondidos pela samambaia. Movido por algum impulso que não compreendia, Pippin caminhou suavemente até onde Gandalf estava deitado.

Olhou para ele. O mago parecia estar dormindo, mas as pálpebras não estavam completamente fechadas: havia um brilho de olhos sob os longos cílios, Pippin recuou depressa. Mas Gandalf não fez qualquer sinal; atraído para a frente mais uma vez, meio contra sua vontade, o hobbit se arrastou de novo por trás da cabeça do mago. Ele estava enrolado num cobertor, com a capa estendida por cima; bem perto dele, entre seu flanco

direito e seu braço dobrado, havia uma elevação, algo redondo embrulhado num pano
escuro; parecia que a mão de Gandalf tinha escorregado dela e caído ao chão.
Mal conseguindo respirar, Pippin chegou mais perto, passo a passo.
Finalmente se ajoelhou. Então estendeu as mãos sorrateiramente, e levantou o
embrulho devagar: não parecia tão pesado quanto ele esperara. "Apenas algum pacote de
ninharias, talvez, afinal de contas", pensou ele, com uma estranha sensação de alívio, mas
não colocou o pacote de volta no lugar. Parou um instante segurando-o nas mãos. Então
ocorreu-lhe uma idéia. Afastou-se na ponta dos pés, apanhou uma pedra grande e voltou..
Rapidamente agora retirou o pano, embrulhou a pedra nele e, ajoelhando-se,
colocou-o de volta perto da mão do mago. Então finalmente olhou para a coisa que tinha
descoberto. Ali estava ela: um globo liso de cristal, agora escuro e sem brilho, jazendo a
descoberto diante de seus joelhos. Pippin o ergueu, cobriu-o depressa com a própria capa,
e deu meia volta para retornar à sua cama. Nesse momento, Gandalf se mexeu dormindo,
e murmurou algumas palavras: pareciam ser de uma língua estranha; sua mão tateou e
agarrou a pedra embrulhada; então o mago suspirou e não se mexeu mais.
— Seu tolo imbecil — murmurou Pippin para si mesmo. — Vai se meter numa
encrenca terrível, Ponha isso de volta, rápido! — Mas agora ele percebia que seus joelhos
tremiam, e não ousou se aproximar do mago o suficiente para alcançar o embrulho.
"Nunca vou conseguir colocá-lo de volta agora sem acordar Gandalf ", pensou ele, "não
até que eu esteja um pouco mais calmo. Então posso muito bem dar uma olhada primeiro.
Mas não aqui!" Afastou-se sorrateiramente e sentou— se sobre um montículo verde não

muito distante de sua cama. A lua espiava por sobre a borda do valezinho.
Pippin estava sentado com os joelhos dobrados e a bola entre eles.
Abaixou-se muito sobre ela, como uma criança faminta sobre um prato de comida,
num canto longe dos outros. Colocou de lado a capa e olhou para ela. O ar parecia parado
e tenso ao seu redor. Primeiro o globo estava escuro, completamente negro, com o luar
reluzindo sobre a superfície. Então apareceu um brilho fraco pulsando no centro dele, que
prendia seus olhos, de modo que agora Pippin não conseguia desviar o olhar. Logo todo o
interior parecia estar em chamas; a bola estava girando, ou as luzes lá dentro estavam

virando.
De repente se apagaram.
Pippin soltou um suspiro e fez um esforço, mas permaneceu curvado, e depois
ficou rígido; seus lábios se moveram sem fazer ruído por uns instantes. Então, com um
grito estrangulado, caiu para trás e ficou imóvel no chão.
O grito foi agudo. Os guardas saltaram dos barrancos. Todo o acampamento logo
ficou em polvorosa.
— Então, este é o ladrão — disse Gandalf. Jogou depressa sua capa sobre o globo. —
Mas você, Pippin! Este é um acontecimento lamentável!
— Ajoelhou-se ao lado do corpo de Pippin: o hobbit estava deitado de costas, rígido,
com olhos cegos na direção do céu. — O feitiço! Que mal terá esse hobbit causado a si
mesmo, e a todos nós? — O rosto do mago estava contraído e lívido.
Pegou a mão de Pippin e curvou-se sobre seu rosto, tentando escutar-lhe a
respiração; depois colocou a mão sobre a fronte. O hobbit estremeceu.
Seus olhos se fecharam.
Soltou um grito e sentou-se, olhando espantado para todos os rostos à sua volta,
pálidos ao luar.
— Isso não é para você, Saruman! — gritou ele numa voz aguda e fraca, afastando-se
de Gandalf. — Vou mandar buscá-lo imediatamente. Está entendendo? Diga apenas isso! —
Então Pippin esforçou-se para se levantar e escapar, mas Gandalf o segurou com
delicadeza e firmeza.
— Peregrin Túk! — disse ele. — Volte!
O hobbit relaxou o corpo e caiu para trás, segurando na mão do mago.
— Gandalf! — exclamou ele. — Gandalf! Perdôe-me!
— Perdoá-lo? — disse o mago. — Diga-me primeiro o que fez!
— Eu, eu peguei a bola e olhei para ela — gaguejou Pippin -; e vi coisas que me
fizeram sentir medo. E queria me afastar, mas não consegui.
Então ele veio e me interrogou; e olhou para mim, e, e isso é tudo.
Isso não serve — disse Gandalf asperamente. — O que você viu, e o que você disse?
Pippin fechou os olhos e estremeceu, mas não disse nada. Todos o olhavam em
silêncio, com a exceção de Merry, que se virou para o outro lado. Mas o rosto de Gandalf
ainda estava inflexível. — Fale! — disse ele.
Numa voz baixa e hesitante, Pippin começou outra vez, e lentamente suas palavras
foram ficando mais claras e fortes. — Vi um céu escuro, e altas ameias — disse ele.
— E pequenas estrelas. Tudo parecia muito longínquo e muito distante no tempo,
mas, apesar disso, nítido e frio. Então as estrelas desapareceram e reapareceram — estavam
sendo bloqueadas por seres com asas. Muito grandes, eu acho, realmente; mas no cristal
pareciam morcegos rodeando a torre. Tive a impressão de que havia nove deles. Um

começou a voar na minha direção, ficando cada vez maior. Tinha um horrível — não, não!

Não posso dizer.

— Tentei fugir, porque achei que ele ia voar para fora; mas quando ele tinha coberto

todo o globo desapareceu. Então ele veio. Não falou de modo que eu pudesse ouvir

palavras. Apenas olhou, e eu entendi.

— "Então você voltou? Por que deixou de dar notícias por tanto tempo?"

— Não respondi. Ele disse: "Quem é você? Eu ainda não respondi, mas isso me machucava terrivelmente; e ele me pressionou, então eu disse: "Um hobbit."

— Então de repente ele pareceu me enxergar, e riu de mim. Foi cruel. Foi como ser

cortado a facadas. Eu lutei. Mas ele disse: "Espere um momento! Logo vamos nos encontrar de novo. Diga a Saruman que esse regalo não é para ele. Vou mandar buscá-lo

imediatamente. Está entendendo? Diga apenas isso!"

— Então ele olhou para mim todo satisfeito. Senti que estava sendo despedaçado. Não, não! Não posso falar mais nada. Não me lembro de mais nada.

— Olhe para mim! — disse Gandalf

Pippin olhou direto nos olhos dele. O mago prendeu o olhar do hobbit por um momento em silêncio. Então seu rosto ficou mais suave, e a sombra de um sorriso apareceu.

Colocou a mão de leve sobre a cabeça de Pippin.

— Tudo bem! — disse ele. — Não diga mais nada! Você não se tornou mau.

Não há mentira em seus olhos, como eu receava. Mas ele não falou com você por muito tempo.

Um tolo, mas um tolo honesto, você continua sendo, Peregrin Túk. Pessoas mais sábias poderiam ter-se saído pior numa situação dessas. Mas veja bem! Você foi salvo, e

todos os seus amigos também, principalmente pela boa sorte, como se diz. Não pode

contar com ela uma segunda vez. Se ele o tivesse interrogado, ali e naquela hora, é quase

certeza que você lhe teria contado tudo o que sabe, para a ruína de todos nós. Mas ele foi

ávido demais. Não queria apenas informação. Queria você, rápido, de modo que pudesse

negociar com você na Torre Escura, sem pressa. Não trema! Se você se intromete nos

assuntos dos Magos, deve estar preparado para coisas desse tipo. Mas vamos lá! Eu o

perdôo. Console-se! As coisas não acabaram tão mal quanto poderiam.

Levantou Pippin com delicadeza e o conduziu de volta para a sua cama.

Merry foi atrás, e sentou-se ao lado do companheiro. — Deite-se aí e descanse, se puder, Pippin! — disse Gandalf — Confie em mim. Se sentir de novo um prurido nas mãos,

diga-me! Essas coisas têm cura. Mas de qualquer forma, meu caro hobbit, não coloque

um embrulho de pedra sob meu cotovelo outra vez! Agora vou deixá-los por uns momentos.

Com isso Gandalf voltou para a companhia dos outros, que ainda estavam parados diante da pedra de Orthanc, pensativos e preocupados. — O perigo chega na noite quando menos esperamos — disse ele. — Escapamos por pouco!

— Como está o hobbit Pippin? — perguntou Aragorn.

— Acho que tudo ficará bem agora — respondeu Gandalf — Ele não ficou preso por muito tempo, e os hobbits têm um poder de recuperação surpreendente. A memória, ou o horror que a acompanha, provavelmente vão desaparecer depressa. Depressa demais, talvez. Você poderia, Aragorn, pegar a pedra de Orthanc e guardá-la? É uma tarefa perigosa.

— Realmente perigosa, mas não para todos — disse Aragorn. — Há uma pessoa que poderá reivindicá-la por direito. Pois este é certamente o palantír de Orthanc, do tesouro de Elendil, colocado aqui pelos Reis de Gondor. Agora minha hora se aproxima. Vou ficar com ele!

Gandalf olhou para Aragorn e então, para a surpresa dos outro, ergueu a Pedra coberta, fez uma reverência e a entregou.

— Receba-o, senhor! — disse ele —, como garantia de outras coisas que serão devolvidas. Mas se posso aconselhá-lo para seu próprio bem, não o use... ainda! Tenha cuidado!

— Quando é que fui apressado ou descuidado, eu que esperei e me preparei por tantos longos anos? — disse Aragorn.

— Nunca ainda. Então não tropece no final da estrada — respondeu Gandalf.

— Mas pelo menos guarde esse objeto em segredo. Você, e todos os outros aqui presentes!

O hobbit, Peregrin, mais que todos, não deve saber onde foi guardado. O acesso maligno pode acometê-lo outra vez. Pois, infelizmente, ele o segurou e olhou, o que nunca deveria ter acontecido. Ele nunca deveria ter tocado na pedra em Isengard, e naquela ocasião eu deveria ter sido mais rápido. Mas minha mente estava ocupada com Saruman, e eu não percebi imediatamente a natureza da Pedra. Depois eu fiquei cansado, e enquanto estava ponderando sobre tudo o sono me dominou. Agora eu sei!

— Sim, não resta dúvida — disse Aragorn. — Finalmente ficamos sabendo qual era o elo entre Isengard e Mordor, e como funcionava. Muita coisa está explicada.

— Estranhos poderes têm nossos inimigos, e estranhas fraquezas! Disse Théoden. — Mas há muito tempo se diz: com freqüência o mal com o mal se apaga.

— Isso acontece muitas vezes — disse Gandalf. — Mas desta vez fomos estranhamente favorecidos pela sorte. Talvez. Esse hobbit me salvou de cometer um erro grave. Tinha pensado se deveria ou não investigar eu mesmo essa Pedra, para descobrir suas utilidades. Se tivesse feito isso, eu mesmo me teria revelado a ele. Ainda não estou pronto para uma prova dessas, se é que realmente algum dia estarei. Mas mesmo que encontrasse a força para me esquivar seria desastroso que ele me visse, agora — antes da hora em que todo o segredo já não trará mais vantagem alguma.

— Acho que essa hora já chegou — disse Aragorn.

— Ainda não — disse Gandalf. — Ainda resta um pouco de dúvida, da qual devemos tirar proveito. O Inimigo, está claro, pensou que a Pedra estivesse em Orthanc – e por que não deveria? Por esse motivo, pensou também que o hobbit fosse um prisioneiro lá, levado por Saruman a olhar no cristal e a se atormentar. Aquela mente escura ficará repleta agora da voz e do rosto do hobbit, e de expectativas: vai demorar um pouco até que ele descubra o erro que cometeu. Temos de agarrar essa oportunidade proporcionada pelo tempo. Temos estado muito tranqüilos. Precisamos nos mexer. A vizinhança de Isengard não é um bom lugar para permanecermos agora. Vou imediatamente na frente com Peregrin Túk. Isso será melhor para ele do que ficar deitado no escuro enquanto os outros dormem.

— Vou ficar com Éomer e dez Cavaleiros — disse o rei. — Deverão cavalgar comigo no início da manhã. O resto pode ir com Aragorn e partir assim que estiverem dispostos.

— Como quiser — disse Gandalf — Mas vá na maior velocidade possível, para o abrigo das colinas e do Abismo de Helm.

Nesse momento, uma sombra caiu sobre eles. O luar claro pareceu de repente bloqueado. Vários Cavaleiros gritaram e se agacharam, com as mãos na cabeça, como se tentassem proteger-se de um golpe que viesse de cima: foram dominados por um medo cego e um frio mortal.

Encolhendo-se, ergueram os olhos. Uma enorme figura alada passou cobrindo a lua como uma nuvem negra. Fez um rodopio e foi para o norte, voando mais rápido do que qualquer vento da Terra-média. As estrelas se apagavam diante dela. Mas logo sumiu.

Levantaram-se, rígidos como pedras. Gandalf estava olhando para cima, os braços estendidos para baixo, as mãos crispadas.

— Nazgúl! — gritou ele. — O mensageiro de Mordor. A tempestade se aproxima! Os

Nazgúl atravessaram o Rio! Cavalguem, cavalguem! Não esperem pela aurora! Que os
rápidos não esperem pelos lentos. Cavalguem!
Saiu de um salto, chamando Scadufax enquanto corria. Aragorn o seguiu.
Indo em direção a Pippin, Gandalf pegou-o em seus braços. — Você virá comigo
desta vez — disse ele. — Scadufax vai lhe mostrar como vôa. Depois correu para o lugar
onde tinha dormido. Scadufax já estava lá. Pendurando no ombro a pequena bolsa onde
guardava todas as suas coisas, o mago saltou sobre o lombo do cavalo. Aragorn levantou
Pippin e o colocou nos braços de Gandalf, embrulhado em capa e cobertor.
— Até logo! Partam logo! — gritou Gandalf — Vamos, Scadufax! O grande cavalo
empinou a cabeça. Sua cauda esvoaçante brilhou no luar.
Então deu um salto à frente, levantando poeira, e se foi como o Vento Norte que
sopra das montanhas.
— Uma bela noite de sono! — disse Merry para Aragorn. — Algumas pessoas têm uma
grande sorte. Pippin não queria dormir, e queria cavalgar com Gandalf — e lá vai ele! Em
vez de ser transformado numa pedra, e ficar plantado aqui para sempre, como uma
advertência.
— Se fosse você o primeiro a erguer a pedra de Orthanc, e não ele, qual seria a
situação agora? — disse Aragorn. — Você poderia ter-se saído pior. Quem pode saber? Mas
agora sua sorte é vir comigo, eu receio. Imediatamente. Vá e se apronte, e traga qualquer
coisa que Pippin tenha deixado para trás. Apresse-se!
Scadufax voava pelas planícies, sem que fosse preciso guiá-lo ou incitá— lo. Menos
de uma hora se passara, e eles já tinham alcançado e atravessado os Vaus do Isen.
O Túmulo dos Cavaleiros, com suas lanças frias, jazia cinzento atrás deles.
Pippin estava se recuperando. Estava quente, mas o vento em seu rosto era intenso
e refrescante. Estava com Gandalf. O terror da pedra e da sombra hedionda sobre a lua ia
desaparecendo, coisas deixadas para trás na névoa das montanhas, ou num sonho
passageiro. Respirou fundo.
— Não sabia que você cavalgava em pêlo, Gandalf — disse ele. — Você está sem sela
ou rédea!
— Não cavalgo à maneira dos elfos, a não ser em Scadufax — disse Gandalf.
— Mas Scadufax não aceita rédeas. Você não o cavalga: ele está disposto a carregálo
— ou não. Se estiver disposto, isso é o suficiente. Então ele cuidará para que você
permaneça sobre seu lombo, a não ser que você queira atirar-se no ar.
— Com que velocidade ele está indo? — perguntou Pippin. — Rápido como o vento,
mas com muita suavidade. E como são leves suas passadas!

— Agora ele está correndo como o cavalo mais rápido poderia galopar — respondeu
Gandalf —, mas isso para ele não é rápido. O terreno está subindo um pouco aqui, e está
mais acidentado do que estava além do rio. Mas veja como as Montanhas Brancas estão
se aproximando sob as estrelas! Mais adiante estão os picos de Thrihyrne como lanças
negras. Não vai demorar muito para chegarmos até a bifurcação da estrada e atingirmos a
Garganta do Abismo, onde foi travada a batalha, duas noites atrás.
Pippin ficou em silêncio outra vez por um tempo. Ouviu Gandalf cantando
baixinho para si mesmo, murmurando trechos curtos de rimas em muitas línguas,
enquanto as milhas corriam debaixo deles. Finalmente o mago passou a uma canção da
qual o hobbit conseguiu entender as palavras: alguns versos chegaram claros aos seus
ouvidos através do vento apressado.
Grandes reis e navios Três vezes três

Que trouxeram da terra submersa Pelo mar na fluidez?
Sete estrelas, sete pedras Branca árvore talvez.
— O que está dizendo, Gandalf? — perguntou Pippin.
— Estava apenas repassando algumas das Rimas da Tradição em minha cabeça —
respondeu o mago. — Os hobbits, eu suponho, esqueceram-nas, mesmo aqueles que as
conheciam.
— Não, nem todas — disse Pippin. — E temos muitas que são nossas, que talvez não
fossem de seu interesse. Mas nunca ouvi essa. De que se trata as sete estrelas e
sete pedras?
— É sobre os palantíri dos Reis de Outrora — disse Gandalf.
— Que são eles?
— O nome significa que enxerga de longe. A pedra de Orthanc era um deles.
— Então ela não foi feita... não foi feita — Pippin hesitou — pelo Inimigo? Não — disse
Gandalf — Nem por Saruman. Está além de sua arte, e além da arte de Sauron também. Os
palantír vieram de além do Ponente, de Eldamar. Os Noldor os fizeram. O próprio Fêanor,
talvez, os tenha feito, em dias tão distantes que o tempo não pode ser medido em anos.
Mas não há nada que Sauron não possa desviar para usos malignos. Pobre Saruman! Foi
sua desgraça, percebo agora. Perigosos para todos nós são os instrumentos de uma arte
mais profunda do que a possuída por nós mesmos. Mesmo assim ele deve carregar a
culpa. Tolo!, quis mantê-lo em segredo, para seus próprios interesses. Nunca disse uma

palavra sobre a pedra a ninguém do Conselho. Não tínhamos pensado ainda no destino
dos palantíri de Gondor em suas guerras desastrosas. Pelos homens foram praticamente
esquecidos. Mesmo em Gondor, eram um segredo conhecido por poucos; em Arnor, eram
lembrados apenas numa rima da tradição entre os Dúnedain.

— Com que finalidade os Homens de Outrora os usavam? — perguntou Pippin,
deliciado e atônito ao conseguir respostas para tantas perguntas, e imaginando o quanto
aquilo iria durar.

— Para enxergar à distância, e conversar em pensamento uns com os outros — disse
Gandalf. — Dessa maneira protegeram e uniram por muito tempo o reino de Gondor.
Colocaram Pedras em Minas Anor, em Minas Ithil e em Orthanc, no círculo de Isengard.
A principal, a pedra mestra, estava sob a Cúpula das Estrelas em Osgiliath, antes de sua
destruição. As outras três estavam muito distantes, no norte. Na casa de Elrond, conta-se
que elas estavam em Armúminas, e em Amon Súl, e a Pedra de Elendil estava sobre as
Colinas das Torres, que olhavam na direção de Mithlond no Golfo de Lúri, onde jazem os
navios cinzentos. — Cada palantír se comunicava com os outros, mas todos os que estavam
em Gondor estavam sempre abertos à vista de Osgiliath. Agora parece que, assim como a
rocha de Orthanc resistiu às tempestades do tempo, também o palantír daquela torre
permaneceu. Mas sozinho ele não poderia fazer nada além de ver pequenas imagens de
coisas distantes e dias remotos. Muito útil, sem dúvida, ele era para Saruman; apesar
disso, parece que ele não ficou satisfeito. Olhou mais e mais além, até que lançou seu
olhar sobre Barad-dûr. Então foi pego!

— Quem pode saber onde estão agora as Pedras perdidas de Arnor e Gondor,
enterradas ou debaixo de águas profundas? Acho que esta era a Pedra de Ithil, pois ele
tomou Minas Ithil há muito tempo, transformando-o num lugar maligno: Minas Morgul
ficou sendo seu nome.

— Agora é fácil supor com que rapidez o olho errante de Saruman caiu e ficou preso
na armadilha, e como, desde então, ele foi persuadido de longe, e intimidado, quando a
persuasão não surtia efeito. O feitiço contra o feiticeiro, o falcão debaixo do pé da águia,

a aranha numa teia de aço! Por quanto tempo, fico imaginando, foi ele forçado a procurar com freqüência esta pedra para inspeções e instruções, e por quanto tempo a pedra de Orthanc foi de tal modo inclinada na direção de Barad-dûr que, se qualquer pessoa sem uma força de vontade extraordinária agora olhar dentro dela, a pedra levará sua mente e vista rapidamente para lá? E que poder tem ela de atrair para si as pessoas! Acaso eu não o senti? Mesmo agora meu coração deseja testar minha força de vontade sobre ela, para ver se eu não conseguiria arrancá-la dele e voltá-la para onde eu quisesse — para olhar através dos amplos mares de água e de tempo até atingir Tirion, a Bela, e perceber a mão e a mente inimagináveis de Ranor trabalhando, enquanto tanto a Árvore Branca como a Dourada estivessem em flor! — Gandalf suspirou e ficou em silêncio.

— Gostaria de ter sabido tudo isso antes — disse Pippin. — Eu não tinha noção do que estava fazendo.

— Ah, sim, você tinha — disse Gandalf — Sabia que estava se comportando de modo errado e tolo, e disse isso para si mesmo, mas não escutou. Eu não lhe disse tudo isso antes porque foi só meditando sobre tudo o que aconteceu que finalmente entendi, neste momento em que cavalgamos juntos. Mas se eu tivesse falado antes isso não teria diminuído seu desejo, ou feito com que ele ficasse mais fácil de resistir. Pelo contrário. Não! A mão queimada ensina melhor. Depois disso o conselho sobre o fogo chega ao coração.

— É verdade — disse Pippin. — Se todas as sete pedras fossem colocadas diante de mim agora, eu fecharia os olhos e poria as mãos no bolso.

— Muito bem! — disse Gandalf. — Era isso que eu esperava.

— Mas eu gostaria de saber... — começou Pippin.

— Peço clemência! — exclamou Gandalf — Se fornecer informações for a cura para sua curiosidade, vou passar o resto de meus dias respondendo a você. Que mais quer saber?

— Os nomes das estrelas, e de todos os seres vivos, e a história completa da Terramédia, e do Sobrecéu e dos Mares Divisores — disse rindo Pippin.

— É claro! Por que menos? Mas esta noite não estou com pressa. Por enquanto

estava só pensando sobre a sombra negra. Ouvi-o gritar “mensageiro de Mordor—, Que era aquilo? Que poderia fazer em Isengard?

— Era um Cavaleiro Negro com asas, um Nazgúl — disse Gandalf. Poderia tê—lo levado para a Torre Escura.

— Mas não veio em minha busca, veio? — vacilou Pippin. — Quero dizer, ele não sabia que eu tinha...

— Claro que não — disse Gandalf. — São duzentas léguas ou mais em linha reta de Barad-dûr até Orthanc, e até um Nazgúl levaria algumas horas para voar entre os dois lugares. Mas Saruman certamente olhou dentro da Pedra desde o ataque dos orcs, e não duvido que tenha sido lida uma parte de seus pensamentos secretos maior do que ele desejava. Um mensageiro foi enviado para descobrir o que ele está fazendo. E depois do que aconteceu esta noite um outro virá, eu acho, e depressa. Assim Saruman chegará ao último aperto na morsa na qual colocou a própria mão. Ele não tem nenhum prisioneiro para enviar. Não tem nenhuma Pedra com a qual possa enxergar, e não pode responder aos chamados. Sauron só poderá crer que ele está detendo o prisioneiro e se recusando a usar a Pedra. Não vai adiantar nada Saruman dizer a verdade ao mensageiro. Isengard pode estar arruinada, mas ele ainda está a salvo em Orthanc. Portanto, quer ele queira ou não, dará a impressão de ser um rebelde. E contudo ele nos rejeitou, para evitar exatamente que isso acontecesse! O que fará numa situação dessas, não posso adivinhar.

Acho que ele ainda tem poder, enquanto permanecer em Orthanc, para resistir aos Nove

Cavaleiros. Pode ser que ele tente. Pode ser que tente prender o Nazgúl, ou pelo menos matar a coisa na qual ele agora cavalga pelos ares. Nesse caso, que Rohan cuide de seus cavalos!

— Mas não sei dizer se o resultado será bom ou ruim para nós. Pode ser que os planos do Inimigo sejam confundidos, ou atrasados por sua ira em relação a Saruman. Pode ser que ele saiba que eu estava lá e fiquei na escada de Orthanc — com hobbits pendurados em minha cauda. Ou que um herdeiro de Elendil ainda vive e ficou ao meu lado. Se Língua de Cobra não foi iludido pela armadura de Rohan, ele poderá se lembrar

de Aragorn e do título que ele reivindicou. É isto que eu temo. É por isso que precisamos
fugir — não do perigo, mas em direção a um perigo maior. Cada passada de Scadufax o
leva para mais perto da Terra da Sombra, Peregrin Túk.
Pippin não respondeu, mas agarrou-se à capa, como se um frio repentino o
golpeasse. Terras cinzentas passavam embaixo deles.
— Veja agora! — disse Gandalf — Os vales do Folde Ocidental estão se abrindo diante
de nós. Aqui retornamos à estrada que leva ao leste. A sombra escura mais à frente é a
abertura da Garganta do Abismo. Daquele lado fica Aglarond, e as Cavernas Cintilantes.
Não me peça para falar sobre elas. Pergunte a Gimli, se vocês se encontrarem, e pela
primeira vez na vida poderá ouvir uma resposta mais longa do que deseja. Você não vai
poder ver as cavernas com os próprios olhos, não nesta viagem. Logo elas já estarão
distantes lá atrás.
— Pensei que você ia parar no Abismo de Helm! — disse Pippin. Então, para onde
está indo?
— Para Minas Tirith, antes que os mares da guerra a envolvam.
— Ah! E a que distância fica?
— Léguas e mais léguas — respondeu Gandalf. — Três vezes mais longe que as
moradias do Rei Théoden, e elas ficam a mais de cem milhas a leste deste lugar, num vôo
dos mensageiros de Mordor. Scadufax deve ir por uma estrada mais longa. Qual deles se
mostrará mais rápido?
— Vamos cavalgar até o nascer do dia, para o qual ainda faltam algumas horas.
Depois disso, até mesmo Scadufax precisará descansar, em alguma reentrância das
montanhas: em Edoras, eu espero. Durma, se conseguir! Poderá ver o primeiro raio da
aurora sobre o teto dourado da casa de Eorl. E dali a dois dias verá a sombra púrpura do
Monte Mindollum e as muralhas da Torre de Denethor, brancas pela manhã.
— Adiante agora, Scadufax! Corra, meu bom cavalo, corra como nunca correu
antes! Agora chegaremos às terras onde você foi criado e das quais conhece cada pedra.
Corra agora! A esperança repousa na rapidez!
Scadufax empinou a cabeça e soltou um relincho, como se um corneteiro o tivesse
convocado para alguma batalha. Então projetou-se para a frente.
Saía fogo de suas patas: a noite corria acima dele.
Enquanto adormecia lentamente, Pippin teve uma estranha sensação: ele e Gandalf
estavam imóveis como pedras, sentados sobre a estátua de um cavalo que corria, enquanto
o mundo rolava sob os pés dele com um grande barulho de vento.

LIVRO IV

CAPÍTULO I
SMÉAGOL DOMADO

— Bem, senhor, estamos numa enrascada, sem dúvida — disse Sam Gamji.

Parou ao lado de Frodo desanimado, com os olhos caídos, e espiou a escuridão, franzindo os olhos.

Era a terceira noite desde que tinham fugido da Comitiva, pelo que podiam calcular: tinham quase perdido a noção das horas durante as quais lutaram para escalar as encostas nuas e os rochedos dos Emyn Muil, algumas vezes refazendo os passos porque não conseguiam encontrar nenhum caminho que conduzisse adiante, outras descobrindo que tinham andado em círculo, retornando ao ponto onde tinham estado horas antes. Apesar disso, tudo somado, avançaram continuamente para o leste, sempre procurando ficar o mais perto possível do lado externo daquele emaranhado de colinas estranho e retorcido. Mas com freqüência deparavam com faces externas que eram íngremes, altas e intransponíveis, franzindo-se por sobre a planície—, para além de suas bordas desmoronadas jaziam pântanos esbranquiçados e em decomposição onde nada se movia e não se via nem mesmo um pássaro.

Os hobbits encontravam-se agora sobre a crista de um alto penhasco, desolado e nu, cujos pés estavam envolvidos numa névoa; atrás deles se erguia a irregular região montanhosa, coroada por nuvens flutuantes. Um vento gelado soprava do leste. Diante deles, a noite se formava por sobre as terras disformes; seu verde doentio ia dando lugar agora a um castanho lúgubre. Mais ao longe e à direita, o Anduin, que surgira vacilante em intervalos ensolarados durante o dia, estava agora oculto em sombras. Mas os olhos dos hobbits não se voltavam para além do Rio, na direção de Gondor, onde estavam seus amigos, nas terras dos homens.

Dirigiam-se para o sul e para o leste, para onde, no limiar da noite iminente, uma linha escura pairava, como longínquas montanhas de fumaça imóvel. De quando em quando, um brilho fraco e vermelho aparecia na parte de cima, na linha formada entre a terra e o céu.

— Que enrascada! — disse Sam. — De todas as terras de que já tivemos notícia, este é o único lugar que não queremos ver mais de perto; exatamente o lugar que estamos tentando atingir! E também aonde não podemos chegar, de maneira alguma. Ao que parece, viemos por um caminho completamente errado. Não podemos descer; e se

descêssemos, iríamos ver que toda aquela terra verde é um brejo nojento, eu garanto. Que
nojo! Está sentindo o cheiro? — Sam farejou o vento.
— Sim, estou sentindo — disse Frodo. Mas não se mexeu, e seus olhos permaneceram
fixos, em direção à linha escura e à chama trêmula. — Mordor! — murmurou ele quase sem
fôlego. — Se devo ir para lá, gostaria de poder ir logo e pôr um fim a tudo isso! —
Estremeceu. O vento estava frio, e mesmo assim carregado com o odor de podridão fria. —
Bem — disse ele, finalmente desviando os olhos. — Não podemos ficar aqui a noite toda,
com ou sem enrascada. Precisamos encontrar um lugar mais protegido, e acampar mais
uma vez; talvez um outro dia nos mostre um caminho.
— Ou um outro dia, e outro e outro — murmurou Sam. — Ou talvez dia nenhum.
Viemos pelo caminho errado.
— Fico pensando — disse Frodo. — Acho que é meu destino ir para aquela Sombra lá

adiante, então encontrarei um caminho. Mas quem irá indicá-lo a mim: o bem ou o mal?
A esperança que tínhamos repousava na rapidez. O atraso favorece o Inimigo — e aqui
estou eu: atrasado. Será que é a vontade da Torre Escura que está nos guiando? Todas as
minhas escolhas acabaram se mostrando ruins. Deveria ter abandonado a Comitiva muito
antes, e vindo do norte, a leste do Rio e dos Emyn Muil, e depois sobre o chão seco da
Planície da Batalha até as passagens para Mordor. Mas agora não é possível, para nós
dois sozinhos, encontrar um caminho de volta, e os orcs estão espreitando na margem
leste. Cada dia que passa é um dia precioso que perdemos. Estou cansado, Sam. Não sei o
que se deve fazer. Quanto ainda temos de comida?
— Apenas aqueles, como se chamam, lembas, Sr. Frodo. Um belo suprimento. Mas
são melhores que nada, de longe. Na verdade, jamais pensei, na primeira vez que mordi
um deles, que eu algum dia poderia querer variar de comida. Mas agora eu quero: um
pouco de pão comum, e uma caneca — bem, meia caneca — de cerveja desceriam melhor.
Venho carregando meu equipamento de cozinha desde nosso último acampamento, e para
quê? Não há nada com que possamos acender uma fogueira, para início de conversa; e
nada para cozinhar, nem mesmo capim!

Viraram-se e foram descendo até uma concavidade rochosa. O sol, que se dirigia para o oeste, estava preso entre nuvens, e a noite se aproximava rapidamente. Dormiram como puderam, pois estava frio; revezaram-se num recesso em meio a grandes pináculos pontudos de pedra desgastada pelo tempo; pelo menos estavam abrigados do Vento Leste.

— Viu-os de novo, Sr. Frodo? — perguntou Sam, quando os dois estavam sentados, com os corpos endurecidos e enregelados, mastigando bolos de lembas, no cinza frio do início da manhã.

— Não — disse Frodo. — Não escutei e não vi nada nas últimas duas noites.

— Nem eu — disse Sam. — Grrr! Aqueles olhos realmente me assustaram! Mas talvez o tenhamos espantado finalmente, o caviloso miserável. Gollum! Vou dar um gollum na garganta dele, se um dia lhe puser as mãos no pescoço.

— Espero que nunca precise fazer isso — disse Frodo. — Não sei como nos seguiu, mas pode ser que tenha perdido nosso rastro outra vez, como você está dizendo. Nesta região seca e fria não se pode deixar muitas pegadas, nem muito cheiro, mesmo para seu nariz farejador.

— Espero que seja isso mesmo — disse Sam. — Gostaria que pudéssemos nos livrar dele para sempre.

— Eu também — disse Frodo -; mas ele não é meu maior problema. Gostaria que pudéssemos sair destas colinas! Odeio-as. Sinto-me completamente nu no lado leste, enfiado aqui sem nada, a não ser as planícies mortas, entre mim e aquela Sombra mais adiante. Há um Olho nela. Venha! Precisamos descer hoje de qualquer jeito.

Mas aquele dia passou e quando a tarde já se apagava, dando lugar ao inicio da noite, eles ainda continuavam aos tropeços ao longo da cordilheira e sem encontrar um caminho para escaparem.

Algumas vezes, no silêncio daquela região desolada, imaginavam estar ouvindo ruídos longínquos atrás deles, uma pedra caindo, ou passadas imaginárias de pés batendo na pedra. Mas, quando paravam e ficavam quietos escutando, não ouviam mais nada, nada além do vento suspirando sobre as bordas dos rochedos — mas mesmo aquilo lhes dava a impressão de uma respiração chiando suavemente através de dentes afiados.

Durante todo aquele dia, a cordilheira externa dos Emyn Muil inclinara-se gradativamente para o norte, conforme eles iam lutando para avançar. Ao longo de sua borda agora se estendia uma ampla planície coberta de rochas quebradas e gastas, cortada

de quando em quando por fossos semelhantes a trincheiras, que desciam íngremes até fendas profundas na face do penhasco. A fim de encontrar uma trilha nessas fendas, cada vez mais fundas e freqüentes, Frodo e Sam foram levados para a esquerda, a uma grande distância da borda, e não se deram conta de que por várias milhas estiveram descendo a colina, lentamente mas sem parar: o topo do penhasco ia afundando em direção ao nível das terras baixas.

Finalmente foram obrigados a parar. A cordilheira fazia uma curva fechada para o norte e era cortada por um abismo mais profundo. Do outro lado ela subia de novo, muitas braças num único salto: um grande penhasco cinzento assomava diante deles, que dava a impressão de ter sido cortado na vertical com um golpe de faca. Os hobbits não podiam continuar à frente, e tinham de virar para o oeste ou para o leste. Mas o oeste só os conduziria em direção a mais trabalho e atraso, de volta para o coração das colinas; o leste os levaria para o precipício externo.

— Não há outra escolha a não ser ir descendo este fosso, Sam — disse Frodo. — Vamos ver para onde ele conduz!

— Para um tombo feio, eu aposto! — disse Sam.

O fosso era mais longo e profundo do que parecera. Um pouco mais abaixo encontraram algumas árvores raquíticas e nodosas, as primeiras que viam em dias: na maioria, bétulas retorcidas, com um abeto aqui ou ali. Muitas dessas árvores estavam mortas e secas, mordidas até o cerne p elos ventos do leste.

Outrora, em dias mais amenos, deveria ter havido um belo conjunto de árvores no precipício, mas agora, depois de uns cinquenta metros, as árvores chegavam ao fim, embora velhos troncos quebrados se espalhassem por quase toda a borda do penhasco. O fundo do fosso, que se estendia ao longo da borda de uma falha na rocha, era áspero, cheio de pedras quebradas, e descia de modo abrupto. Quando finalmente saíram dele, Frodo se agachou e se inclinou à frente.

— Olhe! — disse ele. — Acho que descemos um longo trecho, ou então o penhasco afundou. Está muito mais baixo do que estava, e também parece mais fácil.

Sam se ajoelhou ao lado dele e com relutância espiou por sobre a borda, Depois ergueu os olhos para o grande penhasco, mais ao longe e à esquerda de onde estavam.

— Mais fácil! — grunhiu ele. — Bem, suponho que descer seja sempre mais fácil que subir. Aqueles que não podem voar, podem saltar!

— Mesmo assim, seria um grande salto — disse Frodo. — Cerca, bem ficou de pé por um instante, medindo com os olhos —, cerca de dezoito braças, eu acho. Não mais que isso,

— E isso é o bastante — disse Sam. — Ugh! Como eu odeio olhar de um lugar alto lá para baixo! Mas olhar é melhor que descer.

— Mesmo assim — disse Frodo. — Acho que deveríamos descer por aqui; e acho que vamos ter de tentar. Veja, a rocha aqui é bem diferente do que aquela que encontramos algumas milhas atrás. Deslizou e se fendeu.

A face externa realmente deixara de ser perpendicular, mas ainda se inclinava um pouco para fora. Parecia uma grande trincheira ou dique cujos alicerces tinham se alterado, de modo que seus cursos estavam todos trançados e desordenados, deixando grandes fissuras e bordas longas e inclinadas que em alguns lugares eram largas como escadas.

— E, se vamos tentar descer, é melhor tentarmos já. Está escurecendo cedo. Acho que uma tempestade vem aí.

A mancha enfumaçada das montanhas no leste se perdeu numa negrura mais profunda que já estava estendendo seus longos braços em direção ao oeste.

Ouvia-se o murmurar distante de trovões, trazido na brisa que ia ficando mais intensa. Frodo farejou o ar e olhou desconfiado para o céu. Passou o cinto por fora da capa e o apertou, colocando nas costas a mochila leve; então dirigiu-se para a borda.

— Vou tentar — disse ele.

— Muito bem! — disse Sam desanimado. — Mas eu vou primeiro.

— Você? — disse Frodo. — O que o fez mudar de idéia sobre descer? Não mudei de idéia. É apenas bom senso: que vá primeiro aquele que tem mais probabilidade de escorregar. Não quero cair em cima do senhor e derrubá-lo — é insensatez matar dois numa só queda.

Antes que Frodo pudesse detê-lo, Sam se sentou, passou as pernas por sobre a borda, e virou-se, tateando com os pés em busca de um apoio. É de duvidar que ele um dia tenha feito qualquer coisa mais corajosa a sangue frio, ou mais imprudente.

— Não, não! Sam, seu idiota! — disse Frodo. — Com certeza vai se matar indo desse jeito, sem nem olhar por onde está indo. Volte! — Pegou-o pelas axilas e o puxou de volta.

— Agora espere um pouco e tenha paciência! Disse ele. Então deitou-se no chão, debruçando-se sobre a borda e olhando para baixo: mas a luz parecia estar se apagando

rapidamente, embora o sol ainda não se tivesse posto. — Acho que poderíamos conseguir —
disse ele nesse momento. — De qualquer forma, eu poderia; e você também, se mantivesse
a calma e me seguisse com cuidado.
— Não sei como pode ter certeza — disse Sam. — Veja bem, o senhor não pode
enxergar o fundo com esta luz. E se atingirmos um ponto onde não haja nenhum lugar
para apoiar os pés e as mãos?
— Voltaremos, eu suponho — disse Frodo.
— É fácil falar — objetou Sam. — Melhor esperar pela manhã, quando houver mais
luz.
— Não! Não se eu puder evitar — disse Frodo, com uma estranha e súbita veemência.
— Não me siga até que eu volte ou o chame.
Agarrando com os dedos a borda rochosa da encosta, deixou-se descer
suavemente, até que seus braços estivessem quase que totalmente esticados, seus pés
encontraram uma saliência. — Um passo abaixo! — disse ele.
— E essa saliência fica mais larga à direita. Eu poderia ficar de pé lá sem segurar em
lugar nenhum. Vou... — suas palavras foram interrompidas.
A escuridão apressada, agora se adensando com grande rapidez, precipitou-se do
leste e engoliu o céu. Houve o ruído seco e cortante de um trovão bem acima deles.
Um relâmpago de fogo golpeou as colinas. Então veio uma rajada de vento
incontrolável, e com ela, misturado ao seu rugido, chegou um guincho alto e agudo. Os
hobbits tinham ouvido um grito exatamente igual lá longe no Pântano, quando estavam
fugindo da Vila dos Hobbits, e mesmo lá, nas florestas do Condado, aquele som lhes
congelara o sangue. No lugar deserto onde estavam agora, o pavor que provocava era
ainda maior: perfurava-os com lâminas frias de medo e desespero, paralisando coração e
respiração.
Sam caiu duro com o rosto virado para o chão. Involuntariamente, Frodo soltou as
mãos da rocha e cobriu os ouvidos e a cabeça. Desequilibrou-se, escorregou e deslizou
para baixo com um grito desesperado.
Sam o ouviu e se arrastou com dificuldade até a borda.
— Senhor, senhor! — chamou ele. — Senhor!
Não ouviu resposta. Viu-se tremendo da cabeça aos pés, mas tomou fôlego e mais
uma vez gritou: — Senhor! — O vento parecia empurrar sua voz de volta para a garganta,
mas conforme passava, rugindo fosso acima e por sobre as colinas, um grito fraco de

resposta chegou aos ouvidos de Sam:

— Tudo bem, tudo bem! Estou aqui. Mas não consigo enxergar nada. Frodo estava chamando com uma voz fraca. Na verdade não estava muito longe.

Tinha escorregado, e não caído; num solavanco tinha ficado de pé sobre uma saliência larga, não muitos metros abaixo. Felizmente, a superfície da rocha naquele ponto se inclinava bastante para trás, e o vento o pressionara contra o penhasco, de modo que ele não tinha caído.

Firmou-se um pouco, apoiando o rosto contra a rocha fria, sentindo o coração disparado. Mas ou a escuridão fechara-se completamente, ou então seus olhos tinham perdido a capacidade de enxergar. Tudo estava negro ao redor. Ficou imaginando se tinha ficado cego. Respirou fundo.

— Volte! Volte! — gritou a voz de Sam, vinda da escuridão acima.

— Não posso — disse ele. — Não estou enxergando nada. E não consigo achar nenhum lugar onde possa me apoiar. Não posso me mexer ainda.

— Que posso fazer, Sr. Frodo? Que posso fazer? — gritou Sam, debruçando— se perigosamente sobre a borda. Por que seu mestre não enxergava nada? Estava escuro, certamente, mas não tão escuro assim. Ele conseguia ver Frodo mais embaixo, uma figura cinzenta e desamparada, chapada contra o penhasco. Mas estava muito além do alcance de qualquer mão que pudesse ajudá-lo.

Houve um outro ruído de trovão; então veio a chuva. Numa cortina que cegava, misturada com granizo, batia contra o penhasco, extremamente fria.

— Vou descer até aí — gritou Sam, embora não pudesse dizer como pretendia fazer isso.

— Não, não! Espere! — gritou Frodo, agora numa voz mais forte. Logo devo melhorar. Já me sinto melhor. Espere! Você não pode fazer nada, sem uma corda.

— Corda! — exclamou Sam, conversando alucinadamente consigo mesmo cheio de excitação e alívio. — Eu bem que mereço ser enforcado na ponta de uma, como uma advertência contra minha cabeça-de-vento. Você não passa de um idiota cabeça-dura, Sam Gamgi: é isso que o Feitor me dizia sempre, nas palavras dele. Corda!

— Pare de resmungar! — gritou Frodo, agora recuperado o suficiente para se sentir ao mesmo tempo de bom humor e irritado. — Esqueça o velho Feitor. Você está tentando dizer a si mesmo que tem um pedaço de corda em seu bolso? Se for isso, trate de usá-la!

— Sim, Sr. Frodo, em minha mochila. Carreguei-a por centenas de milhas, e me esqueci completamente dela!

— Então mexa-se, e jogue uma ponta aqui para baixo!

Rapidamente Sam desafivelou a mochila e a remexeu. Realmente, no fundo, havia um rolo da corda cinza-prateada feita pelo povo de Lórien. Jogou uma ponta para Frodo.

A escuridão pareceu se desvanecer aos olhos dele, ou então sua visão estava voltando. Conseguiu ver a linha cinzenta conforme ela veio descendo e balançando, e teve a impressão de que ela emanava um leve brilho prateado. Agora que achara algum ponto na escuridão para fixar os olhos, sentia-se menos zonzo.

Jogando o peso do corpo para frente, amarrou firmemente a ponta da corda em volta da cintura, e depois agarrou-a com as duas mãos.

Sam recuou e escorou os pés num tronco, a um ou dois metros da borda.

Sendo em parte puxado, e em parte escalando, Frodo subiu e se jogou no chão.

Trovões rosnavam e roncavam na distância, e a chuva ainda caía pesada. Os hobbits se arrastaram de volta para dentro do fosso, mas lá não encontraram muito abrigo.

Filetes de água começavam a descer; logo se transformaram em jatos que espirravam e borrifavam nas pedras, jorrando por sobre o penhasco como as calhas de um vasto telhado.

— Eu já estaria quase afogado lá embaixo, ou já teria sido levado pelas águas — disse Frodo. — Que sorte você ter aquela corda!

— A sorte teria sido maior se eu tivesse pensado nela antes — disse Sam.

— Talvez o senhor se lembre deles colocando as cordas no barco, quando estávamos partindo: na terra dos elfos. Gostei delas, e enfiei um rolo na minha mochila. Parece que foi anos atrás. “Pode ser uma ajuda em muitas necessidades”, disse ele: Haldir, ou um deles. E estava certo.

— É uma pena que eu não tenha pensado em trazer um outro pedaço disse Frodo -; mas nós deixamos a Comitiva em meio a tanta pressa e confusão.

Se tivéssemos corda suficiente, poderíamos usá-la para descer. Qual é o comprimento da sua? Sam a examinou lentamente, medindo-a com os braços: — Cinco, dez, vinte, trinta varas, mais ou menos — disse ele.

— Quem teria imaginado! — exclamou Frodo.

— Quem? — disse Sam. — Os elfos são pessoas maravilhosas. A corda parece um pouco fina, mas é resistente: e macia como leite nas mãos. E comprime— se bem, e é levíssima.

Um povo maravilhoso, sem dúvida.

— Trinta varas! — disse Frodo fazendo cálculos. — Acho que seria o suficiente. Se a tempestade passar antes do cair da noite, eu vou tentar.

— A chuva já está quase parando — disse Sam -; mas não vá fazer nada arriscado no

escuro de novo, Sr. Frodo! Ainda não me recuperei daquele grito no vento, se é que o senhor conseguiu se recuperar. O som era parecido com o de um Cavaleiro Negro — mas de um pairando no ar, se é que eles podem voar. Estou pensando que seria melhor nos deitarmos nesta fenda até o fim da noite.

— E eu estou pensando que não vou desperdiçar nenhum momento além do necessário, preso nessa borda com os Olhos da Terra Escura olhando por sobre o pântano — disse Frodo.

Com isso se levantou e dirigiu-se ao fundo do fosso outra vez. Olhou para cima. O céu clareava de novo no leste. A orla da tempestade se erguia, rasgada e molhada, e a batalha principal tinha passado, indo estender suas grandes asas sobre os Emyn Muil, onde os pensamentos escuros de Sauron se concentraram por um tempo. Desse ponto mudou de rumo, golpeando o Vale do Anduin com granizo e relâmpagos, e lançando sua sombra sobre Minas Tirith com a ameaça da guerra. Então, caindo sobre as montanhas, e se formando em grandes espirais, rolou lentamente por sobre Gondor e as fronteiras de Rohan, até que bem distante os Cavaleiros na planície viram suas torres negras se movendo atrás do sol, conforme cavalgavam para o oeste.

Mas ali, sobre o deserto e os pântanos mal cheirosos, o céu do início da noite, de um azul profundo, se abria mais uma vez, e algumas estrelas pálidas apareciam, como pequenos buracos brancos no dossel sobre a lua crescente.

— É bom conseguir enxergar outra vez — disse Frodo, respirando fundo.

— Sabe, pensei por uns momentos que tinha perdido a visão. Devido ao relâmpago ou coisa pior. Não conseguia enxergar nada, de jeito nenhum, até que a corda cinzenta foi descendo. Ela parecia tremeluzir, de alguma forma.

— Ela realmente tem uma aparência de prata no escuro — disse Sam. Não tinha notado antes, embora não possa me lembrar de tê-la tirado da mochila desde que a enfiei lá. Mas se está tão decidido a descer, Sr. Frodo, como vai usá-la? Trinta varas, ou digamos cerca de dezoito braças: isso não é mais do que o senhor supôs ser a altura do Penhasco.

Frodo pensou um pouco. — Amarre-a naquele tronco, Sam! — disse ele.

— Então acho que vou atender a seu pedido desta vez e deixá-lo ir primeiro. Vou abaixá-lo, e você não precisa fazer nada além de usar seus pés e mãos para se afastar da rocha. Vai ajudar, porém, se você se apoiar em alguma saliência e me der um descanso.

Quando estiver lá embaixo, eu descerei.

— Muito bem — disse Sam num tom pesado. — Se precisa ser assim, façamos isso logo! — Pegou a corda e fixou-a firmemente no tronco mais próximo à borda; então amarrou a outra ponta na própria cintura. Relutante, voltou-se e se preparou para passar por cima da borda mais uma vez.

Não teve, entretanto, nem metade da dificuldade que esperara. Parecia que a corda lhe dava confiança, embora ele tenha fechado os olhos uma ou duas vezes quando olhou para baixo por entre seus pés. Havia um ponto incômodo, onde não havia saliência e a parede era íngreme e até socavada num pequeno trecho; ali ele escorregou e ficou pendurado na linha prateada. Mas Frodo o abaixou devagar e com firmeza, e finalmente tudo se acabou. O maior medo de Sam era de que a corda terminasse enquanto ele ainda estivesse muito elevado, mas ainda havia uma boa laçada nas mãos de Frodo quando ele chegou ao fundo e gritou: — Estou no chão! — A voz veio clara lá de baixo, mas Frodo não conseguia vê-lo; a capa cinzenta dos elfos se confundia com o crepúsculo.

Frodo levou um tempo bem maior para descer. Estava com a corda em volta da cintura e ela estava presa em cima, e ele a tinha diminuído de modo que o segurasse no ar antes que ele atingisse o solo; ainda assim, Frodo não queria arriscar uma queda, e não tinha a mesma confiança que Sam naquela linha cinzenta e fina. Mesmo assim, encontrou dois pontos onde teve de confiar unicamente nela: superfícies lisas onde não havia apoio nem mesmo para seus fortes dedos de hobbit, e onde as saliências eram muito separadas.

Mas finalmente ele também conseguiu descer.

— Bem! — exclamou ele. — Conseguimos! Escapamos das Emyn Muil E agora, o que temos à frente, eu me pergunto? Talvez logo estejamos suspirando por uma boa rocha firme sob os pés outra vez.

Mas Sam não respondeu: estava olhando para trás, em direção ao penhasco.

— Idiotas cabeças-duras! — disse ele. — Parvos! Minha bela corda! Ali está ela, amarrada a um tronco, e nós aqui no fundo. Uma ótima escadinha para aquele Gollum caviloso, a melhor que poderíamos ter deixado. Melhor colocar uma placa dizendo por onde formos! Achei que tudo estava parecendo fácil demais.

— Se você conseguir pensar em alguma forma pela qual pudéssemos ao mesmo tempo ter usado a corda e tê-la trazido conosco, então pode passar o título de idiota

cabeça-dura para mim, ou qualquer outro nome que o velho Feitor lhe tenha dado — disse
Frodo. — Suba lá, desamarre a corda e pule, se quiser!
Sam coçou a cabeça. — Não, não consigo pensar agora, com as suas desculpas —
disse ele. — Mas não gosto de deixá-la aqui, e isso é fato. — Acariciou a ponta da corda e
mexeu nela suavemente. — É difícil separar-me de alguma coisa trazida da terra dos elfos.
Feita pela própria Galadriel, talvez. Galadriel — murmurou ele, balançando a cabeça com
tristeza. Ergueu os olhos e deu um último puxão na corda, como se estivesse dizendo
adeus.
Para a total surpresa de ambos os hobbits, a corda se soltou. Sam caiu para trás, e a
corda deslizou e foi se enrolando sobre seu corpo, laçada após laçada. Frodo riu. — Quem
amarrou a corda? — disse ele. -Ainda bem que não se soltou antes. E pensar que confiei
todo o meu peso em seu nó! Sam não riu. — Posso não ser muito bom para escalar
penhascos, Sr. Frodo — disse ele num tom ofendido -; mas eu sei alguma coisa sobre
cordas e nós. É de família, como se diz. Meu bisavô e meu tio Andy depois dele, aquele

que era o irmão mais velho do Feitor, ele teve uma cordoaria perto do Campo da Corda
por muitos anos.
E eu a amarrei muito firme ao tronco, da melhor maneira que qualquer um poderia
ter feito, no Condado ou fora dele.
— Então a corda deve ter-se partido — esgarçada pela borda da rocha, eu acho — disse
Frodo.
— Aposto que não! — disse Sam numa voz ainda mais ofendida. Abaixou-se e
examinou as pontas. — Nenhuma das duas coisas. Nenhum fiapo!
— Então receio que tenha sido o nó — disse Frodo.
Sam balançou a cabeça e não respondeu. Estava passando a corda pelos dedos
pensativamente. — Pense o que quiser, Sr. Frodo — disse ele finalmente —, mas eu acho que
a corda se soltou sozinha — quando eu chamei. — Enrolou-a e a colocou carinhosamente na
mochila.
— Certamente se soltou — disse Frodo —, e esta é a coisa mais importante.
Mas agora temos de pensar em nosso próximo passo. A noite caíra em breve.
Como são belas as estrelas e a lua!
— Elas realmente alegram o coração, não é? — disse Sam erguendo os olhos.
— São élficas, de alguma forma. E a lua está crescendo. Não a vemos há uma ou
duas noites neste clima nebuloso. Agora está começando a fornecer uma bela luz.
— Sim — disse Frodo -; mas não estará cheia a não ser dentro de alguns dias. Não
acho que devemos tentar os pântanos com a luz de uma meia-lua.

Sob as primeiras sombras da noite eles partiram no estágio seguinte de sua jornada.

Depois de um tempo, Sam se voltou e olhou para o caminho pelo qual tinham vindo. A boca do fosso era uma fenda negra no penhasco escuro. — Estou feliz porque temos a corda — disse ele. Deixamos um pequeno enigma para o salteador, de qualquer forma. Ele pode testar seus nojentos pés chatos naquelas saliências!

Foram andando com cuidado e afastando-se da borda do penhasco, em meio a uma região erma feita de seixos e pedras rudes, molhadas e escorregadias devido à chuva pesada. O solo ainda descia com grande inclinação. Não tinham avançado muito quando encontraram uma grande fissura que se abria subitamente negra diante de seus pés. Não era larga, mas era larga demais para se saltar sobre ela na luz fraca. Tiveram a impressão de escutar a água borbulhando nas suas profundezas. A fenda descrevia uma curva à esquerda deles, em direção ao norte, voltando para as colinas, barrando assim a estrada naquela direção, pelo menos enquanto estivesse escuro.

É melhor tentarmos um caminho de volta em direção ao sul, ao longo da linha do penhasco, eu acho — disse Sam. — Podemos encontrar algum canto lá, ou até uma caverna, ou algo parecido.

— Suponho que sim — disse Frodo. — Estou cansado, e acho que não posso ir tropeçando em pedras por muito mais tempo esta noite — embora odeie pensar no atraso. Gostaria que houvesse uma trilha bem visível à nossa frente: então continuaria até que minhas pernas fraquejassem.

Não foi nem um pouco mais fácil o caminho ao longo dos pés quebrados das Emyn Muil. Nem Sam achou qualquer canto ou saliência onde pudessem se abrigar: apenas encostas nuas e rochosas se enrugavam junto ao penhasco, que agora subia de novo, mais alto e mais íngreme conforme eles iam voltando. No fim, exaustos, eles apenas se jogaram no solo sob o abrigo de uma pedra que jazia não muito longe do pé do precipício.

Ali ficaram algum tempo sentados, aconchegados tristemente um ao outro na noite fria e rochosa, enquanto o sono se apoderava deles, apesar de tudo o que fizessem para afastálo.

A lua agora subia alta e clara. Sua luz tênue e branca acendia as faces das rochas e

molhava as paredes frias e enrugadas do precipício, transformando toda a ampla escuridão

ao redor num cinza pálido e frio, cortado por sombras negras.
— Bem! — disse Frodo, levantando-se e trazendo a capa para mais perto do corpo. —
Durma um pouco, Sam, e pegue meu cobertor. Vou caminhar por aí e montar guarda.
— De repente ficou imóvel, e agachando-se agarrou Sam pelo braço. — O que é
aquilo? — sussurrou ele. — Olhe lá, em cima do penhasco!
Sam olhou e puxou o ar fortemente através dos dentes. — Ssss! — disse ele. — É
exatamente isso. É aquele Gollum! Cobras e lagartos! E pensar que eu imaginei que
tínhamos confundido a criatura com nossa pequena descida pela rocha! Olhe para ele!
Parece uma aranha rastejando numa parede.
Descendo a face de um precipício, íngreme e quase lisa ao que parecia no luar
pálido, uma pequena figura negra vinha com suas finas pernas abertas. Talvez suas mãos
e pés moles e pegajosos estivessem encontrando fendas e apoios que um hobbit jamais
poderia ter visto ou usado, mas parecia que ele estava simplesmente descendo com patas
viscosas, como algum bicho grande à espreita, semelhante a um inseto. E estava descendo
de cabeça para baixo, como se farejasse o caminho. De vez em quando erguia a cabeça
devagar, jogando-a para trás sobre seu pescoço longo e fino, e os hobbits viram de relance
duas pequenas luzes brilhantes, os olhos dele, que Piscavam à luz da lua por um instante,
e em seguida eram rapidamente cobertos pelas pálpebras outra vez.
— O senhor acha que ele consegue nos enxergar? — disse Sam.
— Não sei — disse Frodo baixinho —, mas acho que não. Mesmo para olhos amigos é
difícil enxergar essas capas élficas: eu não posso vê-lo na sombra, mesmo a apenas alguns
passos de distância. E ouvi dizer que ele não gosta de sol ou lua.
— Então por que está descendo exatamente por aqui? — perguntou Sam.
— Quieto, Sam! — disse Frodo. — Talvez ele possa nos farejar. E tem o ouvido tão
aguçado quanto o dos elfos, julgo eu. Acho que agora ouviu alguma coisa: nossas vozes,
provavelmente. Gritamos um bocado lá atrás, e estávamos conversando alto demais até
um minuto atrás.
— Bem, não o agüento mais — disse Sam. — Desta vez ele está exagerando, e vou lhe
dizer umas palavrinhas, se puder, Não acho agora que conseguiríamos escapar dele, de
qualquer forma. — Cobrindo bem o rosto com o capuz cinza, Sam se arrastou furtivamente
na direção do penhasco.

— Cuidado! — sussurrou Frodo, vindo atrás. — Não o assuste! Ele é mais perigoso do que parece.

A figura negra e rastejante já tinha descido três quartos do penhasco, e talvez já estivesse a uns quinze metros ou menos da base. Agachados e imóveis como pedras à sombra de um grande rochedo, os hobbits o vigiavam. Parecia que ele estava passando por um trecho difícil, ou que estava preocupado com alguma coisa. Podiam ouvi-lo farejando, e de vez em quando percebiam também o som de sua respiração chiada, que soava como uma praga. Ergueu a cabeça, e os hobbits tiveram a impressão de tê-lo ouvido cuspir. Depois continuou outra vez. Agora podiam ouvir sua voz rangendo e assobiando.

— Ach, sss! Cuidado, meu precioso! Devagar se vai ao longe. Não devemos arrisscar nosso pessscoço, devemos, precioso? Não, precioso gollum. — Ergueu a cabeça de novo, piscou para a lua, e rapidamente fechou os olhos. — Odiamos ela — chiou ele. — Sssórdida, ssórdida luz que fica tremendo e nos esspionando, precioso — machuca nossos olhos.

Estava chegando embaixo, e seus chiados ficaram mais agudos e audíveis. — Onde esstá, onde esstá: meu Precioso, meu Precioso? É nosso, é sim, e nós quer ele. Os ladrões, os ladrões, os ladrõezinhos nojentos. Onde estão com meu Precioso? Malditos! Nós odeia eles.

— Não parece que ele sabia que estávamos aqui, parece? — sussurrou Sam. — E o que é o Precioso dele? Ele quer dizer o...

— Pssiu! — fez Frodo. — Ele está chegando perto agora, perto o suficiente para escutar um sussurro.

Realmente, Gollum parara de repente outra vez, e a grande cabeça sobre o pescoço esquelético virava de um lado para o outro, como se ele tentasse escutar algo. Os olhos opacos estavam semicerrados. Sam se conteve embora seus dedos estivessem crispados. Seus olhos, cheios de ódio e,nojo, estavam fixos na miserável criatura, que agora começava a se mexer outra vez, ainda sussurrando e chiando para si mesma. Finalmente já estava a menos de quatro metros do chão, bem acima da cabeça deles. Naquele ponto havia uma descida brusca, pois a rocha estava levemente socavada, e até mesmo Gollum não conseguia encontrar qualquer tipo de apoio. Parecia estar tentando se virar, de modo que descesse com as pernas primeiro,

quando de repente, com um guincho agudo, ele caiu. Conforme caía, enroscou os braços e as pernas em volta do corpo, como uma aranha cujo fio do qual pende se rompe.

Sam saiu do esconderijo e num instante atravessou o espaço que o separava do penhasco com alguns saltos. Antes que Gollum pudesse se levantar, já estava em cima dele. Mas Gollum superou suas expectativas, mesmo pego daquele jeito, de repente, de surpresa depois de uma queda. Antes que Sam pudesse prendê-lo, pernas e braços compridos estavam em volta de seu corpo, segurando-lhe os braços, e um agarrão firme, mole mas terrivelmente forte, o esmagava como cordas que se apertam lentamente; dedos pegajosos tateavam à procura de sua garganta. Depois dentes afiados morderam-lhe o ombro. Tudo que Sam podia fazer era projetar para o lado sua cabeça dura e redonda contra o rosto da criatura. Gollum chiava e cuspia, mas não o soltava.

Sam se teria dado mal se estivesse sozinho. Mas Frodo deu um salto e tirou Ferroada da bainha. Com a mão esquerda, puxou para trás a cabeça de Gollum, agarrando-lhe os cabelos finos e escassos, esticando-lhe o longo pescoço, forçando seus olhos opacos e venenosos a olhar para o céu.

— Solte, Gollum! — disse ele. — Esta é Ferroada. Você já a viu antes. Solte, ou vai senti-la desta vez! Vou lhe cortar a goela!

Gollum teve um colapso e ficou solto como barbante molhado. Sam se levantou, apalpando o ombro. Os olhos queimavam de ódio, mas ele não pôde se vingar: seu miserável inimigo estava rastejando sobre as pedras, choramingando.

— Não nos machuquem! Não deixe que nos machuquem, Precioso. Não vão nos machucar, vão, esses bons e pequenos hobbitses? Não queríamos fazer mal algum, mas eles pulou em nós como gatos em cima de pobres ratinhos, é sim, precioso. E estamos tão sozinhos, gollum. Vamos ser bonzinhos para eles, muito bonzinhos, se eles forem bonzinhos para nós, não é? Sim, sssim.

— Bem, que vamos fazer com essa coisa? — disse Sam. — Amarrá-lo, para que não possa mais ficar nos seguindo e nos espionando, eu diria.

— Mas isso nos mataria, nos mataria — choramingou Gollum. Hobbitsezinhos cruéis. Amarrar nós neste lugar frio e nos deixar, gollum, Gollum. — Soluços subiram-lhe pela garganta gorgolejante.

— Não — disse Frodo. — Se vamos matá-lo, é melhor fazer o serviço direito. Mas não podemos fazer isso, não no pé em que estão as coisas. Pobre patife! Não nos fez mal algum.

— Ah não, é? — disse Sam esfregando o ombro. — De qualquer forma, teve a

intenção, e continua tendo, eu garanto. Estrangular-nos enquanto dormimos, esse é o plano dele.

— Suponho que sim — disse Frodo. — Mas o que pretende fazer é outro assunto. — Fez uma pausa e ficou pensando. Gollum ficou imóvel, mas parou de choramingar. Sam tinha os olhos cravados nele, furioso.

Frodo teve a impressão de ouvir, claras mas distantes, vozes vindas do passado:

— É uma pena que Bilbo não tenha apunhalado aquela criatura vil, quando teve a chance!

— Pena? Foi justamente Pena que ele teve. E misericórdia. Não atacar sem necessidade.

— Não sinto nenhuma pena de Gollum. Ele merece morrer.

— Merece! Suponho que sim. Muitos que vivem merecem morrer E alguns que merecem viver morrem. Você Pode dar-lhes vida? Então não seja tão ávido para condenar à morte em nome da justiça, temendo por sua própria segurança. Nem mesmo os sábios conseguem ver os dois lados.

— Muito bem — respondeu ele em voz alta, abaixando a espada. — Mas ainda estou com medo. E mesmo assim, como você pode ver, não vou tocar na criatura. Pois, agora que o vejo, realmente sinto pena dele.

Sam ficou olhando para seu mestre, que parecia estar conversando com alguém que não estava lá. Gollum ergueu a cabeça.

— Sssim, somos patifes, precioso — choramingou ele. — Miséria, miséria! Os hobbits não vão matar nós, hobbits bonzinhos.

— Não, não vamos — disse Frodo. — Mas também não vamos soltá-lo, Você está cheio de maldade e traição, Gollum. Vai ter de vir conosco, isso é tudo, e vamos vigiá-lo. Mas deve nos ajudar, se puder. O bem com o bem se paga.

— Sssim, realmente! — disse Gollum sentando-se. — Hobbits bonzinhos. Vamos com eles. Achar para eles caminhos seguros na escuridão, sim, vamos. E para onde vão nestas terras frias e escuras? Nós fica pensando, sim, nós fica pensando. — Olhou para eles, e um brilho fraco de esperteza e avidez iluminou por um segundo seus olhos opacos que piscavam.

Sam lhe fez uma careta e chupou os dentes; mas teve a impressão de sentir que havia algo estranho sobre a disposição de seu mestre e que o assunto estava acima de qualquer discussão. Mesmo assim, ficou assustado com a resposta de Frodo.

Frodo olhou direto nos olhos de Gollum, que se esquivaram e se voltaram para o outro lado.

— Isso você sabe, ou pode imaginar, Sméagol disse ele numa voz baixa e severa. —
Estamos indo para Mordor, é claro. E você sabe o caminho para lá, eu suponho.
— Ach, sss! — disse Gollum, cobrindo os ouvidos com as mãos, como se aquela
franqueza, e a menção direta dos nomes, o machucassem. — Imaginamos, sim, imaginamos
— sussurrou ele —, e não queríamos que eles fossem, queríamos? Não, precioso, não os
hobbits bonzinhos. Cinzas, cinzas e poeira, e sede há lá; e poços, poços, poços, e orcs,
milhares de orcs. Hobbits bonzinhos não devem ir para — ss — lugares assim.
— Então você esteve lá? — insistiu Frodo. — E está sendo atraído de volta, não está?
— Sssim, sssim. Não! — gritou Gollum. — Uma vez, foi por acaso, não foi, precioso?
Sim, por acaso. Mas não vamos voltar, não, não! — Então, de repente, sua voz e sua língua
mudaram, e ele emitiu um soluço gutural, e falou, mas não para eles, — Deixe-me em paz,
gollum! Você me machuca. Olhe minhas pobres mãos, gollum. Eu, nós, eu não quero
voltar. Não consigo encontrá-lo. Estou cansado. Eu, nós não conseguimos encontrá-lo,
gollum, gollum, não, não, em lugar nenhum. Estão sempre acordados. Anões, homens, e
elfos, elfos terríveis de olhos brilhantes. Não consigo encontrá-lo. Ach! — Levantou-se e

cerrou a mão comprida num punho ossudo e descarnado, acenando na direção do leste. —
Não vamos! — gritou ele. — Não por você. — Então teve outro colapso. — Gollum, gollum —
choramingou ele com o rosto virado para o chão. — Não olhe para nós! Vá embora! Vá
dormir!
— Ele não vai dormir nem vai embora porque você mandou, Sméagol! Disse Frodo.
— Mas se realmente quer ficar livre dele de novo, então deve me ajudar. E receio que isso
signifique encontrar para nós um caminho que leve a ele. Mas não precisa fazer o
caminho todo, só até os portões da terra dele.
Gollum sentou-se de novo e olhou-o por debaixo das pálpebras. — Ele está lá —
grasnou ele. — Sempre lá. Os orcs vão levá-los por todo o caminho. Fácil achar orcs a leste
do Rio. Não peça para Sméagol. Pobre, pobre Sméagol, ele foi embora faz tempo. Eles
tomaram seu Precioso, e ele está perdido agora.
— Talvez possamos encontrá-lo de novo, se você vier conosco — disse Frodo.
— Não, não, nunca! Ele perdeu seu Precioso — disse Gollum.
— Levante-se! — disse Frodo.

Gollum se levantou e encostou-se contra o penhasco.
— Agora! — disse Frodo. — É mais fácil Para você achar um caminho de dia ou de
noite? Estamos cansados; mas se escolher a noite, partiremos esta noite.
— As grandes luzes machucam nossos olhos, machucam sim — choramingou
Gollum. — Não sob a Cara Branca, ainda não. Ela vai para trás das colinas logo, ssim.
Descansem um pouco primeiro, hobbits bonzinhos!
— Então sente-se — disse Frodo. — E não se mexa!
Os hobbits se sentaram perto dele, um de cada lado, com as costas contra a parede
rochosa, descansando as pernas. Não houve necessidade de qualquer combinação por
meio de palavras: sabiam que não deviam dormir nem por um segundo.
Lentamente a lua desapareceu. Sombras caíram das colinas, e tudo ficou escuro
diante deles. O céu se encheu de estrelas claras. Ninguém se mexia. Gollum estava
sentado com as pernas dobradas, os joelhos sob o queixo, as mãos e os pés chatos
esborrachados no chão, os olhos fechados; mas parecia tenso, como se estivesse pensando
ou tentando escutar algo.
Frodo olhou de lado para Sam. Os olhos se encontraram e eles entenderam.
Relaxaram, recostando as cabeças, fechando ou dando a impressão de fechar os
olhos. Logo se podia ouvir o som de sua respiração suave. As mãos de Gollum se
crisparam um pouco. Quase imperceptivelmente, sua cabeça virou para a direita e para a
esquerda, e primeiro um olho e depois o outro abriram uma fresta. Os hobbits não fizeram
nenhum sinal.
De repente, com velocidade e agilidade assustadoras, direto do chão, com um salto
de um gafanhoto ou um sapo, Gollum pulou à frente dentro da escuridão. Mas era
exatamente isso que os hobbits esperavam. Sam estava em cima dele antes que tivesse
dado dois passos depois do salto. Frodo, vindo atrás, agarrou-lhe as pernas e o jogou no
chão.
— Sua corda pode se mostrar útil de novo, Sam — disse ele.
Sam pegou a corda. — E aonde o senhor estava indo nessas terras frias e desertas,
Sr. Gollum? — rosnou ele. — Nós se pergunta, é sim, nós se pergunta. Estava procurando
algum de seus amigos orcs, eu garanto. Criatura má e traiçoeira. É em volta de seu
pescoço que esta corda vai ficar, e com um nó bem apertado.
Gollum ficou quieto e não tentou mais nenhum truque. Não respondeu a pergunta
de Sam, mas lançou-lhe um olhar rápido e venenoso.
— Só precisamos de alguma coisa para controlá-lo — disse Frodo. Queremos que ele

ande, então não adianta amarrar-lhe as pernas — ou os braços, parece que ele os usa
bastante. Amarre uma ponta no tornozelo, e agarre firme a outra ponta.
Segurou Gollum com os pés, enquanto Sam fazia o nó. O resultado disso

surpreendeu aos dois. Gollum começou a gritar, um som fraco, cortante, muito horrível de
escutar.
Contorceu o corpo, tentando levar a boca até o tornozelo e morder a corda.
Continuou gritando.
Finalmente Frodo se convenceu de que ele estava realmente sofrendo; mas não
podia ser por causa do nó. Examinou-o e viu que não estava apertado demais, na verdade
nem apertado o suficiente. O gesto de Sam fora mais gentil que suas palavras. —
Que há com você? — perguntou ele. — Se vai tentar fugir, precisa ser amarrado; mas não
queremos machucá-lo.
— Isso machuca nós, isso machuca nós — chiou Gollum. — Congela, morde! Os elfos
trançaram a corda, malditos! Hobbits maldosos e cruéis! É por isso que nós está tentando
escapar, é claro que é por isso, precioso. Já desconfiava que eles eram hobbits cruéis. Eles
visita os elfos, elfos ferozes com olhos brilhantes. Tire essa corda de nós, ela machuca
nós.
— Não, não vou tirá-la de você — disse Frodo —, a não ser — parou por um momento,
pensando —, a não ser que haja uma promessa que você possa fazer e na qual eu possa
confiar.
— Sim, ssim — disse Gollum, ainda se contorcendo e agarrando o tornozelo. — Isso
nos machuca. Nós juramos fazer o que ele deseja.
— Jura? — disse Frodo.
— Sméagol — disse Gollum de repente e numa voz clara, abrindo completamente os
olhos e lançando a Frodo um olhar estranho. — Sméagol vai jurar sobre o Precioso.
Frodo empertigou-se, e Sam mais uma vez se assustou com suas palavras e sua voz
severa, — Sobre o Precioso? Como ousa? — disse ele. — Pense! Um anel para todos governar
e na Escuridão aprisioná-los.
— Você faria sua promessa em nome disso, Sméagol? Isso irá prendê-lo. Mas isso é
mais traiçoeiro que você. Pode torcer suas palavras. Cuidado! Gollum se agachou.
— Sobre o Precioso, sobre o Precioso! — repetiu ele.
— E o que você juraria? — perguntou Frodo.
— Ser muito, muito bom — disse Gollum. Depois, arrastando-se até os pés de Frodo,
ajoelhou-se diante dele, sussurrando numa voz rouca: um tremor tomou conta de seu
corpo, como se as palavras lhe abalassem os próprios ossos de medo.
— Sméagol jura que nunca, nunca permitirá que Ele o tenha. Nunca. Sméagol vai

salvá-lo. Mas precisa jurar sobre o Precioso.

— Não, não sobre ele — disse Frodo, descendo os olhos até ele e sentindo uma compaixão austera. — Tudo o que deseja é vê-lo e tocá-lo, se puder, embora saiba que isso o deixaria louco. Não sobre ele. Jure por ele, se quiser. Pois você sabe onde ele está. Sim, você sabe, Sméagol. Está diante de você.

Por um momento, Sam teve a impressão de que seu mestre crescera e de que Gollum havia encolhido: uma sombra altiva e austera, um senhor Poderoso que escondia seu brilho numa nuvem cinzenta, e aos seus pés tinha um cachorrinho ganindo. Apesar disso, os dois eram de alguma forma aparentados e não estranhos: podiam atingir a mente um do outro. Gollum se levantou e começou a bater de leve com as patas em Frodo, acariciando seus joelhos.

— Para o chão, para o chão! — disse Frodo. — Agora, fale de sua promessa!

— Nós promete, sim, nós promete! — disse Gollum. — Vou servir ao mestre do Precioso. Bom mestre, bom Sméagol, gollum, gollum! — De repente, começou a chorar e a morder o tornozelo outra vez.

— Desamarre a corda, Sam! — disse Frodo.

Relutante, Sam obedeceu. Imediatamente, Gollum se levantou e começou a saltitar, como um vira-latas que depois de açoitado é acariciado pelo dono. Desde esse momento, uma mudança, que durou algum tempo, operou-se nele. Ao falar chiava e choramingava menos, e se dirigia aos seus companheiros diretamente, e não à sua própria e preciosa pessoa. Se os hobbits se aproximassem ou fizessem qualquer movimento súbito, ele se encolhia e recuava, e também evitava o toque de suas capas élficas; mas era amigável e na verdade dava pena ver como se esforçava para agradar. Era capaz de rir às gargalhadas e fazer cabriolagens, por qualquer brincadeira, ou até mesmo se Frodo lhe dirigisse a palavra com gentileza, e de chorar se Frodo o repelisse.

Sam não lhe dizia quase nada. Suspeitava dele agora mais do que nunca e, se isso fosse possível, gostava menos do novo Gollum, o Sméagol, do que do antigo.

— Bem, Gollum, ou como quer que devamos chamá-lo — disse ele. Agora vamos! A lua já se foi, e a noite está passando. É melhor partirmos!

— Sim, sim — concordou Gollum, saltitando. — Vamos! Só há um caminho que vai da extremidade norte até a extremidade sul. Eu o encontrei, é sim. Os orcs não o usam. Os

orcs não atravessam o Pântano, eles o contornam andando milhas e milhas. Muita sorte que vocês vieram por aqui. Muita sorte que encontraram Sméagol, é sim. Sigam Sméagol!

Deu alguns passos e olhou para trás de um modo inquisitivo, como um cachorro que os convidasse para um passeio.

— Espere um pouco, Gollum! — gritou Sam. — Não vá muito na frente! Vou ficar nos seus calcanhares, e tenho a corda à mão.

— Não, não! — disse Gollum. — Sméagol prometeu.

Nas profundezas da noite, sob estrelas claras e agudas, eles partiram.

Gollum os conduziu de volta em direção ao norte, pelo caminho através do qual tinham vindo; então desviou bruscamente para a direita, distanciando-se da borda íngreme dos Emyn Muil, descendo as encostas partidas e pedregosas em direção aos brejos lá embaixo.

Eles iam sumindo rápida e suavemente na escuridão. Ao longo de todas as léguas de desolação que ficavam diante dos portões de Mordor, fazia-se um silencio negro.

CAPÍTULO II
A PASSAGEM DOS PÂNTANOS

Gollum se movimentava com rapidez, com a cabeça e o pescoço jogados para frente, muitas vezes usando as mãos além dos pés. Frodo e Sam tinham de se esforçar para manter o ritmo dele; mas não parecia que Gollum tinha qualquer idéia de escapar, e se os hobbits ficavam para trás, ele se virava e os esperava. Depois de um tempo chegaram à borda do fosso estreito que já tinham atingido antes, mas agora estavam mais distantes das colinas.

— Aqui está! — gritou ele. — Há uma descida por dentro, é sim. Agora nós segue por ela — ali, por ali. — Apontou ao sul e ao leste, na direção dos pântanos. O cheiro

nauseabundo chegava-lhes às narinas, pesado e pestilento mesmo no ar fresco da noite.

Gollum subiu e desceu ao longo da borda, e finalmente os chamou. Aqui! Podemos descer por aqui. Sméagol foi por esse caminho uma vez: fui por aqui, escondendo-me dos orcs.

Foi na frente, e seguindo-o os hobbits desceram para dentro da escuridão.

Não foi difícil, pois a fenda nesse ponto tinha uma profundidade de apenas uns quatro metros e meio, e cerca de três metros e meio de largura. No fundo corria um fio de água: de fato era o leito de um dos muitos pequenos riachos que desciam das colinas para alimentar as Poças estagnadas e os atoleiros mais além. Gollum virou à direita, mais ou

menos em direção ao sul, e avançou afundando os pés no riacho raso e pedregoso.
Parecia muito satisfeito por sentir a água, e ria consigo mesmo, algumas vezes até
grasnando numa espécie de canção.
Frio seco chão que morde a mão, pros pés é duro.
Pedra e seixo
sem carne veja , é osso puro.
Mas lago e rio molhado e frio:
tão bom pros pés! E agora me deixe...
— Ha! Ha! Deixe o quê? — disse ele, olhando de lado para os hobbits. Vou lhes dizer
— grasnou ele. — Ele já adivinhou há muito tempo, Bolseiro adivinhou. — Um brilho surgiu
em seus olhos e Sam, captando-o na escuridão, achou aquilo muito pouco agradável.
Como a morte sem calor; vive sem respirar;
sem sede, sempre a beber; encouraçado sem tilintar
No seco sua derrota, acha que uma ilhota é alto monte;
acha que uma fonte é sopro de brisa. Macio, desliza!
Como é bom vê-lo! Só quero que me deixe
Pegar meu peixe, e depois comê-lo!
Essas palavras só deixaram Sam mais preocupado com um problema que já vinha
incomodando sua mente desde a hora em que ele percebera que seu mestre ia adotar
Gollum como um guia: o problema da comida. Não lhe ocorreu que seu mestre também
poderia ter pensado nisso, mas ele supunha que Gollum pensara. Pensando bem, como
Gollum tinha se mantido durante todo o tempo que vagou sozinho? “Não muito bem”,
pensou Sam. “Ele parece bastante esfomeado. E não exigente demais para não
experimentar o gosto da carne de hobbits, se não conseguir encontrar nenhum peixe, eu
aposto — supondo que ele pudesse nos pegar enquanto estivéssemos cochilando. Não, ele
não vai: não Sam Gamgi, pelo menos.”
Avançaram aos tropeços para dentro do fosso escuro e sinuoso por um longo
tempo, ou pelo menos assim pareceu para os pés cansados de Frodo e Sam. O fosso
virava para o leste, e conforme iam avançando ficava mais largo e gradualmente mais
raso. Finalmente o céu começou a clarear com o primeiro cinza da manhã. Gollum não
mostrava sinais de cansaço, mas agora erguera os olhos e parara.
— O Dia está chegando — sussurrou, como se o Dia fosse algo que pudesse ouvi-lo e
saltar sobre ele. — Sméagol vai ficar aqui: vou ficar aqui, e o Cara Amarela não vai me ver.
— Nós ficaríamos contentes em ver o sol — disse Frodo —, mas vamos ficar aqui:
estamos cansados demais para ir mais longe, por enquanto.

— Vocês não demonstram sabedoria quando se alegram com o Cara Amarela — disse

Gollum. — Ele os mostra. Hobbits sensatos e bonzinhos ficam com Sméagol. Orcs e seres maus estão à solta. Eles podem enxergar de longe. Fiquem e se escondam comigo!

Os três pararam para descansar ao pé da parede rochosa do fosso. Naquele ponto, a altura era pouco maior que a de um homem grande, e na base havia saliências planas de pedra seca; a água corria num canal do outro lado. Frodo e Sam se sentaram em uma das saliências, descansando as costas. Gollum se arrastava e chapinhava na água.

— Precisamos comer um pouco — disse Frodo. — Está com fome, Sméagol? Temos muito pouco para dividir, mas vamos lhe oferecer o que pudermos. À menção da palavra fome, uma luz esverdeada se acendeu nos olhos opacos de Gollum, que pareceram saltar mais que nunca daquele rosto magro e de aparência doentia. Por um momento, ele teve uma recaída, voltando ao seu jeito antigo de Gollum. — Estamosss famintos, sim, famintos estamos, precioso — disse ele. — Que é que eles come? Têm uns peixes gostosos? — Pôs a língua para fora, entre os dentes pontudos e amarelos, lambendo os lábios descorados.

— Não, não temos peixe — disse Frodo. — Só temos isto — ergueu um pedaço de lembas — e água, se esta água aqui for boa para beber.

— Sssim, sssim, agua boa — disse Gollum. — Bebam, bebam, enquanto pudermos! Mas o que é isso aí, precioso? É mastigável? É gostoso? Frodo partiu uma parte do bolo e o entregou a Gollum no seu embrulho de folhas. Gollum farejou a folha e seu rosto se alterou: um espasmo de asco tomou conta dele, juntamente com um traço da velha malícia. Sméagol sente o cheiro! — disse ele. — Folhas da terra dos elfos, gah! Eles fede. Ele subiu naquelas árvores, e não pode tirar o cheiro de suas mãos nem lavando, minhas pobres mãozinhas.

— Jogando a folha, ele pegou um canto do lembas e o mordiscou. Cuspiu e teve um acesso de tosse.

— Ach! Não! — gaguejou ele. — Estão tentando sufocar o pobre Sméagol. Poeira e cinzas, ele não pode comer essas coisas. Vai ter de passar fome. Mas Sméagol não se importa. Hobbits bonzinhos! Sméagol prometeu. Vai passar fome. Ele não pode comer comida de hobbits. Vai passar fome. Pobre do magro Sméagol!

— Sinto muito — disse Frodo -; mas receio que não possa ajudá-lo. Acho que esta comida lhe faria bem, se você quisesse experimentar. Mas talvez não possa nem experimentar, não por enquanto, de qualquer forma.

Os hobbits mastigaram seus lembas em silêncio. Sam teve a impressão de que o gosto estava muito melhor, de alguma forma, do que estivera por um bom tempo: o comportamento de Gollum o fizera atentar para o sabor outra vez. Mas ele não se sentiu à vontade. Gollum ficava vigiando cada pedaço que ia da mão à boca, como um cachorro esperançoso perto da cadeira de alguém que está jantando. Só quando eles tinham terminado e se preparavam para descansar é que ele se convenceu de que os hobbits não tinham guloseimas escondidas para dividir. Depois foi se sentar sozinho a alguns passos de distância, e se lamuriou um pouquinho.

— Olhe aqui — sussurrou Sam para Frodo, numa voz não muito baixa: realmente não estava preocupado se Gollum podia ou não ouvi-lo. — Precisamos dormir um pouco; mas não os dois ao mesmo tempo, com esse vilão faminto por perto, com ou sem promessa. Sméagol ou Gollum, não é de uma hora para a outra que ele vai mudar seus hábitos, isso eu garanto. Vá dormir, Sr. Frodo, e eu o chamo quando não conseguir manter minhas pálpebras abertas por mais tempo. Vamos revezar, como antes, enquanto ele estiver solto.

— Talvez esteja certo, Sam — disse Frodo falando abertamente. — Há uma mudança nele, mas que tipo de mudança, e qual a sua extensão, ainda não sei ao certo. Mas agora, falando sério, acho que não há necessidade de sentirmos medo — por enquanto. Mesmo assim, vigie, se quiser. Dê-me umas duas horas, não mais que isso, e me chame.

Frodo estava tão cansado que sua cabeça caiu sobre o peito e ele adormeceu, quase no mesmo momento em que terminara de dizer aquelas palavras. Agora Gollum não parecia mais temer coisa alguma. Enrolou-se todo e adormeceu rapidamente, sem qualquer preocupação. Naquele momento, sua respiração produzia um chiado suave por entre os dentes cerrados, mas ele estava imóvel como uma pedra. Depois de um tempo, temendo ele mesmo cochilar, se ficasse sentado ali ouvindo a respiração dos dois companheiros, Sam se levantou e deu um leve cutucão em Gollum. Suas mãos se abriram e se contraíram, mas ele não fez mais nenhum outro movimento. Sam se abaixou e lhe

disse peixxxe ao ouvido, mas não houve resposta, nem mesmo qualquer sobressalto na respiração de Gollum.

Sam coçou a cabeça. — Deve estar dormindo de verdade — murmurou ele. — E, se eu fosse como Gollum, ele jamais acordaria outra vez. — Sam reprimiu o pensamento da espada e da corda que lhe vieram à mente, e foi se sentar ao lado de seu mestre.

Quando acordou o céu já estava apagado, não mais claro e sim mais escuro do que quando tinham feito o desjejum. Sam pulou de pé. Percebeu de repente, sobretudo por sua sensação de vigor e de fome, que tinha dormido durante todo o dia, pelo menos umas nove horas. Frodo ainda estava num sono profundo, deitado agora de lado, com o corpo estendido. Gollum não estava à vista. Várias palavras de reprovação destinadas a si mesmo vieram à mente de Sam, retiradas do grande acervo paternal de palavras do Feitor; então ocorreu-lhe também que seu mestre estivera certo: até o momento não tinham tido nada do que se proteger. Os dois estavam, de qualquer forma, vivos e não estrangulados.

— Pobre patife! — disse ele sentindo um certo remorso. — Agora fico pensando onde se meteu.

— Não muito longe, não muito longe! — disse uma voz acima dele. Sam ergueu os olhos e viu a figura da grande cabeça e das orelhas de Gollum, contra o céu do início da noite.

— Que está fazendo? — gritou Sam, e suas suspeitas retornaram assim que viu aquela figura.

— Sméagol está com fome — disse Gollum. — Volto logo.

— Volte já! — gritou Sam. — Ei! Volte! — Mas Gollum tinha desaparecido.

Frodo acordou com o grito de Sam e se sentou, esfregando os olhos.

— Olá! — disse ele. — Alguma coisa errada? Que horas são?

— Não sei — disse Sam. — O sol já se pôs, eu calculo. E ele saiu. Disse que está com fome.

— Não se preocupe! — disse Frodo. — Não há como evitar, mas ele vai voltar, você vai ver. A promessa terá efeito por um tempo. E ele não vai deixar seu Precioso, de qualquer forma.

Frodo não deu muita importância ao saber que eles tinham dormido profundamente horas e horas com Gollum, e ainda por cima um Gollum bem faminto, solto ao lado deles.

— Não pense em nenhuma das palavras duras de seu Feitor — disse ele. — Você estava exausto e tudo deu certo no fim: agora nós dois estamos descansados. E temos uma estrada difícil à frente, a pior de todas as estradas.

— A respeito da comida — disse Sam. — Quanto tempo vai levar para fazermos este serviço? E quando terminarmos, que vamos fazer então? Esse pão de viagem mantém você sobre suas pernas de uma forma maravilhosa, mas não satisfaz a barriga de maneira apropriada, como se poderia dizer: não para o meu gosto, de qualquer forma, sem querer desrespeitar aqueles que o fizeram. Mas temos de comer um pouco todo dia, e ele não nasce do chão. Calculo que temos uma quantia que vai durar, vamos dizer, mais ou menos três semanas, e isso apertando os cintos e maneirando a boca, veja bem. Até agora fomos meio pródigos com as provisões.

— Não sei quanto tempo vai levar para... para terminarmos — disse Frodo.

— Demoramos demais nas colinas. Mas Samwise Gamgi, meu querido hobbit — na verdade, meu hobbit predileto, amigo dos amigos —, não acho que devemos pensar no que acontecerá depois disso. Fazer o serviço, como você diz — que esperança temos de consegui-lo? E, se conseguirmos, quem sabe o que resultará disso? Se o Um for para o Fogo e estivermos por perto? Pergunto a você, Sam, será que vamos precisar de alguma comida outra vez? Acho que não. Se conseguirmos alimentar nossas pernas para que nos levem até a Montanha da Perdição, isso será tudo o que poderemos fazer. Mais do que eu posso, começo a sentir.

Sam fez um sinal com a cabeça concordando, em silêncio. Tomou a mão de seu mestre e se inclinou sobre ela. Não a beijou, mas suas lágrimas caíram sobre ela. Então virou-se para o outro lado, passou a manga da camisa pelo nariz, levantou-se e saiu pisando firme, tentando assobiar, e dizendo com esforço: — Onde está a maldita criatura?

Realmente não demorou muito para que Gollum retornasse; mas se aproximou tão silenciosamente que eles não o ouviram até que estivesse diante deles. Seus dedos e seu rosto estavam sujos de lama preta. Ainda estava mastigando e babando.

O que mastigava os hobbits não perguntaram, e nem queriam imaginar.

“Vermes e besouros ou alguma coisa lodosa que achou nalgum buraco”, pensou

Sam. “Brrr! Criatura nojenta; pobre patife!”
Gollum não lhes disse nada antes de beber muita água e lavar-se no riacho. Depois foi para perto deles, lambendo os beiços.
— Bem melhor agora disse ele. — Estamos descansados? Prontos para partir? Hobbits bonzinhos, dormem bastante. Confiam em Sméagol agora? Muito bom, muito bom.
A etapa seguinte da jornada foi muito parecida com a anterior. Conforme avançavam, o fosso ia ficando cada vez mais raso e a descida mais suave.
O fundo ia ficando menos pedregoso e mais cheio de terra, e lentamente as laterais iam se transformando em meras margens. O fosso começou a ficar sinuoso e mudar de rumo. Aquela noite chegou ao fim, mas nuvens agora cobriam lua e estrelas, e eles perceberam a chegada do dia apenas pela luz tênue e cinzenta que se espalhava lentamente.
Numa hora fria eles atingiram o fim do curso de água. As margens se transformaram em montículos cobertos de musgo. Por sobre a última saliência de pedra em decomposição, o riacho gorgolejava e caía dentro de um brejo amarronzado, onde se perdia. Juncos secos chiavam e farfalhavam, embora eles não sentissem vento algum.
Dos dois lados e à frente, jaziam amplos brejos e atoleiros, espraiando-se em direção ao sul e ao leste, na tênue meia-luz. A névoa se enrolava e esfumaçava, vinda das poças escuras e fétidas. O mau cheiro provocado por elas pairava no ar. Ao longe, agora quase ao sul, as paredes das montanhas d e Mordor assomavam, como uma barra negra de nuvens de tormenta flutuando sobre um perigoso mar cercado de névoa.
Os hobbits estavam agora inteiramente nas mãos de Gollum. Não sabiam, e não podiam adivinhar naquela luz enevoada, que naquele momento estavam na verdade entrando no pântano pela fronteira do norte, quando a maior parte dele ficava ao sul de onde estavam. Poderiam, se conhecessem a região, ter com algum atraso refeito um pouco do caminho, e depois, virando para o leste, dado a volta pelas estradas secas até a planície descoberta de Dagorlad: o campo da antiga batalha, travada diante dos portões de Mordor.
Não que houvesse muita esperança nesse caminho. Naquela planície pedregosa não havia abrigo, e por ela passavam as estradas dos orcs e dos soldados do Inimigo. Nem mesmo as capas de Lórien poderiam escondê-los ali.

— Qual é o plano de nossa rota agora, Sméagol? — perguntou Frodo. Vamos ter de atravessar esses brejos pestilentos?

— Não há necessidade, não há nenhuma necessidade — disse Gollum.

— Não se os hobbits quiserem atingir as montanhas escuras e logo dar de cara com Ele. Um pouco para trás, e dando uma volta pequena — o braço descarnado acenava para o norte e para o leste —, e vocês poderão chegar, por estradas secas e frias, exatamente até os portões da terra d'Ele. Seu pessoal estará lá aos montes, à espera de convidados, e ficarão muito satisfeitos em levá-los diretamente a Ele. É, sim, o Olho d'Ele vigia a estrada o tempo todo. Pegou Sméagol ali, muito tempo atrás — Gollum estremeceu.

— Mas desde esse dia Sméagol usou os próprios olhos, é, sim: usei olhos e pés e nariz desde então. Conheço outros caminhos. Mais difíceis, não tão rápidos; mas melhores, se não queremos que Ele veja. Sigam Sméagol! Ele pode levá-los através dos pântanos, através da névoa, névoa espessa e agradável. Sigam Sméagol com muito cuidado, e podem chegar longe, muito longe, antes que Ele pegue vocês, sim talvez possam.

Já era dia, uma manhã lúgubre e sem vento, e o vapor malcheiroso dos pântanos pairava em pesadas camadas. Nenhum raio de sol atravessava o céu nebuloso, e Gollum parecia ansioso por continuar a viagem imediatamente. Portanto, depois de um breve descanso, eles partiram outra vez e logo estavam perdidos num mundo sombrio e silencioso, privados de toda a vista da região ao redor, quer fossem as colinas deixadas para trás, ou então as montanhas almejadas. Seguiam lentamente em fila indiana: Gollum, Sam, Frodo.

Frodo parecia o mais cansado dos três, e, embora avançassem lentamente, ele com freqüência ficava para trás. Os hobbits logo perceberam que o que parecera um vasto brejo era na verdade uma interminável cadeia de poças e atoleiros, e cursos de água sinuosos e semi-estrangulados. Em meio a estes, olhos e pés hábeis poderiam traçar um caminho errante. Gollum certamente tinha essa habilidade e precisou dela toda. Sua cabeça e seu longo pescoço estavam sempre se voltando para um lado e para o outro, enquanto ele farejava e murmurava o tempo todo consigo mesmo. Algumas vezes, erguia uma mão e os detinha, enquanto ele avançava um pouco, agachado, testando o solo com os dedos das mãos ou dos pés, ou simplesmente escutando com uma orelha colada ao chão.

O lugar era monótono e cansativo. O inverno frio e úmido ainda dominava aquela

região abandonada. A única coisa verde que se via era a escória de ervas esbranquiçadas
sobre as superfícies escuras e oleosas das águas sombrias. Capim morto e juncos
apodrecidos assomavam por entre a névoa como sombras esfarrapadas de verões há muito
esquecidos.

À medida que o dia avançava, a luminosidade ficou um pouco mais intensa, e a
névoa subiu, ficando mais fina e mais transparente. Bem acima da podridão e dos vapores
daquele mundo, o sol agora passava alto e dourado, numa região serena sobre um chão de
névoa luminosa; mas lá embaixo eles só conseguiam ver dele um fantasma fugidio,
ofuscado, opaco, incapaz de dar cor ou calor. Mas até mesmo diante desse pequeno
lembrete de sua presença Gollum franziu a testa e recuou.

Interrompeu a viagem, e eles descansaram, de cócoras como pequenos animais
acuados, nas bordas de uma grande moita de juncos castanhos. Fez-se um silêncio
profundo, apenas arranhado em sua superfície pelo tremor fraco de plúmulas de sementes
vazias, ou folhas de capim quebradas causando pequenas vibrações do ar que eles nem
conseguiam perceber.

— Nem um pássaro — disse Sam num lamento.

— Não, nem um pássaro — disse Gollum. — Pássaros bonzinhos! — continuou ele,
lambendo os beiços. — Nenhum pássaro aqui. Há cobrasas, vermeses, coisas nas poças.
Muitas coisas, muitas coisas ruins. Nenhum pássaro — terminou ele com tristeza. Sam
olhou-o com aversão.

Assim passou o terceiro dia da jornada com Gollum. Antes que as sombras da
tarde ficassem longas em terras mais felizes, eles partiram de novo, avançando sempre e
fazendo apenas breves pausas. Paravam nem tanto para descansar, mas para ajudar
Gollum; pois agora até mesmo ele tinha de avançar com grande cuidado, e algumas vezes
ficava perdido por um tempo. Tinham chegado bem ao centro dos Pântanos Mortos, e
estava escuro.

Caminhavam devagar, abaixados e mantendo-se em fila, seguindo atentamente
cada movimento que Gollum fazia. Os brejos iam ficando mais úmidos, abrindo-se em
amplos pântanos estagnados, entre os quais ficava cada vez mais difícil encontrar lugares
mais firmes onde pudessem pisar sem que os pés afundassem numa lama gorgolejante.

Os viajantes eram leves; caso contrário talvez nenhum deles tivesse conseguido
atravessar.

Logo tudo ficou completamente escuro: o próprio ar parecia negro e pesado de se
respirar. Quando luzes apareceram, Sam esfregou os olhos: teve a impressão de que sua
cabeça estava ficando estranha. Primeiro viu um com o canto do olho esquerdo, um fogofátuo
de brilho opaco que desapareceu; mas outros apareceram logo depois: alguns
semelhantes a uma fumaça de brilho fraco, outros como chamas enevoadas piscando
lentamente sobre velas invisíveis; aqui e ali se retorciam como lençóis fantasmagóricos
desfraldados por mãos ocultas Mas nenhum de seus companheiros disse nada.
Finalmente Sam não pôde mais se segurar.
— Que são essas coisas, Gollum? — disse ele num sussurro. — Essas luzes? Estão em
toda a nossa volta. Estamos numa armadilha? Quem são elas?
Gollum ergueu os olhos. Uma água escura se espalhava à sua frente, e ele se
arrastava no chão, de um lado para o outro, sem certeza do caminho. — Sim, estão em toda
a nossa volta — sussurrou ele. — As luzes enganosas. Velas de cadáveres, sim, sim. Não dê
atenção a elas! Não olhe! Não as siga! Onde está o mestre?
Sam virou-se e viu que Frodo ficara para trás. Não conseguia enxergá-lo.
Voltou alguns passos para dentro da escuridão, sem ousar ir muito longe, ou
chamá-lo numa voz mais alta que um sussurro rouco. De repente, trombou com Frodo,
que estava parado, perdido em pensamentos, olhando para as luzes opacas. As mãos
estavam imóveis ao longo do corpo; água e lama pingavam delas.
— Venha, Sr. Frodo! Não olhe para elas! Gollum disse que não devemos! Vamos
alcançá-lo e sair desse lugar amaldiçoado o mais rápido possível — se pudermos!
— Tudo bem — disse Frodo, como se retornasse de um sonho. — Estou indo! Vá!
Correndo outra vez para frente, Sam tropeçou, prendendo o pé em alguma raiz ou
touceira velha. Caiu pesadamente sobre as mãos, que afundaram muito num lodo
pegajoso, de modo que seu rosto ficou próximo à superfície do pântano escuro.
Ouviu-se um chiado fraco, um cheiro fétido subiu, a s luzes piscaram, dançaram e
se contorceram.
Por um momento, a água embaixo dele ficou semelhante a uma janela, coberta por
um vidro encardido, através do qual ele espiou. Arrancando as mãos do brejo, ele deu um
salto para trás e gritou. — Há coisas mortas, rostos mortos na água disse ele cheio de terror.
— Rostos mortos!
Gollum riu. — Os Pântanos Mortos, é, sim: esse é o nome deles — disse ele
gargalhando. — Você não deve olhar quando as velas estão acesas.

— Quem são eles? O que são eles? — perguntou Sam tremendo, voltando-se para
Frodo que agora vinha logo atrás.
— Não sei — disse Frodo numa voz que parecia saída de um sonho. Mas também os

vi. Nas poças, quando as velas estão acesas. Jazem em todas as poças, rostos pálidos, nas profundezas das águas escuras. Eu os vi: rostos repugnantes e maus, e rostos nobres e tristes. Muitos rostos altivos e belos, e ervas em seus cabelos prateados. Mas todos nojentos, podres, todos mortos. Há uma luz terrível neles. — Frodo cobriu os olhos com as mãos. — Não sei quem são; mas tive a impressão de ter visto ali homens e elfos, e orcs ao lado deles.

— É, sim — disse Gollum. — Todos mortos, todos podres. Elfos e homens e orcs. Os Pântanos Mortos. Houve uma grande batalha há muito tempo, sim, assim lhe disseram quando Sméagol era jovem, quando eu era jovem antes de o Precioso chegar. Foi uma grande batalha. Homens altos com grandes espadas, e elfos terríveis, e orcses gritando. Lutaram sobre a planície por dias e meses diante dos Portões Negros. Mas os Pântanos cresceram desde então, engoliram os túmulos, sempre se espalhando, se espalhando.

— Mas isso foi há uma ou duas eras — disse Sam. — Os Mortos não podem realmente estar lá. Isso é alguma feitiçaria criada na Terra Escura?

— Quem pode saber? Sméagol não sabe — respondeu Gollum. — Você não consegue alcançá-los, não consegue atingi-los. Nós tentamos uma vez, sim, precioso. Eu tentei uma vez; mas não é possível alcançá-los. Apenas figuras para se ver, talvez, não para se tocar. Não, precioso. Todos mortos.

Sam lançou-lhe um olhar obscuro e estremeceu de novo, pensando que podia adivinhar por que Gollum tinha tentado tocá-los. — Bem, eu não quero vê— los — disse ele. — Nunca mais! Podemos continuar e sair daqui?

— Sim, sim — disse Gollum. — Mas devagar, muito devagar. Com muito cuidado! Ou os hobbits vão descer para se juntar aos mortos e acender pequenas velas. Sigam Sméagol! Não olhem para as luzes!

Arrastou-se outra vez para a direita, procurando um caminho que contornasse o brejo. Os outros vinham logo atrás, abaixando-se, com freqüência usando as mãos como ele fazia. "Seremos três Gollums preciosos numa fileira, se isso continuar por muito tempo", pensou Sam.

Finalmente chegaram à extremidade do pântano negro, e o atravessaram, perigosamente, rastejando, ou saltando de uma traiçoeira ilha de moita para a outra. Com freqüência perdiam o pé, tropeçando ou caindo com as mãos em águas fétidas

semelhantes a fossas, até ficarem cobertos de lodo e sujos quase até o pescoço, fedendo às narinas uns dos outros.

Já era tarde da noite quando finalmente atingiram terra mais firme de novo.

Gollum chiou e sussurrou consigo mesmo, mas parecia que ele estava satisfeito: de um modo misterioso, graças a algum sentido que misturava tato, olfato, e uma memória prodigiosa para formas no escuro, ele parecia saber outra vez exatamente onde estava, e ter certeza da estrada de novo.

— Agora vamos em frente! — disse ele. — Hobbits bonzinhos! Hobbits corajosos! Muito, muito cansados, é claro; nós também estamos, meu precioso, todos nós. Mas precisamos levar o mestre para longe das luzes maldosas, é, sim, precisamos. — Com essas palavras partiu de novo, quase num trote, descendo o que parecia ser uma alameda comprida entre os juncos, e os hobbits foram aos tropeços atrás dele, o mais rápido que conseguiam. Mas logo ele parou de repente e farejou o ar cheio de dúvidas, chiando como se estivesse preocupado ou incomodado com alguma coisa outra vez.

— O que foi — rosnou Sam, interpretando os sinais de modo errado. Para que farejar?

O mau cheiro quase me derruba com o nariz tampado. Você fede, e o mestre fede, e tudo em volta fede.

— É, sim, e Sam fede — respondeu Gollum. — O pobre Sméagol sente o cheiro, mas o bom Sméagol o suporta. Ajuda o mestre bonzinho. Mas isso não é problema. O ar está se mexendo, uma mudança está chegando. Sméagol fica pensando; não está feliz.

Continuou outra vez, mas seu desconforto cresceu, e de vez em quando ele se levantava totalmente, virando o pescoço para o leste e para o sul. Por algum tempo, os hobbits não conseguiram ouvir ou sentir o que o estava preocupando.

Então, de repente, todos os três pararam, imóveis e escutando. Frodo e Sam tiveram a impressão de ouvir, distante, um longo grito lamentoso, alto, agudo e cruel. Eles tremeram. No mesmo momento, puderam perceber a agitação do ar; ficou muito frio.

Quando pararam, forçando os ouvidos, escutaram um barulho como um vento vindo na distância. As luzes embaçadas tremeram, diminuíram e se apagaram.

Gollum não se mexia. Ficou parado, tremendo e balbuciando para si mesmo, até que numa rajada o vento os atingiu, chiando e rosnando por sobre os pântanos. A noite ficou menos escura, com luz suficiente para que eles pudessem ver, ou quase ver, tufos

disformes de névoa se enrolando e se contorcendo conforme rolavam e passavam por eles. Erguendo os olhos, eles viram as nuvens se partindo e se dividindo; então, acima e ao sul, a lua tremeluziu, vagando por sobre a ruína que havia no céu.

Por um momento, a visão dela alegrou os corações dos hobbits: mas Gollum se abaixou, murmurando maldições para a Cara Branca. Então Frodo e Sam, olhando para o céu, respirando profundamente o ar mais fresco, viram-na se aproximar: uma pequena nuvem voando das colinas malditas; uma sombra negra enviada de Mordor; uma figura enorme, alada e agourenta. Passou através da lua, e com um grito mortal foi embora em direção ao oeste, superando o vento em sua velocidade alucinante.

Eles caíram para frente, rastejando sem cuidado sobre aterra fria. Mas a sombra de terror fez um círculo e retornou, passando agora mais baixo, bem acima deles, deslizando sobre o fedor do brejo com suas asas horríveis. E depois se foi, voando de volta para Mordor com a velocidade da ira de Sauron; e atrás dela foi-se o vento rugindo, deixando os Pântanos Mortos vazios e abandonados. O deserto nu, até onde a vista podia alcançar, mesmo até a ameaça distante das montanhas, estava salpicado pelo luar intermitente.

Frodo e Sam se levantaram, esfregando os olhos, como crianças que acordam de um pesadelo para encontrar a noite familiar ainda sobre o mundo. Mas Gollum ficou deitado no chão, como se estivesse atordoado. Reanimaram-no com dificuldade, e por um tempo ele se recusou a erguer o rosto, mas de joelhos se apoiou nos cotovelos, cobrindo a cabeça com as grandes mãos chatas.

— Espectros! — gemeu ele. — Espectros com asas! O Precioso é o mestre deles. Eles enxergam tudo, tudo. Nada pode se esconder deles. Maldita Cara Branca! E eles contam tudo para Ele. Ele vê, Ele sabe. Ach, gollum, Gollum, gollum! — Foi só quando a lua tinha descido, avançando muito a oeste do Tol Brandir, que ele se levantou e fez um movimento.

A partir daquele incidente Sam teve a impressão de sentir uma mudança em Gollum de novo. Estava mais carinhoso e supostamente amigável; mas Sam algumas vezes o surpreendia lançando uns olhares estranhos, especialmente em direção a Frodo; e ele voltava cada vez mais à sua velha maneira de falar. E Sam tinha outra ansiedade

crescente. Frodo parecia estar cansado, cansado a ponto da exaustão. Não dizia nada, na verdade dificilmente falava alguma coisa; e também não reclamava, mas caminhava como alguém que carrega um fardo cujo peso está constantemente aumentando; arrastava-se cada vez mais devagar, de modo que Sam freqüentemente precisava pedir a Gollum que

esperasse e não deixasse seu mestre para trás.

De fato, a cada passo que dava na direção dos portões de Mordor, Frodo sentia o Anel na corrente em volta de seu pescoço ficar mais difícil de carregar. Começava agora a senti-lo como um verdadeiro peso que o atraía para o leste. Mas, muito mais que isso, ele estava preocupado com o Olho: era esse o nome que lhe dava quando falava consigo mesmo. Era isso, mais que o peso do Anel, que o fazia se curvar e se abaixar conforme caminhava. O Olho: aquela horrível sensação crescente de uma vontade hostil que lutava com grande força para penetrar todas as sombras de nuvens, e a terra e a carne, para vê-lo: para cravá-lo sob seu olhar mortal, nu, imóvel.

Tão tênues, tão frágeis e tênues estavam ficando os véus que ainda ofereciam proteção contra ele. Frodo sabia exatamente onde a moradia atual e o coração daquela vontade estavam: e com a certeza com a qual um homem diz a direção do sol com os olhos fechados. Ele a estava encarando, e sua potência pesava-lhe sobre as pálpebras.

Gollum provavelmente estava sentindo algo do mesmo tipo. Mas o que acontecia em seu coração ignóbil, dividido entre a pressão do Olho e o desejo de possuir o Anel, e sua promessa forçada feita em parte pelo medo do ferro frio, os hobbits não podiam adivinhar. Frodo não pensava nisso. A mente de Sam estava quase totalmente ocupada com seu mestre, mal notando a nuvem escura que se abatera sobre o seu próprio coração. Colocara Frodo à sua frente agora, e ficava de olho em cada movimento seu, apoiando-o quando tropeçava, tentando encorajá-lo com palavras desajeitadas.

Quando finalmente o dia chegou, os hobbits ficaram surpresos em ver como as ominosas montanhas já estavam mais perto. O ar agora estava mais claro e frio e, embora ainda muito distantes, as muralhas de Mordor deixavam de ser uma ameaça nebulosa no limiar da visão, e já apareciam corno torres negras e inflexíveis olhando carrancudas

através de uma região abandonada e sombria. Os pântanos estavam chegando ao fim,
esvaindo-se em turfas mortas e amplas planícies de lama seca e rachada. O terreno à
frente subia em longas encostas rasas, desertas e cruéis, em direção ao deserto que se
estendia até o portão de Sauron.
Enquanto a luz cinzenta durou, eles se agacharam sob uma pedra negra como
vermes, tremendo, com medo de que o terror alado passasse e os espiasse com seus olhos
cruéis. O restante daquela viagem foi uma sombra de medo crescente, na qual a memória
não podia encontrar nada em que se apoiar. Por mais duas noites eles continuaram lutando
através daquela terra cansativa e sem trilhas. Tinham a impressão de que o ar ficava mais
pesado, repleto de um terrível mau cheiro que lhes afetava a respiração e secava suas
bocas.
Finalmente, na quinta noite desde que tinham pegado a estrada com Gollum,
pararam mais uma vez. Diante deles, escuras no alvorecer, as grandes montanhas
atingiam tetos de fumaça e nuvem. De seus pés saltavam enormes contrafortes e colinas
quebradas que estavam agora no máximo a uns vinte quilômetros.
Frodo olhava em volta aterrorizado. Por mais pavorosos que tivessem sido os
Pântanos dos Mortos, e as áridas charnecas das Terras-de-Ninguém, muito mais odioso
era aquele lugar que o dia lento agora revelava gradativamente aos seus olhos contraídos.
Até mesmo ao Brejo dos Rostos Mortos algum espectro desfigurado de primavera poderia
chegar; mas no ponto onde estavam agora nem a primavera nem o verão jamais
chegariam outra vez. Ali nada vivia, nem mesmo as excrescências leprosas que se
alimentam da podridão.
As poças sufocantes estavam cheias de cinzas e lama que se espalhava, num
branco-acinzentado repugnante, como se as montanhas tivessem vomitado a imundície de
suas entranhas sobre as terras que as circundavam. Altos montes de pedra esmigalhada e

esmagada, grandes cones de terra arruinados pelo fogo e manchados de veneno jaziam
como um cemitério obsceno em fileiras intermináveis, lentamente reveladas na luz
relutante.
Tinham chegado à desolação que jazia diante d e Mordor: o monumento
permanente do trabalho escuro de seus escravos, que deveria perdurar quando todos os
seus propósitos se tornassem inócuos: uma terra aviltada, adoecida além de qualquer cura
— a não ser que o Grande Mar a cobrisse e a lavasse com o esquecimento.

— Estou enjoado — disse Sam, Frodo não disse nada.

Por um tempo ficaram ali, como homens no limiar de um sono em que ronda o pesadelo, evitando-o, embora saibam que apenas podem chegar ao dia através das sombras.

A luz se espraiou e ficou mais intensa. Os poços sufocantes e os montes venenosos ficaram medonhamente visíveis. O sol subira no céu, andando por entre nuvens e longas bandeiras de fumaça, mas até mesmo a luz do sol estava aviltada.

Os hobbits não receberam bem aquela luz; parecia hostil, revelando-os em seu desamparo — pequenos fantasmas guinchadores que vagavam em meio aos montes de cinza do Senhor do Escuro.

Cansados demais para avançar, procuraram algum lugar onde pudessem descansar. Por um tempo ficaram sem dizer nada, sob a sombra de um monte de escória; mas vapores sujos saíam dele, afetando-lhes a garganta e sufocando-os. Gollum foi o primeiro a se levantar. Ergueu-se resmungando e amaldiçoando, e sem qualquer palavra ou olhar para os hobbits afastou-se, andando sobre as quatro patas. Frodo e Sam se arrastaram atrás dele, até que chegaram a um poço grande e quase circular, com altos barrancos do lado oeste. Era frio e parado, e uma fossa imunda de lodo oleoso e multicor jazia no fundo. Nesse buraco maligno se esconderam, esperando que em sua sombra pudessem escapar da atenção do Olho.

Aquele dia passou lentamente. Uma terrível sede os incomodava , mas eles beberam apenas alguns goles de seus cantis — enchidos pela última vez no fosso que agora, quando se lembravam, parecia-lhes um lugar de paz e beleza. Os hobbits se revezaram para vigiar. No início, por mais cansados que estivessem, nenhum deles conseguiu dormir de modo algum; mas, à medida que o sol distante foi descendo para dentro de nuvens que se moviam lentamente, Sam cochilou. Era a vez de Frodo ficar de guarda.

Recostou-se no barranco do poço, mas isso não aliviou a sensação de peso que sentia. Ergueu os olhos para o céu riscado de fumaça e viu espectros estranhos, figuras escuras cavalgando, e rostos vindos do passado. Perdeu a noção do tempo, suspenso entre o sono e a consciência, até que o esquecimento tomou conta dele.

De repente Sam acordou com a impressão de que ouvira seu mestre chamando. A noite já caíra. Frodo não poderia ter chamado, pois adormecera e tinha escorregado para baixo, chegando quase ao fundo do poço. Gollum estava ao lado dele.

Por um momento, Sam pensou que ele estava tentando acordar Frodo; depois viu que não se tratava disso.

Gollum estava conversando consigo mesmo. Sméagol travava um debate com algum outro pensamento que usava a mesma voz, mas a fazia guinchar e chiar. Uma luz opaca e uma luz verde alternavam em seus olhos, conforme falava.

— Sméagol prometeu — disse o primeiro pensamento.

— Sim, sim, meu precioso — veio a resposta. — Nós prometemos: salvar nosso precioso, não deixar que Ele o tenha — nunca. Mas está indo para Ele, sim, mais próximo a cada passo, O que o hobbit vai fazer com Ele? Nós fica pensando, sim, nós fica.

— Não sei, Não posso fazer nada. O mestre está com Ele. Sméagol prometeu ajudar o mestre.

— Sim, sim, ajudar o mestre: o mestre do Precioso. Mas se nós fosse mestre, então nós poderia se salvar, sim, e ainda assim manter a promessa.

— Mas Sméagol disse que seria muito, muito bom. Hobbit bonzinho! Tirou a corda cruel da perna de Sméagol. Ele fala comigo com gentileza.

— Muito, muito bom, hein, meu precioso? Vamos ser bons, bons como peixe s, minha doçura, para nós mesmo. Não machucar o hobbit bonzinho, claro que não, não.

— Mas o Precioso mantém a promessa — objetou a voz de Sméagol. Então pegue ele — disse a outra —, e vamos ter ele nós mesmo! Então vamos ser mestre, gollum! Fazer o outro hobbit, o hobbit mau e desconfiado, fazer ele rastejar, sim, Gollum!

— Mas não o hobbit bonzinho?

— Oh, não, não se isso não nos agrada. Mas ele é um Bolseiro, meu precioso, sim, um Bolseiro. Um Bolseiro roubou ele. Encontrou ele e não disse nada, nada. Nós odeia os Bolseiros.

— Não, não este Bolseiro.

— Sim, qualquer Bolseiro. Todas as pessoas que têm o Precioso. Precisamos tomar ele.

— Mas Ele vai ver, Ele vai saber. Vai tirá-lo de nós!

— Ele vê. Ele sabe. Ele nos escutou fazendo promessas bobas— contra as ordens d'Ele, sim. Precisamos ter ele. Os Espectros estão procurando. Precisamos pegá-lo.

— Não para Ele!

— Não, minha doçura. Veja bem, meu precioso: se nós o tivermos, então Poderemos escapar, até mesmo d'Ele, hein? Talvez nós fique muito forte, mais forte que os Espectros. Senhor Sméagol? Gollum, o Grande? O Gollum! Comer peixe todo dia, três vezes por dia, peixes frescos do mar. Preciosíssimo Gollum! Nós quer ele, nós quer ele, nós quer ele!

— Mas tem eles dois. Eles vão acordar rápido demais e nos matar choramingou Sméagol num último esforço. — Não agora. Ainda não.

— Nós quer ele! Mas — e aqui houve uma longa pausa, como se um novo pensamento tivesse acordado. — Não, ainda não, é? Ela pode ajudar. Ela pode, sim.

— Não, não! Desse jeito não! — gemeu Sméagol.

— Sim, nós quer ele! Nós quer ele!

Cada vez que o segundo pensamento falava a mão comprida de Gollum se estendia lentamente, procurando Frodo, e depois era retirada de sopetão, quando Sméagol falava de novo. Finalmente os dois braços, com longos dedos flexionados e crispados, buscaram o pescoço dele.

Sam estivera deitado e quieto, fascinado pelo debate, mas vigiando cada movimento que Gollum fazia, com os olhos semicerrados. Em sua mente simples, a fome comum, o desejo de comer hobbits, tinha parecido o principal perigo em Gollum. Percebia agora que não era assim: Gollum sentia o terrível apelo do Anel. O Senhor do Escuro era Ele, é claro; mas Sam não podia imaginar quem era Ela. Alguma das amizades repulsivas que o pequeno patife tinha feito em suas viagens, ele supunha. Depois esqueceu o assunto, pois estava claro que as coisas tinham ido longe demais, e estavam ficando perigosas. Sentia um grande peso nas pernas, mas despertou e sentou-se. Alguma coisa o aconselhava a ter cuidado e não revelar que tinha ouvido o debate. Soltou um suspiro alto e bocejou ruidosamente.

— Que horas são? — disse ele numa voz sonolenta.

Gollum soltou um longo chiado através dos dentes. Levanto u-se por um momento, tenso e ameaçador, e então desfaleceu, caindo de quatro para frente e arrastando-se até a parede do poço. — Hobbits bonzinhos! Sam bonzinho! — disse ele.

— Cabeças sonolentas, sim, cabeças sonolentas! Deixe que o bom Sméagol fique de guarda! Mas já e quase noite. O crepúsculo está caindo. Hora de ir.

"Está mais que na hora", pensou Sam. "E na hora de nos separarmos também." Apesar disso, passou-lhe pela cabeça a dúvida se Gollum solto não seria agora tão perigoso quanto se mantido com eles. — Maldito! Gostaria que fosse estrangulado — murmurou ele. Foi descendo pelo barranco e acordou seu mestre.

Muito estranhamente, Frodo se sentia reconfortado. Estivera sonhando. A sombra escura passara, e uma bela visão o havia visitado naquela terra de doença. Dela nada permanecera em sua memória; mesmo assim, por causa da visão, ele se sentia alegre e com o coração mais leve. O fardo ficara menos pesado sobre seus ombros. Gollum o

recebeu alegre feito um cão. Ria e tagarelava, estalando os longos dedos, e acariciando com as patas os joelhos de Frodo.

Frodo lhe sorriu.

— Venha! — disse ele. — Você nos guiou bem e fielmente. Esta é a última etapa. — Leve-nos até o Portão, e depois eu não pedirei que vá mais à frente. Leve-nos ao Portão, e você pode ir para onde quiser — menos ao encontro de nossos inimigos.

— Para o Portão, é? — chiou Gollum, parecendo surpreso e amedrontado. — Para o Portão, diz o mestre! Sim, ele diz! E o bom Sméagol faz o que ele manda. Oh, sim. Mas quando nós chega perto, nós vai ver, talvez, nós vai ver então. Não vai ser bonito de jeito nenhum, oh, não! Oh, não!

— Ande logo — disse Sam. — Vamos acabar com isso!

Na caída da noite eles saíram do poço e lentamente traçaram seu caminho através da terra morta. Não tinham ido muito longe quando sentiram mais uma vez o medo que os acometera quando a figura alada passou varrendo os pântanos. Pararam, abaixando-se sobre o chão malcheiroso; mas não viram nada no céu escuro do início da noite, e logo a ameaça passou, muito acima, talvez indo em alguma missão urgente de Barad-dûr. Depois de um tempo Gollum se levantou e avançou de novo, murmurando e tremendo.

Cerca de uma hora após a meia-noite o medo lhes sobreveio uma terceira vez, mas agora parecia mais remoto, como se a criatura estivesse passando muito acima das nuvens, indo para o oeste a uma velocidade terrível. Gollum, entretanto, estava desesperado de medo, e convencido de que eles estavam sendo caçados, e de que sua aproximação já era conhecida.

— Três vezes — lamuriou-se ele. — Três vezes é uma ameaça. Eles nos sentem aqui, sentem o Precioso. O Precioso é o mestre deles. Não podemos avançar nem mais um pouco por aqui, não. É inútil, é inútil!

Pedidos e palavras gentis não tinham mais força. Só depois que Frodo ordenou energicamente e colocou a mão sobre o punho da espada é que Gollum concordou em levantar-se.

Então, finalmente, ele se ergueu com um rosnado, e foi na frente deles como um cachorro que levara uma surra.

Assim eles foram aos tropeços através do exaustivo final de noite, e até a chegada de um outro dia de medo eles andaram em silêncio com as cabeças baixas, sem enxergar nada, e sem ouvir nada além do vento chiando em suas orelhas.

CAPÍTULO III

O PORTÃO NEGRO ESTÁ FECHADO

Antes que o dia seguinte raiasse, a viagem a Mordor estava terminada. Os pântanos e o deserto haviam ficado para trás. Adiante, escuras contra um céu pálido, as grandes montanhas erguiam suas frontes ameaçadoras.

Erguia-se a oeste de Mordor a escura cordilheira de Ephel Dúath, as Montanhas da Sombra, e ao norte os picos quebrados e as cristas desoladas de Ered Lithui, da cor da cinza. Mas, à medida que essas cordilheiras se aproximavam uma da outra, sendo ambas na realidade partes de uma grande muralha que circundava as planícies lúgubres de Lithlad e de Gorgoroth, com o amargo mar interno de Númen ao meio, elas estendiam longos braços em direção ao norte; entre esses braços havia um desfiladeiro profundo. Era Cirith Gorgor, a Passagem Assombrada, a entrada para a terra do inimigo. Altos penhascos desciam dos dois lados, e saltando à frente de sua abertura viam-se duas colinas íngremes, negras e escalvadas. Sobre elas assomavam os Dentes de Mordor, duas torres altas e fortes. Em dias distantes, tinham sido construídas pelos homens de Gondor, altivos e poderosos, depois da derrota e fuga de Sauron, para evitar que ele tentasse retornar ao seu velho reino. Mas a força de Gondor fracassou, os homens dormiram, e por muitos longos anos as torres permaneceram vazias. Então Sauron retornou. Agora as torres de vigia, outrora em ruína, estavam reformadas, cheias de armas e guarnecidas de uma vigilância contínua.

Tinham faces de pedra, com janelas escuras que olhavam para o norte, o leste e o oeste, cada janela repleta de olhos que jamais dormiam.

Através da abertura da passagem, de penhasco a penhasco, o Senhor do Escuro construíra um baluarte de pedra. Nele se erguia um único portão de ferro, e na parte superior sentinelas andavam continuamente. Sob as colinas, de cada um dos lados, a rocha fora perfurada com uma centena de cavernas e buracos de vermes: ali uma tropa de orcs espreitava, pronta para a qualquer sinal avançar como formigas negras indo à guerra.

Ninguém podia passar pelos Dentes de Mordor sem sentir sua mordida, a não ser que fosse chamado por Sauron, ou soubesse as senhas secretas que abriam o Morarmon, o portão negro da sua terra.

Os dois hobbits olharam desesperados para as torres e para a muralha.

Mesmo à distância, podiam ver na luz fraca o movimento dos guardas negros sobre
a muralha, e as patrulhas diante do portão. Estavam agora espiando por sobre a borda de
uma concavidade rochosa, sob a sombra estendida do contraforte no extremo norte das
Epliel Dúath. Atravessando o ar pesado em linha reta, talvez um corvo não voasse mais
que duzentos metros entre o esconderijo deles e o topo negro da torre mais próxima.
Uma fumaça apagada se espiralava sobre ela, como se um fogo queimasse na
colina mais abaixo.
O dia chegou e o sol fraco cintilava sobre as cordilheiras mortas de Ered Lithui.
Então, de súbito, ouviu-se o clangor de trombetas com garganta de bronze: soaram das
torres de vigia, e distantes, de fortalezas ocultas e de postos avançados nas colinas,
chegaram toques em resposta; e ainda mais distantes, remotos mas profundos e
agourentos, ecoaram mais além na terra oca as trombetas e os poderosos tambores de
Barad-dûr. Mais UM dia terrível de medo e trabalho chegara a Mordor; os vigias da noite
foram chamados às suas masmorras e salões profundos, e os vigias diurnos, cruéis e com
olhares malignos, marchavam para seus postos, O aço reluzia fracamente sobre a muralha.
— Bem, aqui estamos — disse Sam. — Aí está o Portão, e agora me parece que não

conseguiremos ir mais adiante. Palavra de honra, o Feitor teria uma ou duas coisas a dizer
se me visse agora! Sempre dizia que eu me sairia mal, se não olhasse por onde andava,
dizia sim. Mas agora não suponho que verei o velho outra vez. Ele não vai ter a
oportunidade para um Eu te disse, Sam: tanto pior. Eu o deixaria continuar falando
enquanto tivesse fôlego, se pudesse ver seu velho rosto de novo. Mas primeiro precisaria
de um banho, caso contrário ele não me reconheceria.
— Acho que não adianta perguntar “que caminho tomaremos agora?”. Não podemos
ir adiante — a não ser que queiramos pedir aos orcs uma carona.
— Não, não! — disse Gollum. — Não adianta. Não podemos ir adiante. Sméagol disse.
Ele disse: vamos até o Portão, e depois veremos. E estamos vendo. Oh, sim, meu
precioso, estamos vendo. Sméagol sabia que os hobbits não podiam vir por aqui. Oh, sim,
Sméagol sabia.
— Então por que raios nos trouxe até aqui? — disse Sam, sem disposição para ser
justo ou razoável.
— O mestre mandou, O mestre diz: Leve-nos ao Portão. Aí o bom Sméagol faz isso.

O mestre mandou, mestre sábio.

— Mandei — disse Frodo. Seu rosto estava fechado e sinistro, mas resoluto. Estava

sujo, desfigurado e moído de cansaço, mas deixara de se curvar, e tinha os olhos límpidos.

— Eu mandei, porque pretendo entrar em Mordor, e não conheço outro caminho, Portanto,

vou por aqui. Não peço que ninguém me acompanhe.

— Não, não, mestre! — gemeu Gollum, dando-lhe uns tapinhas leves e demonstrando

uma grande perturbação. — Não adianta ir por aqui! Não adianta! Não leve o Precioso para

Ele. Ele vai nos devorar, se consegui-lo, devorar todo o mundo. Guarde-o, querido

mestre, e seja bom para Sméagol. Não deixe que Ele o tenha. Ou vá embora, vá para

lugares agradáveis e devolva-o ao Sméagolzinho. Sim, sim, mestre: devolvê-o. Que tal?

Sméagol vai Mantê-lo a salvo: vai fazer um monte de coisas boas, especialmente para

hobbits bonzinhos. Hobbits vão para casa, não vão para o Portão!

— Recebi ordens de ir à terra de Mordor, e portanto irei — disse Frodo. Se só há um

caminho, então deverei tomá-lo. Aconteça o que acontecer.

Sam não disse nada. O olhar no rosto de Frodo foi o suficiente para ele; sabia que

suas palavras seriam inúteis. E, afinal de contas, não tivera qualquer esperança verdadeira

na história toda desde o inicio; mas sendo um hobbit alegre não precisou de esperança,

enquanto o desespero pôde ser prorrogado.

Agora tinham atingido o mais amargo fim. Sam permanecera ao lado de seu mestre

o tempo todo; esse era o motivo principal de sua vinda, por isso continuaria ao lado dele.

Seu mestre não iria a Mordor sozinho. Sam iria com ele — e de qualquer forma os dois se

livrariam de Gollum.

Gollum, entretanto, não pretendia deixar que se livrassem dele, por enquanto.

Ajoelhou-se aos pés de Frodo, torcendo as mãos e guinchando.

— Não por aqui, mestre! — implorava ele. — Há um outro caminho. Oh, sim, há. Outro

caminho, mais escuro, mais difícil de encontrar, mais secreto. Mas Sméagol o conhece.

Deixe que Sméagol lhe mostre.

— Outro caminho! — disse Frodo desconfiado, voltando-se para Gollum com olhos

perscrutadores.

— Ssssim! Ssim, é verdade! Havia um outro caminho. Sméagol o encontrou. Vamos

ver se ainda está lá!

— Você não o mencionou antes.

— Não, o mestre não pediu. O mestre não disse o que pretendia fazer. Ele não conta para o pobre Sméagol. Ele diz: Sméagol, leve-me ao Portão — e depois adeus! Sméagol pode fugir e ser bonzinho. Mas agora ele diz: pretendo entrar em Mordor por este caminho. Então Sméagol está com muito medo. Não quer perder o mestre bonzinho. E ele prometeu, o mestre o fez prometer, salvar o Precioso. Mas o mestre vai levá-lo direto para Ele, direto para a Mão Negra, se o mestre for por aqui. Então Sméagol precisa salvar os dois, e pensa num outro caminho que havia, uma vez. Mestre bonzinho. Sméagol muito bom, sempre ajuda.

Sam franziu a testa. Se pudesse perfurar Gollum com os olhos, teria Perfurado. Sua mente se enchia de dúvidas. Ao que parecia, Gollum estava verdadeiramente preocupado e ansioso por ajudar Frodo. Mas Sam, lembrando o debate que ouvira, achava difícil acreditar que o Sméagol há muito submerso tivesse saído vencedor: de qualquer forma, aquela voz não dissera a última palavra no debate. Sam supunha que as metades Gollum e Sméagol (ou, como ele as denominava em sua mente, Caviloso e Fedegoso) tinham feito uma trégua e uma aliança temporária: nenhuma das partes queria que o Inimigo obtivesse o Anel; ambas desejavam evitar que Frodo fosse capturado, e mantê-lo sob sua vista, enquanto fosse possível — pelo menos enquanto Fedegoso tivesse uma chance de colocar as mãos em seu “Precioso”. Que houvesse realmente um outro caminho de entrada para Mordor Sam duvidava.

“O bom é que nenhuma das metades do velho vilã o sabe o que o mestre pretende fazer”, pensou ele. “Se ele soubesse que o Sr. Frodo está tentando pôr um fim em seu Precioso de uma vez por todas, haveria problemas logo, logo, eu aposto. De qualquer forma, o velho Fedegoso está com tanto medo do Inimigo — e está obedecendo a algum tipo de ordem dele, ou estava — que preferiria nos entregar a ser pego nos ajudando, ou talvez a permitir que seu precioso fosse derretido. Pelo menos é isso que penso. E espero que o mestre considere o assunto com cuidado. Sabedoria não lhe falta, mas tem o coração mole, esse é o jeito dele. Está fora do alcance de qualquer Gamgi adivinhar o que ele fará em seguida.”

Frodo não respondeu a Gollum imediatamente. Enquanto essas dúvidas passavam através da mente de Sam, que era vagarosa mas perspicaz, ele ficou parado, olhando na direção do escuro penhasco de Cirith Gorgor. A concavidade na qual tinham-se refugiado era cavada na encosta de uma colina baixa, um pouco acima de um vale comprido em forma de trincheira, que se abria entre ela e o contraforte externo das montanhas. No meio do vale ficavam os negros alicerces da torre de vigia ocidental. À luz do dia as estradas que convergiam para o Portão de Mordor eram agora bem visíveis, claras e poeirentas; uma retornando numa curva para o norte; outra sumindo ao leste, para dentro da névoa que se adensava aos pés de Ered Lithuí; e uma terceira que vinha em sua direção.

Conforme desenhava uma curva brusca em torno da torre, a estrada prosseguia por um desfiladeiro estreito passando não muito abaixo da concavidade onde Frodo estava. A oeste, à sua direita, fazia uma curva, margeando os ombros das montanhas, e seguia para o sul, entrando nas profundas sombras que cobriam todas as encostas do lado oeste das Epliel Dúath; além do alcance da vista, ela continuava adiante, entrando na terra estreita entre as montanhas e o Grande Rio.

Conforme olhava, Frodo percebeu que havia uma grande agitação e movimento na planície. Era como se exércitos inteiros estivessem marchando, embora em sua maioria fossem escondidos pelos vapores e pela fumaça que subia dos brejos e das regiões desoladas mais adiante. Mas em alguns pontos ele captava o reluzir de lanças e capacetes;. e sobre as áreas planas ao lado das estradas podiam-se ver cavaleiros avançando em muitos grupos. Frodo se lembrou da visão que tivera á distância, quando estivera sobre o Amon Hen, havia apenas poucos dias, embora agora lhe parecesse que fora muitos anos atrás. Então se deu conta de que era vã a esperança que se agi tara em

seu coração por um momento alucinado. As trombetas não tinham soado em desafio, mas em saudação. O Senhor do Escuro não estava sendo atacado pelos homens de Gondor, erguendo-se, como fantasmas vingadores, de túmulos onde a coragem havia muito tempo estava sepultada.

Estes eram homens de outra raça, vindos das selvagens terras do leste, reunindo-se ao chamado de seu Senhor Supremo; exércitos que tinham acampado diante de seu Portão

durante a noite e agora marchavam para aumentar seu poder crescente. Como se de súbito percebesse completamente o perigo da posição deles, sozinhos, à luz crescente do dia, tão próximos daquela ameaça devastadora, Frodo puxou rápido seu frágil capuz cinzento sobre a cabeça, e desceu para dentro do valezinho. Depois voltou-se para Gollum.

— Sméagol — disse ele. — Vou confiar em você mais uma vez. Na verdade, parece que devo fazer isso, e que é meu destino receber sua ajuda, quando menos esperava, e que o seu destino é me ajudar, a mim, que você perseguiu por tanto tempo com propósitos malignos. Até agora, você honrou minha confiança e manteve sua promessa com sinceridade. Com sinceridade, eu digo e repito — acrescentou ele, com um olhar para Sam.

— Por duas vezes agora estivemos em suas mãos, e você não nos fez mal. Nem tentou tomar de mim aquilo que outrora buscava. Que a terceira vez seja a melhor! Mas eu o aviso, Sméagol, você está correndo perigo.

— Sim, sim, mestre! — disse Gollum. — Perigo terrível! Os ossos de Sméagol tremem só de pensar, mas ele não foge. Precisa ajudar o mestre bonzinho.

— Não quero dizer o perigo que todos nós corremos disse Frodo. — Estou dizendo um perigo que você corre sozinho. Você fez uma promessa em nome daquilo que chama o Precioso. Lembre-se disso! Isso o une a ele. Mas ele vai procurar um jeito de deformar suas palavras para que você mesmo traia a promessa e encontre a desgraça. Você já está sendo forçado. Revelou-se a mim agora há pouco, de maneira tola. Devolva-o para Sméagol, você disse. Não diga isso de novo! Não permita que esse pensamento cresça em seu íntimo! Você nunca vai tê-lo de volta. Mas o desejo de possuí-lo pode atraiçoá-lo e conduzi-lo a um fim amargo. Você nunca vai tê-lo de volta. Em extrema necessidade, Sméagol, eu colocaria no dedo o Precioso, e o Precioso o dominou há muito tempo. Se eu, usando-o, precisasse comandá-lo, você obedeceria, mesmo que fosse para pular de um precipício ou se jogar no fogo. E esta seria minha ordem. Então, tome cuidado, Sméagol!

Sam lançou para seu mestre um olhar de aprovação, misturado com surpresa: havia uma expressão em seu rosto e um tom em sua voz que ele nunca percebera antes.

Sempre lhe parecera que a gentileza do caro Sr. Frodo era tanta que deveria

implicar uma grande dose de cegueira. É claro que ele também tinha a incompatível certeza de que o Sr. Frodo era a pessoa mais sábia do mundo (talvez com exceção do velho Sr. Bilbo e de Gandalf). Gollum, à sua própria maneira e com muito mais ressalvas, por conhecer Frodo por menos tempo, pode ter cometido o mesmo equívoco, confundindo gentileza com cegueira. De qualquer forma, as palavras de Frodo o consternaram e apavoraram. Começou a rastejar no chão, sem conseguir falar qualquer coisa inteligível além de mestre bonzinho.

Frodo esperou pacientemente por um tempo, e então falou outra vez com menos severidade. — Vamos agora, Gollum, ou Sméagol, se deseja assim, fale-me sobre esse outro caminho, e me mostre, se puder, que esperança há nele, suficiente para justificar meu desvio do caminho direto. Estou com pressa.

Mas Gollum estava num estado lastimável, e a ameaça de Frodo o debilitara. Não foi fácil arrancar dele qualquer relatório, entre seus balbúcios e chiados e as frequentes interrupções durante as quais ele rastejava no chão e implorava para que os dois fossem gentis para com o "pobrezinho do Sméagol". Depois de um tempo ficou um pouco mais

calmo, e lentamente Frodo ficou sabendo que se um viajante seguisse a estrada que virava a oeste das Ephel Dúath, chegaria depois de um tempo a uma encruzilhada em meio a um circulo de árvores escuras. À direita uma estrada descia a Osgiliath e às pontes do Anduin; no meio a estrada conduzia para o sul.

— Sempre em frente, toda a vida — disse Gollum. — Nós nunca fomos por aquele caminho, mas dizem que ele continua por umas cem léguas, até que você vê a Grande Água que nunca está parada. Há um monte de peixes lá, e pássaros grandes comem peixes, pássaros bonzinhos: mas nunca fomos lá, infelizmente não!, nunca tivemos uma oportunidade. E mais adiante tem mais terras, eles dizem, mas o Cara Amarela é muito quente lá, e quase nunca há nuvens, e os homens são cruéis e têm caras escuras. Não queremos ver aquela terra.

— Não — disse Frodo. — Mas não se desvie de sua rota. E o terceiro caminho?

— Ah, sim, ah, sim, há um terceiro caminho — disse Gollum. — É a estrada à esquerda. Começa logo a subir, subir, virando e subindo de volta na direção das sombras altas. Quando contornar a pedra preta, o senhor vai ver, de repente vai ver diante do

senhor, e vai querer se esconder.
— Ver, ver? Ver o quê?
— A velha fortaleza, muito velha, muito horrível agora. Costumávamos ouvir
histórias do sul, quando Sméagol era jovem, há muito tempo. Oh, sim, costumávamos
contar um monte de histórias à noite, sentados às margens do Grande Rio, nas terras dos
salgueiros, quando o Rio também era mais jovem, gollum, gollum. — Começou a chorar e
resmungar. Os hobbits esperaram pacientemente.
— Histórias do sul — Gollum continuou —, sobre os homens altos com olhos
brilhantes, e suas casas como colinas de pedra, e a corôa de prata do rei deles e sua
Árvore Branca: histórias maravilhosas. Construíram torres muito altas, e uma delas era
prateada, e nela havia uma pedra como a lua, e em volta havia grandes muralhas brancas.
Oh, sim, havia muitas histórias sobre a Torre da Lua.
— Seria Minas Ithil, que Isildur, filho de Elendil, construiu — disse Frodo. — Foi
Isildur quem decepou o dedo do Inimigo.
— Sim, Ele só tem quatro na Mão Negra, mas são suficientes — disse Gollum
tremendo. — E Ele odiava a cidade de Isildur.
— E o que Ele não odeia? — disse Frodo. — Mas o que tem a Torre da Lua a ver
conosco?
— Bem, mestre, ela estava lá, e está agora: a torre alta, e as casas brancas e a
muralha; mas não novas agora, não bonitas. Ele a conquistou há muito tempo. Agora é um
lugar terrível. Os viajantes estremecem ao avistá-la, escondem-se sorrateiramente, evitam
sua sombra. Mas o mestre precisará ir por ali. É o único caminho alternativo. Pois lá as
montanhas são mais baixas, e a velha estrada sobe sempre, até atingir uma passagem
escura no topo, e então desce, desce outra vez — até Gorgoroth. — A voz de Gollum se
transformou num sussurro e ele estremeceu.
— Mas qual será a vantagem? — perguntou Sam. — Com certeza, o Inimigo sabe tudo
sobre suas próprias montanhas, e aquela estrada estará sendo tão vigiada quanto esta. A
torre não está vazia, está?
— Oh, não, não vazia! — sussurrou Gollum. — Parece vazia, mas não está. Oh, não!
Seres horripilantes vivem lá. Orcs, sim, sempre os orcs; mas bichos piores, bichos piores
vivem lá também. A estrada sobe direto sob a sombra das muralhas e passa pelo portão.
Nada se move na estrada sem que eles saibam. Os bichos lá dentro sabem: os Vigilantes
Silenciosos.

— Então esse é o seu conselho, hein? — disse Sam. — Que devemos fazer outra longa marcha em direção ao sul, para nos vermos na mesma enrascada ou numa ainda pior quando chegarmos lá, se por acaso conseguirmos?

— Não, na verdade não — disse Gollum. — Os hobbits precisam ver, precisam tentar entender. Ele não espera ser atacado por aquele lado. Seu Olho está por toda a volta, mas dá mais atenção a alguns lugares que a outros. Ele não pode ver tudo ao mesmo tempo, ainda não. Vejam vocês. Ele conquistou toda a região a oeste das Montanhas da Sombra até o Rio, e agora se apossou das pontes. Acha que ninguém pode atingir a Torre da Lua sem travar uma grande batalha nas pontes, ou sem usar um monte de barcos que será impossível esconder e de que Ele saberá.

— Parece que você sabe muita coisa sobre o que Ele está fazendo e pensando — disse Sam. — Tem conversado com Ele ultimamente? Ou passado horas agradáveis com os orcs?

— Hobbit não bonzinho, não sensato — disse Gollum, lançando um olhar furioso para Sam e dirigindo-se a Frodo. — Sméagol conversou com os orcs, sim, é claro, antes de encontrar o mestre, e com vários povos: caminhou muito. E o que diz agora muitos povos estão dizendo. É aqui, no norte, que está o maior perigo dele, e o nosso. Um dia Ele virá ao Portão Negro, em breve. Grandes exércitos só podem vir por este caminho. Mas lá no oeste Ele nada teme, e há os Vigilantes Silenciosos.

— Certamente! — disse Sam, não se dando por vencido. — Então nós vamos subir e bater nos portões deles e perguntar se estamos na estrada certa para Mordor? Ou eles são silenciosos demais para responder? Não faz sentido. É melhor fazermos isso aqui, poupando uma longa viagem.

— Não faça piada sobre isso — chiou Gollum. — Não é nada engraçado! Não é não! Não é divertido. Não faz sentido tentar entrar em Mordor de jeito nenhum. Mas se o mestre diz eu preciso ir ou eu irei, então devemos tentar de alguma forma. Mas ele não precisa ir à terrível cidade, isso não, é claro que não. É aí que entra a ajuda de Sméagol, Sméagol bonzinho, embora ninguém conte para ele o que está acontecendo. Sméagol

ajuda de novo. Ele achou. Ele sabe.
— O que é que você achou? — perguntou Frodo.
Gollum se agachou e sua voz se transformou de novo num sussurro.
— Uma pequena trilha que sobe até as montanhas; depois uma escada, uma escada estreita, ah, sim, muito comprida e estreita. E depois mais escadas. E depois — a voz ficou
ainda mais baixa — um túnel, um túnel escuro; e finalmente uma pequena fissura, e uma
trilha bem acima da trilha principal. Foi por ali que Sméagol saiu da escuridão. Mas isso
foi anos atrás. A trilha pode ter desaparecido agora; mas talvez não, talvez não.
— Isso não me soa nada bem — disse Sam. De qualquer forma, você contando parece
fácil demais. Se essa trilha ainda está lá, também estará sendo vigiada.
Ela não era vigiada, Gollum? — Conforme dizia isso, percebeu, ou imaginou
perceber, um brilho verde nos olhos dele. Gollum resmungou, mas n ão respondeu.
— Não é vigiada? — perguntou Frodo com rispidez. — E você escapou da escuridão,
Sméagol? Ou será que teve permissão de partir, na verdade, em alguma missão? Pelo
menos foi isso o que pensou Aragorn, que o encontrou nos Pântanos Mortos alguns anos
atrás.
— Isso é mentira! — chiou Gollum, e uma luz maligna surgiu em seus olhos à
menção do nome de Aragorn. — Ele mentiu a meu respeito, mentiu. Na verdade eu escapei,
sem que ninguém me ajudasse. De fato, foi-me ordenado que procurasse o Precioso; e eu
procurei e procurei, é claro que eu procurei. Mas não para o Senhor do Escuro. O
Precioso era nosso, era meu, digo a vocês. Eu realmente escapei.
Frodo teve uma estranha certeza de que, nesse assunto, pela primeira vez Gollum
não estava tão longe da verdade como se poderia suspeitar; de que de alguma forma ele

tinha encontrado um modo de escapar de Mordor, e de que pelo menos acreditava que
tinha sido por sua própria esperteza. Como primeiro sinal de evidência, Frodo notou que
Gollum usou eu, e isso parecia geralmente ser um sinal, em suas raras manifestações, de
que alguns resquícios de uma antiga sinceridade estavam predominando naquele
momento. Mas, mesmo se pudesse confiar em Gollum nesse ponto, Frodo não se esquecia
dos ardis do Inimigo. A "escapada" poderia ter sido permitida ou arranjada, com o
consentimento da Torre Escura. De qualquer forma, era visível que Gollum estava
ocultando muita coisa.
— Pergunto outra vez — disse ele -: esse caminho secreto não é vigiado? Mas a
menção do nome de Aragorn deixara Gollum de mau humor.
Exibia todo o ar injuriado de um mentiroso do qual se suspeita na primeira vez em
que ele diz a verdade, ou parte dela. Não respondeu.

— Não é vigiada? — repetiu Frodo.

— Sim, sim, talvez. Não há lugares seguros nesta região — disse Gollum num tom zangado. — Nenhum lugar seguro. Mas o mestre precisa tentar, ou ir para casa. Não há outra saída. — Não conseguiram arrancar-lhe mais nada. O nome do local perigoso e da passagem alta ele não podia, ou não estava disposto a dizer.

O nome era Cirith Ungol, um nome de terrível repercussão. Aragorn talvez pudesse ter-lhes dito esse nome e seu significado; Gandalf os teria advertido. Mas estavam sozinhos, e Aragorn estava distante; Gandalf se encontrava em meio às ruínas de Isengard, lutando contra Saruman, atrasado pela traição. Apesar disso, no momento em que dizia suas últimas palavras a Saruman, e o palantír explodia em chamas contra os degraus de Orthanc, seus pensamentos se voltavam para Frodo e Samwise; através de longas léguas sua mente os procurava, com esperança e pena.

Talvez Frodo tenha sentido isso, sem perceber, como acontecera sobre o Amon Hen, apesar de acreditar que Gandalf tinha partido, partido para sempre dentro das sombras, na distante região de Moria.

Sentou-se no chão por um longo tempo com a cabeça abaixada, lutando para recordar tudo o que Gandalf lhe dissera. Mas para essa escolha não conseguia lembrar de conselho algum. Na verdade, a orientação de Gandalf lhes fora tomada cedo demais, cedo demais, quando a Terra Escura ainda estava muito distante. Como finalmente entrariam nela Gandalf não dissera. Talvez não pudesse dizer. A entrar na fortaleza do Inimigo no norte, em Doí Guldur, ele certa vez se aventurara. Mas em Mordor, na Montanha de Fogo e em Barad-dûr, desde que o Senhor do Escuro se alçara em poder novamente, teria ele se aventurado ali? Frodo achava que não. E ali ele era um insignificante pequeno do Condado, um simples hobbit do pacifico interior, do qual se esperava que encontrasse um caminho pelo qual os grandes não podiam, ou não ousavam passar. Era um destino cruel. Mas Frodo o assumira em sua própria sala de estar, na distante primavera de um outro ano, tão remota agora que parecia um capitulo na história da juventude do mundo, quando as Árvores de Prata e de Ouro ainda estavam em flor.

Era uma escolha cruel. Que caminho deveria escolher? E se os dois conduzissem ao terror e á morte, que vantagem havia na escolha? O dia passou. Um silêncio profundo caiu sobre a concavidade cinzenta onde eles estavam, tão próxima das fronteiras da terra

do medo: um silêncio perceptível, como se fosse um véu espesso que os isolava de todo o
mundo ao redor.
Coberta de fumaça fugidia, estendia-se uma cúpula de céu pálido, mas parecia alta
e distante, como se vista através de grandes camadas de ar impregnadas de meditações
soturnas.
Nem mesmo uma águia voando a favor do sol teria notado os hobbits sentados ali,

sob o peso do destino, silenciosos, imóveis, ocultos por suas capas cinzentas.
Poderia, por um momento, ter parado para observar Gollum, uma figura miúda
esparramada no chão: ali talvez estivesse o esqueleto minguado de algum filho dos
homens, com a veste rasgada ainda presa ao corpo, os longos braços e pernas quase tão
brancos e finos como ossos: nenhuma carne que valesse uma bicada.
Frodo estava com a cabeça apoiada nos joelhos, mas Sam se recostara, com as
mãos atrás da cabeça, olhando de seu capuz para o céu vazio. Pelo menos, por um longo
tempo permanecera vazio. Então, de repente, Sam pensou ter visto uma figura semelhante
a um pássaro rodopiar para dentro de seu campo de visão, e planar, para depois fazer
outro rodopio. Duas outras a seguiram, e depois uma quarta. Eram muito pequenas para
os olhos, mas ele sabia, de alguma forma, que eram enormes, com uma ampla
envergadura, voando a grandes alturas. Sentiu o mesmo medo preventivo que sentira na
presença dos Cavaleiros Negros, o terror desamparado que lhe chegara junto com o grito
do vento e a sombra sobre a lua, embora naquele momento essas sensações não fossem
tão esmagadoras ou constrangedoras: a ameaça era mais remota. Mas era uma ameaça.
Frodo também a sentiu. Seu pensamento foi interrompido. Seu corpo se agitou e
estremeceu, mas ele não ergueu os olhos. Gollum se encolheu todo como uma aranha
acuada. As formas aladas rodopiaram, e baixaram rapidamente, voltando depressa para
Mordor.Sam respirou fundo. — Os Cavaleiros estão rondando outra vez, lá no céu disse ele
num sussurro rouco. — Eu os vi. Vocês acham que eles conseguiram nos ver?
Estavam voando muito alto. E se são Cavaleiros Negros, os mesmos de antes, não
conseguem ver muita coisa à luz do dia, conseguem?
— Não, talvez não — disse Frodo. — Mas os cavalos enxergavam. E essas criaturas
aladas que eles montam agora provavelmente podem enxergar melhor do que qualquer
outra criatura. São como grandes pássaros carniceiros. Estão procurando algo: o Inimigo
está vigiando, eu receio.

A sensação de medo passou, mas o silêncio que os envolvia foi quebrado. Por algum tempo eles estiveram isolados do mundo, como se numa ilha invisível; agora jaziam sem proteção de novo, o perigo retornara. Mas Frodo ainda não dissera nada a Gollum, nem fizera sua escolha. Tinha os olhos fechados, como se estivesse sonhando, ou olhando para dentro de seu coração e de sua memória. Finalmente se mexeu e levantouse, e parecia que estava prestes a falar e decidir. — Mas, escutem — disse ele. — O que é isso?

Um novo temor se apoderou deles. Ouviram o som de cantorias e gritos roucos. Primeiro parecera muito distante, mas foi se aproximando.

Assaltou-os o pensamento de que os Asas Negras os tinham visto e enviado soldados armados para capturá-los: nenhuma velocidade parecia demasiada para aqueles terríveis servidores de Sauron.

Os três se agacharam e ficaram escutando. As vozes e o tinido de armas e armaduras estavam muito próximos. Frodo e Sam afrouxavam suas pequenas espadas nas bainhas.

Era impossível fugir.

Gollum se ergueu lentamente e se arrastou como um inseto até a borda da concavidade. Com todo cuidado, ergueu-se centímetro por centímetro, até conseguir espiar por entre duas pontas quebradas na rocha. Permaneceu ali imóvel por algum tempo, sem fazer qualquer ruído. De repente as vozes começaram a diminuir outra vez, e então lentamente sumiram. Distante, uma trombeta soou sobre os contrafortes do Morannon.

Depois Gollum silenciosamente recuou e escorregou para dentro da concavidade.

— Mais homens indo para Mordor — disse ele em voz baixa. — Caras escuras. Nunca tínhamos visto homens como esses antes, não, Sméagol nunca viu. São cruéis. Têm olhos negros, e longos cabelos negros, e argolas de ouro nas orelhas; sim, um monte de ouro bonito. E alguns têm tinta vermelha nas faces, e capas vermelhas; e levam bandeiras vermelhas, e vermelhas são as pontas de suas lanças; e têm escudos redondos, amarelos e negros com grandes cravos. Não são bonzinhos; parecem homens muito, muito cruéis. Quase tão maus quanto os orcs, e muito maiores. Sméagol acha que eles vieram do sul, de além do fim do Grande Rio: vieram por aquela estrada. Passaram pelo Portão Negro; mas outros podem segui-los. Cada vez mais gente vindo para Mordor. Um

dia, todos os povos estarão lá dentro.
— Você viu algum olifante? — perguntou Sam, esquecendo o medo em sua avidez
por novidades de lugares estranhos.
— Não, nenhum olifante. O que são olifantes? — disse Gollum.
Sam levantou-se e, com as mãos para trás (como sempre fazia quando "falava
poesia"), começou:
Qual rato, sou cinzento,
Sou grande, um monumento,
Nariz feito um laço,
A terra tremer eu faço,
Quando piso na relva;
Galhos quebro na selva.
Tenho chifre no dente
E caminho pra frente,
Orelhonas abano
Entra ano, sai ano,
O chão piso sem jeito,
Mas no chão nunca deito,
Nem que a morte me tome.
Olifante é meu nome,
Maior de todos, penso,
Alto, velho, sou imenso.
Quem um dia me conhece
De mim jamais se esquece.
Quem não tem essa dita
Em mim não acredita;
Mas sou um Olifante antigo,
Mentir não é comigo.
— Essa — disse Sam, quando terminou de recitar, essa é uma rima que temos no
Condado. Besteira, talvez, ou talvez não. Mas também temos nossas histórias, e notícias
vindas do sul, você sabe. Antigamente os hobbits costumavam viajar de vez em quando.
Não que muitos tenham retornado, e não que se acreditasse em tudo o que diziam:
notícias de Bri, e não certeza de conversa do Condado, como dizem os ditados. Mas ouvi
histórias sobre as pessoas grandes lá das Terras do Sol. Nós os chamamos de Morenos em
nossas histórias; e eles montam em olifantes, pelo que se diz, quando lutam. Colocam
casas e torres nos lombos dos olifantes, e os olifantes jogam pedras e árvores uns nos
outros.
Por isso, quando você disse "Homens do Sul, todos de vermelho e dourado", eu

disse "você viu algum olifante?". Pois se tivesse visto, eu ia dar uma olhada, com ou sem
risco. — Mas agora acho que nunca verei um olifante. Talvez nem exista um animal assim.

— Sam suspirou.
— Não, nenhum olifante — disse Gollum outra vez. — Sméagol nunca ouviu falar
deles. Não quer vê-los. Não quer que eles existam. Sméagol quer sair daqui para se
esconder em algum lugar mais seguro. Sméagol quer que o mestre vá. Mestre bonzinho,
não virá com Sméagol?
Frodo se levantou. Tinha rido em meio a todas a s suas preocupações, quando Sam
repetiu a velha rima caseira do olifante, e o riso o libertara de sua hesitação.
— Gostaria de ver mil olifantes, com Gandalf em cima de um branco vindo à frente
— disse ele. — Então talvez pudéssemos abrir um caminho nesta terra maligna. Mas não
vimos nada disso: só temos nossas próprias pernas cansadas, e isso é tudo. Bem, Sméagol,
a terceira vez pode ser a melhor. Vou com você.
— Bom mestre, mestre sábio, mestre bonzinho! — gritou Gollum deliciado, dando
tapinhas nos joelhos de Frodo. — Bom mestre! Então descansem agora, hobbits bonzinhos,
na sombra das pedras, bem debaixo das pedras! Descansem e deitem-se quietos, até que o
Cara Amarela vá embora. Então poderemos ir rapidamente. Macio e rápido, como devem
ir as sombras.

CAPÍTULO IV
DE ERVAS E COELHO COZIDO

Durante as últimas horas que restavam do dia eles descansaram, escondendo-se do
sol conforme este se movia, até que finalmente a sombra da borda oeste do valezinho
onde estavam se alongou, e a escuridão cobriu toda a concavidade. Então comeram um
pouco, e beberam moderadamente. Gollum não comeu nada, mas aceitou de bom grado
uns goles de água.
— Logo conseguimos mais — disse ele, lambendo os beiços. — Agua boa desce pelos
riachos até o Grande Rio, água limpa nas terras para onde estamos indo. Sméagol vai
conseguir comida lá também, talvez. Está com muita fome, é sim, Gollum! — Bateu com as
duas mãos chatas na barriga encolhida, e uma luz verde e opaca brilhou em seus olhos.
Já era quase noite quando finalmente partiram, transpondo a borda oeste do
valezinho e desaparecendo como fantasmas dentro do terreno irregular às margens da
estrada. A lua, que dali a três noites estaria cheia, só subiu acima das montanhas quase à
meia-noite, e o inicio da noite foi muito escuro.
Uma única luz vermelha queimava lá em cima, nas Torres dos Dentes, mas esse
era o único sinal que se via ou se ouvia da vigilância sempre atenta do Morannon.
Por várias milhas o olho vermelho parecia observá-los, enquanto fugiam aos

tropeços através de uma região desolada e pedregosa. Não ousaram pegar a estrada, mas ficaram à direita dela, seguindo-lhe a trilha da maneira possível, a uma pequena distância.

Finalmente, quando a noite estava terminando e eles já se sentiam cansados, pois tinham feito apenas uma breve pausa, o olho foi diminuindo até se transformar num pequeno ponto de fogo, para depois desaparecer: eles tinham contornado a escura encosta norte das

montanhas mais baixas, e agora se dirigiam para o sul.

Com os corações estranhamente aliviados, pararam para descansar outra vez, mas não por muito tempo. Não estavam avançando com a rapidez que Gollum queria. Pelos seus cálculos, eram quase trinta léguas do Morannon até a encruzilhada sobre Osgiliath, e ele esperava cobrir a distância em quatro jornadas. Então logo estavam marchando outra vez, até que a aurora começou a se espalhar lentamente na solidão vasta e cinzenta. Nesse ponto, já tinham caminhado quase oito léguas, e os hobbits não teriam conseguido avançar mais, mesmo que tivessem tentado.

A luz crescente revelou-lhes uma região já menos deserta e arruinada. As montanhas ainda assomavam ominosas á esquerda, mas bem perto eles já conseguiam visualizar a estrada que ia para o sul, agora distanciando-se das raízes negras das colinas e inclinando-se para o oeste. Além dela viam-se encostas cobertas de árvores sombrias semelhantes a nuvens escuras, mas em toda a volta jazia uma charneca emaranhada, onde cresciam urzes, giesteiras e cornisos, além de outros arbustos que eles não conheciam. Em alguns pontos havia aglomerados de altos pinheiros. Os corações dos hobbits ficaram outra vez um pouco mais leves, apesar de seu cansaço: o ar era fresco e perfumado, fazendo-os lembrar das regiões montanhosas da distante Quarta Norte. Era boa a sensação de alivio, de poder caminhar numa terra que estava sob o domínio do Senhor do Escuro havia apenas alguns anos, e ainda não fora totalmente arruinada. Mas eles não se esqueciam do perigo que corriam, nem de que o Portão Negro ainda estava perto demais, embora escondido atrás das montanhas sombrias. Olharam em volta procurando um esconderijo onde pudessem proteger-se de olhos malignos enquanto durasse a luz.

O dia passou em desconforto. Ficaram deitados na charneca, contando uma a uma

as horas arrastadas nas quais parecia haver pouca mudança; ainda estavam sob as sombras
das Ephel Dúath, e o sol estava velado. Frodo às vezes dormia, um sono profundo e
tranquilo, ou por confiar em Gollum ou por estar cansado demais para se preocupar com
ele; mas Sam conseguia apenas cochilar, mesmo nos momentos em que era visível que
Gollum dormia profundamente, silvando e se contorcendo em seus sonhos secretos.
Talvez a fome, mais que a desconfiança, o impedissem de dormir: começara a desejar
uma boa comida caseira, "alguma coisa quentinha, saindo do fogo".
Assim que a região desapareceu num cinza disforme sob a noite que chegava, eles
partiram outra vez. Em pouco tempo, Gollum os conduziu para a estrada em direção ao
sul; depois disso, avançaram com mais rapidez, embora o perigo fosse maior. Aguçaram
os ouvidos tentando captar o som de cascos ou pés na estrada, adiante ou atrás; mas a
noite passou e eles não ouviram som algum, de caminhante ou cavaleiro.
A estrada fora feita numa época longínqua, e por cerca de trinta milhas abaixo do
Morannon tinha sido reparada, mas, conforme avançava para o sul, era invadida pela
vegetação indomada. Ainda era possível ver o trabalho dos homens de antigamente, no
seu traçado reto e no percurso plano: em alguns pontos a estrada cortava caminho através
de encostas de colinas, ou saltava sobre um riacho por meio de um arco amplo e elegante
de alvenaria resistente; mas depois todos os sinais de construções de pedra
desapareceram, a não ser por um ou outro pilar quebrado, espiando de trás dos arbustos da
margem, ou antigas pedras de pavimentação ainda espreitando por entre o mato e o
musgo. Urzes, árvores e samambaias caíam e se penduravam nos barrancos, ou se
espalhavam pela superfície. Finalmente a estrada diminuiu até se transformar numa trilha
campestre para o uso de carroças, mas sem fazer curvas: continuava em seu próprio curso
e os conduzia pelo caminho mais rápido.
Assim eles entraram pelas fronteiras do norte daquela região que os homens
outrora chamavam de Ithilien, um belo lugar de florestas em encostas e riachos velozes. A

noite ficou agradável sob as estrelas e a lua redonda, e os hobbits tiveram a impressão de
que a fragrância do ar ficava mais intensa conforme eles avançavam: e pelos suspiros e

murmúrios de Gollum parecia que ele também notara, e não gostava nada daquilo. Aos
primeiros sinais do dia, pararam novamente.
Tinham chegado ao fim de um longo corte, profundo e com encostas íngremes na
parte central, pelo qual a estrada abria seu caminho através de uma cordilheira rochosa.
Agora tinham subido o barranco a oeste e olhavam em volta.
O dia se abria no céu, e eles viram que as montanhas estavam agora bem distantes,
recuando para o leste numa longa curva que se perdia na distância.
Diante deles, conforme viraram para o oeste, encostas suaves desciam e invadiam
a névoa apagada mais abaixo. Por toda a volta havia pequenos bosques de árvores
resinosas, abetos, cedros e ciprestes, e outras espécies desconhecidas no Condado, com
amplas clareiras entre elas; por toda a volta se espalhava uma opulência de ervas e
arbustos de aroma suave. A longa viagem de Valfenda os trouxera muito ao sul de sua
própria terra, mas só agora, naquela região mais protegida, os hobbits sentiam a mudança
de clima. Ali a primavera já se manifestava: as folhagens brotavam perfurando o musgo e
o humo; os lariços exibiam dedos verdes, pequenas flores se abriam na turfa, pássaros
cantavam. Ithilien, o jardim de Gondor agora desolado, ainda guardava uma beleza
desgrenhada de driade.
Ao sul e ao oeste o jardim dava para os vales mornos e mais baixos do Anduin,
protegido ao leste pelas Ephel Dúath, ficando, contudo, livre da sombra da montanha,
protegido ao norte pelas Emyn Muil, aberto aos ares do sul e aos ventos úmidos do Mar
distante. Muitas árvores grandes cresciam ali, plantadas havia muito tempo, envelhecendo
em meio à falta de cuidados, numa confusão de descendentes desleixadas; havia também
bosques e maciços de tamargueiras e terebintos fragrantes, de oliveiras e louros; e havia
juníperos e mirtos; e tomilhos que cresciam em arbustos, ou cobrindo as pedras
escondidas com seus galhos folhudos e rasteiros que se trançavam formando altas
tapeçarias; sálvias de vários tipos exibindo flores azuis, ou vermelhas, ou de um verdeclaro;
manjeronas e salsas recém-brotadas, e muitas ervas de formas e aromas que
estavam além do estudo de jardinagem de Sam. As grutas e muralhas rochosas já estavam
salpicadas de saxifragas e sajões. Prímulas e anêmonas acordavam nas moitas de
aveleiras; asfódelos e muitos lírios balançavam suas cabeças entreaberta s na relva: relva
alta e verde ao lado das poças, onde riachos cadentes se detinham em concavidades
frescas, em sua descida para o Anduin.
Os viajantes deram as costas para a estrada e desceram as colinas. Conforme
andavam, abrindo caminho através de arbustos e ervas, perfumes suaves subiam

enchendo-lhes as narinas. Gollum tossia e tinha ânsias de vômito, mas os hobbits respiravam fundo, e de repente Sam riu, não por achar graça, mas por sentir o coração mais leve. Seguiram um riacho que corria veloz diante deles. De repente ele os conduziu até um pequeno lago límpido num valezinho raso: ficava nas ruínas partidas de uma antiga bacia de pedra, cuja borda esculpida estava quase totalmente coberta de musgo e roseiras-bravas; espadas-de-íris cresciam em fileiras à sua volta, e folhas de nenúfares boiavam em sua superfície escura e levemente ondulada; o lago era fundo e de água potável, e extravasava suavemente por sobre uma borda rochosa na extremidade oposta.

Ali os três se banharam e beberam bastante água do riacho que alimentava o lago. Depois procuraram um lugar para descansar, e que servisse também de esconderijo: pois aquela terra, embora ainda bela, fazia parte agora do território do Inimigo. Eles não estavam muito longe da estrada, e mesmo assim, num espaço tão pequeno, puderam ver as cicatrizes de antigas guerras, e os ferimentos mais recentes feitos pelos orcs e outros vis servidores do Senhor do Escuro: um fosso a céu aberto de dejetos e sujeira, árvores derrubadas arbitrariamente e abandonadas à morte, com runas malignas e o sinal cruel do Olho marcado a rudes golpes em sua casca.

Sam, que descera abaixo da desembocadura do riacho, cheirando e tocando as plantas e árvores desconhecidas, esquecido naquele momento de Mordor, de repente lembrou-se do perigo constante que os ameaçava. Tropeçou num círculo ainda queimado pelo fogo, e no meio encontrou uma pilha de ossos e crânios quebrados e carbonizados. Uma camada de espinheiros e madressilvas-dos-bosques e clematites rastejantes já começara a cobrir com um véu aquele lugar de matança e banquete macabro; mas os vestígios não eram muito antigos. Correu de volta ao encontro dos companheiros, mas não disse nada: era melhor que os ossos descansassem em paz, e não fossem tocados e fuçados por Gollum.

— Vamos encontrar um lugar onde possamos deitar — disse ele. — Não lá embaixo, para mim é melhor mais para cima.

Um pouco acima do lago encontraram uma camada espessa e castanha de

samambaias do ano anterior. Um pouco mais adiante havia um maciço de loureiros de
folhas escuras sobre um barranco íngreme, em cujo topo havia velhos cedros. Ali
decidiram descansar e passar o dia, que já prometia ser claro e quente. Um bom dia para
passear ao longo dos bosques e clareiras de Ithilien, mas embora fosse provável que os
orcs evitassem a luz do sol havia muitos locais onde poderiam se esconder e espreitar; e
outros olhos malignos estavam por ali: Sauron tinha muitos servidores.
Gollum, de qualquer forma, não caminharia sob o Cara Amarela. Logo ele olharia
por sobre as cordilheiras escuras das Ephel Dúath, e Gollum iria desfalecer e se esconder
da luz e do calor.
Sam estivera pensando seriamente em comida conforme caminhavam.
Agora que o desespero do Portão intransponível ficara para trás, ele não se sentia
tão inclinado quanto seu mestre a deixar de pensar em sua sobrevivência depois do fim da
missão; de qualquer forma, parecia-lhe mais sensato guardar o pão de viagem dos elfos
para as ocasiões piores no futuro. Já tinham passado seis dias ou mais desde que ele
calculara que só havia um suprimento escasso para três semanas.
“Teremos sorte se alcançarmos o Fogo nesse tempo”, pensou ele. “E pode ser que
queiramos voltar. Pode ser!”
Além disso, ao fim de uma longa marcha noturna, e depois de ter tomado um
banho e bebido água, ele se sentia ainda mais faminto que o habitual. Uma ceia ou um
desjejum ao lado do fogo na velha cozinha na rua do Bolsinho era o que ele realmente
queria. Teve uma idéia e virou-se para Gollum. Este tinha começado a se esgueirar por
conta própria, e rastejava de quatro através das samambaias.
— Ei! Gollum! — disse Sam. — Aonde vai? Caçar? Bem, olhe aqui, velho farejador,
você não gosta de nossa comida, e eu mesmo não me incomodaria de variar. Seu novo
mote é sempre pronto a ajudar. Poderia encontrar alguma coisa boa para um hobbit
faminto?
— Sim, talvez, sim — disse Gollum. — Sméagol sempre ajuda, se eles pede — se eles
pede com educação.
— Certo! — disse Sam. — Nós pede. E se isso não for educado o suficiente, nós
implora.
Gollum desapareceu. Ficou longe algum tempo e Frodo, depois de alguns bocados
de lembas, se afundou na samambaia castanha e adormeceu.
Sam olhava para ele.
A luz precoce do dia estava apenas começando a penetrar as sombras sob as

árvores, mas ele via o rosto de seu mestre perfeitamente, e as mãos também, repousando no chão ao longo do corpo. Lembrou-se de repente de Frodo deitado, adormecido na casa de Elrond, depois daquele ferimento mortal. Naquela época, enquanto vigiava, Sam notara que algumas vezes uma luz parecia emanar de seu interior com um brilho fraco; mas agora a luz estava mais visível e forte. O rosto de Frodo estava tranquilo, as marcas do medo e da preocupação haviam sumido; mas parecia velho, velho e bonito, como se o cinzela r dos anos agora se revelasse em muitas linhas finas que antes estiveram escondidas, embora a identidade do rosto não estivesse alterada. Não que Sam colocasse as coisas para si mesmo desse modo. Balançou a cabeça, como se as palavras lhe parecessem inúteis, e murmurou: — Eu o amo. Ele é assim, e algumas vezes isso se manifesta, de alguma forma. Mas eu o amo, quer isso aconteça ou não.

Gollum voltou em silêncio e espiou por sobre o ombro de Sam.
Olhando para Frodo, fechou os olhos e se afastou se m qualquer ruído. Sam o alcançou um minuto depois, e o encontrou mastigando alguma coisa e murmurando consigo mesmo.

No chão ao lado dele jaziam dois pequenos coelhos, que ele já começava a olhar com avidez.

— Sméagol sempre ajuda — disse ele. — Trouxe coelhos, coelhos bonzinhos. Mas o mestre está dormindo, e talvez Sam queira dormir. Não quer os coelhos agora? Sméagol tenta ajudar, mas não consegue pegar tudo num minuto.

Sam, entretanto, não tinha nenhuma objeção a coelhos, e disse isso. Pelo menos não a coelhos cozidos. Todos os hobbits, é claro, sabem cozinhar, pois começam a aprender a arte antes de aprender a ler (o que muitos nunca fazem); mas Sam era um bom cozinheiro, mesmo para os padrões dos hobbits, e muitas vezes tinha feito a comida do acampamento quando em viagem, sempre que havia uma oportunidade. Ainda esperançoso, continuava carregando parte de seu equipamento: trazia acondicionados em sua mochila uma pequena caixa de pederneiras, duas pequenas panelas rasas, a menor se encaixando na maior; dentro delas uma colher de madeira, um pequeno garfo de duas pontas e alguns espetos; e escondido no fundo, numa caixinha rasa de madeira, um tesouro que minguava: um pouco de sal. Mas ele precisava de uma fogueira, além de outras coisas. Pensou um pouco, enquanto sacava sua faca para limpá-la e afiá-la, e

começou a preparar os coelhos. Não ia deixar Frodo sozinho e dormindo nem por alguns minutos.

— Agora, Gollum — disse ele. — Tenho um outro serviço para você. Vá encher essas panelas com água, e traga-as de volta.

— Sméagol vai buscar a água, vai sim — disse Gollum. — Mas por que o hobbit quer essa água toda? Ele já bebeu, e já se lavou.

— Não se preocupe — disse Sam. — Se não puder adivinhar, logo vai descobrir. E quanto mais cedo trouxer a água, mais cedo saberá. Não estrague minhas panelas, ou vou fazer picadinho de você.

Enquanto Gollum estava longe, Sam deu outra olhada em Frodo. Ele ainda dormia tranquilo, mas o que mais assustava Sam agora era a magreza de suas mãos e rosto. — Está muito magro e abatido — murmurou ele. — Não é bom para um hobbit. Se eu conseguir cozinhar esses coelhos, vou acordá-lo.

Sam fez uma pilha com a samambaia mais seca, e depois subiu o barranco recolhendo um feixe de gravetos e pedaços de madeira; no topo um galho de cedro caído forneceu-lhe um bom suprimento. Cortou um pouco da turfa que estava ao pé do barranco, bem ao lado da moita de samambaia, fez um buraco raso e colocou nele seu combustível.

Como era hábil com pederneiras e isqueiro, ele logo tinha uma pequena fogueira queimando, que quase não produzia fumaça, mas exalava um odor aromático. Estava debruçado sobre a fogueira, protegendo-a e alimentando-a com lenha mais grossa, quando Gollum retomou, carregando cuidadosamente as panelas e resmungando consigo mesmo.

Colocou as panelas no chão, e então de repente viu o que Sam estava fazendo. Soltou um guincho agudo, e demonstrou ao mesmo tempo estar furioso e com medo.

— Ach! Sss — não! Não! Hobbits tolos, sim, tolos. Não devem fazer isso!

— Não devem fazer o quê? — perguntou Sam surpreso.

— Fazer as nojentass línguas vermelhas — chiou Gollum. — Fogo, fogo! É perigoso, é sim. Queima, mata. E vai atrair inimigos, vai sim.

— Eu não acho — disse Sam. — Não vejo por que deveria, se não pusermos coisas molhadas nele para fazer uma fumaceira. Mas, se atrair, que atraia. Vou arriscar, de qualquer jeito. Vou cozinhar esses coelhos.

— Cozinhar os coelhos! — guinchou Gollum frustrado. — Estragar a bela carne que

Sméagol conseguiu para você, o pobre e faminto Sméagol! Para quê? Para quê, hobbit
tolo? Eles são jovens, e são tenros, são gostosos. Coma ele s, coma eles! — Gollum agarrou
o coelho mais próximo, já sem a pele e ao lado do fogo.
— Espere aí! — disse Sam. — Cada um ao seu modo. Você engasga com nosso pão e
eu engasgo com coelho cru. Se você me dá um coelho, o coelho é meu, veja bem, e eu
posso cozinhá-lo, se quiser. E eu quero. Não precisa ficar me olhando. Vá pegar um outro
e coma-o como quiser — em algum lugar escondido e fora de minha vista.
Assim você não vê o fogo e eu não vejo você e nós dois ficamos mais felizes. Vou
cuidar para que a fogueira não faça fumaça, se isso o consola.
Gollum se retirou resmungando, e se afundou na samambaia. Sam se ocupou com
suas panelas. — O que um hobbit necessita para acompanhar um coelho — disse ele para si
mesmo — são algumas ervas e raízes, especialmente batatas — para não falar de pão. Ervas
podemos conseguir, ao que parece.
— Gollum! — chamou ele em voz baixa. — A terceira vez é a que conta. Quero umas
ervas. — A cabeça de Gollum apareceu em meio á samambaia, mas sua expressão não era
nem prestativa nem amigável. — Umas folhas de louro, um pouco de tomilho e sálvia vão
bem — antes que a água ferva — disse Sam.
— Não — disse Gollum. — Sméagol não está contente. E Sméagol não gosta de folhas
cheirosas. Não come capim ou raízes, não, precioso, não até que esteja morrendo de fome,
ou muito doente, pobre Sméagol.
— Sméagol vai se queimar de verdade quando esta água ferver, se não fizer o que
estou pedindo — rosnou Sam. — Sam vai pôr a cabeça dele aqui, é sim, precioso. E eu o
faria procurar nabos e cenouras e batatas também, se fosse a época do ano. Aposto que há
todo tipo de coisas boas espalhadas por esta terra. Daria qualquer coisa por meia dúzia de
batatas.
— Sméagol não vai, não vai não, precioso, não desta vez — chiou Gollum. — Está com
medo e está muito cansado, e esse hobbit não é bonzinho, nem um pouco bonzinho.
Sméagol não vai cavar procurando raízes e cenouras e — batatas. Que são batatas,
precioso, hein, que são batatas ?
— Be a bá, te a tá — Batatas — disse Sam. — A delícia do Feitor, e um sustento
excelente para uma barriga vazia. Mas você não vai achar nenhuma, então não precisa

procurar. Mas seja o bom Sméagol e me traga as ervas, e vou pensar coisa melhor de você. Além do mais, se você virar a página, e a mantiver virada, vou cozinhar umas batatas para você um dia desses. Vou sim: peixe frito com batatas fritas, servidos por S.

Gamgi. Você não conseguiria recusar uma coisa dessas.

— Sim, sim, nós conseguia. Estragando peixe bonzinho, queimando ele. Dê para mim um peixe agora, e fique com as malditass batatass fritass!

— É, você não tem conserto — disse Sam. — Vá dormir!

No fim ele teve de encontrar sozinho o que que ria; mas não precisou ir muito longe, nem perder de vista o lugar em que seu mestre estava, ainda dormindo.

Por um tempo Sam ficou sentado meditando, cuidando do fogo até que a água fervesse. A luz do dia se intensificou, e o ar ficou quente; o orvalho desapareceu da turfa e das folhas. Logo os coelhos, aos pedaços, estavam cozinhando nas respectivas panelas com o maço de ervas. Sam quase dormiu enquanto o tempo passava. Deixou-os cozinhar por quase uma hora, testando-os de vez em quando com seu garfo, e experimentando o caldo.

Quando achou que estava tudo pronto, retirou as panelas do fogo e dirigiu-se até Frodo. Este entreabriu os olhos quando Sam se debruçou sobre ele e o despertou de seu sonho: outro suave, irrecuperável sonho de paz.

— Olá, Sam! — disse ele. — Não está descansando? Alguma coisa errada? Que horas são?

— Algumas horas depois do nascer do dia — disse Sam – e perto de oito e meia nos relógios do Condado, talvez. Mas não há nada errado. Embora isso não seja exatamente o que eu chamo de certo: sem caldo de carne, sem cebola, sem batatas. Tenho um pouco de cozido para o senhor, e um pouco de caldo, Sr. Frodo. Vão lhe fazer bem. Vai ter de beber em sua caneca, ou comer direto da panela, quando tiver esfriado um pouco. Não trouxe nenhuma tigela, nem qualquer coisa adequada.

Frodo bocejou e se espreguiçou. — Você deveria ter descansado, Sam — disse ele. — E acender uma fogueira nestas partes foi perigoso. Mas eu realmente estou com fome. Hummm! Estou sentindo o cheiro daqui? O que você cozinhou?

— Um presente de Sméagol — disse Sam -: um par de coelhos tenros; embora eu imagine que Sméagol esteja arrependido agora. Mas não há nada para acompanhá-los a não ser algumas ervas.

Sam e seu mestre sentaram-se bem no meio da moita de samambaia e comeram o cozido das panelas, dividindo o velho garfo e a colher.

Permitiram-se meio pedaço do pão de viagem élfico para cada um. Parecia um banquete.

— Ei! Gollum — chamou Sam assobiando baixinho. — Venha! Ainda é tempo de mudar de idéia. Sobrou um pouco, se você quiser experimentar coelho cozido. — Não houve resposta.

— Bem, acho que ele foi procurar alguma coisa para si mesmo. Nós damos conta disso — disse Sam.

— E então você deve dormir um pouco — disse Frodo.

— Não cochile na hora em que eu estiver dormindo, Sr. Frodo. Não me sinto muito seguro em relação a ele. Há um bocado do Fedegoso — o Gollum mau, se o senhor me entende — nele ainda, e está se fortalecendo de novo. O que eu acho é que ele tentaria me esganar primeiro desta vez. Ele não me olha nos olhos, e não está satisfeito com Sam, não mesmo, precioso, nem um pouco satisfeito.

Terminaram de comer e Sam foi até o riacho enxaguar seu equipamento. Conforme se levantou para retornar, voltou-se e olhou a encosta. Nesse momento, viu o sol se erguer acima do vapor, ou névoa, ou sombra escura ou o que quer que fosse aquilo que sempre havia ao leste, e enviar seus raios dourados sobre as árvores e clareiras ao redor. Então percebeu uma espiral de fumaça azul acinzentada, perfeitamente visível contra a luz do sol, que subia de uma moita mais acima. Chocado, Sam percebeu que era a fumaça de sua pequena fogueira, que ele esquecera de apagar.

— Isso não vai dar certo! Nunca pensei que o fogo apareceria dessa maneira! — murmurou ele, e correu de volta. De repente parou para escutar. Teria escutado um assobio ou não? Se fosse um assobio , não vinha de onde Frodo estava. Agora soava de novo de um outro lugar! Sam começou a subir a colina o mais rápido que pôde.

Descobriu que um pequeno tição, ainda aceso em sua extremidade externa, tinha queimado uma porção da samambaia na borda da fogueira, e que a samambaia acesa tinha queimado a turfa. Rapidamente pisou no que sobrara da fogueira, espalhou as cinzas, e cobriu o buraco com um pouco da turfa. Depois se esgueirou em direção a Frodo.

— O senhor ouviu um assobio, e o que parecia ser uma resposta? — perguntou ele. — Há alguns minutos. Espero que tenha sido apenas um pássaro, mas não é o que pareceu:

tive a impressão de que era mais como alguém imitando o chamado de um pássaro. E
receio que minha fogueirinha tenha feito muita fumaça. Agora, se eu fui arranjar
problemas, nunca me perdoarei. Talvez nem tenha uma chance!
— Pssiu! — sussurrou Frodo. — Acho que ouvi vozes.
Os dois hobbits arrumaram as pequenas mochilas, aprontaram-nas para uma fuga,
e então se afundaram mais na samambaia. Ficaram ali agachados, escutando.
Não restava mais dúvida sobre as vozes. Falavam baixo e furtivamente, mas
estavam próximas, e chegando mais perto. Então, de repente, uma falou claro, e ali perto.
— Aqui! É daqui que a fumaça veio! — disse a voz. — Está por perto. Na samambaia,
sem dúvida. Vamos pegar essa coisa como um coelho numa armadilha. Então saberemos
que tipo de criatura é essa.
— É, e também o que sabe! — disse uma segunda voz.
De uma só vez, quatro homens avançaram a passos largos através da samambaia,
partindo de pontos diferentes. Já que era impossível fugir ou se esconder, Frodo e Sam
pularam de pé, virando as costas um para o outro e puxando suas pequenas espadas.
Se ficaram atônitos com o que viram, seus caçadores ficaram ainda mais. Quatro
homens altos estavam ali. Dois seguravam lanças com pontas largas e brilhantes.
Dois tinham grandes arcos, quase de sua própria altura, e grandes aljavas cheias de
longas flechas adornadas com penas verdes. Todos levavam espadas, e estavam vestidos
de verde e marrom de várias tonalidades, aparentemente para caminhar com mais
facilidade sem serem notados nas clareiras d e Ithilien. Luvas verdes cobriam-lhes as
mãos, e os rostos estavam encapuzados e mascarados de verde, com exceção dos olhos,
que eram muito penetrantes e brilhantes. Frodo pensou imediatamente em Boromir, pois
esses homens eram semelhantes a ele em estatura e aparência, e no modo de falar.
— Não encontramos o que procurávamos — disse um deles. — Mas o que foi que
encontramos?
— Não são orcs — disse um outro, soltando o cabo de sua espada, que estivera
segurando desde que vira o brilho de Ferroada na mão de Frodo.
— Elfos? — disse um terceiro, indeciso.
— Não! Não são elfos — disse o quarto, o mais alto e aparentemente o chefe de
todos. — Os elfos não andam em Ithilien nestes tempos. E os elfos são extremamente belos
de se olhar, ou pelo menos é o que se diz.
— Quer dizer que nós não somos, se o entendo bem – disse Sam. — Muito
agradecido. E, quando terminarem a discussão, talvez digam quem vocês são, e por que
não podem deixar dois viajantes cansados em paz.
O alto homem verde riu com austeridade.
— Sou Faramir, Capitão de Gondor — disse ele. — Mas não há viajantes nesta terra: só

os servidores da Torre Escura, ou da Branca.

— Mas não somos nem uma coisa nem outra disse Frodo. — E somos viajantes, não importa o que o Capitão Faramir possa dizer.

— Então apressem-se em declarar seus nomes e sua missão — disse Faramir. — Temos trabalho a fazer, e não é lugar nem hora para enigmas ou conversas. Digam! Onde está o terceiro de seu grupo?

— O terceiro?

— Sim, o camarada esquivo que vimos com o nariz na poça lá embaixo. Tinha uma aparência desagradável. Alguma raça de orc espião, suponho eu, ou alguma criatura deles. Mas nos escapou usando algum truque de raposa.

— Não sei onde ele está — disse Frodo. — É apenas um companheiro casual que encontramos na estrada, e não sou responsável por ele. Se o encontrarem, poupem-no. Tragam-no ou enviem-no até nós. É apenas um vagabundo miserável, mas está sob meus cuidados temporariamente. Quanto a nós, somos hobbits do Condado, uma terra distante, ao norte e ao oeste, além de muitos rios. Frodo, filho de Drogo, é meu nome, e este é Samwise, filho de Hamfast, um hobbit valoroso aos meus serviços. Viemos por longos caminhos — de Valfenda, ou Imíadris, como dizem alguns. — Neste ponto, Faramir se assustou e ficou atento. — Tínhamos sete companheiros: um perdemos em Moria, os outros deixamos no Parth Galen, sobre Rauros; dois da minha raça; havia também um anão, e um elfo, e dois homens. Um deles era Aragorn, e o outro Boromir, que dizia ter vindo de Minas Tirith, uma cidade do sul.

— Boromir! — exclamaram todos os quatro homens.

— Boromir, filho do Senhor Denethor? — disse Faramir, e uma expressão estranha e austera cobriu-lhe o rosto. — Vieram com ele? Isso realmente é novidade, se for verdade. Saibam, pequenos forasteiros, que Boromir era um Alto Vigilante da Torre Branca, e nosso Capitão-geral: sentimos muito a falta dele. Então quem são vocês, e o que tinham a ver com ele? Sejam rápidos, o sol está subindo.

— Vocês conhecem as palavras-enigmas que Boromir levou a Valfenda? — replicou Frodo.

Procure a Espada que foi Quebrada.
Em Imíadris ela está.

— As palavras são realmente conhecidas — disse Faramir atônito. — É sinal de sua sinceridade que vocês também as conheçam.

— Aragorn, que eu mencionei, é o portador da Espada que foi Quebrada — disse Frodo. — E nós somos os Pequenos de que a rima fala.

— Isso estou vendo — disse Faramir pensativo. — Ou percebo que deve ser assim. E o que é a Ruína de Isildur?

— Isso ainda não foi revelado — respondeu Frodo. — Sem dúvida será esclarecido no momento oportuno.

— Precisamos saber mais sobre isso — disse Faramir – e descobrir o que os traz tão longe no leste, sob a sombra daquele — ele apontou e não disse nome algum. — Mas não agora. Temos muito o que fazer. Vocês estão correndo perigo, e não teriam ido muito longe hoje, por campo ou estrada. Haverá duros golpes aqui perto antes que o dia avance muito. Depois morte, ou então uma fuga rápida para o Anduin. Vou deixar dois para vigiá-los, para o bem de vocês e meu também. Homens sábios não confiam em encontros casuais pela estrada nesta terra. Se eu retornar, conversarei mais com vocês.

— Até logo — disse Frodo, fazendo uma grande reverência. — Pensem o que quiserem, eu sou amigo de todos os inimigos do Um Inimigo . Iríamos com vocês se nós, Pequenos, pudéssemos ter esperança de ajudá-los, homens que parecem ser tão fortes e valorosos, e se minha missão o permitisse. Que a luz brilhe em suas espadas!

— Os Pequenos são um povo cortês, independentemente do que mais possam ser — disse Faramir. — Até logo!

Os hobbits sentaram-se de novo, mas não disseram nada um ao outro sobre seus pensamentos e dúvidas. Por perto, bem embaixo da sombra salpicada dos escuros loureiros, dois homens permaneceram de guarda. De vez em quando tiravam as máscaras para se refrescar, conforme o calor do dia aumentava, e Frodo viu que eram homens belos, de pele clara, cabelos escuros, com olhos cinzentos e rostos tristes e altivos. Conversaram entre si em voz baixa, no início usando a Língua Geral, mas à maneira dos dias mais antigos, e depois mudando para uma outra língua própria deles. Para a sua surpresa, Frodo percebeu, conforme ouvia, que estavam falando a língua élfica, ou uma outra bastante semelhante, e olhou p ara eles admirado, pois soube então que deveriam ser

dúnedain do sul, homens da linhagem dos Senhores do Ponente.

Depois de um tempo, Frodo lhes dirigiu a palavra, mas eles foram cautelosos e demoraram para responder. Disseram que seus nomes eram Mablung e Damrod, soldados de Gondor, e que eram Guardiães de Ithilien; descendiam de povos que viveram em Ithilien numa outra época, antes que aquela região fosse assolada. Dentre esses homens, o Senhor Denethor escolhia seus batedores, que atravessavam o Anduin em segredo (como e onde, eles não estavam dispostos a dizer) para perseguir os orcs e outros inimigos que perambulavam entre os Ephel Dúath e o Rio.

— São cerca de dez léguas daqui até a praia oriental do Anduin — disse Mablung —, raramente chegamos tão longe. Mas temos uma nova missão nesta jornada: viemos preparar uma emboscada para os homens de Harad. Malditos sejam!

— E, malditos sejam os sulistas! — disse Damrod. — Comenta-se que havia transações antigamente entre Gondor e os reinos de Harad do extremo sul, embora nunca tenha existido amizade. Naqueles dias, nossas fronteiras ficavam lá no sul, além da foz do Anduin, e Umbar , o mais próximo dos reinos deles, reconhecia nosso poder. Mas muito tempo se passou. Já faz muitas vidas de homem que um sulista passou, indo ou vindo, entre nós. Ultimamente soubemos que o Inimigo esteve entre eles, que passaram para o lado d'Ele, ou retornaram a Ele — estavam sempre á sua disposição — como também fizeram tantos outros no leste. Não duvido que os dias de Gondor estejam chegando ao fim, e que as muralhas de Minas Tirith estejam condenadas, tão grandes são sua malícia e força.

— Mesmo assim, não vamos ficar de braços cruzados e deixar que Ele faça tudo como desejar — disse Mablung. — Esses malditos sulistas vêm agora marchando pelas estradas antigas para aumentar os exércitos da Torre Escura. Sim, pelas mesmas estradas que o trabalho de Gondor construiu. E cada vez avançam com menos cautela, pensando que o poder de seu novo senhor é grande o suficiente, de modo que a mera sombra de suas colinas irá protegê-los. Viemos para lhes ensinar uma outra lição.

Foi-nos reportado há alguns dias que uma grande força deles agora marcha para o norte. Pelos nossos cálculos, um dos regimentos deve passar por volta do meio-dia — na

estrada lá em cima, no ponto onde ela atravessa uma fenda. A estrada pode atravessar,
mas eles não! Não enquanto Faramir for Capitão. Agora ele lidera em todas as ocasiões
perigosas. Mas sua vida tem algum encantamento, ou o destino o poupa para algum outro
fim.
A conversa foi morrendo num silêncio de escuta. Todos pareciam quietos e

vigilantes. Sam, agachado na borda da moita de samambaia, espiava para fora. Com seus
olhos penetrantes de hobbit, viu que muitos outros homens estavam por perto. Podia vêlos
subindo secretamente as colinas, isolados ou em longas filas, sempre se mantendo na
sombra de bosques ou maciços de árvores, ou se arrastando, quase invisíveis em suas
vestes verdes e marrons, através de relva e mato. Todos estavam encapuzados e
mascarados, com luvas nas mãos, e armados como Faramir e seus companheiros. Em
breve todos tinham passado e desaparecido. O sol subiu até se aproximar do sul. As
sombras diminuíram.
"Fico pensando onde estará o infame do Gollum", pensou Sam, conforme se
escondia numa sombra mais profunda. "É bem provável que tenha sido espetado, tomado
por orc, ou torrado pelo Cara Amarela. Mas acho que ele vai se cuidar." Deitou-se ao lado
de Frodo e começou a cochilar.
Acordou, com a impressão de ter ouvido trombetas. Sentou-se. O sol já estava alto.
Os guardas permaneciam em estado de alerta e tensos sob as sombras das árvores. De
repente as trombetas soaram mais fortes e audíveis lá em cima, sobre o topo da encosta.
Sam teve a impressão de ouvir gritos e berros alucinados também, mas o som era fraco,
como se viesse de alguma caverna distante. Então, subitamente, rompeu bem próximo o
som de guerra, bem acima do esconderijo deles. Podia ouvir claramente o rilhar de aço
sobre aço, o clangor de espadas em toucas de malha de ferro, a batida surda das espadas
nos escudos; homens berravam e gritavam, e uma voz clara e alta clamava Gondor!
Gondor!
— Isso soa como uma centena de ferreiros trabalhando todos ao mesmo tempo —
disse Sam a Frodo. — Agora estão tão próximos quanto eu queria.
Mas o ruído se aproximou mais. — Eles estão vindo! — gritou Damrod.
— Vejam! Alguns sulistas escaparam da armadilha e estão fugindo da estrada. Lá
vão eles! Nossos homens atrás, e o Capitão liderando.

Sam, aflito para ver mais, foi juntar-se aos guardas. Subiu um pouco num dos loureiros maiores. Por um instante viu, de relance e a alguma distância, homens morenos de vermelho descendo a encosta, e guerreiros vestidos de verde aos saltos atrás deles, derrubando-os enquanto fugiam. Flechas enchiam o ar. Então, de repente, pela borda do barranco onde estavam escondidos, um homem caiu, batendo contra as árvores esguias, quase em cima deles. Foi parar na samambaia a pouca distância deles, o rosto para baixo, com flechas adornadas com penas verdes enfiadas em seu pescoço, sob um colarinho de ouro. Suas vestes vermelhas estavam rasgadas, seu corselete de placas de bronze justapostas estava partido e despedaçado, suas tranças negras adornadas com ouro ensangüentadas. A mão morena ainda agarrava o punho de uma espada quebrada.

Era a primeira vez que Sam via uma batalha de homens contra homens, e não estava gostando muito do espetáculo. Ficou feliz por não conseguir ver o rosto morto. Perguntava-se qual seria o nome do homem e de onde teria vindo, e se realmente tinha o coração mau, ou que mentiras ou ameaças o teriam conduzido na longa marcha desde seu lar, e se realmente não teria preferido ficar lá em paz — tudo num lampejo de pensamento que logo foi afastado de sua mente. Pois, no mesmo momento em que Mablung ia em direção ao corpo caido, ouviu-se outro barulho. Grande gritaria. Em meio a ela Sam ouviu o ruido de rugidos ou trombetas. E depois um grande baque de batidas e golpes surdos, como enormes aríetes estrondeando no chão.

— Cuidado! Cuidado! — gritou Damrod aos seus companheiros. — Que os Valar consigam desviá-lo! Múmak! Múmak!

Para seu assombro, terror e enorme prazer, Sam viu um vulto enorme romper dentre as árvores e vir descendo a encosta. Grande como uma casa, muito maior que uma casa, pareceu-lhe, uma colina móvel revestida de cinza.

O medo e a surpresa talvez tenham aumentado seu tamanho aos olhos do hobbit, mas o Múmak de Harad era realmente um animal enorme, e como aquele não há mais hoje em dia na Terra-média; seu parente que ainda vive nos últimos tempos é apenas uma lembrança de seu tamanho e majestade. Veio avançando, direto para os vigias, e então desviou no momento exato, passando a apenas alguns metros, fazendo tremer o chão sob seus pés: as grandes pernas como árvores, enormes orelhas semelhantes a velas abertas, a

longa tromba erguida como uma enorme serpente pronta para atacar, os pequenos olhos vermelhos coléricos. Suas presas levantadas semelhantes a chifres estavam fixadas com bandas de ouro e pingavam sangue. Os arreios ricamente enfeitados de vermelho e dourado pendiam em farrapos soltos. Os escombros do que parecia ter sido uma verdadeira torre de guerra jaziam sobre seu lombo ofegante, destroçados em sua passagem furiosa através do bosque; e em cima de seu pescoço ainda se pendurava desesperadamente um pequeno vulto — o corpo de um guerreiro poderoso, um gigante entre os Morenos.

O grande animal avançava retumbando, cambaleando numa ira cega através de poças e moitas. Flechas inofensivas batiam e ricocheteavam na pele grossa de seus flancos. Homens dos dois lados corriam fugindo dele, mas vários ele alcançou e esmagou contra o chão. Logo sumiu de vista, ainda trombeteando e estremecendo o solo em algum ponto distante. O que aconteceu com ele Sam nunca soube: se escapou para perambular no ermo por um tempo, até que perecesse longe de sua casa ou ficasse preso em algum poço fundo; ou ainda se continuou até mergulhar no Grande Rio e ser engolido pelas águas.

Sam respirou fundo. — Era um Olifante! — disse ele. — Então existem Olifantes, e eu vi um. Que vida! Mas ninguém lá em casa vai acreditar em mim. Bem, se tudo acabou, vou dormir um pouco.

— Durma enquanto puder — disse Mablung. — Mas o Capitão retornará se não estiver ferido, e quando chegar deveremos partir depressa. Seremos perseguidos assim que as notícias de nosso feito chegarem ao Inimigo, e não vai demorar muito.

— Partam em silêncio quando for a hora! — disse Sam. — Não há necessidade de perturbarem meu sono. Caminhei a noite toda.

Mablung riu. — Não acho que o Capitão vá deixá-los aqui, Mestre Samwise — disse ele. — Mas isso vocês verão!

CAPÍTULO V
A JANELA SOBRE O OESTE

Com a impressão de ter cochilado apenas alguns minutos, Sam acordou e viu que já era fim de tarde e Faramir tinha voltado. Trouxera muitos homens consigo; na verdade, todos os sobreviventes da emboscada estavam agora reunidos na encosta ali perto, cerca de duzentos a trezentos combatentes. Estavam sentados num amplo semicírculo, Faramir no centro e Frodo em pé diante dele. A situação era estranhamente semelhante ao

julgamento de um prisioneiro.
Sem que ninguém se desse conta dele, Sam saiu da samambaia e se posicionou
atrás das fileiras de homens, de onde podia ver e ouvir tudo o que estava acontecendo.

Observava e escutava tudo com atenção, pronto para correr em auxilio de seu
mestre, caso fosse necessário. Estava enxergando o rosto de Faramir, agora sem a
máscara: era austero e dominador, e uma sagacidade aguda se escondia atrás de seu olhar
penetrante. Havia dúvida nos olhos, que mantinha fixos em Frodo.
Logo Sam descobriu que o Capitão não estava satisfeito em vários pontos com o
que Frodo dissera sobre si mesmo: qual era sua função na Comitiva que partira de
Valfenda; por que ele havia abandonado Boromir e aonde estava indo agora. Em especial,
mencionou várias vezes a Ruína de Isildur. Estava claro para Faramir que Frodo
escondera algum assunto de grande importância.
— Mas era com a chegada do Pequeno que a Ruína de Isildur despertaria, ou pelo
menos é o que se pode interpretar daquelas palavras — insistiu ele. — Então, se você é
realmente o Pequeno que foi mencionado, não há dúvida de que levou essa coisa, o que
quer que seja ela, para o Conselho do qual está falando, e de que lá Boromir a viu. Você
nega o que estou dizendo?
Frodo não respondeu. — Então! — disse Faramir. — Quero que você me diga mais
sobre isso; pois o que diz respeito a Boromir diz respeito a mim. Uma flecha de orc matou
Isildur, pelo que contam as velhas histórias. Mas flechas de orcs são muito comuns, e
Boromir de Condor, ao deparar com uma, não consideraria isso como um sinal do
Destino. Essa coisa estava em seu poder? Está oculta, você diz; mas não seria porque
você mesmo faz a opção de ocultá-la?
— Não, não é uma opção minha — respondeu Frodo. — Não pertence a mim. Não
pertence a nenhum mortal, grande ou pequeno; mas se houver alguém para reivindicá-la,
essa pessoa será Aragorn, filho de Arathorn, que eu mencionei, o líder da nossa Comitiva
de Moria até Rauros.
— Por que ele, e não Boromir, príncipe da Cidade que os filhos de Elendil
fundaram?
— Porque Aragorn é descendente em linhagem direta de Isildur, o próprio filho de
Elendil. E a espada em seu poder é a espada de Elendil.
Um murmúrio de assombro percorreu todo o semi-círculo formado pelos homens.
Alguns gritaram: — A espada de Elendil! A espada de Elendil vem a Minas Tirith!
Alvíssaras! — Mas o rosto de Faramir permanecia impassível.
— Talvez! — disse ele. — Mas uma reivindicação tão importante precisa ser verificada,

e provas concretas serão requeridas, caso esse Aragorn chegue a Minas Tirith. Ele não
havia chegado, nem qualquer outro membro de sua Comitiva, quando parti seis dias atrás.
— Boromir concordou com a reivindicação — disse Frodo. — Na verdade, se Boromir
estivesse aqui, responderia todas as suas perguntas. E uma vez que ele já estava em
Rauros havia muitos dias e pretendia ir direto de lá para a sua cidade, quando você
retornar poderá ter todas as respostas lá.
Ele conhecia minha função na Comitiva, e todos os outros também, pois ela me foi
designada pelo próprio Elrond de Imíadris, diante de todo o Conselho. Eu vim a esta terra
com essa missão, que não cabe a mim revelar a qualquer pessoa que não faça parte da
Comitiva. Apesar disso, seria melhor que aqueles que dizem se opor ao Inimigo não a
dificultassem.
O tom de Frodo era altivo, independentemente do que se passava dentro dele, e
Sam aprovou suas palavras; mas Faramir não parecia satisfeito.
— Muito bem! — disse ele. — Você me pede que eu cuide de meus próprios assuntos,
e que retorne para casa, deixando-o em paz. Boromir contará tudo, quando chegar.
Quando chegar, você diz! Você era amigo de Boromir? Em sua mente, Frodo relembrou
com perfeita nitidez a cena do ataque de Boromir, e por um momento hesitou. A

expressão dos olhos atentos de Faramir ficou mais dura. — Boromir era um valoroso
membro de nossa Comitiva — disse Frodo finalmente. — Sim, de minha parte, eu era amigo
dele.
O rosto de Faramir se abriu num sorriso sinistro. — Então você lamentaria se
soubesse que Boromir está morto ?
— Lamentaria realmente — disse Frodo. Então, captando o olhar de Faramir, ele
vacilou. — Morto? — disse ele. — Está querendo dizer que ele está morto, e que você já sabia
disso? Esteve tentando me prender numa armadilha de palavras, jogando comigo? Ou está
tentando me enganar com uma mentira?
— Eu não enganaria nem mesmo um orc com uma mentira — disse Faramir.
— Como foi então que ele morreu, e como você soube disso, já que está dizendo que
nenhum membro da Comitiva havia chegado à cidade até a sua partida?
— Quanto ao modo como morreu, eu tinha esperança de que seu amigo e
companheiro me contasse como foi.
— Mas ele estava vivo e forte quando nos separamos. E pelo que sei, ainda está.
Embora certamente haja muitos perigos no mundo.
— De fato, há muitos — disse Faramir —, e a traição não é o menor deles.
Sam estava ficando cada vez mais impaciente e furioso com toda a conversa.

Aquelas últimas palavras excederam o que conseguia suportar, e, avançando subitamente para o meio do circulo, colocou-se ao lado de seu mestre.

— Perdoe-me, Sr. Frodo — disse ele —, mas isso já foi longe demais. Ele não tem o direito de falar com o senhor dessa maneira. Não depois de tudo o que o senhor passou, tanto para o bem dele e de todos esses grandes homens, quanto para o de qualquer pessoa.

— Olhe aqui, Capitão! — disse ele, plantando-se bem à frente de Faramir, com as mãos na cintura, como se estivesse se dirigindo a um jovem hobbit que lhe respondesse num tom que Sam chamava de “topetudo” quando questionado em relação a alguma visita ao pomar. Houve alguns murmúrios, e também risos nos rostos dos homens que assistiam: a cena de seu Capitão, sentado no chão, cara a cara com um jovem hobbit de pernas bem abertas, fervendo de raiva, era algo totalmente novo para eles.

— Olhe aqui! — disse ele. — Aonde está querendo chegar? Vamos ao ponto antes de todos os orcs de Mordor nos atacarem! Se o senhor pensa que meu mestre matou esse Boromir e depois fugiu, o senhor está louco; mas diga claramente, e termine com isso de uma vez por todas! E então nos permita saber o que pretende fazer sobre o assunto. Mas é uma pena que pessoas que ficam falando em lutar contra o Inimigo não sejam capazes de deixar que outros façam a sua parte à sua própria maneira, e sem interferências.

Ele ficaria muito satisfeito, se pudesse vê-lo agora. Iria pensar que conseguiu um novo amigo, sem dúvida.

— Calma! — disse Faramir sem raiva. — Não fale antes de seu mestre, cuja inteligência é maior que a sua. E eu não preciso que ninguém me advirta sobre o perigo que corremos. Mesmo assim, disponho de um curto espaço de tempo para julgar com justiça uma questão difícil. Se eu fosse tão apressado quanto você, provavelmente já os teria matado há muito tempo. Pois recebi ordens de matar qualquer um que entrasse nesta terra sem a permissão do Senhor de Gondor. Mas não mato homens nem animais sem necessidade, e não me sinto feliz em fazê-lo mesmo quando é necessário. E também não estou falando em vão. Então sossegue. Sente-se ao lado de seu mestre, e fique quieto!

Sam se sentou furioso e com o rosto vermelho. Faramir voltou-se para Frodo outra vez.

— Você perguntou como eu sei que o filho d e Denethor está morto. As notícias de
morte têm muitas asas. Com frequência a noite traz notícias para parentes próximos,

como diz o ditado. Boromir era meu irmão.
Uma sombra de tristeza cobriu-lhe o rosto. — Você se lembra de alguma coisa
característica que o Sr. Boromir carregava junto aos seus pertences?
Frodo pensou por um momento, temendo uma nova armadilha, e perguntando-se
como esse debate terminaria. Mal conseguira salvar o Anel da ambiciosa mão de
Boromir; como se sairia agora em meio a tantos homens, fortes guerreiros, ele não sabia.
Apesar disso, sentia em seu coração que Faramir, embora fosse muito semelhante ao
irmão na aparência, era um homem menos arrogante, ao mesmo tempo mais austero e
mais sábio.
— Recordo-me de que Boromir levava uma corneta — disse Frodo finalmente.
— Recorda-se bem, e como uma pessoa que esteve realmente com ele — disse
Faramir. — Então talvez consiga ver com os olhos de sua mente: uma grande corneta, feita
do chifre do boi selvagem do leste, adornada de prata, e com inscrições em caracteres
antigos. Essa corneta os primogênitos de nossa casa carregaram por várias gerações; e
afirma-se que se ela fosse tocada num momento de necessidade em qualquer lugar dentro
das fronteiras de Gondor, como era o reinado antigamente, sua voz não passaria
despercebida.
— Cinco dias antes de minha partida nesta jornada, há onze dias, por volta desta
hora, ouvi o soar daquela corneta: parecia vir do norte, mas chegava fraco, como se fosse
um eco na mente. Achamos que era um mau presságio, meu pai e eu, pois não tivéramos
notícias de Boromir desde sua partida, e nenhuma sentinela em nossas fronteiras o tinha
visto passar. E três noites depois uma outra coisa, ainda mais estranha, me aconteceu.
— Estava sentado á noite à beira do Anduin, na escuridão cinzenta sob uma pálida
lua nova, observando a correnteza sempre em movimento, e ouvindo o farfalhar dos
juncos tristonhos. Temos sempre o costume de vigiar as margens perto de Osgiliath, que
nossos inimigos agora em parte detém, e através das quais enviam expedições para
saquear nossas terras. Mas naquele dia o mundo todo adormeceu à meia-noite. Então eu
vi, ou tive a impressão de ter visto, um barco flutuando na água, emitindo um vago brilho
cinzento, um pequeno barco de formato esquisito com uma proa alta, e não havia ninguém

para remar ou conduzi-lo.
— Fui tomado de espanto, pois uma luz pálida o envolvia. Mas levantei-me e me
dirigi à margem, e comecei a caminhar para dentro da correnteza, pois me sentia atraído
por ele. Então o barco se virou na minha direção, diminuindo de velocidade e flutuando
lentamente até chegar ao alcance de minha mão, mas eu não ousei tocá-lo.
Calava fundo, como se carregasse um grande peso, e conforme passou sob meu
olhar tive a impressão de que estava quase totalmente repleto de água limpa, da qual
emanava a luz; no seio da água, um guerreiro jazia dormindo.
— Havia uma espada quebrada sobre seu joelho. Vi muitos ferimentos em seu
corpo. Era Boromir, meu irmão, morto. Reconheci seus indumentos, sua espada, seu
amado rosto. De uma coisa apenas senti falta: a corneta. Uma coisa apenas não reconheci:
um belo cinto, que parecia ser feito de folhas de ouro, cingindo-lhe a cintura. Boromir!,
gritei eu. Onde está tua corneta? Aonde vais tu, ó Boromir? Mas ele se fora, O barco
voltou a acompanhar a correnteza e desapareceu tremeluzindo noite adentro. Foi como
um sonho, mas não foi um sonho, pois não houve despertar. E não tenho dúvidas de que
ele está morto e passou descendo o Rio em direção ao Mar.
— Lamento! — disse Frodo. — Esse era realmente Boromir como o conheci. Pois o
cinto de ouro lhe foi dado em Lothlórien, pela Sra. Galadriel. Foi ela quem nos vestiu
assim, de cinza élfico. Este broche é da mesma lavra.
— Tocou a folha verde e prateada que lhe prendia a capa ao pescoço.

Faramir a examinou de perto. — É linda — disse ele. — Sim, é da mesma lavra. Então
vocês passaram pela Terra de Lórien? Antigamente se chamava Laurelindórenan, mas já
faz tempo que está além do conhecimento dos homens — acrescentou ele baixinho,
observando Frodo com uma nova admiração em seus olhos. — Começo a entender muitas
coisas que achava estranhas em você. Não vai nos contar mais coisas? Pois é triste pensar
que Boromir tenha morrido às vistas de sua terra natal.
— Não posso contar nada além do que já contei — respondeu Frodo.
— Embora sua história me traga muitos presságios. Acho que foi uma visão que
você teve, nada além disso; alguma sombra de má fortuna que aconteceu ou vai
acontecer. A não ser que seja na verdade algum truque mentiroso do Inimigo. Vi rostos de
belos guerreiros de antigamente jazendo adormecidos no fundo das poças dos Pântanos

Mortos, ou pelo menos era isso que suas artes malignas faziam parecer.

— Não, não foi uma visão — disse Faramir. — Pois os trabalhos dele enchem o coração de ódio; mas meu coração se encheu de tristeza e pena.

— Mas como uma coisa dessas poderia ter realmente acontecido? — perguntou Frodo. — Nenhum barco poderia ter sido carregado do Tol Brandir através das colinas rochosas; e Boromir tinha o propósito de ir para casa através do Entágua e dos campos de Rohan. E como poderia qualquer embarcação navegar nas espumas das grandes cachoeiras e não afundar nos lagos borbulhantes, mesmo estando cheia de água?

— Não sei — disse Faramir. — Mas de onde veio esse barco?

— De Lórien — disse Frodo. — Descemos o Anduin em três barcos, até chegarmos às Cachoeiras. Eles também foram feitos pelos elfos.

— Vocês atravessaram a Terra Oculta — disse Faramir —, mas parece que entendem muito pouco do poder dela. Se homens têm contato com a Senhora da Magia que mora na Floresta Dourada, então podem esperar que coisas estranhas aconteçam. Pois é perigoso para os mortais sair do mundo deste sol, e poucos antigamente conseguiram sair de lá incólumes, pelo que se diz.

— Boromir ó Boromir! — gritou ele. — O que lhe disse ela, a Senhora que não morre? O que foi que ela viu? O que terá despertado em seu coração? Por que foi você para Laurelindórenan, e não seguiu sua própria estrada, cavalgando para casa nos cavalos de Rohan pela manhã?

Então, voltando-se para Frodo, falou mais uma vez em voz baixa. — Essas perguntas acho que você poderia responder, Frodo, filho de Drogo. Mas talvez não aqui nem agora. Mas para evitar que você continue achando que o que lhe contei foi uma visão, vou acrescentar isto: a corneta de Boromir finalmente retornou, na realidade, e não em sonho. A corneta chegou mas estava partida em duas, como se tivesse sido golpeada por um machado ou uma espada. Os pedaços chegaram à praia separadamente: um foi encontrado em meio aos juncos onde ficam as sentinelas de Gondor, ao norte, sob as cachoeiras que alimentam o Entágua; o outro foi encontrado rodopiando na correnteza, por uma pessoa que por algum motivo fora ao rio. Acasos estranhos, mas a verdade virá à tona, como se diz.

— E agora a corneta do primogênito jaz em dois pedaços sobre o colo de Denethor,

que está sentado em sua alta cadeira, aguardando notícias. Você não sabe me dizer nada sobre a corneta partida?

— Não, eu não sabia disso — disse Frodo. — Mas o dia em que você a ouviu soando, se seus cálculos estão certos, foi o dia em que nos separamos, quando eu e meu servidor abandonamos a Comitiva. E agora sua história me enche de temor. Pois, se Boromir estava em perigo e foi morto, receio que todos o s meus companheiros tenham perecido também. E eram meus parentes e meus amigos.

— Você não está disposto a ignorar sua dúvida a meu respeito e me deixar partir? Estou cansado, cheio de tristeza e com medo. Mas tenho um feito a cumprir, ou tentar, antes que eu também seja morto. E ainda precisarei me apressar mais, se dois Pequenos são tudo o que sobrou de nossa sociedade.

— Volte, Faramir, valoroso Capitão de Gondor, e defenda sua cidade enquanto puder, e deixe-me ir para onde meu destino me conduz.

— Para mim não há consolo em nossa conversa — disse Faramir —, mas certamente você extrai dela mais pavor do que é necessário. A não ser que a própria gente de Lórien tenha vindo até ele, quem ataviou Boromir como se fosse para um funeral? Não os orcs, e nem os servidores do Inominável. Alguém de sua Comitiva, suponho eu, ainda vive.

— Mas o que quer que tenha acontecido na Fronteira Norte, de você, Frodo, não duvido mais. Se os dias difíceis me fizeram um juiz de palavras e rostos, então posso fazer uma suposição sobre os Pequenos! Embora nesse ponto ele sorriu — haja algo estranho em você, Frodo, um ar élfico, talvez. Mas há mais coisas em nossas palavras do que eu a princípio imaginara. Eu deveria levá-lo agora para Minas Tirith, para responder lá a Denethor, e terei de pagar com a vida, se neste momento escolher um caminho que acabe se mostrando ruim para minha cidade. Por isso, não vou decidir apressadamente o que deve ser feito. Mesmo assim, devemos sair daqui sem mais demora.

Levantou-se e deu algumas ordens. Imediatamente, os homens que estavam reunidos à sua volta se separaram em pequenos grupos, e foram em várias direções, desaparecendo rapidamente nas sombras das rochas e árvores. Logo apenas Mablung e Damrod permaneciam.

— E vocês, Frodo e Samwise, virão comigo e meus guardas — disse Faramir. — Não podem ir pela estrada em direção ao sul, se este era o seu propósito. Aquela região será mais perigosa por alguns dias, e depois desse tumulto ainda mais vigiada do que antes. E não poderão, de qualquer forma, avançar muito hoje, pois estão cansados. Nós também estamos. Estamos indo para um de nossos esconderijos, a menos de dez milhas daqui. Os orcs e os espiões do Inimigo ainda não o encontraram, e, se o encontrassem, poderíamos defendê-lo por muito tempo, mesmo contra muitos inimigos. Lá poderemos nos deitar e descansar um pouco, e vocês também. Pela manhã decidirei qual é a melhor coisa a fazer. Para mim e para vocês.

A Frodo nada restava a não ser ceder àquele pedido, ou ordem. Em qualquer caso, parecia uma decisão sábia naquele momento, uma vez que a emboscada dos homens de Gondor transformara uma viagem através de Ithilien numa aventura mais perigosa do que nunca.

Partiram imediatamente: Mablung e Damrod um pouco à frente, e Faramir, Frodo e Sam atrás. Contornando o lado mais próximo do lago onde os hobbits tinham se banhado, atingiram a margem oposta, subiram um longo barranco, e penetraram nas florestas de sombras verdes, que avançavam sempre descendo para o oeste. Enquanto caminhavam, o mais rápido que os hobbits conseguiam, iam conversando em voz baixa.

— Interrompi nossa conversa — disse Faramir — não só porque o tempo urgia, como bem disse o Mestre Samwise, mas também porque estávamos nos aproximando de assuntos que não deviam ser discutidos abertamente diante de muitos homens. Foi por esse motivo que preferi discutir o assunto de meu irmão, e deixei de lado a Ruína de Isildur. Você não foi totalmente franco comigo, Frodo.

— Não contei nenhuma mentira, e disse todas as verdades que podia — disse Frodo.

— Não o culpo — disse Faramir. — Você falou com habilidade numa posição difícil, e de maneira sábia, ao que me pareceu. Mas eu percebi ou supus mais do que disseram suas palavras. Você não era amigo de Boromir, ou pelo menos vocês não se separaram como amigos. Você, e Mestre Samwise também, suponho eu, têm alguma mágoa. Eu o amava muito, e de bom grado vingaria sua morte; apesar disso, conhecia-o bem. A Ruína de

Isildur — arriscaria dizer que a Ruína de Isildur estava entre vocês e era causa de contenda em sua Comitiva. Está claro que é algum tipo de legado, e essas coisas não trazem paz entre aliados, não se as histórias antigas podem ensinar alguma coisa. Não estou quase atingindo o alvo?

— Quase — disse Frodo. — Mas não exatamente o centro. Não houve contenda em nossa Comitiva, embora tenha havido dúvida: dúvida sobre que caminho deveríamos tomar além das Emyn Muil. Mas, seja como for, as histórias antigas também nos ensinam o perigo de palavras precipitadas em se tratando de coisas como legados.

— Então é como eu pensava: seu problema era apenas com Boromir: ele queria que essa coisa fosse trazida a Minas Tirith. Ai de mim! É crueldade do destino que você, a última pessoa que o viu, tenha seus lábios selados, e esconda de mim o que mais quero saber: o que se passava no coração e no pensamento dele em suas últimas horas. Tendo ou não errado, disto tenho certeza: ele morreu com dignidade, realizando algo de bom. Seu rosto estava ainda mais belo do que em vida.

— Mas, Frodo, a principio eu o pressionei muito com perguntas sobre a Ruína de Isildur. Perdoe-me! Foi uma insensatez, naquela hora e lugar. Não tive tempo para pensar. Tínhamos tido uma luta difícil, e havia coisas demais em minha cabeça. Mas no próprio momento em que lhe falava, eu me aproximei do alvo, e então deliberadamente desviei o tiro. Pois você deve saber que muitas coisas ainda se preservam da antiga tradição dos Governantes da cidade, e são mantidas em segredo. Nós da minha casa não somos da linhagem de Elendil, embora o sangue de Númenor corra em nossas veias. Sabemos que nossa linhagem remonta a Mardíl, o bom regente, que governou no lugar do rei quando este foi para a guerra. E este era o Rei Eãmur, o último da linhagem de Anárion, que não tinha filhos e jamais retornou. E os regentes têm governado a cidade desde esse dia, embora isso tenha acontecido há muitas gerações de homens.

— E disso eu me lembro a respeito de Boromir, quando ele era um menino e nós dois juntos aprendíamos a história de nossos antepassados e de nossa cidade: ele era um eterno insatisfeito com o fato de nosso pai não ser rei. “Quanto tempo leva para que um

regente se torne um rei, se o rei não retornar?”, perguntava ele. “Alguns anos, talvez, em outros lugares de menor realeza”, meu pai respondia. “Em Gondor dez mil anos não seriam suficientes.” Ai de mim! Pobre Boromir. Isso não lhe diz algo sobre ele?

— Realmente — disse Frodo. — Mas ele sempre tratou Aragorn com respeito.

— Não duvido disso — disse Faramir. — Se ele concordava com a reivindicação de Aragorn, como você diz, provavelmente o reverenciaria muito. Mas o momento crucial ainda não chegara. Eles ainda não tinham chegado a Minas Tirith, nem se tornado rivais nas guerras locais.

— Mas estou me desviando do assunto. Nós, da casa de Denethor, sabemos muito da antiga tradição, transmitida de pai para filho, e além disso preservamos muita coisa em nossos tesouros: livros e cadernos escritos em pergaminhos envelhecidos, sim, e na pedra, e em folhas de prata e ouro, em vários caracteres diferentes. Alguns ninguém consegue decifrar, e, quanto ao resto, poucos agora os manuseiam. Posso ler alguma coisa neles, pois fui ensinado. Foram esses registros que trouxeram o Peregrino Cinzento até nós. Vi-o pela primeira vez quando era criança, e ele esteve em nossa cidade duas ou três vezes depois disso.

— O Peregrino Cinzento? — perguntou Frodo. — Ele tinha um nome?

— Nós o chamávamos de Mithrandir, à maneira dos elfos — disse Faramir — e ele ficava satisfeito. Tenho muitos nomes em diferentes lugares, dizia ele. Mithrandir entre os

elfos, Tharkún para os anões; eu era Olórin em minha juventude no Ocidente que está esquecido; no sul, Incánus, no norte Gandalf para o leste eu nunca vou.

— Gandalf! — disse Frodo. — Pensei que fosse ele, Gandalf, o Cinzento, o mais querido dos conselheiros, Líder de nossa Comitiva. Nós o perdemos em Moria.

— Perderam Mithrandir! — disse Faramir. — Parece que um destino mau perseguia sua sociedade. Realmente é difícil acreditar que alguém possuidor de tanta sabedoria e poder — pois fez coisas maravilhosas entre nós — possa ter perecido, e desse modo o mundo tenha perdido tanta sabedoria. Você tem certeza disso, de que ele não os deixou apenas, partindo quando julgou necessário?

— Infelizmente sim — disse Frodo. Eu o vi cair no abismo.

— Percebo que há uma grande história de terror nisso — disse Faramir — que talvez

você possa me contar à noite. Esse Mithrandir era mais que um mestre das tradições,
percebo agora: um grande promotor dos feitos de nossa época. Se tivesse estado entre nós
para que pudéssemos consultá-lo sobre as palavras duras de nosso sonho, poderia tê-las
esclarecido sem a necessidade de um mensageiro. Mas talvez não tivesse feito isso, e a
viagem de Boromir já estivesse marcada pelo destino.
Mithrandir nunca nos falava sobre o que ainda iria acontecer, e nunca revelou seus
propósitos. Conseguiu a permissão de Denethor, não sei como, para examinar os segredos
de nossos tesouros, e eu aprendi um pouco com ele, quando estava disposto a ensinar (e
isso era raro). Sempre procurava e nos perguntava acima de tudo sobre a Grande Batalha
que foi travada em Dagorlad nos primórdios de Gondor, na qual Aquele que não
nomeamos foi derrotado. Era ávido por saber histórias sobre Isildur, embora dele
tivéssemos pouco para contar, pois nunca soubemos nada de concreto sobre seu fim.
Nesse ponto, a voz de Faramir reduziu-se a um sussurro. — Mas isso eu aprendi, ou
adivinhei, e desde então guardei em segredo em meu coração: que Isildur tomou alguma
coisa da mão do Inominado, antes de partir de Gondor, para nunca mais ser visto entre os
homens mortais. Eu achava que aqui estava a resposta para a indagação de Mithrandir.
Mas na época parecia um problema que dizia respeito apenas aos que procuravam os
ensinamentos antigos. E também eu não achei, quando as palavras enigmáticas de nosso
sonho foram discutidas entre nós, que a Ruína de Isildur fosse essa mesma coisa. Pois
Isildur foi vítima de uma emboscada e morto por flechas de orcs, de acordo com a única
lenda que conhecemos, e Mithrandir nunca me contou mais sobre isso.
— O que é na verdade essa Coisa não posso adivinhar, mas deve ser algum legado
de poder e perigo. Talvez uma arma mortal, feita pelo Senhor do Escuro. Se fosse uma
coisa que trouxesse vantagem na batalha, posso muito bem crer que Boromir, o altivo e
destemido, frequentemente impetuoso, sempre ansioso pela vitória de Minas Tirith (que
traria também sua grande glória), possa ter desejado essa coisa e ter sido atraído por ela.
Lamento que tenha ido em tal missão! Eu teria sido escolhido por meu pai e pelos
anciões, mas ele se ofereceu, por ser o mais velho e o mais corajoso (ambas as coisas
verdadeiras), e ninguém conseguiria detê-lo.

— Mas não tema mais nada! Eu não tomaria essa coisa, nem que a encontrasse na estrada. Nem que Minas Tirith estivesse sendo destruída e apenas eu pudesse salvá-la desse modo, usando a arma do Senhor do Escuro para o bem dela e para minha glória. Não. Não anseio por tais triunfos, Frodo, filho de Drogo.

— O Conselho também não — disse Frodo. — Nem eu. Eu preferiria não ter nada a ver com tais assuntos.

— Quanto a mim — disse Faramir — gostaria de ver a Arvore Branca outra vez em flor nos pátios dos reis, e a Corôa de Prata retornar, e Minas Tirith em paz: Minas Anor de novo como era antiga mente, cheia de luz, altiva e

bela, bonita como uma rainha entre outras rainhas: não uma senhora de muitos escravos, não, nem sequer uma senhora gentil de escravos voluntários. A guerra deve acontecer, enquanto estivermos defendendo nossas vidas contra um destruidor que poderia devorar tudo; mas não amo a espada brilhante por sua agudeza, nem a flecha por sua rapidez, nem o guerreiro por sua glória. Só amo aquilo que eles defendem: a cidade dos homens de Númenor, e gostaria que ela fosse amada por seu passa do, sua tradição, sua beleza e sua sabedoria presente. Não que ela fosse temida, a não ser da maneira que os homens temem a dignidade de um homem velho e sábio.

— Por isso, não tenha medo de mim! Não peço que me conte mais nada. Não peço nem que me diga se agora eu estou chegando mais perto do alvo. Mas se estiver disposto a confiar em mim, é possível que eu possa aconselhá-lo em sua demanda atual, qualquer que seja ela — talvez até mesmo ajudá-lo.

Frodo não respondeu. Quase cedeu ao desejo de ser aconselhado, e ajudado, de contar àquele jovem digno, cujas palavras pareciam tão belas e sábias, tudo o que passava por sua cabeça. Mas alguma coisa o impediu. Tinha o coração tomado de medo e tristeza: se ele e Sam realmente fossem, como parecia provável, tudo o que sobrara dos Nove Andantes, então ele era o único que sabia do segredo de sua missão. Mais valia uma desconfiança imerecida do que palavras incautas. E a lembrança de Boromir, da terrível mudança que a atração pelo Anel causara nele, estava muito presente em sua memória, quando olhava para Faramir e ouvia sua voz: os dois eram diferentes, mas ao mesmo

tempo muito parecidos.

Continuaram caminhando em silêncio, passando como sombras cinzentas e verdes sob as velhas árvores, os pés não fazendo ruído algum; sobre eles muitos pássaros cantavam, e o sol reluzia sobre o teto polido de folhas escuras das florestas perenes de
Ithilien.

Sam não participara da conversa, embora tivesse escutado tudo, ao mesmo tempo em que estivera prestando atenção, com seus sensíveis ouvidos de hobbit, a todos os
ruídos suaves da floresta ao redor deles. Notou uma coisa: em toda a conversa, o nome de
Gollum não fora mencionado uma só vez. Estava feliz por isso, embora achasse que seria
um exagero esperar que jamais ouviria aquele nome de novo. Logo percebeu também que,
embora estivessem caminhando sozinhos, havia muitos homens por perto: não apenas
Damrod e Mablung, entrando e saindo das sombras à frente, mas outros, dos dois lados,
todos trilhando seu caminho secreto na direção de algum lugar indicado.

Uma vez, olhando de repente para trás, como se alguma comichão na pele o avisasse de que estava sendo observado, teve a impressão de captar de relance um pequeno vulto escuro se escondendo atrás de um tronco de árvore. Abriu a boca para falar
e a fechou em seguida. — Não tenho certeza — disse para si mesmo — e por que motivo
deveria lembrá-los do velho vilão, se eles preferem esquecê-lo? Eu gostaria de conseguir
fazer o mesmo!

Assim foram caminhando, até que as florestas ficaram menos densas e o terreno começou a descer mais abruptamente. Então desviaram outra vez, à direita, e chegaram
logo a um pequeno rio numa garganta estreita: era o mesmo riacho que descia do lago
redondo mais acima, já agora uma correnteza veloz, saltando sobre muitas pedras num
leito profundo, coberto por azevinheiros e buxos. Olhando ao oeste podiam ver, mais
abaixo e numa névoa de luz, planícies e amplas campinas, e, tremeluzindo distantes ao sol
que se punha, as águas caudalosas do Anduin.

— Aqui, infelizmente, terei de tratá-lo com descortesia — disse Faramir.

— Espero que perdôe esse gesto, partindo de uma pessoa que até agora tem dado suas ordens movida pela cortesia , e evitando que vocês fossem mortos ou presos.

Mas não é permitido a nenhum forasteiro, nem mesmo a alguém de Rohan que lute ao nosso lado, ver a trilha pela qual agora iremos com os olhos abertos. Devo vendar seus
olhos.

— Como quiser — disse Frodo. — Até os elfos se comportam dessa maneira quando há
necessidade, e de olhos vendados nós atravessamos as fronteiras da bela Lothlórien.
Gimli, o anão, levou isso a mal, mas os hobbits suportaram bem.
— Não é por um lugar tão belo que deverei conduzi-los — disse Faramir.
— Mas fico satisfeito em saber que vocês aceitam a imposição voluntariamente, e
não à força.
Chamou em voz baixa e imediatamente Mablung e Damrod surgiram das árvores e
vieram na direção deles. — Vendem os olhos destes hóspedes — disse Faramir. — De modo
seguro, mas sem incomodá-los. Não amarrem suas mãos. Eles darão sua palavra de que
não tentarão olhar. Poderia confiar que eles fechassem os olhos por sua própria conta,
mas os olhos podem se abrir, se os pés tropeçarem. Conduzam-nos e cuidem para que não
vacilem.Com cachecóis verdes os dois guardas vendaram os olhos dos hobbits, e puxaramlhes
os capuzes quase até a boca; então rapidamente tomaram cada um pela mão e
continuaram em seu caminho. Tudo o que Frodo e Sam souberam dessa última milha da
estrada depreenderam adivinhando no escuro. Um pouco depois perceberam que estavam
numa trilha que descia abruptamente; logo ficou tão estreita que eles precisaram ir em fila
indiana, roçando os corpos em muralhas rochosas de ambos os lados; os guardas vinham
atrás e os guiavam, com mãos firmes sobre os seus ombros.
Em alguns momentos passavam por lugares difíceis e eram carregados por um
trecho, e depois recolocados no chão. Todo o tempo o ruido de água correndo os
acompanhava do lado direito, e ia ficando mais próximo e mais alto. Finalmente pararam.
Rapidamente Mablung e Damrod fizeram-nos girar várias vezes, e eles perderam todo o
senso de direção. Subiram por um trecho: parecia frio e o ruido da água ficara fraco.
Depois foram carregados e levados para baixo, descendo muitos degraus, e fazendo uma
curva em cotovelo. De repente ouviram a água outra vez, agora produzindo um ruído alto,
correndo e espirrando. Parecia estar por toda a volta deles, sentiam uma chuva fina nas
mãos e faces. Finalmente foram colocados de volta no chão.
Por um momento ficaram ali parados, sentindo um pouco de medo, com os olhos
vendados, sem saber onde estavam; ninguém falou nada.
Então veio por trás a voz de Faramir, bem próxima. — Deixem-nos ver! — disse ele.
Os cachecóis foram removidos e os capuzes puxados para trás; os hobbits piscaram e

ficaram boquiabertos.

Estavam sobre um chão molhado de pedra polida, que era a soleira, por assim dizer, de um tosco portão de pedra, que se abria escuro atrás deles. Mas à frente caia um fino véu de água, tão próximo que Frodo poderia tê-lo alcançado se esticasse o braço.

Dava para o oeste. Os raios horizontais do sol que se punha atrás batiam nele e a luz vermelha se partia em muitos raios bruxuleantes de cores iridescentes. Era como se estivessem à janela de alguma torre élfica, cuja cortina fosse feita com cordões de ouro e prata, rubis, safiras e ametistas, tudo ardendo num fogo que não consumia.

— Ao menos tivemos a sorte de chegar à hora certa de recompensá-los por sua paciência — disse Faramir. Esta é a Janela do Pôr-do-Sol, Henneth Annún, a mais bela de todas as cachoeiras de Ithilien, terra de muitas fontes. Poucos forasteiros tiveram oportunidade de vê-la. Mas não há um salão real por trás que lhe esteja à altura. Entrem agora e vejam!

No momento em que falava, o sol se pôs, e o fogo mergulhou no fluxo das águas.

Eles se viraram e passaram por um arco baixo e austero.

Imediatamente se viram num cômodo de pedra, largo e tosco, com um teto irregular e inclinado. Algumas tochas estavam acesas e lançavam uma luz fraca nas paredes tremeluzentes. Muitos homens já estavam lá. Outros ainda vinham chegando em grupos de dois ou três através de uma porta lateral estreita e escura. Quando seus olhos começaram a se acostumar à escuridão, os hobbits viram que a caverna era maior do que tinham suposto e estava repleta com um bom estoque de armas e mantimentos.

— Bem, este é nosso refugio — disse Faramir. — Não é um lugar muito confortável, mas aqui vocês poderão passar a noite em paz. Pelo menos é seco, e há comida, embora não tenhamos fogo. Houve um tempo em que a água passava através desta caverna e saia pelo arco, mas esse curso foi alterado mais acima da garganta, por trabalhadores de antigamente, e a correnteza foi desviada para uma queda de altura duas vezes maior por sobre as pedras lá em cima. Depois todos os caminhos que conduziam a esta gruta foram obstruídos para evitar a entrada de água ou qualquer outra coisa, todos menos um. Agora só há duas saídas: a passagem mais além, pela qual vocês entraram com os olhos vendados, e através da Cortina da Janela, entrando numa bacia profunda cheia de facas de

pedra. Agora descansem um pouco, até a hora da refeição noturna.

Os hobbits foram levados até um canto, onde lhes foi oferecida uma cama baixa para deitarem, se quisessem. Enquanto isso os homens se ocupavam pela caverna, em silêncio e numa pressa ordenada. Tábuas leves foram retiradas das paredes e colocadas sobre cavaletes e guarnecidas com material de cozinha. Quase tudo era simples e sem adornos, mas bem-feito e bonito: travessas redondas, tigelas e pratos de barro vitrificado marrom ou de buxo torneado, polido e limpo. Aqui e ali se via uma taça ou bacia de bronze polido; um cálice liso de prata foi colocado no lugar do Capitão, no meio da mesa no fundo da caverna.

Faramir caminhava entre os homens, interrogando cada um conforme entravam, numa voz baixa. Alguns haviam retornado da perseguição aos sulistas, outros, deixados para trás como vigias perto da estrada, entraram por último. Todos os sulistas haviam sido destruídos, exceto o grande múmak: o que lhe acontecera ninguém sabia dizer. Do inimigo nenhum movimento se via, nem sequer um espião-orc.

— Você não viu nem ouviu nada, Anborn? — perguntou Faramir ao último que chegou.

— Bem, senhor, não — disse o homem. — Pelo menos nenhum orc. Mas eu vi, ou tive a impressão de ter visto, uma coisa meio estranha. Já tinha quase anoitecido, naquela hora em que os olhos fazem as coisas ficarem maiores do que são. Por isso, talvez não tenha sido nada além de um esquilo. — Ao ouvir isso, Sam ficou de orelha em pé. — Mas, se for esse o caso, era um esquilo preto, e não vi nenhum rabo. Era como uma sombra no chão, e se escondeu atrás de um tronco de árvore quando me aproximei, e subiu nela com a mesma velocidade de um esquilo. O senhor não permite que matemos animais selvagens sem motivo, e me pareceu que aquilo não passava de um animal selvagem, por isso não tentei atirar nenhuma flecha.

De qualquer forma, estava escuro demais para um tiro certeiro e a criatura entrou na escuridão das folhas num piscar de olhos. Mas fiquei lá um tempo, pois ela parecia estranha, e depois corri de volta. Tive a impressão de ouvir o bicho chiar para mim de cima da árvore conforme me virei. Talvez um grande esquilo. Pode ser que, sob a sombra do Inominado, alguns animais da Floresta das Trevas estejam fugindo para as nossas

florestas. Comenta-se que lá eles têm esquilos pretos.

— Talvez — disse Faramir. — Mas, se for verdade, isso será um mau presságio. Não queremos os fugitivos da Floresta das Trevas em Ithilien.

— Sam imaginou que ele tinha lançado um olhar rápido em direção aos hobbits enquanto falava; mas Sam não disse nada. Por um tempo ele e Frodo ficaram deitados observando a luz das tochas, e os homens andando de um lado para o outro e conversando aos sussurros. Então, de repente, Frodo adormeceu.

Sam discutia consigo mesmo, ponderando prós e contras. “Ele pode estar sendo sincero”, pensou ele, “e também pode não estar. Palavras belas podem ocultar um coração maligno.” Sam bocejou. “Poderia dormir uma semana inteira, e isso me faria bem. E o que posso fazer, se ficar acordado, só eu sozinho, com todos esses homens grandes ao redor? Nada, Sam Gamgi; mas mesmo assim você tem de ficar acordado.” E de alguma forma conseguiu. A luz desapareceu na porta da caverna, e o grande véu de água que caía ficou escuro e se perdeu na sombra que sobreveio. O som da água continuava, nunca mudando de tom, de manhã, de tarde ou de noite. Sam passou os dedos nos olhos.

Agora mais tochas estavam sendo acesas. Um barril de vinho foi perfurado. Barricas com mantimentos estavam sendo abertas. Homens traziam água da cachoeira. Alguns lavavam as mãos em bacias. Uma grande vasilha de cobre e uma toalha branca foram trazidas para Faramir, e ele se lavou.

— Acorde nossos convidados — disse ele — e leve-lhes água. Está na hora de comer.

Frodo se sentou, bocejou e espreguiçou-se. Sam, não habituado a ser servido, olhou meio surpreso para o homem alto que se curvou, segurando uma bacia de água diante dele.

— Coloque-a no chão, mestre, por favor! — disse ele. — Fica mais fácil para você e para mim. — Então, para a surpresa de todos, mergulhou a cabeça na água fria e lavou o pescoço e as orelhas.

— É costume em sua terra lavar a cabeça antes da ceia? — perguntou o homem que estava servindo os hobbits.

— Não, antes do desjejum — disse Sam. — Mas se você dormiu pouco, a água fria no pescoço é como chuva sobre um pé de alface murcho. Pronto! Agora posso ficar acordado o suficiente para conseguir comer alguma coisa.

Conduziram-nos para os assentos ao lado de Faramir: barris cobertos com peles e

suficientemente mais altos que os bancos dos homens, para a conveniência dos hobbits.

Antes de comer, Faramir e todos os seus homens se viraram e olharam para o oeste, num momento de silêncio. Faramir fez um sinal para Frodo e Sam de que eles deveriam proceder da mesma forma.

Fazemos sempre assim — disse ele, quando se sentaram -: olhamos na direção de Númenor que era, e mais além na direção de Casadelfos que é, e para aquela que fica além de Casadelfos e sempre será. Vocês não têm esse costume às refeições?

— Não — disse Frodo, sentindo-se estranhamente rústico e inculto. — Mas se somos convidados, fazemos uma reverência diante de nosso anfitrião, e depois de termos comido nos levantamos e lhe agradecemos.

— Isso nós também fazemos — disse Faramir.

Depois de terem viajado e acampado por tanto tempo, depois de dias passados em regiões desertas e solitárias, a refeição noturna pareceu um banquete para os hobbits: beber um vinho clarete, fresco e perfumado, comer pão com manteiga, e carnes salgadas, e frutas secas, e um bom queijo vermelho, com as mãos limpas e com facas e pratos limpos. Nem Frodo nem Sam recusaram nada do que lhes foi oferecido, nem uma segunda, e na verdade nem uma terceira porção. O vinho correu em suas veias e pernas cansadas, e eles se sentiram alegres e com os corações leves, como não se sentiam desde que partiram da terra de Lórien.

Quando tudo estava terminado, Faramir os levou a um cômodo na parte de trás da caverna, parcialmente protegido por cortinas; uma cadeira e dois bancos foram levados para lá. Uma pequena lamparina de barro queimava num nicho.

— Pode ser que logo desejem dormir — disse ele —, especialmente o bom Samwise que não conseguiu pregar os olhos antes de comer — talvez por medo de cegar a lâmina de uma nobre fome, ou por medo de mim, isso eu não sei. Mas não é bom dormir logo depois de uma refeição, e pior ainda se a refeição foi precedida de um período de abstinência. Vamos conversar um pouco. Em sua viagem desde Valfenda deve ter havido muitas coisas para contar. E vocês, também, talvez desejassem aprender alguma coisa sobre nós e sobre as terras onde estão agora. Contem-me sobre Boromir, meu irmão, e sobre o nobre Mithrandir, e sobre o belo povo de Lothlórien.

Frodo deixara de se sentir sonolento, e estava disposto a conversar. Mas, embora a

comida e o vinho o tivessem deixado relaxado, ele não perdera de todo a sua cautela. Sam sorria e cantarolava para si mesmo, mas quando Frodo falou ficou imediatamente satisfeito em escutar, arriscando-se apenas algumas vezes a fazer uma exclamação para indicar que estava de acordo.

Frodo contou muitas histórias, mas sempre desviava do assunto da demanda da Comitiva, e do Anel, alongando-se mais na função valorosa desempenhada por Boromir em todas as suas aventuras, com os lobos no ermo, na neve sob Caradhras, e nas Minas de Moria, onde Gandalf caíra. Faramir ficou muito comovido com a história da fuga na ponte.

— Boromir deve ter ficado constrangido ao fugir dos orcs — disse ele —, ou até mesmo da coisa má que você mencionou, o balrog — mesmo que tenha sido o último a sair de lá.

— Ele foi o último — disse Frodo —, mas Aragorn se viu forçado a nos conduzir. Só ele sabia o caminho depois da queda de Gandalf. Mas, se não houvesse nós, pessoas menores, para cuidarem, acho que nem ele nem Boromir teriam fugido.

— Talvez tivesse sido melhor se Boromir caísse lá com Mithrandir — disse Faramir —, não indo ao encontro do destino que o aguardava sobre as cachoeiras de Rauros.

— Talvez. Mas agora me conte sobre suas aventuras – disse Frodo, colocando o assunto de lado mais uma vez. — Eu gostaria de saber mais sobre Minas Ithil e Osgiliath, e sobre Minas Tirith, a que resiste por tanto tempo. Que esperança vocês alimentam em relação à sua cidade nessa longa guerra?

— Que esperança alimentamos? — disse Faramir. — Faz tempo que já não temos esperança alguma. A espada de Elendil, se realmente retornar, talvez possa renová-la, mas não acho que conseguirá mais do que postergar o dia fatal, a não ser que outra ajuda inesperada chegue, dos elfos ou homens. Pois o Inimigo cresce e nós diminuímos. Somos um povo em extinção, um outono sem primavera.

— Os homens de Númenor se estabeleceram por toda a volta das praias e regiões próximas ao mar das Grandes Terras, mas a maior parte deles se entregou ao mal e á loucura. Muitos se enamoraram da Escuridão e das artes negras; outros se entregaram inteiramente ao ócio e ao prazer, e outros ainda lutaram entre si até que, enfraquecidos, foram conquistados pelos homens selvagens.

— Não se afirma que alguma vez artes malignas tenham sido praticadas em Gondor,

ou que o Inominável tenha sido evocado com deferência por lá; a antiga sabedoria e beleza trazidas do oeste permaneceram por muito tempo no reino dos filhos de Elendil, o Belo, e ainda perduram. Mesmo assim, foi Gondor que provocou sua própria ruína, caindo passo a passo no desvario, e achando que o Inimigo estava adormecido, aquele que na verdade estava apenas banido, e não destruído.

— A morte esteve sempre presente, pois os numenorianos ainda estavam (como sempre estiveram em seu reino antigo, e foi por isso que o perderam) com fome de vida eterna e imutável. Reis construíam túmulos mais esplêndidos que as casas dos viventes, e consideravam velhos nomes nas listas de seus ancestrais mais caros do que os nomes de filhos. Senhores sem filhos sentavam-se em salões antigos e ficavam meditando sobre heráldica; em câmaras secretas homens mirrados preparavam fortes elixires, ou nas altas e frias torres faziam perguntas às estrelas. E o último rei da linhagem de Anárion não tinha herdeiros.

— Mas os regentes eram mais sábios e mais afortunados.

Mais sábios, porque recrutaram a força de nosso povo entre a gente vigorosa da costa marítima, e entre os fortes montanheses das Ered Nimrais. E fizeram uma trégua com os povos altivos do norte, que nos tinham frequentemente assaltado, homens violentos, mas nossos parentes distantes, diferentes dos selvagens orientais e dos cruéis haradrim.

— Então aconteceu que nos dias de Cirion, o Décimo Segundo Regente (e meu pai é o vigésimo sexto), eles cavalgaram em nossa ajuda e no grande Campo de Celebrant destruíram nossos inimigos, que nos tinham tomado as províncias do norte. Esses são os rohirrim, como os chamamos, senhores dos cavalos, e cedemos a eles os campos de Calenardhon, que desde então se chamam Rohan, pois aquela província sempre fora esparsamente habitada. E tornaram-se nossos aliados, e sempre se mostraram sinceros para conosco, ajudando-nos na necessidade, e guardando nossas fronteiras do norte e o Desfiladeiro de Rohan.

— De nossa tradição e maneiras aprenderam o que lhes agradou, e seus senhores falam nossa língua quando necessário; mas na maioria dos casos mantêm as maneiras de

seus antepassados e suas próprias lembranças, e conversam entre si na sua língua do
norte. E nós os amamos: homens altos e belas mulheres , valorosos na mesma medida, de
cabelos dourados, olhos claros, e muita força; fazem-nos lembrar da juventude dos
homens, como eram nos Dias Antigos. Na verdade, os nossos mestres na tradição
afirmam que é antiga essa afinidade com eles, que descendem das mesmas Três Casas dos
homens, que eram os numenorianos em seu princípio; talvez não de Hador — o dos
Cabelos Dourados, o Amigo-dos-elfos, mas de algum dentre seus filhos e sua gente que
não atravessaram o Mar rumo ao oeste, recusando o chamado.

— Pois assim consideramos os homens em nossa tradição, chamando-os de Altos,
ou homens do oeste, que eram os numenorianos; e os Povos Médios, homens do
Crepúsculo, que são os rohirrim e seus parentes que ainda moram no norte, e os bárbaros,
os homens da Escuridão.

— Mas agora, se os rohirrim ficaram em alguns aspectos mais semelhantes a nós,
realçando artes e boas maneiras, nós também ficamos mais parecidos com eles, e mal
podemos reivindicar o título de Altos. Nós nos tornamos Homens Médios, do crepúsculo,
mas com a memória de outra realidade. Pois agora, como os rohirrim, amamos a guerra e
a coragem como coisas boas em si mesmas, como um esporte e uma finalidade; e, embora
ainda consideremos que um guerreiro deve ter mais habilidades e conhecimentos além do
oficio das armas e da morte, estimamos um guerreiro, não obstante, acima dos homens de
outros ofícios. Essa é a necessidade de nossos dias.
Até Boromir, meu irmão, era assim: um homem de bravura, e por esse motivo era
considerado o melhor homem de Gondor. E realmente era muito valoroso: nenhum
herdeiro de Minas Tirith foi por tanto tempo tão dedicado em seu trabalho, tão entusiasta
na batalha, nem tocou nota mais poderosa na Grande Corneta. — Faramir suspirou e ficou
em silêncio por um tempo.

— Em todas as suas histórias, senhor, o senhor não fala muito sobre os elfos — disse
Sam, criando coragem de repente. Tinha notado que Faramir parecia se referir aos elfos
com reverência, e isso, mais até que sua cortesia, seu vinho ou sua comida, tinha
angariado o respeito de Sam e apaziguado suas suspeitas.

— De fato, mestre Samwise — disse Faramir —, pois não sei muita coisa sobre a
tradição dos elfos. Mas aí você toca em outro ponto no qual mudamos, decaindo de

Númenor para a Terra-média. Pois como deve saber, se Mithrandir foi seu companheiro e se conversaram com Elrond, os edain, Pais dos numenorianos, lutaram ao lado dos elfos nas primeiras guerras, e foram recompensados pela dádiva do reino no meio do Mar, à vista de Casadelfos. Mas na Terra-média homens e elfos se tornaram estranhos nos dias de treva, devido às artes do Inimigo, e pelas lentas mudanças do tempo durante as quais cada espécie avançou mais em duas estradas divididas. Nós, os homens de Gondor, estamos ficando como outros homens, como os homens de Rohan, pois mesmo eles, que são adversários do Senhor do Escuro, evitam os elfos e falam da Floresta Dourada com receio.

— Apesar disso, ainda há entre nós alguns que têm relacionamento com os elfos quando precisam, e vez por outra alguém vai em segredo até Lórien, e quase nunca retorna. Não eu. Pois considero perigoso para homens mortais nos dias de hoje irem voluntariamente procurar o Povo Antigo. Apesar disso invejo vocês, que conversaram com a Senhora Branca.

— A Senhora de Lórien! Galadriel! — exclamou Sam. — O senhor deveria vê-la, realmente deveria, senhor. Sou apenas um hobbit, e trabalho como jardineiro em casa, senhor, se o senhor me entende, e não sou muito bom em poesia — não para compor poesia: algumas rimas cômicas, talvez, mas não poesia de verdade —, por isso não posso expressar meus sentimentos. Precisariam ser cantados. Seria necessário Passolargo, quer dizer, Aragorn, ou o velho Sr. Bilbo, para isso. Mas eu gostaria de poder fazer uma canção sobre ela. Ela é bonita, senhor! Adorável! Algumas vezes como uma grande árvore florida, outras vezes como um narciso silvestre, esbelta e bela. Dura como os diamantes, suave como o luar. Quente como a luz do sol, fresca como o gelo sob as estrelas. Altiva e distante como uma montanha de neve, e alegre como qualquer donzela que já vi, com margaridas no cabelo durante a primavera. Mas estou dizendo um monte de besteiras, e fugindo do que queria falar.

— Então ela deve ser realmente adorável — disse Faramir. — Perigosamente bela.

— Não sei se é perigosa — disse Sam. — Parece-me que as pessoas levam consigo seus perigos quando vão para Lórien, e os descobrem lá porque os levaram. Mas talvez o

senhor a pudesse chamar de perigosa, porque ela é tão forte em si mesma. O senhor poderia se despedaçar contra ela, como um navio contra uma pedra; ou poderia se afogar, como um hobbit num rio. Mas nem a pedra nem o rio devem ser responsabilizados.

Agora, Boro... — Sam parou e ficou com o rosto vermelho.

— Sim? Agora, Boromir, você estava dizendo? — disse Faramir. — O que ia dizer? Ele levou esse perigo consigo?

— Sim, senhor, com as suas desculpas, e seu irmão era um homem bom, se me permite dizer. Mas o senhor sempre esteve no rastro certo. Eu observei Boromir e o escutei, de Valfenda, por toda a estrada — tomando conta de meu mestre, se o senhor me entende, e não desejando qualquer mal a Boromir —, e minha opinião é que em Lórien ele pela primeira vez viu claramente o que eu adivinhei antes: o que queria. Desde a primeira vez que o viu, ele quis o Anel do Inimigo.

— Sam! — gritou Frodo horrorizado. Ficara mergulhado nos próprios pensamentos por um tempo, e saiu deles repentinamente e tarde demais.

— Salve-me! — disse Sam ficando com o rosto lívido, e em seguida completamente vermelho. — Lá vou eu de novo! Toda vez que você abre essa sua boca enorme, você atola seu pé, o Feitor costumava me dizer. E com toda razão. E essa agora, e essa agora!

— Agora, olhe aqui, senhor! — voltou-se ele, dirigindo-se a Faramir com toda a coragem que conseguiu reunir. — Não vá tirar vantagem de meu mestre porque o servidor dele não passa de um tolo. O senhor falou bonito o tempo todo. Mas beleza que vale é beleza que faz, como se diz. Agora o senhor tem uma chance para mostrar seu valor.

— É o que parece — disse Faramir, devagar e muito baixo, com um sorriso estranho. — Então esta é a resposta a todos os enigmas! O Um Anel que se acreditava desaparecido do mundo, E Boromir tentou tomá-lo à força? E você escapou? E correu todo o caminho até mim! E aqui, nesta região deserta, tenho vocês: dois pequenos, e um exército de homens às minhas ordens, e o Anel dos Anéis. Um belo lance de sorte! Uma chance para Faramir, Capitão de Gondor, mostrar seu valor! Ha! — Ficou de pé, muito altivo e grave, os olhos cinzentos faiscando.

Frodo e Sam saltaram de seus bancos e ficaram lado a lado, com as costas contra a

parede, procurando com as mãos os punhos das espadas.
Fez-se silêncio.
Todos os homens na caverna pararam de conversar e olharam para eles, surpresos.
Mas Faramir sentou-se outra vez na cadeira e começou a rir baixinho, e de repente
assumiu outra vez a expressão grave.
— Que infelicidade para Boromir! Foi uma provação grande demais! — disse ele. —
Que capacidade vocês tiveram de aumentar minha tristeza, vocês dois, viajantes de uma
terra estranha, carregando o perigo dos homens! Mas vocês fazem pior juízo dos homens
do que eu faço dos pequenos. Somos sinceros, nós, homens de Gondor. Raramente nos
vangloriamos, e então confirmamos nossas palavras, ou morremos na tentativa. Nem que
o encontrasse na estrada, o tomaria, disse eu. Mesmo que fosse um homem que desejasse
esse objeto, e mesmo que não soubesse direito de que se tratava quando falei, ainda
honraria minhas palavras como um juramento, e me pautaria por elas.
— Mas não sou esse homem. Ou pelo menos sou sábio o suficiente para saber que
há alguns perigos dos quais os homens devem fugir. Sentem-se tranqüilos! E console-se,
Samwise. Se tiver a impressão de ter tropeçado, considere que isto estava fadado a
acontecer. Seu coração é perspicaz além de fiel, e enxergou com mais clareza que seus
olhos. Pode parecer estranho, mas não houve risco em declarar isso a mim. Pode até
ajudar o mestre que você ama. Será para o bem dele, se estiver ao meu alcance. Por isso,
console-se. Mas nem mesmo mencione essa coisa em voz alta de novo. Uma vez é o
suficiente.
Os hobbits voltaram aos seus lugares e se sentaram bem quietos.
Os homens retomaram à bebida e à conversa, percebendo que seu capitão tinha
feito alguma brincadeira com seus pequenos convidados, e que tudo terminara.
— Bem, Frodo, finalmente nos entendemos — disse Faramir. — Se você assumiu essa
missão involuntariamente, a pedido de outros, então merece minha compaixão e respeito.
E admiro você: mantê-lo escondido e não usá-lo. Vocês são um povo novo, e um mundo
novo para mim. Todo o seu povo é assim? Sua terra deve ser um reino de paz e felicidade,
e lá os jardineiros devem ser muito respeitados.
— Nem tudo está bem por lá — disse Frodo —, mas certamente os jardineiros são
respeitados.
— Mas as pessoas lá devem se cansar, mesmo nos próprios jardins, como acontece
com todos os seres sob o sol deste mundo. E vocês estão longe de casa e exaustos. Chega

por hoje. Durmam, você s dois — em paz, se puderem. Nada temam! Não desejo vê-lo, ou

tocá-lo, ou saber mais sobre ele do que já sei (e que já é suficiente), para que o perigo
fortuito não me desvie de meu caminho, e eu tenha pior resultado nesse teste do que
Frodo, filho de Drogo. Vão agora e descansem — mas primeiro me digam só uma coisa, se
quiserem. Aonde desejam ir, e com que finalidade. Pois preciso vigiar e esperar, e pensar.
O tempo passa. Pela manhã deveremos cada um ir depressa pelos caminhos a nós designados.
Frodo se viu tremendo, quando o primeiro choque do medo passou.
Agora um grande cansaço tomava conta de seu corpo, envolvendo-o como uma nuvem. Não conseguia mais dissimular ou resistir.
— Eu pretendia achar um caminho para entrar em Mordor — disse ele numa voz baixa. — Estava indo para Gorgoroth. Preciso achar a Montanha de Fogo e jogar a coisa no
abismo da Perdição. Gandalf me disse que fizesse isso. Não acho que conseguirei chegar
lá.
Faramir o observou por um momento, num assombro grave. Então de repente apanhou o hobbit que se desequilibrava, e, erguendo-o suavemente, carregou-o para a
cama, deitou-o ali e o cobriu bem agasalhado.
Imediatamente, Frodo caiu num sono profundo.
Uma outra cama foi colocada ao lado para seu servidor. Sam hesitou um momento, e depois fez uma grande reverência. — Boa noite, Capitão, meu senhor — disse ele. —
Arriscou-se, senhor!
— Arrisquei-me? — disse Faramir.
— Sim, senhor, e demonstrou seu valor: o maior de todos.
Faramir sorriu. — Um servidor esperto, o Mestre Samwise. Mas não é nada disso: o
elogio que vem daquele que merece o elogio está acima de todas as recompensas. Mesmo
assim, esse elogio nada significa. Eu não tinha vontade ou desejo de fazer nada diferente
do que fiz.
— Muito bem, senhor — disse Sam. — O senhor disse que meu mestre tinha um ar
élfico; e isso foi bom e verdadeiro. Mas posso dizer isto: o senhor tem um ar também,
senhor, que me faz lembrar de, de... bem, de Gandalf, dos magos.
— Talvez — disse Faramir. — Talvez você tenha a capacidade de discernir à distância
o ar de Númenor. Boa noite!

CAPÍTULO VI
O LAGO PROIBIDO

Frodo acordou e viu Faramir debruçado sobre ele. Por um segundo, foi dominado por velhos temores, que o fizeram sentar-se e se esquivar.

— Não há nada a temer — disse Faramir.

— Já amanheceu? — disse Frodo bocejando.

— Ainda não, mas a noite está chegando ao fim, e a lua cheia está se pondo. Quer vir vê-la? Além disso, há um assunto sobre o qual preciso de sua opinião. Lamento muito acordá-lo, mas você pode vir?

— Eu vou — disse Frodo, levantando-se e tremendo um pouco ao deixar os cobertores e as peles quentes. Estava frio na caverna sem fogueiras. O ruído da água crescera na quietude. Frodo colocou a capa e seguiu Faramir.

Sam, acordando de repente por algum instinto de vigilância, viu primeiro a cama vazia do mestre e pulou de pé. Depois viu dois vultos escuros, Frodo e um homem, recortados contra o arco, que agora se enchia de uma luz opaca e branca. Correu atrás deles, passando por fileiras de homens adormecidos sobre colchões ao longo da parede.

Ao atravessar a abertura da caverna, viu que a Cortina se transformara agora num véu deslumbrante de seda e pérolas e fios de prata: pingentes de luar se derretendo. Mas não parou para admirá-la, e virando-se seguiu seu mestre através da porta estreita na parede da caverna.

Primeiro foram ao longo de um corredor negro, depois subiram muitos degraus úmidos, e então chegaram a uma pequena plataforma plana cortada na pedra e iluminada pelo céu claro, que se vislumbrava lá em cima através de uma abertura longa e funda. Desse ponto saiam dois lances de escada: um que aparentemente subia, levando à alta margem do rio, e o outro fazendo uma curva à esquerda. Foram por este, que subia em espiral como a escada de um torreão. Finalmente saíram da escuridão rochosa e olharam ao redor.

Estavam sobre uma rocha larga e plana sem muro ou parapeito. À direita, a leste, a correnteza caia, esparramando-se sobre vários patamares, e depois, descendo uma canaleta íngreme, enchia um canal não muito fundo com uma força sombria de água salpicada de espuma, e dando voltas e correndo quase aos pés deles mergulhava subitamente por sobre a borda que se abria à esquerda. Um homem estava ali, perto da borda, quieto, olhando para baixo.

Frodo virou-se para ver os filetes lisos das águas que arqueavam e mergulhavam. Depois fixou seu olhar na vastidão. O mundo estava quieto e frio, como se a aurora se

aproximasse. Na distância, a oeste, a lua cheia estava descendo, redonda e branca. Uma
névoa clara tremeluzia no grande vale abaixo deles: um abismo largo cheio de vapor
prateado, no fundo do qual rolavam as frias águas noturnas do Anduin. Uma escuridão
negra assomava mais além, e nela faiscavam, aqui e acolá, frios, afiados, remotos,
brancos como dentes de fantasmas, os picos das Ered Nimrais, as Montanhas Brancas do
Reino de Gondor, cobertas pela neve eterna.

Por um tempo Frodo ficou ali parado sobre a elevada pedra, e um tremor
percorreu-lhe o corpo, quando ele pensou se em algum lugar na vastidão das terras da
noite seus velhos companheiros estariam dormindo ou caminhando, ou mortos, envoltos
na névoa. Por que fora levado para aquele lugar, depois de ser acordado de um sono de
esquecimento?

Sam ansiava por uma resposta para a mesma pergunta, e não pôde evitar
murmurar, apenas para o ouvido de seu mestre, pensava ele: — É uma bela vista, sem
dúvida, Sr. Frodo, mas gela o coração, para não mencionar os ossos! O que está
acontecendo?

Faramir ouviu e respondeu. — Pôr-da-lua sobre Gondor. A bela Ithil, quando parte
da Terra-média, lança um olhar sobre os cachos brancos do velho Mindolluin.
Vale alguns calafrios. Mas não foi para mostrar isto que os trouxe aqui — embora
no que se refere a você, Mestre Samwise, você não foi trazido, e só está pagando a pena
por sua vigilância. Um gole de vinho pode consertar as coisas.
Venham, olhem agora!

Subiu ao lado da silenciosa sentinela na borda escura, e Frodo o seguiu. Sam ficou
para trás. Já se sentia inseguro o suficiente naquela plataforma alta e molhada. Faramir e
Frodo olharam para baixo. Viram as águas brancas se derramando numa vasilha
espumante, para depois rodopiarem numa bacia oval nas rochas, até saírem outra vez

através de uma passagem estreita, indo correr, espumando e tagarelando, por regiões mais
calmas e planas. O luar ainda caia oblíquo sobre os pés da cachoeira, e tremeluzia nas
ondas da bacia. De repente Frodo percebeu uma pequena coisa preta na margem próxima,
mas, no mesmo momento em que a viu, ela mergulhou e desapareceu bem atrás da fervura
borbulhante da cachoeira, furando a água negra com a precisão de uma flecha ou de uma
pedra cortante.

Faramir voltou-se para o homem ao seu lado. — Agora, o que você diria que é isso,

Anborn? Um esquilo ou um martim-pescador? Existem martins-pescadores pretos nos lagos noturnos da Floresta das Trevas?

— O que quer que seja, não é um pássaro — respondeu Anborn. — Tem quatro membros e mergulha como um homem; demonstra um grande domínio nessa prática, também. O que estará fazendo? Procurando uma subida por trás da Cortina, que conduza ao nosso esconderijo? Parece que finalmente fomos descobertos. Estou com meu arco aqui, e posicionei outros arqueiros, quase todos com pontarias tão boas como a minha, em ambas as margens. Estamos aguardando apenas sua ordem para atirar, Capitão.

— Devemos atirar? — perguntou Faramir, virando-se depressa para Frodo.

Frodo ficou sem responder por um momento. Então disse:

— Não! Não! Imploro que não atire. — Se Sam tivesse tido coragem, teria dito “Sim”, mais rápido e mais alto. Não estava enxergando, mas podia muito bem supor pelas palavras deles o que estavam vendo.

— Então você sabe o que é esta coisa? — disse Faramir. — Vamos lá, agora que já viu, diga-me por que deve ser poupada. Em todas as nossas conversas você não mencionou uma só vez seu companheiro vagabundo, e eu deixei o assunto de lado. Ele podia esperar até ser capturado e trazido á minha presença. Enviei meus caçadores mais hábeis para procurá-lo, mas ele os despistou, e meus homens só o acharam agora, com a exceção de Anborn, que o viu uma vez na noite passada. Mas agora ele cometeu transgressão maior do que apenas preparar armadilhas para coelhos nas terras altas: ousou vir a Henneth Annún, deverá pagar com a vida. Fico assombrado com ele: é tão secreto e furtivo, e agora vem se divertir no lago, bem diante de nossa janela. Será que acha que os homens dormem à noite sem montar guarda? Por que pensa assim?

— Acho que há duas respostas — disse Frodo. — Por um lado, ele sabe pouco sobre os homens, e, embora seja matreiro, seu refúgio é tão oculto que é possível que ele não saiba que há homens escondidos aqui. Por outro lado, acho que está sendo atraído para cá por um desejo dominador, maior que sua cautela.

— Você diz que ele está sendo atraído para cá? — disse Faramir em voz baixa. — Então ele pode saber, ele sabe de seu fardo?

— Na verdade sabe. Ele mesmo o carregou por muitos anos.

— Ele o carregou? — disse Faramir, ofegando em sua surpresa. — Esse assunto a cada

vez se enreda em novos enigmas. Então ele persegue essa coisa?
— Talvez. É precioso para ele. Mas não falei disso.
— O que então a criatura está procurando?
— Peixe — disse Frodo. — Olhe!
Espiaram lá embaixo, no lago escuro. Uma pequena cabeça preta apareceu na
extremidade da bacia, mal contrastando com a sombra profunda das rochas. Houve um
rápido cintilar prateado, e um rodamoinho de pequenas ondas, que se aproximou da
margem. Então, com uma enorme agilidade, uma figura semelhante a uma rã saiu da água
e subiu o barranco. Imediatamente se sentou e começou a morder a pequena coisa
prateada que faiscava conforme ia virando em suas mãos: os últimos raios da lua estavam
agora caindo atrás da parede rochosa, na extremidade do lago.

Faramir riu baixinho. — Peixe! — disse ele. — É uma fome menos perigosa. Ou talvez
não: os peixes do lago de Henneth Annûn podem lhe custar tudo o que tem.
— Agora eu o tenho bem na mira — disse Anborn. — Não devo atirar, Capitão? Nossa
pena para os que vêm a este lugar sem permissão é a morte.
— Espere, Anborn — disse Faramir. — Esse assunto é mais complexo do que parece. O
que você tem a dizer agora, Frodo? Por que deveríamos poupá-lo?
— A criatura está desgraçada e faminta — disse Frodo. — Não sabe do perigo que está
correndo. E Gandalf, o seu Mithrandir, teria ordenado a você que não o matasse por essa
razão, e por outras. Proibiu que os elfos o fizessem. Não sei muito bem por quê, e do que
suponho não posso falar abertamente aqui. Mas essa criatura está de alguma forma ligada
à minha missão. Até você nos encontrar e nos levar, ele era meu guia.
— Seu guia! — disse Faramir. — O assunto cada vez fica mais estranho. Eu faria muito
por você, Frodo, mas isso não posso garantir: deixar que esse viajante clandestino parta
daqui livremente, par a reunir-se a você mais tarde se quiser, ou para ser capturado por
orcs e dizer tudo o que sabe sob ameaça de tortura.
Deve ser capturado ou morto. Morto, se não for capturado depressa. Mas como se
pode capturar essa criatura escorregadia de muitos aspectos , a não ser com uma flecha
emplumada?
— Deixe-me chegar perto dele devagar — disse Frodo. — Vocês podem deixar seus
arcos preparados, e pelo menos atirar em mim, se eu falhar. Não vou fugir.
— Então vá e seja rápido! — disse Faramir. — Se ele escapar ileso, deverá ser seu fiel

servidor pelo resto de seus infelizes dias. Conduza Frodo até a margem, Anborn, e vá com
cuidado. Essa coisa tem nariz e ouvidos. Dê-me seu arco.
Anborn resmungou e foi descendo a escada até o pata mar, e depois subiu a outra
escada, até que finalmente ele e Frodo chegaram a uma abertura estreita coberta por
densos arbustos. Atravessando silenciosamente, Frodo se viu no topo do barranco ao sul
do lago. As águas estavam escuras e a cachoeira pálida e cinzenta, refletindo apenas os
últimos raios de luar do céu a oeste. Não conseguiu ver Gollum . Avançou um pouco e
Anborn o seguiu de perto.
— Siga em frente! — sussurrou ele ao ouvido de Frodo. — Tome cuidado com a sua
direita. Se você cai r no lago, ninguém exceto seu amigo pescador poderá ajudá-lo. E não
se esqueça de que os arqueiros estão por perto, embora não possa vê-los.
Frodo se esgueirou para frente, usando as mãos á moda de Gollum para ir achando
o caminho e para se equilibrar. A maioria das rochas eram planas e lisas, mas
escorregadias. Parou para escutar. Primeiro não ouviu nada além do ruído incessante da
cachoeira atrás dele. Então, de repente, não muito longe, um murmúrio chiado.
— Peixxe, peixxe bonzinho. A Cara Branca desapareceu, meu precioso, até que
enfim, é sim. Agora podemos comer peixe em paz. Não, não em paz, precioso. Pois o
Precioso está perdido, é sim, perdido. Hobbits sujos, hobbits malvados. Foram e nos
deixaram, Gollum; e o Precioso se foi. Só o pobre Sméagol sozinho. Não, Precioso,
homens maus vão pegá-lo, roubar meu Precioso. Ladrões. Nós odeia eles. Peixxe, peixxe
bonzinho. Nos deixa fortes, com os olhos atentos e os dedos ágeis, é sim. Estrangular
eles, precioso. Estrangular todos eles, é sim, se nós tiver uma chance. Peixxess bonzinhos,
peixxess bonzinhos.
Assim continuou sua fala, quase tão incessante quanto a cachoeira, apenas
Interrompida por um lamber de beiços ou um gorgolejar.
Frodo estremeceu, ouvindo com pena e nojo. Gostaria que aquilo parasse, que
nunca precisasse ouvir aquela voz de novo. Anborn não estava muito longe. Frodo podia
se esgueirar de volta e pedir a ele que mandasse os arqueiros atirarem. Provavelmente

chegariam perto o suficiente, enquanto Gollum devorava peixes e estava desatento.
Apenas um tiro certeiro e Frodo estaria livre daquela voz miserável para sempre. Mas

não, agora Gollum tinha um direito sobre ele. O servo tem um direito sobre o mestre pelos serviços prestados, mesmo se prestados por medo. Teriam soçobrado nos Pântanos Mortos se não fosse por Gollum. Frodo também percebia claramente, de alguma forma, que Gandalf não teria desejado aquilo.

— Sméagol! — disse ele baixinho.

— Peixxess, peixxess bonzinhos — disse a voz.

— Sméagol! — disse ele um pouco mais alto. A voz parou. — Sméagol, o Mestre veio procurar você. O Mestre está aqui. Venha, Sméagol! — Não houve resposta a não ser um chiado, como o de alguém inalando ar.

— Venha, Sméagol! — disse Frodo. — Estamos em perigo. Os homens vão matá-lo, se o encontrarem aqui. Venha depressa, se quiser escapar da morte. Venha até o Mestre!

— Não — disse a voz. — Mestre não bonzinho. Deixa o pobre Sméagol e vai com novos amigos. O Mestre pode esperar. Sméagol não terminou.

— Não há tempo — disse Frodo. — Traga peixes com você. Venha!

— Não! Preciso terminar o peixe.

— Sméagol! — disse Frodo desesperado. — O Precioso vai ficar bravo. Vou pegar o Precioso e dizer a ele: faça Gollum engolir os ossos e engasgar. Para nunca experimentar peixe de novo. Venha, o Precioso está esperando! Houve um chiado agudo. De repente, da escuridão surgiu Gollum , se arrastando de quatro, como um cachorro que fez algo errado e foi repreendido. Trazia um peixe parcialmente devorado na boca e um outro na mão.

Chegou perto de Frodo, quase cara a cara, e o farejou. Seus olhos opacos estavam brilhando. Depois tirou o peixe da boca e se levantou.

— Mestre bonzinho! — sussurrou ele. — Hobbit bonzinho voltou para o pobre Sméagol. O bom Sméagol vem. Agora vamos depressa, vamos sim. Através das árvores, enquanto os Caras estão escuros. Sim, vamos!

— Sim, vamos logo — disse Frodo. — Mas não já. Vou com você como prometi. Prometo de novo. Mas não agora. Você ainda não está a salvo. Vou salvá-lo, mas precisa confiar em mim.

— Precisamos confiar no Mestre? — disse Gollum desconfiado. — Por quê? Por que não já? Onde está o outro, o hobbit rabugento e bruto? Onde está ele?

— Lá em cima — disse Frodo, apontando para a cachoeira. — Não vou sem ele. Devemos voltar para encontrá-lo. — Sentiu o coração apertado. Isso era quase um truque sujo. Na verdade ele não temia que Faramir fosse permitir que Gollum fosse morto, mas

provavelmente o faria prisioneiro e o prenderia; certamente o que Frodo estava fazendo
iria parecer uma traição para a pobre criatura traidora. Provavelmente seria impossível
fazê-lo entender ou acreditar que Frodo lhe salvara a vida da única forma possível. Que
mais poderia fazer? — ser fiel, o máximo possível, aos dois lados. — Venha! — disse ele. —
Senão o Precioso vai ficar bravo. Vamos voltar agora, subindo o rio. Vá andando, vá
andando, você na frente!

Gollum foi se arrastando perto da borda por um trecho, bufando e desconfiado. De
repente parou e levantou a cabeça.

— Tem alguma coisa ali! — disse ele. — Não é um hobbit. — De repente se virou. Uma
luz verde faiscava em seus olhos protuberantes. — Messtre, messtre! — chiou ele. — Maldito!
Traidor! Falso! — Cuspiu e esticou seus longos braços, estalando os dedos brancos.

Naquele momento, o vulto grande e negro de Anborn surgiu por trás e caiu sobre
ele. Uma grande mão forte o pegou pela nuca e o ergueu.

Gollum se torcia feito um raio, todo molhado e cheio de lodo como estava,
serpenteando como uma enguia, mordendo e arranhando como um gato. Mas outros dois
homens surgiram das sombras.

— Fique quieto! — disse um deles. — Senão vamos enchê-lo de flechas e deixá-lo
como um ouriço. Fique quieto!

Gollum amoleceu o corpo, e começou a gemer e chorar. Eles o amarraram, sem
qualquer delicadeza.

— Calma, calma! — disse Frodo. — Ele não tem força para enfrentar vocês. Não o
machuquem, se for possível. Ficará mais quieto se não for ferido. Sméagol! Eles não vão
machucá-lo. Vou com você e ninguém vai lhe fazer mal. A não ser que me matem
também. Confie no Mestre.

Gollum virou-se e cuspiu em Frodo. Os homens o pegaram, cobriram-lhe os olhos
com um capuz, e o carregaram.

Frodo os seguiu, sentindo-se um perfeito patife. Foram pela abertura atrás dos
arbustos, e voltaram, pelas escadas e corredores, para a caverna. Duas ou três tochas
estavam acesas. Os homens começavam a se levantar. Sam estava lá, e lançou um olhar
estranho para o fardo inerte que os homens traziam. — Pegaram-no? — disse ele a Frodo.

— Sim. Ou melhor, não, eu não o peguei. Ele veio até mim, porque num primeiro
momento confiou no que eu disse, eu receio. Não queria que o amarrassem desse jeito.
Espero que esteja bem; mas odeio tudo isso.

— Eu também — disse Sam. — E nunca nada vai ficar bem onde esse pedaço de

desgraça estiver.

Um homem veio e acenou para os hobbits, e os levou para o cômodo no fundo da caverna. Faramir estava sentado em sua cadeira, e a lamparina fora reacendida no nicho sobre a cabeça dele. Fez um sinal para que se sentassem nos bancos perto dele. — Tragam vinho para os convidados — disse ele. — E tragam-me o prisioneiro.

O vinho foi trazido e então veio Anborn carregando Gollum.

Retirou-lhe o capuz da cabeça e o colocou de pé, ficando atrás dele para apoiá-lo. Gollum piscou, encobrindo a malícia de seus olhos com as pálpebras pesadas e pálidas. Tinha a aparência de uma criatura absolutamente miserável, ensopado e pingando, cheirando a peixe (ainda segurava um na mão). Os cabelos ralos caiam como mato viscoso pela sua fronte ossuda, o nariz escorria.

— Soltem nós! Soltem nós! — disse ele. — A corda nos machuca, machuca sim, machuca nós, e não fizemos nada.

— Nada? — disse Faramir, observando a criatura miserável com um olhar agudo, mas seu rosto não tinha qualquer expressão de ódio, ou pena, ou surpresa:

— Nada? Você nunca fez nada para merecer ser amarrado ou punido de forma ainda mais severa? Entretanto, felizmente não sou eu quem deve julgar isso. Mas esta noite você entrou num lugar onde a entrada se paga com a morte. Os peixes deste lago se compram a um alto preço.

Gollum soltou o peixe da mão. — Não quero peixe — disse ele.

— O preço não está fixado no peixe — disse Faramir. — Apenas vir aqui e olhar para o lago acarreta pena de morte. Poupei-o até agora por causa das súplicas de Frodo, que diz que dele pelo menos você merece alguma gratidão. Mas a mim também você deve satisfações. Qual é o seu nome? De onde vem? E para onde vai? Qual é a sua ocupação?

— Estamos perdidos, perdidos — disse Gollum. — Sem nome, sem ocupação, sem Precioso, sem nada. Só vazio. Só faminto; é sim, estamos com fome. Alguns peixinhos, peixinhos ruins e magros, para uma pobre criatura, e eles dizem morte. São tão sábios, tão justos, muito justos.

— Não muito sábios — disse Faramir. — Mas justos, sim, talvez justos o quanto permite nossa pouca sabedoria. Solte-o, Frodo! — Faramir pegou uma pequena faca de seu cinto e a entregou a Frodo. Gollum interpretou o gesto de forma errada, gritou e caiu no chão.

— Agora, Sméagol! — disse Frodo. — Você tem de confiar em mim. Não vou

abandoná-lo. Responda com sinceridade, se puder. Será para o seu bem, não para seu mal.

— Cortou as cordas dos pulsos e tornozelos de Gollum e o colocou de pé.

— Venha até aqui — disse Faramir. — Olhe para mim! Sabe o nome deste lugar? Já esteve aqui antes?

Lentamente Gollum ergueu os olhos e olhou com má vontade nos de Faramir. Toda a luz desapareceu deles, que por um momento fitaram desolados e opacos os olhos resolutos do homem de Gondor. Fez-se completo silêncio. Depois Gollum deixou cair a cabeça e foi se encolhendo no chão até ficar agachado, tremendo. — Nós não sabe e nós não quer saber — choramingou ele. — Nunca veio aqui, nunca vem de novo.

— Há portas trancadas e janelas cerradas em sua mente, e salas escuras atrás delas — disse Faramir. — Mas neste assunto julgo que está falando a verdade. Isto é bom para você. Que juramento pode fazer garantindo nunca mais voltar, e nunca trazer qualquer criatura viva para cá, oralmente ou por escrito?

— O Mestre sabe — disse Gollum com um olhar oblíquo para Frodo. — É sim, ele sabe. Nós vai prometer ao Mestre, se ele nos salvar. Vamos prometer por Ele, é sim. — Arrastou-se em direção aos pés de Frodo. — Salve nós, Mestre bonzinho! — gemeu ele. — Sméagol promete pelo Precioso, promete sinceramente. Nunca voltar de novo, nunca falar, não, nunca! Não, precioso, não!

— Está satisfeito? — perguntou Faramir.

— Estou — disse Frodo. — No mínimo, ou você terá de aceitar essa promessa ou fazer cumprir a sua lei. Nada vai conseguir além disso. Mas eu prometi que, se ele viesse até mim, nada de mau lhe aconteceria. E eu não gostaria de passar por mentiroso.

Faramir parou por um momento, pensando. — Muito bem — disse ele finalmente. — Eu o entrego ao seu mestre, a Frodo, filho de Drogo. Que ele declare o que fará com você!

— Mas, Senhor Faramir — disse Frodo curvando-se —, ainda não declarou sua vontade no que concerne ao referido Frodo, e até que isso seja conhecido, ele não pode fazer planos próprios para si ou para seus companheiros. Seu julgamento foi prorrogado para o amanhecer, mas não falta muito.

— Então vou declarar minha sentença — disse Faramir. — Quanto a você, Frodo, usando meu poder, que está sob autoridade maior, declaro-o livre no reino de

Gondor, até a mais distante das antigas fronteiras; a única restrição que faço é que nem você nem os que o acompanham têm permissão de vir para este lugar espontaneamente. Essa sentença deverá valer por um ano e um dia, e depois cessará, a não ser que antes disso você venha a Minas Tirith e se apresente ao Senhor e Regente da Cidade. Então solicitarei a ele que confirme o que fiz e que o faça valer por toda a vida.

Enquanto isso, quem quer que seja que você tome sob a sua proteção, estará sob a minha proteção e sob o escudo de Gondor. Respondi sua pergunta?

Frodo fez uma grande reverência. — Respondeu perfeitamente — disse ele —, e coloco-me aos seus serviços, se isso valer alguma coisa para alguém tão nobre e honrado.

— Tem grande valor — disse Faramir. — E agora, você toma essa criatura, esse Sméagol, sob sua proteção?

— Tomo Sméagol sob minha proteção — disse Frodo. Sam deu um suspiro perfeitamente audível, e não foi pela troca de cortesias, a qual, como faria qualquer

hobbit, ele aprovou completamente. Na verdade, no Condado um assunto desses demandaria muito mais palavras e reverências.

— Então digo a você — disse Faramir, voltando-se para Gollum. — Você está sob uma sentença de morte; mas enquanto acompanhar Frodo estará livre, de nossa parte. Mas se alguma vez for encontrado por qualquer homem de Gondor sozinho, sem estar na companhia dele, a sentença será cumprida. E que a morte possa encontrá-lo depressa, dentro ou fora de Gondor, se você não lhe servir bem. Agora me responda: para onde estava indo? Ele disse que você era o seu guia. Para onde o estava levando?

Gollum não respondeu.

— Isso eu não permito que fique em segredo – disse Faramir. — Responda-me, ou reverterei meu julgamento! — Ainda assim Gollum não respondeu.

— Vou responder por ele — disse Frodo. — Ele me trouxe ao Portão Negro, como eu pedi, mas não houve como passarmos por ele.

— Não há portões abertos para a Terra Inominada — disse Faramir.

— Em vista disso, nós nos desviamos e viemos pela estrada que vai para o sul — Frodo continuou —, pois ele disse que há, ou pode haver, uma trilha perto de Minas Ithil.

— Minas Morgul — disse Faramir.

— Não sei bem ao certo — disse Frodo —, mas a trilha sobe, eu acho, pelas montanhas na encosta norte daquele vale onde fica a velha cidade. Sobe até uma fenda alta e depois desce até o que fica além dela.

— Você sabe o nome da passagem alta? — perguntou Faramir.

— Não — disse Frodo.

— Chama-se Cirith Ungol. — Gollum soltou um chiado agudo e começou a murmurar consigo mesmo. — Não é esse o nome? — perguntou Faramir virando-se para ele.

— Não! — disse Gollum, e depois deu um grito estridente, como se alguém o tivesse apunhalado. — Sim, sim, escutamos o nome uma vez. Mas que importância tem o nome para nós? O Mestre diz que precisa entrar. Então precisamos tentar algum caminho. Não há outro modo de tentar, não há.

— Nenhum outro modo? — disse Faramir. — Como sabe disso? E quem já explorou todos os confins desse reino negro? — Fitou Gollum longa e pensativamente. De repente, falou de novo. — Leve embora essa criatura, Anborn. Trate-o com gentileza, mas fique vigiando. E você, Sméagol, não tente mergulhar na cachoeira. As rochas têm dentes que poderiam matá-lo antes de sua hora. Deixe-nos agora e leve seu peixe.

Anborn saiu e Gollum foi andando agachado diante dele. A cortina do cômodo foi fechada.

— Frodo, acho que você está agindo de maneira incauta nesse assunto — disse Faramir. — Não acho que você deveria ir com essa criatura. Sméagol é mau.

— Não, não totalmente mau — disse Frodo.

— Não totalmente, talvez — disse Faramir. — Mas a maldade o devora como um cancro, e está crescendo. Ele não o conduzirá para o bem. Se vocês se separarem, dar-lheei um salvo-conduto e orientação para qualquer ponto nas fronteiras de Gondor que ele queira escolher.

— Ele não aceitaria — disse Frodo. — Iria me seguir como já faz há muito tempo. E já prometi muitas vezes tomá-lo sob minha proteção, e ir aonde ele me conduzisse. Você não poderia pedir que eu quebrasse o juramento que fiz a ele.

— Não — disse Faramir. — Mas meu coração poderia. Pois me parece um mal menor alguém aconselhar outro homem a quebrar um juramento do que a própria pessoa quebrálo, especialmente se vir um amigo inconscientemente atado ao seu próprio mal. Mas não — se ele o acompanhar, você precisa agora aturá-lo. Mas não acho que você deva ir a Cirith Ungol, sobre a qual ele lhe disse menos do que sabe. Isso eu percebi com clareza na mente dele. Não vá para Cirith Ungol!

— Aonde então deverei ir? — perguntou Frodo. — De volta ao Portão Negro, para me

entregar à guarda? O que você sabe sobre esse lugar que torna seu nome tão terrível?
— Nada ao certo — disse Faramir. — Nós de Gondor nunca passamos para o lado leste
da Estrada nestes dias, e nenhum de nó s, homens mais jovens, jamais passou, nem
qualquer um jamais colocou os pés nas Montanhas da Sombra. Delas só conhecemos
velhos relatos e rumores de dias passados. Mas há algum terror escuro que habita as
passagens acima de Minas Morgul. Quando se menciona Cirith Ungol, velhos e mestres
na tradição ficam pálidos e calados.
— O vale de Minas Morgul passou para o mal há muito e muito tempo, e era uma
ameaça e um terror enquanto o Inimigo banido ainda morava longe, e Ithilien ainda estava
quase totalmente em nosso poder. Tomo você sabe, aquela cidade já foi um lugar forte,
altivo e belo, Minas Ithil, a irmã gêmea de nossa própria cidade. Mas foi tomada por
homens cruéis que o Inimigo dominara durante sua primeira demonstração de força, e que
vagavam sem lar e sem senhor depois da queda dele.
Comenta-se que serviram a homens de Númenor que haviam caído numa maldade
escura; o Inimigo deu-lhes anéis de poder, e assim os devorou: transformaram-se em
fantasmas vivos, terríveis e maus. Depois que ele partiu, tomaram Minas Ithil e lá se
estabeleceram, e a encheram, e também todo o vale ao seu redor, de ruína: parecia vazia
mas não estava, pois um terror disforme morava dentro das paredes arruinadas. Eram
nove Senhores, e depois do retorno de seu mestre, que eles auxiliaram e prepararam em
segredo, fortaleceram-se de novo. Então os Nove Cavaleiros saíram dos portões de horror,
e não conseguimos opor-lhes resistência. Não se aproxime da cidadela deles. Será
avistado. É um lugar de maldade que nunca adormece, cheio de olhos sem pálpebras. Não
vá por ali.
— Mas qual outro caminho você me indicaria? — perguntou Frodo. — Disse que não
pode me conduzir em pessoa até as montanhas, nem atravessá-las. Mas eu as preciso
atravessar, pois assumi solenemente perante o Conselho o compromisso de encontrar um
caminho, ou perecer na busca. E se eu voltar atrás, recusando a estrada em seu fim
amargo, haverá lugar para mim entre elfos ou homens? Você gostaria que eu fosse a
Gondor com essa Coisa, a Coisa que alucinou de desejo seu irmão? Que feitiço operaria

em Minas Tirith? Deverá haver duas cidades de Minas Morgul, sorrindo uma para a outra,
através da terra morta coberta de podridão?
— Eu não gostaria disso — disse Faramir.
— Então o que me aconselharia a fazer?
— Não sei. Apenas não aconselharia você a ir em direção à morte ou ao tormento. E
não acho que Mithrandir teria escolhido esse caminho.
— Mas, já que ele se foi, devo tomar as trilhas que puder encontrar. E não há muito
tempo para procurar — disse Frodo.
— É um destino terrível e uma missão desesperada — disse Faramir. — Mas pelo
menos lembre-se de minha advertência: tome cuidado com esse guia, Sméagol. Ele já
cometeu assassinatos antes. Leio isso nele. — Faramir suspirou.
— Bem, assim nos encontramos e nos despedimos, Frodo, filho de Drogo. Não há
necessidade de palavras gentis: não espero revê-lo em qualquer outro dia sob este sol.
Mas agora você deve partir com minha bênção sobre você e sobre todo o seu povo.
Descanse um pouco enquanto lhe preparam a comida. Gostaria muito de saber como esse
Sméagol rastejante tomou posse Á da Coisa da qual falamos, e como a perdeu, mas não
vou incomodá-lo agora. Se um dia, além de qualquer esperança, você retornar a terra dos

vivos e nós recontarmos nossas histórias, sentados perto de uma muralha ao sol, rindo das
tristezas antigas, então você poderá me contar. Até esse dia, ou outro dia além da visão
das Pedras-videntes de Númenor, boa sorte!
Levantou-se e fez uma grande reverência para Frodo, e abrindo a cortina passou
para a caverna.

CAPÍTULO VII

VIAGEM ATÉ A ENCRUZILHADA

Frodo e Sam voltaram a suas camas e ficaram ali deitados em silêncio,
descansando um pouco, enquanto os homens se punham em movimento e a atividade do
dia começava. Depois de um tempo trouxeram-lhes água, e então foram levados a uma
mesa onde havia comida para três. Faramir quebrou o jejum com eles.
Não dormira desde a batalha no dia anterior, e mesmo assim não parecia cansado.
Quando terminaram a refeição, levantaram-se. — Que a fome não os incomode na
estrada — disse Faramir. — Vocês têm poucas provisões, mas mandei colocar em suas
mochilas um pequeno estoque de comida adequada para viajantes. Não lhes faltará água
enquanto caminharem por Ithilien, mas não bebam de nenhum riacho que corre de Imlad

Morgul, o Vale da Morte Viva. Também devo dizer-lhes isto: meus batedores e sentinelas voltaram todos, até alguns que se esgueiraram sob a vista do Morannon. Todos acham uma coisa estranha. A terra está vazia.

Nada na estrada, nem sons de passos, ou de cornetas, ou de cordas de arcos se ouvem em lugar algum. Um silêncio de espera cresce acima da Terra Inominada. Não sei o que isso pressagia. Mas o tempo caminha rapidamente para alguma grande conclusão. A tempestade está chegando. Apressem-se enquanto podem! Se estão prontos, vamos. O sol vai logo subir acima da sombra.

As mochilas dos hobbits lhes foram trazidas (um pouco mais pesadas que antes), e também dois cajados de madeira polida, com ponteiras de ferro, e com cabeças esculpidas através das quais passavam correias de couro trançadas.

— Não possuo presentes adequados para lhes oferecer em nossa despedida — disse Faramir —, mas recebam estes cajados. Podem ser de utilidade para os que caminham ou escalam no ermo. Os homens das Montanhas Brancas os usam, mas estes foram diminuídos para que ficassem adequados ao seu tamanho, e receberam ponteiras novas.

São feitos da bela árvore lebethron, amada p elos artesãos de Gondor, e foi-lhes conferido um poder de encontrar e retomar. Que esse poder não fracasse totalmente sob a Sombra em direção á qual vocês vão!

Os hobbits fizeram uma grande reverência. — Nobilíssimo anfitrião — disse Frodo. — Foi-me dito por Elrond Meio-elfo que eu encontraria amizade no caminho, secreta e inesperada. Certamente eu não esperava encontrar uma amizade como a demonstrada aqui. Tê-la encontrado transforma o mal num grande bem.

Agora estavam prontos para partir. Gollum foi trazido de algum canto ou esconderijo, e parecia agora mais satisfeito consigo mesmo, embora se mantivesse perto de Frodo e evitasse o olhar de Faramir.

— Seu guia deverá ter os olhos vendados — disse Faramir —, mas você e seu servidor

Samwise estão liberados dessa exigência, se desejarem.

Gollum soltou um grito estridente, contorceu-se e se agarrou em Frodo, quando vieram para vendar-lhe os olhos; Frodo então disse: — Cubram os olhos de nós três, e cubram os meus primeiro, e talvez ele perceba que não há nenhuma intenção de lhe fazer mal. — Isso foi feito e os três foram levados da caverna de Henneth Annûn. Depois de

percorrerem os corredores e as escadas, sentiram o ar fresco da manhã, leve e suave, á sua
volta. Ainda continuaram de olhos vendados por mais um tempo, subindo e depois
descendo suavemente. Finalmente a voz de Faramir ordenou que as vendas fossem
retiradas.
Estavam sob os galhos das árvores outra vez. Não se ouvia o ruído da cachoeira,
pois uma longa ladeira que conduzia ao sul estava agora entre eles e o precipício no qual
o rio corria. A oeste podiam ver a luz através das árvores, como se o mundo de repente
terminasse ali, numa borda que se abria apenas para o céu.
— Aqui nossos caminhos se separam pela última vez – disse Faramir.
— Se seguirem meu conselho, não rumarão para o leste já. Sigam em frente, pois
assim terão a proteção da floresta por muitas milhas. A oeste há uma borda onde a terra
cai dentro de grandes vales , algumas vezes de forma abrupta e íngreme, outras vezes em
longas encostas. Fiquem perto das bordas e arredores da floresta.
No início da jornada, poderão caminhar durante o dia, suponho eu. A terra sonha
em falsa paz, e por um tempo todo o mal está afastado. Passem bem, enquanto puderem!
Então abraçou os hobbits á maneira de seu povo, abaixando-se e colocando as
mãos sobre os ombros deles, e beijando-lhes as testas. — Partam com a boa vontade de
todos os homens bons! — disse ele.
Os hobbits se curvaram até o chão. Então ele se virou e sem olhar para trás deixouos
e se foi com os dois guardas que esperavam a pouca distância dali.
Frodo e Sam ficaram assombrados ao ver a rapidez com que os homens vestidos de
verde se moviam agora, desaparecendo quase num piscar de olhos. A floresta onde
Faramir estivera parecia vazia e melancólica, como se um sonho tivesse passado.
Frodo suspirou e virou-se para o sul. Como se quisesse expressar seu pouco-caso
diante de tanta cortesia, Gollum estava escarafunchando na terra ao pé de uma árvore.
"Já com fome outra vez?", pensou Sam. "Bem, lá vamos nós de novo."
— Eles se foram finalmente? — disse Gollum. — Homenss ssujos e malvados! O
pescoço de Sméagol ainda está doendo, está sim. Vamos!
— Sim, vamos — disse Frodo. — Mas se você só consegue falar mal daqueles que lhe
ofereceram clemência, fique quieto!
— Mestre bonzinho! — disse Gollum. — Sméagol só estava brincando. Sempre perdôa,
perdôa sim, é sim, mesmo as pequenas mentiras do Mestre. E sim, Mestre bonzinho,
Sméagol bonzinho!
Frodo e Sam não responderam. Pegando as mochilas e segurando os cajados,
entraram na floresta de Ithilien.
Duas vezes naquele dia descansaram e comeram um pouco da comida fornecida

por Faramir: frutas secas e carne salgada em quantidade para muitos dias, e pão bastante
para durar enquanto estivesse fresco. Gollum não comeu nada.
O sol subiu e passou sobre suas cabeças sem ser visto; depois começou a descer, e
a luz através das árvores a oeste ficou dourada. O tempo todo andaram na sombra fresca e
verde, e tudo ao redor deles estava em silêncio. Os pássaros pareciam ter todos voado
para longe ou emudecido.
A escuridão chegou cedo à floresta silenciosa, e antes do cair da noite eles
pararam, cansados, pois tinham caminhado sete léguas ou mais desde Henneth Annûn.

Frodo se deitou e dormiu a noite toda no chão fofo atrás de uma velha árvore. Sam, ao seu
lado, estava mais inquieto: acordou várias vezes, mas em nenhuma delas viu sinal de
Gollum, que escapara assim que os outros se acomodaram para dormir. Se tinha dormido
sozinho em algum buraco ali perto, ou se vagara sem descanso, rondando por toda a noite,
não disse; mas retornou com o primeiro raio de sol, e acordou os companheiros.
— Precisa acordar, é sim, eles precisa! — disse ele. — Longos caminhos ainda a
percorrer, para o sul e para o leste. Os hobbits precisam se apressar!
Aquele dia foi quase como o anterior, a não se r pelo silêncio, que parecia mais
profundo; o ar ficou pesado, e começou a ficar abafado sob as árvores. Parecia que uma
tempestade estava se formando. Gollum frequentemente parava, farejando o ar, e nesses
momentos dizia baixinho a si mesmo que deveria fazê-los caminhar com mais rapidez.
Quando o terceiro estágio da marcha do dia avançava e a tarde ia terminando, a
floresta se abriu, e as árvores ficaram maiores e mais espaçadas. Grandes azevinhos com
circunferências enormes se erguiam escuros e solenes em amplas clareiras, acompanhados
em alguns pontos por freixos esbranquiçados e carvalhos gigantes que começavam a
exibir brotos verde-amarronzados. Ao redor deles se espalhavam longos trechos de
gramado verde, salpicados de celidônias e anêmonas, brancas e azuis, agora fechadas para
dormir; havia também acres cheios de jacintos silvestres: seus caules lustrosos em forma
de sino já apareciam através da terra. Não se via nenhuma criatura viva, animal ou
pássaro, mas naqueles lugares abertos Gollum sentia medo, e agora eles caminhavam com
cautela, correndo de uma sombra longa para a outra.
A luz estava rapidamente sumindo quando chegaram ao fim da floresta. Ali
sentaram-se sob um velho carvalho nodoso que lançava suas raízes, retorcidas como

cobras, através de um barranco íngreme e esburacado. Um vale profundo e escuro jazia
diante deles. Do lado oposto a floresta se fechava de novo, azul e cinzenta no fim de tarde
sombrio, e avançava em direção ao sul . A direita as Montanhas de Gondor reluziam,
remotas no oeste, sob um céu manchado de fogo. A esquerda estava a escuridão: as altas
muralhas de Mordor; da escuridão vinha o longo vale, caindo abruptamente num fosso
que se alargava cada vez mais na direção do Anduin. Lá no fundo corria um riacho veloz:
Frodo podia ouvir-lhe a voz pedregosa subindo através do silêncio, e no lado mais
próximo dele uma estrada se desenhava como uma fita clara, descendo até a névoa
cinzenta e fria que nenhum raio do pôr-do-sol conseguia atingir. Frodo teve a impressão
de divisar ao longe, flutuando como se estivessem num mar de sombras, os topos altos e
apagados e os pináculos quebrados de velhas torres, arruinadas e escuras.

Virou-se para Gollum. — Você sabe onde estamos? — perguntou ele.

— Sei, Mestre. Lugares perigosos. Esta é a estrada que vem da Torre da Lua,
Mestre, descendo até a cidade arruinada perto das margens do Rio. A cidade arruinada, é
sim, lugar muito desagradável, cheio de inimigos. Não deveríamos ter seguido o conselho
dos homens. Os hobbits desviaram muito da trilha. Agora devem ir para o leste, subindo
por ali. — Acenou com seu braço ossudo na direção das montanhas obscuras. — E não
podemos usar esta estrada. Ah, não! Povos cruéis vêm por este caminho, descendo da
Torre.

Frodo baixou os olhos até a estrada. De qualquer forma, nada se movia nela agora.
Parecia solitária e abandonada, descendo até ruínas vazias na névoa. Mas havia uma
sensação maligna no ar, como se seres que os olhos não podiam enxergar realmente
estivessem subindo e descendo. Frodo estremeceu ao olhar outra vez os distantes
pináculos que agora desapareciam na noite, e o som da água parecia frio e cruel: a voz de
Morgulduin, o riacho poluído que corria do Vale dos Espectros.

— Que faremos? — disse ele. — Caminhamos muito. Devemos procurar algum lugar
na floresta lá atrás onde possamos nos deitar sem sermos vistos?

— Não há bom esconderijo no escuro — disse Gollum. — É de dia que os hobbits
devem se esconder agora, é sim, de dia.

— Ora, vamos! — disse Sam. — Precisamos descansar um pouco, mesmo que
acordemos outra vez no meio da noite. Ainda haverá horas de escuridão pela frente,

tempo suficiente para você nos conduzir numa longa marcha.
Se souber o caminho.

Gollum concordou com relutância, e virou-se na direção das árvores, indo um pouco para o leste ao longo das bordas esparsas da floresta. Não estava disposto a descansar no chão tão próximo da estrada maligna, e depois de alguma discussão todos eles se acomodaram na forquilha de uma grande azinheira, cujos galhos grossos, saindo juntos do tronco, formavam um bom esconderijo e um refugio razoavelmente confortável.

A noite caiu e ficou totalmente escuro sob a abóbada da árvore. Frodo e Sam beberam um pouco de água e comeram uns pedaços de pão e frutas secas, mas Gollum imediatamente se acomodou e adormeceu. Os hobbits não pregaram os olhos.

Devia ser um pouco mais de meia-noite quando Gollum acordou: de repente viram aqueles olhos opacos brilhando na direção deles. Ficou escutando e farejando, o que parecia ser, como os hobbits já tinham notado antes, o seu método de descobrir a hora da noite.

— Estamos descansados? Dormimos um belo sono? — disse ele. — Vamos!

— Não estamos, e não dormimos — resmungou Sam. — Mas vamos se é necessário.

Gollum imediatamente desceu dos galhos da árvore, caindo de quatro, e os hobbits o seguiram com mais lentidão.

Assim que desceram partiram de novo, com Gollum na frente, na direção do leste, subindo a terra escura e montanhosa. Podiam enxergar pouca coisa, pois a noite era agora tão profunda que eles mal conseguiam perceber os troncos das árvores antes de esbarrarem neles. A irregularidade do terreno aumentava cada vez mais, e caminhar era mais difícil, mas Gollum não parecia se incomodar de forma alguma. Conduziu-os através de moitas e restos de sarças, algumas vezes contornando a borda de uma fenda profunda ou um poço escuro, outras descendo em concavidades negras cobertas de arbustos, para depois sair delas; mas, a cada vez que desciam um pouco, a subida seguinte era mais longa e íngreme. Estavam constantemente subindo. Em sua primeira pausa olharam para trás, e mal puderam divisar o teto da floresta que tinham deixado lá embaixo, jazendo como uma vasta e densa sombra, um pedaço de noite mais escuro sob um céu escuro e vazio. Parecia haver um grande negrume assomando lentamente a leste, devorando as estrelas apagadas e indistintas. Mais tarde, a lua que descia livrou-se da perseguição de

uma nuvem, mas estava completamente cercada por uma aura amarela e doentia.

Finalmente Gollum virou-se para os hobbits. — Dia logo — disse ele.

— Os hobbits precisam se apressar. Não é seguro ficar exposto nestes lugares. Apressem-se!

Apertou o passo, e eles o seguiram com dificuldade. Logo começaram a subir uma grande vertente. Na maior parte estava coberta com uma profusão de tojos e mirtilos, e espinheiros baixos e ásperos, embora em alguns pontos se abrissem clareiras, cicatrizes de fogueiras recentes. Os arbustos de tojo iam ficando mais frequentes conforme chegavam perto do topo; eram muito velhos e altos, magros e pernudos na base, mas espessos em cima, já mostrando flores amarelas que luziam fracamente na escuridão e exalavam um cheiro suave. Eram tão altos os arbustos espinhosos que os hobbits podiam andar eretos debaixo deles, passando através de corredores secos forrados por uma camada fofa e cheia de espinhos.

Na borda oposta dessa larga lombada eles detiveram sua marcha e se arrastaram para se esconderem numa moita emaranhada de espinheiros. Os galhos retorcidos, inclinando-se até o chão, suportavam um labirinto de velhas sarças trepadeiras. No interior, bem no fundo havia um espaço vazio, com caibros formados por galhos e espinheiros mortos, e com um teto feito pelas primeiras folhas e brotos da primavera.

Deitaram-se ali durante um tempo, cansados demais para comerem; olhando através de buracos na cobertura eles esperaram pelo desabrochar lento do dia.

Mas nenhum dia chegou, apenas um crepúsculo escuro e morto. No leste havia um brilho vermelho opaco sob as nuvens baixas: não era o vermelho da aurora. Além de uma extensão de terras confusas, as montanhas de Ephel Dúath franziam-lhes o cenho, negras e disformes na parte inferior onde a noite se deitava espessa e não passava, e ostentando na parte superior topos dentados e pontas nítidas e ameaçadoras projetadas contra o brilho do fogo. Mais adiante, à direita, uma grande encosta das montanhas se sobressaía, escura e negra em meio às sombras, lançando-se para o oeste.

— Para onde vamos agora? — perguntou Frodo. — E aquela a abertura do... do Vale Morgul, lá adiante, além daquela massa negra?

— Precisamos pensar nisso já? — disse Sam. — Com certeza não caminharemos mais hoje, enquanto for de dia.

— Talvez não, talvez não — disse Gollum. — Mas devemos partir logo, para a Encruzilhada. É sim, para a Encruzilhada. Ali está o caminho, é sim, Mestre.

O brilho vermelho sobre Mordor se extinguiu. O crepúsculo foi ficando mais profundo enquanto grandes quantidades de vapor subiam no leste e se espalhavam acima deles. Frodo e Sam comeram um pouco e depois se deitaram, mas Gollum estava inquieto. Não estava disposto a comer da comida deles, mas bebeu um pouco de água e depois se arrastou pelo lugar, sob os arbustos, farejando e resmungando. Então, de repente, desapareceu.

— Foi caçar, suponho eu — disse Sam e bocejou. Era sua vez de dormir primeiro, e logo adormeceu profundamente. Sonhou estar de volta no jardim do Bolsão, procurando algo; mas tinha uma mochila pesada nas costas, que o fazia se abaixar. Tudo parecia cheio de capim e mato áspero. E espinhos e samambaias estavam invadindo os canteiros próximos do pé da cerca-viva.

— Tem muito serviço para mim, estou percebendo; mas estou cansado demais — ficava ele repetindo. De repente se lembrou do que estava procurando. — Meu cachimbo! — disse ele, e com isso acordou.

— Idiota! — disse ele para si mesmo, ao abrir os olhos e perguntando-se por que estava deitado sob a cerca-viva. — Esteve na sua mochila o tempo todo!

— Então percebeu, em primeiro lugar, que seu cachimbo poderia estar na mochila, mas ele não tinha fumo, e depois que estava a centenas de milhas do Bolsão. Sentou-se. Parecia estar quase escuro. Por que seu mestre havia permitido que continuasse dormindo no turno dele, direto até o anoitecer?

— O senhor não dormiu nem um pouco, Sr. Frodo? — disse ele. — Que horas são? Parece que está ficando tarde.

— Não, não está — disse Frodo. — Mas o dia está escurecendo em vez de clarear: escurecendo cada vez mais. Pelo que calculo, ainda não é meio-dia, e você só dormiu umas três horas.

— Fico pensando no que estará acontecendo — disse Sam. — Será uma tempestade se formando? Se for, será a pior que jamais houve. Desejaremos estar num buraco fundo, e não apenas enfiados embaixo de uma cerca-viva. Parou para escutar. — O que é aquilo? Trovões ou tambores, ou o quê?

— Não sei — disse Frodo. — Está assim faz algum tempo. Algumas vezes parece que o chão treme, outras parece o ar pesado latejando em nossos ouvidos.

Sam olhou em volta. — Onde está Gollum? — disse ele. — Ainda não voltou?

— Não — disse Frodo. — Não houve nenhum sinal ou ruido dele.

— Bem, não posso suportá-lo — disse Sam. — Na verdade, nunca levei alguma coisa

numa viagem que sentisse menos pesar em perder no caminho. Mas seria bem ao estilo dele, depois de todas essas milhas, sair e se perder agora, exatamente quando vamos precisar dele — quer dizer, se é que ele algum dia vai ser de alguma utilidade, o que eu duvido.

— Você está esquecendo os Pântanos — disse Frodo. — Espero que nada lhe tenha acontecido.

— E eu espero que ele não esteja preparando nenhum truque. E de qualquer forma espero que não caia em outras mãos, como se poderia dizer. Porque, se isso acontecer, logo estaremos em apuros.

Nesse momento, um ruído retumbante soou de novo, agora mais alto e profundo. O chão pareceu tremer sob os pés deles. — Acho que já estamos em apuros, de qualquer forma — disse Frodo. — Receio que nossa jornada esteja chegando ao fim.

— Talvez — disse Sam -; mas onde há vida há esperança, como meu Feitor costumava dizer; e necessidade de comida, como ele na maioria das vezes costumava acrescentar. O senhor coma alguma coisa, Sr. Frodo. E depois vá dormir.

A tarde, como Sam supunha chamar-se aquele período, avançava.

Olhando pela cobertura eles conseguiam ver apenas um mundo pardacento, sem sombras, desaparecendo lentamente numa escuridão sem cor e sem forma. Estava abafado mas não quente. Frodo dormiu um sono inquieto, virando-se de um lado para o outro, e algumas vezes murmurando. Duas vezes Sam teve a impressão de que ele estava pronunciando o nome de Gandalf. O tempo parecia se arrastar interminavelmente. De repente Sam ouviu um chiado atrás dele, e lá estava Gollum de quatro, espiando-os com olhos brilhantes.

— Acordem, acordem! Acordem, dorminhocos! — sussurrou ele. — Acordem! Nenhum tempo para perder. Devemos ir, é sim, devemos ir já. Nenhum tempo para perder!

Sam o fitou desconfiado: Gollum parecia amedrontado ou excitado.

— Ir já? Qual é o seu joguinho? Ainda não está na hora. Ainda não deve ser nem hora do chá, pelo menos em lugares decentes onde existe hora do chá.

— Idiota! — chiou Gollum. — Não estamos em lugares decentes. O tempo está ficando curto, é sim, passando rápido. Nenhum tempo para perder. Devemos ir. Acorde, Mestre, acorde! — Cutucou Frodo, e este, subitamente acordando de seu sono, sentou-se e o segurou pelo braço. Gollum se soltou e recuou.

— Não devem ser tolos — chiou ele. — Devemos ir. Nenhum tempo para perder! — E não conseguiram arrancar mais nada dele. Onde estivera, e o que julgava estar acontecendo para ficar com tanta pressa, ele não dizia. Sam estava cheio de profundas suspeitas, e demonstrou isso; mas Frodo não deu sinal do que se passava em sua mente. Suspirou, pegou a mochila e se preparou para partir e entrar na escuridão sempre crescente.

Muito furtivamente Gollum os conduziu encosta abaixo, mantendo-se sob alguma cobertura sempre que podia, e correndo, quase abaixado até o chão, através de qualquer lugar aberto; mas agora a luz estava tão fraca que mesmo um animal de olhar agudo daquela região erma mal poderia ter visto os hobbits, encapuzados, em suas capas cinzentas, nem tê-los ouvido, caminhando com a cautela das pessoas pequenas. Sem o estalido de um graveto ou o farfalhar de uma folha, eles passaram e desapareceram.

Por cerca de uma hora eles continuaram, em silêncio, em fila indiana, oprimidos pela escuridão e pela quietude absoluta do lugar, quebrada apenas de vez em quando pelo retumbar fraco, que parecia ser de um trovão distante ou de batidas de tambores em alguma concavidade das colinas. Desceram do esconderijo e depois, virando-se para o sul, foram pela trilha mais direta que Gollum pôde encontrar através de uma encosta longa e irregular, que subia em direção às montanhas. De repente, não muito à frente, assomando como uma muralha negra, eles viram um cinturão de árvores. Quando se aproximaram, perceberam que eram de grande porte, muito antigas ao que parecia, e ainda se erguendo altas embora os topos estivessem esqueléticos e quebrados, como se uma tempestade e golpes de raios as tivessem castigado, mas sem conseguir matá-las ou abalar suas raízes insondáveis.

— A Encruzilhada, é sim — sussurrou Gollum, as primeiras palavras ditas desde que haviam deixado o esconderijo. — Devemos ir por ali. — Virando para o leste agora, ele os conduziu encosta acima, e então, de repente, estava diante deles: a Estrada do Sul, desenhando seu caminho ao redor dos sopés externos das montanhas, até mergulhar subitamente no grande circulo de árvores.

— Este é único caminho — sussurrou Gollum. — Nenhum caminho além da estrada.

Nenhum caminho. Devemos ir para a Encruzilhada. Mas se apressem! Façam silêncio!

Tão furtivos como batedores dentro do acampamento inimigo, esgueiraram-se até a estrada e foram ao longo de sua borda oeste sob o barranco pedregoso, cinzentos como as próprias pedras, com os pés leves de gatos caçando. Finalmente alcançaram as árvores, e descobriram que estavam num grande círculo descoberto, que se abria no centro para o céu sombrio; os espaços entre as imensas copas eram como grandes arcos escuros de algum palácio arruinado. Exatamente no centro quatro caminhos se encontravam. Atrás deles estava a estrada que conduzia ao Morannon; à frente a que continuava em sua longa viagem para o sul; à direita a estrada que vinha da antiga Osgiliath, subindo e cruzando, passava para o leste e entrava na escuridão; o quarto caminho, a estrada que deviam tomar.

Parado ali por um momento, cheio de pavor, Frodo percebeu uma luz brilhando; viu-a reluzir no rosto de Sam, ao seu lado. Voltando-se em direção a ela, ele viu, além de um arco de galhos, a estrada para Osgiliath se estendendo quase reta como uma fita esticada, sempre descendo e entrando no oeste.

Lá, distante, além da triste Gondor agora subjugada pela escuridão, o sol estava descendo, encontrando finalmente a orla da grande muralha de nuvens lentas, e caindo num fogo agourento na direção do Mar ainda não poluído. A breve luz bateu num enorme vulto sentado, parado e solene como os grandes reis de pedra dos Argonath. Os anos o haviam corroído, e mãos violentas o tinham mutilado. A cabeça se fora, e em seu lugar estava colocada em arremedo uma pedra redonda e áspera, rudemente pintada por mãos selvagens á semelhança de um rosto sorridente com um grande olho vermelho no meio da testa. Sobre os joelhos e sobre a cadeira imponente, e ao redor de todo o pedestal, havia garranchos ociosos, misturados aos símbolos grosseiros usados pelos vermes que habitavam Mordor.

De repente, capturado pelos raios horizontais do sol, Frodo viu a cabeça do velho rei: rolara e jazia ao lado da estrada. — Olhe, Sam! — disse ele, falando impelido pelo espanto. — Olhe! O rei está coroado outra vez!

Os olhos estavam vazados e a barba esculpida quebrada, mas ao redor da fronte alta e austera havia uma grinalda de ouro e prata. Uma planta rasteira com flores

semelhantes a pequenas estrelas brancas se enredara através da fronte, como se em

reverência ao rei caído, e nas rachaduras de seu cabelo de pedra reluziam saiões
amarelos.
— Eles não podem conquistar para sempre! — disse Frodo. Então, de repente, a
breve
luz desapareceu. O sol afundou e sumiu e, como quando se apaga uma lamparina,
caiu a
noite negra.

CAPÍTULO VIII
AS ESCADARIAS DE CIRITH UNGOL

Gollum estava puxando a capa de Frodo e chiando de medo e impaciência. —
Devemos ir — disse ele. — Não podemos ficar aqui. Apressem-se!
Com relutância Frodo deu as costas para o oeste e foi seguindo os passos de seu
guia, entrando na escuridão do leste. Deixaram o circulo de árvores e foram ao
longo da
estrada na direção das montanhas. Essa estrada também continuava reta por um
trecho,
mas logo começou a desviar para o sul, até passar exatamente embaixo da grande
saliência de pedra que tinham visto à distância. Negra e ameaçadora ela se erguia,
mais
escura que o céu negro que a emoldurava.
Esgueirando-se sob sua sombra, a estrada continuava, e fazendo o contorno
projetava -se de novo para o leste, começando a subir vertiginosamente.
Frodo e Sam iam com passadas lentas e os corações pesados, incapazes agora de
se
preocupar muito com o perigo que corriam. A cabeça de Frodo estava pensa, seu
fardo o
forçava a se curvar outra vez. Logo que a grande Encruzilhada ficou para trás,
aquele
peso, quase esquecido em Ithilien, começara a aumentar de novo.
Agora, sentindo o caminho se tornar íngreme diante de seus pés, Frodo ergueu os
olhos cansados, e então a viu, exatamente da forma que Gollum dissera que veria:
a
cidade dos Espectros do Anel. Encolheu-se contra o paredão de pedra.
Um vale longo e inclinado, um abismo fundo de sombra, penetrava as montanhas.
Do lado oposto, um pouco para dentro dos braços do vale, altas sobre um assento
de
pedra nas encostas negras das Ephel Dúath, erguiam-se as muralhas e a torre de
Minas
Morgul. Tudo era negro à sua volta, a terra e o céu, mas a torre estava iluminada
por uma
luz. Não pela luz aprisionada do luar, que outrora jorrava através das paredes de
mármore
de Minas Ithil, a Torre da Lua, bela e radiante na concavidade das colinas. Na
realidade, a
luz que agora brilhava ali era mais pálida que a lua doentia passando por algum
eclipse

lento, vacilando e bruxuleando como alguma exalação repugnante de podridão, uma luz cadavérica, uma luz que nada iluminava.

Nas muralhas e na torre apareciam janelas, como incontáveis buracos negros olhando para dentro na escuridão; mas a parte superior da torre girava lentamente, primeiro para um lado e depois para outro, uma enorme cabeça fantasmagórica dirigindo seu olhar de soslaio para dentro da noite. Por um momento os três companheiros ficaram ali parados, encolhidos, os olhos fixos no alto contra a própria vontade.

Gollum foi o primeiro a se recuperar. Mais uma vez puxou as capas dos hobbits apressando-os. Mas sem dizer nada. Quase os arrastou para a frente. Cada passo era relutante, e o tempo parecia diminuir seu ritmo, de modo que entre o ato de erguer um pé e o de colocá-lo no chão de novo minutos de aversão se passavam.

Assim chegaram lentamente à ponte branca. Ali a estrada, reluzindo desmaiada, passava por sobre o rio em meio ao vale e continuava, subindo em curvas, na direção do portão da cidade: uma boca negra que se abria no círculo exterior das muralhas ao norte.

Amplos planos jaziam nas duas margens, prados sombrios cobertos de pálidas flores brancas. Eram também luminosas, belas e apesar disso tinham formatos horrorosos, como as formas dementes de um sonho ruim; exalavam um fraco odor, sepulcral e nauseabundo; um cheiro podre enchia o ar. De um prado a outro a ponte saltava. Viam-se figuras na cabeceira, esculpidas habilmente e representando formas humanas e animais, mas todas deformadas e abomináveis. A água que corria embaixo era silenciosa, e dela subia um vapor, mas essa névoa, enrolando — Se e girando em volta da ponte, era fria como a morte. Os sentidos de Frodo começaram a vacilar e sua mente escureceu. Então, de repente, como se alguma força estivesse operando contra a sua vontade, começou a correr, cambaleando para a frente, com as mãos estendidas tateando o ar, e a cabeça balançando de um lado para o outro. Gollum e Sam correram atrás dele. Sam amparou o mestre em seus braços, no momento em que ele tropeçou e quase caiu, exatamente no limiar da ponte.

— Não, não por ali! Não, não por ali! — sussurrou Gollum, mas a respiração entre seus dentes pareceu rasgar a quietude pesada como um assobio, e ele se abaixou no chão aterrorizado.

— Pare, Sr. Frodo! — murmurou Sam ao ouvido de Frodo. — Volte! Por ali não.
Gollum diz que não, e pela primeira vez concordo com ele.
Frodo passou a mão sobre a fronte e num esforço violento desviou os olhos da
cidade sobre a colina. A torre luminosa o fascinava, e ele lutava contra o desejo que sentia
de subir pela estrada reluzente na direção do portão.
Finalmente, fazendo um novo esforço, virou as costas, e no momento em que fazia
isso sentiu o Anel resistindo ao seu movimento, puxando a corrente em seu pescoço;
também os olhos, quando Frodo os desviou, pareceram naquele momento ter sido
cegados. A escuridão diante dele era impenetrável.
Gollum, rastejando no chão como um animal amedrontado, já estava
desaparecendo no escuro. Sam, apoiando e guiando seu trôpego mestre, foi atrás dele o
mais rápido que conseguiu. Não muito longe da margem mais próxima do rio havia um
vão na muralha rochosa que ladeava a estrada. Passaram por ele, e Sam percebeu que
estavam numa trilha estreita que num primeiro momento reluziu fracamente, como reluzia
a estrada principal, até que subindo acima dos prados de flores mortas a trilha desaparecia
e ficava escura, subindo em seu traçado tortuoso e entrando nas encostas do lado norte do
vale.
Ao longo dessa trilha os hobbits foram se arrastando, lado a lado, incapazes de ver
Gollum na sua frente, a não ser quando ele se virava e lhes acenava para que avançassem.
Nesses momentos os olhos brilhavam com uma luz verde-esbranquiçada, refletindo talvez
o brilho pernicioso de Morgul, ou iluminados por alguma disposição que reagia dentro
dele. Daquele brilho mortal e das órbitas escuras Frodo e Sam estavam sempre
conscientes, todo o tempo espiando cheios de temor por sobre os ombros, e sempre se
esforçando para recuperar o controle dos próprios olhos para poderem achar a trilha
escura. Lentamente avançaram, com esforço. Quando subiram acima do mau cheiro e dos
vapores do riacho envenenado, a respiração ficou mais fácil e a cabeça mais lúcida, mas
agora sentiam as pernas mortas de cansaço, como se tivessem andado a noite toda
carregando um fardo, ou tivessem nadado muito contra uma maré de águas pesadas.
Finalmente não conseguiam avançar m ais sem uma pausa.
Frodo parou e sentou-se numa pedra. Tinham agora escalado até o topo de uma
grande corcova de rocha nua. A frente deles havia um fosso na encosta do vale, e em
volta da cabeceira dele a trilha continuava, apenas uma saliência ampla com um abismo à

direita; através da íngreme face sul da montanha ela subia, até desaparecer no alto do
negrume.
— Preciso descansar um pouco, Sam — sussurrou Frodo. — Está pesado para mim,
Sam, meu rapaz. Fico pensando quanto tempo conseguirei carregá-lo. De qualquer forma,
preciso descansar antes que nos aventuremos por ali — disse ele, apontando para o
caminho estreito a frente.
— Pssiu! Pssiu! — chiou Gollum correndo na direção deles. — Pssiu! — Tinha os dedos
nos lábios e balançava a cabeça insistentemente.
Puxando a manga de Frodo, apontou na direção da trilha, mas Frodo nem se
mexeu.
— Ainda não — disse ele —, ainda não. — O cansaço e algo mais que o cansaço o
oprimiam. Parecia que um encantamento pesado tinha sido lançado sobre sua mente e seu
corpo. — Preciso descansar — murmurou ele.
Ao ouvir isso, o medo e a agitação de Gollum cresceram tanto que ele falou de
novo, chiando e cobrindo a boca com a mão, como se quisesse impedir que o som
chegasse até ouvintes invisíveis no ar. — Não, aqui não. Não descansar aqui. Tolos! Olhos
podem nos ver. Quando vierem até a ponte vão nos ver. Vamos! Subam, subam! Venham!
— Venha, Sr. Frodo — disse Sam. — Ele está certo outra vez. Não podemos ficar aqui.
— Está certo — disse Frodo com uma voz remota, como a de alguém que fala semiadormecido.
— Vou tentar. — Mesmo exausto, pôs-se de pé.
Mas era tarde demais. Naquele momento a rocha se agitou e tremeu embaixo deles.
O grande ruído retumbante, mais alto d o que nunca, reboou sob o chão e ecoou nas
montanhas. Então, com uma rapidez estonteante, surgiu um grande clarão vermelho. De
trás das montanhas orientais ele saltou no céu e tingiu de escarlate as nuvens baixas.
Naquele vale de sombra e de luz fria e mortal parecia insuportavelmente violento e cruel.
Picos de rocha e montanhas, como espadas chanfradas, surgiram negros e assustados
contra a chama crescente de Gorgoroth. Então ouviu-se um enorme estrondo de trovão.
E Minas Morgul respondeu. Houve um clarão de relâmpagos lívidos: garfos de
fogo azul saltando da torre e das colinas ao redor para dentro das nuvens sombrias. A
terra rosnou e da cidade veio um grito. Misturado a vozes roucas como as das aves de

rapina, e ao relinchar agudo de cavalos alucinados de raiva e medo, veio um guincho
dilacerante, que foi rapidamente aumentando num tom agudo, ultrapassando o alcance da
audição. Os hobbits se viraram na direção dele, e se jogaram ao chão, com as mãos nos
ouvidos.

Quando o terrível grito acabou, morrendo num longo gemido repugnante e depois
silenciando, Frodo lentamente levantou a cabeça.

Cortando o vale estreito, agora quase ao nível de seus olhos, as muralhas da cidade
maligna se erguiam, e seu portão cavernoso, na forma de uma boca aberta com dentes
reluzentes, abriu-se ainda mais. E através do portão avançou um exército.

Toda aquela tropa vestia fardas pretas, escuras como a noite.

Contra as muralhas descoradas e o pavimento luminoso da estrada Frodo podia vêlos,
pequenas figuras negras em inúmeras fileiras, marchando rápida e silenciosamente,
passando para o lado de fora numa correnteza infinita. Diante deles um grande grupo de
cavaleiros avançando como sombras ordenadas, e na frente destes vinha um, maior que
todos os outros: um Cavaleiro, todo negro, a não ser por sua cabeça encapuzada que tinha
um elmo semelhante a uma corôa, que faiscava com uma luz perigosa. Agora estava se
aproximando da ponte, e os olhos atentos de F rodo o seguiam, incapazes de piscar ou
desviar-se. Seria ele o Senhor dos Nove Cavaleiros, que retornara à terra para conduzir
sua horrenda tropa à batalha? Sim, sem dúvida ali estava o rei desfigurado cuja mão fria

apunhalara o Portador do Anel com sua faca mortal. O antigo ferimento latejou de dor e
um grande arrepio se espalhou na direção do coração de Frodo.

No momento em que esses pensamentos o enchiam de medo e o mantinham preso,
como se sob o efeito de algum tipo de encantamento, o Cavaleiro de repente parou, bem
em frente à entrada da ponte, e atrás dele toda a tropa ficou imóvel.

Houve uma pausa, um silêncio total. Talvez fosse o Anel chamando o Senhor dos
Espectros, e por um momento ele ficou perturbado, sentindo algum outro poder dentro de
seu vale. Para um e outro lado sua cabeça voltou-se, coberta pelo elmo e coroada de
terror, esquadrinhando as sombras com olhos invisíveis. Frodo esperou, como um pássaro
sentindo a aproximação de uma cobra, incapaz de se mexer. E enquanto esperava sentiu,

mais insistente que nunca, a ordem para que colocasse o Anel. Mas, embora a pressão fosse grande, Frodo não se sentia inclinado a ceder a ela. Sabia que o Anel só iria traí-lo, e que não tinha, mesmo que o colocasse, poder para enfrentar o Rei de Morgul — ainda não.

Não havia mais qualquer resposta àquela ordem em sua própria vontade, embora estivesse enfraquecida pelo medo, e Frodo sentia apenas os golpes de um grande poder que vinha de fora. Essa força externa tomou sua mão, e enquanto Frodo observava com sua mente, não deliberadamente mas em estado de expectativa (como se estivesse assistindo a alguma distante história antiga), moveu a mão centímetro por centímetro na direção da corrente em seu pescoço. Então sua própria vontade se agitou; lentamente forçou a mão de volta e a pôs à busca de alguma outra coisa, uma coisa escondida perto de seu peito. Parecia fria e dura quando a mão se fechou em volta dela: o frasco de Galadriel, há tanto tempo guardado, e quase esquecido até aquele momento. Quando o tocou, por uns momentos todo o pensamento do Anel foi banido de sua mente. Suspirou e abaixou a cabeça.

Nessa hora o Rei dos Espectros se virou, cravou as esporas no lombo do cavalo e começou a atravessar a ponte, e toda a sua tropa escura o seguiu. Talvez os capuzes élficos tivessem desafiado seu olhar, e a mente de seu pequeno inimigo, fortalecida, tivesse desviado seu pensamento. Mas ele estava com pressa. A hora já tinha soado, e ao comando de seu grande Mestre ele devia marchar levando a guerra para o oeste.

Logo desapareceu, como uma sombra entrando na sombra, descendo a estrada tortuosa, e atrás dele ainda as fileiras negras atravessavam a ponte. Um exército tão grande nunca saíra daquele vale desde os dias do poder de Isildur; nenhuma tropa tão desumana e forte em armas houvera investido contra os vaus do Anduin; apesar disso, era apenas uma, e não a maior tropa que Mordor podia enviar.

Frodo se mexeu. E de repente seu coração buscou Faramir. "A tempestade finalmente irrompeu", pensou ele. "Esse grande conjunto de lanças e espadas está indo para Osgiliath. Poderá Faramir chegar a tempo? Ele supunha, mas será que realmente sabia a hora? E quem poderá proteger os vaus quando o Rei dos Nove Cavaleiros chegar? E outros exércitos virão. Estou atrasado demais. Tudo está perdido. Hesitei no caminho.

Tudo está perdido. Mesmo que consiga cumprir minha missão, ninguém jamais saberá.
Não haverá ninguém a quem eu possa contar. Terá sido em vão." Tomado de fraqueza,
Frodo chorou. E a tropa de Morgul ainda atravessava a ponte.
Então, a uma grande distância, como se saísse de lembranças do Condado,
nalguma tenra manhã ensolarada, quando o dia chegava e as portas estavam se abrindo,
Frodo ouviu a voz de Sam falando. — Acorde, Sr. Frodo! Acorde! — Se a voz tivesse
acrescentado: "Seu desjejum está pronto", ele mal se teria surpreendido.
Certamente Sam tinha pressa. — Acorde, Sr. Frodo! Eles se foram — disse ele.
Houve um clangor surdo. Os portões de Minas Morgul tinham se fechado. A

última fileira de lanças desaparecera pela estrada. A torre ainda arreganhava os dentes
através do vale, mas a sua luz estava sumindo. Toda a cidade voltava a mergulhar numa
sombra escura e sinistra, e no silêncio. Mesmo assim, ainda havia muita vigilância.
— Acorde, Sr. Frodo! Eles se foram, e é melhor irmos também. Ainda há alguma
coisa viva naquele lugar, alguma coisa com olhos, ou uma mente que vê, se o senhor me
entende; e quanto mais ficarmos parados em um ponto, mais depressa vão nos encontrar.
Vamos, Sr. Frodo!
Frodo levantou a cabeça, e então se pôs de pé. O desespero não o abandonara, mas
a fraqueza tinha passado. Ele até ensaiou um sorriso sério, sentindo agora claramente o
contrário do que sentira no momento anterior, que devia fazer o que precisava ser feito, se
pudesse, e que não vinha ao caso se Faramir ou Aragorn ou Elrond ou Galadriel ou
Gandalf, ou qualquer outra pessoa, saberiam ou não disso. Pegou seu cajado em uma mão
e o frasco na outra. Quando viu que a luz clara já começava a verter através de seus
dedos, colocou-o junto ao peito e o apertou contra o coração. Depois, dando as costas à
cidade de Morgul, agora não mais que um brilho cinzento através do fosso escuro, ele se
preparou para tomar a estrada que subia.
Gollum, ao que parecia, tinha fugido ao longo da borda para dentro da escuridão
mais além, quando os portões de Minas Morgul se abriram, deixando os hobbits onde
estavam. Agora voltava rastejando, com os dentes tiritando e os dedos estalando.
— Tolos! Idiotas! — chiou ele. — Apressem-se! Não devem pensar que o perigo
passou. Não passou. Apressem-se!
Eles não responderam, mas o seguiram pela borda ascendente.
Nenhum dos dois gostou muito daquilo, mesmo depois de terem enfrentado tantos
outros perigos; mas não durou muito. Logo a trilha atingiu um canto arredondado, onde a

encosta da montanha se projetava outra vez, e ali de repente entrava por uma abertura estreita na rocha. Tinham chegado á primeira escada sobre a qual Gollum havia falado. A escuridão era quase completa, e não conseguiam ver nada além do alcance das mãos; mas os olhos de Gollum brilhavam claros, alguns metros acima, quando se voltavam para eles.

— Cuidado! — sussurrou ele. — Degraus. Um monte de degraus. Devem ter cuidado!

Certamente era preciso cautela. Frodo e Sam num primeiro momento se sentiram mais tranqüilos, tendo agora uma parede de cada lado, mas a escadaria era quase tão íngreme quanto uma escada de mão, e conforme iam subindo ficavam mais conscientes do grande abismo negro atrás deles. E os degraus eram estreitos, com espaços irregulares, e frequentemente traiçoeiros: estavam gastos e lisos nas bordas, alguns estavam quebrados, e outros se rachavam no momento em que eram pisados.

Os hobbits iam subindo com esforço, até que no fim já se agarravam com dedos desesperados aos degraus à frente, forçando os joelhos doloridos a se dobrarem e depois se esticarem; e, enquanto a escada cortava seu caminho cada vez mais fundo dentro da montanha íngreme, as paredes rochosas se erguiam cada vez mais altas sobre suas cabeças.

Depois de muito tempo, exatamente na hora em que sentiam que não poderiam aguentar mais, viram os olhos de Gollum voltando-se para eles.

— Subimos — sussurrou ele. — A primeira escada já passou. Hobbits espertos, que sobem tão alto, hobbits muito espertos. Apenas mais alguns degraus e tudo estará terminado, é sim.

Zonzos e muito cansados, Sam, e Frodo atrás dele, arrastaram-se pelo último degrau, depois sentaram-se massageando as pernas e os joelhos. Estavam num corredor escuro e profundo que parecia ainda subir diante deles, embora com uma inclinação mais suave e sem degraus. Gollum não permitiu que descansassem por muito tempo.

— Ainda há outra escada — disse ele. — Escada muito mais comprida. Descansem quando chegarmos no topo da próxima escada. Ainda não!

Sam resmungou. — Você disse mais comprida? — perguntou ele.

— Sim, ssim, mais comprida — disse Gollum. — Mas não tão difícil. Os hobbits subiram a Escada Reta. Em seguida vem a Escada Tortuosa.

— E o que vem depois disso? — disse Sam.

— Veremos — disse Gollum baixinho. — É sim, veremos!

— Pensei que você tinha dito que havia um túnel – disse Sam. — Não há um túnel ou alguma coisa para se atravessar?

— Ah, sim, há um túnel — disse Gollum. — Mas os hobbits podem descansar antes de tentarmos isso. Se o atravessarem, estaremos quase no topo. Quase, quase, se eles atravessarem, é sim!

Frodo estremeceu. A subida o fizera suar, mas agora ele sentia seu corpo frio e pegajoso, e havia uma corrente de ar gelado no corredor escuro, soprando das alturas invisíveis. Levantou-se e mexeu o corpo. — Bem, vamos continuar! — disse ele. — Isto aqui não é lugar para se ficar sentado.

O corredor parecia continuar por milhas, e sempre o ar gelado soprava sobre eles, transformando-se, enquanto os três continuavam, num vento cortante. As montanhas pareciam estar tentando, com seu hálito mortal, intimidá-los, afastá-los dos segredos dos lugares altos, ou varrê-los para dentro da escuridão deixada para trás. Eles só perceberam que tinham chegado ao fim quando de repente deixaram de sentir a parede à sua direita.

Não conseguiam enxergar quase nada.

Grandes massas negras e disformes, sombras profundas e cinzentas assomavam acima e ao redor deles, mas de vez em quando uma opaca luz vermelha piscava lá no alto, sob as nuvens carrancudas, e por um momento eles puderam divisar picos altos, à frente e dos dois lados, como pilares sustentando um vasto teto propenso a ceder. Parecia que tinham escalado centenas de metros, chegando a um amplo patamar. Havia um penhasco à esquerda e uma fenda à direita.

Gollum foi na frente, mantendo-se próximo ao penhasco. Já não estavam mais subindo, mas o chão agora estava mais irregular e perigoso no escuro, e havia blocos e pedaços de pedra caídos no caminho. Avançavam lenta e cuidadosamente. Quantas horas haviam se passado desde a entra da no Vale Morgul Frodo e Sam já não conseguiam mais calcular. A noite parecia interminável.

Finalmente perceberam mais uma vez uma parede assomando, e outra vez uma escadaria se abriu diante deles. Pararam de novo, e mais uma vez começaram a subir.

Era uma escalada longa e cansativa; mas esta escadaria não afundava na encosta da montanha. Aqui a enorme face do penhasco inclinava-se para trás e a trilha, como uma cobra, ziguezagueava encosta acima. Em um ponto ela se aproximava da borda da fenda escura, e Frodo, olhando para baixo, viu, como um vasto poço profundo, o grande abismo na cabeceira do Vale Morgul. Em suas profundezas brilhava, como um fio de vaga-lumes, a estrada dos espectros que ia da Cidade Morta para a Passagem Inominada. Rapidamente voltou-se para o outro lado.

Sempre subindo, a escadaria fazia curvas e avançava, até que finalmente, num último lance, curto e reto, atingia de novo um outro nível. A trilha desviara da passagem principal no grande desfiladeiro, e agora seguia seu próprio curso perigoso, no fundo de uma fenda menor em meio às regiões mais altas das Ephel Dúath.

Os hobbits podiam vagamente discernir altos pilares e pináculos pontudos de pedra dos dois lados, entre os quais havia grandes rachaduras e fendas, mais negras que a noite, onde invernos esquecidos tinham corroído e esculpido a rocha esquecida pelo sol. E agora

a luz vermelha no céu parecia mais forte; embora não pudessem saber se uma manhã terrível realmente estava chegando àquele lugar de sombra, ou se estavam vendo apenas a chama de alguma grande violência de Sauron no tormento de Gorgoroth mais além. Ainda muito à frente e ainda muito acima Frodo, erguendo os olhos, viu o que supôs ser exatamente o coroamento daquela triste estrada. Contra a vermelhidão sombria do céu do leste, uma fenda se desenhava na borda mais alta, estreita, profunda, entre duas saliências negras; e em cada saliência havia um chifre de pedra.

Parou e olhou com mais atenção. O chifre à esquerda era esguio e alto, e nele queimava uma luz vermelha, ou então a luz vermelha da terra mais além estava brilhando através de um buraco. Agora ele via: era uma torre negra que se erguia acima da passagem extrema. Frodo tocou o braço de Sam e apontou.

— Não gosto nada daquilo! — disse Sam. — Então esta sua passagem secreta afinal de contas está sendo vigiada — rosnou ele, virando-se para Gollum.

— Como você já sabia, o tempo todo, eu suponho?

— Todos os caminhos são vigiados, é sim — disse Gollum. — Claro que são. Mas os hobbits precisam tentar algum caminho. Este pode ser menos vigiado. Talvez eles tenham todos ido embora, para a grande batalha, talvez!

— Talvez! — grunhiu Sam. — Bem, parece que ainda temos muito chão pela frente, e ainda temos de subir muito antes de chegarmos lá. E ainda há o túnel. Acho que o senhor devia descansar agora, Sr. Frodo. Não sei que horas são do dia ou da noite, mas estamos caminhando há muitas e muitas horas.

— Sim, precisamos descansar — disse Frodo. — Vamos achar algum canto protegido do vento, e reunir nossas forças — para a etapa final. — Era isso o que ele sentia. Os terrores

da terra além, e o feito a ser realizado lá, pareciam ainda remotos, remotos demais para se preocupar. Toda a sua mente estava concentrada em atravessar ou livrar-se daquela parede e daquela guarda impenetráveis. Se uma vez conseguisse realizar aquela coisa impossível, então de alguma forma a missão seria cumprida, ou assim lhe parecia naquela hora escura de cansaço, ainda lutando nas sombras rochosas sob Cirith Ungol.

Numa fenda escura entre dois pilares de pedra eles se sentaram: Frodo e Sam na parte interna, e Gollum agachado no chão perto da abertura. Ali os hobbits fizeram o que imaginavam ser sua última refeição antes de descer à Terra Inominada, talvez a última que fariam juntos. Comeram um pouco da comida de Gondor, e pedaços do pão-deviagem dos elfos, e beberam. Mas estavam racionando a água e beberam apenas o suficiente para molhar as bocas secas.

— Pergunto-me quando encontraremos água de novo – disse Sam. — Mas suponho que mesmo lá eles bebam. Os orcs bebem, não bebem?

— Sim, eles bebem — disse Frodo. — Mas não vamos falar nisso. Aquela bebida não é para nós.

— Então é maior ainda a necessidade de enchermos nossas garrafas — disse Sam. — Mas não há água aqui em cima: não ouvi nenhum ruido ou borbulho. E de qualquer forma Faramir nos disse que não bebêssemos água nenhuma em Morgul.

— Nenhuma água que venha de Imlad Morgul, foram suas palavras — disse Frodo. — Não estamos naquele vale agora, e, se encontrássemos uma nascente, ela estaria correndo para ele, e não dele.

— Eu não confiaria nisso — disse Sam —, não até estar morrendo de sede. Há uma sensação maligna neste lugar. — Sam farejou. — E um cheiro, eu acho. O senhor está percebendo? Um tipo estranho de cheiro, abafado. Não gosto dele.

— Não gosto de nada por aqui — disse Frodo —, pedra ou poço, água ou osso. Terra, ar e água, tudo parece amaldiçoado. Mas nessa direção vai nossa trilha.

— É, é isso mesmo — disse Sam. — E de modo algum estaríamos aqui se estivéssemos mais bem informados antes de partir. Mas suponho que seja sempre assim. Os feitos corajosos das velhas canções e histórias, Sr. Frodo: aventuras, como eu as costumava chamar. Costumava pensar que eram coisas à procura das quais as pessoas maravilhosas das histórias saiam, porque as queriam, porque eram excitantes e a vida era

um pouco enfadonha, um tipo de esporte, como se poderia dizer. Mas não foi assim com as histórias que realmente importaram, ou aquelas que ficam na memória. As pessoas parecem ter sido simplesmente embarcadas nelas, geralmente — seus caminhos apontavam naquela direção, como se diz. Mas acho que eles tiveram um monte de oportunidades, como nós, de dar as costas, apenas não o fizeram. E, se tivessem feito, não saberíamos, porque eles seriam esquecidos. Ouvimos sobre aqueles que simplesmente continuaram — nem todos para chegar a um final feliz, veja bem; pelo menos não para chegar àquilo que as pessoas dentro de uma história, e não fora dela, chamam de final feliz. O senhor sabe, voltar para casa, descobrir que as coisas estão muito bem, embora não sejam exatamente iguais ao que eram — como aconteceu com o velho Sr. Bilbo. Mas essas não são sempre as melhores histórias de se escutar, embora possam ser as melhores histórias para se embarcar nelas! Em que tipo de história teremos caído?

— Também fico pensando — disse Frodo. — Mas não sei. E é assim que acontece com uma história de verdade. Pegue qualquer uma de que você goste. Você pode saber, ou supor, que tipo de história é, com final triste ou final feliz, mas as pessoas que fazem parte dela não sabem. E você não quer que elas saibam.

— Não, senhor, claro que não. Veja o caso de Beren: ele nunca pensou que ia pegar aquela Silmaril da Corôa de Ferro em Thangorodrim. E apesar disso ele conseguiu, e aquele lugar era pior e o perigo era mais negro que o nosso. Mas é uma longa história, é claro, e passa da alegria para a tristeza e além dela — e a Silmaril foi adiante e chegou a Eãrendil. E veja, senhor, eu nunca tinha pensado nisso antes! Nós temos — o senhor tem um pouco da luz dele naquela estrela de cristal que a Senhora lhe deu! Veja só, pensando assim, estamos ainda na mesma história! Ela está continuando. Será que as grandes histórias nunca terminam?

— Não, nunca terminam como histórias — disse Frodo. — Mas as pessoas nelas vêm e vão quando seu papel termina. Nosso papel vai terminar mais tarde — ou mais cedo.

— E então poderemos descansar e dormir um pouco – disse Sam. Sorriu de um

modo sombrio. — E quero dizer exatamente isso, Sr. Frodo. Quero dizer um simples descanso comum, e sono, e acordar para uma manhã de trabalho no jardim. Receio que isso seja tudo que estou esperando todo o tempo. Todos os grandes planos importantes não são para pessoas como eu. Mesmo assim, fico imaginando se seremos colocados em canções e histórias. Estamos numa, é claro; mas quero dizer: transformados em palavras, o senhor sabe, contadas perto da lareira, ou lidas de grandes livros com letras pretas e vermelhas, anos e anos depois. E as pessoas vão dizer: “Vamos escutar sobre Frodo e o Anel!” E eles vão dizer: “Sim, essa é uma de minhas histórias favoritas. Frodo foi muito corajoso, não foi, papai?” Sim, meu filho, o mais famoso dos hobbits, e isso significa muito.”

— Significa muito demais — disse Frodo e riu, um riso longo e claro, que vinha do fundo de seu coração. Um som assim não se ouvia naquelas partes desde que Sauron chegara à Terra-média. Sam de repente teve a impressão de que todas as pedras estavam escutando e todas as rochas se debruçavam sobre eles. Mas Frodo não deu atenção a elas e riu de novo. — Olhe, Sam, ouvir você me faz rir como se a história já estivesse escrita. Mas você deixou de fora um dos principais personagens Samwise, o bravo. “Quero ouvir mais sobre Sam, papai. Por que ele não falou mais coisas, papai? É disso que eu gosto.

Acho engraçado. E Frodo não teria ido muito longe sem Sam, teria, papai?”

— Ora, Sr. Frodo — disse Sam -: o senhor não devia caçoar. Eu estava falando sério.

— Eu também estava — disse Frodo. — Eu também estou. Estamos indo meio rápido demais. Você e eu, Sam, ainda estamos enfiados nos piores lugares da história, e é bem provável que alguns digam neste ponto: “Feche o livro, papai, não queremos ler mais nada.”

— Pode ser — disse Sam -:” mas eu não diria isso. Coisas feitas e terminadas, que já fazem parte das grandes histórias, são diferentes. Veja bem, até Gollum poderia ser bom numa história, melhor do que tê-lo ao seu lado, de qualquer forma. E houve um tempo em

que ele mesmo gostava de histórias, por conta própria. Será que ele se considera o herói ou o vilão?

— Gollum! — chamou ele — Você gostaria de ser o herói ora, onde ele se meteu de novo?

Não havia sinal de Gollum na abertura do patamar onde estavam, nem nas sombras ao redor. Recusara a comida deles, embora tivesse aceitado, como de costume, um gole de água; depois aparentemente se aconchegara para dormir. Os hobbits tinham suposto que pelo menos um de seus objetivos durante sua longa ausência do dia anterior fora procurar comida que lhe apetecesse, e agora ele evidentemente fugira de novo, enquanto os dois conversaram. Mas para quê, desta vez?

— Não gosto que ele desapareça sem avisar — disse Sam. — Muito menos agora. Não pode estar procurando comida aqui em cima, a não ser que haja algum tipo de rocha que lhe apeteça. Por aqui não existe nem um pouquinho de musgo!

— Não adianta nos preocuparmos com ele agora – disse Frodo. — Não teríamos ido longe, nem teríamos chegado a ver a passagem, sem ele, e por isso vamos ter de aturar o jeito dele. E, se ele é falso, então é falso.

— Mesmo assim, preferia tê-lo diante de meus olhos – disse Sam. — Ainda mais se ele for falso. O senhor se recorda de que ele nunca disse se a passagem era ou não vigiada? E agora vemos uma torre lá — que pode estar abandonada, e pode não estar. O senhor acha que ele foi buscá-los, orcs ou o que quer que sejam?

— Não, acho que não — respondeu Frodo. — Mesmo que esteja se ocupando com alguma maldade, não acho que seja isso: não buscando orcs, ou qualquer servidor do Inimigo. Por que teria esperado até agora, e passado por todo o trabalho da subida, e chegado tão perto do lugar que teme? Provavelmente poderia ter-nos entregado aos orcs muitas vezes desde que o encontramos. Não, se houver alguma coisa, será algum pequeno truque particular e próprio, que ele considera muito secreto.

— Bem, acho que o senhor tem razão, Sr . Frodo — disse Sam.

— Não que isso me console muito. E eu não me engano: não duvido que ele me entregaria aos orcs com a mesma satisfação com a qual estenderia a mão para que fosse beijada. Mas eu estava esquecendo o Precioso. Não, creio que todo o tempo foi O Precioso para o pobre Sméagol. Essa é a única idéia em todos os pequenos planos dele, se

é que ele tem algum. Mas como nos trazer aqui vai ajudá-lo nesses planos é mais do que
posso adivinhar.
— Muito provavelmente nem mesmo ele pode adivinhar — disse Frodo.
— E não acho que ele tenha apenas um plano definido naquela cabeça confusa.
Acho que realmente, em parte, ele está tentando salvar seu Precioso do Inimigo, enquanto
puder. Pois seria o desastre final para ele também, se o Inimigo o conseguisse. E por outro
lado, talvez, ele esteja apenas ganhando tempo e aguardando uma oportunidade.
— É, Caviloso e Fedegoso, como eu já disse – continuou Sam. — Mas quanto mais
chegarem perto da terra do Inimigo, mais parecido com Fedegoso Caviloso ficará. Guarde

minhas palavras: se conseguirmos chegar até a passagem, ele realmente não vai permitir
que levemos a coisa preciosa através da fronteira sem arranjar algum tipo de problema.
— Ainda não chegamos lá — disse Frodo.
— Não, mas é melhor ficarmos de olhos abertos até chegarmos. Se formos pegos
cochilando, Fedegoso vai dar a volta por cima bem rápido. Mesmo assim seria seguro o
senhor dar uma dormidinha agora, mestre. Seguro, se se deitar perto de mim. Ficaria
muito satisfeito em vê-lo dormindo. Eu ficaria vigiando; e de qualquer forma, se o senhor
se deitar perto, com meu braço em volta de seu corpo, ninguém poderia tocá-lo sem que o
seu Sam ficasse sabendo.
— Dormir! — disse Frodo e suspirou, como se num deserto tivesse avistado uma
miragem de frescor verde. — Sim, até mesmo aqui eu conseguiria dormir.
— Então durma, mestre! Deite sua cabeça em meu colo.
E assim Gollum os encontrou horas mais tarde, quando retornou, arrastando-se
pela trilha, saindo da escuridão adiante. Sam estava sentado, recostado na pedra, a cabeça
caindo de lado e com a respiração pesada. Em seu colo a cabeça de Frodo, imersa num
sono profundo; sobre sua fronte branca descansava uma das mãos morenas de Sam, e a
outra pousava suavemente sobre o peito de seu mestre. Havia paz no rosto dos dois.
Gollum olhou para eles. Uma expressão estranha passou por seu rosto magro e
faminto. Apagou-se o brilho de seus olhos, que ficaram opacos e cinzentos, velhos e
cansados. Um espasmo de dor pareceu contorcer seu corpo, e ele se virou, olhando para
trás na direção da passagem, balançando a cabeça, como se empenhado em alguma
discussão interior. Depois voltou, e lentamente, estendendo uma mão trêmula, com todo o

cuidado tocou o joelho de Frodo — mas o toque foi quase uma carícia. Por um momento
fugaz, se os que dormiam pudessem tê-lo visto, pensariam que estavam observando um
velho hobbit cansado, encolhido pelos anos que o tinham carregado para longe de seu
tempo, para longe dos amigos e parentes, e dos campos e riachos da juventude, um ser
velho e faminto merecedor de compaixão.

Mas àquele toque Frodo se mexeu e chamou baixinho em seu sono, e
imediatamente Sam despertou completamente. A primeira coisa que viu foi Gollum —
“passando as patas no mestre”, como pensou.

— Ei, você! — disse ele num modo áspero. — Que está fazendo?

— Nada, nada — disse Gollum baixinho. — Mestre bonzinho!

— Sem dúvida — disse Sam. Mas onde você esteve — safando-se sorrateiramente e
voltando do mesmo jeito, seu velho vilão?

Gollum se retirou, e um brilho verde faiscou sob suas pálpebras pesadas. Agora
quase parecia uma aranha, agachado sobre as pernas dobradas, com seus olhos
protuberantes. O momento fugaz passara e não poderia mais ser relembrado.

— Safando-me, safando-me! — chiou ele. — Os hobbits são sempre tão educados, é
sim. O hobbits bonzinhos! Sméagol os traz por caminhos secretos que ninguém mais
poderia encontrar. Está cansado, está com sede, é sim, com sede; e ele os leva e procura
trilhas, e então eles dizem safado, safado. Amigos muito bonzinhos, é sim, meu precioso,
muito bonzinhos.

Sam sentiu um pouco de remorso, embora não sentisse mais confiança.

— Sinto muito — disse ele. — Sinto muito, mas você me assustou e me acordou de
meu sono. E eu não deveria estar dormindo, e isso me fez ser um pouco rude. Mas o Sr.
Frodo está muito cansado, e eu pedi que ele tirasse um cochilo; e, bem, foi isso que
aconteceu. Sinto muito. Mas onde você esteve?

— Safei-me sorrateiramente — disse Gollum, e o brilho verde não abandonava seus
olhos.

— Oh, muito bem — disse Sam —, diga como quiser! Não acho que está muito longe
da verdade. E agora é melhor todos nós começarmos a nos safar sorrateiramente juntos.
Que horas são? É hoje ou amanhã?

— É amanhã — disse Gollum —, ou era amanhã quando os hobbits foram dormir.
Muito tolos, muito perigoso — se o pobre Sméagol não estivesse por aí, vigiando
sorrateiramente.

— Acho que logo vamos enjoar dessa palavra — disse Sam. — Mas não se incomode,
eu vou acordar o mestre. — Suavemente afastou o cabelo da fronte de Frodo, e curvando-se
falou-lhe baixinho.
— Acorde, Sr. Frodo! Acorde!
Frodo se mexeu, abriu os olhos e sorriu, vendo o rosto de Sam debruçado sobre o
dele. — Está me chamando cedo, não é, Sam? — disse ele.
— Ainda está escuro!
— Sim, está sempre escuro aqui — disse Sam. — Mas Gollum voltou, Sr. Frodo, e diz
que já é amanhã. Então devemos ir andando. O inicio do fim.
Frodo respirou fundo e se sentou. — O inicio do fim! — disse ele.
— Olá, Sméagol! Achou alguma comida? Você descansou?
— Sem comida, sem descanso, nada para Sméagol – disse Gollum. — Ele é um
safado.
Sam estalou a língua, mas se conteve.
— Não dê nomes a si mesmo, Sméagol — disse Frodo. — Não é uma atitude
inteligente, sejam eles verdadeiros ou falsos.
— Sméagol precisa aceitar o que lhe é dado – respondeu Gollum. — Quem lhe deu
esse nome foi o gentil Mestre Samwise, o hobbit que é tão inteligente.
Frodo olhou para Sam.
— Sim, senhor — disse ele. — Eu usei essa palavra, quando acordei de meu sono de
repente e tudo o mais, e o encontrei por perto. Eu disse que estava arrependido, mas logo
não vou estar mais.
— Vamos lá, deixem isso de lado então — disse Frodo. — Mas agora parece que
chegamos ao ponto, você e eu, Sméagol. Diga-me. Agora nós podemos achar o caminho
sozinhos? Estamos vendo a passagem, uma entrada, e, se pudermos encontrá-la agora,
então acho que nosso acordo pode terminar aqui. Você fez o que prometeu, e está livre:
livre para procurar comida e descanso, aonde quer que deseje ir, exceto para os servidores
do Inimigo. E um dia poderei recompensá-lo, eu ou aqueles que se lembrarem de mim.
— Não, não, ainda não — choramingou Gollum. — Oh, não! Eles não podem encontrar
o caminho sozinhos, podem? Não, de jeito nenhum. O túnel está se aproximando.
Sméagol precisa continuar. Sem comida. Sem descanso. Por enquanto.

CAPÍTULO IX
A TOCA DE LARACNA

Podia realmente ser dia agora, como dizia Gollum, mas os hobbits quase não
notavam diferença alguma, a não ser talvez pelo céu, que estava um pouco menos escuro,

parecendo um grande teto de fumaça, enquanto em vez da escuridão da noite profunda,
que ainda perdurava em fendas e buracos, uma sombra cinzenta e indistinta cobria o
mundo rochoso ao redor deles. Foram adiante, Gollum na frente e os hobbits agora lado a
lado, subindo o longo desfiladeiro entre pilares e colunas de rocha dilacerada e gasta, que
se erguiam como imensas estátuas disformes dos dois lados. Não se ouvia som algum.
Um pouco à frente, talvez uma milha ou mais, havia uma grande muralha, uma última
massa de rocha que se arremessava para o alto.
Cada vez mais escura assomava, elevando-se gradativamente conforme iam se
aproximando, até subir muito além das cabeças deles, barrando a visão de tudo o que
ficava além. Uma sombra profunda jazia aos seus pés. Sam farejou o ar.
— Ugh! Aquele cheiro! — disse ele. — Está ficando cada vez mais forte. De repente
estavam sob a sombra, e ali no meio dela viram a abertura de uma caverna.
— A entrada é por ali — disse Gollum baixinho. — Esta é a entrada do túnel. — Não
disse o nome: Torech Ungol, Toca de Laracna. Dele vinha um fedor, não o cheiro
repugnante de podridão dos prados de Morgul, mas um odor nauseabundo, como se uma
imundície inominável estivesse empilhada e guardada na escuridão lá dentro.
— É o único caminho, Sméagol? — perguntou Frodo.
— É, sim — respondeu ele. — Sim, devemos ir por aqui agora.
— Você está querendo dizer que já atravessou este buraco? — disse Sam.
— Arre! Mas talvez você não se incomode com cheiros ruins.
Os olhos de Gollum cintilaram. — Ele não sabe com o que nós se incomoda, não é,
precioso? Não, ele não sabe. Mas Sméagol pode aturar coisas. Sim, ele atravessou. É sim,
atravessou exatamente por ali. É o único caminho.
— E o que produz esse cheiro, eu gostaria de saber – disse Sam. — Parece... bem, não
gostaria de dizer. Algum buraco abominável de orcs, eu garanto, com uns cem anos da
sujeira deles lá dentro.
— Bem — disse Frodo. — Com ou sem orcs, se for o único caminho, devemos tomá-lo.
Respiraram fundo e entraram. Alguns passos e já estavam num a escuridão total e
impenetrável. Só nos corredores sem luz de Moria Frodo e Sam não tinham visto
escuridão semelhante, e se possível aqui ela era mais profunda e mais densa. Lá havia
ares circulando, e ecos, e uma sensação de espaço. Onde estavam agora o ar era parado,
estagnado, pesado, e o silêncio era total.
Caminhavam por assim dizer num vapor negro, composto da própria escuridão em

si mesma que, quando era inalada, trazia cegueira não apenas para os olhos, mas também para a mente, de modo que até a lembrança de cores e formas e de qualquer luz se apagavam do pensamento.

A noite sempre existira, e sempre existiria, e a noite era tudo.

Mas por um tempo eles ainda conservaram o tato, e na verdade a sensibilidade de seus pés e mãos pareceu a princípio se aguçar quase dolorosamente. As paredes eram, para a surpresa deles, lisas; o chão, com a exceção de um ou outro degrau que surgia de vez em quando, era reto e regular, sempre subindo com a mesma inclinação acentuada. O túnel era alto e amplo, tão amplo que, embora os hobbits caminhassem lado a lado, apenas tocando as paredes laterais com os braços abertos, estavam separados, isolados na

escuridão.

Gollum tinha entrado primeiro, e parecia estar apenas alguns passos à frente.

Enquanto ainda conseguiam dar atenção a coisas desse tipo, os hobbits ouviam sua respiração chiada e ofegante bem na frente deles. Mas depois de um tempo seus sentidos ficaram menos aguçados, o tato e a audição pareciam estar adormecendo, e eles continuavam, tateando, caminhando, sempre em frente, principalmente pela força de vontade com a qual tinham entrado, vontade de atravessar e desejo de chegar finalmente ao alto portão que ficava mais além.

Ainda não tinham avançado muito, talvez, mas a noção de tempo e distância logo havia desaparecido de sua mente; Sam, à direita, tateando a parede, percebeu a presença de uma abertura lateral: por um momento detectou um sopro fraco de algum ar menos pesado, que logo ficou para trás.

— Há mais de um corredor aqui — sussurrou ele com um esforço: parecia difícil fazer com que sua respiração produzisse algum ruido. — É o lugar mais parecido com moradias de orcs que poderia existir!

Depois disso, primeiro ele à direita, e depois Frodo à esquerda, passaram por três ou quatro dessas aberturas, algumas mais largas, outras menores; mas por enquanto não havia dúvidas quanto ao caminho principal, pois era reto, e não fazia curvas, e ainda continuava subindo sempre. Mas qual seria seu comprimento, e quanto mais daquilo teriam de aturar, ou conseguiriam aturar? O ar ficava cada vez mais irrespirável conforme subiam, e agora eles tinham frequentemente a sensação de estarem, naquela escuridão

cega, experimentando alguma resistência mais espessa que o ar pestilento. Enquanto se lançavam à frente, sentiam coisas roçarem contra suas cabeças, ou suas mãos, longos tentáculos, ou plantas penduradas talvez: não conseguiam saber o que eram. E o fedor ainda aumentava. Aumentou até quase ficarem com a impressão de que o olfato era o único sentido que lhes restava, e isso para o tormento deles. Uma hora, duas horas, três horas: quantas se tinham passado naquele buraco sem luz? Horas, dias, talvez semanas.

Sam se afastou da lateral do túnel e se achegou na direção de Frodo, e as mãos deles se encontraram e se apertaram, e desse modo, juntos, eles continuaram sempre em frente.

Finalmente Frodo, tateando ao longo da parede á esquerda, descobriu de repente uma lacuna. Quase caiu de lado, dentro do vazio. Ali havia alguma abertura na rocha muito maior do que qualquer outra pela qual tinham passado; e dela vinha um cheiro tão nauseabundo, e uma sensação tão intensa de maldade à espreita, que Frodo cambaleou.

Naquele momento 8am também perdeu o equilíbrio e caiu para a frente.

Lutando ao mesmo tempo contra a ânsia de vômito e o medo, Frodo agarrou a mão de Sam. — Levante-se! — disse ele numa respiração rouca e surda. — Tudo vem daqui, o fedor e o perigo. Vamos embora! Rápido!

Reunindo a força e a resolução que lhe restavam, colocou Sam de pé, e forçou as próprias pernas a se moverem. Sam tropeçava ao lado dele.

Um passo, dois passos, três passos — finalmente seis passos. Talvez tivessem passado a terrível abertura invisível, mas, fosse ou não por isso, de repente os movimentos ficaram mais fáceis, como se alguma vontade má os tivesse libertado por um tempo.

Avançaram com muito esforço, ainda de mãos dadas.

Mas quase imediatamente encontraram uma nova dificuldade. O túnel se bifurcava, ou assim parecia, e no escuro não conseguiam saber qual era o caminho mais largo, ou qual deles ficava mais próximo do caminho direto. Qual deveriam tomar, o da direita ou o da esquerda? Não sabiam de nada que pudesse guiá-los, e no entanto uma escolha errada certamente seria fatal.

— Por qual caminho Gollum foi? — perguntou Sam ofegante. — E por que não esperou?

— Sméagol! — disse Frodo, tentando chamá-lo. — Sméagol! — mas sua voz era um grasnido, e o nome morreu quase no mesmo momento em que deixou seus lábios.

Não houve resposta, nem um eco, nem mesmo um tremor no ar.
— Acho que desta vez ele realmente se foi — murmurou Sam. — Acho que sua
intenção era nos trazer exatamente para este lugar. Gollum! Se algum dia conseguir
colocar-lhe as mãos em cima, ele vai se arrepender disso.
De repente, tateando e apalpando no escuro, perceberam que a abertura à esquerda
estava bloqueada: ou não tinha saída, ou alguma grande pedra caíra na passagem.
— Este não pode ser o caminho — sussurrou Frodo.
— Certo ou errado, devemos tomar o outro.
— E logo! — ofegou Sam. — Há alguma coisa pior que Gollum por aqui. Posso sentir
algo nos observando.
Não tinham avançado mais que alguns metros quando ouviram um som que se
aproximava por trás, assustador e horrível no silêncio pesado, abafado, um som
gorgolejante, borbulhante, e um chiado longo e venenoso.
Viraram-se, mas não conseguiram ver nada. Ficaram parados como pedras,
observando, esperando, sem saber o que.
— É uma armadilha! — disse Sam, colocando a mão sobre o punho de sua espada; e
no momento em que fez isso, pensou na escuridão do túmulo de onde ela vinha.
“Gostaria que o velho Tom estivesse por perto agora!”, pensou ele.
Depois, parado, com a escuridão ao redor e um negrume de desespero e raiva em
seu coração, teve a impressão de ver uma luz: uma luz em sua mente, quase
insuportavelmente clara no início, como um raio de sol para os olhos de alguém há muito
tempo escondido numa caverna sem janelas. Depois a luz ficou colorida. Verde, dourada,
prateada, branca. Distante, como se estivesse num pequeno quadro desenhado por dedos
élficos, Sam viu a Senhora Galadriel, em pé sobre a relva de Lórien, e havia presentes nas
mãos dela. E para você, portador do Anel, ele a ouviu dizer, numa voz remota mas clara,
para você eu preparei isto.
O chiado borbulhante se aproximou e ouviu-se um rangido, como se uma grande
criatura com muitas juntas estivesse se movendo deliberadamente devagar no escuro. Um
cheiro pestilento a precedia. — Mestre, mestre! — gritou Sam, o tom vivo e insistente
voltando à sua voz. — o presente da Senhora! A estrela de cristal!
Uma luz para o senhor em lugares escuros, foi o que ela disse que seria.
A estrela de cristal!
— A estrela de cristal? — murmurou Frodo, como alguém que responde enquanto
dorme, quase sem entender. — Oh, sim! Por que a esqueci? Uma luz para quando todas as
outras luzes se apagarem! Realmente agora só a luz pode nos ajudar.
Lentamente aproximou a mão do peito, e devagar ergueu o Frasco de Galadriel.
Por um momento ele tremeluziu, fraco como uma estrela que sobe, lutando contra as

pesadas névoas caindo sobre a terra, e então, à medida que seu poder crescia e aumentava
a esperança no coração de Frodo, começou a queimar e se acendeu numa chama de prata,
um coração diminuto de luz ofuscante, como se o próprio Eãrendil tivesse descido dos
altos caminhos do pôr-do-sol com a última Silmaril em sua fronte.
A escuridão se afastou do Frasco até que a luz pareceu brilhar no centro de um
globo de cristal tênue, e a mão que o segurava coruscava com um fogo branco.
Frodo fitou assombrado aquele presente maravilhoso que havia carregado por tanto

tempo, sem imaginar todo o seu valor e potência.
Raras vezes se lembrara dele na estrada, até que chegaram ao Vale Morgul, e
nunca o usara por medo de sua luz reveladora.
— Aiya Eãrendil Elenion Ancalima! — gritou ele, sem saber o que tinha dito, pois
parecia que outra voz falara através da sua, límpida, não molestada pelo ar pestilento da
caverna.Mas há outros poderes na Terra-média, forças da noite, que são antigas e
poderosas. E Aquela que andava na escuridão ouvira os elfos gritando aquele grito
antigamente, nas profundezas do tempo, e não dera importância a ele, que também não a
amedrontava agora. No momento em que Frodo falou, sentiu uma grande força maligna
pesar sobre si, e um olhar mortal examinando a sua pessoa. Não muito distante no túnel,
entre eles e a abertura onde tinham cambaleado e tropeçado, ele percebeu olhos ficando
cada vez mais visíveis, dois grandes aglomerados de olhos com muitas janelas — a ameaça
que se aproximava finalmente se desmascarou. A radiação da estrela de cristal se partiu
naqueles milhares de facetas e foi lançada de volta, mas atrás do clarão um fogo pálido e
mortal começou a brilhar fixo lá dentro, uma chama acesa em alguma escura caverna de
pensamento maligno. Eram olhos monstruosos e abomináveis, bestiais e ao mesmo tempo
cheios de propósito e de um prazer horrendo, exultando sobre suas vítimas, presas e sem
qualquer esperança de escaparem.
Frodo e Sam, tomados de terror, começaram a recuar devagar, a própria vista presa
do olhar terrível daqueles maléficos olhos; mas, conforme recuavam, os olhos
avançavam. A mão de Frodo vacilou e lentamente o Frasco foi descendo. Então, de
repente, libertados do fascínio que os prendia a fim de que pudessem correr um pouco em
pânico inútil, para o divertimento dos olhos, os dois se viraram e correram juntos; mas no

momento em que arrancaram Frodo se virou e viu aterrorizado que imediatamente os
olhos começaram a persegui-los aos saltos. O odor de morte era como uma nuvem ao seu
redor.
— Pare! Pare! — gritou ele desesperado. — Não adianta correr.
Lentamente os olhos se aproximaram.
— Galadriel! — chamou ele, e criando coragem ergueu o Frasco mais uma vez. Os
olhos pararam. Por um momento a expressão neles se abrandou, como se alguma sombra
de dúvida os afligisse. Então o coração de Frodo ferveu dentro dele, e, sem pensar no que
estava fazendo, se era loucura ou desespero ou coragem, ele pegou o Frasco com a mão
esquerda, e com a direita puxou sua espada. Ferroada reluziu, e a afiada lâmina élfica
faiscou na luz prateada, mas nas bordas adejava um fogo azul. Então, erguendo a estrela e
brandindo a espada, Frodo, hobbit do Condado, deu passos firmes em direção aos olhos.
Os olhos vacilaram. Iam-se enchendo de dúvidas conforme a luz se aproximava.
Um a um foram escurecendo, e devagar recuaram. Nenhum clarão tão mortal jamais os
afligira antes. Do sol, da lua e das estrelas eles tinham estado a salvo no subterrâneo, mas
agora uma estrela penetrara o próprio coração da terra. A luz ainda se aproximava, e os
olhos começavam a enfraquecer.
Um a um todos se apagaram; viraram-se e um grande corpo, além do alcance da
luz, içou sua enorme sombra no espaço escuro. Desapareceram.
— Mestre, mestre! — gritou Sam. Estava logo atrás, com sua espada em punho e
preparada. — Estrelas e glória! Mas os elfos fariam uma canção sobre isso, se viessem a
saber o que aconteceu aqui! E que eu possa viver para contar — lhes e escutá-los cantar.
Mas não avance mais, mestre. Não desça naquele fosso. Agora é nossa única
oportunidade. Vamos sair deste buraco imundo!
E assim viraram-se mais uma vez, primeiro andando, depois correndo; pois

conforme avançavam o chão da caverna começou a subir vertiginosamente, e a cada
passo eles ficavam mais acima dos fedores da toca invisível, e a força retomou aos
corações e às pernas. Mas ainda o ódio da Vigia espreitava atrás deles, cego talvez por um
período, mas não derrotado, ainda determinado a matar. E agora um sopro de ar veio ao
encontro deles, frio e leve. A abertura, o fim do túnel, finalmente estava ali. Ofegantes,

ansiando por um lugar descoberto, os hobbits se jogaram para a frente; então, surpresos, cambalearam e caíram para trás.

A saída estava bloqueada por algum tipo de barreira, que não era feita de pedra: parecia macia e um pouco elástica, e ao mesmo tempo forte e impenetrável; o ar passava por ela, mas não se via qualquer sinal de luz. Mais uma vez avançaram e foram arremessados para trás.

Erguendo o Frasco, Frodo olhou e viu à sua frente algo cinzento que a radiação da estrela de cristal não atravessava e não iluminava, como se fosse uma sombra que, não sendo projetada por luz alguma, nenhuma luz podia dissipar.

Cruzando a extensão horizontal e vertical do túnel, uma grande teia fora tecida, metodicamente como a teia de uma enorme aranha, mas com uma textura mais densa e muito maior, e cada fio era grosso como uma corda.

Sam riu de modo sinistro. — Teias de aranha! — disse ele. — Isso é tudo? Mas que aranha! Vamos a elas, acabemos com elas!

Num acesso de fúria, golpeou as teias com sua espada, mas o fio atingido não se quebrou. Cedeu um pouco e depois saltou de volta como a corda esticada de um arco, desviando a lâmina e empurrando para o alto tanto a espada quanto o braço. Três vezes Sam golpeou com toda a sua força, e finalmente uma única entre as inúmeras cordas se partiu e se torceu, enrolando-se e chicoteando o ar.

Uma extremidade açoitou a mão de Sam, que gritou de dor, recuando e levando a mão à boca.

— Vai levar dias até que consigamos abrir caminho desse jeito — disse ele. — Que devemos fazer? Aqueles olhos retornaram?

— Não que eu tenha visto — disse Frodo. — Mas ainda sinto que estão me observando, ou pensando em mim: fazendo algum outro plano, talvez. Se essa luz diminuísse, ou se falhasse, logo eles voltariam.

— Sem saída, no fim! — disse Sam num tom amargo, com o ódio subindo de novo acima do cansaço e do desespero. — Moscas numa teia. Que a praga de Faramir pegue aquele Gollum, e pegue depressa!

— Isso não nos ajudaria em nada — disse Frodo. — Venha! Vamos ver o que Ferroada pode fazer. É uma lâmina élfica. Havia teias de horror nos abismos escuros de Beleriand onde foi forjada. Mas você deve ser o vigia e afastar os olhos. Aqui, pegue a estrela de cristal. Não tenha medo. Segure bem alto e fique atento!

Então Frodo se aproximou da grande teia cinzenta, e a atacou com um grande

golpe de espada, forçando a borda afiada através de uma rede de cordas firmemente
tecida, e imediatamente saltou para trás. Com seu brilho azulado a lâmina cortou os fios
como uma foice corta a grama, e eles recuaram e se retorceram, e depois ficaram soltos.
Um grande rasgo fora feito.
Golpe a golpe foi trabalhando, até que finalmente toda a teia ao seu alcance estava
despedaçada, e a parte superior ficou esvoaçando e balançando no vento que entrava. A
armadilha estava desfeita.
— Venha! — gritou Frodo. — Vamos! Vamos! — De súbito sua mente se encheu de uma
alegria alucinada por terem conseguido escapar exatamente na beira do desespero.
A cabeça do hobbit girava como se estivesse sob o efeito de um vinho possante.

Deu um salto, e gritou conforme saltava.
Aquele lugar escuro parecia claro para seus olhos, que tinham passado pelo fosso
da noite. A grande concentração de fumaça tinha subido e ficado mais tênue, e as últimas
horas de um dia sombrio estavam terminando; o brilho vermelho de Mordor tinha se
extinguido numa escuridão melancólica. Mas Frodo tinha a impressão de estar olhando
para uma manhã de súbita esperança. Tinha quase atingido o topo da muralha. Só tinha de
subir mais um pouco. A Fenda, Cirith Ungol, estava diante dele, um desfiladeiro escuro
na cordilheira negra, e os chifres de pedra escurecendo no céu dos dois lados. Uma
pequena corrida, uma corrida de curta distância, e ele teria atravessado!
— A passagem, Sam — gritou ele, sem dar atenção ao tom agudo de sua voz, que,
liberta dos ares sufocantes do túnel, agora ecoava alta e forte. — A passagem! Corra, corra,
e conseguiremos passar — passar antes que alguém possa nos impedir!
Sam veio atrás com a maior velocidade que conseguiu imprimir às suas pernas;
mas mesmo estando alegre por estar livre, sentia-se inquieto, e, enquanto corria, repetidas
vezes olhava para trás, na direção do arco escuro do túnel, temendo ver olhos, ou algum
vulto além de sua imaginação, saltarem em perseguição.
Sam e seu mestre sabiam muito pouco sobre a astúcia de Laracna. Ela tinha muitas
saídas de sua toca.
Ali morara por muitas eras um ser mau na forma de uma aranha, semelhante
àqueles que tinham outrora vivido na Terra dos elfos no oeste, que jaz agora sob o Mar,
semelhante àqueles contra os quais Beren lutara nas Montanhas de Terror em Doriath, e
assim encontrou Lúthien sobre a verde relva em meio às cicutas sob o luar, há muito
tempo. Como Laracna chegara ali, fugindo da ruína, ninguém sabe, pois dos Anos

Escuros poucas histórias restaram. Mas ela ainda estava lá, ela que chegara antes de Sauron, e antes da primeira pedra de Barad-dûr; nunca servira a ninguém a não ser a si própria, bebendo o sangue de elfos e homens, intumescida e gorda, remoendo sem cessar seus banquetes, tecendo teias de sombra; pois todos os seres vivos eram sua comida, e seu vômito a escuridão. Por toda a volta suas crias menores, bastardos dos companheiros miseráveis, seus próprios filhos que ela matava, espalharam-se de vale em vale, das Ephel Dúath até as colinas do leste, até Doí Guldur e as fortalezas da Floresta das Trevas. Mas nenhuma se comparava a ela, Laracna, a Grande, última filha de Ungoliant a importunar o mundo infeliz.

Gollum, anos antes, já a vira, Sméagol que penetrava todos os buracos escuros, e em dias passados se curvara diante dela em adoração, e a escuridão de sua vontade maligna o acompanhara através de todos os caminhos de sua fadiga, isolando-o da luz e do arrependimento. E ele lhe prometera trazer comida.

Mas a ganância dela não era a dele. Ela pouco sabia e não se preocupava com torres ou anéis ou qualquer coisa criada por mentes ou mãos, ela que só desejava a morte para todos os outros, mentes e corpos, e para si mesma uma fartação de vida, solitária, inchada até que as montanhas não mais conseguissem abrigá-la, até que a escuridão não a pudesse conter.

Mas esse desejo estava muito distante, e havia muito tempo ela estava faminta, espreitando no seu covil, enquanto o poder de Sauron crescia, e a luz e os seres vivos abandonavam suas fronteiras, e a cidade no vale ficou morta, e nenhum elfo ou homem se aproximava, apenas os infelizes orcs. Comida ruim e arisca. Mas ela precisava comer, e, por mais que se empenhassem em cavar novos caminhos sinuosos que vinham da passagem e de sua torre, ela sempre achava um modo de enganá-los.

Mas ela desejava carne mais tenra. E Gollum lhe trouxera.

— Veremos, veremos — ele sempre dizia a si mesmo, quando a disposição maligna o atacava, quando andava nas estradas perigosas que vinham das Emyn Muil para o vale Morgul — vamos ver. Pode muito bem ser, sim, pode muito bem ser que, quando Ela jogar fora os ossos e as vestes vazias, nós possamos encontrá-lo, e vamos pegá-lo, o Precioso,

uma recompensa para o pobre Sméagol, que traz comida boazinha. E vamos salvar o
Precioso, como prometemos. É sim. E, quando o tivermos a salvo, então Ela vai ficar
sabendo, é sim, e então vamos dar-lhe o troco, meu precioso. Então vamos dar o troco a
todo o mundo! Assim pensava num canto escondido de sua mente, que ele ainda tinha
esperança de esconder dela, mesmo quando viera até ela de novo e lhe fizera uma grande
reverência, enquanto seus companheiros dormiam.
Quanto a Sauron, ele sabia onde ela estava entocada. Prezava a idéia de tê-la
morando lá, faminta mas não diminuída em malícia, uma sentinela mais eficiente daquela
passagem antiga para suas terras que qualquer outra que seu talento poderia ter criado. E
os orcs eram escravos úteis, mas ele os tinha em abundância. Se de vez em quando
Laracna capturasse algum para amenizar seu apetite, era bem-vinda: Sauron podia dispor
deles. E algumas vezes, como um homem pode jogar uma guloseima para sua gata
(chama-a de minha gata, mas ela não é dele), Sauron costumava enviar-lhe prisioneiros
para os quais não tinha melhores usos: ordenava que fossem conduzidos até a toca, e que
lhe fossem trazidos relatórios das brincadeiras que ela aprontava.
Assim viviam ambos, deliciando-se com as próprias tramóias, sem temer ataque ou
ira ou o fim de suas maldades. Nunca jamais qualquer mosca escapara das teias de
Laracna, e sua fome e sua ira estavam agora maiores do que nunca.
Mas o pobre Sam nada sabia desse mal preparado para eles, a não ser por um medo
que crescia dentro dele, uma ameaça que não conseguia ver, e que se transformou num
peso tão grande que ele tinha dificuldades para correr, e seus pés pareciam de chumbo.
O terror estava ao seu redor, e havia inimigos diante dele na passagem, e seu
mestre estava numa disposição desvairada, correndo descuidadamente na direção deles.
Desviando os olhos da sombra atrás, e da profunda escuridão abaixo do penhasco à
esquerda, Sam olhou para a frente, e viu duas coisas que aumentaram seu desânimo.
Viu que a espada que Frodo ainda segurava nas mãos estava emitindo uma chama
azul, e viu que, embora o céu atrás dele agora estivesse escuro, ainda a janela na torre
emanava um brilho vermelho.
— Orcs! — murmurou ele. — Nunca vamos conseguir deste jeito. Há orcs à solta, e
coisas piores que orcs. — Então, voltando rapidamente ao seu antigo hábito de agir em

segredo, fechou a mão em volta do precioso Frasco, que ainda carregava. Por um momento sua mão brilhou com seu próprio sangue vivo, e então ele colocou a luz reveladora num bolso junto ao peito e cobriu-se com a capa élfica. Tentava agora apressar o passo. Seu mestre estava se distanciando dele; já estava uns vinte passos adiante, deslizando como uma sombra; logo se perderia de vista naquele mundo cinzento.

Sam mal tinha escondido a luz da estrela de cristal quando ela veio. Um pouco à frente e à esquerda ele a viu, saindo de um buraco negro de sombra sob o penhasco, a forma mais odiosa que ele jamais vira, horrível além do horror de um pesadelo. Era muito semelhante a uma aranha, mas maior que as grandes feras caçadoras, e mais terrível que elas por causa do propósito maligno em seus olhos sem remorso. Os mesmos olhos que ele pensava estarem derrotados e vencidos acendiam-se outra vez numa luz cruel, agrupados em sua cabeça protuberante. Tinha grandes chifres, e atrás de seu curto pescoço em forma de haste estava um enorme corpo inchado, um vasto saco intumescido, balançando e caído por entre as pernas o tronco era preto, manchado com marcas lívidas, mas a barriga embaixo era clara e luminosa, exalando um cheiro ruim. As pernas eram curvas, com grandes juntas nodosas bem acima de suas costas, e tinha pêlos espetados como espinhos de aço, e na extremidade de cada perna havia uma garra.

Assim que, apertando o corpo mole e pesado e dobrando as pernas, ela saiu pela abertura superior de sua toca, moveu-se a uma terrível velocidade, ora correndo sobre suas pernas rangentes, ora dando um salto repentino. Estava entre Sam e seu mestre. Ou não estava enxergando Sam ou o evitava naquele momento por ser ele o portador da luz, e fixava toda a sua atenção em uma presa, em Frodo, privado de seu Frasco, correndo descuidadamente pela trilha, inconsciente ainda do perigo que o ameaçava. Ele corria rápido, mas Laracna era mais rápida; em alguns saltos poderia capturá-lo.

Sam respirou fundo e reuniu todo o fôlego que lhe restava para gritar.

— Cuidado atrás! — berrou ele. — Cuidado, mestre! Eu... — mas de repente seu grito foi emudecido.

Uma longa mão pegajosa cobriu-lhe a boca e uma outra o pegou pelo pescoço, enquanto alguma coisa se enrolava em torno de sua perna. Pego de surpresa, ele tombou para trás e caiu nos braços de quem o atacara.

— Pegamos ele! — chiou Gollum ao seu ouvido. — Finalmente, meu precioso, nós pegamos ele, é sim, o hobbit malvado. Nós fica com este. Ela fica com o outro. E sim,

Laracna vai pegar ele, não Sméagol: ele prometeu; não vai machucar o Mestre de jeito
nenhum. Mas ele pegou você, seu nojento, malvado, hobbitzinho ssafado!
— Gollum cuspiu no pescoço de Sam.
A fúria diante da traição e o desespero em ser detido quando seu mestre corria um
perigo mortal deram a Sam uma repentina violência e uma força que estava além de
qualquer coisa que Gollum tinha esperado daquele hobbit que considerava parvo e
estúpido. Nem mesmo o próprio Gollum poderia ter-se virado com maior rapidez ou
força. A mão que cobria a boca de Sam escorregou, e Sam se abaixou e se jogou para a
frente de novo, tentando se livrar da outra mão que lhe agarrava o pescoço. A mão direita
ainda segurava a espada, e no braço esquerdo, pendurado pela correia, estava o cajado de
Faramir.D
esesperadamente tentou se virar e apunhalar o inimigo. Mas Gollum foi rápido
demais. Arremessou seu comprido braço direito, e agarrou o pulso de Sam: os dedos eram
como um torno; lenta e inexoravelmente ele puxou a mão para baixo e para a frente, até
que com um grito de dor Sam soltou a espada, que caiu no chão; e todo o tempo a outra
mão de Gollum estava apertando o pescoço de Sam.
Então Sam tentou seu último truque. Com toda a força desvencilhou-se e firmou
bem os pés; então, de repente, dobrou as pernas contra o chão e com toda a força que
tinha jogou-se para trás.
Sem esperar nem mesmo esse simples truque de Sam, Gollum desequilibrou-se e
foi ao chão com Sam em cima dele, recebendo o peso do robusto hobbit em seu estômago.
Soltou um chiado agudo, e por um segundo a mão soltou a garganta de Sam; mas
seus dedos ainda agarravam a mão da espada. Sam se jogou para a frente e para o lado e
ficou de pé, e então rapidamente rodopiou à direita, em torno do pulso que Gollum
segurava. Pegando o cajado com a mão esquerda, Sam o ergueu e o fez descer assobiando
e estalando sobre o braço esticado de Gollum, logo abaixo do cotovelo.
Com um grito Gollum soltou o braço de Sam, que então fez seu serviço; sem
perder tempo mudando o cajado da mão esquerda para a direita, deu um outro golpe forte.
Rápido como uma cobra, Gollum deslizou para o lado, e o golpe destinado à cabeça
atingiu-o nas costas. O cajado rachou e se partiu.
Isso foi o suficiente para ele. Agarrar por trás era um velho jogo seu, no qual ele
raramente falhava. Mas dessa vez, iludido pelo ódio, cometera o erro de falar e se gabar

antes de ter as duas mãos sobre o pescoço de sua vitima. Tudo dera errado com seu belo
plano, desde que aquela luz horrível tinha tão inesperadamente aparecido na escuridão.
Agora estava cara a cara com um inimigo furioso, quase do seu tamanho.
Essa luta não era para ele. Sam pegou a espada do chão e a ergueu. Gollum soltou
um grito agudo, pulou para o lado e, ficando de quatro, fugiu num grande pulo, como uma
rã. Antes que Sam pudesse agarrá-lo, já estava longe, correndo numa velocidade
assustadora na direção do túnel.
Com a espada na mão, Sam correu atrás dele. Naquele momento se esquecera de
tudo a não ser da louca fúria em sua mente e do desejo de matar Gollum. Mas, antes que
pudesse alcançá-lo, Gollum se fora. Então, quando o buraco escuro apareceu-lhe à frente
e o fedor veio em sua direção, como o explodir de um trovão o pensamento de Frodo e do
monstro abateu-se sobre a mente de Sam. Deu um giro e correu alucinadamente pela
trilha, chamando e chamando o nome de seu mestre. Era tarde demais. Até ali, o plano de
Gollum dera certo.

CAPÍTULO X
AS ESCOLHAS DE MESTRE SAMWISE

Frodo jazia no chão com o rosto para cima e aquela criatura monstruosa se
debruçava sobre ele, tão concentrada em sua vítima que não se deu conta de Sam e de
seus gritos até que ele estivesse bem próximo. Quando Sam veio correndo na direção
deles, viu que Frodo já estava preso por cordas passadas em torno de seu corpo, dos
tornozelos até os ombros, e Laracna, com suas grandes patas dianteiras, começava a
erguê-lo e arrastá-lo dali.
Perto de Frodo jazia, luzindo no chão, a espada élfica, no local onde caíra inútil de
sua mão. Sam não parou para pensar no que se deveria fazer, se estava sendo corajoso ou
leal, ou se estava possesso de raiva. Deu um salto à frente e gritou, agarrando a espada de
seu mestre com a mão esquerda.
Então avançou. Nunca se vira um ataque tão violento no mundo selvagem dos
animais, no qual uma pequena criatura, armada apenas com minúsculos dentes, é capaz de
saltar sobre uma torre de chifres e carapaça que pisa sobre seu companheiro caído.
Perturbada, como se tivesse sido despertada de algum sonho de volúpia pelo
pequeno grito do hobbit, lentamente voltou a malícia apavorante de seu olhar na direção
dele. Mas quase antes de ela perceber que avançava sobre ela uma fúria maior do que
qualquer outra provada em anos incontáveis, a espada brilhante golpeou sua pata e

decepou a garra. Sam saltou para dentro dos arcos de suas pernas, e com um rápido impulso de sua outra mão desferiu um golpe contra o aglomerado de olhos na cabeça abaixada. Um grande olho escureceu.

Agora a infeliz criatura estava bem debaixo dela, no momento longe do alcance de seu ferrão e suas garras. Sua vasta barriga estava sobre Sam com sua luz pútrida, e o mau cheiro que vinha dela quase o derrubou. Mas ainda lhe restava fúria para mais um golpe, e antes que ela pudesse cair com o corpo sobre ele, sufocando-o com toda a sua pequena coragem atrevida, ele, num esforço desesperado, rasgou-lhe um talho no corpo com a reluzente espada élfica.

Mas Laracna não era como os dragões, e não tinha nenhum outro ponto frágil a não ser os olhos. Calombosa, esburacada e corrompida era a sua carapaça antiga como a eternidade, mas sua espessura era sempre alimentada de dentro para fora, formando camada sobre camada de excrescência maligna. A lâmina fez um talho horroroso, mas aquelas dobras hediondas não podiam ser perfuradas pela força humana, nem mesmo se elfos ou anões forjassem o aço, nem se a mão de Beren ou de Túrin o brandissem. Ela recuou quando golpeada, e então ergueu a enorme bolsa de sua barriga bem acima da cabeça de Sam. O veneno espumava e borbulhava do ferimento. Abrindo agora as pernas, ela fez seu enorme peso cair sobre ele outra vez. Cedo demais.

Pois Sam ainda estava de pé e, deixando cair sua própria espada, segurou com as duas mãos a espada élfica com a ponta para cima, afastando aquele teto horrível; e assim Laracna, com o impulso de sua própria disposição maligna, num esforço maior que o da mão de qualquer guerreiro, jogou-se sobre um cravo cruel. A espada foi penetrando cada vez mais fundo, enquanto Sam era lentamente prensado contra o chão.

Laracna jamais conhecera tal aflição, nem sonhara conhecer, em todo o seu vasto mundo de maldades. Nem o soldado mais valente da antiga Gondor, nem o orc mais selvagem preso numa armadilha, jamais lhe tinham resistido daquela maneira, ou enfiado uma lâmina em sua amada carne. Um tremor percorreu-lhe o corpo. Erguendo-se de novo, num repelão violento devido à dor, encolheu sob o corpo as pernas contorcidas e pulou para trás num salto convulsivo.

Sam caíra de joelhos ao lado da cabeça de Frodo, os sentidos confusos devido ao terrível fedor, as duas mãos ainda agarrando o punho da espada. Apesar da névoa diante de seus olhos, ele percebia vagamente o rosto de Frodo, e tenazmente lutava para se controlar e se libertar do desfalecimento que o ameaçava. Lentamente ergueu a cabeça e a viu, apenas a alguns passos de distância, fitando-o, a boca emporcalhada por um cuspe venenoso, e um líquido esverdeado escorrendo de seu olho ferido. Estava agachada, com a barriga trêmula estatelada sobre o chão, os grandes arcos das pernas tremendo, enquanto reunia forças para um outro salto — desta vez para esmagar e ferroar até a morte: nada de pequenas picadas venenosas para acalmar a luta de sua comida; desta vez para matar e depois estraçalhar.

No momento em que o próprio Sam se agachava, olhando para ela, enxergando sua morte naqueles olhos, um pensamento lhe ocorreu, como se alguma voz remota lhe tivesse falado, e ele tateou o peito com a mão esquerda e encontrou o que procurava: frio, duro e sólido pareceu-lhe ao tato, naquele mundo fantasmagórico de horror, o Frasco de Galadriel.

— Galadriel! — disse ele numa voz sumida, e então ouviu vozes distantes mas nítidas: o clamor dos elfos andando sob as estrelas nas amadas sombras do Condado, e a música dos elfos como lhe chegara em sonhos no Salão de Fogo da casa de Elrond.

Então sua língua se soltou e sua voz gritou numa língua desconhecida:

Gilthoniel! A Elbereth!
A Elbereth Gilthoniel
o menel palan-diriel,
le nallon si di'nguruthos!
A tiro nin, Fanuilos!

Com isso levantou-se cambaleando e outra vez era Samwise, o hobbit, filho de Hamfast.

— Agora venha, sua nojenta! — gritou ele. — Você machucou meu mestre, sua bruta, e vai pagar por isso. Nós vamos seguir em frente, mas primeiro vamos acertar as contas com você. Venha, e experimente isso de novo!

Como se o espírito indomável do hobbit tivesse colocado sua força em ação, o cristal se acendeu de repente como uma tocha branca em sua mão. Queimava como uma

estrela que, saltando do firmamento, corta o ar escuro com uma luz intolerável. Nenhum terror igual vindo do céu jamais queimara no rosto de Laracna antes. Os raios daquela luz penetraram sua cabeça machucada e a cortaram com uma dor insuportável, e a terrível infecção de luz se espalhou de um olho para outro. Ela caiu para trás, golpeando o ar com as patas dianteiras, sua visão fulminada por relâmpagos internos, sua mente agonizando.

Então, virando sua cabeça mutilada, rolou no chão e começou a se arrastar, garra após garra, na direção da abertura no penhasco escuro lá atrás.

Sam avançou. Cambaleava como um bêbado, mas avançou. E Laracna finalmente recuou, encolhida e derrotada, tentando aos trancos e barrancos correr dele. Atingiu o buraco e, passando apertada, deixou um rastro de muco verde-amarelado e esgueirou-se para dentro, no momento em que Sam desfechava um último golpe em suas pernas rastejantes. Depois ele caiu no chão.

Laracna se fora, e se porventura permaneceu por muito tempo em sua toca, cuidando de sua malícia e miséria, e em lentos anos de escuridão se curou de dentro para fora, reconstruindo o aglomerado de olhos, até poder, com fome mortal, armar mais uma vez suas horripilantes ciladas nas fendas das Montanhas da Sombra, esta história não conta.

Sam foi deixado em paz. Exausto, enquanto a noite da Terra Inominada caía sobre o lugar da batalha, arrastou-se de volta ao seu mestre.

— Mestre, querido mestre — disse ele, mas Frodo não dizia nada.

Assim que ele saíra correndo, ávido, alegre por se ver livre, Laracna se aproximara por trás, com uma velocidade espantosa, e com um golpe certeiro lhe ferroara o pescoço.

Agora ele jazia pálido, imóvel e sem nada ouvir.

— Mestre, querido mestre! — disse Sam, e esperou durante um longo silêncio, escutando em vão.

Então, o mais rápido possível, cortou as cordas que o prendiam e pousou a cabeça sobre o peito de Frodo e aproximou-a de sua boca, mas não percebeu qualquer sopro de vida, nem sentiu a mais leve palpitação em seu coração. Várias vezes esfregou as mãos do mestre, e tocou sua testa, mas seu corpo estava todo frio.

— Frodo, Sr. Frodo! — chamou ele. — Não me deixe aqui sozinho! É o seu Sam que está chamando. Não vá para onde eu não possa segui-lo! Acorde, Sr. Frodo! Oh, acorde, Frodo, meu querido, meu querido. Acorde!

Então uma onda de ódio tomou conta dele, que se pôs a correr em volta do corpo de seu mestre, furioso, apunhalando o ar, golpeando as pedras e gritando desafios.

De repente voltou a si, e curvando-se olhou para o rosto de Frodo, pálido, estendido sobre o chão no crepúsculo. E subitamente percebeu que estava no quadro que lhe fora revelado no espelho de Galadriel, em Lórien: Frodo com o rosto pálido, jazendo num sono profundo sob um grande penhasco escuro. Ou essa foi a impressão que tivera na ocasião.

— Está morto! — disse ele. — Não está dormindo, está morto! — E quando disse isso, como se as palavras tivessem colocado o veneno em ação outra vez, teve a impressão de que o rosto de Frodo ficou ainda mais lívido.

Então um desespero negro se abateu sobre ele, e Sam se curvou até o chão, cobrindo a cabeça com o capuz cinzento; a noite se apoderou de seu coração, e ele perdeu os sentidos.

Quando finalmente a escuridão passou, Sam ergueu os olhos e viu que as sombras o envolviam, mas por quantos minutos ou horas o mundo continuara se arrastando ele não sabia dizer. Estava ainda no mesmo lugar, e ainda seu mestre jazia morto ao seu lado. As montanhas não tinham esboroado, e nem a terra caído em ruína.

— Que devo fazer, que devo fazer? — disse ele. — Será que o acompanhei por todo esse longo caminho para nada? — Então lembrou-se de sua própria voz dizendo palavras que na ocasião lhe pareceram sem sentido, no início de sua jornada: Tenho algo a fazer antes do fim. Devo passar por isso, senhor, se o senhor me entende.

— Mas o que posso fazer? De forma alguma deixar o Sr. Frodo morto, insepulto no topo das montanhas e ir para casa. Ou será que devo prosseguir? Prosseguir? — repetiu ele, e por um momento a dúvida e o medo o agitaram. — Prosseguir? É isso que devo fazer? E deixá-lo?

Então finalmente começou a chorar; e aproximando-se de Frodo compôs-lhe o corpo, juntando as mãos frias sobre o peito, e embrulhou-o com a capa; colocou a própria espada de um lado, e o cajado oferecido por Faramir do outro.

— Se devo prosseguir — disse ele —, então preciso levar sua espada, com a sua permissão, Sr. Frodo, mas vou colocar esta ao seu lado, exatamente como estava ao lado do velho rei no túmulo, e o senhor tem o seu belo casaco de mithril que o Sr. Bilbo lhe deu. E sua estrela de cristal, Sr. Frodo, o senhor a emprestou a mim e vou precisar dela,

pois agora sempre estarei no escuro. Não sou digno dela, e a Senhora a deu ao senhor,
mas talvez ela entendesse. O senhor entende, Sr. Frodo? Preciso prosseguir.
Mas não conseguia partir, ainda não. Ajoelhou-se e segurou a mão de Frodo, sem
conseguir soltá-la. O tempo passou e ele continuava ali ajoelhado, segurando a mão de
seu mestre, e travando um debate em seu coração.
Agora tentava encontrar forças para se separar e partir numa jornada solitária — de
vingança. Se conseguisse ir, seu ódio o carregaria em todas as estradas do mundo,
procurando, até que finalmente o encontrasse: Gollum. Então Gollum morreria
encurralado. Mas não era essa a sua tarefa. Não valeria a pena deixar seu mestre por esse
motivo. Isso não o traria de volta. Nada poderia trazê-lo de volta. Seria melhor que os
dois tivessem morrido juntos. E essa também seria uma viagem solitária.
Fixou a ponta brilhante da espada. Pensou nos lugares pelos quais passara e onde
havia um precipício negro, onde poderia cair no escuro, dentro do nada.
Por ali não havia como escapar. Isso seria o mesmo que não fazer nada, nem
mesmo chorar. Não era essa a sua tarefa.
— Que devo fazer então? — gritou ele de novo, e agora parecia saber perfeitamente a
dura resposta: passar por isso. Outra jornada solitária, e a pior de todas.
— O quê? Eu, sozinho, ir até a Fenda da Perdição e tudo o mais? — Ainda vacilava
um pouco, mas a resolução crescia dentro dele. — O quê? Eu tirar o Anel dele? O
Conselho o deu a ele.
Mas a resposta veio imediatamente: — E o Conselho lhe deu companheiros, para
que a missão não fracassasse. E você é o último membro de toda a Comitiva. A missão
não deve fracassar.
— Gostaria de não ser o último — gemeu Sam. — Gostaria que o velho Gandalf
estivesse aqui, ou alguém. Por que fui deixado sozinho para tomar uma decisão? Com
certeza fracassarei. E não devo pegar o Anel, tomando a dianteira.
— Mas não foi você quem tomou a dianteira, você foi colocado nessa posição. E
quanto a ser a pessoa certa e adequada, bem, o Sr. Frodo também não era, como se pode
dizer, nem o Sr. Bilbo. Eles não se elegeram.
— Está bem, devo decidir sozinho. Vou decidir. Mas com certeza vou fracassar: isso
seria absolutamente típico de Sam Gamgi.

— Deixe-me ver agora: se formos encontrados aqui, ou se o Sr. Frodo for
encontrado, e a Coisa estiver com ele, bem, o Inimigo vai se apoderar dela. E isso será o
fim de todos nós, de Lórien, de Valfenda e do Condado, e de tudo. E não há tempo a
perder, ou de qualquer jeito será o fim. A guerra começou, e é mais que provável que as

coisas já estejam indo bem para o Inimigo. Não há chance de voltar com a Coisa para obter conselhos ou permissão. Só há duas escolhas: ficar sentado aqui até que eles venham e me derrubem morto sobre o corpo de meu mestre, e A levem; ou pegá-La e partir. — Respirou fundo. — Então é pegá-La!

Abaixou-se. Com toda a delicadeza abriu o fecho no pescoço e deslizou a mão dentro da túnica de Frodo; então, levantando a cabeça com a outra mão, beijou-lhe a fronte, e suavemente passou a corrente por cima dela. E depois a cabeça voltou a jazer em repouso. Nenhuma alteração se manifestou no rosto imóvel, e por isso, mais que por todos os outros sinais, Sam se convenceu finalmente de que Frodo estava morto e abandonara a Demanda.

— Adeus, mestre, meu querido! — murmurou ele. — Desculpe O seu Sam. Ele voltará a este lugar quando o serviço estiver terminado — se conseguir terminá-lo. E então não vai deixá-lo novamente. Descanse em paz até eu voltar; e que nenhuma criatura suja se aproxime do senhor! E se a Senhora pudesse me ouvir e me conceder um desejo, eu gostaria de voltar e encontrá-lo de novo. Adeus!

Então curvou o próprio pescoço, e colocou nele a corrente, e de imediato sua cabeça foi puxada para o chão pelo peso do Anel, como se uma grande pedra tivesse sido pendurada em seu pescoço. Mas lentamente, como se o peso ficasse menor, ou como se uma nova força crescesse nele, Sam levantou a cabeça, e com um grande esforço ficou de pé e percebeu que conseguiria caminhar e carregar seu fardo. E por um momento ergueu o Frasco e olhou seu mestre, e a luz agora brilhava suavemente, com a radiação fraca da estrela vespertina no verão, e naquela luz o rosto de Frodo ficou com uma tonalidade bonita de novo, pálido mas belo, de uma beleza élfica, como o de alguém que por muito tempo andou pelas sombras. E com o consolo amargo dessa última visão Sam virou-se, escondeu a luz e foi cambaleando ao encontro da escuridão crescente.

Não precisou ir muito longe. O túnel ficara para trás a certa distância a Fenda estava a algumas centenas de metros à frente, ou menos.

A trilha estava visível no crepúsculo, um sulco profundo cavado pela passagem de usuários durante séculos, agora subindo suavemente numa vala comprida, com penhascos dos dois lados. A vala estreitou-se rapidamente. Logo Sam atingiu um longo lance de

degraus largos e rasos. Agora a torre dos orcs estava bem acima dele, franzindo—Se negra,
e nela o olho vermelho ardia. Agora Sam estava oculto na sombra escura abaixo dele.
Finalmente estava chegando ao topo da escada e à Fenda.
— Tomei a decisão — ficava ele dizendo a si mesmo. Mas não tinha tomado. Embora
tivesse feito o máximo para resolver a questão, o que estava fazendo era totalmente contra
a sua tendência natural — Será que fracassei? — murmurou ele. — O que deveria ter feito?
Conforme as encostas íngremes da Fenda se fechavam em torno dele, antes que
realmente atingisse o topo, antes que finalmente olhasse a trilha que descia para a Terra
inominada, Sam se voltou. Por um momento, imóvel numa dúvida insuportável, olhou
para trás. Ainda conseguia ver, como uma pequena mancha na escuridão crescente, a boca
do túnel, e teve a impressão de vislumbrar ou adivinhar onde Frodo jazia. Imaginou ter
visto algo tremeluzindo no chão lá embaixo, ou talvez fosse alguma peça que lhe
pregavam suas lágrimas, ao olhar daquela altura de pedra onde toda a sua vida se
arruinara.
— Se ao menos me fosse concedido meu desejo, meu único desejo — suspirou ele —, o

de voltar e encontrá-lo. — Depois finalmente virou-se para a estrada à frente e deu alguns
passos: os mais pesados e mais relutantes que jamais dera.
Apenas alguns passos, e agora alguns outros e ele já estaria descendo para jamais
ver aquele lugar alto outra vez. E então, de repente, ouviu gritos e vozes.
Ficou paralisado como uma pedra. Vozes de orcs. Estavam atrás e adiante dele.
Um ruido de pés batendo no chão e gritos roucos: orcs estavam subindo para a Fenda,
vindo do lado oposto, de alguma entrada para a torre, talvez. Pés avançando e gritos atrás.
Sam girou o corpo. Viu pequenas luzes vermelhas, tochas, piscando lá embaixo conforme
saíam do túnel. Finalmente a caçada começara. O olho vermelho da torre não estivera
cego. Sam fora apanhado.
Agora o faiscar das tochas que se aproximavam e o tinido do aço à frente estavam
muito próximos. Em um minuto atingiriam o topo e cairiam sobre ele. Sam demorara
muito para tomar a decisão, e agora não adiantava mais nada.
Como poderia escapar, ou salvar-se, ou salvar o Anel? O Anel. Não se deu conta
de qualquer pensamento ou decisão. Simplesmente se viu tirando a corrente e pegando o
Anel na mão. O chefe do grupo de orcs apareceu na Fenda bem diante dele.
Então Sam colocou o Anel no dedo.

O mundo mudou, e um único momento de tempo se encheu de uma hora de ponderação. Imediatamente Sam percebeu que sua audição se aguçara, enquanto a visão ficara obscurecida, mas de modo diferente do obscurecimento ocorrido na toca de Laracna. Agora todas as coisas ao seu redor não estavam escuras, mas difusas; enquanto ele mesmo estava lá, num mundo cinzento e enevoado, sozinho, como uma pequena rocha sólida e negra, e o Anel, pesando em sua mão esquerda. Era como um círculo de ouro escaldante. Sam não se sentia invisível de forma alguma, mas terrível e singularmente visível; e sabia que em algum lugar um Olho o procurava.

Ouviu o estalido de pedras, o murmúrio de águas distantes no Vale Morgul, e muito abaixo, sob a rocha, a miséria borbulhante de Laracna, tateando, perdida em alguma passagem sem saída; ouviu vozes nos calabouços da torre, e os gritos dos orcs que saiam do túnel; e ensurdecedores, rugindo em seus ouvidos, a batida dos pés e o clamor dilacerante dos orcs diante dele. Encolheu-se contra o penhasco. Mas eles avançavam como uma tropa de fantasmas, figuras cinzentas distorcidas numa névoa, apenas sonhos de medo com chamas pálidas nas mãos. E passaram por ele. Sam se agachou, tentando se esgueirar para dentro de alguma fissura e se esconder.

Ficou escutando. Os orcs do túnel e os outros descendo em marcha tinham avistado uns aos outros, e agora os dois grupos corriam e gritavam. Sam ouvia ambos claramente, e entendia o que estavam dizendo. Talvez o Anel proporcionasse o entendimento de línguas, ou simplesmente o entendimento, especialmente dos servidores de Sauron, seu criador, de modo que se Sam prestava atenção conseguia entender e traduzir o pensamento para si mesmo. Com certeza o poder do Anel crescera muito, à medida que se aproximara dos lugares onde fora forjado; mas uma coisa ele não conferia, e esta coisa era a coragem. No momento Sam ainda só pensava em se esconder, em ficar agachado até que tudo se aquietasse de novo; e escutava com atenção. Não conseguia saber a que distância estavam as vozes, as palavras pareciam estar quase em seus ouvidos.

— Olá! Gorbag! Que está fazendo aqui em cima? Já guerreou bastante por hoje?

— Ordens, seu brutamontes. E o que você está fazendo, Shagrat? Cansado de ficar espreitando lá em cima? Pensando em descer e lutar?

— Ordens para você. Estou no comando desta passagem agora.

— Então fale com respeito. Que tem a relatar?

— Nada.

— Hai! Hai! Yoi! — Um grito interrompeu a troca de palavras dos líderes. Os orcs
que estavam mais embaixo tinham avistado algo de repente. Começaram a correr. Os
outros fizeram o mesmo.
— Hai! Olá! Alguma coisa aqui! Bem na estrada. Um espião, um espião!
— Ouviu-se uma algazarra de buzinas ríspidas e uma babel de vozes ladrando.
Com um golpe pavoroso Sam despertou de seu estado acovardado.
Avistaram seu mestre. O que iriam fazer? Ouvira sobre os orcs histórias de
congelar o sangue.
Não poderia suportar aquilo. Saltou de pé. Afastou a Demanda e todas as decisões
de sua mente, juntamente com o medo e a dúvida. Sabia agora onde era e onde sempre
fora o seu lugar: ao lado de seu mestre, embora não soubesse ao certo o que poderia fazer
lá. Desceu correndo os degraus e foi pela trilha na direção de Frodo.
“Quantos são?”, pensou ele. “No mínimo trinta ou quarenta descendo da torre, e
muitos mais que estão vindo lá de baixo, suponho eu.
Quantos poderei matar antes que me peguem? Eles vão ver a chama da espada
logo que eu a puxar, e vão me pegar mais cedo ou mais tarde. Pergunto-me se algum dia
uma canção vai mencionar este fato: Como Samwise caiu na Passagem Alta e construiu
uma parede de corpos em volta de seu mestre. Não, canção não. Claro que não, pois o
Anel será encontrado, e não haverá mais canções. Não posso evitar. Meu lugar é ao lado
do Sr. Frodo. Eles precisam entender isso — Elrond, o Conselho, e os grandes Senhores e
Senhoras, com toda a sua sabedoria. Os planos que fizeram fracassaram. Não posso ser o
Portador do Anel. Não sem o Sr. Frodo.”
Mas os orcs agora estavam fora do alcance de sua visão obscurecida. Sam não
tivera tempo para pensar em si mesmo, mas agora percebia que estava cansado, cansado à
beira da exaustão: suas pernas não o levavam aonde desejava.
Estava lento demais. Parecia que a trilha tinha milhas de comprimento.
Aonde tinham ido todos naquela névoa?
Lá estavam eles de novo! Ainda a uma boa distância. Um aglomerado de figuras
em volta de alguma coisa que jazia no solo; alguns pareciam estar se atirando de um lado
para o outro, curvados como cães sobre um rastro. Sam tentou se sacudir.
— Vamos, Sam! — disse ele — ou você chegará tarde demais outra vez.
— Soltou a espada em seu cinto. Num minuto iria puxá-la, e então...
Ouviu-se um clamor alucinado, risos e buzinas, enquanto algo era erguido do chão.
— Ya hoi! Ya harri hoi! Para cima! Para cima! Então uma voz gritou: — Agora
vamos! Pelo caminho rápido. De volta para o Portão de Baixo! Tudo indica que esta noite
ela não vai nos incomodar. — O bando de vultos de orcs começou a se mexer. Quatro ao

centro carregavam um corpo por sobre os ombros. — Ya hoi!

Tinham levado o corpo de Frodo. Tinham-se ido. Sam não conseguia alcançá-los. Mesmo assim se esforçava. Os orcs atingiram o túnel e estavam entrando. Os que levavam o fardo foram primeiro, e atrás deles havia muita luta e empurrão. Sam se aproximou. Puxou a espada, uma faísca azul na sua mão trêmula, mas eles nada viram.

No momento em que chegou ofegante, o último deles desapareceu dentro do buraco negro.

Por um momento parou, arquejante, com a mão no peito. Então passou a manga da camisa pelo rosto, limpando a sujeira, o suor e as lágrimas. — Malditos imundos! — disse ele, e saltou atrás deles para dentro da escuridão.

O interior do túnel já não lhe parecia tão escuro; era mais como se ele tivesse saído de uma névoa tênue para entrar num nevoeiro mais espesso. O cansaço aumentava, mas sua vontade se consolidava cada vez mais. Teve a impressão de ver a luz de tochas um pouco à frente, mas por mais que tentasse não conseguia alcançá-las. Os orcs andam rápido em túneis, e este túnel eles conheciam bem; apesar de Laracna, eles frequentemente eram forçados a usá-lo como o caminho mais curto que vinha da Cidade Morta por sobre as montanhas. Em que tempo distante tinham sido feitos o túnel principal e a grande caverna redonda, a moradia de Laracna desde eras passadas, eles não sabiam; mas os próprios orcs tinham cavado muitos caminhos secundários ao redor do túnel dos dois lados, para escapar da toca em suas longas idas e vindas a mando de seus mestres.

Esta noite eles não tinham a intenção de descer muito, mas se apressavam para encontrar uma passagem lateral que os conduzisse de volta à torre de vigia no penhasco. Muitos deles estavam contentes, deliciados com o que tinham visto e encontrado, e enquanto corriam tagarelavam e resmungavam á maneira de sua espécie. Sam ouvia o ruido de suas vozes roucas, graves e ríspidas no ar parado, e conseguia distinguir duas vozes em meio a todas as outras: eram mais altas, e estavam mais próximas. Os capitães dos dois grupos pareciam fechar a retaguarda, discutindo enquanto avançavam.

— Pode fazer sua gentalha parar com tanta algazarra, Shagrat? — resmungou um deles. — Não queremos Laracna em cima de nós.

— Que é isso, Gorbag! Os seus estão fazendo mais da metade do barulho — disse o

outro. — Mas deixe os rapazes brincarem! Não precisamos nos preocupar com Laracna por algum tempo, eu acho. Parece que ela sentou num prego, e não vamos chorar por causa disso. Você viu uma nojeira por todo o caminho que vai até aquela maldita fenda onde ela mora? Já tentamos interromper a algazarra mais de cem vezes e não conseguimos nunca. Então deixe que riam. E finalmente tivemos um pouco de sorte: conseguimos alguma coisa que Lugbúrz deseja.

— Lugbúrz deseja, é? E o que você acha que é isso? Tive a impressão de que é alguma coisa élfica, mas de tamanho menor. Qual é o perigo numa coisa dessas?

— Só vou saber quando der uma olhada.

— Oho! Então eles não lhe disseram o que esperar? Eles não nos dizem tudo o que sabem, dizem? Nem metade. Mas podem cometer erros, até mesmo os Chefões podem.

— Pssiu. Gorbag! — Shagrat diminuiu o tom da voz, de forma que mesmo com sua audição estranhamente aguçada Sam podia apenas ter uma idéia do que estava sendo dito.

— Eles podem, mas tem olhos e ouvidos por toda a parte; alguns entre meu grupo, muito provavelmente. Mas não há dúvidas sobre isso, eles estão preocupados com alguma coisa. Os nazgúl lá embaixo estão, pelo que você me contou; e Lugbúrz também está. Alguma coisa quase escapou.

— Quase, você diz! — disse Gorbag.

— Está certo — disse Shagrat —, mas vamos falar sobre isso mais tarde. Espere até chegarmos ao Caminho de Baixo. Lá há um lugar onde podemos conversar um pouco, enquanto os rapazes continuam avançando.

Logo depois Sam viu as tochas desaparecerem. Então ouviu-se um ribombar e, no momento em que ele corria, um baque. Pelo que pôde adivinhar, os orcs tinham virado e entrado exatamente pela abertura pela qual Frodo e ele tentaram passar e que acharam bloqueada. Ainda estava bloqueada.

Parecia haver uma grande pedra no caminho, mas os orcs de alguma forma a tinham transposto, pois Sam ouvia suas vozes do outro lado.

Estavam ainda correndo, afundando cada vez mais na montanha, de volta para a torre. Sam ficou desesperado. Eles estavam levando embora o corpo de seu mestre para alguma finalidade maligna e ele não conseguia segui-los. Forçou a pedra e a empurrou, arremeteu contra ela, mas a rocha não cedeu. Então, não muito distantes lá dentro, ou pelo

menos foi essa a impressão que teve, Sam ouviu as vozes dos dois capitães conversando

de novo. Parou para escutar um pouco, talvez esperando descobrir alguma coisa útil. Talvez Gorbag, que parecia pertencer a Minas Morgul, saísse, e então ele entraria sorrateiramente.

— Não, eu não sei — disse a voz de Gorbag. — As notícias chegam voando mais rápido do que qualquer pássaro, geralmente. Mas não quero saber como isso acontece. É mais seguro não perguntar. Grr! Aqueles nazgúl me dão arrepios. E tiram a pele de seu corpo assim que olham para você, e o deixam morrendo de frio no escuro do outro lado. Mas Ele gosta deles; são seus favoritos atualmente, então não adianta reclamar. Eu lhe digo, não é brincadeira trabalhar lá embaixo na cidade.

— Você deveria tentar ficar aqui em cima tendo Laracna por companhia — disse Shagrat.

— Eu gostaria de tentar em algum lugar onde não haja nenhum deles. Mas a guerra já começou, e quando estiver terminada pode ser que as coisas fiquem mais fáceis.

— Está indo bem, pelo que dizem.

— Já era de esperar isso deles — resmungou Gorbag. — Veremos. Mas de qualquer forma, se tudo for bem, haverá muito mais espaço. Que você me diz? — se tivermos uma oportunidade, você e eu vamos fugir para algum outro lugar, onde nos estabeleceremos por conta própria com alguns rapazes confiáveis, nalgum lugar onde haja coisas boas e fáceis de saquear, e sem chefes.

— Ah! — disse Shagrat. — Como nos velhos tempos.

— Sim — disse Gorbag. — Mas não conte com isso. Minha cabeça não está muito tranquila. Como eu disse, os Grandes Chefes, bem — sua voz se transformou quase num sussurro —, bem, mesmo os Maiorais podem cometer erros. Alguma coisa quase escapou, diz você. E eu digo, alguma coisa realmente escapou. E temos de ficar de olhos abertos. E sempre os pobres uruks devem consertar a situação quando alguém escapa, e ninguém agradece. Mas não esqueça: os inimigos não nos amam mais do que amam a Ele, e se o derrotarem estaremos acabados também. Mas olhe aqui: quando é que mandaram você sair?

— Mais ou menos uma hora atrás, um pouco antes de você nos ver. Chegou uma mensagem: Nazgúl preocupados. Suspeita de espiões nas Escadas. Vigilância redobrada.

Patrulha deve dirigir-se ao topo das Escadas. Vim imediatamente.

— Mau negócio — disse Gorbag. — Olhe aqui... nossos Vigilantes Silenciosos já estavam preocupados há mais de dois dias, isso eu sei. Mas minha patrulha só foi receber ordens para sair no dia seguinte, e nenhuma mensagem foi enviada a Lugbúrz: isso devido ao Grande Sinal que subiu, e o Nazgúl Supremo que saiu para a guerra, e tudo aquilo. E conseguiram que Lugbúrz prestasse atenção por um bom tempo, pelo que me disseram.

— O Olho estava ocupado em algum outro lugar, julgo eu — disse Shagrat. — Grandes coisas acontecendo lá no oeste, pelo que dizem.

— Acho que sim — rosnou Gorbag. — Mas enquanto isso os inimigos subiram as Escadas. E o que você estava fazendo? Seu dever é ficar vigiando, não é, com ou sem ordens especiais? O que está pretendendo?

— Basta! Não tente me ensinar meu serviço. Estávamos muito bem acordados. Sabíamos que havia coisas muito estranhas acontecendo!

— Muito estranhas!

— Sim, muito estranhas: luzes e gritos e tudo mais. Mas Laracna estava em ação. Meus rapazes a viram com o Safado dela.

— O Safado dela? Que é isso?

— Você deveria ter visto: um sujeitinho magro e preto; parecido com uma aranha, ou talvez mais parecido com uma rã morta de fome. Já esteve aqui antes. Veio de Lugbúrz

da primeira vez, anos atrás, e recebemos ordens de Lá de Cima para deixá-lo passar. Já subiu a escada uma ou duas vezes desde então, mas nós o deixamos em paz. Parece que tem algum entendimento com a Nobre Senhora. Suponho que não seja bom de comer: ela não se importaria com ordens de Lá de Cima. Mas que bela guarda você tem no vale: ele esteve aqui em cima um dia antes de toda essa balbúrdia. Nós o vimos no inicio da noite passada. De qualquer forma, meus rapazes reportaram que a Nobre Senhora estava se divertindo um pouco, e essa noticia me pareceu satisfatória, até que a mensagem chegou. Pensei que o Safado lhe trouxera um brinquedo, ou que vocês provavelmente lhe mandariam um presente, um prisioneiro de guerra ou qualquer coisa do tipo. Não interfiro nas brincadeiras dela. Nada passa por Laracna quando ela está caçando.

— Nada, você diz! Não usou seus olhos lá atrás? Eu lhe digo, minha cabeça não está muito tranquila. O que quer que seja que subiu as Escadas, conseguiu passar. Cortou a teia dela e conseguiu se livrar do buraco. Isso é algo a se considerar!

— Ah, bem, mas ela o pegou no fim, não pegou?

— Pegou? Pegou quem? Esse sujeitinho? Mas se era o único, então ela o teria levado para sua despensa há muito tempo, onde ele estaria agora. E se Lugbúrz o quisesse, você teria de ir e pegá-lo. Bom para você. Mas havia mais de um.

Nesse ponto, Sam começou a escutar com mais atenção, pressionando o ouvido contra a rocha.

— Quem cortou as cordas que ela passou em volta dele, Shagrat? O mesmo que cortou a teia. Você não percebeu isso? E quem enterrou um prego na Nobre Senhora? A mesma pessoa, julgo eu. E onde está ele? Onde está ele, Shagrat?

Shagrat não respondeu.

— É melhor pôr os miolos para funcionar, se é que você tem algum. Isso não é brincadeira. Ninguém, ninguém jamais enterrou um prego em Laracna, como você deveria muito bem saber. Não há o que lamentar sobre o fato, mas pense — há alguém solto nas redondezas que é mais perigoso que qualquer outro maldito rebelde que jamais andou por aí desde os maus e velhos tempos, desde o Grande Cerco. Alguma coisa realmente escapou.

— O que será, então? — resmungou Shagrat.

— Ao que tudo indica, Capitão Shagrat, eu diria que há um grande guerreiro à solta, mais provavelmente um elfo, de qualquer forma com uma espada élfica, além de um machado, talvez; e mais, está solto dentro das suas fronteiras, e você nunca pôs os olhos em cima dele. Muito estranho, realmente! — Gorbag cuspiu. Sam deu um sorriso sinistro ao ouvir tal descrição de si mesmo.

— Ah, bem, você está sempre vendo as coisas com pessimismo — disse Shagrat. — Você pode interpretar os vestígios como quiser, mas pode haver outras formas de explicálos. De qualquer forma, tenho vigias em todos os pontos, e vou cuidar de uma coisa de cada vez. Depois de dar uma olhada no sujeito que nós pegamos, então vou começar a me preocupar com outras coisas.

— Suponho que você não vai achar muita coisa naquele sujeitinho — disse Gorbag. — Pode ser que ele não tenha tido nada a ver com o verdadeiro malfeitor. O grande sujeito com a espada afiada parece não ter achado que ele valesse muito, de qualquer forma — simplesmente o largou lá: truque comum dos elfos.

— Veremos. Venha agora! Já conversamos bastante. Vamos dar uma olhada no prisioneiro!

— Que vai fazer com ele? Não se esqueça de que o vi primeiro. Se houver algum jogo, eu e meus rapazes devemos tomar parte nele.

— Calma, calma — resmungou Shagrat. — Tenho minhas ordens a cumprir. E

desrespeitá-las custa mais do que a minha barriga, ou a sua.

Qualquer intruso encontrado pela guarda deve ser aprisionado na torre. O prisioneiro deve ser despido. Uma descrição completa de todos os ítens, roupa, arma, carta, anel ou adorno, deve ser enviada a Lugbúrz imediatamente, e somente a Lugbúrz. E o prisioneiro deve ser mantido a salvo e intacto, sob risco de morte para todos os membros da guarda, até que Ele mande alguém ou venha em pessoa. As ordens são bem claras, e é isso que vou fazer.

— Despido, é? — disse Gorbag. — Quer dizer, dentes, unhas, cabelo e tudo mais?

— Não, nada disso. Estou dizendo que ele se destina a Lugbúrz. E o querem a salvo e inteiro.

— Isso vai ser difícil — riu Gorbag. — A esta altura ele não passa de carniça. O que Lugbúrz fará com esse material eu não posso imaginar. Poderia muito bem acabar num caldeirão.

— Seu tolo — rosnou Shagrat. — Até agora você falou de modo muito inteligente, mas há muita coisa que não sabe, embora a maioria das outras pessoas saibam. Você irá para o caldeirão ou para Laracna, se não tomar cuidado. Carniça! Isso é tudo o que você sabe sobre a Nobre Senhora? Quando ela prende com cordas, está atrás de carne. Ela não come carne morta, nem chupa sangue frio. Esse sujeito não está morto!

Sam teve uma tontura e se agarrou na pedra. Sentiu-se como se todo o mundo escuro estivesse de cabeça para baixo. O choque foi tão grande que ele quase desmaiou mas, mesmo fazendo força para manter os sentidos, em suas entranhas ouviu o comentário: “Seu tolo, ele não está morto, e seu coração sabia disso. Não confie em sua cabeça, Samwise, que não é a sua melhor parte. O seu problema é que você nunca realmente teve esperanças. Agora, o que se deve fazer?” Por enquanto nada, exceto escorar-se na pedra imóvel e escutar, escutar as vozes vis dos orcs.

— Bobagem! — disse Shagrat. — Ela tem mais de um veneno. Quando está caçando, dá apenas uma leve ferroada no pescoço das vítimas, e elas ficam moles como filés de peixe, e faz então com eles o que ela gosta. Você se lembra do velho Ufthak? Nós o perdemos por dias. Então o encontramos num canto; estava pendurado, mas acordado e de olhos bem abertos. Como rimos! Ela havia se esquecido dele, talvez, mas não o tocamos — não convém se intrometer nas coisas d’Ela. Agora, esse nojentinho, ele vai acordar, daqui

a algumas horas, e, além de sentir um pouco de enjôo por um tempo, vai ficar bem. Ou ficaria, se Lugbúrz o deixasse em paz. E, é claro, se não tivesse de tentar adivinhar onde está e o que aconteceu com ele.

— E o que vai acontecer com ele — riu Gorbag. — De qualquer forma podemos lhe contar algumas histórias, se não pudermos fazer mais nada. Não acho que já tenha estado na adorável Lugbúrz, então pode ser que ele goste de saber o que esperar. Isso vai ser mais divertido do que eu pensei. Vamos!

— Não vai haver diversão nenhuma, estou lhe dizendo — disse Shagrat.

— E é preciso mantê-lo a salvo, ou já estamos mortos.

— Está certo! Mas se eu fosse você, pegaria o grande que está solto, antes de enviar qualquer relatório a Lugbúrz. Não vai soar muito bem se você disser que pegou o gatinho e deixou o gatão escapar.

As vozes começaram a se afastar. Sam ouviu o som de passos indo embora. Estava se recuperando do choque, e agora era tomado por uma fúria alucinada. — Fiz tudo errado! — gritou ele. — Sabia que faria! Agora eles o pegaram, os demônios! Os sujos! Nunca abandone seu mestre, nunca, nunca: essa era a lei que deveria ter seguido. E sabia disso em meu coração. Que me perdoem! Agora tenho de consegui-lo de volta. De alguma forma, de alguma forma!

Puxou a espada de novo e bateu na pedra com o cabo, mas só ouviu um ruido surdo. A espada, entretanto, brilhou tanto que ele conseguiu vagamente enxergar em sua luz. Para sua surpresa, notou que o grande bloco tinha o formato de uma porta pesada, com menos do dobro de sua altura. Em cima havia um espaço vazio e escuro, entre o topo e o arco baixo da abertura. Provavelmente a porta estava ali apenas para impedir a invasão de Laracna, e era fechada por dentro com algum trinco ou ferrolho fora do alcance de sua sagacidade. Com a força que lhe restava, Sam pulou e se agarrou na parte de cima, subiu e desceu do outro lado; depois correu alucinadamente, a espada reluzente na mão, contornando uma curva e subindo através de um túnel sinuoso.

A notícia de que seu mestre ainda estava vivo despertou-o para um último esforço além de qualquer noção de cansaço. Sam não conseguia ver nada à frente, pois esse novo corredor fazia curvas e ziguezagueava constantemente, mas ele tinha a impressão de estar

alcançando os dois orcs: as vozes estavam se aproximando outra vez. Agora pareciam estar bem perto.

— É isso o que eu vou fazer — disse Shagrat num tom raivoso. — Colocá-lo lá em cima, no cômodo superior.

— Para quê? — resmungou Gorbag. — Você não tem nenhum cárcere aqui embaixo?

— Lá ele estará a salvo, estou lhe dizendo — respondeu Shagrat. — Percebe? Ele é precioso. Não confio em todos os meus rapazes, e em nenhum dos seus, nem mesmo em você, quando está louco por uma diversão. Ele vai para onde eu quiser, e aonde você não possa chegar, se não se comportar. Lá para cima, estou dizendo. Lá estará a salvo.

— É mesmo? — disse Sam. — Você está se esquecendo do grande guerreiro élfico que está à solta! — E com isso correu contornando a última esquina, apenas para descobrir que por algum truque do túnel, ou pela audição que o Anel lhe proporcionava, calculara mal a distância.

Os vultos dos dois orcs ainda estavam um pouco á frente. Agora conseguia vê-los, negros e agachados contra um clarão vermelho. O corredor finalmente ficara reto, subindo numa ladeira e no fim, escancaradas, viam-se as grandes portas duplas, que provavelmente conduziam a cômodos profundos bem embaixo do alto chifre da torre. Os orcs, carregando o seu fardo, já haviam entrado. Gorbag e Shagrat estavam se aproximando do portão.

Sam ouviu uma explosão de cantoria rude, clangores de cornetas e o ressoar de gongos, um clamor hediondo. Gorbag e Shagrat já estavam no limiar.

Sam gritou e brandiu Ferroada, mas sua voz fraca se afogou no tumulto. Ninguém lhe deu atenção.

As grandes portas bateram. Bum. As barras de ferro caíram em seu encaixe, do lado de dentro. Clangue. O portão se fechou. Sam se jogou contra as placas de bronze trancadas e caiu no chão sem sentidos. Ficara do lado de fora e no escuro. Frodo estava vivo, mas o Inimigo o levara.

Aqui termina a segunda parte da história da Guerra do Anel. A terceira parte conta a história da última defesa contra a sombra e do fim da missão do Portador do Anel em O RETORNO DO REI.